

Thalita Raphaela Neves de Oliveira

**JORNALISMO ESPORTIVO E A COBERTURA DA  
RIVALIDADE GRENAL EM 2016: O TÍTULO DO GRÊMIO E O  
REBAIXAMENTO DO INTER**

Florianópolis  
2018



Thalita Raphaela Neves de Oliveira

**JORNALISMO ESPORTIVO E A COBERTURA DA  
RIVALIDADE GRENAL EM 2016: O TÍTULO DO GRÊMIO E O  
REBAIXAMENTO DO INTER**

Dissertação submetida ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Jornalismo da Universidade  
Federal de Santa Catarina para a  
obtenção do Grau de Mestre em  
Jornalismo.

Orientador: Mauro César Silveira.

Florianópolis  
2018



Thalita Raphaela Neves de Oliveira

**JORNALISMO ESPORTIVO E A COBERTURA DA  
RIVALIDADE GREINAL EM 2016: O TÍTULO DO GRÊMIO E O  
REBAIXAMENTO DO INTER**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

---

Prof. Dra. Cárilda Emerim  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Mauro César Silveira (Orientador)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dra. Cárilda Emerim  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dra. Nair Prata Moreira Martins  
Universidade Federal de Ouro Preto



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ricardo e Eliane, os donos da bola, por nunca duvidarem das minhas escolhas.

Ao meu irmão Thiago Angelo, que desde 1987 larga à frente no placar, mas sempre me deixa empatar a partida.

Aos meus avôs, Seu Geraldo, juiz de futebol pelo interior de Minas, e Seu Joaquim, responsável pelas minhas primeiras memórias do Cruzeiro Esporte Clube. Vô Joaquim partiu em 1997, pouco depois daquela nossa Libertadores. E o vô Geraldo se foi em 2013, ainda em tempo de escapar da Libertadores deles.

Às minhas avós, Dona Madalena e Dona Zizinha, pelas rezas, novenas e romarias para que eu sempre entre em campo com o pé direito.

Aos meus cachorros, Toy Doido e Ringo Starr, pela maior fidelidade do mundo, especialmente nesses dois anos em que não tinha ninguém para jogar a bolinha.

Aos meus melhores amigos, Paulo Henrique, Thiago, Poliane, Isabella e Rafaela, que, seja pela trajetória acadêmica, seja pela natureza de suas profissões (médicos, dentistas e advogados) jogam no time dos doutores faz tempo.

Ao meu orientador, Mauro César Silveira, por confiar em mim e me colocar no jogo.

Ao renomado trio de arbitragem: Profa. Nair Prata, Profa. Cárilda Emerim e Prof. Jorge Ijuim, pela disposição e conhecimento.

Aos reservas de luxo, Prof. Frederico Tavares e Profa. Valci Zuculoto, pelo carinho e interesse.

À CAPES, por patrocinar esta camisa.

Aos jornalistas entrevistados, pela incrível tabelinha.

À revisora Ana Luísa, pelo cuidado e paciência com este trabalho mesmo aos 45 da etapa complementar.

Ao professor e meu ex-namorado Sergio, que abusou da regra três, mas me trouxe até aqui, acreditando em mim quando nem eu mesma acreditava.

Aos de Lafaiete, Mariana, Ouro Preto, Belo Horizonte e Floripa, que são muitos e por isso não dá para apontar, mas sei que sempre estiveram na torcida.

Muito obrigada.



*“Entrega logo a taça!”*  
- Dagoberto Pelentier



## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo a cobertura da dupla GreNal (Grêmio *x* Internacional) pelo jornal *Zero Hora* (ZH), com a análise de notícias publicadas e de depoimentos dos repórteres envolvidos nessa mesma cobertura. O objetivo é identificar se e de que modo as preferências clubísticas desses jornalistas intervêm na construção do discurso jornalístico sobre a dupla GreNal, principalmente em um contexto peculiar na história dos dois rivais seculares, ocorrido de forma simultânea no final de 2016: a conquista da Copa do Brasil pelo Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre e o rebaixamento do Internacional Sport Club para a Série B do Campeonato Brasileiro. Ao final desta pesquisa, viabilizada pela Análise de Discurso, evidenciou-se que as preferências clubísticas dos jornalistas da *ZH Esporte* intervêm no conteúdo noticioso em três principais faces: adjetivação, dramatização e aprofundamento. Além disso, notou-se que a preocupação dos jornalistas entrevistados em não assumirem publicamente suas preferências clubísticas está mais relacionada aos aspectos socioculturais do Rio Grande do Sul e ao peso da rivalidade GreNal do que aos fundamentos do jornalismo em si.

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo; clubismo; Análise de Discurso; GreNal; Rio Grande do Sul



## ABSTRACT

This research has as study object the duo GreNal (Grêmio x Internacional) coverage by *Zero Hora* (ZH) journal, with the analysis of published news and reporters' statements that worked in this coverage. The objective is to identify if and how their clubistic preferences intervene in the construction of the journalistic discourse on the duo GreNal, mainly in a peculiar context in these two secular rivals' history, occurred simultaneously at the end of 2016: the Brazilian Cup won by the Foot-Ball Grêmio Porto Alegre and the Internacional Sport Club relegation to the Brazilian Championship Series B. At the end of this research, sustained by Discourse Analysis, it was evidenced that the clubistic preferences of *ZH Esporte*'s journalists intervene in the news content in three main factors: adjectivation, dramatization and in-depth treatment. In addition, it was noted that the concern of the journalists interviewed in not publicly assuming their clubistic preferences is more related to the socio-cultural Rio Grande do Sul aspects and to the GreNal rivalry weight than to the elements of journalism itself.

**Keywords:** sports journalism; clubism; Discourse Analysis; GreNal; Rio Grande do Sul



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado da análise do <i>corpus</i> noticioso relativo ao Grêmio. .....	199
Tabela 2 - Resultado da análise do <i>corpus</i> noticioso relativo ao Inter.200	



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	19
1 TEORIA E PRÁTICA NO JORNALISMO ESPORTIVO .....	29
1.1 Aspectos históricos e teóricos.....	29
1.2 Informação x opinião: do profissional ao convidado .....	56
1.3 Jornalismo x clubismo: jornalista esportivo pode falar para que time torce? .....	80
2 O RIO GRANDE DO SUL E A RIVALIDADE GRENAL .....	95
2.1 Aspectos culturais e sociais .....	95
2.2 Grêmio x Internacional: do histórico dos clubes às percepções da rivalidade .....	111
2.3 Rivalizar x grenalizar: como a mídia pauta a dupla GreNal? .....	161
3 DUPLA GRENAL NA ZERO HORA .....	179
3.1 Aspectos técnicos e metodológicos .....	179
3.2 Linhas x entrelinhas: das notícias publicadas aos depoimentos dos repórteres .....	192
3.3 Resultados e perspectivas: correlações entre os discursos noticioso e clubístico .....	220
CONCLUSÃO .....	243
REFERÊNCIAS .....	261
APÊNDICES.....	273
APÊNDICE A: Tradução - <i>FourFourTwo's</i> 50 Biggest Derbies World - No.8: Gremio vs Internacional .....	273
APÊNDICE B: Roteiro de entrevista com os repórteres da <i>Zero Hora</i> .....	276
APÊNDICE C: Análise do <i>corpus</i> noticioso da <i>ZH Esporte</i> - 05.12.2016 .....	278
APÊNDICE D: Análise do <i>corpus</i> noticioso da <i>ZH Esporte</i> - 06.12.2016 .....	279
APÊNDICE E: Análise do <i>corpus</i> noticioso da <i>ZH Esporte</i> - 07.12.2016 .....	280
APÊNDICE F: Análise do <i>corpus</i> noticioso da <i>ZH Esporte</i> - 08.12.2016 .....	283
APÊNDICE G: Análise do <i>corpus</i> noticioso da <i>ZH Esporte</i> - 09.12.2016 .....	284

APÊNDICE H: Análise do <i>corpus</i> noticioso da <i>ZH Esporte</i> - 10.12.2016/11.12.2016 .....	286
APÊNDICE I: Análise do <i>corpus</i> noticioso da <i>ZH Esporte</i> - 12.12.2016 .....	288
APÊNDICE J: Entrevista com o repórter especial Ticiano Osório.....	290
APÊNDICE K: Entrevista com o jornalista C .....	304
APÊNDICE L: Entrevista com o jornalista B.....	317
APÊNDICE M: Entrevista com o jornalista F.....	331
APÊNDICE N: Entrevista com o jornalista A .....	351
APÊNDICE O: Entrevista com o jornalista E .....	363
APÊNDICE P: Entrevista com o jornalista D.....	378
ANEXOS .....	395
ANEXO A: <i>ZH Esporte</i> 05.12.2016 - Detalhes de uma mega operação .....	395
ANEXO B: <i>ZH Esporte</i> 06.12.2016 - Amigos, amigos, decisão à parte .....	396
ANEXO C: <i>ZH Esporte</i> 06.12.2016 - “O Inter está dividido, precisa de união” .....	398
ANEXO D: <i>ZH Esporte</i> 07.12.2016 - Renato e a justiça poética.....	399
ANEXO E: <i>ZH Esporte</i> 07.12.2016 - A sintonia entre cascudos e casquinhas.....	401
ANEXO F: <i>ZH Esporte</i> 07.12.2016 - É muito mais do que futebol ....	403
ANEXO G: <i>ZH Esporte</i> 07.12.2016 - “Conheço muito mais o Grêmio do que o Roger” .....	404
ANEXO H: <i>ZH Esporte</i> 07.12.2016 - Douglas e Pratto, espécies em extinção.....	405
ANEXO I: <i>ZH Esporte</i> 07.12.2016 - “É preciso retomar a profissionalização” .....	406
ANEXO J: <i>ZH Esporte</i> 07.12.2016 - O fato novo do tribunal.....	407
ANEXO K: <i>ZH Esporte</i> 08.12.2016 - 5 vezes Grêmio.....	408
ANEXO L: <i>ZH Esporte</i> 08.12.2016 - O palco do último ato do ano...410	
ANEXO M: <i>ZH Esporte</i> 09.12.2016 - A Libertadores 2017 começa por Douglas.....	411
ANEXO N: <i>ZH Esporte</i> 09.12.2016 - As histórias da noite sem fim na Goethe).....	413
ANEXO O: <i>ZH Esporte</i> 09.12.2016 - Caso Victor Ramos é arquivado .....	415
ANEXO P: <i>ZH Esporte</i> 09.12.2016 - Eleições ocorrem das 9h às 17h de amanhã.....	416

ANEXO Q: <i>ZH Esporte</i> 10.12.2016/11.12.2016 - “Renato nos abraçou e entendemos o recado”.....	417
ANEXO R: <i>Esporte</i> 10.12.2016/11.12.2016 - De Abu Dhabi à Baixada Fluminense .....	419
ANEXO S: <i>ZH Esporte</i> 12.12.2016 - Bolaños quer a América.....	422
ANEXO T: <i>ZH Esporte</i> 12.12.2016 - Equipe se despede do Brasileirão com derrota.....	423
ANEXO U: <i>ZH Esporte</i> 12.12.2016 - Frieza, resignação e pedido de desculpas .....	424
ANEXO V: <i>ZH Esporte</i> 12.12.2016 - Quatro visões da série B.....	426
ANEXO W: <i>Capa Zero Hora</i> 07.12.2016 - A decisão do ídolo .....	427
ANEXO X: <i>Capa Zero Hora</i> 08.12.2016 - É penta .....	428
ANEXO Y: <i>Capa Zero Hora</i> 09.12.2016 - Coberto de azul .....	429
ANEXO Z: <i>Capa Zero Hora</i> 12.12.2016 – Caiu.....	430
ANEXO AA: Proposta de tabela de valores-notícia.....	431



## INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul identifica-se com a sua dimensão rural, e o gaúcho, personagem-símbolo da região, é, por excelência, um homem do campo. Numa evolução telúrica, fundem-se a imensidão do campo com o caráter indômito do personagem típico. Monarca das coxilhas, centauro dos pampas, ele é algo que mistura o componente selvagem, de exacerbação permanente, com a altivez inata de quem habita imensidões sem fim. As coxilhas estendem-se na paisagem sem limites do pampa, da mesma forma que o seu habitante é um ser criado sem restrições. (PESAVENTO, 1993, p. 388).

Esse trecho descreve um estereótipo relativamente consensual sobre o Rio Grande do Sul, discutido pela historiadora Sandra Pesavento (1993), em *A Invenção da Sociedade Gaúcha*. A autora alerta para o fato de que o imaginário social do gaúcho típico – manifesto em personagens, rituais, crenças e práticas sociais características – não é, obrigatoriamente, o reflexo do real. Para ela, “o imaginário é sempre representação, ou seja, é a tradução, em imagens e discursos, daquilo a que se chama de real” (PESAVENTO, 1993, p. 383), ainda que esse imaginário tenha se constituído e se reforçado historicamente, como no caso das performances que compõem o *ethos* do gaúcho na intenção de definir uma sociedade sulina<sup>1</sup>.

O imaginário social do Rio Grande do Sul, além das características que compõem o *ethos* do personagem típico, carrega outro atributo discutível: a dicotomia. No estado estereotipado pelo oito ou oitenta, qualquer que seja o assunto, tendem a coexistir apenas os dois lados da moeda: ou você é chimango ou maragato, ou “coxinha” ou “petralha”, ou Grêmio ou Inter. Se for Inter, tem que ser anti-Grêmio. E vice-versa.

O futebol gaúcho, inclusive, carrega muito das raízes históricas, geográficas e sociais do estado. A questão racial, por exemplo, alicerçou a fundação do Sport Club Internacional, em contraposição à fundação do

---

<sup>1</sup> Em novembro de 2017, o portal *GaúchaZH* divulgou uma pesquisa apontando a existência de cinco perfis identitários do gaúcho típico. Disponível em <<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/persona/quiz/>>. Acesso em 13 nov. 2017.

Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense que, nos primórdios de sua história, só aceitava membros de descendência alemã em seu grupo. Mas cabe ressaltar que há controvérsias quanto a esse embate racial, as quais serão discutidas ao longo do trabalho. Por essas e (muitas) outras, o futebol é constantemente veiculado pela mídia como um dos principais traços identitários do Rio Grande do Sul, com referências a um estilo único de se jogar bola, justamente associado ao imaginário do futebolista gaúcho como um produto das guerras – valente, aguerrido, “raçudo” – mesmo que tal distinção não passe de um mero estereótipo.

Sendo assim, é possível enxergar na prática futebolística potencialidades capazes de extrapolar a barreira das quatro linhas do gramado para tratar de questões sociais mais amplas, envolvendo aspectos políticos, econômicos, culturais etc., derivados do trato sociológico do esporte, embora tais potencialidades não sejam costumeiramente exploradas pela imprensa esportiva, que se atém menos ao contexto extracampo do que ao placar do jogo em si.

No Rio Grande do Sul, pode-se dizer que essa contextualização extracampo fica a cargo dos próprios torcedores, que, involuntariamente, fazem com que a rivalidade das arquivancadas vire pano de fundo para a exposição de outros antagonismos – como questões de classe, gênero e etnia. Tanto é que, no estado do oito ou oitenta, esse fenômeno já até ganhou nome em forma de neologismo: grenalização. Não se sabe ao certo qual a origem do termo, mas acredita-se que ele tenha partido das arquivancadas. Nesse tratado de guerra, grenalizar significaria extrapolar os limites do estádio, onde a dicotomia é tamanha que transborda a questão das preferências clubísticas, ultrapassando a pauta esportiva para manifestar rivalidades sociais diversas.

A identificação de Grêmio e Internacional como possuindo “Nações”, é a prova de que ambos conseguem homogeneizar seus torcedores/simpatizantes em uma identidade comum, ainda que existam diferenças étnicas ou de classe dentro de cada uma destas nações. Ao mesmo tempo, são recrutados para as batalhas travadas em seus estádios (a partir de agora, curiosamente em suas arenas) e são responsáveis por criar uma recente e curiosa expressão, que bem simboliza a dicotomia futebolística do Rio Grande do Sul, “grenalização” ou “grenalizar”, que significaria absolutizar qualquer questão em

apenas dois lados, no caso, Grêmio e Internacional. (SOARES, 2014, p. 39).

A lógica é esta: o torcedor do time que está em baixa tende a grenalizar mais, pois, já que não vai sair vitorioso dentro de campo, precisa se reafirmar em outros aspectos diante do adversário, ou seja, o clubismo fica em segundo plano para dar lugar a embates que envolvam preferências de cunho político, cultural, religioso, entre outras. Em contrapartida, quem está do lado vitorioso da arquibancada, tende a condicionar seu sucesso exclusivamente à aniquilação do rival, defensor da outra baliza. No plano do jornalismo esportivo, contudo, a grenalização predomina mais por seu caráter denotativo do que pela conotação sociológica. Acredita-se que isso seja reflexo de uma prática profissional respaldada pelo discurso da imparcialidade jornalística, naquele velho desafio de sempre dar a mesma voz aos dois lados:

No estado que se orgulha dos polos, da dicotomia, do oito ou oitenta, não somos tão alheios a estes comportamentos sociais. Historicamente o que nos alimenta é a tal da grenalização. Na semana GreNal, fica mais evidente. Há um cuidado para que o noticiário seja equilibrado em tempo, forma e conteúdo. Há um autopolicimento para que a gente não “puxe” mais para um lado. Há uma cautela na opinião, na entrevista, no enfoque, justamente para que mantenhamos essa lógica – de novo, não tão sólida assim – da tal da imparcialidade jornalística, que é mais torta que a Torre de Pisa, mas que ainda serve como nosso escudo contra os perigos. (GUIMARÃES, 2016a, s/p).

E, já que foi pertinente contextualizar o significado da palavra grenalização, considera-se necessário abrir este parágrafo para explicar também as origens da própria expressão GreNal, que permeia todo este trabalho e que nada mais é do que a síntese vocabular para se referir ao duelo Grêmio *x* Internacional. A palavra é costumeiramente grafada pela imprensa como GreNal, Grenal ou Gre-Nal (com hífen). Para efeitos desta pesquisa, optou-se pela grafia GreNal<sup>2</sup> – com alusões maiúsculas

---

<sup>2</sup> Com exceção das citações que contêm a palavra GreNal, nas quais manteve-se a grafia original do texto em questão.

aos dois times em questão (e não somente ao Grêmio) – pois acredita-se que, escrito desta maneira, é possível dar o mesmo peso às duas equipes, ainda que o clube tricolor esteja à frente no vocábulo, como bem lembrou Coimbra *et al.* (2009) no livro *A História dos Grenais*, referindo-se ao inventor do termo em 1926, o repórter Ivo dos Santos Martins:

Sentado à mesa do Café Colombo com os gremistas Armando Siaglia e Luiz Daudt, Martins lamentava-se da sorte por um motivo um tanto prosaico. Redator de esportes do *Correio*, ele se cansava de escrever, sempre, “Grêmio Foot-Ball Porto Alegre” e “Sport Club Internacional” cada vez que os dois se enfrentavam.

É muito comprido – reclamava. – Estava pensando um jeito de encurtar isso, de criar uma expressão que definisse o jogo.

Inicialmente, Martins propôs Inter-Gre, mas, como bom gremista, não queria colocar o Internacional na frente. Decidiu-se, então, por Grenal. Escreveu a palavra várias vezes na mesa de mármore do café e pediu aos amigos que ajudassem a divulgá-la. Não publicou a nova expressão no *Correio* por temer que um secretário de redação colorado a proibisse. Mas ele e os amigos saíram pelas ruas a chamar o clássico de Grenal. Aos poucos, a população foi usando o termo. Até que um dia, em 1933, quando Martins já abandonara o jornalismo, viu a palavra Grenal impressa na página de esporte do *Correio do Povo*. Pronto, tornara-se oficial. (COIMBRA *et al.*, 2009, pp. 42-43).

De volta aos efeitos da grenalização, pode-se dizer que, se na imprensa esportiva esse embate clubista e ideológico é capaz de intervir na significação do material noticioso – inclusive sob o risco de comprometer os fundamentos do jornalismo –, dentro de campo e nas arquibancadas, porém, ele é bem menos discutível. Afinal, qual a garantia de que descambar a discussão futebolística para antagonismos diversos ou realçar os problemas do time rival resolverá as pendências do seu clube do coração, fazendo com que ele suba na tabela?

Essa não é uma pergunta fácil de responder. Talvez até nem caibam respostas concretas. Todavia, alguns aspectos da relação entre

esporte e sociedade ajudam a compreender a prevalência do sentimento clubístico relacionado ao futebol. Conforme o antropólogo Roberto DaMatta (2006), um desses aspectos seria o caráter multidimensional do jogo, aqui tomado por espetáculo:

Embora seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados parâmetros capitalistas e burgueses, ele não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. A começar pela possibilidade de projetar, no campo e na partida que produz, emoções, mitos e fantasias individuais e coletivas, tirando do espetáculo – como Nelson Rodrigues percebeu melhor do que ninguém – qualquer possibilidade “objetiva” ou unidimensional. (DAMATTA, 2006, p. 145).

Ainda com base nas vertentes sociais do esporte, outro aspecto que explica a relação entre o futebol e a sociedade é, segundo o sociólogo Ronaldo Helal (1997, p. 40), o fato de esse esporte “ser rico em imagens e mensagens representativas da comunidade, podendo ser entendido como um poderoso sistema de comunicação capaz de unir diferenças e proporcionar um espetáculo ritual de grande significado para aqueles que dele participam”.

O jornalista e cientista social Matthew Shirts (1982), por exemplo, narra em uma de suas crônicas que, para ele, o futebol significou o motivo de sua permanência no Brasil. Foi após assistir a uma partida do Corinthians no Pacaembu que o norte-americano resolveu radicar-se em terras tupiniquins. E até na psicanálise existem estudos relacionando a paixão clubística ao comportamento humano em sociedade – ainda que o espetáculo em si não seja garantia de êxito e satisfação para o torcedor – como ilustra este excerto do psicólogo Claudio Wagner (1998), no livro *Futebol e Orgasmo*:

Se fizermos agora um paralelo entre futebol e encontro amoroso poderemos notar algumas equivalências. Os encontros iniciam-se com alto grau de tensão e expectativa. Os dois lados buscam a descarga orgástica e sabem que as

preliminares, a construção das jogadas para chegar ao orgasmo, são importantes e devem ser conduzidas de maneira sutil e delicada. As curvas de tensão devem subir até um grau ótimo para a descarga. Além disso, os dois lados sabem que correm o risco de, passados os noventa minutos, não conseguirem sair do 0 x 0. (WAGNER, 1998, p. 69).

Partindo, então, dessas perspectivas sociais do esporte, esta dissertação<sup>3</sup> tem como **objeto de estudo** a cobertura da dupla GreNal pelo jornal *Zero Hora* (ZH)<sup>4</sup>, com a análise de notícias publicadas e de depoimentos dos repórteres envolvidos nessa mesma cobertura. As possíveis intervenções das preferências clubísticas desses repórteres na construção do discurso noticioso é a principal **hipótese** a ser verificada. Considerando-se, ainda, a premissa de que a editoria esportiva é uma área dotada de certa liberdade narrativa e editorial, bem como um espaço em potencial para o exercício da subjetividade – por tratar de assuntos que envolvem emoção, paixão e preferências – o **objetivo** desta pesquisa é identificar se e de que modo as preferências clubísticas dos jornalistas do caderno *ZH Esporte* intervêm na construção do discurso jornalístico sobre a dupla GreNal, principalmente em um contexto peculiar na história dos dois rivais seculares, ocorrido de forma simultânea no final de 2016: a conquista da Copa do Brasil pelo Grêmio e o rebaixamento do Internacional para a Série B do Campeonato Brasileiro.

O **objeto empírico** é composto por dois grupos de análise. O primeiro abrange as matérias do caderno *ZH Esporte* na cobertura da dupla GreNal de 5 a 12 de dezembro de 2016, semana que engloba o título do Grêmio (7 de dezembro) e o rebaixamento do Inter (11 de dezembro) – incluindo-se, portanto, o momento ápice da cobertura esportiva: os contextos pré e pós-jogos decisivos. E o segundo grupo de

---

<sup>3</sup>O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>4</sup>Fundado em 1964 e controlado pela *Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS)*, a *Zero Hora* é o quinto maior jornal em circulação do Brasil, com média de 205.894 exemplares diários, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC). Em setembro de 2017, a *RBS* inaugurou o portal de notícias *GaúchaZH*, convergindo todo o conteúdo noticioso da *Zero Hora* e da *Rádio Gaúcha* também para a internet.

análise abrange os depoimentos dos repórteres que assinaram o material, colhidos pela pesquisadora após a análise discursiva do *corpus* noticioso, sob a técnica de entrevistas em profundidade, realizadas na redação da *Zero Hora*.

Dos dez repórteres inicialmente previstos para o *corpus*, três não foram entrevistados – um deles por motivo de desligamento do jornal e os outros dois porque não responderam ao meu contato. Importante salientar que, com exceção do jornalista Ticiano Osório, os demais jornalistas aqui entrevistados solicitaram a omissão de suas respectivas identidades no decorrer do texto, justificando o pedido como uma medida de segurança. Sendo assim, eles se encontram referenciados nesta dissertação como jornalistas A, B, C, D, E e F.

Para viabilizar este estudo, a **metodologia** proposta é a Análise de Discurso (AD), com base nos estudos de Benetti (2008a; 2008b) e Orlandi (1984; 1988; 2001). Conceitualmente, a AD aponta que os sentidos produzidos pelos discursos significam-se conforme o contexto sociocultural onde as palavras são ditas. Assim, a análise discursiva prega que os sentidos não são regulados pelas propriedades da Língua e da gramática normativa em si, mas, sim, pelas posições ideológicas dos sujeitos que estão em jogo durante o processo comunicativo: “o discurso é, assim, opaco, não-transparente, pleno de possibilidades de interpretação” (BENETTI, 2008a, p. 108).

Nesse âmbito, as ideologias dos sujeitos atuam conjuntamente, sendo responsáveis pelo modo como eles discursam e, também, pelo modo como interpretam os discursos que lhes são fornecidos a todo o momento. Orlandi (2001, p. 47) reforça esse raciocínio ao dizer que “esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.”.

Sabendo “que a AD é especialmente produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: **mapeamento** das vozes e **identificação** dos sentidos” (BENETTI, 2008a, p. 107), estruturou-se este estudo em três etapas metodológicas, sendo elas:

- Etapa 1) **mapear** no *corpus* noticioso as formações discursivas que possam remeter às preferências clubísticas dos repórteres, em cinco categorias de análise: a) quantidade de matérias; b) angulação da matéria; c) valor-notícia predominante; d) presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados; e) fontes entrevistadas;

- Etapa 2) realizar entrevistas em profundidade com os repórteres que assinaram o material, de modo a **identificar** em seus depoimentos os possíveis discursos e informações por eles silenciadas/omitidas no conteúdo noticioso;
- Etapa 3) correlacionar os resultados obtidos na análise do *corpus* noticioso com os depoimentos dos jornalistas, identificando se e de que modo as preferências clubísticas dos repórteres da *ZH Esporte* intervêm na construção do discurso jornalístico.

Quanto à segunda etapa do percurso, é importante ressaltar a escolha da técnica da entrevista em profundidade como procedimento metodológico crucial para verificar a hipótese que orienta a pesquisa. Isso porque, mesmo que a análise do *corpus* noticioso possa fornecer pistas sobre o fato de as preferências clubísticas dos repórteres intervirem nas notícias, essa hipótese só poderá ser de fato verificada (e comprovada) diante dos próprios jornalistas que assinaram o material, conforme o que eles dirão em resposta aos questionamentos propostos.

Nesse âmbito, o percurso metodológico torna-se ainda mais desafiador, considerando-se que as especificidades técnicas de uma entrevista em profundidade se diferem daquelas pertinentes ao método convencional de entrevista ao qual nós – jornalistas – já estamos habituados. Inclusive, o fato de esta etapa se caracterizar por entrevistas entre jornalistas contribui para intensificar o desafio, pois, assim como o entrevistador, o interlocutor também está ciente das técnicas que conduzirão o diálogo, podendo responder apenas o que lhe convém.

Esse percurso metodológico se justifica com base em Benetti (2008a), quando a autora diz ser ingênuo pensar em uma análise discursiva sem que se considere o discurso como algo intersubjetivo. Para ela, “o fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais” (BENETTI, 2008a, p. 108). Nesse raciocínio, a análise discursiva do *corpus* empírico permitirá atingir o objetivo da pesquisa considerando-se a compreensão do enquadramento sociocultural peculiar que norteia esse estudo: uma sociedade gaúcha historicamente estereotipada pelo “oito ou oitenta”; jornalistas esportivos com suas supostas preferências clubísticas e com seus respectivos discursos sociais; e um acontecimento raro e, portanto, de grande potencialidade noticiosa no universo esportivo – o contexto

simultâneo de ascensão do Grêmio e queda do Internacional, dois grandes rivais seculares.

É também por essa perspectiva contextual que se propõem **justificativas** para a pesquisa, no sentido de se refletir, por exemplo, se esse misto de rivalização e exaltação da dupla GreNal pela imprensa gaúcha seria uma tentativa de dar mais visibilidade midiática ao estado considerado marginal e periférico. Ouse o jornalismo esportivo gaúcho contribui para reforçar a ideia estereotipada de um Rio Grande do Sul dicotômico, (des)caracterizado pela figura do gaúcho radical e extremista. Ideia esta que, por vezes, aparece não só no texto noticioso em si, mas, também, nas entrelinhas da narrativa. Ou, ainda, se é possível fazer jornalismo esportivo com paixão e emoção, mas sem deixar que o clubismo comprometa os fundamentos do ofício.

O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário. A conjugação de forças que compõem o texto nem sempre é aparente – diríamos mesmo que raramente é visível por si mesma, e só o método arqueológico do analista de discurso pode evidenciar esta origem. Importa compreender que existe uma exterioridade que não apenas repercute no texto, mas que de fato o constitui e não pode ser dele apartada (BENETTI, 2008a, p. 111).

Para além dessas justificativas que, mesmo despreziosamente, intentam contribuir para o aperfeiçoamento das práticas do jornalismo esportivo, existem também motivações pessoais por trás deste estudo. A principal delas é que, na graduação, meu trabalho de conclusão de curso, realizado em Minas Gerais, tratou dos fundamentos do jornalismo na cobertura dos clubes Atlético e Cruzeiro pelo jornal *Estado de Minas* (2013). Desta vez, residindo na região Sul e distante tanto geográfica quanto empiricamente do meu time do coração, creio que poderei desenvolver a pesquisa com um olhar mais acurado e menos clubístico.

No âmbito dos estudos desenvolvidos pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), esta dissertação se insere na linha de pesquisa Jornalismo, Cultura e Sociedade. A vertente engloba estudos teóricos e empíricos do jornalismo enquanto fenômeno da modernidade, na intenção de investigar as manifestações da atividade jornalística como

processo histórico, político e econômico, bem como prática social, exercício ético, estético, mediação cultural, discurso e conhecimento.

Em relação à revisão de literatura sobre o tema desta pesquisa, os estudos mais numerosos limitam-se a outras áreas do conhecimento, geralmente em abordagens que privilegiam o viés histórico, sociológico e antropológico. No âmbito do jornalismo, a tratativa que mais se aproxima do objeto de estudo aqui proposto – embora trate de conteúdo opinativo e não informativo – é a dissertação intitulada *A paixão clubística no Rio Grande do Sul* (FONTOURA, 2014), que aborda como a imprensa gaúcha lida com o sentimento clubístico na cobertura esportiva a partir da análise de crônicas e colunas sobre a dupla GreNal, correlacionando-o aos depoimentos dos jornalistas responsáveis pelo material.

Quanto ao **referencial teórico** que sustenta este trabalho, a escolha dos autores foi definida conforme as principais abordagens que norteiam o estudo, o que culminou na divisão estrutural da pesquisa em dois capítulos teóricos e um terceiro capítulo empírico. Como pontapé inicial, o primeiro capítulo trata do dilema teoria  $x$  prática na editoria esportiva, relacionando os aspectos históricos da consolidação do jornalismo esportivo – sobretudo, com base em Ribeiro (2007) e Hollanda e Melo (2012) –, os fundamentos teóricos da profissão e as particularidades do fazer-jornalístico diário, priorizando as perspectivas de Kovache Rosenstiel (2004) e Nelson Traquina (2005). O segundo capítulo se aprofunda na questão da rivalidade clubística a partir do contexto sociocultural do Rio Grande do Sul, fazendo o meio de campo entre as idiossincrasias do estado, o histórico dos clubes e a forma como a mídia pauta essa rivalidade, de acordo com autores como Coimbra *et al.* (2009), Gerchmann (2015) e Damo (1998). Por fim, o capítulo empírico trata da análise discursiva do *corpus*, detalhando todo o percurso metodológico – ancorado, principalmente, nos estudos de Orlandi (1984; 1988; 2001) – e correlacionando as proposições apresentadas e os resultados obtidos até o momento do apito final.

## 1 TEORIA E PRÁTICA NO JORNALISMO ESPORTIVO

Assim como os clubes de futebol, ao longo de sua trajetória, a cobertura jornalística especializada em esportes também acumulou conquistas e derrotas. Se, por um lado, o esporte estabeleceu-se como editoria permanente e de destaque nos principais veículos brasileiros, por outro, foi relegado a uma visão estigmatizada que, embora em menor escala, ainda perdura, caracterizando a atividade como uma área de menor prestígio quando comparada às demais coberturas.

Pode-se dizer que, ao longo de seus pouco mais de cem anos, a imprensa esportiva se desenvolveu concomitantemente ao esporte mais popular do país e ao cargo mais subestimado da profissão – o jornalista esportivo – passando por diversas transformações significativas em seu *modus operandi*. Essa trajetória de altos e baixos é o que se pretende descrever neste capítulo, refletindo sobre os aspectos históricos da consolidação da editoria esportiva, os fundamentos teóricos da profissão e as particularidades de sua prática diária, sobretudo em uma área onde se pressupõe maior liberdade editorial.

Aproximando-se da questão central da pesquisa, pretende-se discorrer também sobre a dicotomia informação  $\times$  opinião nos veículos jornalísticos, de modo a tentar estabelecer demarcações na linha que separa notícia e comentário, repórter e colunista. Linha esta que tende a ser ainda mais tênue no jornalismo esportivo, considerando-se os aspectos subjetivos intrínsecos não somente à cobertura, mas ao acontecimento em si.

### 1.1 Aspectos históricos e teóricos

Pensa-se em introduzir o futebol, nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente. Com exceção talvez de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês. (RAMOS, 1962, p. 90).

Ao primeiro olhar, em uma análise acalorada e subjetiva como a do torcedor na arquibancada diante de seu time do coração, a declaração

acima tende a ser vista como uma profecia equivocada: deu zebra, como diria o jargão que hoje é comum no futebol, mas que, na verdade, surgiu de outro jogo bastante conhecido por aqui, o jogo do bicho<sup>5</sup>. Porém, olhando-se friamente para o excerto, em uma análise objetiva como se pressupõe ser a do repórter em uma redação de jornal, é possível interpretar esse trecho da crônica *Traços a Esmo* de Graciliano Ramos – escrita para o Jornal *O Índio*<sup>6</sup>, em 1921 – não como uma descrença amadora no esporte bretão recém-chegado ao Brasil, mas, sim, como uma sátira à apropriação cultural, sob uma ótica nacionalista. Ou, mais especificamente no caso do escritor nordestino, sob uma ótica regionalista, como ele próprio sugere no mesmo excerto: “Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.” (RAMOS, 1962, p. 92).

A terra do espinho, de fato, era o Nordeste, assim caracterizado pelo autor na intenção de criticar o dualismo entre as metrópoles brasileiras que começaram a crescer vertiginosamente no final do século XIX – sob a forte influência civilizatória europeia – e as vidas secas do sertão nordestino. “Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não” (RAMOS, 1962, p. 92), explica o romancista, revogando as interpretações de suas crônicas futebolísticas enquanto meras profecias equivocadas. Esse discurso satírico utilizado pelo autor seria, para Soares e Lovisolo (1997), uma maneira de criticar os diversos problemas sociais, políticos e culturais enraizados no país, de modo que “talvez, o texto viesse a ser melhor entendido, se o futebol fosse visto meramente como instrumento retórico para Graciliano expor suas críticas românticas à cidade” (SOARES; LOVISOLO, 1997, p. 07).

Porém, se ainda restam dúvidas de que Graciliano estava mesmo sendo irônico, basta acompanhar o desfecho da referida crônica: “A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência! Todos nós vivemos mais ou menos a atirar rasteira uns nos outros. [...] No

---

<sup>5</sup> Atualmente a expressão “deu zebra” é bastante popular no universo esportivo. Mas, na verdade, ela tem sua origem no jogo do bicho: a zebra não está entre os 25 animais que ilustram a loteria ilegal e, por isso, a expressão é utilizada sempre que o resultado do jogo se configura como algo atípico ou inesperado (RIBOLDI, 2007).

<sup>6</sup> Extinto semanário da cidade de Palmeira dos Índios, sertão de Alagoas, que circulou de 1921 a 1925, com Graciliano Ramos no time de cronistas. O escritor alagoano, inclusive, chegou a ser eleito prefeito do município em 1928, renunciando ao cargo dois anos depois.

comércio, na indústria, nas letras e nas artes, no jornalismo, no teatro, nas cavações, a rasteira triunfa.” (RAMOS, 1962, p. 93). No futebol, sabe-se que a rasteira é passível de cartão amarelo, quiçá vermelho. No jornalismo, contudo, na maioria dos casos, esse golpe sequer é punido. Pelo contrário: muitas vezes dá-se rasteira nos fundamentos da profissão como trunfo para vender jornais, tendenciar pontos de vista ou manipular audiências, jogando o Código de Ética para escanteio.

A audiência, inclusive, foi um dos fatores preponderantes para o desenvolvimento do jornalismo esportivo no Brasil e no mundo, juntamente com a popularização do futebol e a sua consequente profissionalização, que ocorreu em percurso simultâneo à profissionalização do próprio jornalista. Nesse sentido, a seguinte pergunta proposta por Melo (2012) ajuda a compreender como a relação causa-consequência entre imprensa e esporte se consolidou devido à popularização das práticas desportivas na sociedade: “A popularidade crescente da prática esportiva dever-se-ia a esse espaço privilegiado que obteve na imprensa ou, pelo contrário, esse espaço na imprensa dever-se-ia à popularidade crescente da prática esportiva?” (MELO, 2012, p. 23).

Respondendo ao seu próprio questionamento, o autor argumenta que essa relação é como uma via de mão-dupla, de modo que “a imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada”. E, por sua vez, “a prática também se tornou crescentemente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa” (MELO, 2012, p. 48).

Todavia, mesmo diante desse duplo e progressivo avanço – tanto na prática quanto na divulgação desportiva – pode-se dizer que a história do jornalismo esportivo no Brasil e no mundo é recente, com pouco mais de cem anos, podendo ser datada da segunda metade do século XIX, quando começaram a surgir as primeiras notas sobre os típicos esportes praticados pelas elites sociais, como a caça e o turfe. Nesse sentido, Melo (2012, p. 25) explica que, “mesmo que o esporte em si não fosse determinante dos rumos políticos e econômicos do país, em torno dos clubes se organizava gente influente da sociedade, a quem à imprensa interessava relacionar-se”. Ainda que nessa passagem o autor estivesse se referindo ao futebol – que em seus primórdios também era uma prática elitista –, o argumento é válido ao se pensar nas demais relações de interesse mútuo que vigoravam entre a imprensa e as elites sociais da época.

Isso esclarece o fato de que os primeiros registros esportivos dos quais se tem notícia (literalmente) tenham sido, segundo Fonseca

(1997), de autoria da revista francesa *Le Sport* (1854), que publicava crônicas sobre os esportes mais praticados pelas elites até então – haras, turfe e caça – e notas sobre canoagem, natação, pesca, boxe, bilhar e outras práticas também consideradas elitistas na época. Além da revista *Le Sport*, outras publicações esportivas pioneiras que merecem destaque são os jornais *Sportsman* (Inglaterra, 1852), *Gazzetta dello Sport* (Itália, 1896) e *El Mundo Deportivo* (Espanha, 1906); e as revistas *El Cazador* (1856) e *El Sport Español* (1869), ambas espanholas.

Quanto ao jornalismo esportivo brasileiro, este tem como marco inicial o ano de 1856, em um cenário em que o futebol ainda estava longe de se tornar o protagonista, conforme afirma Ribeiro (2007, p. 26-27):

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com *O Atleta*, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1881, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista *Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo.

No entanto, até o final do século XIX, o noticiário esportivo carecia de um espaço específico tal qual o que se conhece hoje por editorias. Naquela época, as notícias esportivas “se misturavam com informações comerciais, políticas, econômicas, por vezes inseridas no bloco dos acontecimentos sociais” (MELO, 2012, p. 26). Nesse contexto, Melo (2012) destaca o *Jornal do Brasil* que, de acordo com o autor, já nos seus primórdios, dedicou atenção especial ao esporte, publicando em seu segundo dia de circulação, 10 de abril de 1891, uma coluna denominada *Sport*.

Desde a publicação das primeiras notas esportivas nos periódicos brasileiros, percebe-se que os registros sobre esporte já permeavam também o espaço literário dos jornais e revistas sob a forma de crônicas, como se viu no exemplo de Graciliano Ramos, que introduz o capítulo. Fato este que, ainda hoje, é muito comum, justificando a existência de

numerosos trabalhos acadêmicos que tratam do tema esporte e literatura, mais precisamente sobre crônicas e futebol. Melo (2012, p. 33-34) justifica essa inserção de conteúdos literários nos jornais do país com base no argumento de que, devido às limitações do mercado editorial brasileiro da época, “os periódicos foram importantes espaços de veiculação das ideias e produção dos literatos”.

Contudo, é importante ressaltar que não se podem, necessariamente, caracterizar tais registros como crônicas esportivas<sup>7</sup> em si. Isso porque, nesse primeiro momento, a crônica esportiva ainda nem estava consolidada enquanto subgênero da narrativa tradicional – assim como o futebol não estava radicado como protagonista. Além disso, o esporte apenas permeava a temática central do cronista do século XIX, que geralmente tinha como foco outros aspectos do cotidiano. Entretanto, para efeitos de pesquisa, será utilizada a nomenclatura crônica esportiva sempre que este trabalho se referir ao subgênero, independentemente do período em questão.

Ainda quanto ao fato de a temática esportiva permear o espaço literário – considerando-se que o gênero crônica, por si só, já aproxima o jornalismo da literatura – Melo (2012, p. 39) afirma que “as crônicas construíram representações sobre o esporte, de pontos de vista mais ou menos críticos, sempre a partir de mediações entre as diversas esferas envolvidas com o fenômeno esportivo”. A temática esportiva servia como manobra para cronistas imporem sua visão ideal de sociedade e “expor o antagonismo entre as equipes, o pobre e o rico, o colonizador e o colonizado” (MARQUES, 2000, p. 49). Ou seja, pode-se dizer que, desde os primórdios do jornalismo brasileiro, as crônicas e as colunas funcionavam como válvulas de escape para que se pudesse publicar, com a devida licença literária, tudo aquilo que seria censurado no espaço informativo. Assim, a temática esportiva era utilizada para traçar paralelos com a sociedade moderna brasileira, de modo a criticar certas práticas sociais a partir de textos, muitas vezes, recheados de sarcasmo e humor.

---

<sup>7</sup> A crônica, enquanto gênero jornalístico consagrado desde Machado de Assis, não necessariamente precisa estar atrelada a uma editoria ou área específica. O que define esse tipo de narrativa é basicamente seu estilo literário e, sobretudo, seu caráter cronológico – associado a fatos do cotidiano – tanto é que a palavra crônica deriva do grego *chronos* (tempo).

Lima Barreto<sup>8</sup> e o já citado Graciliano Ramos são alguns exemplos desses escritores menos simpáticos às práticas desportivas da época. Além deles, não se pode deixar de citar, também, Machado de Assis, que publicou crônicas em jornais como o *Diário do Rio de Janeiro* (de 1861 a 1867) e *Gazeta de Notícias* (entre 1883 e 1897); e nas revistas *Ilustração Brasileira* (de 1876 a 1878) e *O Cruzeiro* (1878), como visto no excerto a seguir:

O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi. Não sei se já disse alguma vez que prefiro comer o boi a vê-lo na praça. Não sou homem de touradas; e se é preciso dizer tudo, detesto-as.

\_Mas já as viste?

\_Nunca!

\_E julgas do que nunca viste?

Respondo a este amigo, lógico mas inadvertido, que eu não preciso ver a guerra para detestá-la, que nunca fui ao xilindró, e todavia não o estimo. Há coisas que se prejulgam, e as touradas estão nesse caso. E querem saber por que detesto as touradas? Pensam que é por causa do homem? Ixe! É por causa do boi, unicamente do boi. Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas as sociedades protetoras dos animais. O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos animais lavrou um grande tento em favor da humanidade. (ASSIS, 1877 *apud* BUARQUE DE HOLLANDA; MELO, 2012).

Por outro lado, o esporte figurava no espaço literário também de forma positiva e entusiástica, tal qual se manifesta até hoje. Alguns exemplos de crônicas esportivas com esse viés, datadas ainda do século XIX, foram assinadas por escritores como Visconde do Rio Branco, que escreveu para o *Jornal do Commercio* entre 1850 e 1851, e José de

---

<sup>8</sup> Contrariado pela característica elitista do futebol na virada do século XIX para o século XX, o escritor carioca Lima Barreto chegou até a fundar uma liga antifutebol. Contudo, a liga não obteve sucesso e ele acabou morrendo pouco tempo depois, sem poder ver o futebol tomar conta de toda a sociedade (HELAL, 1997).

Alencar, pelo *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro*, entre 1854 e 1855.

Domingo passado o caminho de São Cristóvão rivalizava com os aristocráticos passeios da Glória, do Botafogo e São Clemente, no luxo e na concorrência, na animação e até na poeira. O Jockey Club anunciara a sua primeira corrida; e, apesar dos bilhetes amarelos, dos erros tipográficos e do silêncio dos jornais, a sociedade elegante se esforçou em responder à amabilidade do convite. (ALÊNCAR, 1894<sup>apud</sup> BUARQUE DE HOLLANDA; MELO, 2012).

Fazer este paralelo entre jornalismo e literatura é importante para se compreender melhor a história do jornalismo esportivo no Brasil porque, como afirma Capraro (2007), a crônica é o gênero literário que mais se aproximou do esporte, sobretudo após a popularização do futebol. Afinal, conforme visto anteriormente, desde o final do século XIX e início do século XX, literatos de prestígio na sociedade brasileira – como Graciliano Ramos, Lima Barreto, Machado de Assis, José de Alencar, Coelho Neto, “João do Rio”<sup>9</sup>, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Monteiro Lobato, Gilberto Amado, entre outros – já se dedicavam esporadicamente à temática, favoráveis ou não a ela.

Ainda segundo Capraro (2007, p. 38), a explicação para o fato de a crônica ter sido, durante algumas décadas, o gênero que mais publicou sobre futebol, se deve ao seu “caráter regular, momentâneo e de envolvimento social”. Ademais, outros aspectos que auxiliam a compreender esse fato são os pontos em comum no percurso simultâneo de consolidação tanto da crônica, quanto do futebol no Brasil:

De qualquer forma, pensando-se conceitualmente, tanto a crônica social sobre o futebol quanto a crônica esportiva especializada, apresentam um

---

<sup>9</sup> “Paulo Barreto, escritor, homem culto, conhecido como ‘João do Rio’, escrevia sobre o cotidiano carioca, e o futebol, que crescia assustadoramente pelas ruas da cidade, tornava-se um prato cheio para enriquecer seus artigos. A série mais famosa escrita por ele chamava-se ‘Da alma encantadora das ruas’, mas foi em uma coluna que assinava com o pseudônimo JOE que o futebol passou a ser glorificado. Paulo Barreto não era um especialista no assunto, mas um apaixonado pelo tema.” (RIBEIRO, 2007, p. 32).

ponto em comum com o futebol praticado no Brasil: são elementos que ao longo do século XX se enraizaram fortemente na cultura brasileira. Ambos iniciando como modismos, coadjuvantes em seus respectivos campos, o literário e o esportivo, ganhando a forte adesão populacional na primeira metade do século XX, tornando-se fenômenos de massa. (CAPRARO, 2007, p. 48).

Sobretudo nesse período que vai do final do século XIX aos meados do século XX, as crônicas eram vistas como instrumentos de engajamento social, em uma perspectiva de valorização da identidade nacional brasileira. Porém, o envolvimento emocional, a subjetividade e a passionalidade que davam o tom das narrativas da época, por sua vez, sempre foram características típicas da crônica, independentemente do período. E pode-se dizer que, quando o assunto é futebol – uma prática que, por si só, é repleta de contornos emotivos, subjetivos e passionais – , essas características tendem a ser ainda mais exploradas.

Neste caso, a crônica sobre o futebol ou a crônica esportiva exerceram (e ainda exercem) o mesmo sentido simbólico da crônica social, cuja proximidade com o objeto e com o cotidiano é fato quase sempre consumado. Com um adendo: a crônica esportiva tem a tendência de aflorar ainda mais os sentimentos e perspectivas, já que discorre sobre um elemento onde a paixão não é negada, tampouco tem um significado pejorativo como na política; ao contrário, é mais do que necessário que o autor tenha um posicionamento, exponha preferências – como a clubística, ou por determinado jogador – mantendo, possivelmente um vínculo de afeto positivo com determinado grupo de torcedores que se identificam com as suas preferências e outro de afeto negativo em relação ao outro segmento, aquele que fica contrito com as suas opiniões e preferências. (CAPRARO, 2007, p. 43).

Portanto, qualquer proximidade da crônica com o gênero informativo não é mera coincidência, principalmente na editoria de esportes, onde a paixão e a emoção involuntariamente flertam com o repórter durante a cobertura. O escritor e cronista colorado Luiz

Fernando Verissimo, por exemplo, sempre deu espaço ao Inter em seus textos. O já falecido jornalista Sérgio Jockmann chegou a criar o personagem humorístico *colorado delirante*, que protagonizava suas crônicas sociais publicadas no jornal *Folha da Tarde*, de Porto Alegre. Nos idos dos anos 70, Jockmann e o também já falecido cronista Paulo Sant'ana – fanático torcedor do Grêmio – rendiam discussões acaloradas nos jornais do meio-dia da *RBS TV*, focadas claramente na dupla GreNal.

Ou seja, se nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, a temática esportiva era mera personagem coadjuvante no percurso da crônica brasileira, a partir dos anos 1950, o futebol já havia se tornado o protagonista definitivo nesse gênero literário, principalmente sob os pontos de vista de escritores (e torcedores) ilustres, como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, José Lins do Rego e João Lyra Filho, todos com cadeira cativa no *Jornal dos Sports*, o qual ainda será assunto no decorrer deste tópico.

Como foi visto, os primeiros registros sobre esporte nas publicações brasileiras eram as escassas notas sobre as práticas desportivas inerentes ao cotidiano das elites sociais do final do século XIX – caça, turfe e remo. O futebol, em si, só viria a ser oficialmente noticiado no ano de 1901. O feito, segundo Ribeiro (2007), foi do jornal *Correio da Manhã* que, em 22 de setembro do referido ano, publicou na coluna *Sport* informes sobre a partida realizada entre as equipes do Paysandu Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association, as únicas existentes no Rio de Janeiro até então.

Por mais que algumas publicações estivessem começando a dedicar espaço noticioso ao esporte – inclusive com colunas específicas – o jornalismo esportivo já nascia como uma atividade subestimada e arraigada de preconceitos desde a virada do século. Isso porque, nessa época, o esporte era visto como recreação, sendo, portanto, inadmissível a possibilidade de notícias de entretenimento ocuparem as manchetes antes destinadas a temas nobres como política e economia, conforme afirma Coelho (2003). Ainda de acordo com o autor, o fato de a prática desportiva ser, em princípio, quase exclusiva às classes de maior poder aquisitivo, também freava o desenvolvimento das editorias do gênero. A lógica era a seguinte: sendo o esporte interesse apenas das elites – minoria no país – isso implicaria em menor vendagem de jornais. Logo, não seria lucrativo noticiá-lo.

No entanto, esse cenário se alteraria consideravelmente ao longo da popularização do futebol no Brasil nas primeiras décadas do século XX, fato comumente creditado à figura de Charles Miller. Filho de pai

escocês e mãe brasileira de descendência inglesa, Charles William Miller (1874-1953) nasceu em São Paulo, mas estudou na Inglaterra, de onde teria regressado com bolas, chuteiras, uniformes e um livro com as regras do futebol – oficializadas em território inglês no ano de 1865 –, os quais seriam prontamente apresentados aos brasileiros.

Porém, alguns pesquisadores, como Shirts (1982), apontam controvérsias a esta hipótese, alertando para a existência de indícios de que o futebol já havia sido introduzido em outras regiões do país e mesmo no estado de São Paulo antes da chegada de Miller, além de questionarem se a mera presença dos artigos esportivos trazidos por ele seria, de fato, capaz de despertar todo esse furor pelo futebol. Caldas (1990), por exemplo, apresenta vertentes que defendem a hipótese de o futebol ter sido jogado pela primeira vez no Brasil por marinheiros britânicos em cidades portuárias ou mesmo a possibilidade de ter sido uma prática introduzida por indígenas.

Ainda que existam resistências à versão que convencionou dar o título de pai do futebol a Charles Miller, vale destacar sua importância na luta para que notícias de futebol fossem divulgadas pelos principais jornais paulistanos no início do século XX, como sugere Ribeiro (2007, p. 305):

Charles Miller, pai do futebol brasileiro, e Mário Cardim, primeiro repórter de destaque na imprensa esportiva, sofreram para tentar convencer os principais jornais do país a publicar suas notícias sobre um esporte que ainda muito pouca gente praticava no início do século passado. Mas tinham também a certeza de que um dia esse esporte faria o processo se inverter.

A premissa foi validada e o processo realmente se inverteu, como já refletido por Melo (2012) no decorrer deste tópico, quando o autor pondera a relação entre imprensa e esporte enquanto via de mão-dupla, onde a popularidade crescente da prática desportiva fez com que os cadernos de esporte se consolidassem de vez entre as práticas jornalísticas. Fato este consumado com o surgimento do primeiro diário dedicado exclusivamente à cobertura esportiva, o *Jornal dos Sports*, fundado no Rio de Janeiro, em 1930, por Argemiro Bulcão, e ancorado à figura de Mário Filho, outro grande expoente do jornalismo esportivo brasileiro.

Chegar às bancas apenas duas vezes por semana era muito pouco para um mercado que crescia assustadoramente. Segundo pesquisa feita por especialistas da época, a imprensa esportiva era a que mais havia crescido desde 1912, quando saltou de cinco para 58 jornais, um aumento de 1.060%. Se o mercado exigia, o jeito era arriscar. Foi então que Bulcão decidiu criar o *Jornal dos Sports*, o primeiro jornal diário de esporte do Brasil, que sobreviveria até 2007. (RIBEIRO, 2007, p. 73).

O futebol havia conquistado definitivamente a sociedade. Surgiam cada vez mais jornais e revistas pelo país, sobretudo no eixo Rio-São Paulo. Todavia, como o esporte não tinha o mesmo status das editorias de política e economia – e até hoje não tem – a maioria dessas publicações extinguiu-se rapidamente, embora vários fatores viessem contribuindo fortemente para a sua efetiva popularização dentre todas as classes sociais e econômicas, como a inserção dos negros no gramado<sup>10</sup> entre os anos de 1930 e 1940, a exemplo do caso Leônidas da Silva, conhecido pela famosa alcunha de Diamante Negro.

Nascido em 1913, Leônidas da Silva atuou em quatro grandes clubes brasileiros: Vasco da Gama, Botafogo, Flamengo e São Paulo, sendo campeão em todos. O ano de 1936 foi um marco em sua carreira, quando se tornou referência na luta contra o preconceito racial. Insatisfeito no Botafogo após ficar seis meses encostado por ser negro, o jogador foi contratado pelo Flamengo, tendo sido um dos primeiros negros a atuar pelo clube, também elitista à época. Em 1938, Leônidas

---

<sup>10</sup> “O primeiro negro do futebol brasileiro foi Milton Carregal, em 1905, do Bangu, time de uma indústria de tecelagem, formado por engenheiros ingleses e brasileiros graduados. Um dia, faltou um jogador e recorreram a um ‘alienígena’. Em 1916, o Fluminense buscou um negro no América, Carlos Alberto, que disfarçava usando pó de arroz no rosto e no cabelo, daí o ‘pó de arroz’ do Flu. Por racismo, não por suposto requinte. O futebol chegou ao Brasil logo depois do fim da escravidão, com todo o material importado. Os negros dos guetos não tinham condição de comprar camisetas, bolas e botinas. Branco jogava, preto olhava, quando muito. O escritor Lima Barreto criou uma ‘liga antifutebol’, argumentando que ‘não podemos permitir a instauração de uma aristocracia baseada na habilidade dos pés’. Monteiro Lobato afirmou em artigo que ‘o futebol é apenas um sarampo da juventude’, e Graciliano Ramos escreveu que ‘o futebol é roupa de empréstimo...’” (GERCHMANN, 2015, p. 78-79).

foi artilheiro da terceira Copa do Mundo, sediada na França, onde as versões oficiais dão conta da origem de seu apelido, Diamante Negro, creditado ao jornalista francês Raymond Thourmagen (RIBEIRO, 2000). Com o terceiro lugar na classificação do Mundial de 38, os jogadores brasileiros retornaram ao Brasil como autênticos heróis pela conquista inédita.

Leônidas foi o jogador que mais lucrou naquele período pós-copa, virando celebridade em todo o país, conforme afirma Ribeiro (2007, p. 101): “Em São Paulo, Ari Silva, jornalista do *Diário de São Paulo*, auxiliou seu secretário, o também jornalista José Maria Scassa, no encontro com os donos da empresa Lacta, que pretendiam batizar um de seus chocolates com o apelido do craque brasileiro.”. E, assim, Leônidas da Silva virou o Diamante Negro, um dos chocolates mais vendidos da Lacta e que, segundo a própria empresa<sup>11</sup>, representa 4% de toda a vendagem nacional da marca. Algumas vertentes creditam ao Diamante Negro a autoria de um famoso lance do futebol: a bicicleta. Porém, ele mesmo desmente a versão, dizendo que não foi o verdadeiro autor do lance, apenas um de seus melhores executores.

E não foram somente os jogadores que se beneficiaram da conquista do terceiro lugar naquele mundial. A popularidade do futebol foi vantajosa também para que os empresários do ramo da comunicação comesçassem a investir mais na temática dos esportes. “O lucro era praticamente certo, tanto para os que decidiam criar novos jornais como para os que apostavam alto no talento de jovens jornalistas que surgiam na imprensa esportiva.” (RIBEIRO, 2007, p. 102).

Se em 1938 um jogador negro viraria celebridade em todo o país graças a um mundial no exterior, antes disso, porém, dois times brasileiros seriam pioneiros na inserção dos negros no gramado, assim como de outras classes marginalizadas na sociedade. Seriam eles: o Bangu Atlético Clube e o Clube de Regatas Vasco da Gama, de acordo com Helal (1997) e Rodrigues Filho (2003). Algumas versões apontam, também, a Associação Atlética Ponte Preta como uma das pioneiras nesse quesito, pois supostamente já contava com negros no elenco desde sua fundação, no ano de 1900.

Não tardou muito e os campos estavam cheios de jogadores de todos os segmentos sociais e

---

<sup>11</sup> Dado disponível em <<http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante-da-bola-batiza-chocolate.html>>. Acesso em 31 out. 2017.

econômicos da sociedade brasileira e, apesar deles serem, em sua maioria, brancos e oficialmente amadores, a característica elitista do futebol começou, gradualmente, a desaparecer. Mas foi apenas em 1923, quando o time do Vasco da Gama entrou para a primeira divisão, que a organização do futebol da época se viu diante de um impasse. Este time, composto em sua maioria por jogadores negros e mulatos pertencentes, em sua maioria, à classe operária, venceu o campeonato de 1923. Até então nenhum time tinha apresentado uma composição racial e social como a do Vasco. Havia alguns mulatos jogando por outros times, mas a maior parte dos jogadores, mesmo os que não pertenciam à elite, eram brancos. (HELAL, 1997, p. 47).

Agora, o futebol brasileiro vivia outra conjuntura, bastante distinta daquele cenário marcadamente elitista que, oficialmente, perdurou de 1895 até 1932. De forma simultânea a esse contexto, o caminho para a profissionalização do futebol também já vinha sendo percorrido. Nesse âmbito, mais uma vez, o pioneirismo é creditado ao Clube de Regatas Vasco da Gama (RODRIGUES FILHO, 2003), que teria sido a primeira agremiação a considerar aspectos como a preparação física dos atletas, o regime de concentração e a premiação para os jogadores.

Além disso, segundo Caldas (1990) e Rodrigues Filho (2003), em 1917, os clubes de futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo começaram a cobrar ingressos do público que assistia às partidas. Esse dinheiro seria utilizado para cobrir o custo com artigos esportivos, como bolas, chuteiras e uniformes. “Antes, o custo desses equipamentos era coberto por doações regulares ou voluntárias de sócios. A quebra dessa tradição abriu caminho para os primeiros passos em direção ao profissionalismo.” (CALDAS, 1990, p. 46).

Finalmente, no dia 4 de novembro de 1930, o governo “provisório” de Getúlio Vargas – que perduraria pelos próximos quinze anos – criou o Ministério do Trabalho, lançando as bases para a posterior regulamentação do ofício de jogador de futebol profissional. Em 1942, conforme Helal (1997), os clubes de futebol se atrelariam involuntariamente ao Governo Federal, como parte do programa centralizador de Vargas. Foi então que “o decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 criou o Conselho Nacional de Desportos – com o objetivo

de ‘orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos no país’” (HELAL, 1997, p. 50-51).

Em suma, desde sua chegada ao Brasil – passando pelo percurso da popularização, profissionalização e até a consagração das editorias esportivas –, o futebol demorou mais de 50 anos para conquistar o destaque que atualmente tem na imprensa brasileira. O caminho foi longo e ainda continua em traçado. Contudo, não se pode deixar de citar alguns dos principais expoentes responsáveis pela consolidação da imprensa esportiva simultaneamente à profissionalização do futebol. Para tanto, este estudo pontuará, em seguida, alguns aspectos históricos envolvendo a criação de publicações que são referências nesse contexto, como o já citado *Jornal dos Sports*, *A Gazeta Esportiva*, a revista *Placar* e o diário *Lance!*.

Como foi visto, as versões oficiais dedicam o título de primeiro diário voltado exclusivamente à cobertura esportiva ao *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro. Porém, para Coelho (2003), *A Gazeta Esportiva*, de São Paulo, pode ser considerada a primeira publicação a lutar ferozmente pela consagração do noticiário de esportes. Isso porque, em 1928 – e, portanto, antes da criação do *Jornal dos Sports* – *A Gazeta Esportiva* já havia nascido como um suplemento do jornal *A Gazeta*. Fundada pela figura icônica de Cásper Líbero, *A Gazeta* existe desde 1906, tornando-se um diário exclusivamente esportivo em 1947. *A Gazeta Esportiva*, inclusive, é a única referência ao jornalismo esportivo que aparece na obra de fôlego do historiador Nelson Werneck Sodré, de 1966, a *História da imprensa no Brasil*, como bem observaram Hollanda e Melo (2012).

Abrindo parênteses para contextualizar um importante dado da imprensa esportiva no Rio Grande do Sul, vale ressaltar que, logo depois da criação de *A Gazeta* diária, foi lançada, em Porto Alegre, pela Companhia Jornalística Caldas Júnior, a *Folha da Tarde Esportiva*, que circulou diariamente de 15 de setembro de 1949 a novembro de 1969, quando o jornal especializado acabou e foi incorporado – como caderno, com o nome de *Folha Esportiva* e com os mesmos colunistas – pela recém-criada *Folha da Manhã*, que circulou até 1980. *A Folha da Tarde Esportiva* começou a circular em 12 de abril de 1937, semanalmente, às segundas-feiras, assumindo a periodicidade diária em 15 de setembro de 1949. Era voltada ao esporte profissional e amador, e chegou a circular com mais de 50 páginas. De acordo com Hatje (1996), para muitos profissionais da imprensa gaúcha, esse fato é considerado o ápice da história do jornalismo esportivo impresso do Rio Grande do Sul.

Voltando à região Sudeste, nas primeiras décadas do século XX, como se sabe, a cidade de São Paulo passou por um avassalador processo de urbanização, decorrente do sucesso econômico de uma cidade que vivia a transição da economia cafeeira para a industrial. E foi justamente nesse contexto da modernização de São Paulo que *A Gazeta Esportiva* se consolidou enquanto diário totalmente voltado à cobertura de esportes. Essa conjuntura foi, portanto, inevitavelmente refletida nas publicações do jornal que, segundo Toledo (2012), tratavam do esporte sob um viés nacionalista, valorizando sua feição popular – o futebol de várzea, por exemplo – e aspectos como a disciplina e o coletivismo.

Nesse âmbito, *A Gazeta Esportiva* rivalizava com a perspectiva da malandragem do futebol-arte dominante na cobertura de esportes dos principais jornais do Rio de Janeiro, sobretudo com o *Jornal dos Sports* e o seu já citado time de cronistas de peso, que “exerciam múltiplas funções simultâneas: cronistas, dirigentes de clubes, presidentes de entidades esportivas, bacharéis, políticos e literatos” (RIBEIRO, 2007, p. 96). Em uma dessas rugas entre os dois pioneiros do jornalismo esportivo no Brasil, o correspondente de *A Gazeta* no Rio Janeiro, José Silveira, chegara a escrever:

O público deve ser educado por uma escola mais esportiva e menos literária. [...] O grande fato, todavia, é que os literatos conquistaram o futebol. Duvidamos, entretanto, que eles conquistem o público futebolístico. Pelo menos, enquanto teimarem em escrever sobre futebol com a mesma tinta que escrevem seus romances (SILVEIRA, 1944<sup>apud</sup> BUARQUE DE HOLLANDA; MELO, 2012).

De acordo com Toledo (2012), todas essas críticas endereçadas aos diários cariocas se referiam, na verdade, não apenas ao embate futebol-arte *versus* futebol moderno, mas, principalmente, à suposta incapacidade de os cronistas do time de Mário Filho escreverem com isenção sobre futebol. Acredita-se que o recado anterior, por exemplo, tenha sido destinado a José Lins do Rego, “levando-se em conta o seu partidarismo inconfessável pelo Flamengo” (TOLEDO, 2012, p. 75), clube pelo qual se apaixonou graças à figura de Leônidas da Silva, o citado artilheiro do Mundial de 1938, que também jogara pelo rubro-

negro. Lins chegou até mesmo a entrar para a política do clube<sup>12</sup>, assumindo a secretaria geral do time da Gávea em 1942.

Fazendo o contraponto, Ribeiro (2007) sugere que o partidarismo de Zé Lins não era tão inconfessável assim, já que a parcialidade do escritor paraibano foi justamente a característica responsável por demarcar sua carreira na crônica esportiva, mais precisamente na coluna *Esporte e Vida*, a qual assinou entre 1945 e 1953 pelo *Jornal dos Sports*. “Escrevia sobre tudo, mas especialmente de seu Flamengo e sem a menor vergonha de expor sua parcialidade. Criticava os rivais rubro-negros a ponto de ser agredido com objetos atirados por torcedores nas tribunas dos estádios que frequentava.” (2007, p. 117). Essa experiência de José Lins do Rego na crônica esportiva, inclusive, teria deixado até a ele próprio impressionado com a repercussão de suas palavras. Citado por Ribeiro (2007, p. 117), Zé Lins confessa:

A um escritor vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as laranjas... os palavrões, deu-me a sensação da notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente da paixão que a crítica literária ou jornalismo político. Tinha mais de vinte anos de exercício de imprensa e só com uma palavra arrancava, de uma multidão enfurecida, uma descarga de raiva como nunca sentira. (REGO *apud* RIBEIRO, 2007, p. 117).

A *Gazeta Esportiva*, até então menos simpática às crônicas românticas do futebol, chegou a ter tiragens recordes de mais de 500 mil exemplares. Contudo, com o surgimento e a consagração do rádio e da TV, o seu declínio foi gradativo. Em 2001, quando completou 73 anos de existência, o jornal vendia apenas quatorze mil exemplares diários. Em seus piores momentos, registrou tiragens de quatro mil exemplares. Por conta dessa insignificante marca, desde 19 de novembro de 2001, A

---

<sup>12</sup> Ao longo dos anos 1940 e 1950, além de entrar para a política do Flamengo, o escritor José Lins do Rego também assumiu cargos políticos no esporte em âmbito nacional. Ao que consta, foi graças a uma indicação do também escritor Carlos Drummond de Andrade – chefe de gabinete do então ministro Gustavo Capanema – que José Lins integrou o quadro de funcionários do Conselho Nacional de Desportos (CND) e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), da qual chegou a ser presidente interino, além de ter assumido a chefia da delegação brasileira em campeonatos internacionais (COUTINHO, 1995).

*Gazeta Esportiva* parou de ir às bancas e, “pela impossibilidade de simplesmente desaparecer, pois a dona do jornal, Fundação Cásper Líbero, era obrigada a manter o título no mercado”, acabou migrando-se para o portal *gazetaesportiva.net* e para a agência de notícias *Gazeta Press*, que, hoje, detém um dos maiores acervos de fotos e notícias esportivas no país (RIBEIRO, 2007, p. 302).

Enquanto em São Paulo a iniciativa pioneira partiu de Cásper Líbero, no Rio de Janeiro coube à família Rodrigues – mais precisamente a Mário Leite Rodrigues Filho, o irmão mais velho de Nelson Rodrigues – o feito de fazer história no jornalismo esportivo brasileiro, o que se deu por meio do *Jornal dos Sports*, criado em 1931. Como dito, seus fundadores foram Argemiro Bulcão, que antes dirigia o jornal *Rio Sportivo*, e Ozéas Mota, proprietário da gráfica que imprimia essa publicação. Em seus primórdios, porém, o *Jornal dos Sports* ainda estava longe de ser o protagonista da cena esportiva, dividindo a concorrência com as seções esportivas de jornais já consagrados na época, como o *Jornal do Brasil* (1893) e o *Correio da Manhã* (1903).

Entretanto, esse cenário se inverteu drasticamente a partir de 1936, quando os sócios desfizeram o acordo e venderam o *Jornal dos Sports* para Mário Filho, o típico personagem bem-relacionado em todas as esferas da sociedade. Antunes (2004, p. 103) afirma que “a opção de Mário Filho por escrever de forma dramática situações que poderiam parecer corriqueiras aproximou definitivamente o torcedor do jogador e da vida do clube”, o que poderia ser uma das explicações para a rápida ascensão do *Jornal dos Sports* (*JS*).

Nessa esfera, Hollanda (2012) afirma que a experiência de periódicos estrangeiros na unificação de informações esportivas, bem como na invenção de prêmios, torneios e taças diversas – como o *L'Équipe* (França, 1900) e o *Gazzeta dello Sport* (Itália, 1896) – também foi fator de influência para a consagração do *JS*, popularmente conhecido como *O cor-de-rosa*, devido à tonalidade de sua impressão gráfica, outra inspiração advinda das publicações estrangeiras.

Ademais, ainda segundo o autor, desde o início da experiência de Mário Filho no *JS*, o diretor esteve cercado por um seletivo grupo de colaboradores dos mais altos escalões do esporte e da política, como Vargas Neto, Luiz Galotti e Mário Pollo, além dos já citados João Lyra Filho, José Lins do Rego e de seu próprio irmão Nelson Rodrigues, tudo isso graças às suas articulações enquanto empresário e homem público de esportes. Ribeiro (2007, p. 75) também chama atenção para o poder articulador de Mário Filho:

Em suas mãos, o jornalismo esportivo ganharia novas dimensões. Na forma, quase tudo mudava: título, subtítulo, legendas. O conteúdo abria espaço para a vida dos personagens que faziam o espetáculo. Jogadores passaram a ser endeusados, especialmente os negros. Nos bastidores, Mário criava uma rede de informações poderosa. (RIBEIRO, 2007, p. 75).

O jornal de Mário Filho pautou grande período de competições esportivas e futebolísticas durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. E, mesmo que o futebol sobressaísse, todas as modalidades eram contempladas: do tênis ao golfe, do remo ao atletismo, do boxe ao hipismo – nacionais e internacionais. Além disso, nas páginas do *JS*, havia espaço, também, para ciência, educação e cultura, sobretudo pela presença desses “cronistas-cartolas” que escreviam diariamente no jornal (HOLLANDA, 2012).

Quanto às linhas editoriais do *JS*, Mário Filho nunca escondera sua proposta de utilizar o futebol enquanto símbolo de fortalecimento do nacionalismo. Exemplo disso é a cobertura que antecedeu o início da Copa do Mundo de 1950 e que trazia, além dos registros da construção do Maracanã (oficialmente batizado de Estádio Jornalista Mário Filho), o trabalho do cartunista Otelo, por meio do personagem *Moço do Samba* (MOURA, 1998), que personificava traços característicos do futebol brasileiro, como a alegria, a malícia, o improviso e a malandragem.

Por outro lado, com um viés disciplinador, parte da imprensa que cobria a concentração da Seleção às vésperas daquela Copa, fazia circular diariamente em seus periódicos cartilhas de regras para os jogadores, tradicionalmente contrários ao regime de concentração: “era proibido circular na boate, no bar e no salão de jogos do hotel, também era proibido fumar no alojamento e salas de refeições, ingerir bebidas alcoólicas e jogar carteadado a dinheiro” (RIBEIRO, 2007, p. 130). Avessos ou não a esse sistema, fato é que o clima de “já ganhou” havia tomado conta não somente da delegação brasileira da Copa de 1950, mas, também, de toda a imprensa esportiva às vésperas do que seria o fatídico *Maracanazo*.

Os treze gols marcados contra suecos e espanhóis deixaram essa certeza. Dois dias antes, na sexta-feira, uma empresa de cinema presenteou todos os jogadores da seleção com permanentes válidas por cinco anos. Até aí nada de mais, não fosse a frase

datilografada na cortesia: “Aos campeões do mundo de 1950.” (RIBEIRO, 2007, p. 131).

A linguagem doutrinária do jornal de Mário Filho, sua centralização na capital nacional, o contexto de profissionalização do futebol e, claro, o time de colaboradores do *JS*, contribuíram para justificar a experiência de *O cor-de-rosa* como um marco da emancipação do jornalismo esportivo brasileiro, conforme Hollanda (2012). Contudo, ainda de acordo com o autor, seria injusto atribuir todo o sucesso do *Jornal dos Sports* apenas à figura influente de Mário Filho, já que, nesse contexto simultâneo da profissionalização do jornalista, os profissionais da área também foram grandes responsáveis pela qualidade técnica das publicações.

Se Mário Filho foi um grande agente de mediação entre diversas esferas da vida esportiva, política e cultural do Rio de Janeiro, não é o caráter personalista de sua “obra” que está em jogo aqui. Tem-se em mira, ao contrário, a capacidade coletiva do jornalista esportivo de “inventar tradições” e de “inventar multidões”, assim como de pregar sua pedagogia esportiva. Isso se dava não de maneira isolada, mas em conjunto com outros atores, dentre profissionais, redatores e técnicos qualificados. (HOLLANDA, 2012, p. 83-84).

Apesar de o *Jornal dos Sports* poder ser considerado a experiência de jornalismo esportivo mais bem-sucedida até então, perdurando por cinco décadas no auge, o jornal começou a definhar com a morte de Mário Filho, em 1966, enfraquecendo-se gradualmente até 1990 e findando-se de vez em 2007. Porém, esse fato coube tanto às vicissitudes trágicas da família Rodrigues<sup>13</sup> quanto à inserção de outro

---

<sup>13</sup> Com a morte de Mário Filho, o *JS* ficou sob a direção da viúva Célia Rodrigues, que cometeria suicídio um ano depois. Mário Júlio Rodrigues, filho único do casal, chegou a assumir o jornal por cerca de quatro anos, vindo a falecer vítima de problemas com o alcoolismo. Vale lembrar ainda que, algumas décadas antes, o ilustrador Roberto Rodrigues – um dos 13 irmãos da família Rodrigues – fora assassinado pela escritora Sylvania Thibau, em virtude de publicações as quais ela julgou difamatórias feitas pelo jornal *Crítica*, de propriedade do pai dos Rodrigues, Mário Leite Rodrigues. Inconsolado, ele também morreria poucos meses depois.

periódico que marcaria a virada dos anos 1960 para os anos 1970 na imprensa esportiva brasileira: a revista semanal *Placar*.

Fundada no início de 1970 e pertencente ao grupo Abril, a *Placar* surgiu como concorrente direta do *Jornal dos Sports* – resistindo ao tempo e ao contexto da ditadura e da censura prévia – e chegando a vender mais de 100 mil exemplares semanais durante a Copa de 1970. Nesse aspecto, Coelho (2003) relembra que, enquanto no Brasil a primeira revista esportiva com publicação regular só se estabeleceu nos anos 1970, países como a Itália e a Argentina já possuíam revistas dedicadas exclusivamente aos esportes desde 1927.

Segundo Hollanda (2012), essa concorrência direta com o *JS* ia além do plano da vendagem – onde a *Placar* chegou a alcançar a marca de 500 mil exemplares vendidos já em sua primeira edição – para abranger, também, a contratação de profissionais consagrados que antes faziam parte do quadro de funcionários de Mário Filho e que agora migravam para as páginas da revista, a exemplo do cartunista Henfil. A charge, inclusive, junto da crônica esportiva, funcionava como uma licença editorial para possibilitar o discurso crítico e engajado que, desde o início, compunha as linhas editoriais da *Placar*, como demonstram os dois excertos abaixo:

A maior e melhor revista esportiva do Brasil, publicada pela Editora Abril, surgiu no auge da efervescência política do país e no olho do furacão da crise instalada com a demissão do técnico da Seleção Brasileira às vésperas da disputa da Copa do Mundo do México. *Placar*, idealizada pelo jornalista e advogado Cláudio de Souza, era destinada a leitores interessados em reportagens mais elaboradas, inteligentes, escritas por feras do jornalismo esportivo. (RIBEIRO, 2007, p. 208).

Temos hoje no país uma nova mentalidade no jornalismo esportivo: a paixão clubística, as preocupações pessoais, os interesses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial. É tudo isso faz parte da filosofia da PLACAR. (Victor Civita - editor da ed. 1 da *Placar* -apud MALAIA, 2012, p. 153-154).

Ao longo de sua trajetória, a revista *Placar* passou por várias mudanças editoriais que, segundo Malaia (2012), contribuíram para sua manutenção no jornalismo esportivo, sobretudo ao se considerar um cenário onde a divulgação da informação esportiva dividia-se entre o jornal impresso, o rádio e a TV. Nesse sentido, o autor destaca a proposta de cunho social da revista, ao dar “voz a jogadores que não se furtavam a declarar seu posicionamento político no período” (MALAIA, 2012, p. 169), destacando, por exemplo, a contratação do sociólogo e jornalista esportivo Juca Kfoury e a cobertura de movimentos sociais como a Democracia Corinthiana na luta pelas Diretas Já.

O autor ressalta, ainda, as sucessivas mudanças nos slogans da revista como uma estratégia editorial para manter a aproximação de seu público no contexto sócio-econômico e esportivo ao longo de cada período da publicação: “se no início dos anos 1980, *Placar* passou a se chamar ‘*Placar Todos os Esportes*’, no final da década já era a ‘*Placar Mais*’ e nos anos 1990 passou a ser a ‘*Placar: Futebol, sexo e rock & roll*’” (MALAIA, 2012, p. 169).

Todavia, quanto às estratégias editoriais para fidelizar a audiência, pode-se considerar que nenhum jornal foi mais efetivo nesse quesito do que o diário esportivo *Lance!*, criado em 1997 pelo economista Walter de Mattos Júnior, com conceito editorial e projeto gráfico comprados – assinados pelo designer catalão Antoní Cases – e público-alvo bem definido: o torcedor consumidor. Em formato tabloide, esse seria o primeiro jornal totalmente em cores publicado no Brasil, além de ser pioneiro também no âmbito de sua fundação, já que foi o primeiro projeto midiático do eixo Rio-São Paulo formado por investidores, e não por grupos familiares.

Inspirado nas experiências editoriais de Antoní Cases em diários estrangeiros, como o argentino *Olé* e o espanhol *Marca*, em poucos meses o multicolorido *Lance!* se tornaria o diário esportivo mais popular do país, testemunhando a decadência de seu concorrente direto em São Paulo, *A Gazeta Esportiva*, e também do *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro. Além disso, na proposta de Cases, a cobertura do *Lance!* deveria sempre priorizar os aspectos positivos das equipes, surpreendendo por seu enfoque original e humanizado, sendo “um lugar para o torcedor encontrar prazer, não sofrimento” (STYCER, 2012, p. 196).

Em 2012, perto de completar quinze anos de existência, o *Lance!* figurava entre os dez jornais mais vendidos em banca no país, segundo Stycer (2012), com tiragem acima de 100 mil exemplares diários, fato que comprova sua consagração no mercado editorial brasileiro. Com a

aposta na valorização do design gráfico como forma de aprimorar o conteúdo informativo, foi também no *Lance!* que, pela primeira vez no jornalismo esportivo, o texto perderia sua primazia absoluta nas páginas dos jornais. E não somente a linguagem visual passava a ser mais valorizada, mas, também, o conteúdo publicitário, explorando uma vasta gama de produtos relacionados ao esporte, conforme explica Stycer (2012, p. 197): “o *Lance!* visava, claramente, desde o início, ser uma espécie de vitrine, um canal de comunicação entre o mundo do futebol e o seu potencial público consumidor”.

A estratégia foi eficiente ao se considerar, sobretudo, o contexto de reestruturação do futebol nesse período, como as recorrentes crises administrativas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a comercialização dos direitos de transmissão para a TV e o desenvolvimento do marketing esportivo, onde muitas agremiações passaram a ostentar a figura de clubes-empresas. Nesse contexto, Hollanda e Melo (2012, p. 19) salientam que a proposta do *Lance!* em criar um tabloide voltado para o público consumidor de renda elevada, situado majoritariamente entre as classes A e B, “dá insumos também para se pôr em suspeita a visão estereotipada do perfil medíocre que cerca a imagem do leitor-torcedor”.

Ou seja, além de priorizar as angulações positivas – aproximando o leitor-torcedor de seu time do coração – e de desfazer a primazia do texto nas publicações esportivas, o diário também coloca em xeque o estereótipo que caracteriza o consumidor de informação esportiva enquanto público de interesses menores, confirmando que esse “esforço do *Lance!* em realçar o ‘jovem qualificado’ está em total sintonia com a compreensão de que, na fase do ‘futebol-empresa’, a busca pelo leitor-torcedor está intimamente relacionada à sua capacidade de consumo” (STYCER, 2012, p. 197). Contudo, o próprio autor faz o contraponto com base em pesquisas que, em 2005, apontaram um acréscimo de leitores do *Lance!* pertencentes às classes B e C, que já somariam 45% do público do jornal.

Visualizo o leitor do *Lance!*, por um lado, como um jovem de classe média abonada que vai à janela do apartamento gritar “chupa!” quando seu time ganha, protegido de um outro leitor do jornal, de origem humilde, que passa embaixo, na calçada, e não pode alcançá-lo. (STYCER, 2012, 199).

Em seus 20 anos de existência, o *Lance!* segue como principal diário esportivo impresso do país, contando, também, com versões regionais e conteúdo multimídia, como forma de se adequar ao processo de convergência midiática pelo qual passa a mídia brasileira desde o início do século XXI. Entre idas e vindas, a revista *Placar* também sobrevive no mercado editorial brasileiro, adaptando-se frente às transformações midiáticas da virada do século. Isso dá indícios para se pensar nos motivos que levaram os dois principais jornais da época – *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* – a começarem a cair e não se levantarem mais.

Segundo Stycer (2012), não há dados suficientes para se chegar a uma resposta definitiva, mesmo porque não se pode justificar com exatidão o argumento de que esses dois periódicos tenham perdido espaço para a TV – que ainda engatinhava nas transmissões esportivas – ou para o rádio que, conforme o autor, apesar de já ser um veículo de força expressiva na cobertura de esportes, não afetava o interesse do público pelos jornais esportivos. Nem tampouco se pode dizer que *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* tenham sido abalados pela concorrência, uma vez que, até então, a única novidade de peso no mercado era a *Placar*, de circulação semanal.

Portanto, a explicação mais plausível para a decadência dos dois periódicos considerados o marco do jornalismo esportivo brasileiro está relacionada ao momento de crise e desorganização das entidades esportivas nacionais no final dos anos 80, fato que, ainda segundo Stycer, culminou no processo de modernização do futebol brasileiro, agora na era do marketing e do patrocínio esportivo.

É possível pensar no impacto da televisão, que passa a transmitir jogos de futebol com alguma frequência (e em cores, com o advento da nova tecnologia) a partir da década de 1970, e em ritmo massificado na década seguinte, mas é uma hipótese de difícil verificação. É notório que o rádio, usado de forma intensiva em transmissões esportivas justamente a partir da década de 30, não afetou o interesse pelos jornais esportivos, muito pelo contrário. Se for correta a hipótese que *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* cresceram apoiados na popularização do futebol, faz sentido imaginar que tenham começado a decadência no momento em que a desorganização

atingiu o auge e os clubes enfrentaram a maior crise de sua história. (STYCER, 2012, p. 191).

Porém, se, nesse período, o rádio e a TV ainda não eram páreo para os diários de esporte, é inquestionável o representativo papel dessas duas plataformas na consolidação do jornalismo esportivo brasileiro. Por isso, mesmo que essas mídias não sejam o foco deste estudo, convém fazer um apanhado sobre o assunto ao longo dos próximos parágrafos. Acredita-se, por exemplo, que a consagrada função de repórter de campo tenha surgido no rádio – tendo como protagonista o já também consagrado locutor esportivo Silvio Luiz – em meio às estratégias das concorrentes do eixo Rio-São Paulo – rádios *Tupi* e *Paulista* – pela busca da audiência, conforme sugere Ribeiro (2007, p. 143):

Para ter um diferencial da *Tupi*, a *Paulista* decidiu criar a nova função de repórter de campo. Silvio Luiz começou carregando um pesado equipamento, correndo de um lado a outro na beira do gramado atrás de jogadores que entravam e saíam de campo. As quedas eram inevitáveis e, enquanto trabalhava, a torcida divertia-se com seus tombos. (RIBEIRO, 2007, p. 143).

A *Rádio Educadora Paulista* assume, também, o posto de emissora que transmitiu, pela primeira vez na história do rádio, uma partida de futebol na íntegra. Ainda conforme Ribeiro (2007), foi Nicolau Tuma, um jovem locutor e estudante de Direito, quem convenceu seus patrões da *Paulista* a transmitir integralmente a partida entre São Paulo e Paraná, no dia 19 de julho de 1931, válida pelo Campeonato Brasileiro daquele ano. O duelo terminou em 6 a 4 para o São Paulo e, embora Tuma não soubesse que naquele jogo narraria dez gols, desde o início da transmissão o locutor já sugeria o tamanho do potencial imagético associado ao rádio, ainda mais evidente na cobertura esportiva:

Faltando poucos minutos para o início da partida, ansioso, o jovem locutor anunciava para os ouvintes: “Como repórter, vou transmitir daqui tudo aquilo que for acontecendo no campo... Como vocês sabem, o campo de futebol é um retângulo. Então vocês façam um retângulo aí em sua frente, numa cartolina... Ou então, peguem

uma caixa de fósforos. A caixa de fósforos é um retângulozinho, não é? Agora sim, a caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas, do lado direito, os paranaenses.”. (TUMA *apud* RIBEIRO, 2007, p. 55).

De acordo com Ribeiro (2007), as décadas de 1920 e 1930 seriam, também, as responsáveis por popularizar as famosas jornadas esportivas. Vale ressaltar ainda que, segundo Tubino *et al.* (2007), esse termo foi criado nos Estados Unidos, no ano de 1920, durante uma das primeiras transmissões esportivas ao vivo e ininterruptas na história do rádio: a luta de boxe entre os pesos pesados Jack Dempsey e Georges Carpentier que, devido à longa duração, recebeu a célebre alcunha de jornada esportiva.

Dando um salto para a década de 1970, tem-se outro marco no jornalismo esportivo brasileiro creditado ao rádio: a inserção de mulheres na cobertura de esportes, na tentativa de quebra de preconceito na imprensa esportiva, tanto nas rádios quanto na TV. “Até esse período, com raríssimas exceções, mulheres não conseguiam entrar no fechado clube masculino das transmissões esportivas. Uma equipe inteira, então, era pura utopia.” (RIBEIRO, 2007, p. 220). Mas não para Roberto Montoro, diretor da *Rádio Mulher*, que, em 1971, criou uma equipe esportiva formada exclusivamente por mulheres.

Só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos – que também era juíza –; na reportagem, Germana Carili, Claudete Troiano e Branca Amaral; no plantão, na sede do rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida. (RIBEIRO, 2007, p. 221).

A equipe permaneceu no ar por cinco anos, mesmo desmotivada com o preconceito de alguns companheiros de trabalho, que até hoje permanece enraizado nas redações esportivas. A narradora Zuleide Ranieri, citada por Ribeiro (2007, p. 211), relembra: “Apesar de alguns companheiros terem incentivado o projeto, a maioria ficava atenta aos

possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem de dividir o mesmo local de trabalho conosco.”. Por outro lado, ela salienta que, em algumas coberturas, era vantajoso ser mulher: “Em um jogo, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, em um ato de cavalheirismo disse: ‘Dou entrevista, sim, mas às mulheres primeiro’.”.

Infelizmente, nenhuma dessas integrantes do time da *Rádio Mulher* vingou na cobertura esportiva daquela época, porque, depois de cinco anos, a emissora “achou que estavam faltando homens na equipe” (RIBEIRO, 2007, p. 221). Somente vinte anos depois, em 1991, esse tabu voltaria a ser quebrado por outra mulher bastante popular no rádio esportivo: Regiane Ritter, que foi repórter e comentarista da *Rádio Gazeta* e chegou a conquistar o prêmio de melhor jornalista esportiva do estado de São Paulo naquele ano.

Para Coelho (2003), essa situação mudou bastante a partir dos anos 1980, quando deixou de haver restrições às mulheres repórteres de futebol. Ainda assim, o autor considera os resquícios do preconceito contra a opinião feminina e até propõe uma explicação para o fato, apesar do argumento pouco fundamentado:

Nenhum preconceito se justifica. É julgamento preconcebido, como a própria palavra encerra. Mas há um sentido no tal preconceito. Verifique nas rodas de amigos, em bares e festas pelo Brasil, o número de homens que conversam sobre futebol. Compare com o número de mulheres. Essa minoria das que se debruçam sobre o assunto é o que ainda produz desconfiança de alguns. Daí a importância cada dia maior de boas profissionais, como Kitty Balieiro, Sônia Francine, Joanna de Assis, Regiane Ritter e todas as que conseguem expressar suas opiniões e informações sobre o esporte mais popular do país. (COELHO, 2003, p. 36).

Assim como nenhum preconceito se justifica, a crise política que impedia a liberdade de imprensa no país nessa época também seguia injustificável. Se, nos primórdios do jornalismo esportivo, os cronistas se utilizaram da licença literária para expor críticas que seriam censuradas no espaço informativo, os jornalistas da nova era também fizeram das “seções esportivas de jornais, rádios e televisões um espaço aberto para desafogar a criatividade e a ousadia reprimidas em outras editorias” (RIBEIRO, 2007, p. 204), como ilustra o seguinte excerto:

Fausto Silva, o futuro Faustão da rede Globo, trabalhava na *Jovem Pan* como repórter de campo nesse período, e para driblar a patrulha dos fiscais da ditadura começava a destilar o humor que o consagraria no futuro. “Naquela época braba, de censura, quando os jornais, para denunciar as arbitrariedades, publicavam receitas, poemas de Camões, no espaço das matérias que o governo não deixava sair, a gente também fazia a nossa crítica. Por exemplo: o Santos tinha um goleiro chamado País. O jogo nem bem começava e o Osmar Santos já perguntava: “Como é que tá o País, Fausto?”. E eu: “tá balançando, o país tá desequilibrado, esse País só sabe jogar pela direita...”. (MATIUSSI, 2004, p. 140).

Quanto ao fenômeno televisivo, os registros das primeiras transmissões esportivas datam da década de 1930, tendo como pioneiros os Estados Unidos, com a transmissão de uma partida de beisebol em 1935; a Alemanha, com a transmissão dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936; e a Inglaterra, que transmitiu um torneio de tênis de Wimbledon em 1937, segundo Tubino *et al.* (2007). Já a primeira transmissão esportiva realizada na íntegra pela TV só viria a acontecer em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres, pela *BBC*.

No Brasil, o surgimento da televisão se deu em 1950, alguns meses após a decepcionante derrota em casa para o Uruguai na Copa do Mundo. Conforme Ribeiro (2007), a primeira transmissão ao vivo de um jogo de futebol pela TV no Brasil ocorreu no dia 15 de outubro de 1950, menos de um mês depois da inauguração da primeira emissora de TV do país, a *TV Tupi*, de São Paulo. O autor relembra que, naquela ocasião, “o público presente ao estádio do Pacaembu para assistir a partida entre Palmeiras e São Paulo era milhares de vezes superior ao número de aparelhos receptores” (RIBEIRO, 2007, p. 135). Cerca de “duzentos privilegiados, no máximo, conseguiram acompanhar depois, em casa, as primeiras imagens de uma partida de futebol transmitida pela televisão” (RIBEIRO, 2007, p. 135).

Ribeiro (2007), inclusive, ressalta a concorrência direta entre as TVs *Record* e *Tupi* na busca pela audiência ao longo dos anos seguintes. Como a *Record* transmitia da capital, a *Tupi* passou a transmitir os jogos que aconteciam em Santos, ancorada no slogan: “*TV Tupi*, 80 quilômetros na frente”. Com a mesma estratégia, a *Record* começou a

transmitir as partidas sediadas em Campinas e também tratou de atualizar seu slogan: “*TV Record*, 100 quilômetros na frente”.

Apesar do fracasso da seleção na Copa do Mundo de 1950, o torcedor das arquibancadas parecia cada vez mais seduzido pelo futebol. Grande parte dessa paixão desenfreada poderia ser creditada à mídia esportiva, que crescia em ritmo acelerado. O fenômeno televisão era apenas mais uma ferramenta para atrair mais e mais torcedores para as discussões em torno do futebol. (RIBEIRO, 2007, p. 137).

No final da década de 1990, com o advento da internet e do *pay-per-view*, a cobertura esportiva passa a ser ainda mais diversificada, tanto na forma de produzir notícia quanto no conteúdo noticioso em si. Ou seja: se, em décadas passadas, havia dúvidas de que uma programação esportiva no jornal impresso ou no rádio pudesse fazer sucesso, nos anos 2000, essa programação já possuía lugar cativo não somente nessas plataformas, mas, também, nas principais emissoras de TV aberta e em canais voltados exclusivamente para o esporte na TV a cabo. Conforme observa Ribeiro (2007), hoje – no jornalismo esportivo do século XXI – jornais, rádios, televisão e internet travam verdadeiras batalhas diárias pela posse das verbas publicitárias e pela exclusividade da informação, na tentativa de conquistar um público cada vez mais seletivo e exigente. Fato este justificado nessa trajetória que, mesmo com pouco mais de cem anos de existência, carrega mudanças radicais em seu traçado de altos e baixos.

Esse percurso instável é, inclusive, o que permite refletir sobre os caminhos que o jornalismo esportivo já traçou e sobre os rumos que vem tomando desde então, principalmente quanto às minúcias de seu fazer-notícia e ao arraigado papel de editoria secundária. No ano de 1956, em um tempo em que sequer sonhava-se com a internet, Nelson Rodrigues, citado por Antunes (2004, p. 173), já dava pistas para se refletir sobre esses dilemas: “Hoje, nós temos tudo: jornal, rádio e tevê. O que nos falta é, justamente, a capacidade de admirar, de cobrir o acontecimento com o nosso espanto.”.

## **1.2 Informação x opinião: do profissional ao convidado**

O jornalista esportivo é um privilegiado. Já sei que os que trabalham em outras editorias vão

contestar, reclamar, mas esta é a mais pura verdade. E o motivo é simples: ele é o único que presencia o fato sobre o qual vai escrever, do princípio ao fim. Em nenhuma outra situação o jornalista tem esta oportunidade de viver a notícia, compartilhar dela, estar no momento do fato. Quantos de nós, que trabalhamos com esporte, já tivemos de mudar um texto por causa daquela cesta no último segundo? E o gol que surge nos acréscimos de um jogo e faz a taça trocar de mãos? O toque na borda da piscina, a disputa de um tie-break, o golpe que surpreende. Não faltam situações. A emoção de uma cobertura esportiva é inigualável, seja ela em qual dimensão. Sempre veremos o homem buscando a superação de uma marca ou de si próprio, o aprimoramento; haverá alegria e tristeza, frustração, euforia, idolatria. E não há como não se envolver. (BOCAGE, 2004, p. 65).

Talvez seja mais fácil para o jornalista Sergio du Bocage assumir essa perspectiva de envolvimento com a notícia pois ele ocupa justamente a posição de comentarista esportivo, da qual, inclusive, se espera que a informação venha complementada por opiniões, apreciações e juízos de valor acerca do jogo, do lance, do atleta. Porém, no caso dos repórteres esportivos, tende a ser mais difícil para eles assumirem tamanha passionalidade, já que deontologicamente precisam se ancorar nos fundamentos da profissão, estes ainda tão distantes de qualquer linhagem subjetiva no trato da notícia.

Por outro lado, não há como negar que aspectos intrínsecos à subjetividade humana, como a paixão e a emoção, estão o tempo todo rondando a cobertura de esportes, de tal modo que é raro (ou até inexistente) em outras editorias. Por isso, mesmo os editores mais céticos já reconhecem a certa liberdade editorial que paira sobre o caderno de esportes, inclusive admitindo eventuais “riscos de passionalidade” no texto do repórter e, sobretudo, do cronista esportivo. Isso porque, conforme explica Gastaldo (2002, p. 01), o fato de “um cronista esportivo ‘torcer’ por um time em seu texto é muito menos problemático do que um editor de política ‘torcer’ por um candidato ou partido, por exemplo”.

Sob a ótica construcionista da notícia, esses profissionais, independentemente do lugar de fala – espaço informativo ou

opinativo, assumiriam a função de narradores do acontecimento, cientes de que os relatos jornalísticos cumprem um importante papel na construção da realidade, sendo impossível, no entanto, transmiti-la exatamente em sua essência. Se, nessa perspectiva, “a notícia, através dos seus enquadramentos, oferece definições da realidade social; conta ‘estórias’” (TUCHMAN, 1976, p. 94), pode-se dizer, então, que editores, cronistas, colunistas, comentaristas e, principalmente, os repórteres, enquanto contam as histórias<sup>14</sup> do universo esportivo, dimensionam aspectos do mundo real, propondo variados pontos de vista e cativando (ou não) os leitores, ouvintes, telespectadores e internautas.

Para tanto, o narrador delimita os pormenores de cada história, ou seja, o jornalista é quem decide como o fato será contado. É ele quem seleciona as partes que entrarão na narrativa e as que ficarão de fora, sem que, para isso, precise abdicar de sua bagagem sociocultural e visão própria de mundo. Logo, segundo afirma José Marques de Melo (2006, p. 56), “a atividade jornalística é eminentemente ideológica. Apreender os fatos e relatá-los por intermédio de veículos de difusão coletiva significa, nada mais, nada menos, que projetar visões de mundo. E é exatamente isso que os jornalistas fazem cotidianamente.”. A própria linguagem, para Traquina (2005, p. 169), “não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível”.

Nos cadernos esportivos, contudo, o peso dessa bagagem costuma ser maior, interferindo de forma mais incisiva na construção da notícia, justamente por conta da liberdade editorial típica de uma editoria onde os jornalistas muitas vezes estão lidando com suas próprias paixões e com um público igualmente apaixonado e entendido do assunto, o que pode pôr em xeque a credibilidade do profissional, conforme ponderam os professores Elias Awad (2005) e Luciano Maluly (2010), sobretudo no tocante ao futebol:

O futebol é um assunto de domínio público e que não permite erros. Dificilmente ele dá uma

---

<sup>14</sup> Embora a palavra “estória” esteja contemplada nos dicionários e no vocabulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras enquanto vocábulo associado à narração de fatos ficcionais, para efeitos de pesquisa, prioriza-se aqui o termo “história”, que está gramaticalmente associado à narração de fatos reais. Nesta pesquisa, encontra-se o termo “estória” somente quando em referência a autores específicos que utilizam o vocábulo com essa grafia.

segunda chance a quem erra. O nível de entendimento do assunto por parte dos receptores das informações é tão alto que os erros interferem diretamente na credibilidade do jornalista. Com o erro, deixa-se de inspirar confiança, segurança em quem passa a informação. (AWAD, 2005, p. 53).

O torcedor fica atento ao universo da mídia. A proposta é a integração pela notícia. Neste caso, as informações precisam ser fresquinhas, justamente, para alimentar o indivíduo que “sabe das coisas e acerta o resultado”. O sujeito está super informado e se destaca onde quer que esteja, no botequim ou no trabalho. O torcedor manja (é craque) sobre os esportes (da mídia). É o personagem central quando os jornalistas e os colegas falam a sua (e a mesma) língua. (MALULY, 2010, p. 01).

É aí que o leitor também assume um importante papel na interface comunicativa, o que torna ainda mais desafiador o ofício do jornalista que, por um lado, involuntariamente transparece sua subjetividade no texto e, por outro, intencionalmente se ancora no “ritual estratégico da objetividade” (TUCHMAN, 1993) a fim de se proteger das eventuais críticas da audiência.

Para os jornalistas, como para os cientistas sociais, o termo “objetividade” funciona como um baluarte entre eles e os críticos. Atacados devido a uma controversa apresentação de “fatos”, os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos. (TUCHMAN, 1993, p. 75).

Ainda que não seja a intenção desta pesquisa estudar as relações do jornalismo esportivo com seus consumidores, cabe ponderar que, na proposta do jornalista contador de histórias, Motta (2004, p. 04) sugere que as interpretações das narrativas devam ficar a cargo do público que as consome: “o narrador procura se distanciar e deixar as conclusões éticas, morais e políticas para os leitores e ouvintes”. Inclusive, para esse autor, são raros os casos em que o jornalista assume a figura de narrador, afastando-se da narrativa tradicional, isto é, da precisão dos fatos relatados. “Salvo exceções, o jornalista não pretende contar

histórias (sejam elas realistas ou ficcionais), quer apenas descrever fatos tal como ocorridos na realidade.” (MOTTA, 2004, p. 04). Mas, talvez, essa perspectiva não se aplique tanto ao jornalismo esportivo, que tem justamente na crônica esportiva – enquanto gênero essencialmente opinativo e narrativo – um de seus filões mais emblemáticos.

No entanto, é preciso deixar claro que existem certas demarcações entre informação e opinião no jornalismo. E é esse o ponto aonde se quer chegar com este tópico. A figura do narrador que “conta estórias”, por exemplo, se faz muito mais presente nos gêneros opinativos – crônicas, comentários, colunas ou editoriais – do que nos gêneros predominantemente informativos, como a notícia e a reportagem, até porque, “no caso do cronista esportivo, mais vale uma boa ideia do que uma grande notícia” (CALAZANS, 2004, p. 47). Esse argumento do jornalista Fernando Calazans, do Jornal *O Globo* e do canal *ESPN*, ilustra bem o raciocínio.

A reportagem, por sua vez, assume um papel característico nesse patamar: não é um mero relato dos fatos noticiosos, mas também não chega a explicitar pontos de vista próprios do jornalista ou da respectiva instituição acerca do que está sendo reportado. Embasando essa perspectiva, Sousa (2001, p. 231-232) afirma que “enquanto gênero jornalístico, a notícia é, essencialmente, um pequeno enunciado reportativo, um discurso sobre um acontecimento recente. [...] É o gênero básico do jornalismo.” Já a reportagem se configuraria como um “gênero híbrido”, que busca elementos extras para elucidar o leitor, com o objetivo de “informar com profundidade e exaustividade, contando uma história” (SOUSA, 2001, p. 259).

O autor prossegue: “Escrever uma reportagem é, antes de mais, contar uma história. [...] Pode ser a história de uma vida, a história de um acontecimento, a história de um lugar, a história de uma viagem. Mas não deixa de ser uma história.” (SOUSA, 2001, p. 263). E por que não a história de um jogo de futebol ou qualquer outro evento esportivo? Afinal, mesmo que o placar já revele o fim da trama, sempre haverá muitas histórias por trás de cada partida. E, “dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna.” (TUCHMAN *apud* TRAQUINA, 2005, p. 169). Nesse âmbito, vale ressaltar o alerta de Sousa (2001, p. 14) para que os jornalistas não se aproveitem de sua condição de contadores de histórias na intenção de ascenderem ao estrelato: “se informar é o

principal objetivo de um jornal, as notícias são mais importantes do que os jornalistas”.

Há reportagens que vivem da visão pessoal do jornalista, necessariamente impressionista e subjetiva, e do relato das suas vicissitudes na recolha da informação. Há notícias que vivem da análise arguta dos acontecimentos e das problemáticas. Mas os jornalistas não devem substituir-se às temáticas que abordam. O centro de uma peça jornalística deve ser a sua temática, não o jornalista. (SOUSA, 2001, p. 14).

Trazendo essa ótica para o universo das editorias esportivas, o professor Nilson Lage (2001), estudioso da reportagem especializada, alerta-nos para a proposta de que, assim como a política, a cobertura esportiva não deve ser um mero relato noticioso dos fatos, afinal, “cada acontecimento pressupõe algo exterior a ele e que lhe dá sentido” (LAGE, 2001, p. 115). Assim sendo, os conteúdos do caderno de esporte não podem se limitar *arankings*, estatísticas ou ao resultado das partidas em si. O jornalista e escritor Sergio Vilas Boas (2005) concorda com esse raciocínio e o complementa, argumentando que o esporte é muito mais do que um jogo. “Envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis, polêmicas e necessárias que o jornalista poderia costurar para não se ater somente à questão da disputa.” (VILAS BOAS, 2005, p. 8).

Jogando no mesmo time, alguns representantes do jornalismo esportivo na teoria ou na prática endossam o coro: o professor espanhol Antonio Alcoba Lopez (2005), por exemplo, afirma que o jornalista esportivo já não é mais um simples narrador dos fatos, “e sim um comunicador com responsabilidade não somente de levar a informação para seu público, mas, também, de ir além dos aspectos próprios da notícia esportiva, buscando relacioná-la a outras questões concretas e interessantes”<sup>15</sup> (LOPEZ, 2005, p. 43). Dentre os representantes brasileiros, Luciano Maluly (2010, p. 02) garante que “é possível fazer um texto solto, recontar (e modificar) a história pelos detalhes, como os observados nos movimentos e habilidades, e não apenas descrever o resultado”. Para Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006, p. 21), é preciso ter consciência de que “reportagem não é apenas notificação de

---

<sup>15</sup> Tradução nossa.

um fato. É necessário o detalhamento, a escolha de um ângulo ainda não explorado, procurar descobrir o possível impacto daquelas informações no tema tratado.”.

Paulo Vinícius Coelho (2003, p. 41) ressalta que o mais importante é “saber construir uma boa história, priorizar a informação, ter noção exata de qual é o lide da matéria que está por nascer e o encadeamento de ideias para tornar a história suficientemente atraente. Tudo isso é bom jornalismo.”. Mauro Betting (2005), contudo, alerta que essa tarefa exige certo talento, mas que isso não exige o jornalista de buscar se aprimorar a cada cobertura:

Sair da ladainha pede um pouco mais de entendimento. “Determinação”, diriam os entendidos. O futebol se envolve em campo, mas não apenas na hora do jogo. Se os times passam a semana treinando, aprimorando fundamentos, ensaiando lances, executando estratégias, estudando os adversários, por que a imprensa não pode e não deve fazer o mesmo? (BETTING, 2005, p. 16).

Porém, ainda que essa tarefa seja constantemente associada aos repórteres, é no campo opinativo que as angulações complementares da pauta esportiva costumam aparecer com mais frequência e veemência. Isso porque, nesse lugar de fala liderado pelas crônicas e comentários, pressupõe-se que os fundamentos da profissão atuem mais no sentido literal da palavra, de fundamentar e alicerçar o trabalho do jornalista, ao contrário do campo informativo, onde tais fatores – a constante busca pela verdade, objetividade e imparcialidade – são vistos não como fundamentos, mas, sim, como mandamentos. E isso, muitas vezes, impede o profissional de ir além da obviedade do fato, sob o risco de comprometer algum princípio sagrado do jornalismo, tornando-se um jornalista que peca pela falta de ética, equilíbrio ou isenção.

Para embasar esse raciocínio, serão descritas, a seguir, características intrínsecas às funções básicas de jornalistas esportivos no terreno da opinião (cronistas e comentaristas) e da informação (repórteres), na intenção de ressaltar as particularidades de cada área de atuação e o modo como esses profissionais lidam com os fundamentos do jornalismo. Começando pela crônica, caracterizada por Antonio Candido (1992) como um dos poucos gêneros literários tipicamente brasileiros e, igualmente, por José Marques de Melo (2006, p. 70) como

um gênero opinativo de “contornos brasileiríssimos”, não há como negar seu caráter subjetivo, visto que, nesse tipo de relato, os jornalistas acrescentam suas impressões pessoais aos acontecimentos a fim de dar aos receptores ingredientes extras que lhes ajudem a melhor julgar e interpretar os fatos cotidianos, muitas vezes valendo-se do lirismo ou do humor para incrementar seu estilo narrativo.

Candido (1992) ilustra esse conceito definindo a crônica como um gênero que mescla literatura, jornalismo, vida social e cotidiana, sem a necessidade de um compromisso mais perene com a realidade. Contudo, esse certo grau de imprecisão e a subjetividade inerentes à crônica tradicional brasileira não a excluem do quadro de produtos de natureza essencialmente jornalística, sobretudo porque o gênero cumpre os requisitos básicos do jornalismo que, como explica Melo (2006, p. 201), são atualidade, oportunidade e difusão coletiva: “produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística”.

Ademais do lirismo que o cronista empresta ao resgate de nuances do cotidiano, sua matéria contém ingredientes de crítica social, donde seu caráter é nitidamente opinativo. É o palpite descompromissado do cronista, fazendo da notícia do jornal o seu ponto de partida, que dá ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos nem sempre revelada claramente pelos repórteres ou pelos articulistas. Daí o fascínio que a crônica exerce em relação ao público leitor, constituindo um gênero que permanece cultivado e sempre renovado no Brasil. (MELO, 2006, p. 203).

Quanto à crônica de esportes em si, cabe fazer o adendo de que o assunto vem permeando esta pesquisa desde o seu primeiro tópico, embora não seja o foco central do estudo. Entretanto, faz-se necessário retomá-la neste item, já que a discussão aqui proposta envolve diretamente a questão dos gêneros opinativos e informativos no jornalismo. Inclusive, é de autoria do escritor e cronista Carlos Drummond de Andrade o excerto seguinte, que liricamente insinua o dilema entre opinião e informação esportiva: “bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o

inexplicável e racionalizar a loucura”<sup>16</sup>. Racionalizar a loucura seria, portanto, a árdua tarefa dos repórteres que cobrem futebol – considerando-se seu papel de informar com exatidão sobre o mundo da bola –, enquanto os cronistas poderiam opinar sem o peso dos fundamentos jornalísticos, muitas vezes, utilizando-se dos acontecimentos esportivos como fontes de inspiração para contextualizar os dilemas cotidianos.

Como apontado no primeiro tópico, a crônica enquanto gênero opinativo já estava consagrada antes mesmo da consolidação do jornalismo esportivo, sem necessariamente precisar se atrelar a alguma editoria específica. Porém, não há como negar que foi no esporte – ou nitidamente no futebol – que o gênero cultivou um de seus terrenos mais frutíferos, como lembra o professor e jornalista esportivo José Eduardo de Carvalho:

A crônica, esta sim, já tinha uma história, que corria numa frequência paralela à do jornalismo esportivo, mas quase toda voltada ao futebol, desde as incursões de Oswald de Andrade até chegar a Antonio de Alcântara Machado, Paulo Mendes Campos, Vinicius de Moraes e, mais tarde, a João Ubaldo Ribeiro e Chico Buarque, para citar uns poucos. (CARVALHO, 2005, p. 61).

E se o professor se atém a alguns poucos autores que, jornalistas ou não, se aventuraram na crônica esportiva, vale reforçar esse time com a lista elaborada por Capraro (2007), contendo nomes que, fosse na literatura ou no jornalismo, dedicaram-se a escrever crônicas de futebol. Note-se que Alcântara Machado e Paulo Mendes Campos reaparecem na lista de Capraro, assim como outras referências que foram destaque no tópico anterior desta pesquisa.

José de Alencar, Rubem Braga, Machado de Assis, Raquel de Queiroz, Luis Fernando Verissimo, Mário de Andrade, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Paulo Barreto (João do Rio),

---

<sup>16</sup> Trecho da crônica *Sermão da planície (para não ser escutado)*, de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em <<http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2014/06/sermao-da-planicie-para-nao-ser-escutado-539139.-html>>. Acesso em 14 abr. 2018.

Graciliano Ramos, Coelho Netto, Rui Barbosa, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Amado, João Saldanha, Ferreira Gullar, Nelson Rodrigues, Paulo Mendes Campos, Monteiro Lobato, Mário Rodrigues Filho, José Lins do Rego, Alcântara Machado, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Armando Nogueira são alguns exemplos de literatos que escreveram (alguns ainda escrevem) regularmente crônicas em periódicos brasileiros. Dentre eles, somente poucos – como Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira e João Saldanha – tinham como seu gênero exclusivo ou principal a crônica. (CAPRARO, 2007, p. 36).

Na apresentação do livro *Jornalismo Esportivo: os craques da emoção* (2004), organizado pela secretaria de esportes do Rio de Janeiro, a secretária de comunicação social à época, Ágata Messina, ancora-se aos expoentes clássicos da crônica esportiva carioca – Mário Filho e Nelson Rodrigues – para adjetivar as crônicas de futebol como “verdadeiras peças de literatura”, em mais um paralelo entre a precisão dos acontecimentos e a imprecisão do lirismo: “a paixão com que escreviam lhes fazia cometer, às vezes, o pecado da imprecisão. Mas o resultado final compensava o pecado” (MESSINA, 2004, p. 5).

Se, nas perspectivas do que vem sendo aqui discutido, os gêneros opinativos admitem certa dose de imprecisão, é crucial ressaltar um gênero muito comum no jornalismo esportivo que, apesar do caráter opinativo, exige extrema acurácia em seu trato: o comentário. Para José Marques de Melo (2003, p. 115), o comentário é um gênero narrativo bastante específico, pois “vem junto com a própria notícia. Por isso é difícil de ser realizado, exigindo muita argúcia no sentido de evitar prognósticos não confirmáveis”. Ainda de acordo com Melo (2003), o jornalista responsável por comentar um fato precisa estar muito atento para perceber de imediato os aspectos que transcendem os acontecimentos, julgando-os com rapidez e prevendo seus desdobramentos. Ou seja, ao contrário do que o próprio autor afirma sobre o cronista, o comentarista não é um “palpiteiro” descompromissado.

Por conta desse desafio, “raramente o comentário é conclusivo. Arriscar uma conclusão é perigoso, já que se torna exíguo o tempo que tem o comentarista entre a ocorrência e sua apreciação” (MELO, 2003, p. 116). Nessa ótica, pode-se dizer que o comentário vai além da notícia,

ao mesmo tempo em que ocorre simultaneamente a ela, explicando seu alcance, circunstâncias e consequências. A opinião do comentarista, observa Melo (2003, p. 115), nem sempre é explícita, sendo o seu julgamento “percebido pelo raciocínio que utiliza, pelos rumos da sua argumentação”. Por isso, ainda que seja improvável chegar a um julgamento conclusivo no momento exato do comentário, “as conclusões vão emergindo naturalmente como consequência dos julgamentos anteriores” (MELO, 2003, p. 116).

Contudo, o comentarista não é um julgador partidário, alguém que faz proselitismo ou doutrinação. É um analista que aprecia os fatos, estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas procura manter, até onde é possível, um distanciamento das ocorrências. Isso não quer dizer que seja neutro. Ao contrário, trata-se de um profissional participante, que possui opinião própria, mas atua como agente da notícia e não procura exercer sua função para extrair vantagens posteriores (cargos públicos/ascensão política). Em síntese, assume-se como juiz da coisa pública. Orienta sem impor. Orienta sem paixão. Conduz sem se alinhar. (MELO, 2003, p. 112).

Pelo nível de exigência do cargo, o comentarista tende a ser um profissional que reúne conhecimento, especialização e experiência, além de uma farta bagagem cultural que lhe permite emitir juízos credíveis, atuando como um verdadeiro líder de opinião e como um ponto de referência para os receptores, independentemente do tema comentado. Melo (2003, p. 116-117) é categórico ao dizer que não existe comentarista de assuntos gerais: “cada jornalista acumula experiência e conhecimento num setor (política, economia, esportes) e se dedica a discernir a evolução do que acontece”. Até porque, “sem dispor de dados concretos e de referencial analítico, o comentário corre o perigo de cair no vazio e fraudar o receptor. Afinal de contas, quem recorre ao comentário quer dispor de uma bússola para entender a contemporaneidade.” (MELO, 2003, p. 117). Todavia, o autor faz um adendo quanto ao território esportivo, o qual considera um terreno mais livre (ou, simplesmente, livre) para o ofício do comentarista:

O campo que se afigura livre para o comentário é o dos esportes, não apenas pela coincidência da

valorização do futebol como válvula de escape nacional, mas pela liberdade de atuação de que gozam os jornalistas esportivos para emitir conceitos e sugerir julgamentos. O comentário esportivo floresce nos jornais, revistas especializadas e ganha enorme importância no rádio. Sua presença na televisão torna-se imprescindível nos momentos em que as disputas interclubes atingem seu auge, sobretudo para atender ao anseio de compreensão da cena esportiva pelo receptor que não é aficionado daquela modalidade de esporte. (MELO, 2003, p. 118-119).

Assim como acontece no espaço informativo dos jornais, nos gêneros opinativos novamente percebe-se a tendência dos pesquisadores – embasados no que lhes transparece o fazer-notícias nos cadernos esportivos – em considerar esta editoria como um campo mais livre para a prática jornalística. Mas, se mesmo cientes dessa liberdade editorial, os teóricos preconizam a necessidade de conhecimento, especialização e experiência para a atividade do comentarista, na prática nem sempre esses quesitos são respeitados. Taxativo, o jornalista esportivo Mauro Betting (2005, p. 16) aponta: “qualquer bípede pode comentar futebol no Brasil. Basta dizer que futebol é uma caixinha de surpresas.”. Ele ironiza a ausência de cancha dos comentaristas esportivos brasileiros, que, normalmente, se preocupam em comentar somente o resultado do jogo, recorrendo a frases feitas, descrições óbvias e palpites triviais, em vez de se aprofundarem nos desdobramentos do episódio.

Só o jogador pode chutar, o jornalista não. Especialmente o comentarista. Não são poucos os que chegam às cabines e se esquecem de tudo que aprenderam e camelaram. Jogam a descrição para a língua do narrador, e as informações para as costas do repórter. A rainha da Inglaterra da transmissão só comenta o lance acabado. E olhe lá. Não raro pergunta ao repórter, ao vivo: “Neto Júnior: quem é esse Genilson Baiano que vai entrar aí no Grêmio? Onde joga? Quem é esse cara que eu nunca vi mais gordo?”. E o Genilson Baiano joga no Grêmio. Imagine se fosse num time de menor projeção. (BETING, 2005, p. 22).

Para acabar com a figura do “comentarista de resultado”, Beting (2005) sugere que esses profissionais busquem maneiras de contextualizar melhor o lance, o que poderia ser feito a partir de perspectivas históricas, assuntos extracampo, pesquisas aprofundadas e boa articulação com as fontes. Segundo ele, a presença dos comentaristas nos treinamentos das equipes, por exemplo, o que ainda é uma iniciativa rara, já seria bastante válida para auxiliar no exercício da função. No entanto, até mesmo os repórteres setoristas – que obrigatoriamente acompanham os treinos – não se valem da importância desse olhar. “Não raro ficam de costas para os treinamentos e para os coletivos dos times. Não veem as movimentações, as alterações táticas. Ou, quando veem, não enxergam. Não prestam atenção.” (BETING, 2005, p. 16).

Beting (2005) concorda que, sobretudo no futebol, o que mais importa é o placar, porém, isso não pode ser desculpa para o comentarista se abster das demais questões que envolvem a partida. “A tática de um jogo e de um time não é interessante. Mas é importante. É função básica da imprensa tornar interessantes os assuntos importantes. Como a tática de um jogo; como as jogadas de bastidores e as cartolices dos donos das bolas.” (BETING, 2005, p. 17). E ele não exime o público de sua parcela de culpa nesse processo, alegando que o receptor também não se atém às questões táticas da partida: “o público não dá a menor pelota se o Corinthians jogou num 4-3-1-2, se os alas do Cruzeiro estão muito recuados, e se o Boca Juniors varia do 3-3-2-2 para um 3-4-1-2 com os mesmos jogadores” (BETING, 2005, p. 17). Mas aí cabe a reflexão: será que o problema é o público, que realmente não se interessa, ou o comentarista, que não se dedica a tornar interessante a questão?

É justamente na tentativa de tornar mais interessantes e credíveis as opiniões dos comentaristas, que muitas instituições jornalísticas – principalmente as emissoras de TV – vêm deixando essa função a cargo de ex-jogadores. Essa é uma medida válida ao se considerar que, nem sempre, o jornalista diplomado possui a especialização técnica ideal para comentar com argúcia os eventos esportivos, sobretudo quando se tratam de outras modalidades que não o futebol. Os ex-atletas, por sua vez, tendem a ter total domínio sobre o assunto, como as regras daquele esporte, as noções táticas do jogo, as estratégias utilizadas, entre outros aspectos necessários para fazer um comentário pertinente sem subestimar o público. “A presença do ex-jogador é importantíssima. Ele pode dar versões e reflexões de quem esteve lá. Sabe porque soube.

Mas, claro, desde que possa acrescentar algo ao blábláblá de costume.” (BETING, 2005, p. 37).

Por outro lado, pouco adianta contar com a opinião especializada do ex-atleta se ele não tiver o mínimo de desenvoltura com as câmeras e os microfones: “só ter sido craque não basta. E nem precisa ter jogado um bolão. Basta se comunicar bem, e entender do riscado e do jogado.” (BETING, 2005, p. 37). No caso de uma transmissão esportiva, Beting (2005) afirma que o ideal é fazer o que raramente se faz: mesclar, no mínimo, a opinião de um comentarista ex-jogador e um comentarista-jornalista, podendo considerar, também, as incursões do narrador-âncora, de modo a oferecer aos receptores visões plurais e substanciosas sobre o evento.

Um jornalista-comentarista analisa o jogo dando o outro lado do espetáculo, a informação qualificada, a estatística da partida, os dados que o boleirão não tem porque não quer ter, sob a luz e a inspiração da ética jornalística, dos comprometimentos com os dois lados (times) da questão; do outro lado, o ex-jogador-comentarista mostra o jogo que poucos veem, e dá os pitacos técnicos, táticos e psicológicos de quem sabe por ter estado lá. (BETING, 2005, p. 38).

Entretanto, após dar a receita para comentários bem-sucedidos nas transmissões esportivas, Beting (2005), em mais um de seus alertas taxativos, adverte que a “dobradinha” jornalista/ex-jogador deve se ater predominantemente ao plano esportivo, sob o risco de o comentário tomar dimensões que nada tenham a ver com o tema tratado, espetacularizando a notícia – no mau sentido da expressão – e prestando um desserviço ao espectador:

O fenômeno ganha ainda mais corpo durante as Copas do Mundo. Velhos craques e outros apenas idosos ganham a mídia e os 15 dias de aparição. A reboque, estrelas da música, gente de mídia ou que faz mídia com os donos da moda também aparecem para comentar futebol, a Copa, a moda, a culinária... o “evento como espetáculo em nível de show a título de manifestação pós-moderna”. Entendeu? Eu, não. E eles, menos ainda. (BETING, 2005, p. 38).

Se, mesmo nos gêneros opinativos, é preciso ter cuidado para não espetacularizar os acontecimentos, sob o risco de comprometer seu teor informativo, nos gêneros que se dedicam predominantemente à informação – notícias e reportagens –comprometê-la torna-se algo inadmissível. Nesse contexto, para balizar seu trabalho e proteger-se do risco e das eventuais críticas da audiência, os jornalistas se ancoram aos fundamentos básicos da profissão, sintetizados nesta pesquisa como a constante busca pela verdade, objetividade e imparcialidade dos fatos, que se desdobra nos conceitos de ética, equilíbrio e isenção. No entanto, embora essas grandezas sejam tratadas como absolutas nos manuais de redação e nas faculdades de jornalismo, é preciso relativizá-las.

Em seguida, cada uma delas será abordada conforme sua relação com as teorias jornalísticas e com a prática da cobertura esportiva, ressaltando as maneiras como os fundamentos da profissão atuam nessa editoria que, aparentemente, é mais informal e, portanto, menos rígida. A começar pelo conceito de verdade. Para Kovach e Rosenstiel (2004, p. 61), essa é, de fato, a “primeira obrigação do jornalismo”. “Vai chover amanhã? O trânsito está ruim hoje? O meu time ganhou? O que disse o presidente? Com efeito, a verdade cria uma sensação de segurança que se origina da percepção dos fatos e está na essência das notícias.”. Com isso, os autores ressaltam que o anseio do público por informações verdadeiras é a premissa básica em qualquer discussão que envolva o jornalismo.

Ainda segundo esses estudiosos, os conceitos de veracidade, precisão e exatidão – que derivam da verdade jornalística – começaram a ganhar força com o nascimento da teoria democrática e com a consolidação da imprensa moderna nas primeiras décadas do século XX. Tais conceitos, inclusive, serviram como atributos nas primeiras tentativas do marketing jornalístico, onde periódicos de várias partes do mundo passaram a utilizar a palavra “verdade” (e derivados) em seus slogans para se mostrarem credíveis ao público, até mesmo os representantes da chamada imprensa marrom. Todavia, nesse mesmo contexto, os jornalistas já tinham consciência de que o conceito de verdade não é tão equacionável assim, a exemplo do clássico livro de Walter Lippmann (2004), *Opinião Pública*, originalmente lançado em 1922, onde o autor propõe uma clara distinção entre notícia e verdade, afirmando que o público conhece a realidade somente de forma indireta, por meio de imagens distorcidas e estereotipadas, formadas em suas cabeças a partir do conteúdo oferecido pela imprensa.

No entanto, é justamente por estarem cientes do caráter relativo da verdade jornalística, que os profissionais da área evitam discutir o

conceito, o que acaba nutrindo maior grau de desconfiança no público. “Seja sigilo ou inabilidade, a falha dos jornalistas em articular bem os fundamentos de seu ofício provoca desconfiança na população, levando-a a acreditar que a imprensa engana a si própria ou esconde alguma coisa.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 67). Na visão dos autores, essa questão poderia ser resolvida caso os jornalistas enxergassem o conceito em sua forma funcional, no exercício de “perseguir a verdade num sentido por meio do qual possamos funcionar no dia-a-dia” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 68), e não no sentido filosófico. Assim, a verdade jornalística seria entendida enquanto processo, na intenção de direcionar ao público o melhor entendimento das notícias, começando pelas primeiras matérias e se consolidando ao longo dos desdobramentos do fato.

O repórter sozinho não tem como se mexer muito além de um nível superficial de exatidão numa primeira matéria. Mas essa primeira matéria leva a uma segunda, na qual as fontes das notícias já responderam aos erros e omissões contidos na primeira, da segunda para a terceira, e assim por diante. Ou seja, o contexto vai sendo acrescentado em cada matéria nova. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 71).

Desse modo, nas perspectivas de Kovach e Rosenstiel (2004), em vez de relutar em definir a verdade, o jornalista deveria se ater a métodos que o auxiliem a persegui-la com mais consciência. “É como se eles pensassem que a verdade é alguma coisa que surge sozinha como o pão que cresce no forno. Em lugar de defender técnicas e métodos para encontrar a verdade, os jornalistas negam a existência desses recursos.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 67). Ou seja, de acordo com esses pesquisadores, já não basta dizer que é dever do jornalista procurar sempre a verdade. É preciso que eles encontrem, sim, as condições necessárias para alcançá-la, de modo a transmitir os fatos com mais credibilidade. Nesse âmbito, tais condições se resumiriam em uma palavra: verificação. Enquanto a verdade é a primeira obrigação dos jornalistas, “a essência do jornalismo é a disciplina da verificação.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 113).

Para os autores, é essa disciplina que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. Seu exercício consistiria, “entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um

fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 112). Tais práticas, além de permitir que o jornalista chegue o mais próximo possível da integridade do fato, contextualizariam melhor a notícia, favorecendo a interpretação de seu significado pelo público. Nesse raciocínio, não convém se apressar para dar a notícia em primeira mão, oferecendo poucos subsídios para o receptor tirar suas próprias conclusões acerca do acontecimento. O ideal é concentrar-se na apuração e, só então, passar ao estágio interpretativo.

É um erro passar ao estágio interpretativo antes de apurar o que de fato aconteceu. Em lugar de correr para acrescentar contexto e interpretação, a imprensa precisa se concentrar na síntese e na verificação. Que tire fora o rumor, a insinuação, o insignificante e engraçadinho e se concentre no que é verdadeiro e importante de uma história. À medida que os cidadãos encontram um grande fluxo de dados, eles precisam de mais – e não menos – fontes identificáveis para verificar aquela informação, apontando o que é mais importante para saber e descartando o que não é. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 77).

Contudo, nesse exercício de seleção dos dados, é inevitável que pese a subjetividade do jornalista, já que ele moldará a história de acordo com seus próprios enquadramentos e visões de mundo. Isso porque, conforme aponta Bucci (2000, p. 51), “a verdade dos fatos é sempre uma versão dos fatos. O relato, qualquer que seja ele, é um discurso e, como tal, é inevitavelmente ideológico.”. Em um nível mais filosófico, até mesmo Kovach e Rosenstiel (2004, p. 65) – que insistem na busca da verdade por meio da verificação – chegam a afirmar que ela “talvez nem mesmo exista, considerando que somos todos indivíduos subjetivos”.

Nesse âmbito, o conceito de verdade ganha dimensões extras, trazendo para a discussão aspectos éticos e deontológicos. O próprio Código de Ética da profissão sugere, em seu Art. 4º, que a busca pela verdade continua sendo o principal fundamento do jornalismo: “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. Nas editorias esportivas, contudo, nota-se a importância de se complementar o conceito de verdade jornalística

para além do que está proposto no Código de Ética, pois, na cobertura de uma partida de futebol, por exemplo, a verdade dos fatos pode ser tanto aquela absoluta e inquestionável – regulada pelo placar do jogo em si – como a que se relativiza diante do público –, os bastidores da partida, os protagonistas e antagonistas em campo, os aplausos ou vaias da torcida etc. – ambas as quais cabe ao jornalista investigar e transmitir a quem for de interesse.

Coelho (2003, p. 22) ilustra bem o raciocínio ao dizer que “a noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção da realidade.” Para enfrentar esse embate ético que coloca em disputa a verdade dos fatos, a subjetividade do jornalista e a relativização do acontecimento esportivo, Lopez (2005), Carvalho (2005) e Beting (2005) insinuam o caminho:

Como qualquer jornalista, o especialista em esportes deve ser condizente com o código ético e deontológico da profissão, através do qual sua imparcialidade é reconhecida. Pela grande dimensão que seus comentários alcançam, ele é obrigado a se responsabilizar quanto à verdade do que está divulgando, independentemente da carga subjetiva que possa carregar.<sup>17</sup> (LOPEZ, 2005, p. 45).

Para a tarefa, agora, de sair dessa encruzilhada e encontrar um discurso mais atraente, a imprensa esportiva ainda tem uma arma poderosa – o inabalável fascínio exercido pelo esporte –, mas restou uma só opção ideológica: parar de conversar consigo mesma e redescobrir que a verdade está baseada na verificação, não na repetição. (CARVALHO, 2005, p. 74).

Mas nós, jornalistas que somos, apenas refletimos o mundo que vemos e vivemos. É a função da imprensa. A de buscar a melhor versão possível dos fatos. E não procurar o Graal da Verdade. O que é a Verdade? Cada um tem a sua. Mas a imprensa adora adotar um Manual de Verdades

---

<sup>17</sup> Tradução nossa.

Supremas e Indiscutíveis da Redação. Em especial, a nossa raça futebolística. Desconfie sempre de quem diz “a grande verdade é que...”. Esse é um baita de um enorme de um grande mentiroso. Ainda mais em um esporte em que você pode chutar trocentas bolas a gol e perder a partida para um time que não deu uma finalização sequer. A grande verdade é que não existe uma verdade. (BETING, 2005, p. 14).

Independentemente da editoria, Bucci (2000) concorda que não existe uma verdade definitiva no jornalismo, no entanto, salienta que “é preciso entregar ao público, pelo menos, alguma pista a mais. Do jornalista, deve-se esperar que ele procure a verdade, mas não só: deve-se esperar que ele faça um progresso, por mínimo que seja.” (BUCCI, 2000, p. 51), desde que esse progresso não se caracterize por deslizos éticos do profissional. Até porque, na visão do autor, o cidadão comum tem discernimento o suficiente para questionar tanto os desvios éticos quanto técnicos da profissão: “ele sabe que uma mentira é uma mentira, sabe que um plágio é um plágio – e sabe também que mentir ou plagiar são práticas abjetas. A ética e a técnica do jornalismo estão na dimensão do homem comum – longe dele, elas se perdem.” (BUCCI, 2000, p. 48-49).

Nessa esfera, é preciso reafirmar que tais atributos, perceptíveis pelos cidadãos comuns, são ainda mais transparentes em se tratando das editorias esportivas – seja por ser esse um assunto de domínio público, seja por ser essa uma editoria em potencial para o exercício da subjetividade do jornalista. Todavia, isso jamais deve se configurar como um pretexto para uma apuração mal feita que, além de comprometer a credibilidade do profissional, pode descaracterizar o fato ao ponto de torná-lo uma inverdade. No tocante à questão, Kovach e Rosenstiel (2001, p. 75) reforçam o alerta para que o “jornalismo da verificação” não seja esmagado pelo “jornalismo de afirmação”.

O pesquisador alemão Michael Kunczik (2002) também trata do princípio da verificação enquanto essência do jornalismo. Segundo ele, o objetivo dessa prática reside em “evitar que as notícias se distorçam e que os ‘jornalistas’ altamente qualificados utilizem suas habilidades técnicas para a manipulação” (KUNCZIK, 2002, p. 109). Esse princípio, ao exigir “que o jornalista respeite a verdade, informe cuidadosa e confiavelmente o público, verificando a fonte das notícias e corrigindo

as informações errôneas” (KUNCZIK, 2002, p. 109) é, segundo o autor, o que melhor viabiliza a legitimidade da informação.

Mas, para que o constante exercício de verificação funcione como uma ferramenta capaz de legitimar a ocorrência de um fato, tornando público seus desdobramentos, é necessário que esse exercício se apoie no rigor do método de apuração. Esse critério é elementar para garantir que a narrativa noticiosa não seja construída sob inverdades. Apurar com rigor, na visão de Cornu (1999, p. 391), significa “ir ao fundo das investigações materialmente realizáveis, no tempo dado para essas pesquisas. É a recolha de todos os fatos confirmados disponíveis. É tudo que se opõe à falsificação, à deformação, à mentira.”.

Até porque, somente com uma apuração rigorosa, é possível dar ao receptor as bases que ele precisa para compreender e interpretar os fatos. Disso, depreende-se que é dever básico de todo jornalista “publicar unicamente informações cuja origem conhece, [...]; não suprimir informações essenciais; não alterar nem textos, nem documentos; retificar uma informação publicada que se revele inexata” (CORNU, 1999, p. 391). Dever este que, regulado pelo rigor de um método que se pretende objetivo e não intuitivo – culminou na institucionalização de contornos ambíguos para o conceito de objetividade desde sua apropriação pelo jornalismo, no contexto de profissionalização do ofício entre o final do século XIX e o início do século XX.

Àquela época, ser objetivo era condição precípua ao bom jornalista, sobretudo considerando-se que o conceito de objetividade aproximava-se muito do conceito de verdade – não no sentido da apuração dos fatos em si, mas, sim, como se a objetividade blindasse o relato noticioso contra qualquer interferência subjetiva. Porém, nas primeiras décadas do novo século, com a modernização do jornalismo e a sua consolidação como prática mercadológica, esse aspecto começou a mudar. Abandonou-se a ideia de que a objetividade pudesse ser entendida como o espelho da realidade. A própria noção de jornalismo enquanto espelho do real, inclusive, já havia caído em desuso muito antes, em decorrência das teorias construtivistas e organizacionais que passaram a justificar o caráter ideológico e industrial de produção das notícias no começo do século XX.

A partir de então, tomou-se a objetividade como um ideal inalcançável, pois, para conseguir ser objetivo no fazer-jornalístico moderno, o jornalista precisaria abdicar de toda a sua bagagem cultural, visões de mundo, ideologias e demais traços subjetivos de sua personalidade, características estas impossíveis de serem dele apartadas,

já que são frutos da condição humana. “Se, nos anos 1890, os jornalistas raramente duvidavam da possibilidade de escrever realisticamente, nos anos 1930 mesmo os jornalistas dedicados à objetividade reconheciam que a reportagem objetiva era, no fim de contas, uma meta fora do seu alcance.” (TRAQUINA, 2005, p. 138). Nesse âmbito, uma reportagem objetiva, de fato, deveria ser “desapaixonada, sem preconceitos, imparcial, isenta de sentimentalismo e conforme a realidade” (KUNCZKI, 2002, p. 227).

É desse contexto que, por sua vez, derivam os conceitos de imparcialidade, isenção, neutralidade e equilíbrio enquanto meros substitutos técnicos para a noção de relato jornalístico objetivo, funcionando como “mecanismos de defesa” (KUNCZKI, 2002, p. 261) ou “rituais estratégicos” (TUCHMAN, 1993, p. 90) para minimizar os riscos da atividade jornalística não apenas frente às eventuais críticas da audiência, mas, também, frente às pressões mercadológicas e inconveniências institucionais das rotinas produtivas. Contudo, esse embate teórico-prático em torno da objetividade poderia ter sido evitado se esse conceito, desde sua apropriação pelo jornalismo, fosse devidamente compreendido enquanto método, e não enquanto finalidade.

O equívoco por trás da definição do termo é o que Kovach e Rosenstiel (2004, p. 114) chamam de “significado perdido da objetividade”. Eles retomam os estudos de Lippmann (2004) para resgatar o que o autor quis dizer por objetividade, conceito que acabou sendo mal compreendido, como se os jornalistas devessem se blindar contra qualquer interferência subjetiva, quando, na verdade, Lippmann se referia à objetividade enquanto método científico, no estudo da prova e da verificação dos fatos. Ou seja, no conceito original, ele quis dizer que “o método é objetivo, não o jornalista. A chave estava na disciplina do ofício, não em sua finalidade.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 116).

Nesse raciocínio, uma apuração que não se baseia pelo rigor do método enquanto procedimento científico – checagem dos dados, legitimidade dos documentos, pluralidade das fontes etc. – estaria muito mais propensa a sofrer distorções (involuntárias ou não) por parte do jornalista e, conseqüentemente, mais vulnerável às críticas do público. Partindo dessa perspectiva, Traquina (2005, p. 162) afirma que “o filão de investigação em torno dos chamados estudos da parcialidade parte do princípio de que as notícias devem refletir a realidade sem distorção”. Isso significa que, a despeito das inevitáveis interferências subjetivas do jornalista no conteúdo noticioso, a questão está em saber se houve ou

não algum tipo de distorção que comprometa a veracidade ou a integridade do fato. E esse tipo de distorção – camuflada pela voz institucional da imparcialidade, da neutralidade e da isenção – estaria condicionado a falhas no método apurativo e, não, à subjetividade do jornalista.

Esse ponto tem algumas implicações importantes. Uma delas é que a voz imparcial utilizada por muitas empresas jornalísticas, aquele familiar, supostamente neutro estilo de redação das notícias não é um princípio fundamental do jornalismo. Ao contrário, é quase sempre um recurso oportunista que as empresas usam para destacar o fato de que produzem alguma coisa obtida por métodos objetivos. A segunda implicação é que essa voz neutra, sem uma disciplina de verificação, cria um verniz que esconde alguma coisa turva. Os jornalistas que selecionam as fontes para expressar o que na verdade é seu próprio ponto de vista, e depois usam a voz neutra para que tudo pareça bem objetivo, estão trapaceando. Isso prejudica a credibilidade da profissão ao fazê-la parecer sem princípios, desonesta e preconceituosa. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 117).

Essa voz, inclusive, já está tão arraigada nas instituições que até mesmo os próprios jornalistas, ainda que reconheçam tais fundamentos como inalcançáveis, valem-se deles para caracterizar seu fazer-jornalístico. Nas editorias esportivas, então, a mais passional de todas as áreas, existe uma necessidade constante de reforçar esses fundamentos. A intenção é justamente isentar de culpa o jornalista que, mesmo de maneira involuntária, acaba envolvendo-se sentimentalmente com a cobertura, visto que o evento, por si só, já carrega um misto de paixão e emoção intrínseco ao universo esportivo.

O que se pretende reforçar aqui é que essa relativização em torno dos fundamentos do jornalismo não deve interferir nos (rigorosos) métodos e técnicas de produção noticiosa, por mais desafiador que isso pareça ser, conforme assinalam os jornalistas esportivos Celso Unzelte (2009), Teixeira Heizer (2005) e Mauro Betting (2005): “a prática do (bom) jornalismo esportivo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas e de seus conceitos mais sagrados (e

consagrados), como a objetividade e a imparcialidade” (UNZELTE, 2009, p. 09); “entendi que o jornalismo praticado em outras áreas deveria obedecer aos rigores da técnica normativa de então. O sistema de lide e da pirâmide invertida certamente tinha sentido, até por uma questão de objetividade.” (HEIZER, 2005, p. 78); “o dever básico do jornalista é tentar ser imparcial e isento na mais parcial, subjetiva e passional área da imprensa. Tentar agradar gregos e corintianos é impossível [...] é como treinar o time da Samoa Ocidental para ganhar uma Copa do Mundo.” (BETING, 2005, p. 30).

Mesmo ciente do desafio da profissão e, particularmente, da editoria esportiva, Beting (2005) considera um privilégio cobrir esportes, sobretudo o futebol, paixão nacional. “Amo o que faço: sou pago para ver jogos de futebol. Sei de amigos que venderiam a mãe para fazer o que faço – pena que alguns coleguinhas vendam a alma ou se vendam para continuar no meio.” (BETING, 2005, p. 14). Unzelte (2009, p. 12), por sua vez, faz o contraponto: “só mesmo com uma dose maciça de paixão é possível trabalhar à noite e nos finais de semana em uma das áreas de menor valorização e remuneração da atividade jornalística”. Mas, se o salário não faz jus à função, o prestígio e a dimensão do cargo, porém, seguem inabaláveis, pelo menos na visão de Beting:

Falar de futebol no Brasil é como cobrir cinema nos Estados Unidos, como criticar artes plásticas na França em meados do século XIX, como ter um fanzine em Liverpool em 1962, como ser crítico gastronômico na Toscana. É um privilégio. [...] É um imenso prazer. E um gigantesco dever. Se o brasileiro soubesse de política, economia e cidadania o que sabe de Seleção Brasileira, Flamengo e Corinthians, certamente o Brasil seria outro. (BETING, 2005, p. 15).

No tocante a esse aspecto, Barbeiro e Rangel (2006) explicam que, justamente pelo fato de o futebol ser visto como diversão e entretenimento para a maioria dos brasileiros, é praticamente impossível relatá-lo com o nível de formalidade característico das demais editorias, até porque “a descontração, o bom humor, o sorriso não afrontam a credibilidade nem a seriedade do trabalho. É preciso ser isento, ético, exato, mas não carrancudo.” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 77). Para Heizer (2004, p. 78), essa linguagem própria do esporte, carregada de “seu componente mais saboroso, a emoção”, justifica-se pelas

próprias singularidades da pauta esportiva, que foge da previsibilidade da rotina. Unzelte (2009, p. 06) é ainda mais categórico: para ele, “a emoção é mesmo uma linguagem universal”.

Contudo, Juca Kfourri (2004, p. 09), outro expoente do jornalismo esportivo brasileiro, pondera: “é claro que é compreensível o tom emocional das transmissões, embora os exageros sejam demasiados, o que exacerba vitórias que, por um lado, não falam muito ao coração do torcedor e, por outro, aumentam a frustração por derrotas absolutamente normais”. E se posiciona: “entre a euforia e a depressão há um espaço enorme, exatamente o que permite o exercício do bom jornalismo” (KFOURI, 2004, p. 11). Elias Awad (2005, p. 45) eleva a discussão ao patamar da ética jornalística, questionando-se: “é ético exagerar na notícia?”.

É ético divulgar que encontrou algum jogador de futebol se divertindo e tomando bebida alcoólica numa casa noturna? É ético não divulgar que encontrou algum atleta se divertindo e tomando bebida alcoólica numa casa noturna? É ético divulgar quanto ganha um jogador? É ético omitir uma informação de determinado jogador, atleta ou dirigente em nome da amizade que o jornalista tem com ele? É ético ser amigo de jogador, técnico ou dirigente? É ético pedir camisa de clube para jogador? (AWAD, 2005, p. 45).

Essas perguntas, todas retóricas, insinuam que o jornalista faça uma autorreflexão toda vez que se encontrar diante de um dilema ético (ou puramente técnico) do jornalismo. Isso dialoga com as ponderações de Maluly (2010, p. 09): “negar um padrão é uma tarefa árdua, que envolve, antes de mais nada, um trabalho sobre o próprio jornalista. Não adianta querer transformar o jornalismo e o modo de relatar a notícia, se essa mudança não acontece primeiramente consigo mesmo.”. Em um questionamento igualmente retórico, o autor reflete:

Quais os princípios que regem o jornalismo esportivo brasileiro? Ser um mero divulgador de competições cheias de grana, que são promovidas pelas emissoras de televisão, como a Fórmula 1 e os campeonatos de futebol dominados por alguns clubes do futebol dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande Sul, ou ser

um espaço de debate sobre a política esportiva, que visa desenvolver o desporto e, com isso, a atividade física no Brasil? (MALULY, 2010, p. 8-9).

Talvez resida nessas perspectivas o maior desafio da profissão que, fundamentada pelo “significado perdido da objetividade”, pelo compromisso com a verdade e pelos princípios éticos que regem a atividade, sobrevive de apurar informações inéditas e condizentes com o interesse público, construindo histórias bem encadeadas e, por consequência, atraentes. Mas que, acima de tudo, ofereçam subsídios para estimular o pensamento crítico, o debate e a reflexão. Afinal, como bem assinala Coelho (2003, p. 115), “a única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte”.

### **1.3 Jornalismo x clubismo: jornalista esportivo pode falar para que time torce?**

Inconformado com a arbitragem da partida, o jornalista brasileiro teve sua foto publicada na primeira página de quase todos os jornais europeus por causa da atitude que tomou logo que a partida terminou: “Mr. Ellis nos roubou. Anulou um gol legítimo e marcou um pênalti contra nós que não existiu. O que ficou comprovado depois, quando foi expulso da FIFA por ser membro do Partido Comunista. Naqueles tempos, infelizmente, havia um conteúdo ideológico muito grande. Desci para o gramado para dar um tapa em Mr. Ellis. Só um tapa. Larguei o microfone e pulei o alambrado. Só que ao entrar no gramado um policial me derrubou. Me levantei e dei uma rasteira que o levantou uns dois metros. Os jogadores do Brasil correram para me socorrer e me levaram para o vestiário. No corredor do vestiário, nova briga. Aos socos e pontapés, húngaros e brasileiros quebraram o pau. Zezé Moreira, nosso técnico, deu uma chuteirada na cara do ministro dos esportes da Hungria. A verdade é que me arrependo profundamente pelo que fiz. Esqueci de minha condição de jornalista e passei a torcedor. Mas fui o primeiro brasileiro a

ser capa da revista Paris Match.” (RIBEIRO, 2007, p. 150).

O episódio acima, relatado por Ribeiro (2007) e protagonizado pelo jornalista esportivo Paulo Planet Buarque na Copa do Mundo de 1954 – em que a Hungria eliminou o Brasil em jogo polêmico – ilustra o quão tênue é a linha que divide estes dois potenciais adversários: de um lado, o ofício de jornalista; do outro, sua condição de torcedor. Sim, torcer para a Seleção Brasileira, todo brasileiro torce. Mas e quando os adversários são duas equipes locais, cada qual com seus torcedores – alguns na condição de jornalistas – e com uma mesma taça em disputa?

Durante muito tempo, essa discussão sequer era pautada, pois convencionou utilizar-se dos fundamentos do jornalismo – sobretudo a constante busca pela imparcialidade, objetividade e isenção – como um escudo para que os jornalistas esportivos realizassem seu trabalho resguardados da crítica do público. Todavia, os que se utilizam desse recurso apenas em legítima defesa se esquecem de outro fundamento que também está no cerne da profissão: o compromisso com a verdade – ou, pelo menos, com o mais próximo dela possível. E é justamente aí que reside o embate sobre o qual se intenta refletir nos próximos parágrafos: partindo do pressuposto de que o jornalista esportivo é, antes de tudo, um apaixonado por esportes – e que, como todo apaixonado, tem o seu time do coração – como omitir esse fato diante do público ou, pior, negligenciá-lo, caminhando em sentido oposto à verdade que tanto busca?

Para Unzelte (2009, p. 06), não há como ignorar essa paixão, pois, de alguma maneira, “o calor presente na disputa entre os atletas e nas preferências de cada torcedor parece ultrapassar os limites do gramado, da quadra, do tatame, da pista, das próprias arquibancadas, para refletir diretamente no trabalho de quem lida com o assunto”. No entanto, se não há como ignorá-la, é preciso aprender a lidar com ela. Até porque, ainda segundo o autor, “bons jornalistas podem se transformar em bons jornalistas esportivos, porém maus jornalistas serão sempre maus jornalistas, no esporte ou em qualquer outra editoria” (UNZELTE, 2009, p. 07). Um ponto positivo é que, atualmente, esse embate parece ser mais saudável do que aparenta.

Nas décadas de 1930 e 1940, por exemplo, no contexto da profissionalização do futebol – e do próprio jornalista –, assumir as preferências clubísticas era algo que se limitava ao universo das crônicas. Sendo assim, aos adeptos da nova profissão de jornalista esportivo coube institucionalizar, pouco a pouco, regras que pareciam

delinear suas condutas profissionais, todas tendo por princípio a isenção: “se o futebol brasileiro tornava-se profissional, a imprensa esportiva precisava acompanhar seus passos. Antes de tudo, teria de acabar com a figura do repórter ‘amigo de clube ou jogador’” (RIBEIRO, 2007, p. 85).

Hoje, contudo, é até cabível que possam existir amizades entre membros de clubes e da imprensa, desde que esses laços não respinguem sobre as notícias. Mais do que isso: atualmente, no *fair play* do campo do jornalismo esportivo, não é vergonhoso jogar limpo. Pelo contrário, é até admirável que os jornalistas abram o jogo quando perguntados para que time torcem, pelo menos assim defende Coelho (2003):

Vergonha para jornalista de qualquer área é não declarar sua preferência. Jornalista político tem o direito e o dever de votar. O fato de ter de comportar-se com isenção no período eleitoral não o obriga a anular seu voto. Da mesma forma, jornalista esportivo não deve nunca se envergonhar de torcer por essa ou por aquela equipe. Vergonha, para jornalista, é equivocar-se na informação, coisa comum quando se trata de apuração. Mas mentir sobre uma coisa que diz respeito à sua própria vida é esquecer-se do maior compromisso do jornalista: o compromisso com a verdade. Minha opinião: não dizer o time nunca, a não ser quando perguntado. Nesse caso, dar a informação certa, verdadeira. Dever, afinal, de todo jornalista. (COELHO, 2003, p. 59).

Unzelte (2009) concorda com Coelho e, inclusive, insinua que os jornalistas esportivos devessem dar menos peso a esse falso dilema, “pois o problema todo não reside no fato de se ter ou não um time para torcer, mas, sim, de manter sempre a autocrítica, para que isso jamais atrapalhe o bom andamento do seu trabalho” (UNZELTE, 2009, p. 13). Jogando no mesmo time, estão outros dois consagrados jornalistas citados por Unzelte (2009): o saudoso botafoguense Armando Nogueira, convicto de que “cronista não só pode como deve torcer” – e também de sua célebre frase “aquele que não tiver time tem de ser setorista de ensaio de ópera” – e o palmeirense Mauro Beting, que se descreve como “um palmeirense jornalista, não um jornalista palmeirense”, e ainda

sugere o caminho da vitória: “o jornalista pode torcer por um time, mas não pode distorcer por ele” (BETING, 2005, p. 13).

Eis o ponto: não é preciso reforçar que se torce por determinado time. Nem é preciso negar. Reforçar poderá dar a impressão de que o comentário não é isento. Fulano só disse isso porque torce para tal time. Sicrano só disse aquilo porque prefere essa equipe. Não reforçar pode significar não dizer no ar, mas dar explicações fora da telinha. Bobagem tão grande quanto o jornalista que insiste em esconder o time pelo qual torce. Ele pode perder credibilidade por não divulgar aquilo que sabe desde criança: seu time do coração. (COELHO, 2003, p. 58).

Barbeiro e Rangel (2006) consideram que a postura de os jornalistas esportivos assumirem suas preferências clubísticas é um fenômeno recente, alertando que essa preocupação não se limita aos profissionais da imprensa. Afinal, o torcedor também está interessado em saber para qual time o jornalista torce. “Havia uma postura antiga que ninguém declarava jamais para quem torcia, ainda que demonstrasse isso em suas reportagens e alguns até trabalhavam em assessorias de imprensa de clubes” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 82). Segundo os autores, o jornalista esportivo pioneiro nessa busca pela transparência foi Juca Kfoury, que “teve a coragem e a honradez de não esconder de ninguém que é corintiano”. A menção honrosa por trás dessa declaração se deve ao fato de que “com a transparência, o público pode ficar mais atento e cobrar isenção” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 82).

Contudo, Coelho (2003) pondera que essas declarações clubísticas são menos honrosas em São Paulo do que, por exemplo, no Rio de Janeiro, onde é comum saber o time da maioria dos cronistas. Ainda que Coelho (2003) se refira ao gênero opinativo, o excerto a seguir, que ilustra um episódio estrelado pelo jornalista Walter Lacerda e relatado por Ribeiro (2007), sugere que, desde os primórdios dos debates esportivos nas TVs paulistas pioneiras, debater o clubismo poderia sim ser motivo de constrangimento para os jornalistas do ramo:

Certo dia, depois de discutirem as convocações da Seleção Brasileira, o papo passou para um debate acirrado sobre as paixões clubísticas dos participantes do programa: “Em um desses

debates da Record, na véspera da Copa do Mundo, Álvaro Paes Leme brigou com o Geraldo Bretas. Depois, queria brigar com Paulo Planet Buarque, até chegar a mim. A discussão era sobre o time para os quais os jornalistas torciam. Disse para ele que todo mundo sabia para quem eu torcia, e perguntei por que ele escondia que torcia para o Santos. Braga Júnior, narrador, estava ao meu lado e provocou: ‘Levanta Walter, vai lá e dá com o microfone na cabeça dele’. Paes Leme, aos berros, levantou, abotoou o paletó e disparou: ‘Agora você vai apanhar’. Quando ele chegou bem próximo, ameacei: ‘Se você encostar em mim, eu dou com este microfone na sua cabeça’. A hora em que levantei o microfone, a emissora saiu do ar.” (RIBEIRO, 2007, p. 163).

Unzelte (2009) concorda com Barbeiro e Rangel (2006) que essa possibilidade de assumir as preferências clubísticas é algo recente para os jornalistas da área, sobretudo em São Paulo. “Apenas nas últimas décadas houve um maior liberalismo na divulgação dos respectivos clubes de preferência dos jornalistas que trabalham com esporte, sendo que grande parte deles ainda reluta em torná-los públicos.” (UNZELTE, 2009, p. 14-15). Quanto ao Rio de Janeiro, o autor compartilha da opinião de Coelho (2003), citando exemplos clássicos onde o jornalismo e o clubismo vestiram a mesma camisa, como João Saldanha, “que chegou a ser técnico do seu Botafogo, em 1957” e “Washington Rodrigues, o Apolinho, que em 1995, no Flamengo, repetiu a experiência do jornalista-torcedor que também acabou virando técnico” (UNZELTE, 2009, p. 14-15). No terreno das crônicas, todavia, o clubismo sempre foi fato consumado:

Logo de manhã, cerca das dez horas, alguém me telefona. Era um leitor. Queria saber o seguinte:

–“Desde quando você é tricolor?”. Respondo:

–“Desde sempre”.

E, na verdade, eu me sinto como se já fosse tricolor antes do Fluminense, ante de mim mesmo e até, se me permitem o exagero: eu era tricolor antes de Cristo.

Pode parecer que estou fazendo blague, fazendo graça. Mas explico:

“Tudo começa e tudo acaba”, dizem. Menos a paixão clubística. A verdadeira, a autêntica e incontornável paixão clubística dá a sensação de que sempre existiu e de que sempre existirá. Eis a verdade: ela escapa do tempo. O sujeito se sente como se já fosse torcedor em vidas passadas. (RODRIGUES, 1961 *apud* RIBEIRO, 2007).

Tanto para Coelho (2003) quanto para Unzelte (2009), o dilema das preferências clubísticas dos jornalistas está diretamente relacionado à polarização dos estados, pois, enquanto Rio de Janeiro e São Paulo são representados por seus respectivos quatro principais clubes, os estados mais polarizados – como Minas Gerais e o Rio Grande do Sul – contam com somente dois clubes representativos em disputa. Embora os autores não tenham fornecido dados suficientes para comprovar essa hipótese, até porque consideraram apenas as regiões Sudeste e Sul do país, ambos são categóricos ao afirmar os locais onde o dilema clubístico é mais contundente.

Conforme Coelho (2003, p. 57), “no Rio Grande do Sul, a polarização entre colorados e gremistas torna a coisa mais acirrada”, exemplificando que “não é fácil para ninguém assumir que torce pelo Grêmio e ir ao Beira-Rio. Ou dizer publicamente que é colorado e tentar assistir a um jogo no Olímpico.”. Para Unzelte (2009, p. 14-15), “em estados polarizados como Rio Grande do Sul, de Grêmio e Internacional, e Minas Gerais, da dupla Atlético e Cruzeiro, raríssimos são os que declaram de peito aberto o amor por alguma camisa”.

Mas em Minas é mais fácil ver cruzeirenses e atleticanos jurarem amor eterno a seus clubes. O jornalista e escritor Roberto Drummond morreu escrevendo sobre o Atlético Mineiro, falando sobre sua mineiridade e sobre os tempos em que via o ponta Lucas aprontando para a fenomenal defesa do Cruzeiro. Mas, atleticano doente, nunca se eximiu de elogiar o Cruzeiro, especialmente aquele famoso dos anos 1960, em que jogaram Tostão e Dirceu Lopes. Tanto assim que criou o nome para a torcida de que os cruzeirenses se orgulham até hoje: China Azul. A torcida cruzeirense crescia tanto e tão rápido quanto a população da China. Só que é azul. O nome coube muito bem, já que a torcida continuou crescendo e já superou a atleticana no Brasil inteiro, de acordo

com pesquisa encomendada ao Datafolha pela TV Globo. Assim como Drummond, os jornalistas da atualidade não se envergonham de dizer o time do coração. (COELHO, 2003, p. 57-58).

Assim como Coelho (2003) e Unzelte (2008), Bueno (2017) também demonstra certa inquietude quanto aos jornalistas que insistem em omitir seus respectivos times do coração. Ele alega que, mesmo com alguns avanços, “o jornalismo esportivo se ressentia ainda da figura do jornalista enquanto torcedor” (BUENO, 2017, p. 07). O pesquisador, inclusive, deixa transparecer sua admiração diante da cobertura assumidamente clubística: “há uma emissora gaúcha, segundo relatos, que, em dia de Grenal, escala um jornalista torcedor do Grêmio para narrar o primeiro tempo e outro do Colorado para o segundo tempo, mantendo assim o equilíbrio da transmissão!” (BUENO, 2017, p. 07)<sup>18</sup>. Por outro lado, ele alerta para o risco de que jornalistas possam se valer do discurso clubístico para, demagogicamente, favorecer os clubes de maior torcida e/ou dos grandes centros.

Apesar de os autores concordarem que a questão é mais acirrada no Rio Grande do Sul, até mesmo nesse estado estereotipado pelo oito ou oitenta, o fenômeno clubístico também começou a se manifestar. Recentemente, em 2016, alguns nomes característicos do jornalismo esportivo gaúcho resolveram divulgar suas preferências clubísticas na mídia. Rafael Serra, por exemplo, ex-repórter e comentarista da *Rádio GreNal* assumiu ser torcedor do Grêmio. Leonardo Meneghetti, colunista do jornal *Metro*, declarou sua preferência pelo Internacional. Fabiano Baldasso, talvez o maior expoente dessa quebra de paradigmas, fez a discussão render ao máximo quando assumiu, em pleno programa *Atl GreNal* da *Rádio Atlântida*, que é torcedor colorado. Antes deles, apenas algumas figuras carimbadas da imprensa esportiva local eram reconhecidas pelo sentimento clubístico, como o já citado gremista Paulo Sant’ana e o colorado Kenny Braga, ambos, porém, resguardados pelo terreno do colunismo, onde a diferença entre informação e opinião está claramente demarcada.

---

<sup>18</sup> Vale lembrar que, em Minas Gerais, isso também acontece. A *Itatiaia*, principal emissora de Minas e uma das cinco maiores do país, também trabalha com dois narradores em dia de transmissão do clássico estadual Atlético-MG x Cruzeiro, sendo um narrador atleticano para a primeira etapa do jogo e um narrador cruzeirense para a etapa complementar, ou vice-versa.

Ainda quanto a essa recente quebra de paradigmas na imprensa gaúcha, o jornalista e comentarista esportivo da *Rádio Guaíba*, Carlos Guimarães, arrisca uma justificativa para o fato, atrelando-a ao contexto da consolidação dos novos espaços midiáticos. “Com as redes sociais, lá estávamos nós, à mercê da resposta imediata, escancarando nossos erros e colocando à prova nossa credibilidade. Não éramos mais o monopólio da opinião.” (GUIMARÃES, 2016b, s/p). De acordo com o autor, a convergência midiática trouxe consigo uma ressignificação do conceito de credibilidade, uma vez que, com o advento da internet, o espectador que antes somente lia, ouvia e assistia ao conteúdo noticioso passou, então, a poder interferir nesse conteúdo. “A rede social escancarou nossas fragilidades, abalou nossa credibilidade, imaginário que foi constituído através dos tempos e reforçado por nossas proteções disfarçadas de isenção.” (GUIMARÃES, 2016b, s/p). Ou seja, no raciocínio de Guimarães, esse espaço midiático participativo e convergente é o principal responsável por colocar em xeque aquele antigo pressuposto de que o jornalista deveria se manter isento.

A normativa de que precisávamos ser “isentos” começou a cair na medida em que algumas opiniões passaram a ser devidamente questionadas por um motivo básico: quando opinamos, tomamos um lado e imediatamente esta suposta “isenção” se torna frágil. Junta-se a isso uma projeção que o torcedor faz do nosso trabalho. Afinal, como é possível que alguém consiga opinar sem o lado passional? (GUIMARÃES, 2016, s/p).

Para Unzelte (2009, p.12), uma pergunta ainda mais contundente seria: “como ser objetivo e imparcial (mas sem perder a paixão, jamais!) nessa que é, talvez, a mais subjetiva e passional de todas as áreas do jornalismo?”. É justamente nesse contexto que transitam os pressupostos desta pesquisa, pois concorda-se que, em se tratando da editoria esportiva, a tarefa de se manter firme diante dos fundamentos da profissão se torna ainda mais desafiadora, exatamente por envolver traços subjetivos ao longo do fazer-notícia, como preferências, emoções e fanatismos, tanto de jornalistas quanto de espectadores.

Nesse âmbito, para tentar responder a esse questionamento – ou, ao menos, propor reflexões sobre o assunto – é preciso considerar um aspecto fundamental do jornalismo: o *newsmaking*, traduzido basicamente como o processo de produção de notícias, com

seus fundamentos e suas (in)conveniências atreladas. Por isso, os próximos parágrafos servirão para conceituar o *newsmaking* e, então, correlacioná-lo às editoriais esportivas.

O conceito de *newsmaking*, conforme Hohlfeldt *et al.* (2001), surgiu em meados do século XX, a partir dos estudos do psicólogo alemão Kurt Lewin, autor pioneiro nos debates sobre as preocupações sociais da área da comunicação de massas. Desde então, outros pesquisadores aprofundaram-se no estudo das diversas particularidades que influenciam o processo de produção da notícia, tornando-se referências na formulação e evolução desse conceito. Priorizam-se aqui os estudos da norte-americana Gaye Tuchman (1978), do português Nelson Traquina (2005), do italiano Mauro Wolf (2008) e dos brasileiros Antônio Hohlfeldt *et al.* (2001) no intuito de descrever, contextualizar e problematizar os principais aspectos que ditam o ritmo da produção noticiosa nas sociedades modernas.

Quanto às premissas dos referidos autores para sistematizar e explicar as teorias do jornalismo, a formulação da teoria do *newsmaking* segue uma mesma raiz conceitual no pensamento de todos eles, configurando-se como o conjunto de fatores de ordem mercantil, organizacional e ideológica que interferem na produção noticiosa das instituições jornalísticas, controlando e rotinizando todo o processo. As particularidades de cada um desses fatores e a maneira como tais autores os relacionam e os compreendem é o que, por vezes, diferencia suas concepções sobre o fazer-notícia, mas sem que se afastem da ancoragem conceitual básica descrita acima.

No entanto, a despeito da edificação de uma teoria unificada do jornalismo, os autores em questão mantiveram seus esforços de sistematização dos conceitos que regem a prática noticiosa, sobretudo *newsmaking*, embasados no paradigma de que as notícias são resultado da interação dos fatores que consolidaram o jornalismo enquanto prática industrial, entre eles, as inconveniências das rotinas produtivas e o aporte dos critérios de noticiabilidade.

Nessa perspectiva de construção da notícia, Sousa (2004) chega até a apresentar uma função matemática para demonstrar quais os fatores que interferem diretamente nos processos produtivos, enquanto Traquina (2005) parte das teorias da física para metaforizar o fazer-notícia como um campo magnético. Segundo ele, a atividade jornalística estaria dividida entre os dois polos desse campo: o positivo e o negativo. O primeiro seria o polo ideológico, que define o jornalismo como um serviço público e de cunho social. Já o segundo seria o polo econômico, considerando-se a notícia como um produto à venda. Em seus estudos

sobre o *newsmaking*, Tuchman (1978) se atém ao que Traquina chama de polo econômico do jornalismo. A autora afirma categoricamente que o processo de produção de notícias segue uma rotina industrial, regulada mais por suas normas internas do que pela ação dos jornalistas de fato.

Enquanto Tuchman (1978) se debruça sobre os aspectos mercadológicos da notícia, Hohlfeldt *et al.* (2001) e Wolf (2008) chamam atenção para o *modus-operandi* dos jornalistas propriamente ditos, apontando o porquê de todas as pesquisas sobre *newsmaking* partirem de estudos etnográficos e técnicas de observações participantes, pois, “dessa forma, é possível reunir e obter, sistematicamente, as informações e os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria dos mass media” (WOLF, 2008, p. 81). Sendo assim, para esses autores, o foco no emissor é o que permitiria identificar os principais fatores que agem sobre a construção da notícia – sejam eles mercadológicos, institucionais ou culturais, estes últimos ainda mais próximos do jornalista em si.

Entretanto, Tuchman (1978) reforça a ressalva de que os jornalistas não são dotados de uma autonomia incondicional, visto que estão submetidos ao planejamento produtivo da empresa. Traquina (2005) concorda que o trabalho jornalístico é altamente condicionado pelo caráter organizacional, mas, por outro lado, salienta que, em determinados momentos – como na escolha das fontes entrevistadas e das palavras do texto –, a “autonomia relativa” do jornalista e sua cultura profissional falam mais alto.

Os diretores podem ignorar certos fatos específicos e os jornalistas empregados, que têm o trabalho de andar a pé e de telefonar, para obter notícias, podem utilizar os seus melhores conhecimentos na subversão da política editorial. Tendo por base tanto as crenças pessoais como os códigos profissionais, o jornalista-empregado tem a opção de seleção em muitos momentos. Pode decidir quem entrevistar e quem ignorar, que perguntas fazer, que citações anotar e, ao escrever o artigo, que itens realçar, quais a enterrar e, de um modo geral, que tom dar aos vários elementos possíveis da notícia. (TRAQUINA, 2005, p. 156).

Se, por um lado, essa hierarquização de funções instituída pelas organizações jornalísticas favorece o processo fabril de produção noticiosa, por outro, revela os contrastes ideológicos e culturais

presentes em toda a cadeia produtiva – direção, edição e reportagem –, constituindo um verdadeiro cabo de guerra que sempre arrebenta no lado mais fraco: o dos repórteres, já que, na maioria das vezes, são eles que cedem às exigências editoriais da empresa sob a pena de perder o emprego.

Essa rotinização dos processos produtivos e a cultura profissional dos jornalistas são peças-chave para se compreender a notícia sob a ótica sociológica de construção da realidade (WOLF, 2008), sobretudo nas editorias esportivas. No entanto, ainda segundo Wolf (2008, p. 80), essa abordagem revela duas possibilidades de distorção noticiosa: a distorção “involuntária” ou “inconsciente” – advinda dos impasses dos processos produtivos – e a distorção pura e simples – caracterizada pela manipulação deliberada das notícias, com fins políticos ou pessoais.

Segundo este ponto de vista, autonomia profissional e distorção da informação surgem como duas faces da mesma moeda: a perspectiva é muito mais radical do que aquela que, remetendo toda a deficiência à manipulação da cobertura informativa exclusivamente para pressões e influências externas, se priva da possibilidade de captar o funcionamento da “distorção inconsciente”, ligada às práticas profissionais, às rotinas produtivas normais, aos valores partilhados e interiorizados acerca do modo de desempenhar a função de informar. (WOLF, 2008, p. 80).

Em termos práticos, o *newsmaking* engloba desde a chegada do jornalista à redação até o momento em que ele envia ao editor o produto final das pautas do dia. Wolf (2008) divide esse processo em três fases – a recolha, a seleção e a apresentação noticiosa – que, devido às inconveniências do processo produtivo ideológico e organizacional, possibilitam a distorção involuntária da notícia, limitando alguns de seus aspectos e, conseqüentemente, reduzindo seu significado. Mas, ainda segundo o autor, ao mesmo tempo em que as rotinas produtivas podem limitar a significação das notícias, elas garantem a produtividade organizacional frente à superabundância dos fatos que acontecem a todo o momento, configurando-se como um combustível indispensável ao jornalismo, sobretudo nos veículos diários, onde driblar o fator tempo é fundamental. Tuchman (1978) ressalta que, sem os processos de rotinização, as redações simplesmente não funcionariam.

Conforme visto no tópico anterior, foi nesse contexto de profissionalização dos jornalistas e instituição das rotinas produtivas que os conceitos de verdade, objetividade e imparcialidade consolidaram-se como fundamentos básicos do jornalismo, ainda que – por esta concepção construtivista da notícia – compreenda-se tais valores não por seu teor absoluto, mas, sim, como parâmetros reguladores da atividade jornalística – ou, no caso do jornalismo esportivo, como estratégias para preservar a credibilidade do jornalista, já que, pelo teor dessa editoria, ele inevitavelmente estará mais suscetível aos julgamentos de parcialidade.

Com a profissionalização dos jornalistas ao longo do século XIX e XX, foram estabelecidos valores como a objetividade, a independência, a verdade, bem como a elaboração de normas que constroem os contornos de representações profissionais bem definidos do “bom” ou “mau” jornalista. A ideologia jornalística e a sociedade fornecem igualmente um *ethos* que define para os membros da comunidade jornalística que o seu papel social é de informar os cidadãos e proteger a sociedade de eventuais abusos do poder. (TRAQUINA, 2005, p. 202).

Nesse raciocínio, considerando-se que os aspectos organizacionais e a própria bagagem cultural do jornalista conferem ao trabalho jornalístico a possibilidade de distorção involuntária da notícia, assume-se, então, a perspectiva de que os relatos – enquanto construções sociais da realidade – são portadores de sua própria validade interna (TRAQUINA, 2005), sem que isso comprometa a verdade do acontecimento ou se torne um pretexto para tal. Sendo assim, Traquina (2005, p. 28) reforça que a rotinização dos processos produtivos, enquanto estratégia comunicativa das empresas, “é legítima e só é ‘manipulação’ quando métodos ilegítimos, como a mentira ou documentos forjados, são utilizados”.

Isso significa que, o fato de um jornalista se posicionar diante de determinado assunto não seria motivo o suficiente para desqualificar seu trabalho e/ou, no caso do profissional de jornalismo esportivo, tachá-lo de clubista – no sentido negativo da palavra, aqui entendida enquanto preferência explícita e incontrolável por um dos lados em disputa, respingando propositalmente sobre a notícia. Ou seja, quando um jornalista que cobre futebol assume para que time torce, não

necessariamente ele estará comprometendo o teor informativo do seu material noticioso, a menos que métodos ilícitos e/ou que firam o Código de Ética da Profissão tenham sido utilizados durante o processo de produção das notícias como, por exemplo, quando ele distorce os fatos com o propósito de privilegiar o seu próprio time.

Na teoria, não é difícil compreender o raciocínio. Porém, na prática, sabe-se que esse embate é bem mais complexo. Tanto é que, como foi visto, não raro os jornalistas esportivos se ancoram aos fundamentos básicos da profissão – verdade, objetividade e imparcialidade – para se resguardarem diante de um público que, como bem observa Coelho (2003), é tão apaixonado (e entendido do assunto) quanto quem escreve para ele. A lógica é a seguinte: um repórter da imprensa esportiva gaúcha, por exemplo, ao defender que é isento, neutro e imparcial se exime das eventuais críticas da audiência, além de insinuar que consegue transitar igualmente pelos dois terrenos rivais: Grêmio e Inter. Por outro lado, um repórter assumidamente apaixonado, teria mais dificuldades para enfrentar esse percurso de mão e contramão já que, inevitavelmente, precisaria lidar com as paixões e preferências de quem está no caminho oposto.

Desse modo, o desafio para os jornalistas clubistas – no bom sentido da palavra, aqui entendidos por clubistas todos aqueles que assumem, em contexto propício, sua preferência e/ou devoção por determinado clube – seria, portanto, não deixar a paixão falar mais alto do que a razão de ser da notícia, mesmo que não restem dúvidas de que a paixão é ingrediente indissociável da cobertura esportiva, independentemente de o jornalista ter ou não declarado para que time torce.

O primeiro passo é ter a exata noção de quando – e de quanto – essa paixão começa a comprometer a objetividade e a imparcialidade, ou, na impossibilidade prática de alcançar tais utopias, ao menos buscá-las. No jornalismo esportivo, a paixão atrapalha principalmente quando se manifesta de duas maneiras: em relação à soberba no conhecimento do próprio assunto ou à preferência explícita por uma das partes de uma disputa esportiva. (UNZELTE, 2008, p. 12).

O perigo é que “a paixão flerta com a irresponsabilidade, com o coração, com a palavra espontânea, com a visceralidade e a ausência da racionalidade. Mas nos cabe a responsabilidade da razão.”

(GUIMARÃES, 2016, s/p). Essa responsabilidade para a qual atenta Guimarães, é o que Heródoto e Rangel (2006, p. 122) chamam de “desafio da paixão”: “jornalismo é para ser realizado com paixão. Porém não pode exceder aos limites éticos da profissão. Seres humanos não são exatos como relógios de quartzo, mas nada justifica que o entusiasmo e a alegria se transformem em manipulação e distorção.”.

É nessa corda bamba do desafio da paixão – e em meio às inconveniências do processo produtivo – que o jornalista esportivo procura se equilibrar, sobretudo o repórter, considerando-se seu papel de protagonista do *newsmaking*, cabendo a ele estabelecer seu ponto de equilíbrio narrativo na linha tênue que coloca, de um lado, os aspectos mercadológicos, organizacionais e ideológicos intrínsecos às rotinas produtivas e à subjetividade do próprio jornalista em si e, do outro, a ética da profissão e os fundamentos que regem o jornalismo enquanto prática social.

Antes de prosseguir para o próximo capítulo, e ainda no âmbito *donewsmaking*, é importante destacar um termo técnico fundamental para esta pesquisa – o conceito de cobertura – contextualizando-o em meio ao jornalismo de um modo geral e, sobretudo, à especificidade da editoria esportiva em si. A cobertura jornalística, independentemente de editoria, é um dos pilares do fazer-notícia. Em termos práticos, o ato de cobrir um acontecimento jornalístico significa fazer o acompanhamento noticioso do fato e de seus possíveis desdobramentos. Nesse aspecto, o conceito de cobertura, inclusive, pode estar relacionado tanto ao ato de acompanhar um acontecimento novo (e seus desdobramentos) quanto ao ato de cobrir um evento já planejado, como as eleições presidenciais ou a Copa do Mundo, por exemplo.

Nesta pesquisa, ao tratar da cobertura da rivalidade GreNal em 2016, tomou-se por base o conceito de cobertura jornalística tal qual acima descrito, reunindo para análise justamente os conteúdos noticiosos produzidos pelos profissionais que cobriram Grêmio e Internacional no período em questão, mais precisamente nas fases decisivas da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro daquele ano. Considerando-se o percurso metodológico que se pretende traçar a partir de tal cobertura, é conveniente trazer à discussão o protocolo de análise de cobertura jornalística inicialmente proposto por Silva e Maia (2011). Embora esta pesquisa esteja focada metodologicamente na Análise de Discurso, o “protocolo metodológico da análise de cobertura jornalística” retomado por Silva e Soares aponta para uma reflexão interessante, evidenciada quando as autoras sugerem “que as coberturas jornalísticas, entendidas como estratégias de apuração e angulação,

configuram um mesmo acontecimento social em diferentes acontecimentos jornalísticos” (2013, p. 4).

Com isso, Silva e Soares querem dizer que, em se tratando de textos jornalísticos, o processo da produção noticiosa não pode ser desvinculado do produto final. Pelo contrário, o texto jornalístico, depois de pronto, evidencia, em maior ou menor escala, os sinais do processo produtivo ao qual foi submetido. As autoras somam ao raciocínio a ideia de que esse processo funcionaria como uma “tradução cultural”.

Quando trabalhamos com a ideia de o fazer jornalístico ser uma instância que traduz a realidade para aqueles que não podem vê-la (estar lá em sentido literal ou figurado), queremos apontar que tal como a tradução, a produção da notícia é prática linguageira e, por isso mesmo, produção incansável de discursos sobre discursos. Logo, o texto jornalístico, assim como o texto traduzido, não é verdadeiro ou falso; ele é um texto outro, em constante relação de aproximação e afastamento com os acontecimentos sociais dos quais trata, sobre os quais faz a cobertura jornalística. E uma vez que o texto jornalístico é uma forma de tradução dos fatos, ele está inserido no campo da “tradução cultural” e dos modos de construção simbólica da sociedade. (SILVA; SOARES; 2013, p. 8-9).

Nessa perspectiva, tem-se nova aproximação da temática que norteia esta pesquisa, ao se considerar o modo como os jornalistas da *Zero Hora* “traduziram” a cobertura de Grêmio e Inter no desfecho de 2016, balizados não só pelos fatores intrínsecos à rotina produtiva do jornal, mas, também, pelos aspectos culturais e sociais relacionados à simbologia da rivalidade GreNal na sociedade gaúcha, aspectos estes que serão explorados no capítulo que se segue.

## 2 O RIO GRANDE DO SUL E A RIVALIDADE GRENAL

Não há como descrever o histórico de Grêmio e Inter e os aspectos da rivalidade GreNal sem considerar o contexto de mudanças sociais em meio ao qual emergiram os clubes brasileiros, já que esse contexto explica muitas das questões que foram decisivas para o fomento das rivalidades clubísticas. No caso de Grêmio e Internacional, a simbologia racial e a tônica dos estádios são exemplos claros dessas questões.

Contudo, antes de destrinchá-las no segundo tópico deste capítulo, buscou-se contextualizar os aspectos culturais e sociais do Rio Grande do Sul que envolveram a formação e o desenvolvimento do estado. Isso porque se acredita que tais aspectos, por serem bastante idiossincráticos, refletem diretamente no modo como o jornalismo esportivo pauta a dupla GreNal.

Desse modo, ao delinear as idiossincrasias do Rio Grande do Sul, o histórico dos dois principais clubes de futebol do estado e, sobretudo, as percepções dessa rivalidade clubística, a intenção é “reconhecer o gramado” para, então, desenvolver o percurso metodológico da pesquisa, verificando a hipótese da intervenção clubística na cobertura deste que, constantemente, é pautado como um dos maiores *derbies* futebolísticos do mundo: o clássico GreNal.

### 2.1 Aspectos culturais e sociais

Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólma militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. (VERISSIMO, 2004, p. 171-172).

O trecho apresenta Rodrigo Cambará, um dos personagens centrais do romance *O tempo e o vento*, originalmente publicado pelo escritor gaúcho Érico Veríssimo, em 1949. Esse clássico da literatura brasileira pode ser considerado a obra literária de maior prestígio sobre o sul do país, composta por uma trilogia que, com exímio rigor estilístico, narra os 200 anos do processo de formação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

No livro, o “certo capitão Rodrigo” representa a figura do gaúcho típico – lenço no pescoço, faca na guaiaca e chimarrão na mão – figura esta que, ainda hoje, permeia o imaginário coletivo sobre os gaúchos e seu estado. Decerto, a literatura foi implacável na construção desse imaginário, mas não deve levar o (de)mérito sozinha. Assim como as obras literárias, o jornalismo, a publicidade, a telenovela, a música e tantas outras representações artísticas e midiáticas também ajudaram (e ainda ajudam) a reforçar o estereótipo que se tem do gaúcho como o produto das guerras, o monarca das coxilhas, o centauro dos pampas.

No caso do romance *O tempo e o vento*, ele se estabelece no confronto das relações duais que permeiam a história do Rio Grande do Sul, onde o aspecto coletivo do regional é materializado pelas ações individuais dos personagens da obra, apresentando ao leitor o jogo de classes envolvidas nos momentos decisivos da formação do estado: “portugueses e castelhanos nos tempos coloniais, farrapos e imperiais na luta separatista, maragatos e chimangos na Revolução Federalista”, como apontou o pesquisador Gilmar de Azevedo (2003, p. 308). Ainda segundo Azevedo (2003, p. 317), o episódio da “destruição das Missões Jesuíticas, com o personagem Pedro Missioneiro, até a Abolição da Escravatura e a Guerra Civil, com o Cel. Licurgo Terra-Cambará”, são exemplos claros dessa correlação.

Contudo, ainda que as juras de revanche façam parte da história do Rio Grande do Sul, “representando o dualismo que sempre esteve presente nesses ‘pagos’, imortalizados por Érico Veríssimo através das duas famílias – os heróis dos Terra-Cambará e os anti-heróis dos Amarais” (AZEVEDO, 2003, p. 313), o pesquisador pondera o fato de que, nesta obra, o romancista faz a síntese do equilíbrio: ao mesmo tempo em que representa a imagem do gaúcho como “homem social, livre e honrado”, o escritor mostra-se contrário à insanidade da guerra. (AZEVEDO, 2003, p. 318).

Desse modo, a narrativa de Veríssimo imporia aos leitores uma interpretação crítica das relações sociais que permeiam o estado, justificando o estereótipo do herói como resultado do jeito de ser e de se portar do gaúcho frente aos processos históricos da consolidação de seu

território. Para Azevedo (2003), o gaúcho representado pelo romancista poderia ser assim descrito:

Possui corpo moreno, delgado, sadio e um linguajar tipicamente regional; alimenta-se de carne; toma mate amargo; fuma cigarro de palha, anda sempre a cavalo, usa botas, chapéu e acessórios que lhe atribuem força física e moral; cumpre ordens, é fiel ao patrão, jamais se deixa abater em sua honra, ama a natureza e seu cavalo, interage com eles num tom de misticismo; procura a igualdade e não é obcecado pela ascensão social, não fraqueja na luta pela terra que ama; entrega-se aos afazeres da estância e da guerra; é o pastor de gado, o guerreiro e o tipo folclórico; é anti-monarquista e luta pela justiça e pela liberdade. Estes atributos conferem ao personagem o estereótipo do herói. (AZEVEDO, 2003, p. 310).

Entretanto, não se podem desconsiderar as razões que, de algum modo, embasam – e em certos casos até justificam – a construção desse estereótipo. No livro *Rio Grande do Sul: terra e povo*, organizado pela historiadora Alda Cardozo Kremer (1969) e escrito por vários autores, o texto de abertura também é de Érico Veríssimo. No conto, intitulado *Um romancista apresenta sua terra*, o escritor insinua os motivos pelos quais o gaúcho passou a ser visto como símbolo máximo de coragem e altivez:

Fomos desde os tempos coloniais até ao fim do século um território cronicamente conflagrado. Em setenta e sete anos tivemos doze conflitos armados, contadas as revoluções. Vivíamos permanentemente em pé de guerra. Nossas mulheres raramente despiam o luto. Pense nas duras atividades da vida campeira – laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair para a faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. (VERISSIMO, 1969, p. 03).

No mesmo conto, porém, o autor apresenta o contraponto do imaginário que a própria literatura por vezes se encarrega de enfatizar.

Ao se questionar “afinal de contas, que é um gaúcho?”, Verissimo (1969, p. 04) ironiza se seria o gaúcho aquele sujeito branquíssimo, louro e de nome alemão. Pelo contrário. Ele pondera: “o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido cadinho racial do Brasil” (VERISSIMO, 1969, p. 04). E metaforiza a miscigenação do estado como uma mistura da qual o aspecto e o gosto seriam descobertos pelas futuras gerações: “a sopa foi temperada com ervas indígenas e africanas; mais tarde lançaram-se nela um pouco de repolho germânico e condimentos como a manjerona italiana e outras especiarias vindas não só da Europa como até mesmo do oriente próximo e remoto” (VERISSIMO, 1969, p. 04).

Dando um salto para o século XXI, mas mantendo este paralelo com a literatura, vale salientar que, se, por um lado, ela ajudou a reforçar o imaginário do gaúcho típico, por outro, se configura como uma via de mão dupla, possibilitando novas representações para o gaúcho da atualidade, a exemplo do romance *Barba ensopada de sangue*, lançado pelo escritor e tradutor Daniel Galera, em 2015. O colunista brasileiro Carlos Garcia (2015) dá um panorama sobre a obra, mostrando como a representação do gaúcho típico pode variar de perspectiva:

O personagem de Daniel Galera, que na história é chamado simplesmente de “ele” pelo narrador, consegue dar mostras do gaúcho atual. É um homem que gosta da cidade, mas ao mesmo tempo quer fugir dela. Ao contrário do gaúcho antigo que preferiria o campo, nosso sulista moderno refugia-se do caos da grande cidade no litoral. Como a costa salgada do estado não é atrativa, esse gaúcho estica o passo até as belas praias de Santa Catarina. No caso do *Barba ensopada de sangue* há um motivo para migrar para o estado vizinho, mas muitos gaúchos o fazem por puro prazer. Ele é um homem preocupado com o físico e gosta de praticar esportes. E, sobretudo ligado à cultura pop. O cavalo como meio de transporte, há muito abandonado, é substituído pela bicicleta. Por outro lado, ainda segue apegado às origens. (GARCIA, 2015, s/p).

A historiadora Sandra Pesavento (1993, p. 389) explica que essa “identificação com a terra é de tal forma que todo gaúcho traria o Rio

Grande no peito...”, considerando-se que “uma paisagem, um povo, uma história, uma fisionomia para o Rio Grande do Sul definem, assim, uma identidade regional” (PENSAVENTO, 1993, p. 391). Contudo, na perspectiva da autora, esse apego a uma visão estereotipada acabaria por forjar a representação de uma sociedade igualitária, servindo de argumento para os gaúchos se colocarem enquanto seres superiores em relação a tudo que ultrapassa as fronteiras de seu estado. Ou seja, “a simplicidade do campo, a bravura das gentes, a imensidão da terra” (PENSAVENTO, 1993, p. 389), articulariam a constituição de uma sociedade livre de conflitos.

Trata-se, sem dúvida, de uma forma de representação conservadora, admitindo-se a existência de uma sociedade sem conflitos, de base agrária. Tal postura envolve a projeção no tempo de uma utopia reacionária: a de que o Rio Grande do Sul, através dos anos, se cristalizaria numa placidez democrática, assentado em seus valores tradicionais, nutrindo-se das glórias e tutelado por uma elite "naturalmente" superior. Os conflitos são projetados para o exterior, numa luta simbólica contra o "estrangeiro", continuamente reatualizado através dos tempos e que reforça a identidade regional. (PENSAVENTO, 1993, p. 391).

Azevedo (2003) dialoga com as perspectivas de Pesavento (1993) ao classificar a necessidade do gaúcho de se apegar às tradições como uma “cegueira deliberada para seguir adiante” (AZEVEDO, 2003, p. 303). Mas, ao mesmo tempo, esse ser que se apega ao passado está consciente do embate que o coloca entre “o orgulho de ser gaúcho e de ter um passado heroico e a consciência de que o presente não possibilita mais a nostalgia” (AZEVEDO, 2003, p. 303). Isso explicaria o caráter ideológico do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), instituição cívica e sem fins lucrativos criada a favor do desenvolvimento, manutenção e resgate da cultura gaúcha com base no conceito de tradicionalismo enquanto ferramenta social que engloba a natureza literária, artística e folclórica de uma localidade.

O órgão foi fundado no Rio Grande do Sul, em 27 de novembro de 1947, e, atualmente, tem representantes em vários estados brasileiros. Azevedo (2003, p. 306) dá um panorama da presença dos centros de culto às tradições gaúchas no Brasil (e mundo) afora: “em Santa

Catarina existe o Movimento Gaúcho de Santa Catarina; no Paraná, o Movimento Gaúcho do Paraná; no Mato Grosso, a Federação dos Clubes do Laço”, assim como no “Paraguai, nos Estados Unidos (em Los Angeles, na Califórnia; em Fort Lauderdale e Newark, na Flórida), em Amsterdã (Holanda), Osaka (Japão), Paris (França) e Santa Cruz de la Sierra (Bolívia)” (AZEVEDO, 2003, p. 306).

Nos anos 2000, o pesquisador contabilizou cerca de 4.500 CTGs espalhados mundialmente, com mais de 2,5 milhões de associados. Ele fornece ainda outros exemplos clássicos que ilustram a presença do sentimento tradicionalista no estado: “No Rio Grande do Sul, há 36 festivais de música nativista (6 mil espectadores em cada evento, 216 mil pessoas por ano), duzentos rodeios crioulos (4,5 milhões de espectadores por ano), 120 conjuntos musicais [...]” (AZEVEDO, 2003, p. 306-307), pontuando, também, alguns veículos de comunicação com programação exclusivamente tradicionalista, como as rádios *Liberdade*, *Nativa*, *Planalto* e *Rural*, o *Jornal do Nativismo* e o programa *Galpão Crioulo*, que, em 2018, completou trinta e seis anos como parte da programação da *RBS TV*.

Nesse contexto, Azevedo (2003) conclui seu raciocínio afirmando que o imaginário do gaúcho típico é, antes mesmo do respaldo midiático, fruto da organização social do estado, que idealiza a projeção de seu povo como âncora na representação de sua terra. O autor, inclusive, reforça o significado da palavra gaúcho – adjetivo pátrio que designa os nascidos no Rio Grande do Sul – como uma mescla de guapo e gaudério, onde o primeiro traço corresponderia à bondade, ao valor e à virilidade do ser, e o segundo à personalidade livre, alegre e irresponsável do habitante sul-rio-grandense, concebido enquanto “cavaleiro virtuoso e cavalheiro idealizado” (AZEVEDO, 2003, p. 301). Retomando a perspectiva de que esse imaginário forjaria uma sociedade igualitária, Pesavento (1993) aproveita para salientar a marca da masculinidade que predomina no estereótipo regional:

Não há dominantes ou dominados, mas, sim, gaúchos, exemplificados na alegoria do centauro: metade homem, da qual herda os princípios da nobreza de alma e honradez; metade cavalo, simbolizando a força, a intrepidez, a mobilidade de quem não conhece jugos... E afinal, no coração do gaúcho, o cavalo viria ou não antes da prenda? Mero detalhe, porque a figura em tomo da qual se cristaliza o estereótipo regional é masculina, assim como masculinas são as virtudes inerentes

ao povo: valentia, honradez, força.  
(PESAVENTO, 1993, p. 389).

De volta ao romance de Érico Verissimo, *O tempo e o vento*, uma das personagens centrais da trama, Ana Terra, dá indícios claros dessa predominância. Nela, a virilidade da mulher gaúcha não existiria por si só, mas, sim, estaria atrelada “ao patriarcalismo exagerado que estabeleceu a submissão e a obediência da mulher a lutar contra o seu destino e a se transformar para continuar vivendo sua história e as gerações que ela representa” (AZEVEDO, 2003, p. 318). Já na figura masculina, os traços do gaúcho viril destacam-se claramente no personagem Rodrigo Cambará enquanto homem galanteador, admirador da bebida, do jogo e das mulheres, ainda que nem assim ele possa ser posto à prova. “Na ansiedade de uma sociedade mais liberta, Rodrigo luta pela justiça social. No plano moral e amoroso, tinha outras mulheres além de Bibiana, mas sempre voltava para casa: era irresponsável, mas amava sua família.” (AZEVEDO, 2003, p. 318).

Toda essa contextualização fornece indícios para compreender porque os movimentos tradicionalistas do Rio Grande do Sul têm tamanha representatividade, como foi visto tanto no Brasil quanto no exterior. Conforme explica Azevedo (2003, p. 307), para os tradicionalistas, o “gauchismo” é como uma religião: “para os que não possuem raízes rurais é o espaço do devaneio onde todos têm identidade comum: terminado o culto regional, voltam a ser globais. Todos são produtos e tudo é vendável.”. O regionalismo, nesse caso, funcionaria como uma estratégia de defesa da cultura brasileira a partir de uma cultura regional. Nesse raciocínio, é como se só fosse “possível ser brasileiro sendo gaúcho antes, expressando uma distinção cultural no país onde os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar a cultura a partir dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo” (AZEVEDO, 2003, p. 306).

Prova disso são as frequentes tentativas das emissoras locais de se expressarem por meio de produtos midiáticos com apelo regional. Um caso bem-sucedido foi a série *Rio Grande do Sul: um século de história*, lançada pela RBS TV, em maio de 1998, e que perdurou diariamente até 31 de dezembro de 1999, com 600 episódios curtos veiculados no horário nobre da emissora. A proposta era fazer um resgate histórico sobre a formação e o desenvolvimento do estado, na intenção de que os telespectadores pudessem aprender mais sobre a história do Rio Grande do Sul através de um suporte menos formal: a televisão. Para isso, passagens de livros e demais documentos históricos foram adaptados

para a TV, mantendo-se o teor do fato, mas com a nítida superficialização pertinente ao meio televisivo.

Segundo Silva (2003), exemplos claros dessa superficialização (e, em alguns casos, até distorção) na série *Rio Grande do Sul: um século de história* são os episódios que relatam a Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos<sup>19</sup>, propositalmente veiculados em setembro daquele ano, na tradicional Semana Farroupilha. Enquanto nos livros de história existem referências claras sobre o fim pouco glamoroso de Giuseppe e Anita Garibaldi, os episódios em questão restringem-se “a mostrar alguns dos fatos pelos quais Anita e Giuseppe entraram para a história gaúcha, ou seja, as lutas nas quais se envolveram dando demonstrações de grande coragem e bravura” (SILVA, 2003, p. 285). De novo, o mito do herói se sobressai frente à integridade dos fatos.

Aproximando-se da temática central desta pesquisa, é óbvio que o futebol não passaria ileso aos atos de afirmação cultural. Primeiramente, por se tratar de um esporte que, por si só, representa a cultura de massa. Em segundo lugar – e agora já envolvendo a problematização deste trabalho –, por estar inserido em um contexto regional bastante idiossincrático, contextualizado nos parágrafos anteriores. Outro exemplo claro dessas práticas de afirmação aparece em um comercial de TV da operadora de telefonia *Oi*<sup>20</sup>, veiculado em 2010. Nele, o narrador-personagem exalta os feitos históricos da consolidação do Rio Grande do Sul e os trejeitos típicos do gaúcho, com alusão ao futebol – “eu sou gaúcho e desafiei um império; eu sou gaúcho e levo minha cuia comigo pra onde eu for; eu sou gaúcho e o hino que eu canto no jogo do meu time é o hino do Rio Grande” – propagandeando que, em “respeito às

---

<sup>19</sup> “Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos? Baita polêmica. Depende do ponto de vista de quem interpreta. Depende também das motivações de cada um, afinal, ninguém pode ser neutro, pois todos nós escrevemos de algum lugar. Quem escreve Revolução Farroupilha possivelmente persegue o mito fundador. Busca a superioridade regional. [...] Não, o que ocorreu entre os anos de 1835 e 1845 não foi uma revolução. Nem todos participaram. As estruturas econômica e política do Rio Grande não mudaram após o dito evento. Foi, sim, uma guerra. Milhares lutaram e morreram entre os dez anos de confronto. Quem escreve Guerra dos Farrapos quer, quem sabe, evidenciar mais um fato de nossa história. E nada mais.” (CARATTI, 2014, s/p). Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2014/09/6421/o-destino-dos-lanceiros-negros-apos-a-guerra-dos-farrapos/>>. Acesso em 25 mai. 2018.

<sup>20</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6UZ3IBtaD8Y>>. Acesso em 22 mai. 2018.

convicções gaúchas”, a *Oi* dará três meses grátis para os rio-grandenses experimentarem o serviço da operadora. E finaliza, enfático: “não é promoção. É liberdade.”.

Em um texto de repúdio ao referido comercial, o jornalista e escritor gaúcho Marcelo Carneiro da Cunha (2010) é categórico: “alguém acha mesmo legal todo mundo cantar o hino rio-grandense antes do futebol? Por que? Nossa cultura se sente ameaçada diante do Botafogo?”. E lança a reflexão: “Precisamos afirmar algo que, se verdadeiro, nos acompanha em cada segundo das nossas vidas e que não tem nada de superior em si, mas simplesmente nos define como seres culturais?” (CUNHA, 2010, s/p).

Coincidentemente, o Botafogo de Futebol e Regatas também aparece como exemplo em um livro de crônicas do músico Humberto Gessinger (2009), famoso por seu trabalho na banda Engenheiros do Hawaii. Gremista fanático, Gessinger relata que simpatizou com o alvinegro carioca quando morou no Rio. Antes de iniciar o relato, porém, ele pondera: “pretendo tirar esse parágrafo da edição gaúcha, pois vou falar que simpatizo com o Botafogo e vão me cobrar monogamia tricolor. Bah, nem falei do Grêmio ainda! Melhor pra vocês. Se começar a falar, não paro mais” (GESSINGER, 2009, p. 46). Voltando ao texto de Marcelo Carneiro da Cunha (2010), além da questão do hino rio-grandense nos estádios, ele também ironiza o ritual do chimarrão como ato de afirmação cultural:

Eu viajei esses dias com um músico nativista que levava a cuia e chimarrão no avião e tomava o seu mate, e olhe que isso dava um trabalho danado. Fiquei imaginando se um baiano precisaria comer o seu acarajé, um goiano remover os espinhos de um pequi, um amazonense caçar piranhas, ou um carioca mandar ver num samba esperto enquanto bebericava a sua caipirinha trazida em um isopor, para afirmarem a sua identidade regional para todos os demais verem a bordo da Webjet. É isso? (CUNHA, 2010, s/p).

Nesse relato, o jornalista protegeu o nome do músico em questão. No entanto, como apontado no início deste tópico, não dá para negar que a música gaúcha também carrega significativos traços de afirmação cultural, sobretudo as que se enquadram predominantemente no gênero nativista, como no trabalho de Neto Fagundes, Luiz Carlos Borges, Gaúcho da Fronteira e Renato Borghetti – o Borghettinho – além da

obra dos saudosos Teixeira e Lupicínio Rodrigues, estes talvez as maiores referências musicais do estado, embora “Lupi” tenha se consagrado Brasil afora muito mais pelo estilo “dor de cotovelo” de suas canções do que pelo viés nativista em si.

Inclusive, é pertinente para esta pesquisa destacar o fanatismo de Borghettinho, Teixeira e Lupicínio pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Luiz Carlos Borges também é gremista, porém, menos convicto. Fazendo frente, Neto Fagundes e Gaúcho da Fronteira são devotos do colorado. O músico fronteiriço chegou a ser nomeado pelo clube como cônsul cultural do Inter, enquanto Neto Fagundes, que apresenta o já citado programa nativista *Galpão Crioulo*, é colunista do time no portal *GaúchaZH*.

Dentre os representantes gremistas, contudo, o devido destaque é de Lupicínio Rodrigues que, como se sabe, compôs o hino do clube – tema que será detalhado no próximo tópico deste trabalho. Borghettinho, por sua vez, criou sua versão gaiteada para o hino e acostumou-se a interpretá-la durante os shows. Teixeira também assinou algumas canções sobre futebol, mas com foco na proposta nativista, como nas trovas *O Desafio do GreNal* (1967), *Azul e Vermelho* (1969) e *Isso que é desafio* (1979), gravadas em parceria com sua companheira e acordeonista Mary Terezinha, outra expoente da música nativista gaúcha.

Curioso é que, nas faixas de 1967 e 1979, Teixeira se coloca no papel de torcedor colorado, enquanto Terezinha representa o tricolor. Já em *Azul e Vermelho*, o compositor se assume gremista, invertendo os papéis com Mary Terezinha. Mas, se, naquela época, a licença poética das composições permitiu duvidar da escolha do cantor, atualmente não há dúvidas de que ele torcia para o Grêmio: quando morreu, em 1985, o músico foi velado nas dependências do Estádio Olímpico Monumental, antiga sede tricolor. Além disso, a Fundação Teixeira, sediada em Porto Alegre e criada para homenagear o artista, exhibe seu cartão de sócio do clube.

Teixeirinha se prepara, hoje eu vou dar a saída/ O Grêmio está na cancha, vou te ganhar a partida/ Grêmio tem raça e é mal, joga limpo e não faz mal/ Teu time é perna de pau, colorado é sem corrida. (TEIXEIRINHA, 1967, s/p).

Colorado é sem corrida, mas tem camisa vermelha/ Também já está na cancha, previne a

tuas ovelha/ Pra ver se aguenta o combate, não aceitamos empate/ Colorado só te bate pra vocês não ter parelha. (TEIXEIRINHA, 1967, s/p).

Eu vou virar a casaca/ Me desculpe, torcedor/ Eu não era colorado/ Apenas fui defensor/ No verso, sou repentista/ No futebol, sou gremista/ Meu esquadrão tricolor. (TEIXEIRINHA, 1969, s/p).

Teu esquadrão tricolor/ Aproveito a embalagem/ Eu também andei uns tempos/ Com a camiseta trocada/ Como me sentia mal/ Meu clube é o Internacional/ Eu sempre fui colorada. (MARY TEREZINHA, 1969, s/p).

Enquanto nas trovas de 1967 e 1969, Teixeira e Mary se atêm ao confronto clubístico, na canção *Isso que é Desafio*, de 1979, a temática do futebol se mistura ao embate político:

Que entre na tua Arena/ E que te chame de você/  
Gosto da democracia/ Mas antes digo por que/ No futebol sou gremista/ E no partido PTB.

No partido PTB/ Eu fui mal interpretado/ Eu não disse ser da Arena/ Política deixo de lado/ O meu partido é mulher/ E no futebol colorado.

No futebol colorado/ Bom cantor e bom sujeito/  
Mas diz o velho ditado/ Ninguém no mundo é perfeito/ Só por tu ser colorado/ Taí teu maior defeito.

Taí meu maior defeito/ Teu Grêmio não é de nada/ Tu também tem muito mérito/ Mas em parte está errada/ Se gosta do PTB/ Tinha de ser colorada. (TEIXEIRINHA, 1979, s/p).

Apesar de, nos trechos em questão, Teixeira confundir o ouvinte dizendo-se ora gremista, ora colorado, há uma explicação lógica para isso: é que o cantor vestia a camisa do clube que estivesse em evidência no momento. Na canção de 1967, ele defende o colorado porque naquele ano o Internacional sagrava-se vice-campeão do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o “Robertão”, criado como extensão da Taça Rio-São Paulo. O Inter estava participando pela primeira vez do torneio e ainda repetiria o vice-campeonato no ano seguinte. Já em 1968, o Grêmio era o dono da bola: comemorava o heptacampeonato gaúcho em

uma sequência de títulos que perdurava desde 1962, justificando o fato de o músico “virar a casaca”.

Seguindo esse raciocínio, na canção de 1979, Teixeira volta a defender o Inter, afinal, esse foi o ano do tricampeonato brasileiro do clube colorado, desta vez de forma invicta e com a assinatura do ídolo Paulo Roberto Falcão. Todavia, independentemente de quem estivesse em melhor fase, nas três canções, o músico fez questão de evidenciar os dois clubes como patrimônios do Rio Grande do Sul, fosse na intenção de se afirmar culturalmente enquanto gaúcho, fosse na intenção de defender o lado sadio da rivalidade clubística.

Melhor é fazer as paz, os dois times têm valor/ A família colorada e a família tricolor/ Desculpe o Teixeira e a Mary Terezinha/ É uma cantora de linha e ele é o compositor/ Teixeira é o compositor querendo que vocês nos mande/ Um aplauso dos dois lado, nossa alegria se expande. O Grêmio e o Internacional no esporte é o maior/ Representa em geral o futebol do Rio Grande. (TEIXEIRINHA, 1967, s/p).

O Grêmio e o Internacional/ São dois clubes respeitados/ Se um vivesse sem o outro/ Nós dois não tinha brigado/ Se unimo gente querida/ Para saldar a torcida/ Do Grêmio e do colorado/ Viva o heptacampeão/ Do Rio Grande do Sul/ Minha gente! Viva!/ Viva o vice-campeão/ Do Robertão/ Minha gente! Viva! (TEIXEIRINHA, 1969, s/p).

Tá empatado o GreNal/ O amor desmancha a guerra/ Mistura-se as camiseta/ Num beijo esta briga encerra/ E viva as duas torcidas/ Dos times da nossa terra. (TEIXEIRINHA, 1979, s/p).

Se na obra nativista de Teixeira o futebol gaúcho ganhou ênfase, vale lembrar que essa temática também foi contemplada em outros gêneros musicais, como na MPB e no rocknroll. O estádio do Internacional e o ídolo colorado Falcão, por exemplo, figuram na música *Deu Pra Ti* (1981), um dos maiores sucessos dos gaúchos Kleiton & Kledir e uma verdadeira ode à capital Porto Alegre. Nesse clássico da MPB, não há referências ao Grêmio, embora a canção seja assinada também pelo integrante gremista da dupla, Kleiton, e não apenas pelo colorado Kledir.

Que saudade da Redenção/ Do Fogaça e do  
Falcão/ Cobertor de orelha pro frio/ E a galera do  
Beira-Rio. (KLEITON & KLEDIR, 1981, s/p).

Em uma participação no programa *Arena SportV*<sup>21</sup>, em 2010, Kleiton chegou a dizer que os gremistas discutem com ele porque o Grêmio não aparece na música *Deu Pra Ti*. O cantor se justifica dizendo que compõe somente a melodia das canções, enquanto as letras são de responsabilidade do irmão colorado, Kledir, o que explicaria o destaque dado ao Inter. No referido programa, Kledir aproveita para tirar sarro do irmão rival: “eu acho que a contribuição que o Kleiton dá em *Deu Pra Ti* é que a letra é colorada, mas a música (a melodia) é gremista. Agora, quem é que consegue perceber isso? Só ele!”.

Se na dupla da MPB, os irmãos são adversários dentro de campo, na banda de rock Nenhum de Nós, contudo, não existe essa rivalidade: todos os cinco integrantes do grupo são colorados e, inclusive, ostentam o título de cônsules culturais do Inter. Outro representante do rock no estado, o já citado Humberto Gessinger – gremista roxo e ex-líder da banda Engenheiros do Hawaï – é mais um exemplo de compositor que incluiu o futebol gaúcho em suas canções. Além dos aspectos futebolísticos, outros traços culturais do Rio Grande do Sul também aparecem com frequência no trabalho dos Engenheiros. Algumas referências são mais explícitas, como a regravação do clássico *Herdeiro da Pampa Pobre*, de autoria do Gaúcho da Fronteira. Outras são mais sutis, como o título do álbum *Minuano* (vento típico da região Sul) e as canções *Longe Demais das Capitais* (em alusão ao contorno marginal do estado em relação ao eixo Rio-São Paulo), *Pampa no Walkman* (em referência à vegetação predominante), *Ilex Paraguariensis* (nome científico da erva-mate, principal ingrediente do chimarrão), *Nove Zero Cinco Um* (que remete ao código de área local para ligações a cobrar), *Outono em Porto Alegre* (exaltando a paisagem da cidade) e *Anoiteceu em Porto Alegre*, que descreve o cotidiano noturno da capital.

Nesta última, o futebol ganha destaque. A faixa de oito minutos integra o álbum mais vendido da banda, *O Papa É Pop*, de 1990, e narra o trajeto de um andarilho no cotidiano noturno de Porto Alegre, com alusões à escuridão das ruas, à paisagem do Rio Guaíba, ao noticiário estatal *A Voz do Brasil*, ao jornal *Zero Hora* e ao Grêmio Foot-Ball

---

<sup>21</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Z5LZ6GSB8GA>>. Acesso em 30 mai. 2018.

Porto Alegre. Para se referir ao Grêmio, Gessinger mescla na música trechos de duas narrações épicas do radialista Armino Antônio Ranzolin pela rádio *Guaíba*, em 1983, quando o time sagrou-se campeão da Libertadores sobre o Peñarol (do Uruguai), no Estádio Olímpico e, posteriormente, campeão do Mundial Interclubes sediado em Tóquio, vencendo o Hamburgo, da Alemanha.

Eu disse que acreditassem/ Eu pedi que acreditassem/ Eu nunca deixei de acreditar que o Grêmio ia ser campeão da América/ Hoje, esta noite, em Porto Alegre.  
O Grêmio vai ser campeão do mundo/ O Rio Grande do Sul e o Brasil/ Não viver uma madrugada que não terminará/ Antes do sol nascer! (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1990, s/p).

Os fãs mais aficionados da banda, sobretudo os gremistas, acreditam que as cenas descritas em *Anoiteceu em Porto Alegre* remetem, na verdade, à saga do torcedor tricolor que vagueia bêbado pela cidade naquela noite de inverno, comemorando o título do Grêmio madrugada afora. Inclusive, as alusões vermelhas que aparecem na letra – “luz vermelha”, “flor vermelha”, “dor vermelha” – seriam, assim, sarros sutis ao silêncio dos colorados, que estariam em casa sem motivo para comemorar, assistindo da janela à festa do adversário. Ou seja, nessa ótica, é como se nada mais importasse no alvorecer da capital gaúcha quando o Grêmio é campeão, nem mesmo o atraso da *Zero Hora*, a escuridão da Azenha ou os três graus no marcador de temperatura.

Humberto Gessinger, contudo, não assume essa perspectiva. Em depoimento no livro *Futebol no país da música*, de autoria do jornalista Beto Xavier (2009), o músico conta que, quando compôs *Anoiteceu em PoA*, se lembrou do Grêmio, pois, naquele, dia “fazia um frio do cão”, assim como na noite gélida em que o clube foi campeão da Libertadores de 1983, daí a ideia de colocar as narrações de Ranzolin no meio da letra. No videoclipe da canção, aparecem imagens de jornais da época exaltando o feito tricolor.

Abrem-se aqui dois parágrafos para contextualizar a obra de Xavier (2009), anteriormente referida. O livro faz um registro das relações entre o futebol e a música no Brasil, com base em depoimentos, textos e fotos de artistas nacionais renomados, suas respectivas paixões

clubísticas e o modo como o futebol inspirou algumas canções. Nessa temática, a obra destaca composições de Pixinguinha, Noel Rosa, João Nogueira, Ary Barroso, Lamartine Babo (autor dos hinos de Flamengo e Fluminense), Chico Buarque, Bezerra da Silva, Jorge Ben Jor, Tom Zé, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Gal Costa, além do grupo Novos Baianos e alguns representantes mais atuais da música pop, como a banda mineira Skank, que assinou o hit *É Uma Partida de Futebol*.

Fazendo o caminho inverso – do campo para os palcos – Pelé também é destaque no livro de Xavier devido ao álbum *Pelé* (1977), que reúne composições assinadas e cantadas pelo ex-jogador para a trilha sonora de um documentário autobiográfico. Vale lembrar ainda que, muito antes do lançamento desse álbum, Pelé teve duas músicas de sua autoria interpretadas por Elis Regina no compacto intitulado *Tabelinha* (1969). A saudosa Elis, por sua vez, era torcedora fanática do Grêmio e, conforme consta no livro *A História dos Grenais*, chegou a namorar um habilidoso meia gremista nos anos 60.

Gessy. Um mistério no Grêmio. Morreu de câncer, anos após parar de jogar. A maioria de seus ex-colegas e dos antigos dirigentes do clube garante que ele não gostava de futebol. Jogava apenas por dinheiro, para pagar a faculdade de odontologia. [...] Gessy apreciava sobremaneira três coisas na vida: cigarro, bebida e mulheres. [...] As mulheres o adoravam e ele adorava as mulheres. Entre as tantas apaixonadas, destacava-se uma baixinha da Vila IAPI que constantemente podia ser divisada nas arquibancadas do Olímpico, assistindo aos treinos. Chamava-se Elis Regina. Contam muitos de seus contemporâneos, entre eles o treinador Oswaldo Rolla, que Gessy finalmente perdeu a capacidade física devido aos ardores de uma namorada insaciável. Teria sido esta morena de pernas de cetim e seios de granito que lhe sugou a saúde até o último suspiro de prazer. Gessy era o jogador que menos se movimentava no time do Grêmio. Mas quando a bola caía em seus pés era como se estivesse enfeitada. Dava dribles sobre um ladrilho, colocava a bola onde sua vontade determinasse. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 96-97).

Retomando o lirismo tricolor de Humberto Gessinger em *Anoiteceu em Porto Alegre*, vale ressaltar que, se nessa canção, a homenagem é para o Grêmio, no álbum seguinte – *Várias Variáveis* (1991) – o Internacional também ganha espaço. A menção aparece na capa do disco produzido e interpretado pelo trio Gessinger, Licks & Maltz, onde os escudos dos dois clubes figuram em meio a outros símbolos que ilustram o dia a dia da banda. Ao que parece, o baterista Carlos Maltz – integrante colorado do grupo – fez questão de ver seu time ali representado, embora o distintivo do Inter esteja ligeiramente menor que o do Grêmio, talvez porque Maltz fosse minoria. Mas fato é que, independentemente de quem estivesse ganhando, o futebol sempre foi assunto na banda e em seus shows pelo Brasil, como neste episódio de 1990:

Numa das últimas músicas do show no Morumbi, tentei olhar o horizonte acima das pessoas e vi uma goleira (só gaúcho chama de goleira o que, para ser mais universal, deve ser a meta, o gol, o arco, a cidadela adversária). Emocionado com a calorosa acolhida, agradei mais ou menos assim: “Valeu São Paulo! Foi um prazer tocar aqui, olhando para a goleira onde Baltazar fez o gol que deu ao Grêmio o título de Campeão Brasileiro de 1981”. Metade das pessoas vaiou, outra metade riu. Um ou outro gremista perdido na terra da garoa deve ter aplaudido. Na hora, me arrependi de misturar futebol e música. Da mesma forma que não queria começar a falar do Grêmio, aqui, senão não paro. Olhei pra trás meio envergonhado e cruzei olhares com Carlos [Maltz], colorado convicto, descendo a lenha na bateria. Ele sorriu em aprovação. Talvez só nós dois, ganhando fora de casa, entendêssemos a analogia. (GESSINGER, 2009, p. 54).

Sim, “ganhar fora de casa” aumenta a euforia. Mas isso não deve ser motivo para o bairrismo falar mais alto, qualquer que seja o estado em questão, qualquer que seja o tema em pauta. Como bem ponderou o jornalista gaúcho Marcelo Carneiro da Cunha (2010, s/p) – no texto de repúdio ao comercial de telefonia citado anteriormente – “brincar com as nossas peculiaridades, com o nosso jeito de ser, como os comerciais da Polar, tou dentro. Mas, lembremos que todo esse esforço serve para

vender uma cerveja, que além do rótulo, não tem nada de diferente, e, dentro da garrafa, nada de melhor.”. E prossegue: “melhor é ser bom. Melhor é ser nosso e saber dialogar com os demais, para se tornar ainda melhor. Vale para a literatura, vale para a música, vale para as cervejas e deve valer para todo o resto.” (CUNHA, 2010, s/p). No caso desta pesquisa, vale, especialmente, para o futebol.

## **2.2 Grêmio x Internacional: do histórico dos clubes às percepções da rivalidade**

Ontem passei na rua por um preto e um branco que discutiam, obviamente, futebol e ouvi o preto dizer: "E o ranca? E o ranca?" Já estava longe da dupla quando me dei conta. O colorado acuado pela gozação gremista estava invocando o "ranking", a classificação dos clubes brasileiros segundo a sua performance (que estamos falando brasileiros) em campeonatos nacionais, e na qual o Internacional é líder. [...]. Uma rivalidade que tem algo de selvagem, na medida em que o sucesso de um não apenas desconcerta mas arrasa o outro, mas que é a responsável por todas as conquistas de Grêmio e Internacional nestes últimos anos. Costuma-se atribuir os bons resultados do futebol gaúcho em relação ao resto do Brasil a coisas como clima, formação étnica e até à bravura atávica desta raça de machos, tchê, embora ele tenha começado a se impor no ranca justamente quando começou a importar jogadores. Mas não somos bons porque somos mais europeus ou mais fortes, somos bons porque o Internacional precisa ser melhor que o Grêmio que precisa ser melhor que o Internacional que morre se não for melhor que o Grêmio. Se o que move o capitalismo é a fome do lucro, o que move o irracional futebol de Porto Alegre é a fome da flauta. Há rivalidades parecidas no resto do Brasil, mas duvido que haja outra igual. No fim caímos na questão do nosso caráter, na nossa histórica afeição a dicotomias irreconciliáveis. (VERISSIMO, 1996*apud* LÜDTKE, 1996).

O enredo descrito na crônica do colorado Luis Fernando Verissimo permanece atemporal mesmo mais de vinte anos depois da publicação. Em termos estilísticos – e clubísticos –, o trecho foi escolhido para abrir este tópico porque faz páreo à abertura do tópico anterior, ilustrada pelo gremista Érico Verissimo, chefe desta família de abastado lirismo. Embora não fosse muito ligado ao futebol, diz-se sobre o Verissimo pai que ele escolheu o Grêmio por causa das cores. Quanto ao Verissimo filho, a escolha teria se creditado ao Rolo Compressor – o alerta vermelho que soou mais alto do que a “flauta” gremista durante toda a sua infância – e talvez o melhor time do Inter de todos os tempos.

Para além dessas questões, optou-se pelo referido trecho também porque ele reflete a gangorra protagonizada pela dupla GreNal e irremediavelmente sustentada pela paixão clubística, mostrando que, desde a fundação dos clubes, a rivalidade é uma marca arraigada ao maior duelo do futebol gaúcho. Hoje, passados mais de cem anos desde o primeiro clássico entre Grêmio e Inter, pode-se dizer que essa característica já tomou proporções mundiais, fazendo da dupla sul-riograndense reconhecida mundo afora não apenas pelo bom futebol, mas, sobretudo, pelos aspectos peculiares, dicotômicos e simultâneos de suas respectivas histórias. Prova disso são as recentes reportagens que, mais uma vez, elencam esse confronto no ranking dos maiores clássicos do futebol mundial, a exemplo da revista *FourFourTwo*<sup>22</sup> e do jornal *Daily Mirror*<sup>23</sup>. Para ambos os periódicos britânicos, o duelo GreNal é

---

<sup>22</sup> A *FourFourTwo* é uma revista inglesa de circulação mensal. Editada na Inglaterra desde 1994, possui 164 páginas e tiragem estimada em 90 mil exemplares, sendo 75 mil destinados ao Reino Unido e à Irlanda e o restante a edições da Hungria, Turquia, Suécia, Austrália e Tailândia. O nome *FourFourTwo* refere-se à clássica formação tática 4-4-2, tradicional nas equipes inglesas. A título de curiosidade, o ranking dos dez maiores clássicos mundiais elencados pela revista ficou assim: 1º: Boca Juniors x River Plate (Argentina); 2º: Barcelona x Real Madrid (Espanha); 3º: Celtic x Rangers (Escócia); 4º: Nacional x Peñarol (Uruguai); 5º: Lazio x Roma (Itália), 6º: Fenerbahçe x Galatasaray (Turquia); 7º: Liverpool x Manchester United (Inglaterra); 8º: Grêmio x Internacional (Brasil); 9º: Borussia Dortmund x Schalke 04 (Alemanha); 10º: Al Ahly x Zamalek (Egito). Disponível em <<http://www.fourfourtwo.com/features/fourfourtwos-50-biggest-derbies-world>>. Acesso em 13 nov. 2017.

<sup>23</sup> O GreNal ocupa a nona posição na lista dos 50 maiores clássicos do futebol mundial publicada em 13 de outubro de 2017 pelo jornal inglês *Daily Mirror*, sendo considerado o maior duelo futebolístico do Brasil, à frente do clássico

considerado o maior clássico do futebol brasileiro e um dos dez maiores clássicos do mundo.

No Brasil, muitos pesquisadores atribuem o aspecto da rivalidade entre os times de futebol ao contexto da fundação dos clubes e à formação das identidades clubísticas, “num período em que preponderavam as disputas pelas ligas metropolitanas, até mais ou menos os anos 30 e, portanto, sob a égide do amadorismo” (DAMO, 1998, p. 67).

Quando o Grêmio é identificado como um "clube de elite", por exemplo, o Inter toma-se, automaticamente, o "clube do povo", e vice-versa. É claro que as identidades clubísticas não se resumem a identificações desta ordem mas não há como negligenciar que tais associações tem muito a ver com o contexto mais amplo da sociedade. Ou seria mera coincidência o fato dos clubes brasileiros, em geral, estarem vinculados às noções étnicas de "raça" e "classe social"? No futebol brasileiro todo clube tem seu "outro", seu "contrário". É assim em Porto Alegre, com o Grêmio; na Bahia, com o Ba-Vi; em Pelotas, com o Bra-Pel; e até em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde existem mais de dois "grandes", predominam as rivalidades entre Corinthians versus Palmeiras e Flamengo versus Fluminense, respectivamente. (DAMO, 1998, p. 67).

Para esses pesquisadores, como Helal (1997) e Damo (1998; 2002), o futebol vai muito além de sua concepção enquanto esporte. Ele passa a ser visto como um fenômeno social que permeia a vida do homem moderno, configurando-se como um poderoso instrumento de integração social e possibilitando observar “indivíduos cuja diversidade está estabelecida pelas normas econômicas e sociais da sociedade se transformarem em ‘iguais’ através de um sistema de comunicação que

---

carioca FlaFlu (19°) e do derby paulista Corinthians x Palmeiras (25°). Assim como na revista *FourFourTwo*, o clássico argentino Boca Juniors x River Plate lidera o ranking, enquanto Barcelona x Real Madrid (Espanha) e Celtic x Rangers (Escócia) fecham o top 3. Disponível em <<http://www.mirror.co.uk/sport/football/news/top-50-football-derbies-world-11313880>>. Acesso em 13 nov. 2017.

os leva a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, praias e escritórios” (HELAL, 1997, p. 25).

Gremistas, colorados e flamenguistas são cidadãos quaisquer, que partilham, entre outras coisas, o gosto pelo futebol justamente porque partilham uma série de dilemas sociais, sendo o futebol capaz de tornar público e de maneira muito peculiar alguns desses conflitos, é que existem as rivalidades clubísticas, algumas delas circunscritas à esfera local, outras regionais e até nacionais. (DAMO, 1998, p. 11-12).

De acordo com Helal (1997), isso se justifica pela abrangência massiva desse esporte, de modo que até o sujeito mais humilde teria plenas condições de se expressar socialmente por meio de um jogo de futebol, já que a modalidade permite “aos brasileiros de todas as classes sociais, raças e credos, quebrar simbolicamente a hierarquia cotidiana – baseada na ética tradicional – e experimentar igualdade e justiça social” (HELAL, 1997, p. 31). Ou seja, para o autor “é como se o ritual do futebol dramatizasse os ‘segredos’, ‘medos’ e ‘desejos’ da sociedade brasileira, todos eles relacionados ao dilema brasileiro” (HELAL, 1997, p. 31). Ao compartilhar a mesma visão, Damo (2002, p. 12) ressalta a questão identitária que ultrapassa o conceito desportivo: “torcer por um clube de futebol é participar ativamente da vida social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa e a família”.

É sob essa perspectiva do futebol como símbolo identitário de uma nação que este tópico intenta discorrer sobre as percepções da rivalidade GreNal com base no histórico dos clubes e nos aspectos sociais sul-rio-grandenses, rivalidade esta constantemente enfatizada pela imprensa nacional e estrangeira como um dos traços característicos da identidade sulista. Nesse âmbito, é preciso atentar também ao fato de que o contexto identitário é sempre algo mutável, conforme observa Stuart Hall (2006). Segundo o autor, esse processo de identificação nas sociedades modernas – assim caracterizadas por serem sociedades de mudança constante, rápida e permanente – tornou-se frágil e variável porque a globalização fragmentou “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 09). Isto é, esse fenômeno foi o responsável por alterar a noção identitária do sujeito social, configurando-o como portador de uma

identidade mutável, transformada ao longo da história justamente pelas divisões e antagonismos sociais advindos da modernidade.

Por isso, não há como descrever o histórico de Grêmio e Inter e os aspectos da rivalidade GreNal sem considerar o contexto socialmente mutável em meio ao qual emergiram os clubes brasileiros, sobretudo porque esse contexto explica muitas das questões que foram decisivas para o fomento das rivalidades clubísticas. No caso de Grêmio e Internacional, duas delas merecem destaque e serão discutidas nos próximos parágrafos: o embate racial que emergiu desde a fundação das equipes e, também, a consolidação de seus respectivos estádios enquanto símbolos de pertencimento clubístico.

A começar pela fundação dos clubes: o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre foi fundado em 1903, sendo o primeiro time de Porto Alegre e o segundo do estado, considerando-se o pioneirismo do Sport Club Rio Grande, que é também o clube de futebol mais antigo em atividade no Brasil. Inclusive, atribui-se ao Rio Grande a inspiração que teria motivado o nascimento do Grêmio.

O Grêmio foi fundado quinze anos depois da abolição da escravidão no Brasil. Não havia sede, não havia lugar de reunião, não havia nada. O único patrimônio do clube era uma bola de futebol, a primeira surgida em Porto Alegre, trazida pelo paulista Cândido Dias. Os fundadores não eram empresários, nem nababos, não tinham posses. Eram jovens que se encontravam no restaurante Dona Maria, no Centro, e que tinham ficado entusiasmados com um evento ocorrido no feriado de Independência de 1903. Naquele dia, o Sport Club Rio Grande, que viera à capital numa custosa viagem de vapor, fizera uma apresentação do novíssimo esporte criado na Inglaterra e que fora trazido ao Brasil pelo centroavante bigodudo Charles Miller oito anos antes. A apresentação do Rio Grande foi tão empolgante que dois grupos de amigos resolveram organizar clubes de futebol: os comerciantes liderados por Cândido Dias, que fundaram o Grêmio, e alguns alemães e descendentes de alemães, que fundaram um clube denominado Fussball. Os dois clubes nasceram no mesmo dia, 15 de setembro de 1903. (COIMBRA *apud* GERCHMANN, 2015, s/p).

A princípio, o Grêmio e seu “irmão gêmeo” Fussball não tinham grandes pretensões futebolísticas. Queriam apenas promover alguns encontros internos. Eles sequer jogavam um contra o outro. Mais tarde, as duas equipes colocaram uma taça em disputa e resolveram se enfrentar, mas a “ideia era bater uma bolinha com os amigos” (COIMBRA *apud* GERCHAMANN, 2015, s/p). O Grêmio venceu. E a próxima partida seria só dali a alguns meses. Seis anos depois, quando foi fundado o Sport Club Internacional, o Grêmio contabilizava dezesseis partidas no currículo: quinze delas contra o Fussball e uma contra o pioneiro Rio Grande. O Inter, fundado pelos irmãos Poppe, que eram descendentes de italianos, teria nascido, então, para combater o Grêmio – não porque o Grêmio carecesse de rivais, mas, sim, pelo misto de embate e revolta que já se delineava desde a formação colorada.

Os três irmãos Poppe, Henrique, José e Luis, que deram a ideia de formar um *club* de *foot-ball* tinham menos de 20 anos. Eram paulistas. Estavam no Estado desde 1908, quando montaram uma próspera loja de roupas. Como praticavam o *foot-ball* em São Paulo, ao chegarem em Porto Alegre tentaram ingressar numa sociedade dedicada a esse esporte. Escolheram o detentor do melhor *team* da Capital, o Grêmio-Porto-Alegrense. Que os rejeitou. A alegação: eram recém-chegados, não tinham nenhuma indicação nem conhecidos ilustres na cidade. A única saída, portanto, era fazer um *club* de *foot-ball* deles e para eles. Assim nasceu o Internacional. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 14).

A causa da rejeição, contudo, segue mal explicada até hoje, sendo comumente atribuída ao fato de que o Grêmio só aceitaria membros de descendência alemã em seu grupo, excluindo, portanto, os irmãos de origem italiana da família Poppe. No intuito de refutar essa versão, o jornalista e escritor Léo Gerchmann reuniu em seu livro *Somos azuis, pretos e brancos* (2015) alguns pormenores do fato – com base em documentos e evidências históricas – que estariam por trás da fundação dos dois clubes e que desmontariam o mito da segregação racial atribuída ao tricolor. “Começa pela própria fundação do Grêmio: não eram apenas alemães os nossos pioneiros. O clube criado só por alemães era o Fussball, ligado ao alto comércio.” (GERCHMANN, 2015, p. 18). Sendo assim, afirma Gerchmann (2015), não teria porquê o Grêmio

rechaçar novos membros com base nesse argumento. Inclusive, “não há registro de que o Grêmio, clube fundado pelos integrantes do baixo e do médio comércio porto-alegrense, com sobrenomes de diversas origens, alguma vez tenha, pelo menos expressamente, rejeitado qualquer etnia, religião ou cor de pele” (GERCHAMANN, 2015, p. 18).

Contudo, mesmo desfazendo o mito da exclusão étnica e tomando como versão oficial a de Coimbra *et al.* (2009) – de que os irmãos Poppe não foram aceitos no time do Grêmio porque eram recém-chegados na cidade e, portanto, ainda sem referências –, não há como negar a existência de indícios da segregação racial em ambas as agremiações, segregação esta explicada por Gerchmann (2015) e Coimbra *et al.* (2009) como reflexo da sociedade brasileira, sobretudo no tocante à exclusão de negros, o que, para esses autores, estaria atrelado às sequelas da escravidão. “Havia, sim, um processo de exclusão dos negros, mas ele nunca foi proposto pelo Grêmio, mas pela sociedade brasileira, profundamente hierárquica e preconceituosa.” (GERCHMANN, 2015, p. 9-10). Tanto é que, ainda segundo Gerchmann (2015, p. 25), os “fundadores de Grêmio e Inter eram, todos eles, brancos, em média por volta de vinte anos. Predominavam comerciantes, estudantes e funcionários públicos.”.

Talvez Grêmio, Internacional e a maioria das demais instituições praticassem, minimamente, o que poderia ser chamado de “racismo tácito”. Era quase inevitável – e geralmente não explícito. Isso ocorria em maior ou menor grau. Nos nossos grandes clubes de futebol, tratava-se de um costume, mas não de uma determinação ostensiva. Repito: nos dois! (GERCHMANN, 2015, p. 65).

Mas, então, por que coube somente ao Grêmio a pecha de elitista instaurada nas primeiras décadas do século XX e que perdura até hoje? Gerchmann (2015, p. 92) faz o *mea-culpa* justificando que “o Grêmio se deixou rotular de elite em razão de alguma soberba. Não via como necessário ou até apropriado rebater o rótulo. Aparentemente, não era ofensa. Ser elite era legal, ora bolas!”. Na visão do autor, o Inter teria, por sua vez, se aproveitado desse contexto para “oficializar a tolerância racial antes do rival” (GERCHMANN, 2015, p. 33), consolidando o imaginário de “clube do povo”. Naquele momento, a superioridade técnica do Grêmio frente ao adversário era inegável. E, para piorar a situação, a falta de recursos financeiros do Internacional na busca de

reforços foi agravada pelo crack da bolsa de Nova York em 1929: “os jogadores negros foram a solução. Além de habilidosos, poderiam ganhar salários bem mais baixos. Logo, as circunstâncias e as dificuldades da época levaram o Internacional a começar ali, nos anos 1930, sua grande sacada de marketing.” (GERCHMANN, 2015, p. 33).

Dessa maneira, o Internacional pôde montar o “esquadrão” conhecido como Rolo Compressor, que, composto de muitos jogadores negros de extrema qualidade técnica, subjugou os times tricolores nos anos 1940. A atitude colorada, de qualquer forma, foi elogiável. Generosa e muito inteligente. Resultou num eficiente case de marketing, opondo o autointitulado “clube do povo” à suposta instituição elitizada. (GERCHMANN, 2015, p. 33).

Do ponto de vista de Gerchmann (2015, p. 92), o Inter também era elite, mas uma elite diferente: “a elite guasca, mais rude, das tradições dos estancieiros, com perfil bem mais ‘casa-grande-senzala’”. Já o Grêmio vivia de recursos próprios, era mais estruturado, conforme relata o autor, argumentando que o Internacional só foi ter seu próprio estádio em 1931, muito tempo depois do rival, que desde 1904 era o dono do Fortim da Baixada – local onde mandaria seus jogos pelos próximos 50 anos, até ser inaugurado o Estádio Olímpico. Mas, se, por um lado, o Inter ainda não tinha casa, por outro, eternizou o imaginário de clube do povo. Porém, essa atitude a qual Gerchmann (2015) ironiza como uma exímia “sacada de marketing”, só pôde se concretizar devido à existência paralela de um seletto grupo de jogadores que frequentemente é lembrado nas pesquisas sobre o futebol do estado: a Liga da Canela Preta. Seletto não na conotação da palavra em si – insinuando a ideia de segregação que, pelo contrário, era justamente o que a Liga intentava combater – mas, sim, em seu significado literal de seleção, pois reunia um grupo de jogadores de exímia habilidade técnica, todos eles negros, então rechaçados pelas equipes elitistas de Porto Alegre, em pleno contexto de profissionalização do futebol.

No entanto, embora hoje a criação da Liga permeie muitos trabalhos acadêmicos, o pesquisador Arlei Sander Damo – em sua dissertação de mestrado defendida em 1998 – alerta para o fato de haver poucas referências e relatos oficiais confirmando que a Liga da Canela Preta de fato existiu. O autor afirma que, não fossem os depoimentos de Lupicínio Rodrigues “justificando porque ele, mulato, boêmio, nascido e

criado na Travessa Batista, coração da Ilhota, era gremista, os ‘canelas pretas’ provavelmente teriam desaparecido por completo da história do futebol porto-alegrense e, por extensão, da própria cidade” (DAMO, 1998, p. 100). Ainda segundo ele, a ausência de resultados satisfatórios em seus esforços na “busca fracassada” de referências sobre a Liga talvez se justifique na perspectiva de que os “‘canelas pretas’ fazem parte de um passado que a cidade, o futebol e os próprios negros – me refiro especialmente aos que foram meus informantes – preferem esquecer. Há boas razões para tal, especialmente por parte destes últimos.” (DAMO, 1998, p. 103).

Aqui, cabe um parágrafo para lembrar que, segundo Coimbra *et al.* (2009), além da associação própria dos negros – a referida Liga da Canela Preta – também se formavam, pelo interior de estado, outros compilados de jogadores que, pela condição considerada subalterna, não eram aceitos na capital, embora tecnicamente jogassem de igual para igual. “Nos times do interior atuavam muitos uruguaios, negros e pobres, enquanto que nos da capital só moços das boas famílias de Porto Alegre.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 40). Os autores contam que até mesmo a chegada em 1920 do goleiro Eurico Lara – hoje imortalizado na letra do hino gremista – causou certa desconfiança no clube tricolor por ele ser de origem humilde. Gerchmann (2015, p. 67) balanceia essa perspectiva ao afirmar que “era virtualmente impossível negros serem aceitos em qualquer dos clubes de Porto Alegre. Não por serem negros, mas por serem desprovidos de recursos financeiros. Claro que, em alguns casos por ser negros.”.

Foi então que, percebendo o potencial dessas agremiações paralelas, o Inter resolveu a questão dos reforços e, de quebra, safou-se do rótulo de elitista. “Os times do interior continuariam a ser páreo duro para os da Capital até que o Inter se apercebesse da fonte de força destas equipes: nelas, qualquer um jogava, fosse branco, preto, amarelo, pobre, rico ou remediado.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 39-40). Desse modo, “o Internacional passou a buscar os jogadores que se destacavam na Liga da Canela Preta e assim montou o seu supertime, o Rolo Compressor” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 40), o qual ainda será assunto neste tópico.

Os jogadores da Liga da Canela Preta passaram a ser reconhecidos pela habilidade. E o futebol se profissionalizava. O Inter ainda tinha dificuldades em se impor ao Grêmio. E veio a crise de 1929. Ora, por que o Inter iria se reforçar buscando jogadores caros no interior do Estado? Foi aí a

sacada de mestre do marketing, que talvez nem eles próprios imaginavam que seria tão eficiente: pegaram os jogadores da liga, que foi minguando. Formaram um grande time e se autodefiniram como “do povo”. (GERCHMANN, 2015, p. 109).

Contudo, essa sacada controversa do Internacional, ao mesmo tempo em que o consagrou como o “clube do povo”, teria sido o motivo para que uma das figuras mais ilustres da cultura popular gaúcha, Lupicínio Rodrigues, se tornasse gremista, mesmo sendo negro e membro de uma família repleta de colorados. Já citado nesta pesquisa, o cantor e compositor imortalizado como craque da música “dor-de-cotovelo” também chegou a jogar futebol, vestindo a camisa dos times metropolitanos Lagarto e Ferreira em meados dos anos 1930 e 1940, conforme consta no livro *Almanaque do Lupi* (2014), escrito pelo jornalista e pesquisador Marcello Campos. Nos gramados, todavia, Lupicínio não atingiu o patamar de craque, pois era um meia “bem mais ou menos”. Voltando à justificativa para o seu pertencimento tricolor, o gremismo irremediável de Lupi se deve, segundo Damo (1998), à mágoa do cantor pelo fato de o Inter ter supostamente barrado a participação do time Rio-grandense na Liga Metropolitana de Porto Alegre, time este do qual seu pai, Francisco Rodrigues, era o presidente. Uma vez não aceito na Liga da capital, o time dos Rodrigues foi disputar a Liga da Canela Preta, em explícita represália ao Internacional que, por ironia, só foi ter o seu melhor plantel quando finalmente decidiu recorrer aos jogadores da Liga. Em uma versão mais detalhada, Gerchmann (2016, p. 25-26) esclarece:

Com essa rejeição ao Rio-Grandense em 1911, teve de ser criada no ano seguinte, em 1912, a Liga da Canela Preta, integrada por jogadores não brancos aliados da disputa entre os brancos. E, como está relatado minuciosamente em *Somos azuis, pretos e brancos*, ali se criou a lenda urbana do “clube do povo” que, supostamente, seria a contraface do “clube de elite” – palavra que, na época, sequer tinha a carga pejorativa que passou a carregar décadas depois, no vertiginoso século 20, com suas revoluções e conquistas sociais. Bem, repito: esta história incrível está contada em detalhes no meu *Somos azuis, pretos e brancos*, inclusive com cópia do texto de Lupicínio no

jornal Última Hora, em que o gênio negro da música popular relata a história da rejeição colorada ao, como ele definia, “time de mulatinhos” do pai dele. Mais: revela que esse foi um dos motivos para ter se tornado “fanático pelo Grêmio”, clube que aceitara o seu pai. (GERCHMANN, 2016, p. 25-26).

A identificação com o Grêmio foi tamanha que, alguns anos depois, mais precisamente em 1953, o próprio Lupi estaria incumbido de uma notória missão: escrever uma letra em homenagem aos 50 anos do clube, obra que, mais tarde, se transformaria no hino oficial. Para Gerchmann (2015), inclusive, essa devoção de Lupi pelo Grêmio é tida como um dos principais indícios que desmontam o mito da segregação racial atribuído à instituição: “por que ele, filho de dirigente da Liga da Canela Preta, símbolo maior da arte popular porto-alegrense, inteligente a ponto de ser cultuado como gênio e orgulhosamente negro, seria torcedor de um clube supostamente racista?” (GERCHMANN, 2015, p. 21). Consideráveis páginas adiante, o autor complementa: “o hino, ‘até a pé nós iremos’, que fala de perseverança e da ‘imortalidade tricolor’, tornou-se lema do clube, composto por um aficionado negro, simplesmente o artista mais popular do Estado” (GERCHMANN, 2015, p. 136). A inspiração veio no calor de um dia de jogo, quando Lupicínio e outros gremistas aguardavam o bonde que os levaria ao estádio, sob a ameaça de uma greve deflagrada dias antes pelos motoristas, o que dificultaria o acesso ao local da partida.

Era domingo, 19 de abril e o Grêmio jogava à tarde contra o Força e Luz, na Timbaúva, bairro Santana. Lupicínio Rodrigues e um grupo de gremistas aguardavam a passagem do bonde que os levaria até o local do jogo, no Copacabana – um bar/restaurante situado na esquina das atuais avenidas Getúlio Vargas e Aureliano de Figueiredo Pinto, na Cidade Baixa, mas que há época ainda pertencia à Ilhota e era muito frequentado por boêmios. Os bondes estavam em greve mas, “como bons torcedores”, deveriam seguir o slogan e estar “Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio”. Segundo Lupicínio Rodrigues Filho, Salin Nigri e outros tantos, o grupo começou a se impacientar até que alguém sugeriu que fossem todos a pé. Ato contínuo, Lupicínio

tomou um papel qualquer e, sentado à mesa do Copacabana, deu forma aos fragmentos. Rumaram então para o Timbaúva cantando: "Até a pé nós iremos/para o que der e vier/mas o certo é que nós estaremos/com o Grêmio onde o Grêmio estiver." Gravado por João Dias, no ritmo da época, a "Marcha do Cinquentenário" acabou substituindo uma antiga partitura para piano, cuja existência até mesmo os gremistas mais antigos desconhecem, e se transformou no Hino Oficial do Clube. (DAMO, 1998, p. 153).

Essa contextualização dos aspectos históricos e sociais que envolveram o surgimento de Grêmio e Inter permite compreender porque o embate racial é um dos marcos da rivalidade entre a dupla. Mas, para além do contexto extracampo, o fator simbólico institucionalizado pela sabedoria popular do "jogo é jogado" também foi decisivo para fomentar essa rivalidade que, desde então, tende ao infinito e circunscreve novos ditados, como os místicos "GreNal é GreNal" e "Não existe GreNal amistoso". Prova disso é que o primeiro GreNal da história já surgiu com a proposta implícita de decidir, dentro de campo, quem era o dono da superioridade tão questionada fora das quatro linhas.

A partida foi marcada para o dia 18 de julho de 1909 e, embora não tivesse o menor semblante de amistoso, os clubes pretendiam promover um jantar e um baile para depois do jogo, conforme relatam Coimbra *et al.* (2009). Como naquele tempo ainda não se cobrava ingressos, alguém teria que pagar pela festa. Foi então que o Internacional anunciou que pagaria a conta, mas os gremistas se ofenderam: "de jeito nenhum, bradou Koch, o Grêmio paga. Os colorados insistiram e os gremistas ameaçaram cancelar a partida. Só assim os dirigentes do Inter cederam e as despesas ficaram a cargo do Grêmio." (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 15). No confronto em si, era de se supor que o Inter levasse a pior, afinal, tinha seis anos a menos de experiência na bagagem. Mas, nem mesmo o mais pessimista dos colorados imaginava que o resultado fosse terminar em 10 x 0 para o tricolor.

A festa ocorreu como previsto, apesar de os dias que a antecederam terem sido nervosos como ainda hoje na chamada "semana Gre-Nal". Em campo, porém, a cordialidade não teve vez. O

Grêmio impôs sua experiência e foi empilhando gols. No final, constringedores, históricos e marcantes 10 a 0 para o quadro tricolor. (GERCHMANN, 2015, p. 87).

Há registros de que esse jogo foi tão fácil para o Grêmio que alguns jogadores ficaram de papo com os torcedores à beira do gramado enquanto a partida transcorria praticamente toda na área do Inter. “No dia seguinte, o juiz Bromberg confessaria ter se cansado de dar a saída de jogo tantas vezes. Quando ele encerrou a partida, o placar estava em 10 x 0 para o Grêmio.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 21). Gerchmann (2015) atribui a esse fatídico episódio o nascimento da gangorra “freudiana” que, até hoje, caracteriza a dupla GreNal.

Desde esse episódio, em razão do resultado acachapante e dos fatos que o cercaram, o GreNal se tornou uma incansável disputa em que um quer se sobrepujar ao outro. O rival internalizou a cultura da vendeta em relação ao Grêmio. Algo bem freudiano: o irmão mais novo tentando superar o mais velho. Quando o mais novo superava o mais velho, o mais velho se tomava do mesmo sentimento vingativo. Um sempre tentando desbancar o outro. Em campo – e fora dele também. (GERCHMANN, 2015, p. 87-88).

Os próximos seis anos e cinco GreNais foram de indelével supremacia tricolor, incluindo outra goleada de dez tentos que, desta vez, fora amenizada com o gol de honra de Benjamin Vinholes, pontaesquerda do Inter, eternizado como autor do primeiro tento vermelho em GreNal. Nesse período, o Grêmio se desentendeu com a liga portoalegrense e simplesmente abandonou o campeonato. O ano era 1913. “O Inter continuou jogando e se proclamou campeão. O Grêmio liderou a formação de uma nova Liga e também proclamou-se campeão. Em 1913, portanto, Porto Alegre teve dois campeões.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 27). A confusão se estendeu pela temporada seguinte. “Grêmio e Internacional ficaram quase três anos sem se enfrentar, declarando-se campeões em suas ligas e menosprezando o título do adversário.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 27). O tira-teima veio em 1915: o primeiro triunfo colorado ainda faria o Inter emplacar uma série vitoriosa pelos próximos três GreNais até 1918.

Jogo violentíssimo. O Inter atacando sempre, Mohrdieck limpando a área do Grêmio. Faltando dois minutos para terminar o primeiro tempo, o ponteiro-direito colorado, Túlio, cobrou escanteio e colocou a bola na área do Grêmio. Os zagueiros tentaram tirar com cocadas, mas não foram bem-sucedidos. A bola sobrou para Müller, que marcou 1 x 0 para o Inter. No intervalo, os colorados foram cobertos de flores e confetes atirados pelas mulheres, enquanto os homens carregavam Müller em triunfo. Ainda havia, porém, todo o segundo tempo e o Grêmio teria o vento e a tradição a seu favor. Talvez ninguém tenha avisado Bedionda de nada disso. Aos quatro minutos, ele ampliou para 2 x 0. O Grêmio se perturbou. Os colorados continuaram dominando. Aos 30, Túlio avançou pela direita, chutou, a bola bateu na trave e entrou. Antenor Lemos gritava, Kluwe sorria e fechava os punhos fortemente. Aos 38, o Grêmio pregou-lhes um susto. Sisson descontou. Logo em seguida, no entanto, aos 42, Bedionda marcou o último: 4 x 1 para o Internacional. – Está quebrado o lacre! Está quebrado o lacre! Demorou seis anos! – Berrava Antenor Lemos, emocionado. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 31-32).

Antenor Lemos não era um exímio atleta – talvez fizesse jus ao que atualmente os torcedores chamam de jogador esforçado – mas, quando assumiu o cargo de presidente do Internacional, pode-se dizer que vestiu a dez. Acredita-se que ele foi o cartola mais influente da cidade em toda a década de vinte, além de um dos pioneiros instigadores da rivalidade GreNal nos moldes que se conhece hoje. A cada derrota do Grêmio, soltava foguetes e promovia festas, acirrando o embate clubístico. De volta à questão racial, teria sido Lemos o maior responsável pela quebra do preconceito de cor no Inter, em 1928, com a entrada do primeiro negro no clube, o ponteiro-direito Dirceu Alves, conforme afirmam Coimbra *et al.* (2009). “O ingresso de Dirceu, no entanto, serviu mais como marco do que de abolição da discriminação. O Inter continuaria a desprezar discretamente os negros até os anos 30, pelo menos.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 46).

Fazendo o contraponto, “já que foi a dicotomia que colou etiqueta nos grandes clubes gaúchos”, Gerchmann (2015, p. 32) relata que o Grêmio contou com um negro em seu plantel primeiro do que o

Internacional. Trata-se de Adão Lima, atacante que atuou pela equipe em 1926, ou seja, antes de Dirceu, que entrou para o Inter em 1928. “Dirceu atuou em dez jogos, durante oito meses, de setembro daquele ano a maio de 1929. Adão, no tricolor, foi anterior e criou mais vínculo com o clube.” (GERCHMANN, 2015, p. 32). Nesse intervalo, o Internacional finalmente conquistara seu primeiro título com o rival em disputa. O feito foi em 1927 e, portanto, ainda só com brancos no elenco. “O Inter venceu o Grêmio por 3 x 1 e levou o Campeonato da Cidade. Eufórico por ter superado o rival, o Colorado passou por cima dos demais adversários e venceu o primeiro Campeonato Gaúcho de sua história.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 46).

A gangorra não falha: se a fase era de conquista do Inter, decerto a próxima seria de conquistas do Grêmio. Conquistas, no plural, considerando-se que, pelos próximos seis anos – de 1928 a 1934 – foram disputados dezesseis Grenais, com onze vitórias do Grêmio e apenas três do Inter que, por pouco, não fechou as portas. “Isso, cruel ironia, devido a um erro de raciocínio do seu maior dirigente, Antenor Lemos.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 46). Ele se opôs à compra do terreno que abrigava a Chácara dos Eucaliptos, estádio onde o Inter jogava. A decisão de venda partiu dos donos da propriedade, os gestores do Asilo da Providência que, gentilmente, deram a preferência de compra ao Inter, por 40 mil contos de réis (COIMBRA *et al.*, 2009). O dirigente embargou o negócio não porque faltasse dinheiro – na verdade faltava, mas uma abastada família colorada assumiria a dívida como uma “doação ao clube” – mas, sim, porque, para Lemos, o Internacional deveria “viver de conquistas esportivas, não de glórias materiais” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 47). A solução veio das mãos do jovem engenheiro e futuro dirigente Ildo Meneghetti, que liderou uma campanha de arrecadação de fundos para levantar um novo estádio. “Com a venda de bônus no valor de 500 mil réis, Meneghetti levantou a importância suficiente para construir o Estádio dos Eucaliptos, na Rua Silveiro, em 1931.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 47).

Em 1931, foi inaugurado, finalmente, o Estádio dos Eucaliptos. Uma nova fase teve início no Internacional, bem mais auspiciosa. Vieram vitórias consistentes. Criou-se então a imagem da “gangorra”, porque logo adiante se formou o Rolo Compressor colorado, e ambos os clubes passaram a ter grandes formações, revezando-se na hegemonia do futebol gaúcho e rompendo

fronteiras nacionais e internacionais.  
(GERCHMANN, 2015, p. 109).

Mesmo que o estádio dos Eucaliptos não deixasse nada a desejar em relação ao Fortim da Baixada, dentro de campo, porém, a supremacia ainda era tricolor. Embora os colorados tivessem conquistado o Campeonato Metropolitano e o Estadual em 1934, eles sucumbiam diante dos quatro títulos metropolitanos seguidos do Grêmio, entre 1930 e 1933, além do bicampeonato Estadual e do tri Metropolitano, conquistados pelo tricolor entre 1932-1933 e 1937-1939, respectivamente. Sem falar no “Grenal Farrroupilha”, de 1935, assim intitulado em homenagem ao centenário da Guerra dos Farrapos. Naquele ano, a Redenção – ou Parque Farrroupilha – estava toda enfeitada para receber as comemorações setembrinas e, também, o então presidente da República, Getúlio Vargas. Gremista, saiu vitorioso na edição especial do campeonato da cidade, mesmo que na ocasião o colorado fosse favorito. Além disso, Lara, o craque que “emprestou ao Tricolor a fama da imortalidade” (GERCHMANN, 2016, p. 37), desfalaria o time do Grêmio – a doença cardíaca do goleiro se agravou e os médicos o proibiram de entrar em campo. No dia 22 de setembro daquele ano, Grêmio e Inter chegaram ao jogo decisivo separados por apenas um ponto. Em caso de empate, o Inter seria proclamado “Campeão Farrroupilha”, garantindo a vaga para a final do Estadual.

No domingo, com a certeza da vitória colorada, um dos torcedores do Inter deu-se ao trabalho de caçar 11 cachorros pelas ruas de Porto Alegre, pintá-los, todos, de vermelho e amontoá-los dentro de uma camionete. Conduziu o carro para a frente da Baixada e foi para as arquibancadas. Seu plano era de, encerrado o jogo, com a provável vitória do Inter, soltar a cachorrada no gramado, só de farra. Não desconfiava o torcedor que naquele instante Lara comunicava aos dirigentes do Grêmio e aos seus companheiros de time que ele ia jogar de qualquer jeito. E que não tentassem removê-lo. [...] Faltando dois minutos para o final do jogo, o Grêmio teve a seu favor uma falta na intermediária do Inter, quase no grande círculo do meio de campo. [...] Foguinho pegou a bola com as mãos, aproximou-se do centromédio Mascarenhas e cochichou no seu ouvido direito:

– Levanta no meio da área que o Risada vai tirar e eu vou pegar o rebote. [...] O mal-aventurado proprietário dos cachorros vermelhos tentara sair com eles da camionete quando Foguinho fez o primeiro gol. O foguetório gremista assustou a cachorrada, contida com dificuldades pelo torcedor. Um minuto depois, no entanto, estourou o segundo gol. Ninguém seguraria os cachorros enlouquecidos com as bombas, certamente irritados por passar a tarde encerrados numa camionete, suando, latindo uns para os outros. A matilha avançou no dono, que foi parar no hospital. Salvou-se das mordidas, mas quase sofreu um ataque cardíaco ao saber do resultado do jogo. (COIMBRA, 2009, p. 51-53).

A festa seguiu noite adentro na Baixada. Por sugestão do técnico tricolor Sardinha I<sup>24</sup>, aquele título deveria ser comemorado pelo próximo século. Desde então, até hoje, a cada 22 de setembro, o Grêmio realiza o Jantar Farrroupilha em homenagem ao título histórico. O goleiro Lara, um dos heróis da conquista, não participaria do segundo Jantar. “Morreu dois meses depois, comovendo colorados e gremistas. Porto Alegre parou e chorou ao assistir seu enterro. A morte de Lara simbolizou, de certa forma, o fim de uma era do futebol gaúcho. O fim do amadorismo.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 53). Sem Lara, o Grêmio perderia o campeonato estadual para o 9º Regimento de Pelotas, clube que mudou de nome para “Farrroupilha” justamente por causa do título inédito – e, também, por conta de um decreto do presidente Vargas proibindo que as unidades militares emprestassem seus nomes às agremiações futebolísticas.

No ano seguinte, foi o Inter quem ostentou a taça de campeão da cidade, mas, assim como o Grêmio, perderia a decisão do Estadual para um time do interior, desta feita diante do pioneiro Rio Grande. Esta foi a última ocasião em que um time do interior levantou o caneco em disputa direta com a dupla GreNal, pelo menos até 1954, quando o Renner – extinto clube industriário fundado por funcionários da *A.J. Renner*

---

<sup>24</sup> Eurides Guasque de Mesquita, conhecido como Sardinha I, jogou pelo Grêmio de 1922 a 1934, quando se tornou técnico da equipe com apenas 27 anos de idade. O codinome Sardinha ele ganhara ainda em 1922, mas a alcunha em estilo monarca viria mais tarde, quando seu irmão mais novo também se juntou ao grupo, o que resultou nos apelidos Sardinha I e Sardinha II.

&Cia– derrotou o Grêmio na final do Estadual. Uma série ainda maior de domínio azul e vermelho viria pelas próximas quatro décadas, até que o Juventude desbancasse o Inter na decisão de 1998. No ano 2000, foi a vez do Caxias erguer a taça contra o Grêmio. Como já era de se imaginar, um novo período de supremacia GreNal reinaria até um passado não muito distante: 2017, quando o Novo Hamburgo conquistou o Gauchão<sup>25</sup> em cima do Inter. A coincidência é que – seja no apogeu, seja na queda – Grêmio e Inter seguem na mesma gangorra: até hoje, desde a maior série de domínio estadual da dupla nos anos 50, das quatro vezes em que a taça ficou com os times do interior, coube a Grêmio e Inter se alternarem também no vice-campeonato, por duas vezes cada.

De volta aos tempos do “Grenal Farroupilha”, e a despeito da sala de troféus quase vazia, o Inter já havia superado seu pior momento: “não estava à beira da extinção como estivera nos primeiros anos de sua fundação, depois que o Grêmio lhe imprimiu humilhantes goleadas, e tampouco esta crise se assemelhava àquela do final dos anos vinte, quando o clube ficou sem campo para treinar e disputar seus jogos” (DAMO, 1998, p. 106). Ou seja, o momento não era tão bom, mas também não era assim tão ruim, até porque, na mística da gangorra, se um dia é do Grêmio, o outro há de ser do Inter.

No final daquele 1938, Grêmio e Inter se encontrariam em mais um Grenal amistoso e nele os colorados sentiriam que novos e melhores tempos estavam chegando. A certeza veio num dia de finados. “Choque sensacional entre a *techinca* tricolor e o tradicional sangue colorado”, dizia o *Correio do Povo*. [...] Em campo, os colorados, ou diabos rubros como preferiu definir o *Correio* no dia seguinte, ganharam por 6 x 0, vantagem nunca antes conseguida pelo Inter num clássico, e o árbitro Álvaro Silveira ainda anulou cinco gols, alegando que dois haviam sido feitos com a mão e nos outros três os atacantes estavam impedidos.  
– Por que anulaste tantos gols? – perguntou ao árbitro, após o jogo, o indignado presidente do Inter, Ildo Meneghetti.

---

<sup>25</sup> Nome como é popularmente conhecido o Campeonato Gaúcho de futebol.

– Era muito gol pra um Grenal – respondeu, sem cerimônias, Alvaro Silveira (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 60).

O grande dia, na verdade, já se delineava desde o período de crise – quando o colorado começou a incorporar os jogadores da Liga da Canela Preta –, mas só foi raiar, de fato, em 1940, com a formação daquela que, para muitos, é considerada a maior equipe do Inter de todos os tempos, que perdurou até 1948. “Não havia quem não recitasse o time de cor” (BRAGA, 2008, p. 189), conta o militar Juarez Albuquerque Schneider no livro do jornalista (e colorado fanático) Kenny Braga (2008), cujo título não poderia ser outro: *Rolo Compressor*. Schneider se referia ao ato de citar a escalação do time de cor e salteado – Ivo Winck; Alfeu e Nena; Assis, Ávila e Abigail; Tesourinha, Russinho, Vilalba, Rui e Carlitos – muito embora a expressão homógrafa permitisse significar também o time de cor predominantemente negra que deu cara e corpo ao Inter naquela década. “Os chamados ‘negrinhos do Internacional’ estavam sendo reunidos aos poucos nos Eucaliptos. Eles formariam um time com futebol veloz e de beleza plástica que mereceria o codinome com o qual passou para a história.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 54).

O Rolo Compressor foi um monumento à qualidade do futebol gaúcho. Era um time que fazia da harmonia do conjunto a sua maior virtude. E que transformou seus jogadores em heróis populares numa época em que os meios de comunicação não tinham a força e a organização de hoje. Vamos lembrá-los. Vamos cultuá-los. Em meio às notícias terríveis da Segunda Guerra Mundial, eles fizeram milhares de gaúchos felizes com seu talento inesgotável, esparramando-se dos Eucaliptos para todos os estádios de Porto Alegre e do interior do Estado. Tinham amor pela camisa do Internacional. Transformaram o clube numa extensão de suas casas e o futebol numa arte de qualidades inimitáveis. (BRAGA, 2008, p. 14-15).

Prova de que Schneider estava certo é que até mesmo o gremista mais fanático, o já citado cronista Paulo Sant’Ana, também sabia de cor a escalação do Rolo Compressor. Santa’Ana, que protagonizou vários duelos clubísticos com Kenny Braga nos programas da *RBS*, foi

solidário à obra do colega de profissão. À época do lançamento do livro, publicou em seu blog no portal da *Zero Hora* uma nota<sup>26</sup> exaltando o trabalho de Braga: “é fadado a grande sucesso este livro, pois compreende uma pesquisa exaustiva sobre o mais célebre time de futebol do Rio Grande do Sul” (SANT’ANA, 2008, s/p) – mas não sem antes destilar sua dose de clubismo: “eu ainda era menininho no tempo em que este time jogou. Cheguei a assistir a um jogo do Rolo, quando tinha apenas cinco anos de idade. Claro que eu já era gremista, decerto estava ali, na arquibancada dos Eucaliptos, já secando o Internacional.” (SANT’ANA, 2008, s/p).

Outro expoente da imprensa esportiva gaúcha que, certamente, sabia de cor a escalação do Rolo é o saudoso radialista Luiz Mendes – e não porque a profissão demandasse, mas, sim, porque “aquele time era fabuloso”, dizia o “comentarista da palavra fácil”. Mendes era assim conhecido por sua notória habilidade de traduzir em palavras até mesmo as mais complexas impressões da partida, fazendo-as chegar com clareza e sem distinção ao heterogêneo grupo de espectadores. Em depoimento no livro de Braga (2008, p. 194), ele conta que ajudou a “popularizar, através das narrações, a expressão Rolo Compressor, inventada pelo jornalista Amaro Júnior”, um dos pioneiros no jornalismo esportivo do estado.

O Rolo conquistou oito campeonatos estaduais em nove anos, de 1940 a 1948, perdendo apenas a edição de 1946, decerto, para o Grêmio. Nos registros de Braga (2008), consta que a máquina chegou a fazer 104 gols em uma única temporada, tendo Carlitos como goleador máximo. O atacante assinalou 42 tentos somente em GreNais. Tesourinha, o pontadireita driblador, também deixou sua marca, fazendo gols em todos os clássicos que valeram ponto. Coimbra *et al.* (2009, p. 76) somam que, “de 1940 a 1945, o time jogara 28 vezes contra o Grêmio, ganhara 19, empatara cinco e perdera apenas quatro. Em gols, uma goleada total de 87 x 49”. E foi nesse 1945 que o Inter emendou a maior série vitoriosa de sua história até então, ganhando o inédito título de hexacampeão gaúcho, em cima do Esporte Clube Pelotas, na Timbaúva, estádio do já extinto Força e Luz. Mas faltava ainda a maior goleada sobre o rival. E ela veio em 1948, quando o Rolo passou por cima do Grêmio com um 7 x 0 humilhante em plena Baixada. O tricolor, por sua vez, fingia não se importar com a ascensão do rival, embora só fosse voltar a ganhar um GreNal dezessete clássicos e três anos depois.

---

<sup>26</sup> Disponível em <<http://wp.clicrbs.com.br/paulosantana/2008/10/24/o-rolo-compressor/?topo=13,1,1,,,13>>. Acesso em 15 jun. 2018.

A 2ª Grande Guerra corria solta na Europa, os franceses mandavam tropas e armamentos para ajudar os finlandeses que apanhavam dos nazistas, e Unity Mitford, moça inglesa filha de Lord Resdalfi, amiga de Hitler, voltava para Londres com uma bala no pescoço após uma frustrada tentativa de ajudar a pôr fim à guerra. No sul do Brasil, em Porto Alegre, os colorados não davam a mínima para tudo isso. [...] Naquele 1940, o medo que os colorados tinham dos tricolores da Baixada sumiu por completo. Na temporada haviam sido disputados cinco Grenais, o Inter ganhou quatro e manteve a média de quatro gols em cada um deles. Nos cafés da rua da Praia, os gremistas mudavam de assunto, faziam de conta que desconheciam o poderio crescente do Inter e gastavam saliva a falar da guerra. (COIMBRA *et al.*, p. 62-63).

Se, dentro de campo, os gremistas fingiam não notar a superioridade do Inter, do lado de fora, contudo, era impossível reprimir o simbolismo que o Rolo representava naquele momento. Afinal, “Assis, Ávila e Abigail – os três ases que mais tarde seriam imortalizados no Hino Oficial do Inter, ‘Celeiro de Ases’ –, somados a Nena, Alfeu e Tesourinha, todos negros, simbolizavam também o fim da segregação racial e a afirmação do profissionalismo” (DAMO, 1998, p. 108), não só para o futebol gaúcho, mas para todo o futebol brasileiro. Um deles, Tesourinha, ainda conseguiria a proeza de ser ídolo em ambos os clubes: Inter e Grêmio.

Isso graças à ousadia do presidente gremista, à época Saturnino Vanzelotti, que, na intenção de livrar de vez o clube da pecha de racista e germanófilo, convidou Tesourinha para vestir a camisa tricolor. “Deixou bem claro: a contratação teria um valor bem maior que o estipulado em cruzeiros, e uma importância superior à presença do jogador na ponta-direita do time.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 80). A importância a qual o presidente se referia era o fato de aquela contratação finalmente “quebrar uma velha tradição tricolor, a qual, embora sem caráter de discriminação racial, já que em seus estatutos nada consta a respeito, vinha, porém, sendo seguida desde a fundação do glorioso clube” (DAMO, 1998, p. 112). Tanto é que, apesar de Gerchmann (2015) apontar a presença de um jogador negro no Grêmio

em 1926 – o citado Adão Lima –, Tesourinha, contratado em 1952, seria apenas o segundo negro em toda a história do clube até então.

Mas, para ele, não foi fácil aceitar a proposta. “Sempre fora colorado, inimigo dos azuis e temia que a consciência o incriminasse por dupla traição. Aos colorados e aos negros.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 80). Do mesmo modo que sabia da representatividade de sua contratação, estava ciente da queda de qualidade em seu futebol. Vitimado pelos problemas no joelho, já não era mais o Tesourinha que se viu no Rolo. Por conta disso, perdera inclusive a vaga na Seleção de 1950. Na opinião de Damo (1998, p. 110), “esta pequena tragédia pessoal – se comparada à comoção nacional que foi a derrota de 50 – talvez tenha sido determinante para que Tesourinha raramente seja lembrado como um craque nacional”, embora, mesmo com os meniscos estourados, seguisse vivo na memória do narrador Luiz Mendes: “ninguém foi melhor que ele. Se tivéssemos jogado com ele na Copa de 1950 teríamos sido campeões” (*apud* BRAGA, 2008, p. 196). Com a camisa do Grêmio desde março de 1952, já sem a velocidade característica e com a condição física agravada, Tesourinha ainda disputaria oito GreNais, mas sem anotar gol algum.

Tesourinha deixou o Grêmio no final de 1954, sem ter conquistado nenhum título. Apesar de ter saído vitorioso em alguns grenais, jamais anotou um gol contra seu ex-clube. Em dada oportunidade, ofertaram-lhe uma cobrança de pênalti para que, enfim, o tabu fosse quebrado, mas ele recusou. [...] Qualquer que tenha sido o motivo da recusa, o certo é que Tesourinha nunca escondeu que seu “clube do coração” era mesmo o Inter, mas nem por isso os gremistas lhe foram ingratos – como em geral tendem a proceder os torcedores diante desses casos limites. Como lembra Salin Nigri, recuperando uma frase que se popularizou à época, Tesourinha emprestou seu futebol ao Inter e sua cor ao Grêmio! (DAMO, 1998, p. 114).

Do final da década de 1940 até meados de 1950, o Rolo e, posteriormente, o “Rolinho” – dos jogadores remanescentes daquele time antológico – se esvaziaria aos poucos e o Inter voltaria a enfrentar dificuldades, embora ao longo das duas décadas o clube tivesse acumulado títulos regionais e vitórias em GreNais como nunca antes em

sua história. Nesse período, os tricolores se articulavam para voltar à tona em grande estilo: de casa nova. “O Grêmio inaugurava o Olímpico, um estádio de dar inveja. Após guerrear por exatos 50 anos no Fortim da Baixada, de 1904 a 1954, era chegada a hora do salto de grandeza.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 86).

Porém, antes de chegar ao auge, os gremistas precisaram esperar por dois anos até que a obra, de fato, se iniciasse. Isto porque, para trocar o “bairro Moinhos de Vento por uma zona limítrofe entre o bairro Azenha e o Medianeira, especialmente este último, com um perfil proletário e, portanto, sem o status da antiga Baixada” (DAMO, 1998, p. 122), seria preciso desapropriar a área. O trabalho coube ao prefeito da cidade que, ironicamente, era Ildo Meneghetti, o ex-dirigente do Inter que ajudara a levantar o estádio dos Eucaliptos nos anos 1930 – feito este que, inclusive, lhe rendeu a honraria perpétua de patrono do clube. Em paralelo, corria uma intensa campanha para arrecadação de fundos – referentes ao valor de uma saca de cimento – que mobilizou tricolores de todo o estado. Assim, com a “campanha do cimento” e as articulações da prefeitura, o Olímpico se impôs no dia 19 de setembro de 1954.

Durante todo o ano de 1951 o prefeito colorado, Ildo Meneghetti, usara de sua habilidade política para fazer as transferências sem traumas, sem prejuízos para sua imagem e para seu projeto grandioso de vir a ser governador do Estado. [...] A partir daí o processo acelerou-se e naquele ensolarado setembro lá estava o Olímpico, majestoso, pavilhão social completo, 2.000 cadeiras cativas sob a marquise de 90 metros, arquibancadas populares, além da tribuna de honra e demais dependências para capacidade inicial de 38.000 pessoas bem acomodadas. Surgia na capital dos Pampas o maior estádio particular do Brasil. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 86).

No festival de abertura, foram realizados dois amistosos contra times uruguaios, o Nacional e o Liverpool. O Grêmio venceu os dois. Mas, na terceira partida do Olímpico, o Inter carimbou a faixa inaugural do estádio. O GreNal de inauguração aconteceu em 26 de setembro de 1954: “um desastre. O Grêmio só conseguiu manter um certo equilíbrio no jogo no primeiro tempo. Jerônimo e Larry marcaram para o Inter, Sarará para o Grêmio. 2 x 1. No segundo tempo, um baile comandado

pelos vermelhos.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 87). Os autores contam que o fascículo nº 4 da *História Ilustrada do Grêmio* dedicou minúsculas três linhas para descrever a partida, sem registrar sequer o placar do jogo – 6 x 2 para o Inter. Mas o período de baixas do colorado estaria por vir. “Após quase duas décadas de conquistas, os dirigentes agiam como se estivessem enfasiados de títulos. Pensavam: acaba um time, surge outro. E seguindo esta linha de raciocínio vendiam os jogadores ao primeiro clube que chegasse.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 90). Enquanto isso, os tricolores, “bem acomodados em seu novo e invejado forte, faziam planos diabólicos e mantinham bem pagos os seus melhores guerreiros” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 90), de dentro e de fora do campo – a exemplo do ex-jogador e agora técnico Oswaldo Rolla<sup>27</sup>, o Foguinho, ídolo do “Grenal Farroupilha”. Foi ele o responsável por introduzir uma proposta mais disciplinadora nos treinos do Grêmio, priorizando o futebol-força em detrimento da técnica, o que, ao longo dos anos, culminaria no estereótipo do “estilo gaúcho” de se jogar bola, constantemente reforçado pelo jornalismo esportivo.

Havia sido exatamente ele o introdutor dessa nova maneira de jogar futebol no Rio Grande do Sul. Homens fortes, vigorosos, que tivessem talento para tocar a bola com a sutileza de um pianista, mas que principalmente reunissem disposição para correr o campo todo e marcar o adversário com a determinação de um muçulmano. O Inter, ao contrário, seguia praticando o futebol “bonitinho mas ordinário”, como se dizia então, numa alusão à peça de Nelson Rodrigues. Virtuoses da bola passavam os 90 minutos enchendo os olhos da torcida com balões e toques de trivela, para, no final do campeonato, entregar a taça ao Grêmio. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 130).

---

<sup>27</sup> Ao longo de sua carreira, Oswaldo Rolla, o Foguinho, passou por várias esferas do futebol: foi jogador, treinador, árbitro e comentarista. Muitos pesquisadores atribuem a ele a criação do “estilo gaúcho” de se jogar bola, priorizando a força em lugar da técnica. “Oswaldo Rolla lapidou o estilo guerreiro de jogar. Introduziu a educação física fazendo jogadores subirem e descerem as arquibancadas do Fortim da Baixada e do Olímpico com sacos de cimento às costas para ficarem mais fortes e resistentes.” (GERCHMANN, 2016, p. 22-23).

Todavia, independentemente de quem estivesse no auge no momento, fato é que Grêmio e Inter já haviam crescido o bastante para ultrapassar os limites do estado. Prova disso é que, em 1967, a dupla participaria pela primeira vez do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o “Robertão”, antes restrito aos times do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em um esquema de caixa único, as partidas foram sediadas no Olímpico, único estádio local com estrutura propícia para a competição. Era a chance de se consagrarem nacionalmente, e a dupla não desperdiçou: o Grêmio terminou em terceiro lugar e o Inter foi o vice-campeão.

O primeiro Grenal de 1967 valeu pelo Robertão. Os dois clubes queriam fazer bonito na competição. Ansiavam em mostrar ao País como o Rio Grande do Sul era civilizado. Para evidenciar ainda mais o elevado padrão moral do Estado, a Federação proibiu até os palavrões no estádio. Quem pronunciasse qualquer gracinha para uma moça ou dissesse palavras desairosas em voz alta seria de imediato recolhido ao xadrez. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 127).

A inauguração do Estádio Olímpico reequilibrou a disputa GreNal. A partir de 1957, o Grêmio emendou uma série vitoriosa de doze conquistas regionais em um período de treze anos, incluindo-se aí o primeiro hepta da história dos campeonatos gaúchos, conquistado no período de 1962 a 1968, agora por um time já cheio negros. Um dos expoentes do Grêmio nessa temporada foi Alcindo, artilheiro da edição de 1965, com 21 gols, e também em 1968, com doze gols. Fato curioso é que, pouco antes, Alcindo havia jogado no Inter, mas, conforme relatam Coimbra *et al.* (2009), foi dispensado ao cogitar um aumento de salário. “O episódio de dispensa fez crescer no peito de Alcindo uma raiva do Colorado só aplacada com gols em Grenais.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 117). Além de assumir a artilharia na temporada do hepta, ele ainda seria o goleador da edição de 1976, ironicamente no octacampeonato do Inter, série esta que o Grêmio não conseguiu emplacar, perdendo a chance em 1969, ano em que o Inter levantou a primeira taça em seu novo estádio, o Beira-Rio.

Na década de 1960, o Beira-Rio já começava a sair do papel. Quanto ao octa, porém, o Internacional ainda sequer sonhava com ele. Pelo contrário, “os colorados chegavam ao auge do sofrimento. O Grêmio era heptacampeão, tinha um time melhor e estádio maior. Perto

do Olímpico, os Eucaliptos não passavam de uma sede de associação de bairro.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 133). Mas, seguindo a lógica da gangorra GreNal, o Inter daria o troco na mesma moeda: “não longe do Olímpico, o Gigante da Beira-Rio emergia lentamente do Guaíba, como um netuno redentor, de tridente em punho” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 133). Assim como na construção da nova casa do Grêmio, o processo de erguer o Beira-Rio também foi complexo. A diferença é que, no caso colorado, as obras se estenderam por muito mais tempo, servindo de combustível para a zombaria gremista.

Tudo começou em 1956, quando o clube requereu junto à Prefeitura a doação de uma área que seria aterrada dentro do lago Guaíba. A ideia partiu do então governador do estado, Ildo Meneghetti, o ex-presidente do Inter que, por acaso, estaria novamente por trás das investidas do time. A princípio, o Internacional se contentaria com a expansão do Estádio dos Eucaliptos – que, inclusive, fora palco da Copa de 1950. Mas, para isso, precisaria contar com a desapropriação das áreas do entorno. Foi aí que os dirigentes levaram o plano da obra ao governador colorado Meneghetti. Para não desapropriar a área e nem desamparar o time, ele propôs uma solução ambiciosa: aproveitando-se do projeto de aterramento da orla do Guaíba – já em trâmite por iniciativa do governo Estadual e Federal – Meneghetti cogitou que se prolongasse a área inicialmente prevista para o aterro, com a proposta de abrigar um espaço esportivo. O que os responsáveis não sabiam é que o tal espaço viria a ser casa do Inter, bastava que o prefeito Leonel Brizola sancionasse o projeto de lei assinado pelo vereador Ephrain Pinheiro Cabral, que pretensiosamente sugeria a doação de sete hectares destinados à construção de um estádio em uma futura área aterrada no Guaíba. Brizola não viu impedimento. E, então, deu-se início a um longo e auspicioso projeto pautado pelas manobras coloradas.

As obras só tiveram início anos mais tarde e se estenderam até 1969. Durante este período, o Grêmio assumiria a hegemonia do futebol no Estado enquanto os colorados, torcendo pelos pedreiros, além da "flauta" habitual, motivada pelos péssimos resultados em campo, eram importunados pelos gremistas com um trocadilho irônico que entraria para a história desta rivalidade. Para arrecadar fundos e dar continuidade às obras, o Inter, colocou à venda, antecipadamente, "cadeiras cativas" ou "bóias cativas", como se popularizaram, por intermédio

dos tricolores, as futuras instalações do Beira-Rio. (DAMO, 1998, p. 122).

A despeito da “flauta” gremista, os colorados acompanhavam de perto o aterramento dos hectares como se fosse uma final de campeonato, munidos de suas bandeiras vermelhas e embalando os trabalhadores com gritos de torcida (COIMBRA *et al.*, 2009). Enquanto os colorados festejavam, os gremistas riam: “olhavam para a área onde os adversários diziam ser o berço do Gigante e só viam água” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 133). Naqueles tempos de domínio azul dentro de campo, restava aos colorados torcer pelo bom andamento da obra no lado de fora. A comissão de obras foi tão atuante – e o desempenho do time tão ruim – que os torcedores clamaram pela intervenção dos obreiros no futebol.

Com o Gigante da Beira-Rio erguendo-se musculoso diante dos olhos gratos da torcida e o time sendo amassado pelo Grêmio dentro de campo, o carinho dos colorados derramou-se, como um bálsamo, sobre os integrantes da comissão de obras. Ungidos pelos torcedores, eles passaram a se articular para chegar ao poder efetivo. (COIMBRA, 2009, p. 134-135).

Foi assim que Carlos Stechmann (proprietário de uma fábrica de acolchoados), Aldo Dias Rosa (dono de um escritório de contabilidade), Eraldo Herrmann (fornecedor de material de construção) e João Patrício Tedesco (dono da construtora) – cientes do porte e da relevância da obra que haviam entregue ao Internacional – se articularam para formar o braço político do Inter que vigorou na próspera década seguinte. Stechmann assumiu a presidência do clube naquele ano da inauguração, 1969, e Eraldo o sucedeu, cinco anos depois. “Com o Beira-Rio concluído, o Colorado passou a imitar o rival e a montar times de competição, transformando-se em mestre de um estilo de jogo que conquistaria o País.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 128). Assim como a inauguração do Olímpico representou o prenúncio de uma era vitoriosa para o Grêmio, o mesmo aconteceria no Inter. Junto às arquibancadas do Beira-Rio, emergia uma nova temporada de conquistas coloradas. Além dos oito títulos estaduais em sequência, o Internacional ainda levantaria, por três vezes – duas delas consecutivas – um caneco inédito para o futebol gaúcho: o Campeonato Brasileiro de 1975, 1976 e 1979. Este último, de forma invicta, feito até hoje único no Brasileiro.

No Campeonato Brasileiro, os adversários tremiam ao ver a camisa cor de sangue, ao ouvir o assustador grito de guerra dos colorados no Beira-Rio. O Internacional foi passando por cima de todos, até encontrar-se, em 14 de dezembro, com o Cruzeiro de Minas. Era outro timão: Raul, Nelinho, Piazza, Zé Carlos, Palhinha, Joãozinho. Apesar de ser dezembro, a tarde estava escura. O sol só apareceu uma vez naquele dia. Foi aos 11 minutos do segundo tempo. Um esguicho de luz furou o bolo de nuvens cinzas e iluminou a cabeça de Figueroa no exato momento em que ele se encontrou com a bola, lá em cima, mais alto do que podiam alcançar os perplexos zagueiros do Cruzeiro. O único raio de sol do dia talvez tenha ajudado a empurrar a bola para o fundo da rede e seja co-responsável pela primeira estrela de Campeã do Brasil na camisa vermelha do Internacional. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 180).

Antes de destrinchar o período nacionalmente vitorioso do Inter, cabe um parágrafo para registrar o primeiro GreNal do Beira-Rio. O estádio já havia sido inaugurado oficialmente, no dia 6 de abril de 1969, com Inter e Grêmio disputando amistosos com outros adversários. “Mas, claro, o batismo só se daria com o primeiro Grenal. [...] Os gremistas esperavam por essa partida como um presidiário anseia pelo indulto de Natal. Queriam vingança por uma humilhação de 15 anos de idade.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 140). Se o placar de 6 x 2 do primeiro GreNal do Olímpico foi humilhante para o Grêmio, o clássico de inauguração do Beira-Rio seria vergonhoso para ambos: um 0 x 0 acompanhado de vinte expulsões e múltiplos socos, voadoras e pontapés. Restaram imunes o meia colorado Dorinho e o goleiro tricolor Alberto. Este tentava em vão pedir paz ao uruguaio Urruzmendi, que entrara em campo aos 37 minutos da etapa complementar, ainda em tempo de ser o pivô da barbárie.

O Inter começou melhor. Pontes e Valmir, atrás, controlavam bem as investidas impetuosas de Alcindo e Volmir. No meio, Bráulio tocava a bola com maciez e fazia a torcida colorada suspirar numa voz só. O Grêmio reagiu com dureza. O Inter replicou jogando ainda mais duro. A tréplica do Grêmio veio no bico da chuteira. Até que o

ponteiro Hélio Pires foi expulso aos sete minutos do segundo tempo. Chuteira contra canela, cotovelo contra nariz, o jogo prosseguiu sem que se desse muita atenção à bola. Objeto, aliás, definitivamente esquecido aos 83 minutos. O goleiro Alberto estava com a dita cuja nas mãos. O lateral Espinosa à sua frente. Urruzmendi, ponteiro do Inter, correu do risco da grande área em direção aos dois, numa evidente e perigosa rota de colisão. Espinosa deu-lhe as costas para proteger o goleiro. Urruzmendi não quis nem saber. Atropelou Espinosa como se fosse um ônibus da Carris desgovernado. Espinosa caiu. Assustado com o abalroamento, Alberto atirou a bola pela linha lateral para que ele fosse atendido. A bola não foi mais vista em campo desde então. Tupãozinho desembestou do meio de campo e só parou quando atingiu Urruzmendi. Que revidou. Lá do meio também vinha, desabalado, o Bugre Xucro, bufando e urrando, louco para entrar na briga, justificando plenamente o apelido. Percebendo suas intenções belicosas, Sadi correu atrás dele, agredindo-o pelo caminho. Alcindo não ligou para o ataque do lateral do Inter. Continuou a carreira e só parou ao encontrar Urruzmendi e pespegar-lhe um rotundo soco no rosto. Urruzmendi não se fez de rogado e retribuiu a agressão. Apesar de lutar como um espartano, estava em desvantagem numérica e apanhava comoventemente dos gremistas. A sétima cavalaria, entretanto, não tardou. O goleiro Gainete atravessou o gramado em linha reta, veloz, demonstrando invejável preparo físico, e saltou feito um leopardo sobre o bolo de jogadores, as pernas e os braços abertos. Mas errou o bote e caiu no meio dos gremistas. Levou porrada de todos, democraticamente. A esta altura, os integrantes dos dois bancos de reservas já estavam em campo, distribuindo e recebendo, igualmente, jabs, diretos e pés-na-orelha. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 141-142).

Quando a confusão terminou, o Inter ainda aguardava o reinício do jogo sem saber que dez de seus jogadores haviam sido expulsos. Na

saída de campo, Gainete, o goleiro colorado, respondia convicto às perguntas dos repórteres: “aqui nós é que vamos cantar de galo!” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 142). Estava aberta a temporada de conquistas estaduais (e nacionais) do Inter. Se neste 1969 o time era visto como “esforçado”, de 1970 em diante o talento falaria mais alto: “surgiu o diferenciado Carpegiani. Em 1971 foi contratado Figueroa, o toque de qualidade numa defesa viril. Em 1972 apareceram Falcão e Escurinho.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 163/164). Considerado o maior jogador chileno de todos os tempos, Elías Figueroa chegou ao Inter como opção dos dirigentes para fazer páreo à contratação anunciada pelo rival: o zagueiro uruguaio Atilio Ancheta, recém-contratado pelo Grêmio e eleito pela imprensa internacional como o melhor zagueiro da Copa de 1970. Figueroa ainda não era tão famoso quanto Ancheta, mas faria muito mais pelo Inter do que o uruguaio fez pelo Grêmio.

A defesa se completava com a autoridade de Figueroa.

– A área é minha casa – dizia o chileno. – Nela só entra quem eu quiser.

Um dia, durante a Copa de 1974, na Alemanha, ele contou um de seus segredos para o então colunista de *Zero Hora*, Ibsen Pinheiro:

– Juiz nenhum dá cartão vermelho nos dez primeiros minutos de jogo – raciocinou o zagueiro. – É neste período que eu me imponho aos atacantes adversários. Dou na cara deles.

– Em todos? – Quis saber Ibsen.

– Menos em dois: no Dario, porque ele não se importa, e no Pelé, porque ele bate de volta.

Figueroa tornara-se a maior personalidade esportiva do Estado. Constantemente, era flagrado em jantares no Floresta Negra com sua mulher Marcela e o casal Lúcia e Luis Fernando Verissimo.

– Todos achavam que só falávamos de literatura e poesia, mas nosso assunto era mesmo futebol – conta Verissimo.

No interior, o sonho dos centroavantes era vencer os duelos com o famoso chileno. Em certo jogo, Figueroa notou que, mal tocava na bola, o atacante adversário tentava levantá-la para lhe aplicar um balãozinho. Terminada a partida, ficou sabendo que um dirigente do clube havia

prometido Cr\$ 500 ao centroavante para dar um lençol no zagueiro colorado.

– Se ele tivesse me falado eu até abaixava a cabeça para facilitar, depois a gente rachava o prêmio – brincou Figueroa. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 160).

Se na zaga o Inter precisou recorrer a um reforço estrangeiro, na intermediária pôde contar com um “prata da casa”, inicialmente tratado pelo apelido de Sabonete. “Seu futebol elegante, de toques suaves e, ao mesmo tempo, força e movimentação, não combinava com o apelido. Talvez por isso tenha ficado conhecido em todo o mundo do futebol pelo nome e o sobrenome: Paulo Roberto Falcão.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 161). No início da carreira, Falcão chegou a treinar no Grêmio, mas desistiu do clube pouco depois: “aquela camisa não me caiu bem” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 160). O tri do Brasileiro seria sua última conquista pelo time do coração, que perderia a Libertadores de 1980 para o Nacional de Montevidéu. No auge de sua forma física e técnica, Falcão ainda faria história na Roma.

De fora do estado, viria o goleiro pernambucano Manga, que chegou cheio de si, anunciando à imprensa que o Internacional acabara de fazer uma grande contratação. De fato, o arqueiro passou mais de mil minutos do Estadual de 1974 sem tomar gols, perdendo a invencibilidade em 27 de outubro daquele ano, mesmo dia do acidente que ceifou a vida do único gaúcho campeão do mundo pela Seleção Brasileira até então. Everaldo, lateral-esquerdo do Grêmio, voltava de viagem quando colidiu a 160 quilômetros por hora contra um caminhão que saía de um posto de gasolina. O carro havia sido um presente de uma concessionária de Porto Alegre pela conquista da Copa do Mundo de 1970. Gerchmann (2015), retomando a questão racial e seu orgulho tricolor, relembra a estrela dourada que eternizou Everaldo na história do clube:

A propósito da negritude gremista, sempre é bom lembrar que, anos depois, com muita naturalidade, uma estrela dourada, solitária, passou a fazer parte da bandeira oficial do clube. Era 1970, e não se tratava de títulos nacionais e internacionais, escassos naquela época. Foi, simplesmente, uma homenagem a Everaldo, o lateral-esquerdo das míticas “feras” que trouxeram para o Brasil o

tricampeonato mundial disputado no México. (GERCHMANN, 2015, p. 50).

Embora só o Grêmio chegasse a ter um de seus jogadores na Seleção, o Internacional de Figueroa, Falcão, Carpegiani e companhia era praticamente imbatível, tanto que, ao longo da década, somou no currículo oito Estaduais e três Brasileiros. “O Inter alcançara o topo. E, do topo, o próximo caminho só podia ser lomba abaixo, como se veria em 1977.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 184). Naquela decisão de Estadual, o Olímpico recebeu a ilustre visita do músico Gilberto Gil que, apesar de torcer para o tricolor baiano, dizia simpatizar-se também com o tricolor gaúcho: “o Grêmio tem o azul do céu, o branco da paz e o preto, que é a minha cor” (GERCHMANN, 2015, p. 37). Gil era amigo do atacante gremista André Catimba<sup>28</sup>, que foi o nome do jogo. Após marcar o gol do título, Catimba, apesar da ginga de capoeirista, se atrapalhou para comemorar o tento e acabou de cara no chão: “eu fiquei tão emocionado naquela tarde que não sabia como expressar. Pensei em dar o salto mortal, desisti, mas já estava no ar quando voltei atrás. Era tarde. Me machuquei todo.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 186). Tamanha empolgação deveu-se ao fato de que, caso o Inter levantasse aquele caneco, emendaria uma série de nove títulos estaduais consecutivos, ou seja, seria enecampeão do Campeonato Gaúcho. Depois desse episódio, André Catimba, “apaixonado pelo Grêmio como todos os jogadores daquele grupo fantástico, conta que ‘ENEA’ passou a ser a abreviação de ‘Eles Nunca Esquecerão André’. E dá risada!” (GERCHMANN, 2016, p. 58). No vestiário, Catimba ainda receberia os cumprimentos do velho amigo de Salvador. “Gil falou alto, em meio à algazarra: ‘Já estava na hora, não é? Tomara que agora o Grêmio ganhe por dez anos consecutivos’.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 186). Outro músico que também se lembra com carinho daquela conquista de 1977 é o gremista Humberto Gessinger. Convicto – e hiperbólico – ele ressalta:

Futebol é uma bobagem, né? [...] Um dos grenais de que me lembro com mais carinho foi o de

---

<sup>28</sup> “Baiano, com a ginga dos lutadores de capoeira – ele era lutador de capoeira – e muita malandragem. Conseguia enervar os adversários a ponto de fazê-los perder a cabeça e ser expulsos. Certa vez, disse para um defensor adversário pegar a bola com as mãos dentro da área porque o juiz teria pedido. O tal defensor agarrou a bola. E o juiz estranhou aquilo, mas não teve o que fazer. Assinalou pênalti, sem entender tanta esperteza de um lado e tanta ingenuidade do outro.” (GERCHMANN, 2016, p. 51).

1977. Ganhamos por 1 a 0, quebrando uma série de 123 anos correndo atrás. Meu pai estava internado num hospital perto do Estádio Olímpico. No fim do jogo, assisti, pela janela do quarto, à caravana das bandeiras tricolores. Carros e torcedores silenciosos por respeito. Sensação boa de pertencimento. Consolo de não estar sozinho. A vida seria uma bobagem sem essas bobagens. (GESSINGER, 2009, p. 101).

Em 1977, inclusive, a casa do Grêmio já não era como em 1954. No início da década, enquanto os vermelhos passavam por cima dos azuis no gramado, nas arquibancadas bradava o grito tricolor com a notícia da ampliação de seu estádio – que agora ganharia o sobrenome Monumental. Tudo isso para fazer páreo ao prodígio Beira-Rio, que roubara do Olímpico a faixa de maior estádio particular do mundo. Se a nova casa do Inter contou com 100 mil torcedores em seu jogo de estreia, estava decidido: seria essa a capacidade do novo Olímpico. Vale lembrar que, naquele ano de 1954, quando o Grêmio mudou-se do Moinhos de Vento para a Azenha, o domínio dentro de campo também era colorado, sob a remanescente figura do “rolinho” compressor. Com o estádio erguido, a hegemonia mudou de lado. Agora, quinze anos depois, esse enredo se repetiria: enquanto o Inter dominava a década de 1970 com o octa do Estadual e o tri do Brasileiro, o Grêmio confabulava um novo Olímpico que ficaria pronto no início dos anos 1980. O Monumental inauguraria consigo uma nova década azul para abrigar os títulos mais importantes da história tricolor: Brasileiro, Libertadores e Mundial.

O título nacional veio em 1981 e o técnico, por coincidência, era o mesmo que comandou o terceiro Brasileirão do rival, dois anos antes. Ênio Andrade, “o Cabeça (apelido que se refere não apenas a sua capacidade mental, mas também ao tamanho da parte superior de seu corpo) armou um time certinho, embora as estrelas de primeira grandeza não fossem vistas em abundância no estádio Olímpico.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 197). Naquela final de campeonato, destacavam-se poucos nomes, como o já experiente goleiro Leão, o recém-contratado zagueiro uruguaio De León, o meia-direita Paulo Isidoro e o centroavante Baltazar, “o artilheiro de Deus, precursor do movimento que invadiria o

País na década de 1980, o dos Atletas de Cristo<sup>29</sup>” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 197). O atacante havia perdido um pênalti em casa no jogo de ida, mas encontrou consolo na esperança de que Deus estivesse reservando algo melhor para ele.

Na tarde de 3 de maio, ao fazer o belíssimo gol (matada no peito, chute forte, de fora da área, no ângulo superior do goleiro Waldir Perez) que garantiu a vitória sobre o São Paulo e o título nacional no Morumbi, o que disse Baltazar Maria de Moraes Júnior?

– Agradeço a Deus por me proporcionar momento tão feliz. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 197).

No ano seguinte, chegou ao clube o lendário jogador Renato Portaluppi, ainda sem a alcunha que o faria conhecido no país inteiro: Renato Gaúcho. Contrariando o comportamento cristão de Baltazar Júnior, o ponta-direita veio para revolucionar – com a mesma desenvoltura – a noite porto-alegrense e o ambiente sisudo do grupo de Ênio Andrade. “Chegava desrespeitoso, falando alto, exigindo lugar no time. Agia de forma inquieta, como se dentro dele manifestasse um vulcão prestes a explodir. Ênio, pai da disciplina e da aplicação tática, relutava em colocar entre seus titulares alguém com perfil tão inconfiável.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 199). O Grêmio perdeu a decisão do Brasileiro de 1982 para o Flamengo e Ênio deixou o clube. Renato, por sua vez, seria expulso na decisão do Gauchão contra o Inter, amargando o título de vilão do ano. “Era uma época curiosa aquela. O Grêmio afirmava-se como um dos grandes times do cenário nacional, ao lado do Flamengo, enquanto o Inter acumulava vitórias dentro dos limites regionais.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 200).

Eis o trunfo que restava aos colorados, o de “mandar” no Rio Grande. Trunfo este que seria desfeito na temporada 1985-1986, quando o Grêmio foi bi do Estadual. Antes disso, contudo, o status nacional do Grêmio irromperia fronteiras nunca antes exploradas pelos times gaúchos, com a conquista da Taça Libertadores da América em 1983, sobre o Peñarol do Uruguai e, em seguida, o caneco do Mundial Interclubes, sobre o alemão Hamburgo. Em ambas as decisões,

---

<sup>29</sup>O movimento dos Atletas de Cristo existe oficialmente desde 1984, como entidade sem fins lucrativos que subsiste por meio de doações voluntárias. A instituição atua junto das organizações cristãs promovendo a integração entre igrejas, esportistas de várias modalidades e torcedores por eles influenciados.

finalmente aflorou o talento de Portaluppi, agora incentivado pelo atual técnico (e parceiro) Valdir Espinosa. “Estilo bonachão, amigo dos boleiros, companheiro de trago, Espinosa deu corda e liberdade ao ponteiro-direito na medida exata. E Renato, com todo gás dos 20 anos, viveu seu período de ouro.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 202).

Arrancou pela ponta, parou próximo à linha lateral, e cercado pelos adversários fez o que só ele mesmo conseguia fazer: levantou a bola e num espaço minúsculo enganchou-a mandando-a em direção à pequena área. O centroavante César, com a coragem que se apresenta aos jogadores nas grandes decisões, jogou-se junto à trave direita e cabeceou para dentro. O Grêmio conseguia ali o que nem o grande Inter dos anos 1970 conseguira. Campeão da Libertadores. No dia seguinte, era como se os colorados da cidade tivessem sumido, levados por alguma força mágica. Sentiam-se deprimidos, minúsculos, e desapareceram como ratos levados embora por um flautista de Hamelin reencarnado. Os jornais da Capital estampavam com destaque uma foto em que o uruguaio Hugo De León, filete de sangue escorrendo pela testa, erguia a taça sobre a cabeça. Isso fazia doer ainda mais o peito dos secadores vermelhos: a vitória do Grêmio havia sido recheada de feitos heroicos. O fundo musical desta cena era ouvido por todos os cantos do Estado onde houvesse um gremista, mesmo que solitário. “Grêmio, Grêmio. Nós somos campeões da América...”. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 202).

Cinco meses depois, Renato ainda faria os dois gols da vitória no Mundial Interclubes, sendo um deles na prorrogação, o que tornou ainda mais epopeica a conquista do título. Foi então que “para os gremistas a Terra adquiriu, confirmando o que dissera Yuri Gagarin, a cor azul” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 203). No Olímpico, uma inscrição luminosa surgiu imponente sobre a marquise: Grêmio, campeão do mundo. Novas alterações ainda ocorreriam no estádio no início dos anos 1990, desta vez, sem teor comemorativo. Foi quando a Prefeitura considerou interditar o local: “as arquibancadas superiores vibravam com tamanha intensidade que o Olímpico se tomou alvo fácil para os colorados: ‘ih ih ih, chiqueiro vai cair!’” (DAMO, 1998, p. 121). Depois de algumas

reformas, o Município revogou a interdição, mas, com as cadeiras novas colocadas no lugar da antiga arquibancada de cimento, a capacidade do estádio foi consideravelmente reduzida. Junto com ela, veio a queda do time para a Série B do Campeonato Brasileiro, em 19 de maio de 1991, com quatro ex-colorados no elenco.

No primeiro semestre daquele ano o clube fez a pior campanha de sua história em campeonatos brasileiros. No mês de abril, quando a situação já era desesperadora, o pai-de-santo Fernando da Oxum circulou pelas arquibancadas do estádio Olímpico, búzios a tiracolo, invocou forças ancestrais dos orixás e concluiu que só com muita reza o clube evitaria o fracasso total. Apontou os ex-jogadores colorados como responsáveis pela carga negativa levada para dentro do clube e admitiu que o olho-grande dos torcedores do Inter também forçava a queda. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 217).

Mas a reza foi fraca e o Grêmio acabou rebaixado pelo Botafogo, time que, ironicamente, era comandado por Valdir Espinosa, o ex-técnico responsável pelo maior título da história gremista. Desesperado, o presidente tricolor, Rafael Bandeira dos Santos – o único dirigente que não tem sua foto na Sala da Presidência do clube –, arriscou a última cartada para salvar seu nome na instituição. Gastou todo o dinheiro em caixa recontratando o ídolo Renato Portaluppi, na tentativa de ganhar ao menos um título restante naquele final da temporada. “E ao meio-dia de 25 de setembro, contratado por três meses, o atacante desembarcou no Salgado Filho sob o custo de US\$ 350 mil, US\$ 200 mil limpinhos para ele.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 217). Em vão, pois o Grêmio, além de endividado, perderia a final da Copa do Brasil para o Criciúma e o Campeonato Gaúcho para o Inter.

Triste despedida de Portaluppi, que – bem mais rico – voltaria para o Rio, para continuar aprontando das suas. Lá sentia-se melhor. Dissera, inclusive, dois anos antes, que era “carioca nascido no Leblon”, uma bobagem que muitos jornalistas tentaram desmentir telefonando para dona Maria, a mãe. E ela respondeu:  
– A memória me falha, não me lembro. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 218).

Portanto, os colorados puderam comemorar, no mesmo ano, a queda do rival e o título do Gauchão, que nas duas edições anteriores – 1989 e 1990 – havia sido do Grêmio. Um dos GreNais de 1989, inclusive, merece destaque – não só pela emoção intrínseca, mas, também, por este ser considerado o “Grenal do Século”. A alcunha remetia à importância daquele jogo, quando, pela primeira vez na história, Grêmio e Inter se enfrentariam em uma semifinal de Brasileirão, valendo vaga para a Libertadores e, claro, na decisão do Nacional. Mais de 80 mil pessoas compareceram ao Beira-Rio para ver a virada dos colorados que, como “renascidos do inferno” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 214) levaram a vitória com dois gols de Nílson Esídio.

Nílson vibrou de forma estranha, caminhando desengonçado, trêmulo. Mais tarde explicaria que estava imitando Sassá Mutema, o personagem que Lima Duarte interpretava na novela do momento, “Salvador da Pátria”, na Globo. Explicou também que a faixa em seu joelho direito era apenas uma forma de enganar os rudes zagueiros adversários. – O problema que eu tinha era no tornozelo esquerdo e eles deram porrada na minha perna direita a tarde inteira. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 214).

O Inter levou o “Grenal do Século”, no entanto, perdeu o título brasileiro para o Bahia e, naquele mesmo ano, ainda veria o Grêmio faturar sua primeira Copa do Brasil, sobre o Sport Club do Recife. Na semifinal da Libertadores, nova baixa: o Internacional jogava pelo empate, mas foi eliminado em casa pelo Olímpia do Paraguai. “Nílson ‘Sassá Mutema’ Esídio perdeu um pênalti e teve de deixar o Beira-Rio na madrugada, às escondidas, como um criminoso, pois os mesmos colorados que o haviam carregado nos ombros, agora queriam surrá-lo.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 215-216). Os endiabrados do Beira-Rio só voltariam a sorrir de verdade com a queda do rival duas temporadas depois, naquele fatídico 1991. Porém, a alegria durou pouco. A despeito da “segundona”, o Grêmio ressurgiria já no ano seguinte para repetir os grandes feitos da marcante década de 1980, com exceção da conquista do Mundial.

Luiz Felipe Scolari chegava ao tricolor para consagrar um novo estilo de comando – inspirado no lendário Foguinho – “com técnica, mas especialmente com força. Ganhou o rótulo de violento no país, mas estabeleceu uma superioridade a partir do estilo de seu treinador, que

seria poucos anos depois pentacampeão mundial pela Seleção Brasileira” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 225). Entre 1993 e 1996, Felipão comandou a equipe que seria novamente campeã da Copa do Brasil (1994; 1997), da Libertadores (1995) e do Brasileiro (1996). “Acima de tudo, estabeleceu uma diferença de patamar técnico em relação ao adversário que fez a torcida do Grêmio imaginar que nada seria impossível para seu time” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 224), não fosse pelo Mundial perdido nos pênaltis para o Ajax – cuja equipe era a base da seleção holandesa que disputaria a Copa de 1998.

O Grêmio jogou na defensiva, bem ao estilo Scolari, e segurou o empate sem gols atuando boa parte do tempo com um jogador a menos. Ingredientes perfeitos para o sonho de mais uma conquista heroica, que parou nas mãos do goleiro então revelado pelo Ajax: Edwin van der Sar. Os colorados, mesmo estando alguns patamares abaixo do rival, não perderam a piada: foram aos supermercados e esvaziaram os estoques do produto de limpeza de marca homônima ao time holandês e garantiram a zombaria. Dentro de campo, contudo, a supremacia em clássicos ainda era do Grêmio. O Inter só teria um alívio em 1997, no famoso “Grenal do Fabiano”. E nem precisa dizer quem foi o nome do jogo nesta goleada vermelha de 5 x 2 em pleno Olímpico.

Era o Grenal pelo Brasileirão de 1997, dia 24 de agosto, no Estádio Olímpico. O Inter vencia por 1 x 0, gol marcado por Christian logo aos quatro minutos, quando Oscar Roberto de Godói expulsou o zagueiro gremista André Santos, que jogava improvisado na lateral e sofrera até ali com os dribles e a velocidade de Fabiano. Pouco depois, nova confusão, socos, empurrões e Godói expulsa mais dois, deixando os times com nove jogadores. Foi então que Fabiano, sempre irreverente, olhou para o banco de reservas do Grêmio esperando que o técnico Hélio dos Anjos fosse tomar alguma providência tática para evitar um desastre maior. Hélio manteve-se impassível. Nova olhada e nada de movimento no banco de reservas.

– Mas será que este homem vai me deixar livre mesmo? [...] Hélio dos Anjos deixou – e o Grêmio passaria pela humilhação de ser goleado. Foi uma das maiores atuações individuais de um jogador na história dos clássicos. [...]

– O homem facilitou tudo – lembrou divertido o jogador, ao falar de Hélio dos Anjos, um técnico pouco afeito às cautelas defensivas. Azar do Grêmio. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 227).

Desde então, o atacante passou a ser ovacionado ao coro de “Uh, Fabiano” toda vez que adentrava o gramado. Para Coimbra *et al.* (2009, p. 227-228), “desde a saída de Valdomiro, no fim dos anos 1970, não havia alguém vestindo a camiseta 7 que ocupasse o lugar de ídolo do torcedor”. Porém, antes mesmo de virar protagonista, o jogador colorado já dava mostras de sua irreverência, a qual, para os gremistas, podia ser sinônimo de jogo sujo. Pouco antes do GreNal decisivo do Estadual de 1997, Fabiano inventou uma lesão para enganar o Grêmio. Durante um treino rotineiro de titulares contra reservas, simulou uma dividida e se jogou no gramado contorcendo-se dor. Fingindo *fair play*, os reservas pararam o jogo para ajudar. Mas todos ali, incluindo-se a comissão técnica de Celso Roth, sabiam da estratégia dramaturgica. Apenas os jornalistas e os torcedores, sobretudo os gremistas, é que não faziam ideia da encenação. Os médicos do Inter então comunicaram a “entorse” à imprensa. Para alívio dos gremistas, o atacante ameaçador estaria fora do GreNal. Inclusive, às vésperas da partida, “Fabiano desceu as escadarias da concentração, com a perna direita enfaixada até a altura da virilha e, como um bom ator, encostou o pé direito no chão, por inteiro, como se estivesse testando os limites da dor.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 229). Dois dias depois, lá estava ele entre os titulares, intacto e com a mesma velocidade de sempre. Correu o campo inteiro e ainda marcou o gol do título do Inter, que encerrava um hiato de três anos sem vencer o Gauchão.

Enquanto Fabiano fazia dos GreNais uma novela, em 1997, chegava ao time profissional do Grêmio o grande astro das categorias de base do clube. Tratava-se de Ronaldinho Gaúcho: autêntico, decisivo e exímio driblador – que o diga o capitão colorado Dunga. O experiente marcador e tetracampeão do Mundo com a amarelinha sofreu nas mãos – ou melhor, nos pés – do craque que deixaria a torcida do Grêmio em êxtase até 2001, quando Ronaldinho assinou um pré-contrato às escondidas e, sem o tricolor obter qualquer compensação pelo seu passe, fez as malas e partiu para o Paris Saint-Germain. Mesmo acusado de trair o time que o revelou, ele segue vivo na memória dos gremistas e invicto nos seis GreNais em que esteve em campo. “É por isso que, sempre que vê uma cena de Ronaldinho, driblando algum adversário ou fazendo um gol, ou lê as notícias sobre seu sucesso na Europa, o

jornalista, gremista e fã do jogador, Paulo Sant’Ana, parece gemer ao lamentar: ‘e pensar que um dia nós tivemos esse jogador no nosso time’.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 234).

Quem pretender ter uma boa ideia do que foi a rivalidade Grenal nas últimas duas décadas terá de forçosamente reservar um bom espaço para os dribles e a força física de Fabiano, a técnica, os dribles e a malícia tipicamente brasileiros de um garoto nascido na Vila Nova, em Porto Alegre, chamado Ronaldinho, e, principalmente, para a revolução nos métodos de trabalho decretada pelo técnico Luiz Felipe nos três anos em que esteve no comando do Grêmio. Foi uma espécie de salto de qualidade de um time em direção à maturidade plena. O Grêmio já exibia na camiseta, orgulhosamente, as estrelas de uma Libertadores e de um Mundial Interclubes, mas só no período de Felipão o país realmente se curvou à superioridade do time gaúcho. O Grêmio passou a acumular títulos, conduzido por um treinador exigente, jogadores experimentados na arte de desafiar e superar barreiras e um esquema que privilegiava a forte marcação em todo o campo. Algo assim, é claro, teria repercussões evidentes na rivalidade Grenal. Deixou marcas profundas nas disputas no território próprio de Grêmio e Inter. (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 223).

Marcas estas que o Internacional logo tratou de redesenhar com a conquista da Taça Libertadores da América e do Mundial de Clubes de 2006. O saudoso Fernandão, ídolo que capitaneou a equipe colorada nessas conquistas – e que faleceria oito anos depois vítima de um acidente aéreo – ainda sequer imaginava que alcançaria tão célebre patamar com a camisa vermelha e branca. Fernando Lúcio da Costa, goiano e criador de gados de raça no Planalto Central, chegou ao Inter em 2004 e, já em sua primeira partida contra o Grêmio, fez história assinalando o gol de número 1000 dos GreNais. Aos 34 minutos daquela partida, subiu na área do Grêmio em uma cabeçada certa direto para as redes do goleiro paraguaio Tavares. Era o milésimo gol do clássico e o segundo da vitória do Inter no jogo que, quis o destino, fosse no Beira-Rio, local que hoje abriga uma estátua em reverência a Fernandão. No lance do fatídico gol, ele nem se dera conta do ocorrido. “Só foi pensar

no assunto quando os companheiros do time o abraçaram, enquanto ainda estava ajoelhado no gramado, gritando ‘é o gol mil, cara, é o gol mil, Fernandão’. Foi o típico lance de alguém predestinado.” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 241-242).

Antes de Fernandão, em 2003, chegava ao Inter o técnico Muricy Ramalho, como uma aposta certa para elevar o moral de um time que, quase por um milagre, escapara do rebaixamento na edição anterior do Brasileirão. O feito heroico se deu já na última rodada, jogando fora (e longe) de casa, contra o Paysandu, em Belém do Pará. Além de vencer o Papão, o Inter ainda precisou contar com uma minuciosa combinação de resultados. Muricy desembarcou no CT da Alvorada depois desse imbróglio, pouco afeito à badalação da imprensa e muito ávido para encerrar um grande jejum de vitórias coloradas. De 1999 a 2003, o Grêmio enfileirou treze clássicos e 1.337 dias sem perder para o rival. Série esta a qual o técnico pôs fim em 9 de fevereiro de 2003, quando disputou o GreNal “ainda como um desconhecido para a torcida do Inter, mas saía consagrado – e com autoridade para repetir que estava formando um time de jovens jogadores para o futuro” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 234). Ironicamente, três anos depois, este time derrotaria o poderoso São Paulo, do mesmo Muricy, na final da Copa Libertadores da América, o que, por sua vez, ainda renderia aos colorados a faixa de campeão do mundo, mesmo com algumas baixas no elenco.

A edição 2006 do Mundial Interclubes, ao contrário do que acontecia até 2004 – onde apenas os triunfantes da América do Sul e da Europa disputavam o caneco –, abrangeu equipes representantes de todos os continentes. Isso serviu de combustível para que os colorados valorizassem ainda mais o título em comparação ao triunfo do Grêmio em 1983, alegando que, no ano da conquista vermelha, o campeonato foi mais disputado, considerando-se a verdadeira essência (e abrangência) da palavra Mundial. Internacional e Barcelona, representando respectivamente o campeão da América e o campeão europeu, disputaram o torneio a partir das fases semifinais.

Desse modo, coube ao América do México (campeão da Concacaf), ao Auckland, da Nova Zelândia (campeão da Oceania), ao Al-Ahly, do Egito (campeão africano), e ao Jeonbuk Motor, da Coreia do Sul (campeão asiático), decidirem entre si as outras duas vagas. E como já era de se esperar, excetuando-se as “zebras” que, eventualmente, dão um nó na competição – como aconteceria com o

próprio Inter em 2010<sup>30</sup> – Internacional e Barcelona chegaram à grande final. Chamando a responsabilidade no Barça, lá estava ele: Ronaldinho Gaúcho, a cria do Grêmio que trocara o tricolor pelo PSG e, este, pelo Barcelona, onde viveria o grande auge de sua carreira, sendo eleito o Melhor Jogador do Mundo pela FIFA por dois anos consecutivos, 2004 e 2005. Ou seja, naquela final de Interclubes de 2006, era nele que os tricolores depositavam toda a esperança que restava para conter a consagração mundial dos colorados.

Tecnicamente, o time catalão era muito superior. Mas, ao contrário daquela previsibilidade hermética quanto aos times que chegariam à decisão continental, ninguém esperava que o Barcelona de Puyol, Deco e Ronaldinho fosse sucumbir perante o Internacional de Índio, Iarley e, em especial, Carlos Adriano de Souza Vieira, conhecido internamente como Adriano Gabiru e desconhecido mundialmente até fazer o gol que daria o título de campeão do mundo ao Inter. Gabiru saiu do banco de reservas aos 30 minutos do segundo tempo, substituindo o ídolo e capitão Fernandão, que desabara em uma dividida. Aos 36, o meia colorado Iarley – que só não foi o nome do jogo porque o gol foi de Adriano Gabiru – roubou a bola de Puyol na intermediária e, num contra-ataque fulminante, tocou na medida para Gabiru fazer história ao mesmo tempo no Inter, em Alagoas e no Camp Nou.

Ora, o Camp Nou é tapado de cadeiras de cima a baixo. Cabem quase 100 mil indivíduos civilizadamente alocados, designados. Seus jogadores contam com o melhor centro de treinamento, são cuidados pelos melhores médicos, dirigem os melhores carros, habitam uma cidade melhor num país melhor. Folhas

---

<sup>30</sup> Em 2010, o Inter protagonizou um dos maiores vexames de sua história. Favorito absoluto na partida contra o Tout Puissant Mazembe pelas semifinais do Mundial Interclubes, o clube apostou em um esquema de jogo o qual não havia treinado e acabou surpreendido pelo time africano. Sem a vaga na grande final, o Inter ainda teve que assistir à inusitada performance do goleiro adversário que comemorou a classificação com uma dancinha folclórica. O escritor colorado Luis Fernando Verissimo, em uma de suas típicas crônicas clubísticas, confessa que “foi duro ver o goleiro do Mazembe fazer aquela sua dança sentada sem pensar em assassinato”. Até então, esta havia sido a primeira vez que um time brasileiro fora eliminado previamente do Mundial. Três anos depois, o Atlético Mineiro repetiria o feito sendo desclassificado pelo Raja Club Athletic, o Raja Casablanca, do Marrocos.

salariais lado a lado? Os vermelhos são flechas contra a pólvora, quilombos contra o latifúndio, bolcheviques contra o tzar, Zapata contra Porfirio Díaz, ribeirinhos contra a nata da Europa. [...] É sobretudo por coerência política que o Internacional não poderia colher entre as suas patentes altas o tiro definitivo da sua insurreição. Será preciso um herói a quem não caiba estátua, um deus temporário, que não se possa divino, alguém que dos gols marque o menos europeu, um gol sem fetiche, nascido em Alagoas e criado em banco de reservas, ribeirinho entre ribeirinhos, de nome Adriano Gabiru. (PEREIRA, 2017, s/p).

Para o gremista autor do depoimento acima – retirado de uma série de crônicas do site Puntero Izquierdo<sup>31</sup>, onde torcedores escrevem sobre o time rival –, o gol do título colorado coube ao predestinado Gabiru porque o jogador representava muito bem os traços que extremavam não só o Inter em comparação ao Barça, mas, também, todos os contrastes sociais da relação Brasil x Europa. Nos gramados do sul brasileiro, contudo, “poucas vezes se viu, em tão pouco tempo, tão completa redistribuição social de êxitos” (PEREIRA, 2017, s/p). Afinal, considerando-se seus respectivos títulos de campeões da América e do mundo, Grêmio e Inter estavam agora em pé de igualdade outra vez. Mais do que eleger o clube colorado como o Campeão Mundial naquele 17 de dezembro 2006, aquela taça representava, em terras canarinhas, a equiparação de dois grandes clubes do país. Em uma versão mais otimista, assinada pelo colorado de pai tricolor, Luis Fernando Verissimo, nunca antes o enredo da rivalidade GreNal fizera tanto sentido. Não por acaso, é como se costuma dizer sobre o destino: já estava escrito.

A vitória do Grêmio, em Tóquio em 83 nos anos medíocres, o quase rebaixamento, as finais desperdiçadas, os vexames, as decepções, tudo era prólogo para ontem. Agora ficou claro, agora ficou lógico. O próprio destaque como melhores do mundo, conquistado pelo Barcelona e pelo Ronaldinho fazia parte da preparação para o nosso 17 de dezembro que não teria o mesmo gosto

---

<sup>31</sup> Disponível em <<https://medium.com/puntero-izquierdo/meurival-perigo-vermelho-f0784eb84485>> Acesso em 19 jun 2018.

épico se o adversário fosse outro. Tudo era armação para aumentar o brilho e o drama do nosso momento máximo, tudo se encaixava, ou você pensa que a saída do Pato e do Fernandão foi obra do acaso, esse autor sem imaginação? O resultado veio sendo construído aos poucos, desde antes da fundação do Internacional, antes de Pedro Álvares Cabral, antes de Homero e das Pirâmides, e eu sabia que havia uma justificativa histórica para o topete do Gabirú! (VERISSIMO, 2006, s/p).

Mesmo mais iguais do que nunca, naquele final de 2006, os gremistas ainda detinham um trunfo na ponta do lápis. É que, se anotados os canecos de peso maior, a supremacia era levemente tricolor. O Grêmio havia vencido mais Estaduais e já era tetra da Copa do Brasil, título este que, até hoje, o colorado só tem um. Mantendo o páreo, o Inter é detentor de um Brasileirão a mais. Por fim, os dois têm a taça do Mundial Interclubes. Mas só um deles ganhou por duas vezes a Libertadores. O que restava aos colorados? Dizer com todas as letras: “nunca cai”. E repetir. Porque, ao contrário deles – que até então nunca haviam disputado a Série B do Campeonato Brasileiro –, o Grêmio amargou em 2004 seu segundo rebaixamento em 101 anos de história. Mas engana-se quem pensa que os gremistas se deixaram abater por isso. É que o retorno à primeira divisão foi tão heroico que eles transformaram aquele amargo capítulo em uma eloquente epopeia.

O jogo era contra o Náutico – com ambas as equipes disputando o acesso à Série A – e se deu no estádio pernambucano Eládio de Barros Carvalho, mais conhecido como Estádio dos Aflitos, sentimento este que descrevia bem a situação de qualquer gremista naquele dia, mesmo aqueles que não “dão muita bola” para o futebol – se é que no Rio Grande do Sul isso é possível. Amargar mais um ano na Série B seria terrível para os trâmites administrativos da instituição. Para escapar, um empate bastava. Se vencesse, o Grêmio ainda levaria o título. O gremista Léo Gerchmann (2016, p. 107) – autor do livro que respalda grande parte deste tópico – relata que “se fosse possível fazer um acordo antes daquele jogo, por um empate sem maiores sofrimentos, é evidente que aceitaríamos no mesmo instante. A conquista do título seria perfumaria àquela altura.”. O duelo ficou conhecido como a “Batalha dos

Aflitos<sup>32</sup>– em justa referência ao campo de guerra que se formou no gramado. O episódio, narrado no sétimo capítulo do livro de Gerchamnn (2016), *Viagem à alma tricolor em 7 epopeias*, rendeu para o seu colega Luiz Zini Pires uma obra inteira: *71 segundos – O jogo de uma vida*. E o enredo não poderia ser mais instigante:

Em inadmissíveis 71 segundos, no jogo de uma vida, com apenas sete jogadores, o Grêmio defendeu um pênalti e em seguida marcou um gol. Não há feito semelhante, nem parecido, na história do futebol. O time saiu de uma derrota certa, confirmada, e festejou uma vitória memorável, inacreditável. O torcedor comemorou como se o mundo inteiro fosse azul mais uma vez. E foi. (PIRES *apud* GERCHAMNN, 2016, p. 117).

A Batalha se transcorreu em um sábado, costumeiramente às 16h, embora os acréscimos do jogo fossem se prolongar de forma considerável com o desenrolar da trama. Das arquibancadas, vinha um frevo em unísono tocado pelos donos da casa. Em meio à multidão, meia dúzia de camisetas vermelhas ostentava um cartaz em explícita troça ao hino do imortal tricolor: “secando o Grêmio onde o Grêmio estiver”. À beira do gramado, uma polícia fortemente armada para evitar arruaças. Nos corredores, o cheiro de tinta fresca tóxica se misturava ao odor característico da lixeira de resíduos orgânicos propositalmente esquecida ali ao lado do minúsculo vestiário tricolor. Tudo isso em meio ao típico calor nordestino de 26 de novembro. Para Gerchmann (2016), seria este o cenário de um filme de terror – ou de guerra, que melhor condiz com o feito aguerrido do grupo comandado por Mano Menezes.

No primeiro tempo, o Náutico desperdiçou um pênalti. Na etapa complementar, nova penalidade para o timbu. O lateral-direito Patrício, que ocasionou o lance, foi reclamar e acabou expulso. Escalona, Nunes e Domingos seguiram o fluxo e também receberam o cartão vermelho do árbitro Djalma Beltrami. Conforme o regulamento, uma nova

---

<sup>32</sup>Tamanha foi a dramaticidade do jogo que a “Batalha dos Aflitos” repercutiu até mesmo na imprensa internacional, sendo destaque no diário esportivo *Olé*, da Argentina, e no portal uruguaio *Fútbol*, além do jornal *The Times*, de Londres, que definiu o Grêmio como o “Clube da Luta”, em referência ao clássico filme de David Fincher, *Fight Club*.

expulsão colocaria fim ao jogo, sendo considerado perdedor o time causador da balbúrdia. Gerchmann (2016) relata que, a essas alturas, preferiu trocar o jogo por uma ida rotineira ao supermercado. Na fila do caixa, ouviu alguns rumores sobre o andamento da partida, calculou que o tempo regulamentar já estivesse no fim e, de volta ao seu carro, ligou o rádio para saber o que se transcorria.

Pedro Ernesto Denardim narrava para a Rádio Gaúcha. Confirmava para os meus ouvidos: uma tragédia acontecia no final daquele jogo. O Grêmio tinha um pênalti mal marcado contra si, e jogadores gremistas eram expulsos aos magotes. Pedrão definia como “desoladora” e “lamentável” a situação toda, a reação passional dos jogadores e a permanência do Grêmio, já dada como certa àquela altura, na segunda divisão do futebol brasileiro. Havia ali em campo questões éticas, técnicas, administrativas. Tudo no fio da navalha. (GERCHMANN, 2016, p. 108).

O relógio marcava mais de 90 minutos de jogo, 25 deles só de confusão: torcedor arremessando objetos em campo, gente ameaçando invadir o gramado e homens da Polícia Militar a postos (e dispostos) para entrar em guerra antes ou depois do lance do pênalti. Ninguém queria assumir a cobrança. “Quando Ademar ajeitou a bola para bater, nenhum outro jogador do Náutico teve coragem de fazê-lo. O lateral-esquerdo foi escolhido por exclusão. Topou, mas queria estar longe dali.” (GERCHMANN, 2016, p. 112). No lado contrário, o goleiro Galatto não demonstrou nervosismo. Parecia ser ele a única pessoa tranquila entre os 30 mil pagantes que encheram o estádio até a sua capacidade máxima naquele dia. “Com a serenidade que o caracteriza, chegou perto de Ademar e lhe soprou: Que Deus te abençoe! O goleiro estava sendo solidário, mas, ao mesmo tempo, mordaz.” (GERCHMANN, 2016, p. 113). Ninguém imaginava como o lateral cobraria a penalidade. “O atacante gremista Ricardinho, ex-colega de Ademar no Santa Cruz, dissera aos companheiros que jamais vira o lateral-esquerdo chutar um pênalti na vida.” (GERCHMANN, 2016, p. 113). Aos 59 minutos e 40 segundos da etapa complementar, Ademar foi para a bola. Desajeitado, chutou à meia altura. Galatto, de frieza incompatível com seus 22 anos de idade, foi junto. “Deeefeendeeeu Galaaaaatto!!! Deeefeendeeeu Galaaaaatto!!!”, narrava Pedro Ernesto Denardim pela Rádio Gaúcha.

Naqueles 71 segundos, o Grêmio não só garantiu o acesso à Série A, como também fez um gol e, conseqüentemente, levantou a taça. “O objetivo era assegurar aquele 0 a 0, que servia como se fosse uma goleada. Mas a bola foi para o abusado Anderson, o menino de 17 anos, negro de tranças rastafári. Anderson fez com naturalidade o que se esperaria dele em qualquer situação.” (GERCHMANN, 2016, p. 115). Em jogada individual, dominou a bola e sofreu a falta que expulsaria o jogador do Náutico. O meia Marcelo Costa cobrou rapidamente para o próprio Anderson, que invadiu a área e tocou na saída do goleiro Rodolpho. “Liguei a TV e vi Anderson correndo com a mão no peito, vibrando enlouquecidamente, com jogadores e dirigentes pulando enlouquecidamente pelo gramado dos Aflitos. Deus é pai! Só vi o gol mais tarde, covarde que sou!” (GERCHMANN, 2016, p. 109).

Mano Menezes aplaudia o juiz, que expulsara quatro gremistas, mas agora expulsava um adversário. Não mudaria muito, mas já seriam sete nossos contra 10 deles. O apelo que vinha do banco era para os jogadores segurarem a bola o máximo que pudessem. Marcelo Costa não fez isso. Cobrou rapidamente a falta, encostando a bola para Anderson e disse “vai, negrinho”. [...] Anderson simplesmente deslocou o goleiro adversário com sua hábil perna esquerda e a bola foi posta com carinho no fundo das redes. Foi o gol que não vi por pura covardia. (GERCHMANN, 2016, p. 115-116).

Ainda restavam 24 minutos para o fim da partida – somados os minutos acrescidos à exaustão – e o Grêmio segurou o resultado até o final. O contexto daquele jogo e, principalmente, o modo como tudo se transcorreu, validou de uma maneira nunca antes vista na história do clube o significado da imortalidade tricolor da qual os gremistas tanto se orgulham, junto da altivez, valentia e heroísmo cotidianamente reproduzidos pela torcida e, sobretudo, pelo jornalismo esportivo enquanto aspectos intrínsecos aos jogadores dos times gaúchos. Prova disso são os livros do próprio Gerchmann (2015; 2016) que, com devoção clubística e discurso aguerrido, sustentaram este tópico. Neles, clubismo e jornalismo jogam no mesmo time e, portanto, não podem ser considerados rivais, desde que a paixão clubística não marque gols contra.

Gerchmann (2016) explica que a Batalha dos Aflitos foi narrada tão minuciosamente em sua obra porque aquele resultado contrariou ao máximo a lógica do jogo, tanto que “qualquer gremista conta aquele momento em detalhes, com memória assombrosa” (GERCHMANN, 2016, p. 109). Já nas primeiras páginas do capítulo, o autor dá indícios de que o texto será recheado de drama, assim como o é a história da dupla GreNal – até porque, mesmo os autores mais partidários, reconhecem que Grêmio e Inter se complementam. “Quando se fala na impressionante Batalha dos Aflitos, gosto de me lembrar do jogo em si com toda a sua dramaticidade inigualável. Mas também sinto uma curiosidade intensa para saber o que cada gremista estava fazendo naquele momento.” (GERCHMANN, 2016, p. 106). Humberto Gessinger, o músico tricolor citado neste capítulo, dá o seu depoimento sobre esse jogo no livro *Pra Ser Sincero* (2009), em versão não menos dramática:

Quando o juiz marcou o segundo pênalti, foi inevitável desligar a TV. [...] Ligaram da recepção, avisando que a van que nos levaria ao ginásio para testar o som estava esperando. Preferi não conferir o resultado do jogo antes de sair. Cai na real. Era impossível termos escapado daquela sinuca de bico. Passaríamos mais um ano na segunda divisão, jogando em gramados esquisitos contra times estranhos, nunca aos domingos. No elevador, encontrei Gláucio, grande batera. Ele começou o que se transformaria num diálogo surreal. Não me lembro das palavras exatas pois o papo foi sucedido por uma explosão de euforia:

\_Caraca, que lance incrível, meu irmão!

\_É...

\_Nunca vi disso!

\_Nem me fala...

\_É muita sorte. Que gol!

\_Sorte é o c... Vamos amargar mais um ano na segunda!

\_Como assim? Você não viu?

Os caras erraram o pênalti e o Grêmio fez um gol! Nunca na história dos elevadores alguém havia entrado com uma cara tão diferente da cara com que tinha saído! Durante a passagem de som e por algumas horas me senti um super-homem, imortal. Tirei a maior onda com o pessoal da banda e da

equipe, todos cariocas. Incorporei por um tempo todos os trejeitos e frases de valentia gaúchas. Sem confessar que havia agido, mais uma vez, como uma avestruz, no quarto do hotel. (GESSINGER, 2009, p. 144-145).

Ainda quanto às obras que serviram de referência a este tópico, independentemente da autoria tricolor ou colorada, é importante salientar que todas contribuíram sobremaneira para compor este apanhado histórico dos dois clubes centenários, evidenciando as percepções da rivalidade GreNal a partir do contexto social característico. Nesta pesquisa, priorizou-se a simbologia racial e a tônica dos estádios na intenção de justificar tamanha rivalidade clubística. Aspectos estes, é claro, refletidos dentro de campo em vários GreNais marcantes (se é que isso não soa redundante) e aqui ilustrados a partir de personagens – jogadores, dirigentes, torcedores – que, como bem lembrou André Ribeiro (2007), na obra que sustenta o primeiro capítulo deste trabalho, são os verdadeiros donos do espetáculo. Ainda quanto à simbologia racial, quando Gerchmann (2015) correlaciona a política segregacionista da maioria dos clubes brasileiros do início do século XX às sequelas sociais da escravidão – considerando-se que o Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravatura –, ele coloca Grêmio e Internacional em um mesmo patamar: “Grêmio e Inter, são clubes extremamente populares. Ponto. Com a nobre exceção do Vasco da Gama, todos os clubes grandes brasileiros conviveram com a vergonha do preconceito em seus costumes. O Vasco teve uma abertura meritória.” (GERCHMANN, 2015, p. 129). Ilustrando essa perspectiva, vale ressaltar as alusões que tanto o gremista Léo Gerchmann (2015) quanto o colorado Kenny Braga (2008) fazem em seus respectivos livros lembrando figuras emblemáticas de torcedores de Grêmio e Inter que, em plenos anos segregacionistas de 1930 e 1940, representavam as classes mais populares da torcida. Seriam eles o “tricolor Bombardão” e o “co-ro-ra-do Charuto”, ou “colorado em estado puro”, na definição de Luís Fernando Veríssimo.

É importante citar uma figura folclórica de grande importância na história tricolor, o torcedor-símbolo Bombardão. Eram anos 1930 e 1940! O negro Bombardão defendia seu Grêmio na Rua da Praia e no estádio. Sempre foi extremamente bem-quisto pelo clube – em tese, seria período de segregacionismo. [...] Chegado à bebida, de riso

solto e alegria extremamente contagiante, ele levantava a torcida do Grêmio com suas brincadeiras. Certa vez, era Gre-Nal, e ele insistia com o ponta-esquerda Carlitos, do Inter:

\_Carlitos, eu conheço teu pai!

\_Carlitos, eu conheço teu pai!

\_Carlitos, eu conheço teu pai!

Falou tantas vezes aquilo que gremistas ao seu lado perguntaram.

\_Mas enfim, Bombardão, quem é o pai do Carlitos, pô?

\_O “Caraio” – respondeu o matreiro e popular torcedor-símbolo.

Brincadeira sem maldade. Escracho puro! O próprio adversário se divertia com as tiradas de Bombardão. (GERCHMANN, 2015, p. 124-125).

Entre os muitos torcedores de origem humilde que se destacaram pela ardente paixão que devotavam ao clube, o mais conhecido foi o célebre Charuto, um negro de estatura mediana incapaz de fazer frases completas em razão da quantidade de bebida alcóolica que ingeria diariamente, mas que não se cansava de repetir a expressão “co-ro-rado” nos arredores do Mercado Público em Porto Alegre e nas arquibancadas dos Eucaliptos, onde incontáveis vezes foi visto com uma bandeirinha do Inter nas mãos. Visado pelos porteiros do estádio, que viam nele a possibilidade de perturbação da ordem, Charuto não se abatia com as restrições feitas à sua presença. O importante era estar de qualquer maneira no estádio, torcendo pelo time de seu coração. Às vezes ultrapassava os limites do portão caminhando de costas. Quando barrado por um porteiro, explicava que estava saindo e não entrando do estádio, com a ironia e o bom humor estimulado por várias doses de cachaça pura. (BRAGA, 2008, p. 172).

Interessante pontuar também a notória referência que Gerchmann (2014) faz à Coligay, uma torcida organizada do Grêmio que se tornou um grande símbolo na luta contra a discriminação sexual nos estádios. O grupo surgiu na década de 1970, no contexto restritivo da ditadura militar, e era liderado por Volmar Santos, o dono da boate “Coliseu”,

voltada ao público homossexual e que deu nome à torcida. Em 2014, Gerchmann (2014) lançou o livro que narra os pormenores dessa história – *Coligay, tricolor e de todas as cores* – na intenção de recuperar a memória de um grupo que, mesmo despreziosamente, foi tão atuante, desmistificando o rótulo de time preconceituoso que ainda recai sobre o Grêmio.

As percepções da rivalidade entre Grêmio e Inter, assim como na obra *a História dos GreNais*, de Coimbra *et al.* (2009), foram aqui evidenciadas em ordem cronológica desde a fundação dos clubes no século XX até o início do século XXI. Os relatos de Coimbra *et al.* (2009) dão conta desse histórico até o ano de 2004, encerrando-se no GreNal do gol mil, assinalado pelo craque colorado Fernandão. Neste tópico, o percurso de Grêmio e Inter se estende até 2006, quando este conquista o Mundial Interclubes e emparelha a rivalidade sob a réplica do “nunca cá”. Dez anos depois, período em que se dá início a esta dissertação, a rivalidade GreNal ganha um novo contorno, inédito como nunca e peculiar como sempre: enquanto o Grêmio ressurge do limbo para conquistar a Copa do Brasil depois de um jejum de quinze anos sem títulos nacionais – sob o comando do ídolo Renato Portaluppi e inaugurando a sala de troféus da sua nova Arena –, o Internacional amarga o primeiro rebaixamento de sua história. Tudo isso em um curto intervalo de sete dias. Para o jornalista Emanuel Neves, “a hecatombe colorada de 2016” equilibrou a gangorra de um modo difícil de ser desfeito. Sem desconsiderar qualquer minúcia do percurso centenário de Grêmio e Inter, e em tom dramático peculiar ao enredo GreNal, ele reflete: “se as trombetas rasgassem as nuvens e o armagedom rebentasse hoje sobre o Pampa, existiria mesmo algum fator realmente capaz de diferir um clube do outro? Ou terminaríamos quites em praticamente tudo?” (NEVES, 2017, s/p).

### **2.3 Rivalizar x grenalizar: como a mídia pauta a dupla GreNal?**

Em 19 de julho de 1900 – data oficializada pela Confederação Brasileira de Futebol como o dia Nacional do Futebol – foi fundado o Sport Club Rio Grande, na cidade portuária de mesmo nome. Desta forma, o futebol mais antigo do país é o do Rio Grande do Sul. No entanto, poucas coisas revelam uma identidade tão especificamente regional e permitem que se manifeste o sentimento disseminado de desprestígio que, de tempos em tempos, sentem os rio-grandenses em

relação ao conjunto nacional quanto o futebol. O futebol “gaúcho” reproduz, em grande medida, os problemas que atingem outros segmentos gaúchos. (GUAZELLI, 2000, p. 20).

O trecho extraído do artigo *500 Anos de Brasil, 100 Anos de Futebol Gaúcho*, de autoria do pesquisador Cesar Augusto Guazelli (2000), não somente caracteriza o futebol do Rio Grande do Sul como traço identitário do estado desde os primórdios da história de ambos – federação e modalidade – mas, também, o coloca como um dos representantes máximos da noção de inferioridade arraigada à história peculiar do estado e às divisões sociais que dela derivam. Essa construção histórica coloca o Rio Grande numa posição peculiar em relação às outras unidades brasileiras, refletida desde as ondas separatistas até aspectos de sua música, literatura e, claro, do futebol. Para o autor, “os futebolistas rio-grandenses têm, em geral, consciência de estarem em segundo plano em relação ao Rio de Janeiro e a São Paulo durante quase toda a história do futebol no Brasil” (GUAZELLI, 2000, p. 23).

O que se intenta discutir neste tópico, mesmo que de forma desprezível, é o modo como o jornalismo esportivo estimula esse pensamento, muitas vezes apropriando-se do discurso da marginalidade para pautar os dois maiores clubes de futebol do estado. Nessa perspectiva da construção midiática, nota-se a demarcação de uma tênue linha que, de um lado, se guia pelo culto às tradições, mas, do outro, acaba reforçando estereótipos muitas vezes não condizentes com a realidade da federação, das agremiações e até do próprio jogo em si, inclusive sob o risco de fomentar aspectos não saudáveis da rivalidade clubística. A definição de um “estilo gaúcho” de jogar futebol é um exemplo clássico dessa estereotipação frequentemente encontrada no noticiário esportivo, muito embora ao longo da história centenária de Grêmio e Inter tenham surgido evidências contrárias a tal imaginário, como pondera o jornalista e gremista Léo Gerchmann (2016, p. 96):

Em uma comparação simples, o Flamengo tem aquele jogo cadenciado, lindo, tipicamente brasileiro. Parece que todo jogador, ao vestir a camisa rubro-negra do Flamengo, passa a dar toques macios e fazer gols de efeito. No Grêmio, sem abrir mão da técnica de um Valdo, temos a gana de um Dinho, algo não menos lindo. [...] Vários ídolos eternos aliam a técnica à garra,

mesclam os dois. E assim é o nosso Tricolor. A impressão é de que, assim como ocorre no antípoda carioca, todo jogador que veste o manto azul, preto e branco torna-se um guerreiro, o que não implica violência, mas sim muitíssima emoção.(GERCHMANN, 2016, p. 96).

Para Guazelli (2000, p. 29), “a hipótese de que a ‘identidade’ do futebol ‘gaúcho’ foi construída discursivamente implica o exame daquelas explicações dadas aprioristicamente para a especificidade rio-grandense”. Ou seja, em uma dessas vertentes discursivas, para saber o quanto o discurso midiático influencia na construção estereotipada do “estilo gaúcho” de jogar futebol, é preciso ter ciência das justificativas que respaldam esse imaginário. Algumas delas estariam relacionadas ao isolamento geográfico e às condições climáticas mais hostis do Rio Grande do Sul, o que, originalmente, fez com que a prática futebolística no estado tendesse mais aos estilos europeu e portenho do que ao estilo de jogo comum no eixo Rio-São Paulo, por exemplo. Esse, inclusive, é um dos aspectos dos quais o jornalismo esportivo mais se apropria para, até hoje, avigorar o estereótipo do gaúcho típico, reforçando o imaginário de uma vertente que se distinguiria das demais do país justamente pelo estilo de jogo caracterizado como forte, aguerrido, “raçudo”. Damo (1998) credita essa construção à perspectiva do culto às tradições enquanto forma de valorizar o potencial de um estado, *a priori*, marginalizado.

Em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta, por um lado, da apropriação, por parte dos futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos –, de um discurso preestabelecido de culto às tradições gaúchas. De outro, seguindo a mesma lógica das reivindicações regionalistas forjadas na esfera econômica, política e cultural, o futebol gaúcho é pensado por oposição ao futebol-arte, declinando desta, outras tantas oposições dentre as quais se destacam o “nós”/“outros” ou “eles”, gaúcho/brasileiro e regional/nacional. (DAMO, 1998, p. 195).

Machado *et al.* (2013) compartilham o mesmo raciocínio, atrelando-o à questão mercadológica, de modo que tais representações

mediáticas do futebol à moda gaúcha se configurariam como estratégias “de significação e representação cultural para garantir seu enlace simbólico junto às audiências” (MACHADO *et al.*, 2013, p. 01). Para demonstrar essa justificativa, os autores analisaram uma edição especial de 2012 do programa *Globo Repórter*<sup>33</sup>, da Rede Globo, veiculado em comemoração aos 50 anos da *RBS TV*. Nessa edição, foram selecionadas as notícias consideradas mais relevantes para demarcar a trajetória da emissora na cobertura dos fatos locais. Na ocasião, quase sete minutos do programa foram dedicados à temática da rivalidade e paixão futebolísticas, com referências claras ao imaginário das tradições gaúchas:

A narrativa apresenta a paixão da emissora e dos telespectadores por este esporte, indicando os anos em que os dois principais times do estado, Grêmio e Internacional, venceram o Campeonato Mundial de Interclubes. Três protagonistas do cenário do futebol gaúcho são resgatados: Renato Portaluppi, herói do Grêmio; Falcão, herói do estado que conquistou Roma e com isso prestígio internacional e Ronaldinho Gaúcho, personagem controverso, apresentado como herói e vilão. Esta passagem negocia a perspectiva residual, por construir esses atores sociais como heróis, com a dominante, já que o futebol é a principal modalidade de esporte prestigiada pela nação [e a mídia] brasileira. Seu caráter como dominante está associado ao fato de que o futebol é pauta não apenas na mídia, mas sim nos mais diversos âmbitos sociais e culturais, atrelado a bens de consumo simbólico, e compartilhamento ou não de sentimentos. (MACHADO *et al.*, 2013, p. 11).

Como já apontado, o modelo dito característico de se jogar futebol também encontra raízes na geografia física do território, servindo como mais um elemento para cultuar as tradições de um estado considerado pelos sul-rio-grandenses como marginalizado e periférico, contornos estes que, nessa ótica regionalista, seriam responsáveis pela falta de representatividade do Rio Grande do Sul diante das decisões

---

<sup>33</sup> Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/rbstv50anos/noticia-2012/12/globo-reporter-especial-conta-os-50-anos-de-historia-da-rbs-tv.html>>. Acesso em 13 nov. 2017.

político-econômicas tomadas no centro do país. Exemplo disso é que, no futebol, as manifestações contra possíveis prejuízos diante dos clubes do eixo Rio-São Paulo – como erros de arbitragem e não convocações para a Seleção Brasileira – seguem contundentes desde a época do primeiro Torneio Roberto Gomes Pedrosa e da polêmica partida da Seleção Gaúcha x Seleção Brasileira, sempre no ideário da afirmação do futebol do estado.

A péssima campanha da Seleção na Copa de 1966 culminou em reformulações para o futebol brasileiro, dentre elas a criação de um campeonato nacional de maior competitividade. Daí surgiu em 1967 o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o “Robertão”, em substituição ao antigo Torneio Rio-São Paulo, agora ampliado para clubes de outros estados. No primeiro Robertão, o Internacional faturou o vice-campeonato, enquanto o Grêmio ficou com a quarta colocação. Até então, o negro Everaldo, lateral-esquerdo do Grêmio, havia sido o único gaúcho convocado para a Seleção. Nesse contexto, após a campanha do tri em 1970, a opção do técnico Zagallo em não reconvocar o lateral tricampeão para a Copa Independência, de 1972, motivou o clima de guerra entre o Sul “periférico” e o restante do país, culminando na convocação do confronto Seleção Brasileira x Seleção Gaúcha. (CARDIA, 2009). Importante ressaltar que esse talvez tenha sido um dos únicos momentos da história em que a rivalidade GreNal ficou em segundo plano, já que a Seleção Gaúcha era formada por um compilado dos melhores jogadores dos dois times em defesa da mesma bandeira sulista. A imprensa esportiva gaúcha, é claro, contribuiu para esquentar os bastidores daquela disputa, que acabou empatada em 3 x 3.

Com as conquistas gremistas e coloradas que se sucederam principalmente ao longo das décadas de 1970 e 1980, o futebol do estado passou a se afirmar em âmbito nacional, o que favoreceu a convocação de atletas “gaúchos” – aqui entre aspas indicando a representação do estado e, não necessariamente, a naturalidade dos jogadores – para vestir a amarelinha. Na Copa do Mundo de 1974, “dirigidos pelo mesmo Zagallo, estiveram Paulo César Carpegiani e Valdomiro, sem muito destaque, numa campanha obscura da seleção. Na Copa de 1978, o representante ‘gaúcho’ foi Batista, do Internacional; Falcão, maior jogador do mesmo clube, não foi chamado.” (GUAZELLI, 2000, p. 47). No Mundial de 1982, sediado na Espanha, foram convocados Edvaldo, do Inter, e Paulo Isidoro, do Grêmio, ainda que como reservas, além do ídolo colorado Falcão, que agora já atuava na Roma. Em 1986, no segundo Mundial sediado no México, Renato

Portaluppi – o polêmico ponta-direita do Grêmio – foi cortado da lista por motivos disciplinares.

As mágoas se referem a “injustiças” cometidas contra outros jogadores, referidas, a priori, ao descaso com atletas e clubes do Rio Grande do Sul, mesmo nos momentos em que o futebol “gaúcho” se destacava. O caso de Falcão, em 1978, foi emblemático: não relacionado para a seleção, havia sido bicampeão brasileiro pelo Internacional, na grande equipe de 1975-1976, que contribuía apenas com o esforçado Batista. Mais tarde, Falcão assombraria o País – no Campeonato Nacional, mais uma vez vencido pelo Internacional em 1979 – e a Europa – conquistando o campeonato italiano para o Roma. Também o corte de Renato, por discutíveis motivos disciplinares – que não afetaram outros atletas do centro do país –, provocou reações inconformadas no Estado. (GUAZELLI, 2000, p. 47).

O ano de 1990 foi o que contou com o maior número de “gaúchos” na Seleção, mesmo que estes já estivessem afastados de seus clubes de origem. No entanto, o fracasso naquele Mundial seria atribuído a um deles: Dunga. Quatro anos depois, “o mesmo Dunga, mais Taffarel e Branco, seriam heróis do tetracampeonato, numa equipe de futebol objetivo e sério, que foi contestada por muitos esportistas como pouco representativa do ‘futebol-arte’ brasileiro” (GUAZELLI, 2000, p. 47). No Mundial de 1998, perdido para a França, Dunga, Taffarel e Emerson eram os representantes do Rio Grande do Sul. Em 2002, Ronaldinho Gaúcho foi a “bola da vez”. E, na beira do campo, estava o gaúcho Luiz Felipe Scolari, técnico do pentacampeonato.

Interessante ponderar que, de 2006 em diante, a Seleção Brasileira teve cinco treinadores gaúchos consecutivamente no comando: Dunga, Mano Menezes, Felipão, Dunga (em nova passagem) e Tite, atualmente. Nesta Copa de 2018, inclusive, vale lembrar que surgiram queixas – da imprensa e da torcida – em relação a não convocação dos jogadores Luan e Arthur, expoentes da temporada vitoriosa do Grêmio entre 2016 e 2017. Em contrapartida, foram convocados o atacante Douglas Costa, revelado pelo clube, e Geromel, atual zagueiro tricolor. Além deles, também fazem parte do atual elenco

três ex-colorados: o goleiro Alisson, o meia Fred e o ponta-esquerda Taison.

A reivindicação regionalista, especialmente no caso dos gaúchos, não é alheia aos esporádicos movimentos separatistas que pipocam aqui e acolá. O fato de estes últimos terem sido reprimidos pelos próprios gaúchos, de uns tempos para cá com maior veemência do que outrora, não significa que as diferenças regionais tenham perdido sua força, seu valor identitário. "Pegar em armas" é coisa do passado. Agora, dificilmente se verá o Grêmio, o Inter ou o Juventude vencerem os "outros" sem que seja evocada, concomitantemente, a "bravura", a "garra" e a "virilidade" que, se crê, caracterizam o "estilo gaúcho". E desgraçado será aquele jogador ou time que não satisfizer essa condição de verossimilhança. (DAMO, 1999, p. 114).

No entanto, Damo (1998) adverte que esse discurso de culto às tradições – constantemente reforçado não só pelo jornalismo esportivo, mas, também, pela atuação dos movimentos ideológicos como o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) – acaba mascarando a verdadeira história do Rio Grande do Sul. Para ele, ao representar o jogador gaúcho como um “produto das guerras”, por exemplo, a mídia esportiva pode até mesmo orientar manifestações violentas dos torcedores<sup>34</sup>. Por outro lado, a questão da violência é controversa ao se observar, por exemplo, experiências recentes como a implantação da torcida mista no clássico GreNal a partir de 2015, uma iniciativa pioneira nos estádios brasileiros, com tricolores e colorados dividindo pacificamente a mesma arquibancada.

Todavia, conforme justificado nos tópicos anteriores deste trabalho, não há como desconsiderar que a rivalidade clubística e seu enredo característico estão enraizados no contexto de Grêmio e Inter, evidenciados tanto pelo processo de consolidação das duas agremiações

---

<sup>34</sup> A temática da rivalidade clubística que descamba para as arquibancadas está presente no documentário do inglês Danny Dyer sobre as torcidas brasileiras – veiculado em 2012 pela *ESPN* – com destaque para as organizadas de Flamengo, Vasco, Corinthians, Palmeiras, Grêmio e Internacional. Disponível em <<https://youtu.be/vz95H6UoGQs>>. Acesso em 13 nov. 2017.

quanto pelos aspectos históricos da formação do Rio Grande do Sul. O desafio, no caso, está em conseguir estabelecer até que ponto a estratégia midiática de pautar o futebol enquanto símbolo identitário do estado tem, de fato, raízes justificáveis, e onde o culto às tradições deixa de ser algo plausível para se tornar uma construção estereotipada, forjada como um apelo midiático para chamar a atenção dos grandes centros em relação ao estado considerado periférico.

Ainda que esse não seja o foco desta pesquisa, ao longo do percurso metodológico, pretende-se chegar a proposições mais precisas sobre essa questão. Em um panorama mais amplo, o que se observa na cobertura midiática da dupla GreNal pode ser classificado em duas vertentes predominantes: **rivalização** e **grenalização**. A primeira delas seria mais atuante nos âmbitos midiáticos nacional e internacional, pois, conforme visto, a rivalidade aparece como a marca mais característica do clássico rio-grandense Brasil afora. Já a vertente da grenalização estaria arraigada à mídia local e regional que, ao se apropriar incansavelmente do discurso de culto às tradições, acrescido do imaginário do gaúcho típico – dicotômico, extremista e radical – acaba reduzindo questões complexas a um embate meramente clubístico.

O preconceito racial, segundo Gerchmann (2015), é uma dessas questões que vem sendo grenalizada há tempos, tanto pelos torcedores, quanto pela própria imprensa, embora seja “um assunto sério demais para ser diminuído à boçalidade de uma rivalidade clubística” (GERCHMANN, 2015, p. 137). Isso acontece quando, por exemplo, em uma notícia sobre a discriminação nos estádios, preocupa-se menos em evidenciar a problemática social do racismo e mais em comparar os casos já protagonizados por ambas as equipes. Nessa esfera, Damo (1998) pondera que a segregação racial no futebol porto-alegrense não pode ser tratada somente no âmbito esportivo, já que, evidentemente, se desenvolveu em processo alheio ao futebol: “em parte, a segregação racial no futebol deve ser tributada a um processo mais amplo, extensivo à própria construção da identidade gaúcha” (DAMO, 1998, p. 103). No prefácio do livro *A História dos Grenais*, o radialista Ruy Carlos Ostermann faz a mesma ponderação:

O racismo é um episódio do Grenal, grave na aparência mas atenuado na sua intenção difusa de mais se opor e desmerecer o adversário do que outra coisa. O desmerecimento é, digamos, contemporâneo mas encobre uma longa tradição escravista e de exclusão que está na fundação do

futebol. Não haveria de superar a história escravagista do Estado e do país. (OSTERMANN *apud* COIMBRA *et al.*, 2009, p. 11).

Na intenção de ilustrar as perspectivas aqui discutidas quanto ao imaginário social do gaúcho e à cobertura midiática de Grêmio e Inter, os próximos parágrafos vão discorrer sobre a matéria da revista *FourFourTwo*, já citada neste capítulo, que elege o duelo Grêmio x Internacional como o maior clássico do futebol brasileiro e um dos maiores clássicos do mundo. A publicação evidencia alguns traços característicos da rivalidade clubística – os quais costumemente angulam as pautas da dupla GreNal independentemente do alcance: local, nacional ou internacional – dimensionando-as a um contexto sociocultural mais amplo. A matéria foi veiculada em 2016 e é parte de uma série de publicações que compõem o ranking dos 50 maiores clássicos de futebol no mundo eleitos pela revista. O conteúdo que cabe à dupla GreNal foi assinado pelo repórter e editor Gary Parkinson e encontra-se disponível na íntegra nos apêndices desta pesquisa, em tradução nossa (APÊNDICE A).

Para enumerar o ranking, a *FourFourTwo* se baseou em critérios como a história, tradição e competitividade entre as equipes; os jogadores estrelas que atuaram no elenco; a atmosfera, clima de rivalidade e dramaticidade que envolve os clássicos; o comportamento e fanatismo dos torcedores e o apelo global das partidas. Esses critérios foram pontuados pelos correspondentes da revista espalhados pelo mundo, que também foram os responsáveis por indicar os maiores clássicos de seus respectivos países. No resultado, além do clássico GreNal (8ª posição), aparecem outros três duelos do futebol brasileiro: Flamengo x Fluminense (18ª), Corinthians x Palmeiras (23ª) e Bahia x Vitória (42ª).

Já no título e na linha fina, a matéria enfatiza o caráter dicotômico da dupla GreNal: “Nada mais importa no Rio Grande do Sul, onde é impossível ser neutro” e “Lá pra baixo, no lugar mais ao sul do Brasil, no estado gaúcho Rio Grande do Sul, você tem uma escolha a fazer: ou você é Grêmio, ou você é Inter.” (*FourFourTwo*, 2016, s/p). Com base no imaginário que representa o gaúcho como um ser extremista, isso significa que a paixão por Grêmio ou Inter implica também na aversão pelo outro. “Nesta perspectiva, dizer-se gremista é, mesmo que veladamente, dizer-se anti-colorado e não flamenguista, palmeirense, santista e assim por diante.” (DAMO, 1998, p. 67).

A partir daí, o texto resgata a trajetória histórica dos dois clubes, relembando algumas partidas, torneios e elencos do confronto centenário entre tricolores e colorados. Para além da pauta esportiva, a matéria perpassa também pelas questões raciais que envolveram a fundação dos times e pelos aspectos político-econômicos que abrangeram a construção de seus respectivos estádios e a consolidação dos programas de sócio-torcedor. O embate racial aparece já no segundo parágrafo:

O Grêmio é o clube mais velho, fundado em 1903 por um daqueles entusiastas ricos que ajudaram a popularizar esse jogo que todos nós amamos. (Valeu entusiastas!). Mas esse grupo era restrito a descendentes alemães, o que seis anos mais tarde incitou os irmãos de sangue italiano – Henrique, José e Luis Poppe – a criarem o Internacional, assim nomeado com a intenção de tirar sarro do rival da cidade. (PARKINSON, 2016 – Apêndice A).

Aqui, percebe-se que a pauta assume o discurso da versão mais comum sobre a fundação dos clubes, que associa o Grêmio à prática da segregação racial. Contudo, como foi abordado no tópico anterior, essa versão não pode ser tomada como única. Isso porque, por mais que os autores concordem que havia segregação na origem dos clubes, esta não poderia ser atribuída somente ao Grêmio, visto que ambos eram segregacionistas, fosse em relação aos negros – ainda que isso não estivesse descrito em seus estatutos –, fosse em relação às classes economicamente desfavorecidas.

Para contextualizar esse embate racial e econômico que caracteriza o Inter como o time mais afeito entre as classes populares, Damo (1998) parte das seguintes perguntas: como e por que o Inter é tido como clube do povo? E, sobretudo, por que os torcedores elegeram a questão do negro como um dos principais elementos da rivalidade GreNal? Em sua tese, o autor demonstra que esses dados não se comprovam estatisticamente, sendo, portanto, representações preponderantemente simbólicas e que, por isso, demandariam tratativas menos arbitrárias.

Se a crença de que o Inter é o "mais querido" entre as classes menos favorecidas não se confirma estatisticamente [...], o mesmo não se pode

afirmar em relação à questão da "raça". Na verdade, não existem dados empíricos para corroborar e tampouco refutar a percepção étnica de que o Inter é o "clube dos negros", de forma que qualquer hipótese a este respeito corre um sério risco de ser desmentida. Todavia, se a identificação do Inter como "clube do povo" persiste apesar da equidade estatística em termos de classe social, pode-se supor o mesmo em relação à questão do negro. [...] Ou seja, as diferenças instituídas pelos próprios torcedores são de natureza preponderantemente simbólica e, portanto, um tanto alheias aos aspectos sócio-econômicos; ainda que estes não devam ser simplesmente ignorados. (DAMO, 1998, p. 99).

O triunfo do Inter como “clube do povo”, em oposição à pecha de elitista do Grêmio, é justificado na matéria com base na formação do Rolo Compressor – o time colorado cuja base foi composta pelos jogadores negros da Liga da Canela Preta –, expandindo-se o debate racial também para o restante do território brasileiro.

O Inter acumulou alguns apelidos legais ao longo de sua história. Já conhecidos pela emocionante alcunha “cowboyzística” de colorados, porque jogam de vermelho, uma impressionante campanha em particular, de 1940, os batizou de Rolo Compressor. Outras alcunhas incluem Celeiro de Ases e Campeão de Tudo, compensando com inclusão o que lhe falta em humildade. E a inclusão foi a chave para esta grande equipe de 1940, que reuniu todas as etnias num tempo em que isso estava longe de ser uma política uniforme no futebol brasileiro. (PARKINSON, 2016 – Apêndice A).

Dando continuidade à leitura, percebe-se, também, a angulação de aspectos político-econômicos referentes aos estádios de Grêmio e Inter. Um dos parágrafos levanta as hipóteses de corrupção que envolveram a construção do estádio do Internacional, o Beira-Rio, e as manobras políticas para erguê-lo sobre o aterro do Guaíba, destacando de forma pejorativa o “famoso jeitinho brasileiro”:

O Inter também superou a capacidade de 20 mil torcedores do Estádio dos Eucaliptos, embora o substituto Beira-Rio tenha levado mais de uma década até ficar pronto, prejudicado com os rombos em sua fortuna ganha nos gramados e pelo famoso jeitinho brasileiro de manobras políticas. O Beira-Rio finalmente foi inaugurado em 1969, tendo sido substancialmente remodelado para a Copa de 2014, com 50 mil assentos – ganhando a preferência sobre o estádio do Grêmio, para deleite dos fãs colorados.(PARKINSON, 2016 – Apêndice A).

A conjuntura da rivalidade GreNal angulada na revista também abrange a temática econômica ao colocar em pauta a utilização do estádio Beira-Rio como uma das sedes para os jogos da Copa do Mundo 2014, em contraposição à Arena do Grêmio que, mesmo “novinha em folha” – como cita a matéria – não recebeu nenhuma partida. Essa relevância político-econômica do futebol na atualidade ocidental é também, segundo Alves (2014), o que explica a realização de dois mega eventos esportivos sediados no país recentemente – Mundial 2014 e Olimpíadas 2016 – já que “todo o esforço do discurso governamental é em frisar a importância e as ótimas consequências que tais eventos trarão ao Brasil” (ALVES, 2014, p. 23). Ainda de acordo com Alves (2014), outro aspecto que pode mensurar a atual importância e consolidação político-econômica das instituições desportivas é o fato de tais entidades liderarem o ranking do número de nações associadas: “a FIFA possui mais países associados do que qualquer outra instituição, tendo sua força política e econômica reconhecida em praticamente todo o planeta” (ALVES, 2014, p. 24).

Ainda quanto à questão dos estádios, ela ganha uma dimensão peculiar em se tratando da dupla GreNal pelo fato de ambas as agremiações possuírem “casa própria”, o que não acontece se comparadas às demais rivalidades estaduais entre os clubes brasileiros. Conforme esclarece Damo (1998, p. 122), “a alternância de posições, seja ela mediada pelos resultados ou pelas obras, demonstra, mais uma vez, a competitividade subjacente a esta rivalidade e reforça a ideia de que o Grêmio e o Inter constituem uma totalidade indissociável”. O autor explica que o misto de paixão e rivalidade é tamanho que motivou o investimento patrimonial elevado, fazendo com que a materialização de seus respectivos estádios se tornasse motivo de orgulho de ambos perante os demais grandes clubes do país.

Diferentemente do que ocorre com a maioria dos chamados "grandes clubes" do futebol brasileiro, Grêmio e Internacional podem sediar jogos importantes em seus próprios estádios. Trata-se de uma espécie de atestado de "propriedade" que, por si só, é motivo de orgulho e distinção para os torcedores da dupla Gre-Nal. Ter estádio próprio é como possuir casa própria, com todas as conotações práticas e simbólicas que poderiam ser elencadas a partir da diferença entre "ser proprietário" e "ser inquilino". (DAMO, 1998, p. 117).

Retomando a matéria, o quesito sócio-torcedor é outro fator utilizado para contextualizar aspectos econômicos da grenalização, com o texto explorando o fato de o Internacional possuir o programa de sócios mais bem-sucedido da América do Sul<sup>35</sup>, enquanto o Grêmio teria a seu favor o fanatismo de seus torcedores:

De fato, enquanto o Inter tem o sexto maior número de sócio-torcedores no mundo (e o maior da América do Sul), os torcedores do Grêmio são merecidamente reconhecidos por sua reputação dentre os mais fanáticos do Brasil, o que de certa forma é uma honra quando se pensa sobre isso. O novo estádio tem uma área específica atrás do gol onde os torcedores mais malucos patentearam a "avalanche": comemorando o gol descendo em correria os degraus do topo da arquibancada até a beira do campo para celebrar com os jogadores. Infelizmente, a Justiça Desportiva considerou perigoso esse tipo de comemoração e grades de

---

<sup>35</sup> Dados mais recentes, divulgados em outubro de 2017 pela organização Movimento por um Futebol Melhor, apresentam o Grêmio como o novo líder do ranking nacional que mede o número de sócios-torcedores do Brasil, com 125.120 associados. As seguintes equipes completam o top 5 do ranking: Corinthians (125.111 associados), Palmeiras (122.923 associados), São Paulo (116.430 associados) e Internacional, que agora aparece em quinto lugar, com 112.756 sócios-torcedores. Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/noticia/732075\\_novo-lider-gremio-ultrapassa-o-corinthians-no-ranking-de-socios](http://espn.uol.com.br/noticia/732075_novo-lider-gremio-ultrapassa-o-corinthians-no-ranking-de-socios)>. Acesso em 13 nov. 2017.

metal rapidamente foram instaladas no lugar. (PARKINSON, 2016 – Apêndice A).

Essas dualidades que perpassam toda a matéria são responsáveis por garantir o ritmo de leitura da narrativa, fazendo valer o caráter epopeico da pauta. No entanto, no afã de rivalizar a dupla GreNal conforme preconiza o estereótipo, a matéria incorre em um erro no processo de apuração dos fatos, contrariando aquilo a que Kovach e Rosenstiel (2004) – citados no primeiro capítulo desta dissertação – classificam como essência do jornalismo: a verificação. O conteúdo da *FourFourTwo*, ao descrever alguns ídolos que fizeram parte da trajetória dos clubes, traz uma versão duvidosa sobre o goleiro Eurico Lara. Versão esta a qual Gerchmann (2016) chama de “lenda urbana” e a desconstrói no livro *Viagem à alma tricolor em 7 epopeias*. Conforme a lenda, Lara teria morrido em plena disputa do “Grenal Farroupilha”, de 1935, e não saído no intervalo, como de fato ocorreu. Na verdade, o goleiro viria a falecer um mês e meio depois, mais precisamente no dia 6 de fevereiro, no Hospital Beneficência Portuguesa, local para onde foi levado ao fim daquele jogo. “Também daquela partida decisiva se diz que Lara morreu ao defender um chute de pênalti batido pelo próprio irmão. Uau! Nunca houve um irmão de Lara defendendo o Internacional.” (GERCHMANN, 2016, p. 33-34). Contudo, na matéria da *FourFourTwo*, eis que surge o “irmão de Lara”, fomentando o tom dramático da narrativa:

Tem-se ainda Eurico Lara. Apesar da sua condição cardíaca, o lendário goleiro do Grêmio estava determinado a jogar num GreNal de 1935; depois de fazer um pênalti, ele foi alertado pelo jogador que sofreu a penalidade – que por acaso era seu irmão – que o médico tinha lhe dito pra pegar leve. Ignorando o conselho fraternal, ele defendeu a cobrança, mas teve que ser substituído, falecendo cerca de dois meses depois. Ele é homenageado no hino do Grêmio. (PARKINSON, 2016 – Apêndice A).

Esclarecendo-se o equívoco e retornando à matéria, percebe-se que, apesar de a pauta ultrapassar o enfoque esportivo, o futebol permanece como pano de fundo durante todo o texto, angulado, é claro, pelo tema principal da matéria: a rivalidade GreNal. Esse tipo de narrativa, ao abordar a rivalidade entre Grêmio e Inter por um viés preponderantemente histórico – com base na fundação dos clubes e do

próprio Rio Grande do Sul –, fazem refletir também sobre as intenções dos discursos da cultura nacional (HALL, 2006), questionando se sua origem é, de fato, resultado da modernidade. Isso porque, segundo Hall (2006, p. 56), esse discurso “constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro”, se equilibrando “entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade”. Machado *et al.* (2013) refletem sobre esse emblema:

Se antes o termo gaúcho fazia referência ao homem do campo, aos habitantes dos pampas do Rio Grande do Sul, atualmente, o termo abrange um número muito maior de pessoas. Hoje, falar em gaúchos significa fazer menção a todos aqueles que nasceram no Rio Grande do Sul ou adotaram esta terra como sua; gaúcho tornou-se um adjetivo pátrio. São gaúchos os habitantes das grandes, médias e pequenas cidades; aqueles que andam a cavalo, de carro ou de avião; tanto aqueles que vivem da pecuária e da agricultura, como do trabalho nas fábricas; operário ou estudantes. (MACHADO *et al.*, 2013, p. 78).

Considerando-se a perspectiva de Hall (2006), pode-se dizer que a articulação que a *FourFourTwo* faz entre aspectos globais – maiores clássicos esportivos do mundo – e locais – a rivalidade GreNal – também contribuiu para reforçar a tentativa de resgate das tradições, pelo menos quando interpretada pelo leitor brasileiro. Ademais, e ainda de acordo com Hall (2006), essas diferenciações e especificações das culturas nacionais também são capazes de criar sentidos sobre a nação, construindo identidades locais. Para o autor, “as identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes” (HALL, 2006, p. 73).

Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria

mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. (HALL, 2006, p. 77).

Outro aspecto pertinente ao se pensar sobre articulações entre fatores globais e locais relaciona-se à ótica de que, como a própria revista propôs, a rivalidade clubística não é algo exclusivo do Brasil – ou do Rio Grande do Sul – e, sim, um aspecto que perpassa socialmente as origens dos clubes e de suas respectivas localidades mundo afora. Para citar um exemplo no âmbito do jornalismo esportivo, na Espanha, o embate entre os dois principais clubes de futebol do país, Barcelona e Real Madrid – que inclusive ocupam a segunda posição nesse ranking da *FourFourTwo* – há tempos ganhou dimensões clubísticas em sua cobertura pelos jornais locais, como relembra Stycer (2012):

O *Marca*, lido em Madrid, centra a sua cobertura no Real Madrid, deixa em segundo plano até mesmo o outro time da cidade, o Atlético de Madrid, e, ao falar do Barcelona, privilegia os problemas do time catalão. A mesma coisa, com sinais invertidos, ocorre em Barcelona, onde há um jornal, *El Mundo Deportivo*, tão preocupado com o time do Barcelona que mal tem olhos para o Espanyol, o segundo time da cidade. (STYCER, 2012, p. 196).

Para além das rivalidades extracampo, dentro das quatro linhas pode-se dizer que os ganhos e perdas do futebol também são meramente simbólicos, pelo menos para os torcedores. Os ganhos e perdas reais estariam, segundo Damo (1998), atrelados quase que unicamente ao incremento mercadológico do espetáculo, já que “do camelô ao cambista e dos jogadores aos patrocinadores, uma quantidade significativa de pessoas dependem economicamente do futebol e para estes, vitórias e derrotas são mensuráveis à medida que envolvem dinheiro, e, não raro, apenas isto” (DAMO, 1998, p. 69). Nesse raciocínio, a rivalidade de Grêmio e Inter – considerando-se o modo como frequentemente é pautada pelo jornalismo esportivo – pode ser vista não só como estratégia de resgate das tradições, mas, também, como um aporte para reproduzir os problemas de outros segmentos desse estado que, mesmo estereotipado pelo “oito ou oitenta”, carrega um momento onde, em termos de perdas e ganhos, tudo se iguala: o clássico GreNal.

Na semana antes do clássico, nada mais interessa no Rio Grande do Sul. Quando o Inter dominou o futebol brasileiro na década de 70, o Grêmio foi à luta. Na década de 80, foi a vez deles. Desde então, tem sido essa gangorra, mas chega o dia do clássico e fica tudo igual entre esses dois gigantes do futebol brasileiro, como sempre será. (PARKINSON, 2016 – Apêndice A).

Damo (1998, p. 73) confirma essa lógica ao acentuar que “a disputa entre gremistas e colorados até poderá ser desinteressante do ponto de vista do jogo propriamente dito, mas sempre será densa quando vislumbrada a partir da perspectiva da tradição”. Isso acontece porque tal perspectiva é justamente o que permite atualizar por meio das arquibancadas o contexto das disputas sociais dimensionadas pelo embate clubístico, revelando “o quanto gremistas e colorados são contrários, contraditórios e complementares” (DAMO, 1998, p. 75).







### 3 DUPLA GRENAL NA ZERO HORA

Discutidas as questões teóricas que problematizam esta pesquisa, chega-se, então, ao capítulo de análise do objeto empírico: notícias publicadas e depoimentos dos repórteres. Antes da apresentação dos resultados propriamente ditos, foi preciso contextualizar a metodologia que viabiliza o estudo: a Análise de Discurso (AD), aqui priorizada pela ótica da linguista e pesquisadora Eni Orlandi, considerada a introdutora da AD no Brasil.

Além da Análise de Discurso, conceitua-se brevemente, também, o procedimento da entrevista em profundidade, técnica crucial para que fosse possível cumprir o objetivo desta dissertação, correlacionando o discurso noticioso ao discurso dos repórteres para identificar como as suas respectivas preferências clubísticas intervêm na construção da notícia.

Para tanto, evidencia-se, neste capítulo final, as interferências das condições de produção da *ZH* no funcionamento do discurso do caderno de esportes, relacionando-as às premissas básicas da AD: quem diz (a instituição *Zero Hora*), de onde diz (do Rio Grande do Sul, em seu contexto sociocultural característico) e, sobretudo, de como diz (conforme as linhas editoriais da empresa e as formações ideológicas dos jornalistas entrevistados).

#### 3.1 Aspectos técnicos e metodológicos

Feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. Uma vez atingido o processo discursivo que é o que faz o texto significar, o texto ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles – e outros que nem mesmo conhecemos – são parte. (ORLANDI, 2004, p. 61).

Para se compreender as correlações entre o objeto de estudo desta pesquisa e os resultados que serão apresentados nos próximos tópicos do capítulo, é preciso, antes, compreender a metodologia que viabiliza esta dissertação. Trata-se da Análise de Discurso (AD), aqui priorizada pela ótica da linguista e pesquisadora Eni Orlandi (1984; 1988; 2001), considerada a introdutora da AD no Brasil. Para fins didáticos, optou-se

por explicar o conceito a partir de seus principais componentes – contexto histórico-social, formações ideológicas, formações discursivas, intersubjetividade, processo de leitura e produção de sentidos –, todos eles imprescindíveis para justificar a análise de discurso enquanto método de grande funcionalidade para atingir os objetivos de pesquisa aqui propostos.

Em síntese, a tônica deste método consiste em tomar o discurso não como algo hermético ou finalizado, mas, sim, como um processo linguístico balizado pelas interações entre a língua e a ideologia na produção de sentidos por e para os sujeitos. Nesse âmbito, Orlandi (1984) afirma que as condições de produção do discurso são o principal fator responsável pelo modo como ele será reproduzido e interpretado, considerando-se, sobretudo, o contexto histórico-social onde as palavras são ditas. Dessa forma, “o conceito básico para a AD é o de condições de produção. Essas condições de produção caracterizam o discurso, o constituem e como tal são objetos de análise.” (ORLANDI, 1984, p. 101).

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?, e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. (ORLANDI, 2001, p. 40).

Portanto, se o estudo da linguagem não pode ser apartado da sociedade que a produz, depreende-se daí a necessidade de se compreender o fenômeno linguístico enquanto processo, e não meramente enquanto produto. “Ou seja, o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é linguística.” (ORLANDI, 1988, p. 17). Sendo assim, a enunciação passa a ser vista como “um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de

identidades etc.” (ORLANDI, 1988, p. 17), tendo como sua unidade material o texto. É nessa unidade que se dá o processo de interação entre os interlocutores, por meio da leitura. E, a despeito de sua extensão – uma palavra, uma expressão ou um conjunto de frases –, o que de fato está em jogo no processo de leitura é o funcionamento do texto enquanto “unidade de significação em relação à situação” (ORLANDI, 1988, p. 20). Nesse raciocínio, “a noção de texto, enquanto unidade da análise de discurso, requer que se ultrapasse a noção de informação, assim como coloca a necessidade de se ir além do nível segmental. O texto não é soma de frases e não é fechado em si mesmo.” (ORLANDI, 1988, p. 20).

Isso tudo nos permite conceber o *funcionamento* do discurso, desde que se leve em conta as suas condições de produção. O que significa dizer que a noção de funcionamento remete o discurso à sua exterioridade, necessariamente. Essa relação com a exterioridade, com a situação – contexto de enunciação e contexto sócio-histórico – mostra o texto em sua *incompletude*. Entendemos como incompletude o fato de que o que caracteriza qualquer discurso é a multiplicidade de sentidos possível. Assim, o texto não resulta da soma de frases, nem da soma de interlocutores: o(s) sentido(s) de um texto resulta(m) de uma situação discursiva, margem de enunciados efetivamente realizados. Esta margem – este intervalo – não é vazio, é o espaço determinado pelo social. (ORLANDI, 1984, p. 181).

Além de não ser hermético, sabe-se também que o texto não é neutro, independentemente do gênero. O texto jornalístico, por exemplo, objeto de estudo desta pesquisa, nunca é isento, consideradas suas condições de produção e, principalmente, as formações ideológicas do próprio jornalista – ainda que os fundamentos da profissão prescrevam a neutralidade como uma das balizas do fazer-notícia. E é justamente essa relação entre o aspecto linguístico e o aspecto ideológico materializada no texto o que explica seu funcionamento discursivo. Pode-se dizer, então, que “o texto é incompleto porque o discurso instala o espaço da intersubjetividade, em que ele, texto, é tomado não enquanto fechado em si mesmo (produto finito) mas enquanto constituído pela relação de

interação que, por sua vez, ele mesmo instala” (ORLANDI, 1984, p. 183).

Nessa esfera, Benetti (2008a) caracteriza o texto jornalístico enquanto gênero discursivo, uma vez que ele está condicionado às particularidades de seu processo produtivo. As linhas editoriais do veículo e a bagagem cultural do próprio jornalista, como sua experiência de vida, seus valores e crenças, são evidências claras dessa condição. Conforme assinala Traquina (2005, p. 01): “a vasta cultura profissional dos jornalistas fornece um *modo de ser/estar*, um *modo de agir*, um *modo de falar* e um *modo de ver* o mundo” e, por isso, não há como ignorar que a atividade jornalística está diretamente relacionada à subjetividade do profissional e às demais condições que interferem em sua produção. Orlandi (1988, p. 60) atesta essa perspectiva quando afirma que o discurso jornalístico “é constituído de uma pluralidade de textos efetivos que, por sua vez, são marcados por formações discursivas diferentes”.

Essas formações discursivas derivam justamente das formações ideológicas dos interlocutores – no caso, jornalista e leitor –, podendo configurar-se, no primeiro, pela voz institucional da empresa e pela bagagem cultural do jornalista, por exemplo; e, no segundo, pela leitura que se faz do texto, também condicionada pelo seu modo de ser/estar no mundo. As diferentes interpretações de um mesmo fato, inclusive, confirmam por si só o caráter ideológico do discurso. Por isso, Orlandi (2001) considera a ideologia como um dos pontos-chave da AD, ainda que pondere sobre a resignificação desse conceito no método em questão, considerando-se a vasta noção de ideologia no tocante a outras áreas de estudo. No plano da análise de discurso, contudo, “podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.” (ORLANDI, 2001, p. 46). E essa formação ideológica do sujeito, por sua vez, dá origem às formações discursivas que permearão o texto em debate. A autora esclarece:

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A formação discursiva se define como aquilo que

numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2001, p. 43).

Em *Teoria do Jornalismo*, José Marques de Melo (2006) dá pistas que ajudam a compreender como essa interação ideológica-discursiva entre locutor e interlocutor se dá na esfera mercadológica da atividade jornalística: “em que medida a orientação ideológica das publicações jornalísticas atua como fator decisivo para configurar o público leitor?”. Ou, ainda, “quando o cidadão demonstra preferência por um jornal e o lê regularmente, essa opção decorre também de uma opção ideológica?” (MELO, 2006, p. 55). Acredita-se que sim. E isso se explica porque é exatamente no momento da leitura que a interação verbal se consolida, culminando na formação de sentidos sobre determinado assunto. Isso implica dizer que o discurso em questão somente terá o mesmo significado para os dois interlocutores caso as formações ideológicas de ambos forem compatíveis entre si.

O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. (ORLANDI, 2001, p. 43).

Dessa forma, é possível afirmar que a análise de discurso, por si só, não atribui sentido ao enunciado. “O que ela faz é problematizar a relação com o texto, procurando apenas explicitar os processos de

significação que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando.” (ORLANDI, 1988, p. 118). Pode-se dizer, então, que as formações discursivas de um texto são pistas para se compreender como aquele discurso funciona para diferentes sujeitos. “É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.” (ORLANDI, 2001, p. 44). Sendo assim, uma formação discursiva nunca é fechada ou estática, definindo-se conforme sua relação com as demais formações discursivas que permeiam o texto, todas condicionadas às formações ideológicas dos sujeitos atuantes.

As condições de produção que, como foi visto, configuram os discursos, também estabelecem correlações entre um discurso e outro(s). Chega-se, assim, à noção da incompletude discursiva, dada a possibilidade de múltiplos sentidos em um único texto. “Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.” (ORLANDI, 1988, p. 39). Todavia, Orlandi (1988, p. 86) pondera que, apesar da multiplicidade de sentidos, o processo de linguagem pressupõe um regulamento: “não se diz o que se quer, em qualquer situação, de qualquer maneira. Também não se pode entender o que se quer, de qualquer maneira, em qualquer situação”.

Quanto a essa interpretação dos discursos, a autora alerta para outra questão crucial da AD, os processos de significação, visto que não só o enunciador, mas, também, o leitor produz determinados sentidos sobre o texto. Desse modo, o leitor terá a sua “identidade de leitura configurada pelo seu lugar social e é em relação a esse ‘seu lugar que se define a ‘sua leitura’”. O efeito-leitor é, pois, relativo à posição do sujeito.” (ORLANDI, 1988, p. 104). Benetti (2008) reforça esse raciocínio ao salientar que tanto o sujeito que enuncia quanto o sujeito que interpreta estão “duplamente condicionados”, seja pelas posições que ocupam na situação comunicativa, seja “por suas próprias subjetividades, lembrando que estas não são apenas invenção de um espírito puro, e sim decorrem de estados emocionais, psíquicos e de conhecimento aprendidos socialmente” (BENETTI, 2008b, p. 20).

O acontecimento-leitura poderia, então, ser descrito mais ou menos da seguinte forma: diante de um texto, um sujeito  $x$  está afetado pela sua historicidade e se relaciona com o texto por alguns

pontos de entrada, que têm a ver com a historicidade do texto e a sua. Como o texto não é transparente em sua matéria significante, há um efeito de ‘refração’ em relação à sua (do leitor) história de leituras, efeito esse que é função da historicidade do texto (sua espessura, sua resistência). Assim se dá o processo de produção de sentidos, de forma a que o sujeito se apodere e intervenha no legível (o repetível). É desse modo, portanto, que se pode entender a relação dinâmica entre constituição e formulação do sentido (ORLANDI, 2008, p. 114).

Retomando a noção da incompletude do texto, Orlandi (1988) ressalta outro aspecto igualmente importante na produção da leitura, o implícito, pois o que não está dito também carrega significado. Nesse aspecto, o não-dito pode ser aquilo que “sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc.” (ORLANDI, 1988, p. 11). Isto é, “os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali, nele. O(s) sentido(s) de um texto passa(m) pela relação dele com outros textos.” (ORLANDI, 1988, p. 11).

Orlandi (1988) reforça que todos esses componentes que constituem o conceito da Análise de Discurso não podem ser vistos como elementos únicos, justamente porque assumem posições relativas durante os processos discursivos. Posições estas “histórica e socialmente determinadas – em que o símbolo (linguístico) e o imaginário (ideológico) se juntam”, configurando as condições de produção da leitura (ORLANDI, 1988, p. 11). Considerando, sobretudo, a perspectiva da construção social das notícias, Ponte (2005) descreve como esse processo de leitura se dá no texto jornalístico:

As peças jornalísticas não são assim apenas *representações do mundo* pela linguagem, que lhes impõe uma estrutura valorativa semântica. Circulam no discurso jornalístico diferentes textos e vozes, imagens icônicas e para-icônicas, como os títulos, pautam hierarquias de visualização e de leitura. A proposta da pesquisa linguística inclui ler os textos a partir da sua construção do auditório: a que leitores fazem referência, em que enquadramentos os situam, com que autoridade e

legitimidade se apresentam. (PONTE, 2005, p. 18).

Nessa esfera, e de acordo com Franzoni *et al.* (2011), é possível compreender o conceito de verdade – que é tão caro ao fazer-notícia – como um efeito de sentido, uma consequência discursiva, uma impressão incapaz de transparecer a verdade absoluta, mas apenas de relacionar-se com ela. “Ao considerar os condicionamentos internos e externos ao jornalismo enquanto prática discursiva é importante considerar que a verdade jornalística pode ser pensada, também como um efeito” (FRANZONI *et al.*, 2011, p. 50). Para esses autores, portanto, a análise de discurso evidencia a percepção do que é tomado como verdade em um texto, visto que “quem fala e de onde fala são critérios absolutamente relevantes e definidores do que é ou deixa de ser verdade” (FRANZONI *et al.*, 2011, p. 05).

A partir desses lugares, pelo desejo e pelo poder, revestidos da vontade de verdade, os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante. [...] Tendo em vista o fato de que ao jornalismo, mais especificamente, cabe a tarefa de dizer sobre e para as demais instâncias sociais, havemos de considerar que um dos lugares possíveis em que se instala a correlação de forças, com todas as suas assimetrias e fragmentações, é o campo do discurso. (FRANZONI *et al.*, 2011, p. 04).

Discutidos os principais componentes da análise de discurso – ainda que de forma breve e despreziosa perante a complexidade do conceito –, aproxima-se, então, do objeto empírico o qual se propôs analisar discursivamente na intenção de cumprir os objetivos desta pesquisa. Partindo das três “viragens científicas” que Ponte (2005) sugere para o estudo discursivo do jornalismo – linguística, sociológica e cultural –, pretende-se relacionar os aspectos linguísticos do *corpus* noticioso da *ZH Esporte* aos aspectos socioculturais de sua produção, vendo como “o linguístico e o social se articulam [...] no jogo das

formações discursivas que são reflexos e condições das práticas sociais” (ORLANDI, 1984, p. 102).

Os sentidos se configuram, materialmente, em torno das formações discursivas. A FD contém a posição de sujeito que a determina: “naquela” posição, “naquela” conjuntura social e histórica, apenas alguns sentidos “podem e devem” ser construídos. Este “externo” que acaba determinando a materialidade discursiva, como já vimos, é a formação ideológica. (BENETTI, 2008a, p. 117).

Na viragem linguística, evidenciam-se as formações discursivas presentes nos textos em análise. A viragem sociológica contempla o discurso clubístico que se pressupõe existir nas entrelinhas do material. E, na viragem cultural, tem-se as formações ideológicas dos jornalistas que fazem com que o texto produza determinados sentidos e não outros, considerando-se que “o(s) sentidos de um texto está(ao) determinado(s) pela posição que ocupam aqueles que o produzem (os que o emitem e o leem)” (ORLANDI, 1988, p. 12). Nessa perspectiva, toma-se o clubismo como um discurso social balizado tanto pela historicidade do Rio Grande do Sul, quanto pelas rotinas produtivas da *Zero Hora*. O discurso clubístico, portanto, pode ser visto como uma forma social de apropriação da linguagem interpelada pelas ideologias do sujeito:

Pela consideração fundamental das condições de produção na AD, não é o sujeito (locutor) que se apropria, mas há uma forma social de apropriação da linguagem em que está refletida a ilusão do sujeito, isto é, sua interpelação feita pela ideologia. É nesse jogo do lugar social e dos sentidos estabelecidos que está representada a determinação histórico-social do discurso. Retomando-se os critérios do que é convencional, podemos dizer que, pela análise do discurso, recupera-se o processo histórico-social. (ORLANDI, 1984, p. 102).

Com base no que foi apontado pelos autores que sustentam este tópico, sobre tratar o discurso não como um mero conjunto de textos, mas, sim, como uma prática socialmente condicionada, surgiu a necessidade de, nesta pesquisa, recorrer a um procedimento técnico

complementar à análise discursiva, a entrevista em profundidade, de modo a evidenciar as condições de produção a que estão submetidos os jornalistas da *ZH Esporte*. Isso porque, na concepção da AD, o objeto discursivo nunca é algo dado. Há que se buscá-lo em sua origem para que a análise não culmine em uma mera descrição dos fatos, o que comprometeria a potencialidade maior do método, tendo em vista que é possível “analisar uma sociedade pelos discursos que produz, pois o que emerge na materialidade do texto origina-se de sujeitos posicionados em um tempo e um lugar condicionados social e historicamente” (BENETTI, 2008b, p. 16).

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície lingüística (o *corpus* bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas. (ORLANDI, 2001, p. 66).

Nesse âmbito, a entrevista em profundidade se tornou uma técnica necessária para que se pudesse compreender como as condições de produção da *ZH* interferem no funcionamento do discurso noticioso do caderno de esportes, relacionando-as às premissas básicas da AD: quem diz (a instituição *Zero Hora*), de onde diz (do Rio Grande do Sul, em seu contexto sociocultural característico) e, sobretudo, de como diz (conforme as linhas editoriais da empresa e as formações ideológicas dos próprios jornalistas). Ainda que algumas formações discursivas se explicitassem nos textos analisados, somente com a complementaridade das entrevistas foi possível evidenciar formações outras que foram omitidas ou silenciadas no texto noticioso.

No âmbito desta pesquisa, as formações omitidas seriam as preferências clubísticas dos repórteres – omissão esta justificada pelos fundamentos do jornalismo em sua relação particular com a editoria esportiva. As formações silenciadas, por sua vez, seriam aquelas calcadas na estratégia de se dizer de um modo e não de outro, para que o discurso carregue determinado significado e não outro. Benetti (2008a; 2008b) auxilia nesta compreensão:

Um sentido, porém, é determinado por uma configuração ideológica, que reside nesta espécie de segunda camada da estrutura do discurso. A lógica da AD nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra. Por isso conceitua-se uma formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito. (BENETTI, 2008a, p. 112).

O sujeito apaga a noção de que seu discurso nada mais é do que a escolha de determinadas estratégias de construção de sentidos — e que, em vez daquelas, poderia ter escolhido outras, agora silenciadas. A evidência das possibilidades negligenciadas seria imobilizadora para quem enuncia. O indivíduo, já cindido em diversos sujeitos, não poderia lidar conscientemente, todo o tempo, com todas as possibilidades de discursividade que se lhe apresentam. O esquecimento é parte constitutiva da ação do sujeito: é preciso escolher, definir estratégias, eleger um, denegar outro. (BENETTI, 2008b, p. 17-18).

Ainda que esta pesquisa não se dedique aos estudos de recepção, vale ressaltar que o raciocínio anteriormente construído ajuda a compreender porque nem sempre – ou quase nunca – o leitor consegue enxergar o não-dito no texto, considerando-se que a “não-transparência” das rotinas produtivas é uma estratégia dos jornalistas para assegurar legitimidade. “Configura-se aqui o poder de ‘não dizer’ (ou, dito de outro modo, o silenciamento sobre as condições de produção) que o jornalismo utiliza para exibir apenas o que lhe convém.” (BENETTI, 2008b, p. 23).

Na tentativa de correlacionar o dito e o não-dito nas matérias da *ZH Esporte* na semana de 05 a 12 de dezembro de 2016, optou-se pela técnica da entrevista em profundidade com questões semi-abertas, pois este modelo de entrevista permite a recolha de respostas mais densas sobre o tema tratado, explorando ao máximo as contribuições dos entrevistados. Ao passo que, nas entrevistas fechadas e de abordagem linear, as respostas tendem a ser mais previsíveis, o que inviabilizaria o

percurso metodológico desta pesquisa, uma vez que a intenção é justamente explorar os aspectos qualitativos do discurso, muitas vezes implícitos (no) e exteriores ao texto – tomando-se por discurso tanto as matérias previamente analisadas, quanto os depoimentos dos entrevistados.

Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. (DUARTE, 2008, p. 62).

Eis então a diferenciação básica entre a entrevista em profundidade e o modelo convencional de entrevista inerente às práticas jornalísticas: enquanto no fazer-notícia cotidiano, recorre-se à fonte por seu testemunho objetivo diante de um fato, na entrevista em profundidade, as fontes são vistas como colaboradores que vão auxiliar na busca da tratativa do problema de pesquisa e, conseqüentemente, na proposição dos resultados. Quanto às diferenças entre entrevistas em profundidade abertas e semi-abertas, “as primeiras são realizadas a partir de um tema central, uma entrevista sem itinerário, enquanto as semi-abertas partem de um roteiro-base” (DUARTE, 2008. p. 64).

Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. (DUARTE, 2008, p. 62-63).

A flexibilidade e o grau de aprofundamento das questões semi-abertas, contudo, depende muito da disposição do entrevistado, da qualidade de suas respostas e das circunstâncias da entrevista. A escolha do local, por exemplo, deve ficar a cargo do entrevistado, já que, assim, ele poderá se sentir mais à vontade e, presumidamente, suas respostas tenderão a ser mais promissoras.

O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador. (DUARTE, 2008, p. 66).

Duarte (2008, p. 74) recomenda que se “observe o ambiente onde se dá a entrevista, a relação que se estabelece entre as pessoas, a forma como o entrevistado se comporta, seus movimentos, ênfases, silêncios, pausas, gestos”, já que o comportamento do entrevistado e o contexto da entrevista também carregam teor informativo. Mais do que isso, na metodologia que viabiliza esta pesquisa, a avaliação das condições de produção desse discurso se torna imprescindível para uma análise efetiva. Ainda que a técnica da entrevista em profundidade se faça necessária para viabilizar este estudo, é importante ressaltar que ela, por si só, não permite testar hipóteses, tampouco “dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. [...] Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema.” (DUARTE, 2008, p. 63).

Todavia, a funcionalidade da técnica está em permitir explorar – em uma conversa informal ou uma “pseudoconversa” – aspectos complexos do problema de pesquisa a partir da ótica e do conhecimento cruciais do entrevistador, os quais melhor serão explorados quanto melhor for a condução do diálogo. Pereira (2012, p. 42) compartilha desse mesmo raciocínio ao alegar que essa conversa “permitiria a reconstrução de um objeto a partir de um mosaico de narrativas individuais, que se conectam a partir do esforço empreendido pelo pesquisador”. No entanto, para que o procedimento seja, de fato, efetivo, é preciso se atentar aos três pré-requisitos elencados por Duarte (2008, p. 68):

“1. Seleção de informantes capazes de responder à questão de pesquisa; 2. Uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis; 3. Descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível.

O terceiro pré-requisito da lista tem a ver com o que Pereira (2012) alerta sobre o domínio das técnicas de entrevista, de modo que o entrevistador consiga estabelecer a articulação entre os depoimentos colhidos, a problemática de sua pesquisa e o referencial teórico em questão. Sendo assim, “o domínio das técnicas de entrevista, capazes de ‘fazer a pessoa falar’, deve estar também relacionado ao conhecimento que o entrevistador possui da própria interação com o sujeito-entrevistado e o modo como ele pode manejá-la a seu favor” (PEREIRA, 2012, p. 37). O autor reforça que o preparo do entrevistador, inclusive, se faz ainda mais necessário considerando-se que o seu interlocutor é também um jornalista, como no caso desta pesquisa. Isso porque, assim como o entrevistador, o entrevistado estará ciente das técnicas de condução do diálogo, podendo articular as respostas da maneira que melhor lhe convém.

É exatamente desta relação que se derivam outros dois agravantes das entrevistas em profundidade, um ao qual Pereira (2012) chama de “idealismo oficial das fontes” e outro que é a interpretação superficial dos dados. O primeiro diz respeito àquelas respostas prontas, arraigadas aos discursos de missão/visão institucionais, geralmente ditas em modo “piloto automático” e que pouco ou nada agregam ao problema de pesquisa. Esse tipo de resposta muitas vezes é dispensável em “uma entrevista de pesquisa em que o objetivo é compreender um fenômeno social e não ilustrá-lo com boas declarações” (PEREIRA, 2012, p. 38).

O segundo agravante tem a ver, ainda, com preparação do entrevistador que, antes de tudo, precisa estar consciente de que “entrevistar alguém não deve ser considerado como um incidente neutro de coleta de dados, mas um processo de negociação em torno da narrativa que será produzida nessa situação” (PEREIRA, 2012, p. 36). Conforme a perspectiva de Pereira (2012), além de se considerar as condições de produção do discurso no momento da entrevista, é preciso confrontar e contextualizar os depoimentos coletados com a problemática da pesquisa, de modo que se permita “compreender como os sentidos atribuídos pelos atores são, em alguma medida, sociais, partilhados por uma coletividade” (PEREIRA, 2012, p. 42). Só assim a escolha desse procedimento terá feito “sentido”.

### **3.2 Linhas x entrelinhas: das notícias publicadas aos depoimentos dos repórteres**

Aos 26, o Botafogo teve uma chance preciosa com Camilo: o meia cobrou falta no travessão de

Léo. O Grêmio ainda teve um gol anulado aos 30, Batista desviou de cabeça e o goleiro Sidão deu o rebote para Bolaños, que mandou para as redes, mas estava em posição irregular. Aos 34, o equatoriano teve outra chance, mas o goleiro do Botafogo fez grande defesa. Ao final, a torcida nem ligou para o resultado. Tudo era festa pelo penta na Copa do Brasil e o rebaixamento do Inter à Série B. (JORNALISTA G, 2016).

De acordo com o tópico anterior, que descreveu o percurso metodológico que viabiliza esta pesquisa, viu-se que a Análise de Discurso (AD) pressupõe que as palavras produzem sentidos conforme o lugar de fala dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Isso significa que os discursos poderão ter diferentes significados dependendo de quem diz, de onde diz e, sobretudo, de como diz. Nesse processo, as formações discursivas do sujeito que fala, bem como os sentidos produzidos por seu discurso, dependem das formações ideológicas de ambos os atuantes: emissor e receptor. Desse modo, é possível afirmar que, se as ideologias do sujeito receptor da mensagem forem compatíveis com as ideologias do sujeito emissor, o discurso significará de maneira semelhante para as duas partes envolvidas: leitor e jornalista, neste caso. Nessa perspectiva, pode-se dizer então que, ao longo do percurso comunicativo, a processo de leitura é o momento ápice da formação de sentidos.

Para esse objetivo, uma postura produtiva é a de considerar que a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação. Em outras palavras: é na sua interação que os interlocutores instauram o espaço na discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão *configurar* o processo da leitura. (ORLANDI, 1984, p. 180).

Um exemplo dessa prática pode ser visto no excerto que abre este tópico, extraído da matéria “Equipe se despede do Brasileirão com derrota”, publicada pela *ZH Esporte*, no dia 12 de dezembro de 2016.

Nela, o discurso do jornalista G produz sentidos diferentes (e opostos) para gremistas e colorados. Isso acontece porque as formações discursivas presentes na angulação que ele dá ao fato – o clima festivo nas arquibancadas do Grêmio apesar da derrota dentro de campo – assim dimensionam a significação da matéria. Tais sentidos poderiam ser considerados apenas diferentes para os torcedores de Grêmio e de Inter, mas se tornam também opostos na medida em que o repórter opta por salientar um aspecto exterior à pauta – aspecto este que seria o rebaixamento do Inter – como motivo para a comemoração dos tricolores nas arquibancadas, ainda que estivessem perdendo o jogo no gramado. Acredita-se que o exemplo em questão evidencia como os aspectos intrínsecos da Análise de Discurso funcionam no processo de significação do texto jornalístico.

Os próximos parágrafos servirão para elencar outras percepções dessa discursividade, identificando as formações discursivas das matérias analisadas e relacionando-as aos depoimentos dos repórteres que assinaram o material, na tentativa de evidenciar não somente o discurso explícito nas linhas do jornal, mas, principalmente, o que há nas entrelinhas do que foi publicado. Para validar esse percurso, a análise se aprofundará nas proposições da AD já pontuadas anteriormente, considerando-se, sobretudo, o lugar de fala da empresa (*Zero Hora*) e dos jornalistas que englobam este *corpus*. Antes de projetar os resultados, porém, é preciso retomar as três etapas metodológicas propostas para esta pesquisa. São elas:

- Etapa 1) mapear no *corpus* noticioso as formações discursivas que possam remeter às preferências clubísticas dos repórteres, em cinco categorias de análise: a) quantidade de matérias; b) angulação da matéria; c) valor-notícia predominante; d) presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados; e) fontes entrevistadas;

- Etapa 2) realizar entrevistas em profundidade com os repórteres que assinaram o material, de modo a identificar em seus depoimentos os possíveis discursos e informações por eles silenciadas/omitidas no conteúdo noticioso;

- Etapa 3) correlacionar os resultados obtidos na análise do *corpus* noticioso com os depoimentos dos jornalistas, identificando se e de que modo as preferências clubísticas dos repórteres da *ZH Esporte* intervêm na construção do discurso jornalístico.

Serão priorizadas aqui as etapas 1 e 2 desse percurso, ficando a terceira para o próximo tópico. Conforme já pontuado, o *corpus* noticioso correspondente à etapa 1 é composto pelas matérias do caderno *ZH Esporte* na cobertura da dupla GreNal de 5 a 12 de

dezembro de 2016, que abordaram um fato raro e, portanto, de grande noticiabilidade no jornalismo esportivo: o contexto simultâneo do título do Grêmio, conquistado no dia 7 de dezembro, e do rebaixamento do Inter, ocorrido quatro dias depois. Ao todo, foram sete edições analisadas, considerando-se que as edições dos dias 10 e 11 de dezembro foram veiculadas conjuntamente em um único caderno, como “edição de final de semana”.

Já o conteúdo correspondente à etapa 2 abrange os depoimentos dos repórteres que assinaram o material. Esses depoimentos foram colhidos pela pesquisadora após a análise discursiva do *corpus* noticioso, sob a técnica de entrevistas em profundidade, realizadas na redação da *Zero Hora* nos dias 25, 26 e 27 de abril de 2018, individualmente com cada repórter. Não houve uma cronologia pré-estabelecida para ouvi-los, de modo que a ordem das entrevistas se estabeleceu conforme a agenda de trabalho de cada um deles. Dessa forma, o jornalista Ticiano Osório<sup>36</sup> – que, vale lembrar, foi o único dentre os sete entrevistados que preferiu manter sua identidade revelada nesta pesquisa – foi ouvido no dia 25, os jornalistas A, B, C, E e F foram ouvidos no dia 26 e o jornalista D foi o último a ser ouvido, no dia 27.

As conversas foram gravadas em áudio e encontram-se transcritas praticamente na íntegra nos apêndices desta pesquisa, na ordem em que foram coletadas. O tempo das entrevistas foi conduzido pelos próprios jornalistas, com duração média de 45 minutos cada uma delas. Optou-se por preservar ao máximo o tom de oralidade das falas, mantendo-se, portanto, gírias, jargões jornalísticos, expressões coloquiais, contrações de palavras, raciocínios não concluídos, entre outros aspectos linguísticos os quais se considera importantes para que a análise permaneça fiel ao discurso dos jornalistas entrevistados nesta etapa. Vale reforçar que, conforme as proposições técnicas da entrevista em profundidade descritas no tópico anterior, optou-se por questões semi-abertas, com roteiro pré-estabelecido, mas sem a necessidade de se prender a ele. Inclusive, em nenhum dos casos, esse roteiro foi seguido à risca, tendo a conversa se delineado também a partir dos assuntos levantados pelo próprio entrevistado, como se poderá ver nas transcrições.

Para que se compreenda a relação discursiva que se pretende propor entre as notícias publicadas e os depoimentos colhidos, é necessário apresentar primeiramente os resultados obtidos na análise

---

<sup>36</sup> Editor de *Sua Vida*, saúde, comportamento, tecnologia, educação e caderno *DOC*.

noticiosa. Nessa análise, priorizou-se o aspecto quantitativo da amostra, com base nas cinco categorias pré-definidas, para, posteriormente, fazer as correlações qualitativas com base nos depoimentos dos jornalistas. Cabe aqui justificar a escolha de cada categoria de análise: acredita-se que os critérios elencados – quantidade de matérias, angulação, valor-notícia, adjetivação e fontes – são os que melhor permitem identificar as formações discursivas presentes no texto jornalístico. Citadas no capítulo anterior desta pesquisa, Silva e Soares (2013) validam essa perspectiva quando descrevem o “protocolo metodológico da análise de cobertura jornalística” para explicar como esse protocolo permite revelar aspectos do processo produtivo a partir da identificação de sinais característicos no produto noticioso final, sinais estes que justificam a escolha das categorias de análise aqui propostas.

Concebemos o método de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) (SILVA; MAIA, 2011) para examinar como um determinado veículo estrutura a cobertura de assuntos em geral ou de acontecimentos factuais específicos, explorando as marcas das **técnicas e estratégias de apuração, composição, disposição** e, conseqüentemente, **angulação** da notícia nas páginas do veículo. Com isso discutimos o próprio conceito de cobertura jornalística. O método se organiza em um protocolo que tenta verificar como o texto publicado revela aspectos do processo produtivo da notícia, procurando (a) não deixar que tais aspectos fiquem subsumidos na opção pela Análise de Conteúdo, (b) não adotar um conceito reducionista de newsmaking e (c) não esquecer as opções e decisões de cobertura para a compreensão do discurso jornalístico delas resultante. (SILVA; SOARES; 2013, p. 5, grifo nosso).

Partindo da quantidade de matérias publicadas sobre cada um dos dois times, por exemplo, fica nítido qual deles foi mais pautado pelo jornal. A partir da angulação de cada matéria, é possível saber se o enfoque dado pelo repórter às equipes foi neutro, positivo ou negativo. Quanto ao valor-notícia predominante, ele permite inferir sobre os critérios de noticiabilidade da *Zero Hora*. A adjetivação presente nos textos, por sua vez, possibilita identificar o estilo narrativo de cada

repórter e, mais do que isso, é o critério de maior potencialidade para se chegar ao objetivo aqui proposto – identificar como as preferências clubísticas dos jornalistas intervêm na construção do discurso noticioso. Quanto às fontes por eles entrevistadas, tal critério condiz com as estratégias discursivas que os repórteres utilizam para validarem suas respectivas narrativas. Esse raciocínio é explicado por Traquina (2005), no volume 1 de *Teorias do Jornalismo*, onde o autor defende que não é possível “compreender por que as notícias são como são sem compreender a cultura profissional da comunidade jornalística”:

A nossa proposta teórica reconhece que o trabalho jornalístico é altamente condicionado, mas também reconhece que o jornalismo, devido à sua “autonomia relativa”, “tem poder”, e, por consequência, os seus profissionais têm poder. Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade. Há alguns momentos, ao nível individual, durante a realização de uma reportagem ou na redação da notícia, quando é decidido quem entrevistar ou que palavras serão utilizadas para escrever a matéria, de mais poder consoante a sua posição na hierarquia da empresa, e coletivamente como os profissionais de um campo de mediação que adquiriu cada vez mais influência com a explosão midiática, tornando evidente que os jornalistas exercem poder. (TRAQUINA, 2005, p. 26).

Justificada a escolha das categorias analíticas, expõe-se, em seguida, o resultado quantitativo da análise do *corpus* noticioso. Os dados estão dispostos em duas tabelas, sendo uma relativa ao Grêmio e outra ao Inter. Os pormenores analíticos da leitura de cada matéria, sintetizados nessas duas tabelas, encontram-se disponíveis nos apêndices desta pesquisa. Optou-se por não inseri-los diretamente no corpo do texto, pois, devido à extensão da análise, poderiam comprometer a fluidez da leitura. Quanto à categoria de valor-notícia, cabe o seguinte adendo: baseou-se na nomenclatura de valores-notícia sistematizada por Silva (2005) em um compilado das contribuições dos pesquisadores que se debruçaram sobre o tema. Tal compilado também se encontra nos apêndices. Os valores-notícia ali elencados foram tomados nesta análise sob a ótica esportiva, de modo que, por exemplo,

quando se fala no valor-notícia “governo”, a intenção é se referir ao governo dos clubes; quando se fala no valor-notícia “tragédia/drama”, ele se refere ao contexto dramático de uma situação decisiva dentro campo; quando se fala no valor-notícia “proeminência das pessoas envolvidas”, ele se refere ao protagonismo dos personagens do jogo, e assim por diante.

Ainda quanto a essa categoria, é válido explicar que, durante a leitura do *corpus*, levou-se em conta o valor-notícia predominante em cada matéria, desconsiderando-se aqueles tidos como óbvios para o fazer-notícia em questão, como atualidade – considerando-se que esse valor já é um pré-requisito do jornalismo – importância – considerando-se que a editoria analisada pressupõe que o tema esportivo por si só já é relevante para os consumidores do segmento – e proximidade – considerando-se que a *Zero Hora*, apesar de ser o quinto maior jornal em circulação no país, é mais consumido em âmbito regional, o que, portanto, também torna óbvia a presença desse valor-notícia.

Tabela 1 - Resultado da análise do corpus noticioso relativo ao Grêmio.

<b>GRÊMIO</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ANGULAÇÃO</b>	<b>VALOR-NOTÍCIA</b>	<b>ADJETIVAÇÃO</b>	<b>FONTES</b>
<b>05.12.2016</b>	<b>1</b>	neutra (1)	impacto (1)	<b>3</b>	<b>1</b>
<b>06.12.2016</b>	<b>1</b>	neutra (1)	proeminência das pessoas envolvidas (1)	<b>3</b>	<b>2</b>
<b>07.12.2016</b>	<b>5</b>	positivas (4) e neutra (1)	proeminência das pessoas envolvidas (4) e tragédia/drama (1)	38 + 11 + 17 + 4 + 37 = <b>107</b>	0 + 2 + 1 + 1 + 0 = <b>4</b>
<b>08.12.2016</b>	<b>1</b>	positiva (1)	impacto (1)	<b>31</b>	<b>0</b>
<b>09.12.2016</b>	<b>2</b>	neutra (1) e positiva (1)	proeminência das pessoas envolvidas (1) e comemoração (1)	4 + 10 = <b>14</b>	2 + 7 = <b>9</b>
<b>10.12.2016 e 11.12.2016</b>	<b>1</b>	positiva (1)	proeminência das pessoas envolvidas (1)	<b>7</b>	<b>1</b>
<b>12.12.2016</b>	<b>2</b>	positivas (2)	proeminência das pessoas envolvidas (1) e raridade (1)	13 + 6 = <b>19</b>	1 + 0 = <b>1</b>
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	neutras: <b>4</b> positivas: <b>9</b>	impacto: <b>2</b> pessoas: <b>8</b> drama: <b>1</b> comemoração: <b>1</b> raridade: <b>1</b>	<b>140</b>	<b>18</b>

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 2 - Resultado da análise do corpus noticioso relativo ao Inter.**

<b>INTER</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ANGULAÇÃO</b>	<b>VALOR-NOTÍCIA</b>	<b>ADJETIVAÇÃO</b>	<b>FONTES</b>
<b>05.12.2016</b>	<b>0</b>	-	-	-	-
<b>06.12.2016</b>	<b>1</b>	neutra (1)	governo (1)	<b>1</b>	<b>1</b>
<b>07.12.2016</b>	<b>2</b>	neutra (1) e neutra (1)	governo (1) e justiça (1)	1 + 1 = 2	2 + 3 = 5
<b>08.12.2016</b>	<b>1</b>	negativa (1)	tragédia/drama (1)	<b>12</b>	<b>3</b>
<b>09.12.2016</b>	<b>2</b>	negativa (1) e positiva (1)	justiça (1) e governo (1)	2 + 0 = 2	3 + 1 = 4
<b>10.12.2016 e 11.12.2016</b>	<b>1</b>	negativa (1)	tragédia/drama (1)	<b>45</b>	<b>3</b>
<b>12.12.2016</b>	<b>2</b>	negativa (1) e neutra (1)	tragédia/drama (2)	20 + 7 = 27	5 + 1 = 6
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	neutras: 4 positivas: 1 negativas: 4	governo: 3 tragédia: 4 justiça: 2	<b>89</b>	<b>21</b>

Fonte: Elaboração própria.

Partindo do que está sintetizado nas tabelas, os próximos parágrafos servirão para relacionar os aspectos quantitativos evidenciados na análise noticiosa e os aspectos qualitativos presentes nos depoimentos dos repórteres, considerando-se ambos – matéria e fala – enquanto enunciados discursivos. O encadeamento das percepções seguirá basicamente a ordem das cinco categorias estabelecidas, sendo contextualizadas com as temáticas discutidas nos capítulos teóricos desta pesquisa – sobretudo as particularidades da editoria esportiva e a conjuntura sociocultural da rivalidade GreNal – e, também, pelas perspectivas dos autores que, nesta pesquisa, referenciam o método da AD.

Observando-se as sete edições analisadas, Grêmio e Inter foram pautados em todas elas com matérias assinadas, excetuando-se a edição do dia 05, onde não há matéria assinada sobre o Inter. Quando perguntados sobre a origem das matérias sem assinatura, os repórteres

disseram que geralmente se tratam de notas menores ou conteúdos reaproveitados de outros veículos da *RBS*. O caderno *ZH Esporte* varia de dez a dezesseis páginas, sendo geralmente duas para o Grêmio, duas para o Inter (com matérias de página inteira ou meia página) e o restante para outros campeonatos de futebol e outras modalidades esportivas.

Na amostra analisada, o Grêmio aparece em treze matérias e o Inter em nove. Os repórteres foram unânimes quanto ao cuidado editorial de dar o mesmo número de páginas para ambos os times, esclarecendo que, quando há variação nesse número, isso se deve à relevância da competição e ao momento da equipe, como explica o jornalista A (2018, s/p): “aqui as pessoas ligam pra reclamar que o espaço de um é maior que o espaço do outro. [...] Mas aí é pela importância da competição e do momento. Normalmente, no dia a dia, são duas páginas pra cada um.”. O jornalista D (2018, s/p) também ressalta a reclamação dos leitores: “isso tem que ser que nem tu servir refrigerante pra dois irmãos pequenos, a mesma medida. Se não for assim... Ih! Não é raro as vezes que leitor liga pra reclamar: ‘ah deu mais espaço pro Grêmio.’”.

Sobre os espaços privilegiados do jornal, o jornalista E (2018, s/p) complementa que, se “hoje abriu com Inter, amanhã vamos abrir com o Grêmio... ontem abrimos com o Inter, hoje vamos abrir com o Grêmio... a não ser que seja muito forte o assunto do Inter”. O jornalista C (2018, s/p) reforça esse cuidado editorial, pontuando o “espaço em capa, por exemplo, chamadas parecidas, com fotos do mesmo tamanho...”. No entanto, quanto à amostra analisada, ele atribui o maior número de páginas dado ao Grêmio não somente ao bom momento do time, mas, também, ao fato de esse momento favorecer a cobertura: “como a fase do Grêmio é melhor, as portas do Grêmio estão mais abertas pra que a gente produza matérias especiais, pra que a gente faça pautas diferentes... O Inter já segura um pouco mais, porque o momento do clube não é bom.” (C, 2018, s/p).

O jornalista B (2018, s/p) enfatiza que, independentemente do número de páginas dado a cada equipe, Grêmio e Inter quase sempre são os protagonistas do caderno: “o planejamento parte de: qual será a pauta de Grêmio e qual será a pauta de Inter? O resto é o resto. A não ser que o resto seja uma coisa muito importante. Agora na época da Copa, quando estourou o escândalo da FIFA, na época da Olimpíada...”. Este foi o caso, inclusive, da tragédia com o avião da Chapecoense, que ocorreu pouco antes do período da amostra analisada. Nas edições dos dias 05 e 06, por exemplo, os desdobramentos da tragédia ocuparam um

número considerável de páginas do caderno esportivo. O jornalista F (2018, s/p) dá mais detalhes sobre o planejamento da editoria:

Se não tem jogo no dia, se não tem alguma coisa muito importante acontecendo, elas são as mesmas: uma página pro Grêmio e uma página pro Inter. Se tem alguma coisa acontecendo, se o jornal vai ser maior do que o dia normal... claro, é proporcional né... o jornal vive de oito em oito páginas. Então vamos dizer que tem alguma coisa muito grande nacionalmente, que a editoria de notícias de geral, de política, vai precisar de mais páginas... todo o jornal ganha mais páginas. Então, eventualmente, ganha duas páginas, por exemplo, pra dupla GreNal, duas pro Grêmio, duas pro Inter. Uma pro Grêmio, uma pro Inter. Depende muito. Não tem pré-determinação. O que tem é: dia de jogo são duas páginas, isso é certo. Final de semana são duas páginas, isso é certo. E aí eventualmente durante a semana varia de acordo com a necessidade do jornal. (F, 2018, s/p).

Quanto ao protagonismo da dupla GreNal, F (2018) e E (2018) ponderam que nem mesmo os grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo 2018, tiram a audiência das duas equipes no noticiário: “nós vamos fazer um baita trabalho como foi em 2014, e olha que em 2014 foi aqui... um baita trabalho, uma baita estrutura, um baita envolvimento, uma correria, uma baita edição e... a notícia mais lida do dia: a hora do Grêmio, a hora do Inter” (JORNALISTA F, 2018, s/p). Com certo tom de humor, F (2018, s/p) relata que, em 2014, uma matéria sobre a “contratação de um merreca da base era mais lida do que a Copa do Mundo. Faz parte também. O público consome muito a dupla GreNal”. O jornalista E (2018, s/p) é ainda mais categórico:

O GreNal é uma instituição gaúcha, sabe? Hoje as maiores audiências no site são de material de Grêmio e Inter, é o que puxa a audiência, é o que as pessoas querem saber. Pra tu ter uma ideia, eu não teria dados pra te dar, mas na última Copa, mesmo a Copa sendo aqui, o material de Grêmio e Inter não baixou a audiência. E a gente diminui a estrutura de Grêmio e Inter, a gente mantém um

editor e dois repórteres pra manter o noticiário, e a audiência desse material produzido por eles segue alta, e ela bate... Agora na próxima Copa, vai acontecer isso também. A gente brinca: as pessoas não querem saber de Seleção Brasileira. Mesmo sendo o Tite, o Felipão, o Mano Menezes, o Dunga... olha só, só gaúcho né, eles não querem saber. Se tu faz um texto que não seja de Grêmio e Inter a audiência não é a mesma, a audiência é baixa. [...] Mas se eu boto que tem um menino da base do Grêmio de dezessete anos que tá renovando contrato, a audiência vai lá em cima. É muito forte o apelo de Grêmio e Inter aqui no Rio Grande do Sul.

O jornalista F (2018, s/p) aproveita para ponderar sobre o estigma da editoria esportiva enquanto segmento de menor prestígio. Ele contradiz essa perspectiva afirmando que, “com todo respeito às demais editorias”, o jornal é vendido pelo esporte. “Se tu pegar a Rádio Gaúcha, é 80% do faturamento.”. Em pesquisa intitulada *O impacto dos jogos da dupla GreNal na venda avulsa do jornal Zero Hora*, Celi (2011) demonstra que, pelo menos uma vez por mês, os conteúdos que envolvem Grêmio e Inter são responsáveis por alavancar as vendas do periódico. “Dos 545 jogos realizados pela dupla Grenal entre os anos de 2007 e 2010, 49 foram responsáveis por variações positivas significativas no volume de venda do jornal, o que representa mais de 1 grande jogo por mês nesse período.” (CELI, 2011, p. 110).

Retomando a questão do espaço dado a Grêmio e Inter, e considerando-se a unanimidade dos repórteres ao afirmar que a diferença na quantidade de matérias da dupla é condicionada pela relevância da competição e pelo momento dos clubes em si, pode-se dizer que essa premissa torna-se ainda mais nítida na edição do dia 07, data do jogo do Grêmio pela final da Copa do Brasil. De todas as edições analisadas, esta é a única em que um dos times é pautado mais de duas vezes. O contexto pré-jogo decisivo de quarta-feira – e a vantagem conquistada pelo clube na primeira partida – justificam a existência de cinco matérias para o tricolor contra duas do Inter, cujo jogo derradeiro só se daria no domingo. Na edição dominical, por sua vez, apesar do duelo derradeiro, consta apenas uma matéria sobre o colorado. Na edição seguinte, do pós-rebaixamento, são duas as matérias coloradas, mesmo número de matérias do Grêmio, que apenas “cumprira tabela”, conforme jargão da editoria.

Considerando-se não somente a predominância de pautas do Grêmio, mas, sobretudo, a angulação de tais pautas – nove com enfoque positivo para o time tricolor e apenas uma com enfoque positivo para o colorado, que pautava a importância dos sócio-torcedores do Inter na votação eleitoral para a presidência do clube –, é possível inferir que a *Zero Hora* tende a priorizar em seu caderno de esporte os acontecimentos positivos – como a conquista do título, os jogadores-destaque e a festa da torcida –, deixando em segundo plano as pautas negativas – como o rebaixamento à série B, a crise do clube e a má administração. Quando perguntado se isso fazia parte da linha editorial da *ZH*, o repórter especial Ticiano Osório (2018), editor de outros cadernos e um dos jornalistas com mais tempo de casa, responde sem hesitar: “sim, sim”.

O jornalista D (2018, s/p), um dos veteranos da editoria esportiva, é contrário a essa perspectiva, atrelando-a às particularidades da rotina produtiva do jornal: “não, não. Acho que nesse caso específico o que aconteceu foi que o campeonato tinha acabado também. Sem contar que o título do Grêmio foi meio de semana, né, porque era Copa do Brasil. Então também tem a questão de tu não ter tanto material naquele dia.”. Ou seja, conforme explicou D (2018), como a Copa do Brasil era o único evento futebolístico do meio da semana, decerto haveria mais páginas disponíveis para o Grêmio, já que não ocorriam eventos concomitantes no dia.

Por outro lado, enquanto o enfoque positivo dado ao título tricolor predominou nas páginas informativas do jornal, o enfoque negativo dado ao rebaixamento do Inter foi dominante nas páginas opinativas. Ainda que este *corpus* não contemple a análise de colunas, vale ressaltar que, no caderno do pós-rebaixamento, todos os colunistas daquela edição – dez, ao todo – trataram da queda colorada, enquanto não houve nenhuma edição em que todas as colunas tratassem do Grêmio. Isso faz inferir que, na *Zero Hora*, o enfoque negativo é pautado mais no espaço da opinião do que no espaço da informação, talvez como uma estratégia jornalística para resguardar o repórter das eventuais críticas do público. Fazendo um paralelo com o que Tuchmann (1993) diz sobre o ritual estratégico da objetividade, nas páginas de opinião, em contrapartida, esse processo seria como um ritual subjetivo.

Quanto a essa questão, os repórteres não chegaram a uma resposta definitiva, exceto o jornalista E que, quando perguntado se o enfoque negativo aparece mais nas páginas de opinião do que nas páginas de informação, foi enfático: “não, não. Os colunistas são

autônomos.”. Insinuando um contraponto, Ticiano Osório pondera: “não me atrevo a fazer essa análise porque eu não tenho todo esse histórico. Mas o normal é o seguinte: as pessoas em geral escrevem mais pra criticar e não pra elogiar” (OSÓRIO, 2018, s/p). Mesmo que o enfoque negativo dado ao Inter seja destaque nas páginas opinativas dos cadernos analisados, na avaliação dos demais repórteres, esse enfoque também preponderou nas páginas informativas. Sim, sem dúvidas. Mas o que esta análise pretende evidenciar é que, em comparação às angulações positivas do Grêmio, houve menos espaço informativo para a angulação negativa de Inter. No espaço opinativo, contudo, ocorreu o contrário.

Os repórteres justificam essa percepção argumentando que o trato do rebaixamento do Inter não se deu exclusivamente na semana derradeira que compõe este *corpus*, tendo sido pautado já no primeiro semestre de 2016: “a primeira matéria que a gente fez naquele ano perguntando pra direção sobre o rebaixamento era em julho. Em julho a gente já falava em rebaixamento do Inter, cinco meses antes de realmente cair” (D, 2018, s/p.). O jornalista B (2018) segue o mesmo raciocínio para explicar porque o Inter aparece menos do que o Grêmio nos cadernos da semana decisiva:

Tem uma questão que eu acho que pesa aí que é o seguinte: o rebaixamento do Inter ele não se dá naquela semana. A gente, entre aspas, deu pau no Inter o ano inteiro. E, querendo ou não, pra tu fazer matéria... notícia... notícia é novidade. A gente não pode dar de novo todas... registrar mais uma vez tudo o que a gente já vinha registrando durante o ano. E aí, claro, no espaço de opinião, é o momento de tu analisar por que um clube desse caiu, enfim, e aí cada um vai falar de acordo com a sua opinião. (B, 2018, s/p.).

Na avaliação do jornalista F (2018), ainda que, ao todo, o Grêmio tenha tido mais espaço no período analisado, a edição do rebaixamento do Inter foi bastante encorpada, configurando um recorde de páginas coloradas: “possivelmente no dia que o Inter foi rebaixado o jornal deve ter tido dezesseis páginas. Não me lembro. Deu quatro páginas pro Inter, é isso? É um recorde. Nunca tinha acontecido no caderno de esporte.” (F, 2018, s/p). Além das quatro páginas informativas – que abrigam duas matérias e uma seleção fotográfica – e das quatro opinativas – que abrigam as dez colunas sobre o Inter –, vale destacar que, nessa edição,

o Internacional aparece na capa do caderno de esporte e, também, na capa principal da *Zero Hora*. Das sete edições analisadas, o Grêmio ganhou a capa principal do jornal em três delas: no dia 07 (final da Copa do Brasil) e nos dias 08 e 09, com os desdobramentos do título. Esse, inclusive é outro indício quanto à noticiabilidade do futebol no estado, já que, de um total de sete jornais, Grêmio ou Inter protagonizam quatro capas (ANEXOS W, X, Y e Z).

A princípio, o jornalista C (2018) não considera quantitativamente maior o trato tricolor em relação ao Inter nas páginas informativas do *corpus* analisado: “por aqui acompanhando outras coberturas de momentos ruins, na minha opinião, foi o momento de maior crítica ao Inter mesmo quando o espaço não era opinativo, sabe, com matérias mais contundentes, com certeza” (C, 2018, s/p). Porém, quando perguntado se, em sua visão, o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter tiveram, então, editorialmente o mesmo espaço, um pelo enfoque positivo e outro pelo negativo, ele se divide:

Olha eu acho que talvez o rebaixamento do Inter... Não, o título do Grêmio teve mais espaço, com certeza, pelo fato de o Grêmio ter ficado tanto tempo sem ganhar um título de expressão. E no rebaixamento do Inter não foi uma orientação clara, específica: “vamos minimizar a dor do colorado”. Vamos tratar como foi e como é (C, 2018, s/p).

O jornalista A (2018, s/p) também cita a contundência das pautas do Internacional: “a gente critica, a gente não alivia nesse sentido. [...] Os colunistas aparecem com uma opinião mais forte. Porque a gente não consegue dar uma opinião, a gente só mostra os fatos, né?”. Ainda quanto ao espaço editorial, ele afirma: “O Diego [Araujo], que é o nosso editor, ele sempre nos dá o espaço de matéria que a gente tem. Por exemplo: ele nunca vai me dar cinco páginas se eu tenho informação pra duas.” (A, 2018, s/p).

Nesse âmbito, independentemente da quantidade de páginas, é fundamental destacar que, enquanto nas matérias do Grêmio predominaram os aspectos do jogo em si, nas matérias do Inter preponderou o contexto extracampo, com foco na gestão do clube na temporada do rebaixamento. O período de eleição presidencial no Inter, inclusive, coincidiu com a época da queda no Campeonato Brasileiro. Desse modo, ao mesmo tempo em que houve angulações neutras para

pautar as eleições presidenciais da instituição, prevaleceram angulações negativas para tratar da gestão do presidente Vitorio Piffero, atrelando-a ao contexto do rebaixamento do time. Das nove matérias coloradas analisadas, em três predominou o valor-notícia governo – pautando as eleições presidenciais do clube –, em duas predominou o valor-notícia justiça – pautando o caso Victor Ramos<sup>37</sup>, que poderia beneficiar o time na luta contra o rebaixamento – e em quatro predominou o valor-notícia tragédia/drama – pautando a conjuntura da queda.

Já nas treze matérias tricolores, em oito delas prevaleceu o valor notícia proeminência das pessoas envolvidas, pautando os protagonistas da conquista do título, como alguns jogadores que foram destaque e o técnico Renato Portaluppi. Quanto às demais, em duas delas predominou o valor-notícia impacto – pautando a logística da Arena para receber os mais de 55 mil torcedores e a importância do título depois de quinze anos de jejum –, em uma delas predominou o valor-notícia comemoração – pautando a festa da torcida pelas ruas de Porto Alegre – e em outra predominou o valor-notícia drama – na matéria do gremista Edinho, torcedor com doença terminal que ganhou ingressos para assistir à final no estádio. Por fim, o valor-notícia “raridade” aparece na última edição analisada, em matéria já citada no início deste tópico, sobre o último jogo do Grêmio no Brasileirão. Nela, o aspecto inusitado é o fato de que, mesmo com a derrota dentro de campo, o torcedor fazia a festa nas arquibancadas.

Em relação à prevalência do valor-notícia “proeminência das pessoas envolvidas” – neste caso em se tratando dos jogadores estrelas da partida –, os repórteres foram perguntados se pautar personagens é algo comum no planejamento editorial do caderno de esportes, já que tais jogadores acabavam se tornando o enfoque da pauta. Para o jornalista E (2018), isso é uma marca da editoria. O jornalista C (2018)

---

<sup>37</sup> Para tentar escapar do rebaixamento em 2016, o Internacional entrou com um pedido no Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) para que fosse apurada a suposta escalação irregular do zagueiro Victor Ramos, do Vitória. O clube alegava que fora ilegal a transferência do jogador – que pertencia ao Monterrey, do México – para o clube baiano. Caso fosse confirmada alguma irregularidade, o Vitória – concorrente direto do Inter na luta contra o rebaixamento – perderia pontos no campeonato, favorecendo o alívio colorado na tabela. No entanto, o STJD considerou que a transferência ocorreu dentro dos trâmites legalmente previstos. Posteriormente, a situação do Internacional agravou-se mais ainda porque o clube teria utilizado e-mails adulterados na tentativa de comprovar sua denúncia.

complementa o raciocínio salientando a relação com as fontes, o que, em sua visão, facilita esse enfoque no personagem.

É uma marca. A gente perfila muita gente e... porque as pessoas consomem, elas querem saber. As pessoas vivem muito Grêmio e Inter, então elas querem saber de onde é que vem o cara, a história do cara: “ah quem é o Kannemann, do Grêmio, o zagueiro argentino, que cara é esse, o que ele fazia, como é que é a família?”. E tem demanda, as pessoas consomem todo esse material. (E, 2018, s/p.).

Sim. Aqui é algo bem comum. É que aqui, diferente também de outros lugares, a gente tem muito a figura do dirigente no dia a dia, que nos outros sites e nos outros jornais de outros países praticamente eles não falam, pelo menos em on eles não falam, né? E aqui tem muito isso. Então a gente tem cobertura com as vozes do clube e não só as nossas. Eu acho que isso é um ponto também que é um diferencial nosso aqui. (C, 2018, s/p).

Enquanto as matérias sobre o Grêmio ganharam mais páginas e priorizaram o enfoque positivo, nas do Inter, por sua vez, houve mais aprofundamento e contextualização. Para o jornalista B (2018, s/p), a explicação é simples: “é que a conquista do Grêmio é uma conquista de campo, né? [...] Por outro lado, não tem como um clube do tamanho de Grêmio e Inter cair sem haver um contexto gigantesco envolvido. E aí a gente tem obrigação de retratar esse contexto.”. Para além das matérias do final de 2016, B (2018, s/p) afirma que essa contextualização extracampo continua pautando as páginas do Inter também em 2018:

Agora teve até uma série de matérias que a gente publicou há pouco a respeito das irregularidades da gestão do Inter naquela época. Irregularidades que estão sendo investigadas, irregularidades que, assim, o Ministério Público tá investigando, de possíveis fraudes, possível mau uso do dinheiro do clube. Aí é uma ampliação daquilo pra mostrar como essa gestão no fim das contas derrubou o clube pra Série B. Claro, não é só a gestão, mas o

grupo de jogadores, tudo... Cumprindo a nossa missão de refazer o retrato do momento, de mostrar os porquês de algo tão grande, do ponto de vista jornalístico, que é o rebaixamento de um clube desse tamanho, por que isso aconteceu, assim como a gente tem que mostrar por que o Grêmio está vivendo um dos melhores momentos da sua história. (B, 2018, s/p).

O jornalista C (2018) avalia que a cobertura das questões extracampo é intensa na *Zero Hora*, independentemente do momento do clube. Perguntado se, caso não fosse época de eleições ou crise no Inter, as questões institucionais também teriam peso enquanto valor-notícia, ele não titubeia: “também. Aqui a cobertura é muito forte nesse aspecto, porque os clubes têm quadros sociais muito grandes. O Inter até pouco tempo atrás tinha 100 mil sócios, o Grêmio tem 70 mil.” (C, 2018, s/p). Ou seja, para C, o contexto administrativo das agremiações é uma pauta comum na *ZH*, no entanto, tal conjuntura se evidenciou mais nas páginas do Inter do que no conteúdo noticioso do Grêmio porque a administração colorada estava passando por um momento bastante conturbado.

Tanto o jornalista C (2018) quanto D (2018) e F (2018) pontuaram sobre os bastidores adversos do clube naquele período, lembrando as manobras judiciais do Inter para escapar do rebaixamento, como no caso Vitor Ramos e, sobretudo, no imbróglio do presidente Vitorio Piffero que, supostamente, teria se aproveitado dos desdobramentos da tragédia com o avião da Chapecoense para garantir a permanência do Inter na Série A. Isso porque, com o acidente da Chape, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) cogitou encerrar o Campeonato Brasileiro antes da última rodada, como parte do luto oficial. Nesse caso, a tabela do Brasileirão permaneceria com os resultados de momento, livrando o Inter da queda.

Até foi o jornalista F quem fez a pergunta pro presidente do Inter na coletiva, e aí deu uma repercussão nacional porque ficou muito ruim pro Inter, sabe, naquele momento que tentou utilizar da tragédia da Chapecoense como uma forma de tentar bagunçar o Brasileiro e tentar dar uma virada de mesa. [...] O Inter se envolveu assim numa série de polêmicas desnecessárias pro clube que acabaram manchando ainda mais aquela

caminhada ruim do Inter pra segunda divisão. E eu me lembro bem disso, aquela semana foi muito tensa porque se criou quase uma unanimidade nacional em condenar o Inter pela atitude do presidente. [...] Porque se tu lembrar se debateu muito a necessidade ou não de se fazer a última rodada. E aí ele disse: “acho que não tem que ter”. Tá, mas e aí: “como é que fica, presidente, então o senhor aceita o rebaixamento?”, aí ele: “ah não sei”... Aí o campeonato não acaba, sabe? Acho que aquilo ali revoltou até a sociedade porque se esperava uma postura digna, que caísse com dignidade. O Inter caiu sem. [...] O final de ano do Inter não tem como ter sido pior do que foi. (C, 2018, s/p).

O jornalista D (2018), que esteve na cobertura da tragédia em Chapecó, relembra que, com a atitude do presidente do Inter, o clima na cidade ficou ainda mais tenso. O repórter atribui a atitude do presidente a um ato de desespero: “era um grupo tão perdido naquele momento. [...] Eles estavam tão sem rumo, que talvez tenham feito até sem querer, mas foi muito negativo pro clube.” (D, 2018, s/p). O jornalista F (2018, s/p), menos sutil, acredita que aquela atitude teve “um fundo de sem-vergonhice”. Por outro lado, ele pondera que também houve acusações injustas à diretoria do Inter naquela ocasião. Relembrando o caso de uma expressão que, no momento, fora dita por um dos dirigentes do clube para caracterizar a situação crítica do Inter no campeonato, o jornalista F (2018) coincidentemente valida com o seu raciocínio uma das premissas básicas da Análise de Discurso, de que a significação das palavras está condicionada ao contexto em que foram ditas:

Eu me lembro que teve algumas coisas assim de justas e injustas na época. O ex-presidente do Inter, que na época era vice de futebol, o Fernando Carvalho, ele deu uma entrevista pra Pampa, concorrente nossa aqui e usou a expressão “tragédia própria” pra definir como estava o Inter, que ia ser rebaixado. E foi um massacre. E eu entendo o que o cara quis dizer, sabe? O cara tá tão nervoso, ele tá tão tenso, o cara tá sem dormir, ele só pensa naquele negócio, eu entendo. É óbvio que foi uma expressão muito infeliz, mas eu entendo o que o cara quis dizer. Por outro lado

teve uma tentativa de sacanagem, que foi uma tentativa de “ah vamos cancelar o campeonato e depois a gente vê o que acontece”. Acho que aquilo ali tinha um fundo de sem-vergonhice. (F, 2018, s/p).

Quando perguntados como os leitores da *Zero Hora* avaliam esse tipo de matéria mais aprofundada e, sobretudo, com enfoque negativo, os repórteres concordam que, em um primeiro momento, a audiência critica, mas, ao perceberem que o time não corresponde dentro de campo, eles passam a dar mais credibilidade às matérias, pois começam a enxergar nelas as explicações para o baixo rendimento do time. O jornalista B (2018, s/p) esclarece: “enquanto a coisa tá se desenrolando existe uma revolta no momento que a gente faz matérias desse tipo: ‘ah vocês tão fazendo crise, vocês tão aprofundando o problema...’”. E o jornalista F (2018) complementa que, depois que o rebaixamento já estava consolidado e a gestão Piffero passou a ser investigada no Ministério Público, o leitor colorado mudou sua percepção em relação às matérias publicadas.

O jornal teve acesso à boa parte do processo e nós divulgamos e foi uma bomba no Rio Grande do Sul, uma bomba. E ninguém reclamou de nós. [...] Foi a coisa mais surpreendente, assim. Tirando os envolvidos, a gente teve um grande apoio de público. Eu achei muito surpreendente aquilo. O cara, o torcedor, chegou em casa, abriu o jornal, o clube tá uma vergonha, mas o cara entendeu: não foi o clube, foram essas pessoas que fizeram isso aí. E o jornal tá trazendo os caras, tá botando a foto deles na capa. Então eu acho que num determinado momento se entendeu que a gente não era inimigo dos caras. Os inimigos tavam dentro do próprio clube. (F, 2018, s/p).

Relacionando a contextualização que os repórteres fazem dos bastidores do Internacional – ainda que esses aspectos não estejam totalmente explícitos no conteúdo noticioso – com a adjetivação presente nas matérias do *corpus* analisado, é possível inferir porque o uso de adjetivos (advérbios ou outras palavras com carga adjetiva) se fez proporcionalmente mais presente nas matérias do Inter do que nas matérias do Grêmio. Em termos numéricos, há um total de 140 adjetivos

nas treze matérias tricolores e 89 adjetivos nas nove matérias coloradas – configurando uma média de dez adjetivos por matéria do Grêmio e nove por matéria do Inter. Porém, em termos de concentração de adjetivos em uma única matéria, considerando-se textos de tamanhos proporcionais, o Inter foi mais (des)qualificado.

Por exemplo, na matéria “De Abu Dhabi à Baixada Fluminense” (ANEXO R), que antecede o domingo do rebaixamento, foram somadas 45 expressões adjetivas, entre elas: “um racha irreversível na alta cúpula do clube”, “calorenta e violenta Baixada Fluminense”, “eclosão política colorada”, “seu vice e fiel escudeiro” e “investiu pesado em medalhões”. Quando perguntado se o uso de adjetivos era mais comum nas pautas negativas, o repórter logo se lembrou dessa matéria em questão: “Eu fiz uma matéria que talvez tenha essa característica, que foi a matéria de ‘Abu Dhabi à...’ [...]. Acho que o adjetivo te ajuda a reforçar. Tu tá contando uma história e tu consegue dar o teor, o peso que ela tem.” (E, 2018, s/p).

Na edição do rebaixamento, além da cobertura fotográfica que fala por si (ANEXO U), a matéria do pós-jogo do Inter também carrega um discurso potencializado pelo drama do momento. O texto traz no título: “Frieza, resignação e pedido de desculpas” (ANEXO U) e, no conteúdo, vinte expressões adjetivas, entre elas: “se mostrou pronto, frio e com um discurso decorado”, “acanhada e improvisada sala de entrevistas”, “fama de arrogante”, Inter inoperante” e “pior ano da centenária história colorada”.

Quando perguntados se, na *ZH Esporte*, as matérias com enfoque negativo são mais dramatizadas do que as matérias de enfoque positivo, os repórteres consideraram que sim: “com certeza, porque a gente tenta talvez fugir daquela posição de bajular, sabe? Ao mesmo tempo que tu reconhece a grandeza... É até uma situação delicada que a gente vive hoje, sabe, porque tu não tem mais como elogiar o Grêmio.” (C, 2018, s/p). Segundo C (2018, s/p), não houve a tentativa de encontrar algum aspecto positivo no rebaixamento para minimizar a dor do colorado, pelo contrário: “todo mundo apresentou exatamente que o rebaixamento era um fracasso, uma mancha na história do clube que se orgulhava de nunca ter sido rebaixado”. Ele atrela o enfoque dessa cobertura também ao discurso arrogante do presidente Piffero, que em suas manifestações públicas costumava dizer que “time grande não cai”.

Para o jornalista F (2018, s/p), a questão do dramatismo e da adjetivação “vai mais de repórter pra repórter do que de momento pra momento. Porque, se tu for pensar bem, o título e o rebaixamento, ainda que eles sejam opostos, carregam um grau muito grande de emoção e de

adjetivação.”. Ele ilustra essa perspectiva dizendo que seus textos são muito diferentes dos textos do colega jornalista D, por exemplo: “se pegar uma crônica de jogo minha e uma crônica do jornalista D, vai ver a diferença no tratamento. O estilo dele é esse e ele tá há treze anos fazendo assim, então ok.” (F, 2018, s/p). Talvez F se referisse ao estilo mais narrativo do colega, em comparação ao seu próprio estilo, que considera mais descritivo. Mas, independentemente do estilo adotado, F (2018) avalia que o mais importante é manter-se impessoal.

Eu evito, na verdade, a pessoalização da coisa. Vou tratar o cara com respeito, porque o cara tem família também. Por exemplo, dizer que um cara é muito ruim, não gosto, sabe: “ah fulano não tem condição de vestir a camisa do Inter”. Pô, o filho do cara vai abrir o jornal. [...] Não é uma coisa agradável e às vezes não é verdade. Eu posso dizer que o cara não teve condição de vestir a camisa do Inter e de repente o cara só tá mal e reage e daí o cara vira uma estrela e aí: “pô, olha aí, vinte anos atrás o que esse louco escreveu dele”. Então eu tento sempre tratar o dia com um dia, sabe? Porque também tem dias que a gente não consegue fazer uma matéria brilhante. Tem dias que a gente só preencheu o espaço. (F, 2018, s/p).

O embate narração *x* descrição, inclusive, é outra característica que, no âmbito discursivo, interfere no modo como o leitor interpreta a notícia. Nessa perspectiva, o pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2004), estudioso das narrativas, pondera sobre os aspectos que diferenciam os textos narrativos dos descritivos, ainda que, comumente, eles se encontrem mesclados. De acordo com o autor, narrar é relatar o encadeamento de uma ação cronológica, estimulando a imaginação; enquanto descrever é representar um momento único e estático, com a intenção de criar um efeito de verossimilhança por meio do conjunto de informações relatadas. É justamente esse o caso da citada matéria pós-rebaixamento. Os adjetivos ali presentes estimulam o leitor a configurar a atmosfera daquela partida em si, colocando-o a par do clima dramático de decisão que pairava no estádio.

A díade narração/descrição não é perfeitamente simétrica. Ocorrem sempre incrustações de uma

na outra. No jornalismo (como em outros gêneros) é praticamente impossível encontrar textos puramente descritivos tanto quanto aqueles exclusivamente narrativos. Mas, o discurso jornalístico parece tender para a descrição mais que para a narração na medida em que sua forma direta, clara, precisa e concisa cria o efeito de real mais que estimula imaginários. (MOTTA, 2004, p. 04).

Retomando a matéria do pós-rebaixamento, o jornalista D (2018, s/p) também atribui a presença dos adjetivos ao ineditismo do fato: “não foi orientação nem nada. Mas era um momento histórico, épico, assim, pro Inter que nunca tinha caído. [...] E o Grêmio tinha sido rebaixado duas vezes já. Então era algo muito caro pra torcida.”. Além disso, D (2018) justifica o dramatismo das matérias com base na história do Rio Grande do Sul. Fazendo um paralelo com a imprensa portenha, ele ironiza: “Eu acho que talvez venha muito da nossa localização também. Se tu pegar a imprensa argentina, tu pega o *Olé*, por exemplo. Nossa! Tu vai às lágrimas lendo.” (D, 2018, s/p). Quanto ao choro da torcida colorada, este, por sua vez, parecia não comover o grupo de jogadores naquele jogo decisivo:

Eu acho que eu cheguei com o Inter no Rio, na véspera do jogo, ou na sexta, não me lembro agora. Mas o clima todo na concentração do Inter já era de time rebaixado. Acabava o jogo, independente do resultado, os jogadores tavam de férias. Então, na véspera do jogo mesmo, no domingo de manhã antes do jogo, tavam os amigos dos boleiros já chegando, encostando os “caminhonetão” do lado do hotel, botando as bagagens deles já, sabe? Estavam pensando mais nas férias do que no jogo. Tava rebaixado já. Era só saber como ia ser a coisa. E até começou o jogo com o Inter tendo alguma chance de escapar, pelos resultados paralelos. Mas aí acho que no final do primeiro tempo já era. E quem tava convivendo no ambiente da concentração naquele dia no hotel, tu via que... era só discurso pró-forma, porque eles não estavam mais nem aí. (D, 2018, s/p).

O repórter especial Ticiano Osório (2018), assim como o jornalista D (2018), também considera que a dramatização das matérias possa estar atrelada aos traços socioculturais do estado: “talvez tenha a ver conosco, gaúchos. É isso, tudo é meio exagerado. A gente tem uma pegada portenha, a pegada do tango, que traz esse dramatismo, essa coisa de sangue.” (OSÓRIO, 2018, s/p). Inclusive, no *corpus* analisado, a matéria tricolor que soma mais adjetivos foi assinada justamente por Ticiano. Além das 38 expressões adjetivadas – como, por exemplo, “não adiantava os colorados virem com aquele papinho xarope”, “suceder o fracassado projeto de Vanderlei Luxemburgo”, “excepcional toque de bola que Roger deixara de herança”, “livres para comemorar” e “livres para sonhar” – a matéria intitulada “Renato e a justiça poética” (ANEXO D) contém, ainda, trechos escritos em primeira pessoa. São eles: “cantávamos naqueles tempos de glória”, “Renato passou a ser nosso salvador da pátria por excelência”, “nunca estivemos apagados de fato” e “nosso facho azul, branco e preto tremelicava demais”.

Questionado a respeito, Ticiano Osório se justifica alegando que o enfoque da pauta (a apresentação do pré-jogo decisivo do Grêmio) permitia uma narrativa mais subjetiva, mesmo compondo o espaço informativo do jornal: “ela não tinha o compromisso de ser imparcial, obviamente, e não tinha o compromisso de ser uma história certinha. Se eu quisesse fazer um sonho ali eu poderia ter escrito” (OSÓRIO, 2018, s/p). Ainda segundo ele, não há “problema em usar a primeira pessoa nessas horas”, até porque isso ajuda o leitor a “separar as coisas”. “Quando tu usa a primeira pessoa... tudo bem, vai ter gente que não vai perceber isso, mas já ajuda, né? Tu sabe: bom, isso aqui é a opinião dele, eu achei uma porcaria a opinião dele, mas é a opinião dele.” (OSÓRIO, 2018, s/p). Quanto à predominância de adjetivos nas matérias de enfoque negativo, Ticiano responde de forma didática:

É bem simples, pede pra alguém que está feliz descrever a sua felicidade: “estou feliz”. Pede pra alguém triste descrever a sua tristeza: “estou no fundo do poço, estou me sentindo como se eu fosse a última...” sabe? A raiva, a tristeza, a angústia, a decepção, ela te estimula a escrever mais. Fazendo um paralelo com a área cultural, muito se diz disso, que o artista nada mais é do que um cara frustrado. Um cara que precisa exorcizar seus demônios interiores. (OSÓRIO, 2018, s/p).

Chegando à quinta e última categoria de análise – fontes entrevistadas –, a amostra aponta que foram ouvidas mais fontes nas pautas do Internacional do que nas pautas do Grêmio, totalizando dezoito entrevistados nas treze matérias tricolores e 21 entrevistados nas nove matérias coloradas. Além disso, notou-se uma presença consideravelmente maior de fontes oficiais – ou primárias – no conteúdo do Inter, como antigos e atuais dirigentes colorados e os candidatos à eleição presidencial do clube. No conteúdo tricolor, técnicos e jogadores foram as fontes mais ouvidas. Isso se explica porque, conforme já apontado, o Grêmio foi mais pautado pelo aspecto dos jogos em si, ao contrário do conteúdo do Inter, onde predominou o contexto extracampo.

Quando perguntados sobre como se dá a relação com as fontes oficiais nas pautas negativas – o que eventualmente poderia manchar a imagem da fonte –, os setoristas do Internacional afirmaram que, inevitavelmente, eles perdem a fonte, mas, com o tempo, acabam recuperando. Para o jornalista D (2018), a receita é “seguir insistindo”. Inclusive, os outros dois setoristas do Inter apontaram o protagonismo de D nessa relação com as fontes: “o jornalista D, que é ‘o cara’ de nós três, ele conhece muito o bastidor do Inter, então ele tem muita informação. [...] Ele é o que mais cobra.” (A, 2018, s/p).

O jornalista D é um cara mais incisivo. E eu sou mais ponderado, vamos dizer assim. Então é aquela questão do bom policial e mau policial, sabe? Eu sempre brinco com os dirigentes do Inter, eu falo: “o bom policial e mau policial é a nossa estratégia, eu vou ali e tento procurar vocês numa boa, pra falar numa boa, se vocês não falam, aí a gente apela pra tática do terror, que é botar o jornalista D na história. Aí eles riem. Eventualmente eles ficam bravos, passam informação pros concorrentes e tal... Mas de repente eles voltam pra nós. (F, 2018, s/p).

O jornalista D (2018, s/p) atribui ao tempo de profissão o seu protagonismo diante das fontes: “como eu cubro Inter há mais tempo do que eles, então eu também já conheço as pessoas há bem mais tempo do que eles. Talvez fica um pouquinho mais fácil de negociar.”. O jornalista A (2018) aproveita para salientar a importância do trabalho em equipe, sobretudo no período mais crítico da cobertura do Inter: “naquele momento da queda, fonte oficial não existia mais. E aí a gente

vai pras nossas fontes paralelas. [...] Juntamos todas essas informações pra ver se elas batem, se elas fecham, pra ver se ninguém estava querendo nos usar pra alguma coisa.” (A, 2018, s/p).

Foi uma força-tarefa que cada um correu pras suas fontes e: vamos levantar informação. As fontes oficiais não nos passavam nada naquele momento. Nada, nada, nada. E muito daquela direção me passava informação, ao longo do ano. Enfim, o Inter começou a cair mesmo em agosto, eu acho, setembro. A gente já via que o clube estava numa descendente, mas a minha relação era muito tranquila, tanto que eu me dou muito bem com o ex-presidente do Inter, o Vitorio Piffero. Mas todas as vezes que eu precisei confrontar, que teve algum embate, eu fui jornalista e esqueci que um dia ele me passou informação. E também nunca fiz matéria pra ajudar ninguém, sabe, do tipo: “vamos eleger o fulano de tal”... Isso nunca. Então, assim, eu sou profissional e ele também é. Ele tá me passando informação porque ele quer, né? (A, 2018, s/p).

De acordo com o professor e pesquisador Luciano Maluly (2004), a escolha das fontes é o momento mais difícil da reportagem esportiva, principalmente se a cobertura estiver relacionada aos aspectos extracampo. Isso porque, enquanto em uma competição do dia a dia é praxe entrevistar os atletas envolvidos, nos bastidores, a questão se torna mais abrangente: “cabe ao jornalista perceber que, no esporte, uma disputa envolve personagens que nem sempre estão competindo, como é o caso da comissão técnica, árbitros, dirigentes dos clubes e das federações, torcedores e a própria imprensa” (MALULY, 2004, p. 92).

Sobre as fontes secundárias, o autor esclarece que elas servem para “dimensionar o trabalho dos profissionais que atuam no esporte, como da área de saúde, direito, administração” (MALULY, 2004, p. 88). Essas fontes, inclusive, também aparecem no conteúdo noticioso do Inter, como o uso de fontes jurídicas na pauta do caso Victor Ramos e de fontes administrativas na pauta pós-rebaixamento colorado, na qual foi ouvido um professor de gestão do esporte para traçar as perspectivas futuras do clube rumo ao acesso no ano seguinte. Maluly (2004) ainda respalda o raciocínio do jornalista A quando alerta que a ausência de informações abrangentes em uma matéria coloca em xeque a

credibilidade do profissional, que pode acabar legitimando a versão de uma fonte imprópria ou, pior, acabar sendo manipulado por ela. Coelho (2003) também valida o ponto de vista do repórter ao atentar que a relação dos jornalistas esportivos com suas respectivas fontes jamais pode funcionar como uma “troca de favores”:

O melhor a fazer é trabalhar. Manter o contato com a fonte sempre que houver oportunidade. Questionar, perguntar, indagar sobre o que for possível. Tentar sempre conseguir informações em primeira mão. Mas sempre deixando claro que não se trata de troca de favores. Que as vantagens não serão oferecidas no relacionamento profissional. Que nunca uma notícia será paga com um favor que use as páginas do jornal ou os microfones. (COELHO, 2003, p. 75-76).

Do total de 22 matérias analisadas, quatro não citaram fontes, todas relativas ao Grêmio. Duas delas foram veiculadas na edição do dia 07 – que, vale lembrar, é a edição que contempla o maior número de matérias tricolores do *corpus* analisado – sendo a primeira a já citada matéria “Renato e a justiça poética” (ANEXO D), escrita por Ticiano Osório com trechos em primeira pessoa; e a segunda intitulada “Douglas e Pratto, espécies em extinção”, com conteúdo que pautava a comparação do estilo de jogo dos jogadores Douglas, do Grêmio, e Pratto, do Atlético-MG, que seriam adversários na decisão daquela noite.

Em seguida, na edição do dia 08, a matéria “5 vezes Grêmio” (ANEXO K), pós-título tricolor, também dispensa o uso de fontes. Talvez não porque elas fossem dispensáveis, mas, sim, pela logística do jornal impresso, o que, muitas vezes, acelera a produção da matéria pós-jogo. Porém, foi possível inferir tal justificativa para a ausência de fontes na matéria principal do dia com base no que esclarece o jornalista D (2018, s/p), em outro contexto, a respeito do fechamento do diário: “o jogo foi depois da novela, então... meio de semana, pra nós... pro impresso, pra rodar o jornal, é um horário dos piores possíveis, né?”.

O quarto conteúdo que não recorre a fontes é a já citada matéria que abre este tópico, “Equipe se despede do Brasileirão com derrota” (ANEXO T), pautando a última partida do Grêmio pelo Campeonato Brasileiro. O conteúdo descreve brevemente o desenrolar do jogo e a derrota do Grêmio, porém com foco nas arquibancadas, onde os gremistas faziam festa pelo rebaixamento do Inter, consolidado naquela

tarde. O repórter em questão não contribuiu com seu depoimento a esta pesquisa para que se pudesse propor uma reflexão quanto ao enfoque dado à matéria. Mas, considerando-se o que foi discutido no capítulo anterior, é possível inferir que os gremistas tenham ficado mais felizes com o rebaixamento do Inter do que com o próprio título do Grêmio devido ao peso da rivalidade clubística no Rio Grande do Sul.

Quando questionados se os gremistas comemoraram mais a queda do rival do que o título da Copa do Brasil, a maioria dos repórteres acredita que sim. Sem titubear, o jornalista F (2018, s/p) confirma: “não tenho a menor dúvida. Tenho certeza absoluta.”. O jornalista B (2018, s/p) é mais ponderado: “não. Eu acho que não. É que o título da Copa do Brasil foi muito significativo.”. Ele explica que, caso o rebaixamento do Inter tivesse ocorrido em 2017, com a conquista do Grêmio já consagrada, existiria essa possibilidade. Mas, como o caneco foi conquistado após um enorme jejum de títulos, o gremista se apegou muito àquela vitória. No entanto, B admite que certamente “foi um êxtase pro torcedor do Grêmio as duas coisas se combinarem”, já que “as duas fontes de provocação da torcida do Inter em relação à do Grêmio caíram praticamente na mesma semana”: o jejum de quinze anos sem títulos e os dois rebaixamentos em sua história (B, 2018, s/p). Perguntados se já haviam coberto um momento tão atípico da rivalidade GreNal – o título do Grêmio na quarta e a queda do Inter no domingo –, os repórteres são unânimes em dizer que não: “essa gangorra quebrou legal essa vez” (OSÓRIO, 2018, s/p). O jornalista E (2018, s/p) elucida a quebra:

O Inter tinha como grande patrimônio nunca ter caído. Então naquele período ali de uma semana, dez dias, o Rio Grande do Sul meio que virou de ponta-cabeça... porque o Grêmio sempre disse assim: “Libertadores e Mundial é coisa do Grêmio, o Inter joga Brasileirão, joga Gauchão...”. Aí o Inter ganhou o Mundial. Isso mudou a relação. Depois que o Inter ganhou o Mundial, a coisa meio que incendiou, porque o colorado disse: “agora eu também tenho Mundial, agora eu vou pro pau contigo. Agora eu vou pro combate.”. Então o colorado não era mais o coitadinho, não! Agora ele era um clube. E aí o que aconteceu? Com a equiparação de títulos, e o destino quis que os dois tivessem duas Libertadores e um Mundial,

o que passou a pesar? “Ah eu nunca caí, tu já caíu”. Aí pô, o Inter cai! (E, 2018, s/p).

Ticiano Osório (2018) ainda relembra o “GreNal do 5 x 0”, ocorrido na Arena do Grêmio em 2015, em jogo válido pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro. A última vitória tricolor sobre o colorado com esse placar havia sido em 1912. Segundo ele, a virada da gangorra se deu a partir desse momento: “na nossa mitologia o barco começou a afundar no GreNal do 5 x 0” (OSÓRIO, 2018, s/p). Um ano depois, com a conquista da Copa do Brasil pelo Grêmio e o rebaixamento do Inter já consolidado, o jornalista C (2018, s/p) assegura: “aquele domingo eu posso te garantir que foi mais festejado pros gremistas do que o título de quarta-feira. [...] O ápice da festa gremista foi o rebaixamento colorado.”. O jornalista A concorda que a queda foi mais comemorada do que o título, mas pressupõe uma nova virada na gangorra: “era isso que se usava de argumento: ‘ah, mas a gente nunca caiu’, ‘time grande não cai’... Era uma coisa que estava incomodando os gremistas há muito tempo. E aí agora o discurso é: ‘time grande não cai duas vezes.’”.

### **3.3 Resultados e perspectivas: correlações entre os discursos noticioso e clubístico**

O setorista não tem time. Na verdade uma coisa que é muito forte aqui no Rio Grande do Sul é isso, que eu acho ruim, é que as pessoas não podem torcer... Porque contamina, passam a achar que tu vai jogar contra, passam a achar que tu vai atrás de escândalo só porque tu é torcedor do outro time, passam a achar que tu vai de alguma forma beneficiar o time pra qual tu torce na escolha da foto da capa, no tamanho de matérias etc. e tal. Aqui é muito forte essa cobrança à *Zero Hora* e a toda a imprensa: “ah a *Zero Hora* é gremista... a *Zero Hora* é colorada”. É sempre assim, sempre se há um jeito de pegar uma manchete e enxergar nela algo conspiratório. Pegar uma foto e achar que essa foto foi escolhida por um torcedor adversário... Isso é muito comum aqui. Sim. Tudo é um GreNal no Rio Grande do Sul. (OSÓRIO, 2018, s/p).

Algo característico na Redação da *Zero Hora* é que, se tem Grêmio  $\times$  Inter na rodada, os ânimos dos jornalistas ficam mais exaltados. É a chamada “semana GreNal”. E, embora à primeira vista pareça que sim, essa exaltação não tem a ver com as preferências clubísticas dos repórteres. Na verdade, ela se dá pela carga exaustiva de trabalho que paira sobre eles na semana do clássico estadual, já que a cobertura, além de mais ampla, precisa ser também diferenciada. Conforme descreve o jornalista B (2018, s/p), “não é qualquer jogo, é uma cobertura realmente especial”. E, por isso, a preocupação com o planejamento editorial do caderno é maior no período em questão. “É o grande momento da editoria de esportes da *Zero Hora*. [...] E aí tem essa preocupação em termos de pauta: o que nós vamos fazer de diferente pra apresentar o GreNal?” (B, 2018, s/p).

O jornalista F (2018) vê a semana GreNal como o pior momento da Redação. Ele explica que, além da pressão no ambiente interno, há também uma pressão externa desfavorável: “a gente vai cobrir um treino e o torcedor passa por ali e nos xinga, nos ameaça. Pra quem trabalha todos os dias, tá tranquilo, estamos acostumados. [...] Mas, pra quem não tá acostumado, eu acho muito ruim. A gente vive sempre torcendo pra não ter.” (F, 2018, s/p). O jornalista C, por um lado, salienta o cuidado em relação aos fundamentos do jornalismo, de modo que Grêmio e Inter recebam o mesmo tratamento editorial; por outro, reflete sobre o desafio que é equilibrar os dois times quando eles estão em momentos opostos: “como é que tu vai colocar dois clubes em momentos tão diferentes na mesma situação?” (C, 2018, s/p). Ticiano Osório (2018, s/p), repórter especial, aponta para o intenso trabalho de pesquisa que consome os jornalistas da *ZH Esporte* na semana GreNal:

Essa é uma obrigação nossa que às vezes é complicado, porque é isso, bom: “vai ter GreNal”. E sempre que tem um GreNal... teve agora e deve ter sido um sufoco pro Esporte. Porque é isso, tem que cobrir o dia a dia, mas tu tem que trazer algo diferente, então tu vai lá: “o que aconteceu com Odair Hellmann depois daqueles 5  $\times$  0”, “os GreNais de Renato como jogador”, tem aquela famosa matéria também: “os estreantes em GreNais”; tem muito assim: “fulaninho que jogou dez vezes Corinthians  $\times$  Palmeiras... como ele via a rivalidade GreNal lá em São Paulo”. Tem que ficar inventando matérias... “O GreNal agora nas mesmas circunstâncias de um GreNal de xis anos

atrás”. Tem um trabalho de pesquisa, um trabalho de criatividade pra achar uma pauta. (OSÓRIO, 2018, s/p).

Depois do trabalho pronto, surge outra inquietação: as críticas dos leitores. “É, porque assim: se tu fala bem do Grêmio os colorados te xingam, se tu fala mal os gremistas te elogiam e vice-versa. [...] A presença de Grêmio e Inter é muito forte na vida das pessoas aqui.” (E, 2018, s/p). Para além da noticiabilidade da dupla GreNal, o jornalista A (2018, s/p) atribui à popularidade do futebol o grau elevado de críticas do público: “todo mundo vê, todo mundo acompanha, todo mundo sabe como jogam dois volantes, como é o 4-2-3-1, todo mundo sabe. E todo mundo acha que tem o direito de comentar, opinar e não concordar com o que eu tô escrevendo. Só que eu não dou opinião.”. Inclusive, quando perguntados se o leitor da *Zero Hora* tem o exato discernimento quanto às páginas informativas e opinativas do caderno, a maioria dos repórteres considerou que não. “Eles confundem opinião com informação, informação com opinião, se mistura tudo. É muito apaixonado.” (OSÓRIO, 2018, s/p). Quanto a essa paixão da audiência, Osório (2018, s/p) reflete: “se tu pensar bem é a coisa mais ridícula o torcedor ficar bravo porque seu time perdeu. Tá, aconteceu, perdeu. Mas a gente fica, né? Não consegue controlar. É algo muito impulsivo.”.

Para o jornalista E, o leitor sabe diferenciar os gêneros textuais nas páginas do caderno, mas, independentemente disso, “ele sempre vem cheio de críticas, seja opinião, seja informação. Informação é um pouco menos porque tu tá bem calçado, tem reputação. Mas opinião ele vem com muita força.” (E, 2018, s/p). O pesquisador Jorge Pedro Sousa (2005), que se dedicou a estudar as práticas noticiosas do jornalismo impresso, propõe um raciocínio simples para ajudar a compreender porque a crítica do público é mais veemente nas páginas de opinião. Na visão do autor, isso se deve à carga subjetiva presente no gênero opinativo, ainda que em ambos os processos produtivos – de informação e de opinião – devam prevalecer os fundamentos jornalísticos.

Os jornalistas, geralmente, tentam separar a informação (descrição e análise) da opinião. A opinião fica reservada a especialistas, colunistas e opinantes. Nem sempre é fácil distinguir opinião de análise. Por vezes, para se chegar à opinião é necessário fazer uma análise. Mas talvez seja

possível dizer que a opinião se destrinça da análise porque, ao contrário desta, não necessita de se basear em fatos concretos e no exame atento da realidade. A perspectiva do opinante pode ser muito subjetiva, resultando unicamente da interação entre a mente e a linguagem. Mas o fato de a opinião não necessitar de se basear em fatos concretos ou no exame atento da realidade não significa o mesmo que deixar de se fazer essa ancoragem à realidade. (SOUSA, 2001, p. 139-140).

Os repórteres da *ZH Esporte* foram unânimes ao atribuir a contundência da crítica do público aos aspectos socioculturais do estado: “é muito forte no Rio Grande do Sul essa questão de que tudo é um ato de vida ou morte. E no futebol cada jogo é vida ou morte, né?” (OSÓRIO, 2018, s/p). O jornalista D (2018, s/p) esclarece: “é que aqui a gente toma muito partido: ou é PT ou PMDB, ou é chimango ou maragato, ou é Grêmio ou é Inter”. Desse modo, enquanto a passionalidade é um componente intrínseco à editoria esportiva, pode-se dizer que o futebol é um componente intrínseco aos gaúchos, conforme sugere o jornalista E (2018, s/p): “o futebol aqui move a paixão. O GreNal é tido como patrimônio do gaúcho. É o chimarrão, o churrasco e o GreNal.”. D (2018, s/p) também confirma essa perspectiva:

É um estado que gosta muito da polarização, assim, de grenalizar tudo. A gente usa essa expressão grenalizar, né? Grenalizar pode ser nós dois discutindo por uma bala ou falando de política, vira tudo grenalizar aqui pra nós porque é muito polarizado. É difícil tu encontrar alguém aqui em cima do muro em qualquer assunto que seja, sempre alguém tem uma opinião definitiva sobre alguma coisa. Então, talvez, acho que culturalmente isso impacte na questão do futebol.

Na ótica desta pesquisa, é justamente dessa mistura de passionalidade e extremismo que se deriva a rivalidade clubística nos moldes sul-rio-grandenses. Validando as premissas já apontadas neste estudo, o jornalista F (2018, s/p) assegura que “a rivalidade GreNal tem a ver com o que é o Rio Grande do Sul”. No entanto, seu colega jornalista E (2018, s/p) pondera que esse extremismo é, na verdade, “uma coisa meio burra porque se o Grêmio fecha, o Inter... Um depende

do outro. Um sobe o outro. Historicamente, o Grêmio e o Inter vão subindo porque um quer alcançar o outro.”.

Seguindo esse raciocínio do GreNal enquanto “patrimônio gaúcho”, questionou-se aos repórteres se, no Rio Grande do Sul, mesmo quem é indiferente ao futebol, escolhe Grêmio ou Inter para torcer. O jornalista E (2018, s/p) responde: “a exceção é Pelotas, que o pessoal torce pro Brasil de Pelotas”, contudo, pondera em seguida: “mas tem colegas que vieram da zona sul do estado e dizem que já não é tão assim, que eles torcem pra Grêmio ou pra Inter” (E, 2018, s/p). O jornalista F é provavelmente um desses colegas. Natural da zona sul, e por já ter trabalhado cobrindo o futebol do interior, ele argumenta:

Os pelotenses gostam muito de mentir isso aí. Eles gostam muito de mentir que não torcem pra Grêmio e Inter. Mas a gente sabe que é mentira, claro. Voltaram a torcer pro Brasil agora que o Brasil voltou pra primeira divisão. Mas em 2013 e 2012 ninguém torcia pro Brasil. Eles vão me desculpar, mas eu tava lá, eu vi como é que funciona a coisa. (F, 2018, s/p).

Mesmo assim, o jornalista E (2018, s/p) ainda avalia a fidelidade dos torcedores do Brasil de Pelotas: “mas é exceção, no resto do Rio Grande do Sul, ou tu é Grêmio ou tu é Inter, e eu digo o resto do Rio Grande do Sul e tu pega o oeste catarinense, [...] pega o oeste do Paraná e vai subindo ali...”. O jornalista C (2018) também ressalta a devoção dos pelotenses ao clube da cidade, mas desconsidera as outras equipes interioranas que também têm certa presença na região: “é o único clube que eu diria que tem torcedores mais fidelizados, que torcem pro clube e não pra Grêmio e Inter. De resto, totalmente: é Juventude, mas torce pro Grêmio... É Caxias, e torce pro Inter, sabe?” (C, 2018, s/p).

Excetuando-se essa parcela de torcedores de regiões específicas – ainda que, mesmo devotos de seus respectivos clubes, tenham como segunda opção Grêmio ou Inter – o histórico da rivalidade GreNal levanta consigo o seguinte confronto: para ser Grêmio tem que ser anti-Inter e vice-versa? O jornalista A (2018, s/p) é categórico ao responder: “pro torcedor sim. Eu deixei de ser torcedor há bastante tempo”. Ele explica que, assim que começou a atuar no jornalismo esportivo, abandonou a figura de torcedor: “eu postava, acompanhava, curtia, mas deixei de lado” (A, 2018, s/p). Todavia, isso não significa que A condene os jornalistas que declaram o time, ele apenas acredita que não

é preciso “dizer que torce pra algum time pra ter uma credibilidade” (A, 2018, s/p). Além disso, por já ter sofrido ameaças de torcedores, o repórter prefere omitir o time por medida de segurança: “todas as coisas que eu passei até agora me mostraram que mostrar pra que time eu torço não traz nenhum benefício pra mim” (A, 2018, s/p). Quanto aos fundamentos da profissão, A considera que assumir o time não necessariamente desqualifica o trabalho do jornalista. Sob seu ponto de vista, essa interpretação ambígua fica a cargo dos leitores.

Eu acho que são duas vertentes, tá? Eu não tenho absolutamente nada contra quem divulga, quem apoia, quem torce, acho que é válido, né? Mas é muito complicado tu... Não sei se tem a figura da imparcialidade, eu não sei se mexe um pouco com isso quando tu te diz gremista ou quando tu te diz colorado, entendeu? Eu te explico que às vezes a gente faz algumas matérias aqui e na rede social é: “sai daí seu gremista, tu tá querendo acabar com meu time...”. Então assim, quando eu faço uma matéria de crise, entre aspas, eu sou gremista. Quando eu faço uma matéria de agenda positiva, eu sou colorado e eu só quero o bem o do Inter, entendeu? Então é muito complicado tu te tornar distante disso fazendo a figura de torcedor. (A, 2018, s/p).

Quando perguntados se o jornalista esportivo pode falar para que time torce, os demais repórteres entrevistados seguem basicamente o mesmo raciocínio do jornalista A (2018). O jornalista B (2018, s/p), lembrando Paulo Vinícius Coelho – que também é citado nesta pesquisa – acredita que se “alguém te pergunta no ar pra que time tu torce, não tem porque tu te esquivar dessa pergunta”. O alerta de B (2018, s/p) é quanto a não se deixar definir pelo clube: “se a tua identidade como jornalista é ser torcedor do clube tal, temos um problema”. Os repórteres foram unânimes em considerar que, no caso do Rio Grande do Sul, a questão é ainda mais problemática devido à intensidade da rivalidade clubística no estado. “Acho que até por isso a gente tem menos jornalistas identificados do que tem no Rio, por exemplo... o Rio, que é um lugar que tem bastante, tem uma tradição disso, e aí tem uma cultura em que o público aceita isso de uma forma mais tranquila.” (B, 2018, s/p).

Tanto B (2018) quanto C (2018) apontam que, dentro da *Zero Hora*, o principal jornalista identificado em relação ao time é o comentarista e colunista Adroaldo Guerra Filho, mais conhecido como Guerrinha. “Ele sempre foi colorado. Nunca escondeu que é colorado. Inclusive é um fenômeno até raro aqui, que a torcida do Grêmio gosta dele” (C, 2018, s/p), mas “ele é uma exceção, a maioria não identifica o clube pra qual torce porque sabe que isso é uma questão problemática aqui” (B, 2018, s/p). Para C, o fato de ser torcedor, por si só, não qualifica ou desqualifica o trabalho do jornalista.

Acho que é caso a caso, entende? Fazer uma matéria de determinada forma por ser torcedor, desqualifica o teu trabalho, com certeza. Mas se for algo que não interfira no teu processo de apuração, não interfira no teu processo de construção das matérias, de valorizar o que é mais importante, de todos os processos jornalísticos, não vejo mal, não vejo mal mesmo. (C, 2018, s/p).

O jornalista D (2018) concorda que ter um time do coração não necessariamente afeta o trabalho do jornalista esportivo. Entretanto, ele explica que não declara qual é a sua preferência porque sabe que serão intensos os julgamentos dos leitores. Em outra corrente, há jornalistas esportivos que replicam essa versão alegando que, quando o leitor sabe o time do repórter, ele se mune de atributos para qualificar com algum fundamento a matéria. Barbeiro e Rangel (2006) defendem essa perspectiva na vertente teórica. Na prática, ela foi validada pelo jornalista carioca Sergio du Bocage, que acabou concluindo que, independentemente da divulgação, o respeito ao torcedor é a principal baliza da editoria esportiva:

Confesso que, no início, tinha receio de que declarar ser Flamengo fosse me causar problemas, mas tive uma surpresa bem feliz: mesmo de outros clubes, telespectadores se diziam mais confiantes no que eu dizia pelo simples fato de eu assumir ser rubronegro. Viam, ali, franqueza e coragem de quem acredita no que diz. É claro que os mais passionais não me “engolem”. Ou, se pudessem, me engoliriam vivo, literalmente. Mas são minoria. Aliás, o maior cuidado que um jornalista esportivo deve ter é exatamente o de evitar atingir

a paixão dessas pessoas. Existe um ditado que afirma ser o homem capaz de mudar de mulher ou de qualquer outra paixão, mas nunca de seu clube de futebol. É por aí. O respeito ao torcedor, em qualquer instância, é fundamental para que se realize um trabalho correto. Criticar é aceitável, mas humilhar, provocar, isso nunca. (BOCAGE, 2004, p. 69).

Se, por um lado, a transparência do repórter pode influenciar positivamente a leitura do texto, por outro, é bastante desafiador considerar essa perspectiva em meio a um fazer-notícia tão característico quanto o esportivo, onde a passionalidade do jornalista e, sobretudo, do leitor, pode beirar a irracionalidade. Por isso, na visão do professor espanhol Alcoba Lopez (2005), o repórter esportivo precisa estar ciente de que o teor de suas palavras equaciona o comportamento dos espectadores. Assim sendo, “estimular rivalidades – por imposição do sensacionalismo criado para vender jornais – e incitar o triunfo apenas por incitar, são métodos contrários que jamais deve utilizar quem realmente se considera um jornalista esportivo”<sup>38</sup> (LOPEZ, 2005, p. 42). O autor concorda que é trabalhoso medir palavras em uma editoria tão passional, mas é imprescindível fazer esse exercício cotidianamente para não exaltar os ânimos da torcida, estimulando reações violentas.

Lopez (2005) também não desconsidera a rivalidade clubística como algo intrínseco à prática esportiva, já que “o esporte, por sua própria energia, carrega uma carga de violência controlada”. Inclusive, ele aponta que “sem ela, uma boa parte das modalidades esportivas não teria a graça que tem”<sup>39</sup> (LOPEZ, 2005, p. 47), mas insiste no equilíbrio das tensões. Correlacionando tais perspectivas com os fundamentos do jornalismo, ele conclui que, na prática diária, “o jornalista esportivo não tem outro remédio que não renunciar às suas simpatias por determinado clube ou atleta, para refletir em seus textos, palavras e imagens, a verdade. Somente quando age assim, pode se considerar jornalista”<sup>40</sup> (LOPEZ, 2005, p. 59).

Retomando os depoimentos dos repórteres da *Zero Hora*, Ticiano Osório (2018) também condiciona a reação adversa dos leitores à passionalidade pertinente à editoria esportiva. Contudo, ele pondera que, por mais que a leitura da audiência possa ser irracional, cabe ao

---

<sup>38</sup> Tradução nossa.

<sup>39</sup> Tradução nossa.

<sup>40</sup> Tradução nossa.

jornalista racionalizar ao máximo seu momento de escrita. Osório, inclusive, foi o único repórter entre os entrevistados que disse espontaneamente para que time torce. Embora em algumas ocasiões Ticiano assinasse matérias no caderno esportivo – como no caso do *corpus* analisado – ele afirma que, desde que deixou a editoria, está “abertamente gremista”. Antes, justamente por que trabalhava no caderno, ele omitia a preferência. “Se um dia eu for voltar pro esporte, eu vou voltar com o meu passado que, sim, eu sou gremista, entende? Duvido que volte, mas, se um dia eu voltar, vou voltar com esse passado. Não desliga mais isso.” (OSÓRIO, 2018, s/p).

Eu me espanto quando eu vejo tanto palavrão escrito, tanto xingamento escrito. Porque pra mim escrever é um ato racional. Então, por mais apaixonado, por mais impulsivo que eu esteja em algum momento, no momento em que eu vou escrever eu suponho que tenha uma racionalização por trás. Existe um comando que o cérebro dá pra escrever, né? E isso não acontece com o torcedor, mas com o jornalista em tese tem que acontecer, entende? Ele tem que ter um distanciamento crítico da sua própria paixão. Se não ninguém sobreviveria porque, na verdade, isso é outra coisa lógica, né, é evidente que a maioria dos jornalistas esportivos torce pra algum time. Senão eles nem estariam fazendo jornalismo esportivo. (OSÓRIO, 2018, s/p).

O jornalista E (2018, s/p) também acredita que “todo mundo tem um time”, mas salienta que, quando o profissional começa a trabalhar no caderno esportivo, essa relação se altera bastante. Apesar da recente “onda” de jornalistas da imprensa esportiva gaúcha que manifestaram publicamente suas preferências clubísticas, ele prefere se isentar não apenas devido à polarização do estado, mas, também, por conta dos parâmetros que regulam a atividade jornalística, sobretudo na função do repórter, “porque o repórter é visto sob muita desconfiança” (E, 2018, s/p). Ainda segundo E, para se manter credível na imprensa esportiva em uma cidade relativamente menor como Porto Alegre – se comparada às megalópoles São Paulo e Rio de Janeiro<sup>41</sup>, é preciso trabalhar com

---

<sup>41</sup> Segundo as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, o município de São Paulo continua sendo o mais populoso do

muita seriedade: “a seriedade é básica em qualquer setor da vida. Mas aqui, a seriedade, e aí tu junta no jornalismo a isenção, de não pender pra nenhum dos lados, né? Porque se tu fica marcado como gremista ou como colorado...” (E, 2018, s/p). O jornalista E não complementa o raciocínio, mas, a partir do que disse seu colega jornalista F, é provável que essa concepção esteja atrelada a medidas de segurança.

Obviamente o cara torce pra alguém. Mas tem uma questão de segurança muito importante aí. Eu evito falar sobre o time que torço, enfim, mais do que uma questão de: “ah vai manchar a minha imagem”, não, mais é por questão de segurança. Eu realmente tenho medo de trabalhar no estádio e um torcedor me bater porque ele me considera um inimigo dele estando trabalhando no estádio dele. Isso é uma coisa que me preocupa. Então eu evito falar. Mas não acho que mancharia a minha credibilidade. (F, 2018, s/p.).

Apesar de, a princípio, o jornalista F (2018, s/p) não ver problema no repórter que declara o time preferido, ele incorre em certa contradição diante do assunto: “eu não falo porque eu acho que não é relevante. Mas se me perguntassem eu não teria problema nenhum em dizer. Apesar de que se me perguntassem eu ia dizer que não importa. A resposta seria essa.”. Ele conclui que se trata de uma questão de trabalho e não meramente clubística. “Tu não pode ser desonesto no trabalho. Eu trato como profissão. Imagina se eu fosse um médico, aí eu sou colorado médico, e não vou atender o cara porque ele torce pro Grêmio?! O troço é tão absurdo que a gente nem pensa nisso.” (F, 2018, s/p).

Com base no pressuposto validado pelos repórteres da *ZH Esporte* de que todo jornalista esportivo tem um time para torcer, tem-se uma aproximação da problemática desta pesquisa na tentativa de verificar a hipótese que a orienta, de que as preferências clubísticas dos jornalistas intervêm na construção noticiosa. Com o objetivo de identificar como isso acontece, concentrou-se em apresentar, neste capítulo, os conceitos teóricos e os procedimentos técnicos da metodologia que fundamenta esta análise para, então, relacionar as notícias publicadas com os depoimentos dos repórteres e, por fim,

---

país, com 12,1 milhões de habitantes, seguido pelo Rio de Janeiro (6,5 milhões). Porto Alegre aparece em décimo lugar, com população estimada em 1.484.941 milhão de pessoas.

conseguir evidenciar como o discurso clubístico interfere no discurso noticioso.

Ao final deste percurso, concluiu-se que essa correlação discursiva se estabelece em três principais faces: adjetivação, dramatização e aprofundamento. É salutar esclarecer que todas essas faces foram inferidas no momento da leitura do *corpus* noticioso. A partir daí, traçou-se o roteiro das entrevistas em profundidade na tentativa de validar tais inferências. As duas primeiras faces identificadas – adjetivação e dramatização – estão de certa forma interligadas. Percebeu-se que, quando o jornalista é torcedor do time que está cobrindo, há uma maior tendência em adjetivar as narrativas, o que poderia ser naturalmente explicado pelos aspectos subjetivos próprios da editoria esportiva, como a paixão e a emoção.

Porém, existe uma diferença crucial nesse processo: adjetiva-se mais quando o time está em uma fase ruim do que quando ele está em uma fase boa. Acredita-se ser este o maior indicativo da preferência clubística do repórter na matéria. Se o time dele vai mal, ele involuntariamente descarrega suas mágoas no texto, já que o papel se torna um refúgio de fácil acesso naquele momento. Torcedores “comuns” desabafam a derrota do seu time na arquibancada, em frente à TV ou na mesa do bar. Contudo, para os jornalistas esportivos envolvidos na cobertura, nem sempre – ou quase nunca – estes ambientes estão ao seu alcance, de modo que muitas vezes lhe restaria apenas o papel como a válvula de escape mais próxima.

Em alguns casos, a adjetivação é tamanha que culmina no dramatismo. Essa vastidão nem sempre está atrelada ao número de adjetivos do texto propriamente dito, podendo, inclusive, ser mais evidenciada na carga dramática que os termos carregam do que na quantidade de palavras adjetivadas em si. Nesse aspecto, pode-se dizer que a dramatização presente nas matérias é diretamente proporcional ao nível de crise no clube. Ou seja, quanto mais crítico for o contexto da pauta, mais dramatizado o texto será. Sob essa perspectiva, ambas as faces – adjetivação e dramatização – não seriam tão atuantes em uma conjuntura positiva basicamente porque, quando a fase do time é boa, não há a necessidade do desabafo. Desse modo, os adjetivos cumpririam meramente sua função primordial de descrever, caracterizar e dimensionar melhor o fato, a vitória, o título, o feito.

Na terceira face em que se evidenciam as preferências clubísticas dos repórteres está o aprofundamento das matérias. Jornalistas que se veem perante o dilema de cobrir um momento crítico do seu time do coração – por mais distantes que consigam manter-se em relação à pauta

– inevitavelmente vão em busca de justificativas para o ocorrido, pois, assim como o seu público precisa se inteirar dos motivos que desencadearam a crise, o jornalista, mesmo que de forma inconsciente, também quer encontrar os verdadeiros culpados da fase ruim: um time inoperante, uma administração incompetente ou uma gestão suspeita. Em contrapartida, não se faz matérias politizadas em momentos de glória – pelo menos não necessariamente. Isso porque, quando o time está bem, pressupõe-se que não há o que problematizar.

Evidenciadas as três principais faces das percepções clubísticas no *corpus* noticioso – aqui compreendidas não como um juízo de valor que comprometeria os fundamentos da profissão, mas, sim, como um discurso social arraigado na história peculiar do Rio Grande do Sul –, buscou-se comprová-las diante dos repórteres que assinaram o material. Tais percepções evidenciaram, por consequência, a premissa de que, na *ZH Esporte*, os setoristas tendem a cobrir o time para o qual torcem, ainda que isso tenha sido pressuposto mais pela análise das matérias do Inter do que pela análise das matérias do Grêmio – levando-se em conta que as percepções discursivas relacionadas ao momento crítico colorado favoreceram as inferências.

Tendo em vista que, na editoria esportiva, o clubismo é um assunto bastante delicado<sup>42</sup>, foi preciso articular as entrevistas de modo que o roteiro permitisse testar as percepções aqui evidenciadas, comprovando-as ou não. Em suma, elas foram comprovadas. Mas, caso não o fossem, isto não seria problema, pois certamente as entrevistas conduziram a um caminho de justificativas plausíveis para a invalidação. O receio nesta etapa da pesquisa, portanto, relacionava-se à probabilidade de não conseguir sequer testar a hipótese aqui proposta e os pressupostos levantados no decorrer da leitura do *corpus* noticioso. Porém, a partir dos atributos permissíveis da entrevista em profundidade, foi possível validar as conclusões. Para que fique claro o

---

<sup>42</sup> “No Rio Grande do Sul, onde a rivalidade é diferente da carioca ou da paulista, pois não se divide entre quatro clubes grandes, são apenas dois, a preocupação em manter em segredo as cores existe até hoje. Prova disso é o relato de Paulo Sant’Ana, gremista assumido, à revista *Porto Alegre é TOP*, lembrando o que aconteceu depois de uma revelação feita em sua coluna de jornal em 1971: ‘fiz uma coluna inteira relacionando os mais destacados repórteres, comentaristas e narradores do rádio, do jornal e da televisão do Rio Grande do Sul. E disse para quais clubes cada um deles torcia. Eles quase me mataram.’ (REVISTA PORTO ALEGRE É TOP, Ano 2. N. 2. Dez 2012)” (FONTOURA, 2014, p. 91).

percurso que valida as supostas preferências clubísticas dos repórteres – evidenciadas por meio da leitura do *corpus noticioso* –, será necessário citar integralmente como esse diálogo se deu com cada um deles, na ordem em que se transcorreram:

T.N.: Aqui vocês têm essa coisa de o setorista do Grêmio ser alguém que torce pro Grêmio e do Inter...

J.C.: Não, não necessariamente. Eu, por exemplo, sou paulista. Eu não sou nem gaúcho.

T.N.: Bom que você escapa de qualquer tipo de julgamento...

J.C.: Não, não escapo. As redes sociais não nos perdoam. Por qualquer coisa, sério, por indício, eles apontam: “lá você falou isso, aqui você falou aquilo...”. (Trecho da entrevista com o jornalista C, 26 abr. 2018).

J.B.: Ele é uma exceção, a maioria não identifica o clube pra qual torce porque sabe que isso é uma questão problemática aqui.

T.N.: Vocês recebem críticas por e-mail ou isso é mais comum nas redes sociais?

J.B.: Tá cada vez menos comum por e-mail e mais comum em redes sociais. Inclusive, com táticas, entre aspas, de descontextualizar coisas que tu escreve. [...] E aí eles vão lá e esquadriham o teu perfil do Twitter pra buscar *tweets* antigos pra denunciar uma suposta parcialidade.

T.N.: E pra que time você torce?

J.B.: Eu sou colorado.

T.N.: Aqui o setorista do Inter é um colorado e do Grêmio um gremista ou isso independe?

J.B.: Independe. Isso independe.

(Trecho da entrevista com o jornalista B, 26 abr. 2018).

T.N.: Eu vejo que aqui os jornalistas não gostam de falar pra que time torcem.

J.F.: Eu acho isso uma besteira, na real, tá? [...] Todo mundo que nasceu no Rio Grande do Sul ou 90% das pessoas que nasceram no Rio Grande do Sul ou torcem pro Inter ou torcem pro Grêmio. Alguns torcem pro Brasil, de verdade, outros

torcem pra alguns times do interior... São Paulo de Rio Grande, enfim. A maior parte torce, de fato. Eu não conheço ninguém que torce pro juiz. Ninguém nasceu torcendo pro juiz. A não ser o filho do juiz que é um, dois, dez, vinte.

T.N.: E eu não conheço ninguém que entrou no jornalismo esportivo e não tem um time, né?

J.F.: Porque provavelmente o cara gosta, se não o cara ia se torturar, estando aqui todo dia falando disso. [...] Eu evito falar. Mas não acho que mancharia a minha credibilidade.

T.N.: E você é colorado?

J.F.: Eu não tenho problema nenhum, eu sou sócio. Porque durante trinta anos eu não cobri o Inter. E obviamente eu gosto de ir no estádio. [...] Mas eu te confesso que eu acho uma besteira assim, sabe. Se eu não tivesse essa questão da segurança eu não teria problema nenhum em dizer. Eu não acho que o meu trabalho seja comprometido por eu torcer pro Inter. Primeiro porque eu não vou mudar, não conheço ninguém que mudou de time, mesmo em bom ou mau momento.

T.N.: E aqui vocês têm essa coisa de quem torce pro Inter cobre Inter e quem torce pro Grêmio cobre Grêmio ou independe?

J.F.: Não sei, te confesso que eu não sei. Eu entrei no setor do Inter porque o setorista do Inter tinha sido demitido. Mas se tivesse sido o setorista do Grêmio demitido eu acho que eu também teria entrado. Não teria problema. (Trecho da entrevista com o jornalista F, 26 abr. 2018).

J.A.: As pessoas que aparecerem com foto minha no estádio, não tem problema, eu vou assumir. Se a pessoa me disser: “ah tu torce pra esse time”, eu vou assumir, eu não escondo.

T.N.: Então, se você for perguntado, você não vai negar?

J.A.: Se a pessoa vier com uma foto: “olha aqui, tô te vendo aqui”, tudo bem. Eu não vou sair falando que eu torço pra A ou B. Não vou. [...] Mas é engraçado, pois como eu faço Inter há bastante tempo, as pessoas já acham que eu sou colorado.

T.N.: E você é colorado?

J.A.: Sim.

T.N.: Eu ia perguntar se tinha essa coisa de os setoristas cobrirem o time deles...

J.A.: Eles te disseram?

T.N.: Não. Eu supus.

J.A.: Mas não, não tem. É coincidência. (Trecho da entrevista com o jornalista A, 26 abr. 2018).

J.E.: A seriedade é básica em qualquer setor da vida. Mas aqui, a seriedade, e aí tu junta no jornalismo a isenção, de não pender pra nenhum dos lados, né? Porque se tu fica marcado como gremista ou como colorado...

T.N.: Vai estar sujeito a mais julgamentos e até ameaças.

J.E.: É. E depois eu acho que o básico para o jornalista esportivo é estar bem informado, e saber contar a história [...]. Eu tenho que fazer as pessoas entenderem aquilo que eu tô querendo dizer, e com a melhor qualidade e com o melhor padrão de texto possível. Eu acho que é mais ou menos por aí.

T.N.: E informalmente você pode me dizer se você é Grêmio ou Inter?

J.E.: Não, não posso.

T.N.: Que pena, todo mundo me disse.

J.E.: Todo mundo tem um time. Eu era colorado. (Trecho da entrevista com o jornalista E, 26 abr. 2018).

T.N.: Mas pelo o que eu vi dos setoristas aqui, o pessoal prefere ficar na defensiva pra não estar sujeito a julgamentos o tempo inteiro.

J.D.: É... Entra nesse tipo de coisa que não contribui em nada pro nosso trabalho também.

T.N.: Mas informalmente você pode falar se eu te perguntar pra que time você torce?

J.D.: Pode. Eu torço pro Inter, mas eu sou muito mais crítico do que oba-oba.

T.N.: E aqui o setorista do Inter é alguém que torce pro Inter e do Grêmio alguém que torce pro Grêmio?

J.D.: Não, não. Coincidência só.

T.N.: Porque aqui acabou coincidindo, né?

J.D.: É, mas o jornalista Htorce pro Inter, cobre Grêmio. [...] Mas foi coincidência mesmo. (Trecho da entrevista com o jornalista D, 27 abr. 2018).

Durante a coleta dos depoimentos anteriormente citados, foi possível perceber que os jornalistas F e E foram mais reativos ao assunto, não porque considerem que torcer para um time os descredita, mas, sim, por questões de segurança, já que, ao longo da entrevista, esse é um tema recorrente na fala de ambos. O jornalista A também levantou essa questão ao relatar que já sofreu ameaças de torcedores. O jornalista C, por sua vez, aponta que a rivalidade clubística é tão acirrada no Rio Grande do Sul que, mesmo ele sendo paulista, não escapa da crítica dos leitores. O jornalista B, inclusive, ressalta que, com o advento das redes sociais, essa crítica do público tornou-se ainda mais feroz. Quanto ao depoimento do jornalista D, ele dá pistas para inferir o porquê de o jornalista H, setorista do Grêmio, ter se mostrado indiferente – ou até mesmo avesso – a esta pesquisa nas tentativas de contato: sendo este o único dentre os seis setoristas do caderno que não cobre o time do coração, é compreensível que a temática desta pesquisa tenha soado ainda mais delicada para ele.

De certa forma, isso transparece quando os jornalistas C e E citam em seus depoimentos uma expressão criada pela torcida gremista para (des)qualificar os jornalistas da *ZH Esporte* que, supostamente colorados, cobrem o Grêmio. Trata-se da “IVT”, a “Imprensa Vermelha Isenta”, em irônica referência da torcida tricolor à suposta predominância de jornalistas colorados na editoria de esportes da *Zero Hora*. O jornalista E cita o blog da “IVI” liderado por um desses tricoures que, na visão dele, “vive” de fiscalizar as matérias do caderno, debochando dos conteúdos e ironizando a suposta falta de isenção quando a pauta é sobre o Inter. Ou seja, na ótica de tais torcedores, os jornalistas colorados da *ZH Esporte*, por serem maioria no caderno, estariam excluídos do trato jornalístico da notícia, prevalecendo-se, portanto, o trato clubístico. O jornalista C (2018, s/p), quando perguntado se, no Rio Grande do Sul, o torcedor gremista é também anti-Inter e vice-versa, enfatiza: “eu vejo isso mais no Grêmio, tá? [...] O gremista além de querer ver o bem do Grêmio ele quer sempre ver o Inter se ralar. Quanto mais coisas ruins acontecerem com o Inter, melhor.”. Ele ilustra esse raciocínio citando justamente o exemplo da IVI:

Aqui funciona muito o seguinte: o torcedor de Grêmio e de Inter ele quer ouvir o jornalista dizendo que Grêmio ou Inter são o melhor time do mundo. Qualquer coisa longe disso gera reclamações. E gera comparações. Tu faz uma matéria dizendo que a camisa do Grêmio é bonita. Aí vai receber uma cobrança dizendo que tu falou que a do Inter era mais bonita em 2014. Os caras vão achar um *tweet* teu dizendo isso. Ou em algum momento que tu falou que a camisa do Grêmio era feia, aí o cara: “agora tá querendo dizer que é bonita pra tentar agradar o torcedor”, sabe? Coisas assim. Aqui existe até uma expressão: os gremistas criaram uma expressão chamada IVI. Chama-se “Imprensa Vermelha Isenta”. Então nós, setoristas de Grêmio, sofremos com: “ah ele é da IVI”. Então eles dizem que todos somos colorados e por isso falamos bem do Grêmio em alguns momentos pra que, quando tiver oportunidade, a gente possa falar mal do Grêmio. (C, 2018, s/p).

O jornalista E atribui a criação da “IVI” à intensa patrulha das redes sociais, alegando que a torcida do Grêmio é mais fiscalizadora do que a do Inter e sugerindo que esse comportamento é fruto de ações do próprio clube: “o Grêmio tem algumas pessoas assim que são muito vigilantes. E se criam nos clubes esses *twitteros* e *social media*. Esses caras vão se criando no clube e eles vão tendo representatividade.” (E, 2018, s/p). Por isso, ele considera que o cuidado editorial precisa ser extremo para que os jornalistas da *Zero Hora* não se tornem ainda mais suscetíveis aos julgamentos de parcialidade. Os jornalistas A e F também citam, mesmo que indiretamente, a ferocidade dos torcedores gremistas. “Tem gente que diz que eu recebo pra falar bem do Inter.” (A, 2018, s/p).

O cara tá vivendo o melhor momento possível do Grêmio, mas ele fica bravo com a gente porque a gente fez uma matéria que na visão dele é boa pro Inter: “ah mas como é que vocês fazem uma matéria boa do Inter...”. Entendeu? O cara não tá vendo o momento bom. [...] A gente passa por uma onda de raiva contra nós inacreditável. [...] Por qualquer coisa suspeitam de que a gente tá a

serviço de alguma coisa, tá a serviço de alguém, tá a serviço de um clube, tá motivado por alguma coisa. [...] O cara vai na rede social e nos ofende vinte gerações. (F, 2018, s/p.).

O jornalista A utiliza a audiência das matérias como argumento para comprovar a militância da torcida gremista no meio digital. “Quando é uma matéria que tira sarro do Inter, do rebaixamento do Inter, que é uma matéria que a torcida do Grêmio fique feliz, a audiência explode.” (A, 2018, s/p). Com muita sutileza, ele concluiu: “acho que a audiência nos mostra um pouco isso, de que a torcida do Grêmio gosta de espezinhar um pouquinho o torcedor colorado” (A, 2018, s/p).

Contudo, os jornalistas da *ZH Esporte* – ainda que tenham declarado suas preferências clubísticas nesta pesquisa – preferem não se revelar diante do público, deixando as teorias conspiratórias a cargo dos torcedores mais passionais. Mesmo porque todos os repórteres foram unânimes em afirmar que a relação entre o torcedor e o seu time do coração se altera radicalmente quando este torcedor coloca-se na posição de jornalista. O jornalista B (2018), por exemplo, relata que sua relação com o clube colorado é quase inexistente hoje e, por ironia, ela começou a mudar justamente quando ele trabalhou na assessoria de imprensa do Inter.

Hoje eu trabalho com essa coisa de análise tática. Eu gosto de uma corrente de trabalho, de uma maneira de alguns técnicos trabalharem. O Roger Machado, que foi técnico do Grêmio, é um profissional que segue essa linha de trabalho que eu simpatizo. Eu torcia muito pro Grêmio naquela época, pra que ele tivesse sucesso, pela linha de trabalho que ele segue. Isso não quer dizer que eu vá torcer contra em outro momento. Essa torcida não é na mesma intensidade da minha época de torcedor de arquibancada. (B, 2018, s/p).

O jornalista E (2018, s/p) também avalia que a relação com o time passa a ser estritamente profissional: “tu quer saber de pagar tuas contas no final do mês, fazer o teu material, ficar satisfeito com o que tu produz, ascender na profissão, né? [...] Se é no Grêmio, se é no Inter, não interessa.”. Por outro lado, ele pondera que, mesmo quando está fora do ambiente corporativo, se ressentido de não poder frequentar as arquibancadas, sobretudo porque essa é uma grande paixão de seu filho

pequeno. “Eu não posso levar ele no jogo. Isso é uma coisa que me dói, entende?” (E, 2018, s/p).

Eu tenho muita vontade de poder ir no jogo, tomar uma cerveja, ir com os amigos. [...] Uma coisa normal, mas aqui não dá. Eu sei que no futuro eu vou ter problemas porque meu filho gosta muito de futebol, mas ele vai ter que entender que comigo ele não vai poder ir. [...] São embaraços que eu não precisava passar, né? Mas é fruto da paixão das pessoas. É muito forte. (E, 2018, s/p).

O jornalista F, por sua vez, ainda que faça a justa separação entre trabalho e lazer, não se eximiu de frequentar as arquibancadas, embora relate que ultimamente não tem frequentado tanto porque costuma estar a serviço. “Eu adoro muito estádios. Eu sinto falta de ir como torcedor, sem ir pra trabalhar, ir sem me preocupar em analisar o jogo.” (F, 2018, s/p). O jornalista E, ainda que tenha preferido se distanciar dos estádios por questão de segurança, acredita que, mesmo no papel de jornalista, seria possível fazer um bom trabalho das arquibancadas:

Eu acho que o jornalismo esportivo falha muito nisso, de o repórter não se colocar no lugar do público consumidor. Tipo... que matéria legal tu poder ir num jogo e sentar lá na arquibancada e ver: oh a pipoca é cara, o acesso é ruim, chove e alaga tudo. Eu acho que todos ganhariam. Todos ganhariam. Só que tu não pode dizer isso, senão... “ah tu foi no jogo do Inter, tu foi no jogo do Grêmio”. Eu acho que perde o jornalista esportivo nisso de prestar um serviço, de melhorar as coisas. (E, 2018, s/p).

O jornalista D (2018, s/p) é mais categórico quanto a essa questão: “hoje, se eu paro de trabalhar com esporte aqui eu não sei se eu voltaria a frequentar estádio ou se eu ficaria só na TV. Eu não sinto nenhuma vontade assim fora do trabalho, de torcer.”. Tanto E quanto F não demonstraram qualquer sinal de ressentimento por terem coberto o pior momento da história do Inter: “eu não tenho problema nenhum em escrever sobre o rebaixamento do Inter, por exemplo, eu escrevi e a minha vida continua normal” (F, 2018, s/p).

Eu tava pela história lá. Eu fui a Duque de Caxias pela história, em momento algum me comoveu, o cair, enfim. Realmente, sendo bem sincero, eu não tive emoção alguma, eu já viajei sabendo que ia ser rebaixado. Eu tava preocupado só realmente com que tipo de texto que eu ia fazer. [...] Eu, como tinha certeza de que ia ser rebaixado, já fui com o espírito totalmente desarmado. Só realmente focado no que eu precisava fazer pro meu trabalho. (D, 2018, s/p).

Há vinte anos no jornalismo esportivo e há 14 na *ZH Esporte*, o jornalista D não soube dizer se foi mais desafiador cobrir o rebaixamento do Inter do que o título do clube no Mundial de 2006, mas deu pistas de que sim, apontando que ele prefere trabalhar na cobertura da crise do que no “oba-oba”. Ele acredita que o texto jornalístico ganha mais qualidade quando a pauta permite explorar outros âmbitos do jornalismo esportivo. “Porque na vitória é barbada, meio óbvio assim, sempre, né?” (D, 2018, s/p). A partir dessa perspectiva, e lembrando-se também de quando cobriu o Grêmio pelo jornal *Correio do Povo*, o depoimento do repórter valida aquelas três faces do trato clubístico das matérias evidenciadas na leitura do *corpus* noticioso: adjetivação, dramatização e aprofundamento.

Acho que trabalhar com o Grêmio era mais fácil, assim. Aí eu não sei se na época era porque, enfim, eu era mais novo também, não tinha aquela coisa da paixão, era mais trabalho mesmo. Mas o Inter... cobrir Inter na crise eu acho que a gente pega mais pesado do que pegaria com o Grêmio numa crise, por exemplo. Talvez por torcer pro clube também. Se não abertamente, mas de alguma forma eu acho que a gente pega mais pesado nesse ponto. E vice-versa, acho que também é a mesma coisa com os guris que cobrem o Grêmio. [...] O Fernando Carvalho foi presidente do Inter e ele me dizia, brincava assim: “pô, quando a gente perde meu problema não é com os gremistas, meu problema é com os repórteres colorados que vêm aqui encher de pau!”. Tu já vai com aquele fúria de rede social às vezes, né? (D, 2018, s/p).

Em dissertação intitulada *A paixão clubística no Rio Grande do Sul*, Fontoura (2014), ao entrevistar os colunistas da *Zero Hora* e do *Correio do Povo*, traz uma impressão que, de certa forma, se assemelha às percepções desta pesquisa. A diferença é que, no ponto de vista de Fontoura (2014), a paixão clubística não necessariamente intervém na construção do material jornalístico. Já, no caso deste trabalho, pode-se dizer que a paixão clubística não só intervém, como também molda a pauta e estrutura a narrativa, ainda que de forma muito cautelosa e, nem por isso, menos credível.

Assumir diante do gravador uma resposta imprecisa revela, na conclusão deste pesquisador, que o assunto paixão clubística interfere sim no exercício do pensar a coluna. Não necessariamente no escrever. Foi nítido nas entrelinhas da conversa, uma preocupação em não revelar-se. E o subterfúgio foi o de oferecer uma resposta falsa ou sair-se com uma postura mais clássica diante de um tema delicado. [...] Concluindo, a paixão clubística é sim um traço da identidade local no estado, mas não a ponto de comprometer a credibilidade da imprensa no Rio Grande do Sul. (FONTOURA, 2014, p. 120).

Finalizadas as correlações discursivas desta análise, retoma-se o que foi inferido no tocante à questão dos setoristas do caderno sobre cobrir o próprio time. Apesar de os repórteres terem considerado tal fato uma mera coincidência, é provável que, na *ZH Esportes*, isso seja uma tendência editorial. O repórter Ticiano Osório (2018) – que, vale lembrar, foi o único entrevistado a declarar espontaneamente o time – sugere essa probabilidade quando reflete se voltaria a trabalhar no caderno de esportes: “claro que daí, eu sendo gremista não vão me botar pra ser setorista do Inter, entende?” (OSÓRIO, 2018, s/p). Contudo, ele complementa o raciocínio, alegando que não vê problema nisso, afinal, “se tu tenta ser coerente, se tu argumenta as coisas, os adversários vão te respeitar” (OSÓRIO, 2018, s/p).

Também é importante ressaltar que essa percepção quanto aos setoristas, por si só, é indiferente para medir a qualidade do trabalho jornalístico em si – e nem é este o propósito desta dissertação. Acredita-se que, ainda que a bagagem cultural do jornalista possa pender sobre a matéria, fazer um bom trabalho tem mais a ver com o respeito aos fundamentos da profissão do que com a tentativa vã de se abdicar da

subjetividade intrínseca ao ser humano. Em termos mais conclusivos, essa relação culmina no princípio-base que sintetiza todos os demais fundamentos jornalísticos: a ética. E isso independe de profissão ou editoria. Conforme afirmaram Barbeiro e Rangel (2006, p. 113), “a ética no jornalismo esportivo tem a mesma importância do que qualquer outra área. [...] Ela baliza os parâmetros do que é virtuoso, justo, digno, honesto, solidário, enfim, um conjunto de valores que buscam melhorar a sociedade humana.”.



## CONCLUSÃO

Por mais que se garimpe o passado, não se encontrará semana como esta que está começando. A história não registra dias que misturem tantos e tão opostos sentimentos. O futebol gaúcho já viveu momentos em que a glória de Grêmio ou Inter se antecipava roubando a cena e desequilibrando, irremediavelmente, a gangorra do nosso futebol. Esta semana, contudo, antecipa a alegria gremista pela proximidade de um grande título buscado há mais de 15 anos enquanto reserva para os colorados as angústias da iminente queda, jamais ocorrida na história do clube. Na quarta-feira, o Grêmio estará diante da possibilidade de celebrar o título de campeão da Copa do Brasil. Em seguida, no domingo, o Inter amargará o dia em que, tudo indica, desabará para a Segunda Divisão. Como nunca, as festas de fim de ano reservam alegrias incontáveis para a nação gremista e o sofrido jamais sentido pelo universo colorado. Tudo isso acontecendo no breve limite de sete dias. Os dias correrão inexoráveis e pouco ou nada resta para ser feito pelos protagonistas da história. O Grêmio só terá que digerir com cuidado a vantagem que conquistou em Belo Horizonte, enquanto ao Inter não restará nem a possibilidade de buscar a salvação pelas suas próprias forças. Que semana está começando. (CARLET, 2016).

A coluna de Wianey Carlet<sup>43</sup>, publicada na *ZH Esporte* no dia 5 de dezembro de 2016, prenuncia um momento histórico no futebol gaúcho, que inspirou a temática desta dissertação: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter. Não que gremistas e colorados demonstrassem espanto perante suas posições dicotômicas naquele final de ano – o auge de um e a queda do outro –, pois há mais de um século eles estão acostumados a se alternar, religiosamente, entre o apogeu e a decadência. De ponta a ponta, resta o vazio inóspito não só aos clubes

---

<sup>43</sup> O jornalista João Wianey Carlet se consagrou como comentarista da *Rádio Gaúcha*, integrando o programa *Sala de Redação* ao lado dos também consagrados Paulo Sant’Ana e Lauro Quadros. Falecera em setembro de 2017, pouco depois de deixar o grupo *RBS* e estreiar na *Rádio Bandeirantes*.

de futebol do estado, mas aos habitantes sul-rio-grandenses, que também preferem se posicionar de um lado ou do outro da linha, jamais em cima do muro.

Ao longo deste estudo, buscou-se identificar como esse contexto tão característico na história dos dois rivais seculares, ocorrido neste “breve limite de sete dias” – como bem reforçou Carlet – foi trabalhado pelo jornal *Zero Hora*, cujo caderno de maior audiência é justamente o de esporte, considerado “uma usina de produção de conteúdo de Grêmio e Inter”, conforme evidenciado na pesquisa. Para tanto, foi feito um percurso pelos aspectos históricos e teóricos da imprensa esportiva no Brasil, passando pelas particularidades dessa editoria específica e se afunilando até chegar ao objeto empírico de interesse: as páginas da *ZH Esporte* e os depoimentos dos repórteres envolvidos naquela cobertura atípica. Nesta conclusão, a intenção é arrematar o que foi discutido a partir da problemática central do estudo e dos resultados aqui evidenciados, trazendo algumas reflexões que ultrapassaram as páginas anteriores, e, despreziosamente, sugerindo novos ângulos de abordagem.

Aproveito para reiterar a inserção desta pesquisa no escopo dos estudos desenvolvidos pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mais precisamente na linha de pesquisa Jornalismo, Cultura e Sociedade, vertente que engloba estudos teóricos e empíricos do jornalismo como um fenômeno da modernidade, investigando suas manifestações enquanto processo histórico, político e econômico, prática social, exercício ético, estético, mediação cultural, discurso e conhecimento.

Para que se compreendessem os pressupostos desta pesquisa, foi preciso compreender, antes, a dimensão da rivalidade GreNal, atrelada à origem dos clubes e à história peculiar do Rio Grande do Sul. História esta que, ao final deste estudo, pôde ser considerada um combustível para incitar batalhas também nos campos de futebol.

A esse respeito, vale uma digressão: jogo em que os noventa minutos são como o enredo de peça teatral, em que há drama, alegria, risos, choros, frustrações, superações, muita emoção. Em que o gol é extasiante, a vitória é catártica, a vida parece retratada nos seus limites. Em que o uso dos pés e da ginga do corpo exige habilidade e os mais variados tipos de inteligência e equilíbrio. O futebol. Muito mais que um esporte. É envolvente, supera a razão. Provoca paixão e pertencimento.

Por isso, é tão popular no mundo inteiro. E incita a tantas rivalidades. (GERCHMANN, 2015, p. 107).

No estado em que tudo é levado a ferro e fogo, o futebol é só mais um desses atos de vida ou morte, como se pôde perceber, sobretudo, a partir das entrevistas em profundidade. Nesse enredo de dramas extremos, o jornalista – e aqui não só o esportivo – também precisa se posicionar: ou põe mais lenha na fogueira e reacende os estereótipos ou retoma o Código de Ética da profissão e realiza seu trabalho tal qual ele se fundamenta. Para o jornalista que cobre futebol, isso pode soar desafiador. Para o jornalista que cobre o irracional futebol de Porto Alegre, isso sugere quase uma impossibilidade. Afinal, como racionalizar no papel tamanha rivalidade clubística e se esquecer de que um dia já esteve nas arquibancadas, sobretudo nesse momento tão peculiar na história de azuis e vermelhos e diante de um público tão fiel à editoria esportiva? Kovach e Rosenstiel (2004), no encerramento do livro *Os elementos do jornalismo*, sugerem o caminho quando afirmam que os jornalistas, além de estarem conscientes de sua responsabilidade social, devem fomentar a cultura da honestidade pela redação.

Como não existem no jornalismo leis, regulamentos, nem licenças e muito menos um autopolicimento não formal, e já que o jornalismo por sua natureza pode cair no aspecto escandaloso, pesada é a carga em cima da ética e do julgamento do jornalista e da organização onde ele ou ela trabalham. Esse seria um desafio difícil em qualquer outra profissão. Mas no jornalismo existe ainda outro obstáculo: a tensão entre o papel de serviço público do jornalista – aspecto que justifica seu espírito invasivo – e a função comercial que financia o trabalho. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 273).

Desvestir a camisa nem sempre é das tarefas mais fáceis, mesmo para aquela parcela de gaúchos que tanto se orgulha de um dia terem enfrentado desafios maiores sem nunca perder o brio, a honra ou a altivez. No entanto, viu-se que é possível fazer jornalismo esportivo de qualidade sem abdicar do time do coração, como foi evidenciado tanto nos capítulos teóricos desta pesquisa, quanto nos depoimentos dos jornalistas entrevistados para a análise empírica. Os estereótipos e

preconceitos, estes sim devem ser deixados de lado. Ainda que tais aspectos não tenham sido evidenciados no trato noticioso da *Zero Hora*, o discurso de estado periférico e marginalizado ainda sustenta boa parte das publicações outras que tratam do futebol gaúcho. Quando perguntei aos repórteres suas impressões sobre a cobertura nacional de Grêmio e Inter, todas as respostas tenderam a essa conclusão.

O jornalista A sinalizou que os times gaúchos só ganham destaque na mídia nacional ou quando estão muito em baixa ou quando estão muito em alta. Novamente, o extremismo vem à tona. Além do bom momento tricolor, o repórter atribui a atual visibilidade midiática do Grêmio, também, à figura do técnico Renato Portaluppi, já que ele é muito bem visto pela imprensa carioca. O jornalista C lembra que a alcunha de Renato “Gaúcho”, inclusive, vem de fora: “nós chamamos de Renato Portaluppi aqui”. Tanto os jornalistas C e B quanto Ticiano Osório apontaram o contraste midiático entre a leitura que se faz do futebol gaúcho – barro, força, carrinho – e ao toque de bola que, hoje, coloca o Grêmio entre os melhores times da atualidade. E isso se estende, também, para as laterais de campo, onde, a despeito das diferenças táticas dos técnicos mais consagrados do estado, a mídia institucionalizou em uma mesma embalagem a “escola gaúcha de futebol”.

Quanto à rivalidade e ao nível de tensão típicos do clássico GreNal, os repórteres foram unânimes em colocá-lo no topo do ranking dos maiores confrontos brasileiros, ainda que B tenha ponderado que, sim – é a maior rivalidade –, mas se isso necessariamente significa ser o maior clássico, ele não soube dizer. Eis uma boa reflexão. Os repórteres ainda apontaram o duelo Atlético-MG x Cruzeiro como o único confronto à altura, ou quase. A título de curiosidade, relembro minha monografia de conclusão de curso que tratou de uma problemática semelhante à desta pesquisa, porém, relacionada à cobertura do clássico mineiro. Se na *Zera Hora* ficou evidente que o número de páginas de Grêmio e Inter depende sempre do momento dos times e nunca das preferências clubísticas dos jornalistas, no *Estado de Minas* o trabalho apontou que, à época, o fato de a Direção do veículo ser atleticana – ainda que a Edição do caderno de esportes fosse cruzeirense –, era critério considerável para que o alvinegro ocupasse os espaços mais nobres do jornal.

Sobre o nível de tensão que paira em campo em dia de Grêmio x Inter e faz jus ao tom dramático das coberturas, o jornalista F complementou que o peso bélico da camisa afeta, inclusive, os jogadores. Nervosos, eles não conseguiriam jogar naturalmente: “se tu

tirar a camisa e botar a de um clube do interior, bota a do Avenida, os caras fazem 9 x 0 de tanta diferença” (F, 2018, s/p). Que o jornalismo esportivo contribui para reforçar o clima de guerra do GreNal, decerto que sim. Mas até que ponto isso se deve somente à imprensa é uma reflexão que pode se desdobrar em abordagens futuras. O depoimento do repórter especial Ticiano Osório (2018, s/p) problematiza esse embate: “a imprensa tem culpa, mas aí é um jogo duplo, assim. Porque o torcedor precisa de herói, a imprensa precisa de herói. O torcedor precisa de vilão e a imprensa entrega o vilão.”.

Fato é que, independentemente do tom da cobertura, ficou claro que, em Porto Alegre, o domingo de GreNal configura outra atmosfera, “as pessoas de manhã já estão fardadas”, como assinalou o jornalista E. Percebeu-se que, quando se trata de Grêmio e Inter, o fator clássico tem força o suficiente para mudar a casa, virar a mesa. O clube pode estar em uma péssima fase, mas, se ganhar um GreNal, “o vencedor passa a viver em calma e o derrotado, em crise” (COIMBRA *et al.*, 2009, p. 233). Outro aspecto determinante no futebol do Rio Grande do Sul é a questão dos estádios. E, nessa perspectiva, uma particularidade da dupla gaúcha se sobressai em comparação aos demais grandes clássicos brasileiros: ambos jogam em casa, sem pagar aluguel.

Neste aspecto, tanto o Grêmio quanto o Inter se representam como beneficiários do “fator local”, inclusive quando jogam entre si. Ao contrário do Pacaembu, Mineirão e Maracanã e até mesmo do Morumbi, considerados “neutros”, até mesmo para equipes visitantes, Olímpico e Beira-Rio são parciais, pertencem e, como tal, são fator de desequilíbrio favorável a gremistas e colorados, respectivamente. (DAMO, 1998, p. 120).

O pertencimento clubístico da dupla em relação aos seus respectivos estádios, inclusive, pôde ser vista neste trabalho como mais um traço da grenalização. Não raro, a nova Arena e o Beira-Rio funcionam como representações simbólicas de um embate que, embora se paute por aspectos exteriores ao jogo em si, tem raízes meramente clubísticas. É o caso, por exemplo, dos fatores político-econômicos que por duas vezes fizeram da casa do Inter palco para a Copa do Mundo em detrimento da casa do Grêmio: em 1950, no antigo Estádio dos Eucaliptos e, recentemente, em 2014, quando o Gigante ganhou a preferência da Arena para ser uma das sedes do Mundial. E, sim, isso

também é motivo de anedotas constantes entre as duas torcidas. O jornalista E relembra que até mesmo o espaço da torcida mista que, convém salientar, é uma iniciativa inédita no Brasil, foi grenalizado. Quando apontei essa proposta como um “respiro” na rivalidade, ele foi contundente:

É, mas sabe que ela começou muito bem e agora já tá caindo. Já não é a mesma procura, tem ficado lugares vagos. E aí esse ano as direções meio que lançaram o verde: “ah vamos acabar com a torcida mista”. Só que é uma informação sem dono, entendeu? Surgiu a informação e aí o Ministério Público se arvorou e disse que não, que esse é um caminho sem volta, que eles querem aumentar. E os dirigentes: “ah não, a gente bota 2.000 lugares na torcida mista e não lota, vai 1.200 pessoas, quem sabe a gente transforma tudo isso em torcida adversária...”. Os dirigentes já querem botar mais do seu. (E, 2018, s/p).

Além dos estádios, outro emblema característico da rivalidade GreNal discutido ao longo desta pesquisa é o embate racial que permeia o histórico dos clubes desde a fundação. No âmbito teórico, os autores aqui referenciados se concentraram em amenizar a pecha de racista do Grêmio em relação ao trunfo de clube do povo que até hoje permeia o discurso dos torcedores colorados, ainda que, nesse aspecto, as “sequelas sociais da escravidão” tenham sido implacáveis em praticamente todos os grandes clubes brasileiros, resguardada a nobre exceção do Vasco da Gama. No âmbito empírico, a questão racial foi assunto no depoimento dos jornalistas E e D. O jornalista E apontou que, em vez de se preocuparem com a problemática do racismo, os torcedores transformam a questão em uma disputa GreNal, contabilizando em placar os casos que, não raro, acontecem nas duas torcidas – a exemplo do episódio do goleiro Aranha que, em 2014, teria sido chamado de macaco pela torcida do Grêmio, e do lateral-esquerdo Fabrício que, no ano seguinte, também sofrera suposta injúria racial vinda das arquibancadas do Inter. O jornalista D se lembrou de um caso polêmico de 2009, quando a delegação do Grêmio ficou presa no estádio Mineirão após o atacante argentino Maxi López ser acusado de racista pelo volante negro Elicarlos, do Cruzeiro, em jogo válido pela Libertadores daquele ano.

O gremista Léo Gerchmann, o autor de *Somos azuis, pretos e brancos* (2015), citou no referido livro uma afirmação do colega colorado Cláudio Dienstmann que, em uma linha, insinua as fortes raízes do preconceito racial no Brasil: “Grêmio e Inter já tiveram cerca de cem presidentes. Nenhum negro.” (GERCHMANN, 2015, p. 93). Contudo, é importante destacar que a triste realidade da discriminação – seja ela de cor, raça, etnia, gênero, religião etc. – não é restrita aos gramados grenais – sequer é restrita aos gramados – tendo fortes lastros em vários setores pelo mundo: “triste que isso ocorra em estádios de futebol e também nas ruas, em centros comerciais, salas de aula, ambientes de trabalho. Em qualquer lugar.” (GERCHMANN, 2015, p. 121).

Na Europa, clubes como o holandês Ajax, de forte influência judaica, não raro são saudados pelos torcedores adversários com frases antisemitas. O mesmo ocorre com o Bayern, de Munique (que teve dirigentes judeus como vítimas do nazismo, nos anos 30 e 40), e com o Tottenham (clube criado em meio a um bairro judeu ortodoxo de Londres e com intensa identidade judaica em sua história). (GERCHMANN, 2015, p. 122).

Retomadas as questões teóricas discutidas nesta pesquisa, evidenciam-se, aqui, em síntese, outras reflexões sobre as práticas do jornalismo esportivo que surgiram ao longo da análise empírica. O mote do preconceito reaparece em alguns momentos da entrevista com o jornalista A, desta vez no tocante à questão das mulheres no jornalismo esportivo. Única mulher dentre os seis setoristas do caderno, ela afirma que nunca sofreu qualquer tipo de discriminação vinda da *ZH Esporte*, embora reconheça a importância do seu lugar de fala e, por isso, se posiciona cotidianamente contra práticas machistas onde quer que seja: no estádio, na rua, no trabalho. Vale pontuar, inclusive, o que ela me disse ao final da entrevista: “legal ver mulheres nesse ambiente, porque nós somos poucas, e é bom ver que a gente não tá sozinha” (A, 2018, s/p). Quanto a outro tipo de preconceito, o que subestima o jornalismo esportivo como editoria de menor peso se comparado aos cadernos de assuntos considerados mais nobres, o jornalista D e Ticiano Osório trouxeram reflexões valiosas:

O esporte sempre foi a grande porta de entrada do início da leitura das pessoas. Quando tu é criança

tu vai te interessar por futebol. Não vai te interessar por política mundial ou caderno de saúde. Então eu acho que a importância da editoria de esportes é isso: é por onde a leitura começa. (D, 2018, s/p).

Em Copa do Mundo isso é muito claro, tem todo um lance de geopolítica e de contextos históricos envolvidos em várias partidas, que podem ser explorados. E não é frustração, sabe? Não se pode ignorar que um Estados Unidos x Irã é mais do que um jogo de futebol entre duas seleções que jogaram, né? (OSÓRIO, 2018, s/p).

Outro ponto interessante é a temática da monocultura do futebol, que veio à tona no depoimento do jornalista B. Ex-atleta de esgrima, ele considera os Jogos Olímpicos como o maior evento esportivo mundial, “muito acima da Copa do Mundo”, inclusive. “A minha satisfação produzindo conteúdo de esporte olímpico é tão grande ou maior do que produzindo conteúdo sobre futebol.” (B, 2018, s/p). Ainda assim, ele confirma que, de fato, a audiência é menor. O jornalista F também relacionou as questões mercadológicas ao planejamento editorial da *Zera Hora*, salientando que o leitor da *ZH* não está preocupado com as outras modalidades esportivas, nem mesmo com o contexto político-econômico de Grêmio ou Inter. Ele credita a quase ausência de matérias mais politizadas no âmbito esportivo a dois motivos. “Um: é muito difícil fazer uma matéria dessas tendo a rotina que a gente tem. Dois: quase ninguém lê.” (F, 2018, s/p).

Por outro lado, conforme evidenciado nos resultados da pesquisa, a conjuntura extracampo do Internacional angulou a maioria das pautas coloradas naquela semana característica. Talvez porque, como justificaram os repórteres, naquele momento os torcedores do Inter já não estavam mais tão interessados em acusar a imprensa de “plantar crise” no time, e, sim, em enxergar os reais motivos administrativos que culminaram na queda para a segunda divisão. Não há dúvidas de que esse tipo de abordagem – tanto no tocante a outras modalidades quanto ao aprofundamento das questões extracampo – merece mais destaque nas editorias esportivas como um todo, ainda que se pesem as questões mercadológicas. Nesse aspecto, surge uma nova proposta de pesquisa apontada pelo próprio jornalista B (2018, s/p): “é a questão do ovo e da galinha, né: a gente dá muito destaque porque o público é maior, ou o público é maior porque a gente dá muito destaque?”.

Entretanto, na *Zero Hora*, qualquer que seja a angulação da pauta, alguma dose de dramatismo tende a se evidenciar. Decerto, é justificável que as matérias do período analisado carregassem um teor emotivo maior, afinal, tratava-se de momentos ápicos da cobertura. Mesmo assim, os repórteres consideram que, independentemente do momento dos clubes, o tom dramático das narrativas se faz presente porque tem a ver com as questões culturais do Rio Grande do Sul e de seus habitantes que, conforme já apontado, tendem a levantar a bandeira no oito ou no oitenta. Ticiano Osório (2018, s/p), porém, pondera que é preciso evitar o exagero.

Isso é uma coisa que sempre me irritou na imprensa esportiva, a questão da terra arrasada. Não só a questão da terra arrasada, mas a montanha-russa, isso me enlouquece no jornalismo esportivo em geral. O time ganha duas partidas: ele é o melhor time do mundo. Aí na seguinte ele empatou, na outra ele perdeu: tá em crise. Como assim? Isso sim é um *mea-culpa* que a imprensa esportiva, como um todo, tinha que fazer. Porque a imprensa colabora pra um clima de instabilidade que afeta os clubes.(OSÓRIO, 2018, s/p).

Para o jornalista F (2018, s/p), o papel da imprensa nesse contexto é equilibrar o trato das notícias, prevenindo a exaltação da torcida: “eu acho que a gente tem um papel muito importante de ponderação, de evitar deixar a situação muito extremada, muito raivosa, muito ponta de faca”. Sugerindo um contraponto, o jornalista B (2018, s/p) afirma que o leitor da *ZH* já espera que as matérias tenham uma carga mais emotiva, porque “ele não tá sentindo aquele gol do Fernandinho lá contra o Lanús na final da Libertadores como mais um gol, aquilo é o gol do título da Libertadores. O gol do Gabiru contra o Barcelona é o gol do título Mundial do Inter.”.

Realmente, no caderno esportivo da *Zero Hora*, a emoção tem lugar cativo tanto para o público quanto para os jornalistas envolvidos na cobertura. O próprio Ticiano Osório – e sua matéria com trechos em primeira pessoa – são prova disso. Intrigada quanto àquela abordagem, o questionei com a seguinte retórica: “mas não é qualquer repórter que pode usar a primeira pessoa, né?”. Taxativo, ele respondeu: “não, não é.”. O jornalista E (2018, s/p), que, além de repórter especial, é também colunista, explicou a condição do colega: “é porque, como ele não é do

esporte, se sente livre pra fazer isso e tal. Mas a gurizada da linha de frente ali não pode.”. Nesse aspecto, cabe salientar que as matérias mais adjetivadas do *corpus* de análise foram justamente aquelas assinadas pelos repórteres especiais Ticiano Osório e jornalista E. Talvez isso se justifique com base no fato de o primeiro não ser integrante fixo da editoria e o segundo atuar, também, como colunista, gênero que por si só tende a ser mais subjetivo.

A “gurizada da linha de frente”, por sua vez, demonstrou certa inquietação – uns mais, outros menos – quando perguntados para que time torcem. Contudo, a partir dos depoimentos transcritos nesta pesquisa, conclui-se que a preocupação dos repórteres em não se revelarem publicamente nesse quesito tem muito mais a ver com questões de segurança do que com padrões jornalísticos. Mesmo porque, conforme evidenciado no capítulo empírico, torcer para Grêmio ou Inter hora alguma comprometeu o teor informativo das matérias analisadas. Ilustrando o que apontaram Kovach e Rosenstiel (2004) no tocante à verdade como obrigação maior do jornalismo, pontuo o depoimento do jornalista F (2018, s/p) quando questionado sobre o planejamento editorial da *Zero Hora*:

A gente tem que ficar dentro da realidade. Se o Inter foi rebaixado pra segunda divisão não adianta eu fazer uma matéria: “Oh como tá bonito o estádio Beira-Rio pintado”. A gente tem que se ater à realidade. Se o Grêmio é campeão não vamos fazer uma matéria de: “O Grêmio tá devendo xis”.(F, 2018, s/p).

Ainda quanto ao planejamento das pautas, o jornalista C caracterizou a linha editorial da *ZH* como “muito tranquila”, mas respeitando-se, é claro, os fundamentos do jornalismo. “A gente tem a liberdade de fazer qualquer tipo de matéria desde que justificada naqueles parâmetros jornalísticos: se tiver relevância, tiver interesse público, enfim...” (C, 2018, s/p). Mesmo assim, com humildade, ele assume o risco de erro: “volta e meia a gente também escorrega, ninguém é perfeito, te garanto isso: nós não vamos acertar sempre” (C, 2018, s/p). Na perspectiva de Kovach e Rosenstiel (2004), esses escorregões podem ser consideravelmente reduzidos se cada um dos jornalistas, da redação à diretoria, se guiarem por uma “bússola moral”, regida por um “sentido pessoal de ética e responsabilidade”.

Inúmeras barreiras dificultam a tarefa de produzir notícias exatas, justas, equilibradas, dirigidas ao cidadão, independentes e corajosas. O esforço, porém, começa mal quando não existe uma atmosfera que permita às pessoas desafiar as ideias em circulação, as percepções e os preconceitos. É preciso que os jornalistas se sintam livres, até mesmo encorajados, a falar alto e dizer: “Esta matéria me parece racista”, “Chefe, você está tomando a decisão errada”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 274).

Nesse aspecto, o jornalista C fez questão de elogiar o trabalho dos editores e diagramadores da *ZH Esporte*. Inclusive, a diagramação do conteúdo noticioso – ainda que esta não tenha sido uma categoria de análise – também chama atenção pelo cuidado editorial e estético. Quando perguntado se seria esta uma estratégia para deixar as páginas do jornal impresso mais atraentes visando ao público consumidor, C (2018, s/p) avaliou que não, apesar das aspas: “aqui o impresso sobrevive ‘tranquilamente’ porque a nossa base de assinantes é muito grande. Então o lucro médio dele é sempre estável, né? A gente sabe quanto ganha e sabe quanto custa. Então por enquanto é uma fórmula equilibrada.”. Inclusive, cabe ressaltar a iniciativa pioneira da *RBS*, no âmbito da *Zero Hora*, que, desde setembro de 2017, iniciou um processo de integração de suas plataformas: impresso, rádio e internet.

O site virou nosso ponto de convergência. Até o site mudou, não é mais *zerohora.com*, agora é *GaúchaZH*. Então o site é a grande aposta digital da empresa pra que a gente tenha assinantes digitais porque já que com publicidade não consegue se custear a operação, vamos tentar então com assinaturas que é um modelo que deu certo no papel. (C, 2018, s/p).

Outro aspecto que não foi critério de análise, mas trouxe reflexões à pesquisa, tem a ver com um embate em evidência no jornalismo esportivo nos dias de hoje, estendido ao campo acadêmico: informação *x* entretenimento. Para o jornalista C (2018, s/p), esse é o “grande tabu” do momento, “porque recentemente as linhas ficaram mais turvas e a gente não sabe bem o que é entretenimento”. O jornalista F, que, inclusive, participa do programa *Bola nas Costas*, da *Rádio*

*Atlântida* – uma mesa redonda onde prevalecem as brincadeiras –, não vê problema nesse trato, desde que o veículo deixe claro que está fazendo entretenimento e, não necessariamente, jornalismo. Ele levanta uma questão instigante a este respeito: “acho que se a gente tratar com um pouco mais de leveza, talvez o público também se comporte com um pouco mais de leveza” (F, 2018, s/p). O jornalista B (2018, s/p), por sua vez, refletiu sobre a tenuidade dessa linha:

Tem entretenimento que é de péssima qualidade. E tem jornalismo que é de péssima qualidade também. O pessoal fala assim: “ah o entretenimento vai matar o jornalismo”. O jornalismo de péssima qualidade também mata o jornalismo. Então a questão é a qualidade do entretenimento. Aí é que tá a chave: muitas vezes é um entretenimento de péssima qualidade travestido de jornalismo. Isso acontece muito e é muito ruim porque o público começa a confundir as coisas, acha que aquilo é jornalismo e não é. Acho que a gente tem gerações de possíveis futuros jornalistas que estão acreditando que aquilo ali é jornalismo e entram no jornalismo pensando em fazer aquilo, não entendem o que é reportagem de verdade, o que é jornalismo responsável. (B, 2018, s/p),

Ainda que o jornalista F tenha insinuado que a leveza na cobertura esportiva possa ser um ponto positivo no trato com os leitores, vale ponderar que, na visão desta pesquisadora, uma narrativa leve jamais poderá significar uma narrativa escrachada, onde o deboche e a zombaria assumam o posto principal. Nesse quesito, faço um paralelo com o posicionamento do jornalista C (2018, s/p) quanto à descontração na cobertura: “quando o momento tá bom, é tranquilo de tu fazer. Mas e quando o momento é ruim? Como é que tu brinca? Agora no momento do Inter, como é que tu vai brincar... ainda mais pra um torcedor que é tão apaixonado quanto o nosso aqui.” E conclui:

O nosso público não nos permite isso também. Uma brincadeira, totalmente inocente, pode provocar a fúria de milhões de pessoas que consomem o teu produto e por causa desses milhões de pessoas que consomem a gente tá viabilizando ele, entende? Nós não vamos deixar

de fazer uma matéria negativa, uma matéria de impactos, uma matéria que cause constrangimento ao torcedor colorado se ela for um fato jornalístico plenamente, mas brincadeira pela brincadeira não se sustenta. Com certeza não. (C, 2018, s/p).

O perfil do público leitor da *ZH Esportes* perpassou os depoimentos dos repórteres em muitos momentos durante as entrevistas, configurando-se como um tema em potencial para futuros estudos de recepção. É perceptível, com base nos depoimentos, que se trata de um público crítico, apaixonado e insaciável. A jornalista A (2018, s/p) mostra que a crítica é tão ferrenha que, muitas vezes, chega a ser desrespeitosa e irracional, destacando o machismo, o que já foi comentado nos tópicos anteriores: “eu recebo pelo menos cinco e-mails por dia me mandando lavar louça, me xingando, que eu não entendo nada de futebol, que eu não sou ninguém pra falar do Inter... Então tu lida com a paixão e é muito complicado.”.

Para fugir das críticas desconstrutivas, o jornalista E (2018, s/p), sobretudo quando no papel de colunista, adotou como prática não ler os comentários da versão digital do caderno: “o leitor entende a opinião, ele sabe que é uma opinião. Mas a forma como ele se manifesta é muito contundente, pra não dizer outra coisa.”. O jornalista C (2018, s/p) chama atenção para a avidez dos leitores pela editoria esportiva – ou, para ser exata – pela dupla GreNal: “as pessoas querem saber o máximo de Grêmio e Inter. O máximo, o máximo, o máximo. É uma produção sem fim. A gente não consegue nem atender a demanda diária praticamente.”.

A *Zero Hora* está sempre atenta a essa avidez de seu público e ao grau da rivalidade entre as duas torcidas. Isso fica claro quando o jornalista E comenta sobre os aplicativos criados para a audiência acompanhar ao máximo o dia a dia dos clubes. “E tu não tem o aplicativo FutebolZH, GaúchaZH, não! Tu tem o *Colorado GaúchaZH* e o *Gremista GaúchaZH*. E lá dentro tem uma seção da secação: secando o rival. Ele quer saber do Grêmio, mas ele quer dar uma espiada no que o outro tá fazendo.” (E, 2018, s/p). Ticiano Osório (2018, s/p) toma de empréstimo uma palavra alemã para designar esse sentimento que paira entre gremistas e colorados desde a origem dos clubes, o *schadenfreude*, que, em bom português é “tu ficar feliz pela desgraça do outro”.

Nesse aspecto, os resultados da pesquisa apontaram para uma percepção dos jornalistas da *ZH Esporte* que é, no mínimo, curiosa, de que a torcida do Grêmio seria mais atuante na tônica da rivalidade, seja

para comemorar as derrotas do rival, seja para criticar o trabalho da imprensa. Quando os repórteres entrevistados citaram a IVI (Imprensa Vermelha Isenta) – expressão criada pela torcida tricolor para tirar sarro dos jornalistas supostamente colorados que cobrem o Grêmio –, correlacionei os times de cada setorista e percebi que, em nenhum aspecto, o princípio da IVI se sustenta. Primeiro porque na ZH os setoristas tendem a cobrir o time para o qual torcem – ainda que os repórteres considerem essa percepção uma mera coincidência. Segundo porque, como já apontado, o fato de torcerem para o time não intervém na matéria a ponto de comprometê-la quanto aos fundamentos jornalísticos, pelo menos não no *corpus* analisado. No caso, as intervenções clubísticas evidenciadas se relacionam mais ao estilo narrativo do texto e à angulação da pauta – adjetivação, dramatização e aprofundamento – do que aos fundamentos da profissão, de modo que, como se pôde observar na análise noticiosa, as matérias preservam boa parte daquilo a que Kovach e Rosentiel (2004) defendem como os nove elementos do jornalismo. A saber:

- 1) A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
- 2) Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
- 3) Sua essência é a disciplina da verificação.
- 4) Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem.
- 5) O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
- 6) O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público.
- 7) O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.
- 8) O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
- 9) Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 22-23).

Nota-se que os autores não colocam entre os elementos listados as noções de isenção, equilíbrio ou objetividade, já que, conforme discorrido no primeiro capítulo desta pesquisa, e sugerido por eles próprios, são noções envoltas “em mitos e distorções” e, por isso, “muito vagas para serem consideradas como elementos essenciais da

profissão” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 23). Quanto ao apontado no item 4 – “seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem” –, que parece ser o que mais se relaciona à problemática desta pesquisa, os autores atestam que manter-se independente não “exige uma postura neutra do profissional” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 23). Ou seja, nessa perspectiva, é plenamente justificável que as preferências clubísticas dos jornalistas intervenham no conteúdo noticioso, talvez até inconscientemente, mas desde que não comprometam a essência da profissão.

O próprio pesquisador também não é neutro. Por mais que ele precise se distanciar de seu objeto de pesquisa para que suas conclusões tenham validade científica, no momento em que define o referencial teórico e o *corpus* empírico, por exemplo, ele está fazendo escolhas que, até certo ponto, são subjetivas. Enquanto autora, percebo que em alguns momentos isso se evidencia nesta pesquisa, sobretudo na escolha do referencial teórico que trata de Grêmio e Inter. Ainda que, pela problemática do estudo, fosse a intenção dar o mesmo peso às duas equipes, noto que os autores que referenciam o Grêmio se sobressaem em alguns aspectos. Creio que isso se deu talvez por um ato involuntário ou talvez porque a literatura tricolor seja, de fato, mais farta do que a colorada. E, aqui, faço um paralelo com a percepção que os repórteres da *ZH* fizeram quanto à torcida do Grêmio ser mais incisiva, considerando a possibilidade de isso se refletir também na revisão da literatura, se comparada às obras coloradas.

Visando a sistematizar de forma mais inteligível os resultados desta dissertação, é pertinente retomar as evidências oriundas da análise do conteúdo noticioso e sua correlação com os depoimentos dos jornalistas entrevistados, resumindo o percurso deste trabalho e o cumprimento do objetivo de pesquisa aqui proposto. Em linhas gerais, foi possível concluir que o pertencimento clubístico de gremistas e colorados tem forte relação com os aspectos socioculturais do Rio Grande do Sul. E isso recai sobre o jornalismo esportivo ao se considerar que o imaginário do gaúcho típico e o discurso de estado periférico ainda sustentam boa parte das publicações (locais ou não) que tratam do futebol gaúcho.

Aproximando-se mais do objeto de estudo em questão, concluiu-se que, como já apontado, as preferências clubísticas dos repórteres intervêm nas matérias em três principais faces: adjetivação, dramatização e aprofundamento. Adjetiva-se mais quando se é torcedor do time em questão, sendo que tal adjetivação tende a culminar para a dramatização – traço este também relacionado a aspectos socioculturais

do estado. Quanto ao aprofundamento, pode-se dizer que os momentos de crise estimulam narrativas mais aprofundadas, envolvendo aspectos do contexto extracampo das equipes. No entanto, é imprescindível ponderar que essas avaliações derivam da análise de um *corpus* específico, delimitado a uma semana de cobertura, e que, portanto, não cabe generalizá-las. Por outro lado, a evidência de que, na *Zero Hora*, os repórteres setoristas tendem a cobrir o time para o qual torcem me parece uma perspectiva mais abrangente, o que poderia ser avaliado em pesquisas futuras.

Inclusive, no tocante aos depoimentos dos jornalistas entrevistados – especialmente quando assumem suas preferências clubísticas – é interessante salientar que a opção desses profissionais em omitir suas respectivas identidades nesta pesquisa configura-se como mais um indício do peso da rivalidade GreNal no estado. Preocupados não com os supostos julgamentos de parcialidade, mas, sim, em terem a integridade física ameaçada, seis dos sete jornalistas entrevistados preferiram preservar a identidade no decorrer deste trabalho – com exceção do jornalista Ticiano Osório, que atualmente responde pelo caderno *Sua Vida* e que, por sua vez, reforçou o interesse em ter seu nome aqui identificado. Vale salientar também que essa preocupação em omitir a identidade foi ainda mais latente entre os repórteres setoristas, o que pode ser justificado pelo fato de eles estarem mais presentes no dia a dia dos clubes e, conseqüentemente, mais na “mira” das críticas da audiência.

Quanto às contribuições desta dissertação, creio que debatare identificar as maneiras pelas quais o clubismo intervém na cobertura esportiva se fez importante para validar uma premissa que soa enraizada no senso comum. Afinal, não raro, leitores, ouvintes, telespectadores e internautas afirmam notar marcas do clubismo dos jornalistas nas narrações esportivas, nas manchetes de jornais e TVs, nos sites etc. Acredito também que esta dissertação amplia o escopo dos estudos científicos sobre o jornalismo esportivo, área de certa forma ainda incipiente no que tange à pesquisa acadêmica. Além disso, este trabalho carrega pretensamente a intenção de contribuir para o mercado profissional e, sobretudo, para os jornalistas em atuação na mídia esportiva, de modo que possam refletir sobre os aspectos às vezes nem tão sutis de suas notícias e comentários. Mais do que isso: que possam refletir também sobre o estigma de editoria subestimada que, por vezes, os próprios jornalistas da área se encarregam de enfatizar.

Faz-se necessário, ainda, um adendo quanto às prospecções que podem ser feitas a partir desta dissertação. É salutar dizer que a temática

do clubismo na(s) editoria(s) esportiva(s) não foi esgotada. Pelo contrário: o tema permite uma série de desdobramentos. Por exemplo: no âmbito das demais rivalidades clubísticas do futebol brasileiro, é possível refletir se existem outros conflitos com peso semelhante à rivalidade GreNal – ou, ainda, de que modo os discursos noticiosos e clubísticos variam conforme o veículo jornalístico em questão, considerando-se que esta pesquisa se ateve somente à *Zero Hora*. Outra abordagem interessante deriva-se dos traços socioculturais do Rio Grande do Sul evidenciados nesta pesquisa, que fazem refletir sobre a significação da dupla GreNal enquanto mais um símbolo identitário do estado, reforçando o viés de pertencimento tão cultuado pelos movimentos tradicionalistas gaúchos Brasil (e mundo) afora.

Retomando a tônica da rivalidade GreNal e já findando estas conclusões, vale destacar as previsões categóricas dos repórteres especiais Ticiano Osório (2018) e jornalista E sobre o futuro dos clubes: a “gangorra segue”. Em 2016, o Grêmio foi campeão da Copa do Brasil e o Inter caiu para a Série B do Brasileirão. Em 2017, o Grêmio foi campeão da Taça Libertadores e o Inter desperdiçou o caneco da Série B, que acabou ficando com o América Mineiro. Neste 2018, no momento em que se encerra esta pesquisa, o Grêmio segue na Libertadores e o Inter já foi eliminado da Copa do Brasil, tendo agora como grande disputa somente o Campeonato Brasileiro. Justificando as seguidas temporadas de domínio tricolor e fundamentando as previsões de que o Grêmio seguirá hegemônico, o jornalista E (2018, s/p) explica:

No futebol os clubes grandes têm um ciclo, né? O dirigente brasileiro não conseguiu ainda no meio de um ciclo vitorioso já começar um processo de renovação, de reformulação pra perdurar, pra ir preparando a transição. Então eles vão, esgotam e aí caem. O time começa a ganhar, o dirigente começa a ficar com soberba, já viram todos celebridades, e aí começa a briga política... pode perceber, todos são assim. E aí, enquanto isso, o outro tá se renovando, tá se reconstruindo. Aí quando esse que tá na frente cair, o outro já tá robusto. É um ciclo. Se for pensar bem o ciclo do Rio Grande do Sul foi esse. (E, 2018, s/p)

Quanto ao período de análise demarcado nesta pesquisa – o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter –, o jornalista E (2018, s/p) atesta: “esse momento que tu pegou, ele começou no GreNal do 5 x 0, em

2015, mas ali, nessa semana, foi meio que a passagem de bastão. O Grêmio finalizou uma era vitoriosa do Inter e começou uma era vitoriosa dele. Até quando eu não sei.”. Independentemente de quem ostenta o bastão, paira a certeza de que o futebol gaúcho seguirá bem representado, como o fora desde seus primórdios, dia após dia alimentado pela rivalidade GreNal.

Graças a essa atitude, o futebol gaúcho cresceu a ponto de ter sempre dois estádios fantásticos, ultrapassar fronteiras, conquistar títulos continentais e mundiais, contar com milhões de aficionados e ostentar dois dos principais clubes brasileiros. Veja bem: tudo isso na periferia do país, no extremo sul, colado na Argentina e no Uruguai, distante do centro decisório brasileiro. Uma região propícia aos desafios, às peleias e às rivalidades. E à glória! Muitas vezes, porém, uma região vista com desconfiança pelo resto do Brasil. (GERCHMANN, 2015, p. 90).

Nos limites do estado, contudo, pode-se dizer que muitas das desconfianças estão atreladas ao futebol, mais precisamente ao que realmente importa em um jogo: o nosso time do coração. E, por isso, a suspeita recai com tamanha contundência sobre as preferências clubísticas dos jornalistas esportivos. Ticiano Osório (2018), que hoje responde pelo caderno *Sua Vida* e não pretende retornar à *ZH Esporte*, reforça que gostaria que os repórteres esportivos pudessem assinar livremente suas respectivas matérias. Porém, com certo ar de conformismo, lamenta: “eu adoraria que não houvesse essa pressão e essa cobrança contra o fato de alguém que é setorista do Inter ser gremista, entende? Só que eu acho impossível no estado. Teria que, sei lá, zerar o Rio Grande do Sul pra que isso fosse aceitável.” (OSÓRIO, 2018, s/p). Ainda assim, acredito, começaria tudo outra vez.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cristina Cordeiro. “**Posso morrer pelo meu time**”: a construção social da rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional e a sua relação com as violências no futebol. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ANTUNES, Fátima. **Com brasileiro não há quem possa**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp, 2004.

AWAD, Elias. Um jogo, muitas pizzas. In: VILAS BOAS, Sergio (Org.). **Formação & Informação Esportiva**: Jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2005, p. 43-58.

AZEVEDO, Gilmar de. Na pele da imagem: o mito do gaúcho em *O tempo e o vento*. In: MELO, José Marques de; PERUZZO, Cicilia M. Krohling e KUNSCH, Waldemar Luiz. **Mídia, regionalismo e cultura**. São Bernardo do Campo: Umesp; Passo Fundo: Editora UPF, 2003. p. 299-320.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BENETTI, Marcia. **Análise de Discurso em Jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. Petrópolis: Vozes, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia, São Paulo, n. 15, p.13-28, 2008b.

BETING, Mauro. Pago para ver. In: VILAS BOAS, Sérgio (Org.). **Formação & Informação Esportiva**: Jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2005, p. 12-41.

BOCAGE, Sergio du. Na mesa-redonda. In: **Jornalismo Esportivo**: os craques da emoção. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. 116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11, p. 65-71, 2004.

BRAGA, Kenny. **Rolo Compressor**: memória de um time fabuloso. Porto Alegre: JA Editora, 2008.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. Chutando pra fora: Os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: **Contexto (online)**, S/D. Disponível em <<http://comtexto.com.br/criticom/textos/wilson-bueno/chutandofora.pdf>>. Último acesso: 10 nov. 2017.

CALAZANS, Fernando. O desafio diário de um colunista. In: **Jornalismo Esportivo**: os craques da emoção. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. 116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11, p. 47-53, 2004.

CALDAS, Waldenir. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo, Editora Ibrasa, 1990.

CAMPOS, Marcelo. **Almanaque do LUPI**. Porto Alegre: Editora da Cidade/ Letra & Vida, 2014.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A Crônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas**: futebol e nação na crônica esportiva brasileira no século XX. 2007. 361 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CARATTI, Jônatas Marques. O destino dos lanceiros negros após a guerra dos farrapos. **Correio do Povo (online)**, 20 set. 2014. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2014/-09/6421/o-destino-dos-lanceiros-negros-apos-a-guerra-dos-farrapos/>>. Último acesso: 25 mai. 2018.

CARDIA, Rodrigo Catto de. “**Jean Marie, o Brasil vai até o Chui**”: Futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da Folha Esportiva (1967-1972). 2009. 78 f. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CARLET, Wianey. Sem Barreira. In: **Zero Hora**, 5 dez. 2016.

CARVALHO, José Eduardo de. O discurso esportivo. In: VILAS BOAS, Sergio (Org.). **Formação & Informação Esportiva: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005, p. 59-75.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo. Contexto, 2003.

COIMBRA, David *et al.* **A História dos Grenais**. Porto Alegre: L&pm, 2009.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

COUTINHO, Edilberto. **Zelins, Flamengo até morrer**. Rio de Janeiro: s.e., 1995.

CUNHA, Marcelo Carneiro da. Os gaúchos segundo a oi. **Portal Sul 21 (online)**, 22 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/-colunas/2010/11/os-gauchos-segundo-a-oi>>. Último acesso: 25 mai. 2018.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais do que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ah! Eu Sou Gaúcho!** - O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 87-118, 1999.

\_\_\_\_\_. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; NOVELLI, Ana Lucia Romero (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-83.

ENGENHEIROS DO HAWAII. **Anoiteceu em Porto Alegre**. Álbum: O Papa é Pop, 1990.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em:<[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Último acesso em 16 abr. 2018.

FONSECA, Odair. Esporte e Crônica Esportiva. In: TAMBUCCI, Luiz Pascoal; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; COELHO, José Sobrinho. (Orgs.). **Esporte & Jornalismo**, São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FONTOURA, João Paulo. **A Paixão clubística no Rio Grande do Sul**: Um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de Zero Hora e Correio do Povo. Dissertação (Mestrado). 175 f. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2014.

FRANZONI Sabrina, RIBEIRO Daiane, LISBOA Sílvia. A verdade no jornalismo: relações entre prática e discurso. **Verso e Reverso**, vol. XXV, n. 58. Porto Alegre, UFRGS, janeiro-abril 2011.

GARCIA, Carlos. Cinco representações do gaúcho na literatura. **Culturíssima (online)**, 29 set. 2015. Disponível em:<<http://culturissima.com.br/colunistas/cinco-representacoes-do-gaucha-na-literatura/>>. Último acesso: 21 mai. 2018.

GASTALDO, Édison Luis. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Unisinos, 2002.

GERCHMANN, Léo. **Coligay** – Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

\_\_\_\_\_. **Somos Azuis, Pretos e Brancos**. Porto Alegre: L&pm, 2015.

\_\_\_\_\_. **Viagem à alma tricolor em 7 epopeias**. Porto Alegre: AGE, 2016.

GESSINGER, Humberto. **Pra ser sincero**: 123 variações sobre um mesmo tema. Caxias do Sul: Belas-Letras. 2009.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **500 Anos de Brasil, 100 Anos de Futebol Gaúcho**: Construção da ‘Província de Chuteiras’. IN: Anos 90, n<sup>o</sup>.13. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 21-50.

GUIMARÃES, Carlos. A mídia, o Grenal e o “falem mal, mas falem de mim”. **Medium Corporation (online)**, US, 24 out. 2016a. Disponível em <<http://bit.ly/2i16gHO>>. Acesso em 09 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Efeito Baldasso e a frágil narrativa da isenção. **Medium Corporation (online)**, US, 26 abr. 2016b. Disponível em <<http://bit.ly/2zyFTjO>>. Acesso em 09 nov. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATJE, Marli. **O jornalismo esportivo impresso do Rio Grande do Sul de 1945 a 1995**: a história contada por alguns de seus protagonistas. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.

HEIZER, Teixeira. Em busca da emoção perdida. In: **Jornalismo Esportivo**: os craques da emoção. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. 116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11, p. 77-82, 2004.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Hipóteses contemporâneas de Pesquisa em Comunicação.** Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil.** Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 80-106.

JORNALISTA A. Entrevista concedida à Thalita Raphaela Neves de Oliveira. Porto Alegre, 26 abr. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice N desta dissertação].

JORNALISTA B. Entrevista concedida à Thalita Raphaela Neves de Oliveira. Porto Alegre, 26 abr. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice L desta dissertação].

JORNALISTA C. Entrevista concedida à Thalita Raphaela Neves de Oliveira. Porto Alegre, 26 abr. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação].

JORNALISTA D. Entrevista concedida à Thalita Raphaela Neves de Oliveira. Porto Alegre, 27 abr. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice P desta dissertação].

JORNALISTA E. Entrevista concedida à Thalita Raphaela Neves de Oliveira. Porto Alegre, 26 abr. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice O desta dissertação].

JORNALISTA F. Entrevista concedida à Thalita Raphaela Neves de Oliveira. Porto Alegre, 26 abr. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice M desta dissertação].

JORNALISTA G. Equipe se despede do Brasileirão com derrota. In: Zero Hora, 12 dez. 2016.

KFOURI, Juca. **Entre torcer e distorcer.** In: Jornalismo Esportivo: os craques da emoção. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004. 116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11, p. 9-11, 2004.

KLEITON & KLEDIR. **Deu pra ti**. Álbum: Kleiton & Kledir, 1981.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KREMER, Alda Cardozo *et al.* **Rio Grande do Sul: terra e povo**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1969.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação**. São Paulo: Edusp, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. New York: Dover, 2004.

LOPEZ, Antonio Alcoba. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.

LÜDTKE, Sérgio. **Traçando**. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1996.

MACHADO, Alisson; TERNUS, Carline; TOMAZETTI, Tainan Pauli; FILHO, Flavi Ferreira Lisboa. Meio século de RBS TV: a construção de uma identidade gaúcha para si e seu público. In: **Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Ouro Preto: Alcar, 2013.

MALAIA, João. **Placar: 1970**. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/LETRAS, 2012, v. 1, p. 149-170.

MALULY, Luciano. Jornalismo esportivo: desafios e propostas. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 33. Caxias do Sul, RS, 2010.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MATIUSSI, Paulo. **Osmar Santos - O Milagre da Vida**. Sapienza Editora, 2004.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 21-51.

MESSINA, Ágata. **Apresentação** – Jornalismo esportivo: os craques da emoção. P. 5. RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. Jornalismo Esportivo: os craques da emoção. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2004. 116p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. E-compós. V. 1, 2004.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NEVES, Emanuel. **Flor da obsessão**. Medium Corporation, Puntero Izquierdo, 25 set. 2017. Disponível em <<https://bit.ly/2loQ1p3>>. Acesso em 20 jun. 2018.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez e Editora da UNICAMP, 1988.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

OSÓRIO, Ticiano. Entrevista concedida à Thalita Raphaela Neves de Oliveira. Porto Alegre, 25 abr. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação].

PEREIRA, Demétrio Rocha. Perigo vermelho. **Medium Corporation (online)**, Puntero Izquierdo, 25 set. 2017. Disponível em <<https://bit.ly/2loQ1p3>>. Acesso em 3 out. 2017.

PEREIRA, Fábio Henrique. Conversando com jornalistas. A perspectiva do interacionismo simbólico. Pesquisando jornalistas. In: MAROCCO, Beatriz. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012, pp. 31-45.

PESAVENTO, Sandra. **A invenção da sociedade gaúcha**. Ensaios FEE, Porto Alegre, n. 14, v.3 1993, p. 383-396.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. São Paulo: Martins, 1962.

RIBEIRO, André. **Diamante eterno**: biografia de Leônidas da Silva. São Paulo: Gryphus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os Donos do Espetáculo**: história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas**: 1937-1997. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 1998.

RIBOLDI, Ari. **O Bode Expiatório**. Porto Alegre, Editora AGE, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SHIRTS, Matthew. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, José C. Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura**. Coletânea de estudos. São Paulo IMESP/DESP, 1982.

SILVA, Veronice Mastella da. Do impresso ao televisivo: Rio Grande do Sul - um século de história. In: MELO, José Marques de; PERUZZO, Círcia M. Krohling e KUNSCH, Waldemar Luiz. **Mídia, regionalismo e cultura**. São Bernardo do Campo: Umesp; Passo Fundo: Editora UPF, 2003. p. 271-297.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. **Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico**. Revista Rumores. Edição 10, v.5, jul.-dez., 2011.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. **O método Análise de Cobertura Jornalística e o acontecimento noticioso da doença do ex-presidente Lula**. Revista Rumores, v.7, n.14, jul.-dez., 2013.

SOARES, Antonio; LOVISOLO, Hugo. O Futebol é Fogo de Palha: a ‘profecia’ de Graciliano Ramos. In: **Pesquisa de Campo** – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol – UFRJ. N. 5, 1997.

SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918**. 182f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Porto, 2001.

STYCER, Mauricio. *Lance!* um jornal do seu tempo. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 186-206.

TEIXEIRINHA. **Desafio do GreNal**. Álbum: Dorme Angelita, 1967.

\_\_\_\_\_. **Azul e Vermelho**. Álbum: O rei, 1969.

\_\_\_\_\_. **Isso que é desafio**. Álbum: 20 anos de glória, 1979.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, v. 1, p. 52-79.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** vol. I. Porque as notícias são como são? Florianópolis: Insular, 2005.

TUBINO, Manoel; GARRIDO, Fernando; TUBINO, Fábio. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

TUCHMAN, Gaye. **Telling Stories**. *Journal of Communication* 26, v. 26, n° 4, 1976.

\_\_\_\_\_. **Making News: a study in the construction of reality**. New York: Free Press. 1978.

\_\_\_\_\_. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.

VERISSIMO, Erico. Um romancista apresenta sua terra. In: KREMER, Alda Cardozo *et al.* **Rio Grande do Sul: terra e povo**. 2.ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. p. 3-13.

\_\_\_\_\_. **O tempo e o vento**, parte I – O continente. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 1.

VERISSIMO, Luis Fernando. Não me acorde. In: **Futebol Comportamental (online)**, 17 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.futebolcomportamental.com.br/2013/12/a-voz-do-inter-ao-me-acorde.html>>. Último acesso: 04 jul. 2018.

VILAS BOAS, Sergio (Org.). **Formação & Informação Esportiva: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

WAGNER, Claudio Mello. **Futebol e orgasmo: ensaio sobre orgonomia e futebol**. São Paulo: Summus, 1998.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



## APÊNDICES

### **APÊNDICE A: Tradução - *FourFourTwo's* 50 Biggest Derbies World - No.8: Grêmio vs Internacional**

#### **Ranking da *FourFourTwo* dos 50 maiores clássicos do mundo - Número 8: Grêmio x Internacional**

Por Gary Parkinson

29 abr. 2016

#### **Nada mais importa no Rio Grande do Sul, onde é impossível ser neutro**

Lá pra baixo, no lugar mais ao sul do Brasil, no estado gaúcho Rio Grande do Sul, você tem uma escolha a fazer: ou você é Grêmio, ou você é Inter.

Os dois lados dividem a capital Porto Alegre e controlam em fatias praticamente iguais os 4,5 milhões de habitantes de PoA e região metropolitana, tendo configurado o Campeonato Gaúcho de modo similar: dos 95 títulos da competição, eles venceram 80 (com vantagem do Inter de 44 títulos, contra 36 do Grêmio).

O Grêmio é o clube mais velho, fundado em 1903 por um daqueles entusiastas ricos que ajudaram a popularizar esse jogo que todos nós amamos. (Valeu entusiastas!). Mas esse grupo era restrito a descendentes alemães, o que seis anos mais tarde incitou os irmãos de sangue italiano – Henrique, José e LuisPoppe – a criarem o Internacional, assim nomeado com a intenção de tirar sarro do rival da cidade.

Mas toda essa justa indignação e política internacionalista não ajudaram o Inter no primeiro clássico “Grenal”, em julho de 1909: o clube mais velho deu um passeio de 10 x 0 em uma vitória tão evidente que alguns relatos contam que o goleiro do Grêmio chegou a ir pra fora do campo bater um papo com os torcedores.

As coisas rapidamente se equilibraram. A concorrência foi equivalente durante muito tempo nessa rivalidade secular, fortalecendo um patamar genuinamente competitivo, e não somente a nível regional: cada um

deles venceu duas Libertadores, o Inter ganhou três Brasileiros e o Grêmio dois, e o clube mais novo está ligeiramente à frente no confronto direto.

### **A fábrica de rolos compressores?!**

O Inter acumulou alguns apelidos legais ao longo de sua história. Já conhecidos pela emocionante alcunha “cowboyzística” de colorados, porque jogam de vermelho, uma impressionante campanha em particular, de 1940, os batizou de Rolo Compressor. Outras alcunhas incluem Celeiro de Ases e Campeão de Tudo, compensando com inclusão o que lhe falta em humildade. E a inclusão foi a chave para esta grande equipe de 1940, que reuniu todas as etnias num tempo em que isso estava longe de ser uma política uniforme no futebol brasileiro.

Ao longo desses 50 anos, os times foram atraindo um leque de seguidores tão fiéis que fez com que os clubes tivessem de explorar novas pastagens. Em 1954 o Grêmio se transferiu da Baixada, com capacidade de 15 mil torcedores, para o Olímpico Monumental, de 45 mil (onde permaneceram até a mudança para a novinha em folha Arena do Grêmio em 2012, com capacidade para 55 mil torcedores).

O Inter também superou a capacidade de 20 mil torcedores do Estádio dos Eucaliptos, embora o substituto Beira-Rio tenha levado mais de uma década até ficar pronto, prejudicado com os rombos em sua fortuna ganha nos gramados e pelo famoso jeitinho brasileiro de manobras políticas. O Beira-Rio finalmente foi inaugurado em 1969, tendo sido substancialmente remodelado para a Copa de 2014, com 50 mil assentos – ganhando a preferência sobre o estádio do Grêmio, para deleite dos fãs colorados.

E esses estádios não se tratam daqueles de retrato falado e sem alma que se vê em algumas cidades. Telões, bandeirões e sinalizadores configuram o choque de cores do vermelho do Inter contra o azul claro, branco e preto do Grêmio tricolor, enquanto os ouvidos são acalmados ou assaltados pelas músicas típicas em cantoria sem fim.

De fato, enquanto o Inter tem o sexto maior número de sócio-torcedores no mundo (e o maior da América do Sul), os torcedores do Grêmio são merecidamente reconhecidos por sua reputação dentre os mais fanáticos do Brasil, o que de certa forma é uma honra quando se pensa sobre isso. O novo estádio tem uma área específica atrás do gol onde os torcedores

mais malucos patentearam a “avalanche”: comemorando o gol descendo em correria os degraus do topo da arquibancada até a beira do campo para celebrar com os jogadores. Infelizmente, a Justiça Desportiva considerou perigoso esse tipo de comemoração e grades de metal rapidamente foram instaladas no lugar. Bah!

### **Homem do jogo**

Seja qual for o clássico, heróis irão surgir. O Grêmio tem na lista o menino dentuço de 18 anos, Ronaldinho Gaúcho, que fez seu cartaz com uma performance deslumbrante na final do estadual de 1999, marcando o gol do título (depois de uma caneta e uma tabela) além de chapelar o marcador Dunga, capitão do tetra do Brasil.

Temos ainda Eurico Lara. Apesar da sua condição cardíaca, o lendário goleiro do Grêmio estava determinado a jogar num GreNal de 1935; depois de fazer um pênalti, ele foi alertado pelo jogador que sofreu a penalidade – que por acaso era seu irmão – que o médico tinha lhe dito pra pegar leve. Ignorando o conselho fraternal, ele defendeu a cobrança, mas teve que ser substituído, falecendo cerca de dois meses depois. Ele é homenageado no hino do Grêmio.

Quanto ao Inter, eles amam lembrar o “Grenal do Século”, de 1989: depois de um primeiro tempo sem gols, o segundo tempo da semifinal do Campeonato Brasileiro – e com uma vaga na Libertadores também em disputa – seria tipo o “vencedor leva tudo” diante dos 80 mil torcedores. Arrastando aquele 1 x 0 da metade do jogo com um jogador a menos e num calor de 40 graus, o Inter reagiu bravamente para ganhar de virada por 2 x 1 com dois gols do injuriado Nilson.

Certas coisas criam lendas. É como o correspondente brasileiro da *FourFourTwo*, Mauricio Savarese, diz: “na semana antes do clássico, nada mais interessa no Rio Grande do Sul. Quando o Inter dominou o futebol brasileiro na década de 70, o Grêmio foi à luta. Na década de 80, foi a vez deles. Deste então, tem sido essa gangorra, mas chega o dia do clássico e fica tudo igual entre esses dois gigantes do futebol brasileiro, como sempre será.”

**APÊNDICE B: Roteiro de entrevista com os repórteres da *Zero Hora***

- 1) Na sua opinião, o GreNal é o maior clássico do futebol brasileiro?
- 2) Você acha que isso tem a ver com os aspectos socioculturais do Rio Grande do Sul?
- 3) Como é a “semana GreNal”?
- 4) Vocês dão o mesmo número de páginas para Grêmio e Inter?
- 5) Para ser Grêmio tem que ser anti-Inter e vice-versa?
- 6) Você acha que o torcedor do Grêmio ficou mais feliz com a queda do Inter do que com o título da Copa do Brasil?
- 7) O que você vê de particularidade da editoria esportiva em relação às outras?
- 8) O jornalista esportivo pode falar para que time torce?
- 9) Para que time você torce?
- 10) Aqui na *Zero Hora* os setoristas cobrem o time para o qual torcem?
- 11) O pós-título do Grêmio teve mais de páginas do que o rebaixamento do Inter. Por outro lado, no espaço de opinião, o Inter sobressaiu. Isso me fez pensar que talvez vocês prefiram tratar o enfoque negativo nas páginas opinativas para se resguardarem das críticas do público. Procede?
- 12) Nas matérias sobre o rebaixamento do Inter a presença de adjetivos, advérbios/palavras adjetivados foi proporcionalmente maior em relação ao pós-título do Grêmio. Na *Zero Hora* é comum o enfoque negativo ser mais dramatizado?
- 13) Como é o relacionamento com as fontes?
- 14) Como você acha que a mídia nacional cobre o GreNal?

15) Para você qual a maior qualidade do jornalista esportivo?

**APÊNDICE C: Análise do *corpus* noticioso da ZH Esporte -  
05.12.2016**

**Grêmio:**

- a) Quantidade de matérias: **1** (Detalhes de uma megaoperação)
- b) Angulação da matéria: **neutra** (detalhes da preparação do estádio do Grêmio para receber o jogo da final da Copa do Brasil: trânsito, segurança, alimentação, vendedores ambulantes etc.);
- c) Valor-notícia predominante: **impacto** (número de pessoas envolvidas no fato; número de pessoas afetadas pelo fato; grandes quantias de dinheiro);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados: **3** (“megaoperação”; “a maior operação da história da Arena”; “recorde não apenas na Arena como no futebol gaúcho”);
- e) Fontes entrevistadas: **1** (Marcelo Jorge, presidente da Arena Porto-Alegrense, gestora do estádio).

**Inter:**

Não há matéria assinada.

**APÊNDICE D: Análise do *corpus* noticioso da ZH Esporte - 06.12.2016**

**Grêmio:**

- a) Quantidade de matérias: **1** (Amigos, amigos, decisão à parte)
- b) Angulação da matéria: **neutra** (duelo particular entre os goleiros Marcelo Grohe, do Grêmio, e Victor, do Atlético-MG, pela final da Copa do Brasil, já que eles foram companheiros no Grêmio);
- c) Valor-notícia predominante: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados: **3** (“grande final”; “rol de títulos”; “sem dúvidas”);
- e) Fontes entrevistadas: **2** (Wagner Mancini, ex-treinador do goleiro Victor; Francisco Cersósimo, preparador de goleiros).

**Inter:**

- a) Quantidade de matérias: **1** (Entrevista - “O Inter está dividido, precisa de união”)
- b) Angulação da matéria: **neutra** (entrevista com o candidato à presidência do Inter sobre o contexto decisivo do time e perspectivas futuras);
- c) Valor-notícia predominante: **governo** (eleições);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados: **1** (“Para mudar o momento do Inter, será preciso medalhões?”);
- e) Fontes entrevistadas: **1** (Pedro Affatato, candidato à presidência do Internacional).

**APÊNDICE E: Análise do corpus noticioso da ZH Esporte -  
07.12.2016**

**Grêmio:**

a) Quantidade de matérias: **5**

1ª matéria: Renato e a justiça poética

2ª matéria: A sintonia entre cascudos e casquinhas

3ª matéria: É muito mais do que futebol

4ª matéria: “Conheço muito mais o Grêmio do que o Roger”

5ª matéria: Douglas e Pratto, espécies em extinção

b) Angulação da matéria:

1ª matéria: **positiva** (chance de o ídolo tricolor Renato Portaluppi ganhar um título como técnico do Grêmio, encerrando o jejum de conquistas do clube);

2ª matéria: **positiva** (mescla de jogadores experientes e jovens no time titular do Grêmio);

3ª matéria: **positiva** (gremista com doença em fase terminal ganha ingressos para assistir à final da Copa do Brasil);

4ª matéria: **positiva** (esquema tático de Renato Portaluppi diante do Atlético-MG na final da Copa do Brasil, considerando-se que o treinador do Atlético é o ex-treinador do Grêmio);

5ª matéria: **neutra** (análise tática do estilo de jogo de Douglas, do Grêmio, e de Pratto, do Atlético-MG, adversários da final da Copa do Brasil);

c) Valor-notícia predominante:

1ª matéria: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);

2ª matéria: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);

3ª matéria: **tragédia/drama** (emoção);

4ª matéria: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);

5ª matéria: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);

d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados:

1ª matéria: **38** (“maior ídolo”; “longa seca”; “argumento definitivo”; “qualquer discussão de mesa de bar”; “para ser exato”; “não adiantava os colorados virem com aquele papinho xarope”; “o único time gaúcho campeão do mundo”; “antes de fazer as duas pinturas na vitória”; “rota alternativa”; “cruzamento certo”; “cantávamos naqueles tempos de glória”; “Renato passou a ser nosso salvador da pátria por excelência”; “sempre que a coisa ficava feia”; “ele nunca mais foi campeão pelo Grêmio”; “seus planos foram sabotados”; “célebre caso das caixas de som”; “velho estádio”; “suceder o fracassado projeto de Vanderlei Luxemburgo”; “grande desilusão”; “parecia sólida”; “a coisa nem estava

tão feia”; “promissora”; “filme de terror”, “dramática classificação”; “excepcional toque de bola que Roger deixara de herança”; “ímpeto de vencedor”; “há de se fazer a justiça poética”; “condenado ao esquecimento”; “iluminado”; “nunca estivemos apagados de fato”; “nosso facho azul, branco e preto tremelicava demais”; “longo período”; “marcadores implacáveis”; “livres para comemorar”; “livres para sonhar”; “a Terra é azul”; “o universo é infinito”);

2ª matéria: **11** (“cascudos”; “casquinhas”; “mais rodados”; “perfeita tacada”; “veteranos e meninos”; “equipe vencedora”; “título de expressão”; “nomes rodados”; “também experiente”; “prática comum”; “cada instante do jogo”);

3ª matéria: **17** (“muito mais”; “ansiosamente esperam”; “claro, será bom testemunhar no estádio”; “muito maior”; “impactantes notícias”; “felicidade pura”; “ímpiedosas”; “prognóstico sombrio”; “Edinho é corajoso”; “nada de esmorecer”; “atuação de gala”; “velho sentimento”; “debilitado e dependente”; “nova casa”; “vida inteira”; “um décimo da bravura”; “esperar só mais 90 minutos”);

4ª matéria: **4** (“ainda abalado pela tragédia da Chapecoense”; “apenas uma formalidade”, “será seu escolhido”, “apenas observando”);

5ª matéria: **37** (“espécies em extinção”; “meia clássico”; “passes perfeitos”; “atacante que não perda”; “o ‘9’ matador”; “passes cirúrgicos”; “o pé esquerdo de Douglas é capaz de direcionar”; “centroavantes completos”; “usam com maestria”; “inteligentes”; “sempre recomendável”; “tanta qualidade técnica”; “flutua pelo campo”; “lampejos de finalizador”; “um ‘10’ clássico”; “nada mudou”; “raras exceções”; “corre certo”; “difícil lembrar”; “opção constante”; “limitada mobilidade turbinada”; “espaço vazio”; “pedacinho de grama”; “evidente que”; “capaz de fazer estrago”; “basta usar o corpanzil”; “centroavante aipim, fincado na área”; “máximo possível”; “aos flancos”; “toque refinado”; “passes precisos”; “de repente”; “maestro pifador”; “goleador que aterroriza”; “inteligentes demais”; “definem qualquer coisa”);

e) Fontes entrevistadas:

1ª matéria: **0**;

2ª matéria: **2** (meia Souza e lateral-esquerdo Wendell, ex-jogadores do Grêmio);

3ª matéria: **1** (Edinho, torcedor do Grêmio);

4ª matéria: **1** (Renato Portaluppi, técnico do Grêmio);

5ª matéria: **0**.

**Inter:**

a) Quantidade de matérias: **2**

1ª matéria: Entrevista - “É preciso retomar a profissionalização”

2ª matéria: O fato novo do tribunal

b) Angulação da matéria:

1ª matéria: **neutra** (entrevista com o candidato à presidência do Inter sobre o contexto decisivo do time e perspectivas futuras);

2ª matéria: **neutra** (Inter recorre ao STJD para apontar suposta escalação irregular do zagueiro do Vitória, que beneficiaria o Inter na luta contra o rebaixamento);

c) Valor-notícia:

1ª matéria: valor-notícia predominante: **governo** (eleições);

2ª matéria: valor-notícia predominante: **justiça** (decisões judiciais);

d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados:

1ª matéria: **1** (“O senhor falou em time maduro. Virão alguns medalhões?”);

2ª matéria: **1** (“investe pesado”);

e) Fontes entrevistadas:

1ª matéria: **1** (Marcelo Medeiros, candidato à presidência do Internacional).

2ª matéria: **3** (Reynaldo Buzzoni, diretor de registros da CBF; Patrícia Sá Leão, advogada do Vitória; Departamento Jurídico do Inter).

## APÊNDICE F: Análise do *corpus* noticioso da ZH Esporte - 08.12.2016

### Grêmio:

- a) Quantidade de matérias: **1** (5 vezes Grêmio)
- b) Angulação da matéria: **positiva** (Grêmio pentacampeão da Copa do Brasil depois de um jejum de 15 anos sem títulos);
- c) Valor-notícia predominante: **impacto** (número de pessoas envolvidas no fato; número de pessoas afetadas pelo fato);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados: **31** (“grandes títulos”; “inesquecível”; “alegria represada”; “marca que é exclusivamente sua”; “maior vencedor da história da competição”; “final de ano perfeito”; “justas homenagens”; “silêncio absoluto”; “cantar com força”; “energia que parecia faltar”; “apesar do seu gigantismo”; “converteu-se em caldeirão”; “virou a aliada”; “chutes rasteiros e quase iguais”; “a rigor”; “chance real”; “sinal de vida”; “vigorosa resposta”; “chance mais cristalina do primeiro tempo”; “jogo sob controle”; “bem menos tensos”; “inesperada pressão”; “pura manifestação de alegria”; “desfecho feliz da noite”; “obstáculo insuperável”; “apático”; “sem forças”; “um dos melhores em campo”; “gol mais bonito da história da Arena”; “como se fosse Pelé”; “o gol que nem Pelé fez”);
- e) Fontes entrevistadas: **0**

### Inter:

- a) Quantidade de matérias: **1**
- b) Angulação da matéria: **negativa** (descrição do estádio do America-RJ, emprestado ao Fluminense, onde será realizada a partida que pode culminar no rebaixamento do Inter);
- c) Valor-notícia predominante: **tragédia/drama** (suspense);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados: **12** (“último ato”; “derradeira tentativa”; “acanhado estádio”; “gramado sem manutenção”; “vida fácil”; “o estádio jamais lotou”; “campo novo”; “dois vestiários novinhos”; “Flu virou as costas”; “a grama está ressecada”; “diversas ‘ilhas’ de areia”; “passar antes pelo purgatório”);
- e) Fontes entrevistadas: **3** (Raffael Tamburini, historiador e ex-assessor de imprensa do America-RJ; Marco Antônio Teixeira, ex-secretário geral da CBF e atual diretor de futebol do America; Rafael Marques, repórter e coordenador de esportes da Rádio Globo/CBN).

## APÊNDICE G: Análise do *corpus* noticioso da *ZH Esporte* - 09.12.2016

### Grêmio:

- a) Quantidade de matérias: **2**;  
 1ª matéria: Libertadores 2017 começa por Douglas  
 2ª matéria: As histórias da noite sem fim na Goethe
- b) Angulação da matéria:  
 1ª matéria: **neutra** (elenco do Grêmio para 2017, com foco na permanência de Douglas);  
 2ª matéria: **positiva** (festa do título e comemoração na rua);
- c) Valor-notícia predominante:  
 1ª matéria: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);  
 2ª matéria: **entretenimento** (comemoração);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados:  
 1ª matéria: **4** (“o maestro”; “ano instável”; “estado de mutismo absoluto”; “conta sorrindo”);  
 2ª matéria: **10** (“noite sem fim”; “grandes momentos”; “solo sagrado”, “jogaram lendas”; “multidão azul”; “noite inesquecível”; “alegria descontrolada”; “bolo de gente”; “longa espera”; “alegria azul”);
- e) Fontes entrevistadas:  
 1ª matéria: **2** (Romildo Bolzan Júnior, presidente do Grêmio; Adalberto Preis, vice-diretor de futebol);  
 2ª matéria: **7** (Brigada Militar-BM; Departamento Municipal de Limpeza Urbana-DMLU; 5 torcedores gremistas).

### Inter:

- a) Quantidade de matérias: **2**;  
 1ª matéria: Caso Victor Ramos é arquivado  
 2ª matéria: Eleições ocorrem das 9h às 17h de amanhã
- b) Angulação da matéria:  
 1ª matéria: **negativa** (suposta escalação irregular do zagueiro do Vitória, que beneficiaria o Inter na luta contra o rebaixamento);  
 2ª matéria: **positiva** (dimensão da participação dos sócios-torcedores na votação online das chapas do conselho deliberativo do clube);
- c) Valor-notícia predominante:  
 1ª matéria: **justiça** (decisões judiciais);  
 2ª matéria: **governo** (eleições);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados:  
 1ª matéria: **2** (“imagem arranhada”; “calor da tragédia”);  
 2ª matéria: **0**;

e) Fontes entrevistadas:

1ª matéria: **3** (STJD; Departamento Jurídico do Inter; CBF);

2ª matéria: **1** (Comissão Eleitoral do Inter).

**APÊNDICE H: Análise do *corpus* noticioso da ZH Esporte -  
10.12.2016/11.12.2016**

**Grêmio:**

- a) Quantidade de matérias: **1** (Entrevista - “Renato nos abraçou e entendemos o recado”)
- b) Angulação da matéria: **positiva** (campanha do goleiro Marcelo Grohe na conquista de seu primeiro título de expressão pelo Grêmio);
- c) Valor-notícia predominante: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados: **7** (“Marcelo Grohe, enfim, conquistou um título de expressão no Grêmio”; “gritou a plenos pulmões”; “está com o riso fácil”; “brincou até com o golaço de Cazares”; “corneta feita pelo atacante colorado Sasha”; “depois de tantas tentativas”; “parece que você sempre é um dos mais criticados”).
- e) Fontes entrevistadas: **1** (Marcelo Grohe, goleiro do Grêmio).

**Inter:**

- a) Quantidade de matérias: **1** (De Abu Dhabi à Baixada Fluminense)
- b) Angulação da matéria: **negativa** (contextualização política do percurso de ascensão e queda do Inter entre os anos 2010 e 2016);
- c) Valor-notícia predominante: **tragédia/drama** (emoção)
- d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados: **45** (“muita fé neste domingo”; “rodada decisiva”; “inérita queda”; “a missão beira o milagre”; “seguir vivo”; “pode parecer contraditório”; “derrocada entre o sonho do bi do mundial”; “provocou um racha irreversível na alta cúpula do clube”; “as fissuras seguem expostas”; “anos dourados do clube”; “sem qualquer receio de erro”; “a efervescência política corroe os alicerces do Inter”; “calorenta e violenta Baixada Fluminense”; “eclosão política colorada”; “seu vice e fiel escudeiro”; “o ambiente no suntuoso Beach Rotana”; “torcedores transitavam orgulhosos”; “bares à beira da praia particular”; “encontravam para bate-papo e algumas cervejas no bar do Tato, endereço tradicional da praia”; “o isolamento no bar do Rotana Beach parecia ideal”; “só parecia”; “o tom da conversa subiu com o calor de Abu Dhabi”; “diplomático”; “mas era tarde”; “era irreversível o racha no Movimento Inter Grande (MIG)”; “oposição ferrenha”; “a campanha no fim de 2010 foi fratricida”; “reage com veemência”; “uma salada política”; “investiu pesado em medalhões”; “inflou a folha”; “muitos deles já sem o mesmo viço”; “aposta em medalhões”; “lançamento sem medida”; “olhar mais atento”; “dois negócios são emblemáticos”; “nomes consagrados”; “caras novas”; “fila

de medalhões”; “nomes rodados”; “resultados positivos”; “nunca se traduziram em rendimento”; “crise nervosa”; “acelerou fundo na reta final”; “inverossímil conexão entre Abu Dhabi e Edson Passos”);

e) Fontes entrevistadas: **3** (Pedro Affatato, candidato à presidência na linha sucessória do clube em 2013; Giovanni Luigi, ex-presidente do clube em 2010; Luciano Davi, vice de futebol em 2012).

**APÊNDICE I: Análise do *corpus* noticioso da ZH Esporte -  
12.12.2016**

**Grêmio:**

a) Quantidade de matérias: **2**;

1ª matéria: Bolaños quer a América

2ª matéria: Equipe se despede do Brasileirão com derrota

b) Angulação da matéria:

1ª matéria: **positiva** (boa fase de Bolaños e desejo de permanecer no elenco para buscar a Libertadores);

2ª matéria: **positiva** (última partida do Grêmio no Brasileirão, com destaque para o clima festivo – apesar da derrota – por conta do título conquistado e pelo rebaixamento do rival);

c) Valor-notícia predominante:

1ª matéria: **proeminência das pessoas envolvidas** (sucesso/herói);

2ª matéria: **raridade** (inusitado);

d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados:

1ª matéria: **13** (“está finalmente”; “a cereja do bolo”; “o goleador”; “orgulho ferido”; “abaixo da média”; “em alta”; “objetivo ambicioso”; “à vontade”; “abaixo do esperado”; “bem mais feliz”; “não poderia ter sido melhor”; “o equatoriano foi decisivo”; “principal destaque”);

2ª matéria: **6** (“elite do futebol brasileiro”; “clima festivo”; “na casamata”; “poder ofensivo”; “o tom da gozação”; “chance preciosa”);

e) Fontes entrevistadas:

1ª matéria: **1** (meia Bolaños);

2ª matéria: **0**.

**Inter:**

a) Quantidade de matérias: **2**

1ª matéria: Frieza, resignação e pedido de desculpas

2ª matéria: Quatro visões da série B

b) Angulação da matéria:

1ª matéria: **negativa** (pós-jogo da partida que culminou no rebaixamento do Inter);

2ª matéria: **neutro** (prováveis consequências do rebaixamento do Inter, sendo duas delas positivas e duas negativas);

c) Valor-notícia predominante:

1ª matéria: **tragédia/drama** (emoção);

2ª matéria: **tragédia/drama** (emoção);

d) Presença de adjetivos e advérbios/palavras adjetivados:

1ª matéria: **20** (“frieza”; “resignação”; “ar de conformismo”; “poucas lágrimas”; “poucas surpresas”; “Inter resignado”; “se mostrou pronto, frio e com um discurso decorado”; “camisa polo da cor azul”; “respondeu pacientemente”; “acanhada e improvisada sala de entrevistas”; “fama de arrogante”; “símbolo da reação colorada”; “Inter inoperante”; “pior ano da centenária história colorada”; “aceitar passivamente”; “enorme letra ‘B’”, “se ergueu em unísono”);

2ª matéria: **7** (“menos visibilidade”; “menos receita”; “valor relevante”; “ídolo colorado”; “sexta mais valiosa”; “postos importantes”; “invisível aos olhos dos patrocinadores”);

e) Fontes entrevistadas:

1ª matéria: **5** (Vitorio Piffero, presidente do Inter; Fernando Carvalho, vice-diretor de futebol do Inter; meia Alex; goleiro Danilo Fernandes; técnico Lisca);

2ª matéria: **1** (Fernando Fleury, professor de Gestão do Esporte).

**APÊNDICE J: Entrevista com o repórter especial Ticiano Osório****Redação da *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 abr. 2018****Thalita Neves (T.N.): Ticiano, você não trabalha na editoria esportiva atualmente, né?**

Ticiano Osório (T.O.): Isso, já trabalhei. Trabalhei boa parte da minha carreira no esporte e no segundo caderno, vou variando, assim. Ao todo eu tive três passagens no esporte: entre junho de 1999 e julho de 2000, depois entre 2007 e 2008, e um pouquinho de 2009 e depois de 2012 a 2014. E geralmente atuo nas coberturas de Olimpíada e de Copa do Mundo.

**T.N.: E rivalidades nacionais, dentro do nosso futebol, já cobriu alguma além de Grêmio e Inter?**

T.O.: Não, só Grêmio e Inter mesmo. Como editor, já fiz matérias, mas não a ponto de fazer reportagens sobre outras rivalidades.

**T.N.: Para você como é trabalhar com jornalismo esportivo? Qual é a particularidade em relação às outras editorias?**

T.O.: Eu acho que o jornalismo esportivo, assim como o segundo caderno, de cultura, é onde a gente pode mais brincar, né? A gente pode soltar mais, tanto o texto quanto um título pode ser mais engraçadinho ou até mais forte, e é onde a gente tá mais, assim, vivendo o nosso próprio dia a dia. O paralelo que eu faço é assim, exagerando, alguém que cobre hospitais, quando sai do trabalho, não vai visitar um hospital, né? Mas alguém que trabalha em jornalismo esportivo, em casa provavelmente boa parte do lazer dela é continuar vendo algum jogo de basquete, futebol, de tênis etc. e tal. Então eu acho que o jornalismo permite uma certa alegria da pessoa que trabalha no jornalismo esportivo.

**T.N.: Você frequenta estádio?**

T.O.: Não, nunca fui muito de frequentar, mas depois que o Grêmio se mudou pra Arena ficou mais difícil ainda. Porque fica muito longe, muito difícil de ir.

**T.N.: Apesar de ser um caderno editorialmente mais livre, como você lida com a rotina produtiva, pensando enquanto repórter, a questão do *deadline*, a questão das linhas editoriais da empresa, a figura do próprio editor...**

T.O.: Eu fui muito pouco repórter em esporte, eu fiz mais trabalho de editor mesmo. Eu fazia matérias de tênis, fazia matérias de automobilismo, fazia matérias de futebol também, mas eu acho que a questão da organização é muito uma questão pessoal das pessoas. Tem que se organizar pra fazer. Se eu sei que eu sou lento em tal coisa, eu vou dedicar mais tempo pra isso. O que tem de diferente no esporte em relação a isso é que tem os dias de jogos e tem os treinos. Pros setoristas, e eu nunca fui setorista, acho que a particularidade é mais pra quem é setorista.

**T.N.: E você sabe me dizer se aqui existe uma tendência de o setorista do Inter ser alguém que torce para o Inter e no Grêmio alguém que torce para o Grêmio?**

T.O.: Na verdade não. O setorista não tem time. Na verdade uma coisa que é muito forte aqui no Rio Grande do Sul é isso, que eu acho ruim, é que as pessoas não podem torcer... Porque contamina, passam a achar que tu vai jogar contra, passam a achar que tu vai atrás de escândalo só porque tu é torcedor do outro time, passam a achar que tu vai de alguma forma beneficiar o time pra qual tu torce na escolha da foto da capa, no tamanho de matérias etc. e tal. Aqui é muito forte essa cobrança à *Zero Hora* e a toda a imprensa: “ah a *Zero Hora* é gremista... a *Zero Hora* é colorada”. É sempre assim, sempre se há um jeito de pegar uma manchete e enxergar nela algo conspiratório. Pegar uma foto e achar que essa foto foi escolhida por um torcedor adversário... Isso é muito comum aqui.

**T.N.: E você acha que isso tem a ver com as dicotomias do estado também?**

T.O.: Sim. Tudo é um GreNal no Rio Grande do Sul, em qualquer área: política, economia, cultural, esportiva, obviamente. E é tão forte esse negócio GreNal que isso virou...

**T.N.: Virou um neologismo, né?**

T.O.: Virou neologismo, tá grenalizado, entende? Só não se usa nacionalmente, mas a eleição presidencial tá grenalizada. Ela vai ser um duelo de opostos provavelmente. A gente usa muito a expressão “grenalizou”.

**T.N.: Então, na sua concepção, é possível o jornalista fazer uma boa matéria sendo torcedor?**

T.O.: Eu acho que sim. Eu tenho um caso meu, particular, quando eu trabalhava no esporte, justamente por estar trabalhando no esporte, eu não dizia, claro, minha família obviamente sabe, meus amigos sabem, mas eu nunca escrevi “sou gremista”,... e uma vez eu escrevi um texto... o Grêmio recém tava no primeiro ano da Arena e eu escrevi um texto, “A maldição da Arena”, porque o Grêmio tinha perdido um jogo pro Coritiba, um jogo até desimportante, mas a Arena foi vendida e parte da ilusão da Arena era isso aí: o estádio totalmente novo do Grêmio, o Grêmio vai ser imbatível na Arena e tal, e em seis meses, sete meses, o Grêmio já tinha perdido a invencibilidade no Gauchão, no Brasileiro, na Libertadores, e aí eu escrevi um texto brincando sobre isso “nos venderam um sonho”, falando um pouquinho mal da minha relação com a Arena, dizendo que pra mim tinha ficado longe e tudo mais... E eu mexi com o Diego Araujo, que era o editor, “Diego, se tu acha que tá muito gremista esse texto, não publica”. Mas ele não achou, publicou. E aí eu fui muito criticado, como um colorado, eu fui desqualificado como se eu fosse um colorado.

Depois, mais recentemente, eu já fiz um texto em que eu mostrava que era gremista e tal e pegaram no meu pé igual por outras coisas, mas não me chamavam mais de colorado, chamavam de gremista infiel... Mas aquilo lá mostra assim: eu sou um gremista que tava escrevendo um texto de lamento de um gremista por causa da minha ilusão de que o Grêmio é imortal, que vai ser imbatível, queria invencibilidade. Mas muitos foram no Twitter, mandaram e-mail, reclamando que eu sou colorado.

**T.N.: Por que essa é a leitura que o torcedor faz, ele quer ver só coisa boa do time dele, né?**

T.O.: Essa é a leitura que o torcedor faz. Eu adoraria que as pessoas pudessem... não digo assinar texto...“ah eu sou colorado e tudo mais, olha só que aconteceu no treino hoje”... Não é isso, mas eu adoraria que

não houvesse essa pressão e essa cobrança contra o fato de alguém que é setorista do Inter ser gremista, entende? Só que eu acho impossível no estado. Teria que, sei lá, zerar o Rio Grande do Sul pra que isso fosse aceitável.

**T.N.: E talvez explicar isso de forma didática pro torcedor, porque muitas vezes ele não separa nem o espaço da coluna do espaço da informação.**

T.O.: Não, ele não separa. Eu não tenho tanta vivência do dia a dia pra ver, mas do tempo que eu trabalhei sim, eles confundem opinião com informação, informação com opinião, se mistura tudo. É muito passional. Na verdade é isso, se tu pensar bem é a coisa mais ridícula o torcedor ficar bravo porque seu time perdeu. Tá, aconteceu, perdeu. Mas a gente fica, né? Não consegue controlar. É algo muito impulsivo.

**T.N.: E é tão impulsivo que fica difícil ele esconder isso na matéria dele.**

T.O.: Mas aí é que tá, aí tem a ver com o que eu sempre digo, que eu me espanto quando eu vejo tanto palavrão escrito, tanto xingamento escrito. Porque pra mim escrever é um ato racional. Então, por mais apaixonado, por mais impulsivo que eu esteja em algum momento, no momento em que eu vou escrever eu suponho que tenha uma racionalização por trás. Existe um comando que o cérebro dá pra escrever, né? E isso não acontece com o torcedor, mas com o jornalista em tese tem que acontecer, entende? Ele tem que ter um distanciamento crítico da sua própria paixão. Se não ninguém sobreviveria porque, na verdade, isso é outra coisa lógica, né, é evidente que a maioria dos jornalistas esportivos torce pra algum time. Senão eles nem estariam fazendo jornalismo esportivo. Provavelmente lá na infância se identificaram com um time por causa do pai, por causa de um jogador etc. e tal. Cresceram com isso. Pode ser que anos de experiência tenham afastado um pouco o lado torcedor do jornalista. Não duvido que jornalistas que possam ser colorados e que acompanham o Grêmio, de tanto tempo que acompanharam o Grêmio eles...

**T.N.: Às vezes eles criam até uma simpatia, né?**

T.O.: Sim, uma simpatia... porque, afinal, se tu pensar profissionalmente: “bah, o Grêmio tá indo pro Mundial, eu sou o

setorista do Grêmio, eu vou pro Mundial”, sabe? Tem um lado assim, o sucesso de um time ajuda o jornalista esportivo. O fracasso ajuda entre aspas, porque torna o ambiente terrível, dá audiência, dá leitura, mas o clima de trabalho num clube que tá em crise deve ser bem mais difícil do que o clima num ambiente vitorioso.

**T.N.: Você falou que você costuma racionalizar bastante seu momento de escrita. Nessa matéria do dia 7 de dezembro, que é sobre o Renato Gaúcho, e a conquista dele pelo Grêmio depois de tanto tempo, tem uma parte que você escreve em primeira pessoa, você usa o “nossos” algumas vezes. Fica claro que você é gremista. Isso é comum nas suas matérias?**

T.O.: Sim, depois que eu saí do esporte eu estou abertamente gremista. Se um dia eu for voltar pro esporte, eu vou voltar com o meu passado que, sim, eu sou gremista, entende? Duvido que volte mas, se um dia eu voltar, vou voltar com esse passado. Não desliga mais isso. Por causa disso, porque pra mim é quase um ato político. Claro que daí, eu sendo gremista não vão me botar pra ser setorista do Inter, entende? Mas não vejo problema nenhum, acho que se tu, não tô me elogiando, mas se tu tenta ser coerente, se tu argumenta as coisas, os adversários vão te respeitar. Eu escrevi um texto sobre o D’Alessandro, quando o D’Alessandro foi pro River, aí o Diego me convidou, porque ele disse: “eu queria um texto de um gremista falando sobre o D’Alessandro”. Aí eu escrevi um texto falando que éramos nós que amávamos odiá-lo. Porque é isso, o D’Alessandro é um vilão pro Grêmio, né?

**T.N.: Sempre cresce em clássicos...**

T.O.: Sempre cresce em clássicos, faz gol a torto e à direita, tudo mais, mas ao mesmo tempo tem uma personalidade que eu não suporto muito, assim. Então eu escrevi esse texto e eu me lembro que vários colorados gostaram do texto e vários gremistas reclamaram, diziam que eu tava enchendo a bola do D’Alessandro. Então, assim, é isso. Eu tava sendo racional ali, claro, aí tu tem uma racionalidade e que tu, na hora de escrever um texto, às vezes tu extrapola algumas coisas, quando tu quer dar um efeito, porque era um texto de opinião, não era um texto jornalístico, né? Era um texto de opinião.

Essa matéria sobre o Renato, ela é uma apresentação do jogo, mas ela não tinha o compromisso de ser imparcial, obviamente, e não tinha o

compromisso de ser uma história certinha. Se eu quisesse fazer um sonho ali eu poderia ter escrito. E não vejo problema em usar a primeira pessoa nessas horas. Porque é isso: é deixar claro que esta é a minha opinião também.

Essa é outra coisa importante. Porque no caso do famoso texto da maldição da Arena, embora estivesse assinado lá, Ticiano e tudo mais, não era um texto em que eu dava as caras. Então também isso ajuda a confundir, eu acho, o leitor. Porque ele vê um texto mais impessoal e ele pode achar que aquilo é uma opinião da RBS. Pode achar que aquilo ali é uma informação. Quando tu usa a primeira pessoa... tudo bem, vai ter gente que não vai perceber isso, mas já ajuda, né? Tu sabe: bom, isso aqui é a opinião dele, eu achei uma porcaria a opinião dele, mas é a opinião dele.

**T.N.: Fica mais fácil pro leitor separar as coisas né?**

T.O.: Fica mais fácil pro leitor separar as coisas. Nem todo mundo separa, mas fica mais fácil separar.

**T.N.: Mas não é qualquer repórter que pode usar a primeira pessoa, né?**

T.O.: Não, não é. Inclusive assim, um repórter, ainda mais no esporte, só vai usar primeira pessoa em situações muito características. Recentemente o jornalista F fez uma matéria com a dona Alzira, que acho que é filha, mulher e mãe de ex-presidentes do Inter. E em determinado momento entrou a primeira pessoa. Mas tava dentro de um contexto, ele perguntando coisa pra ela, não é assim: ah eu conheci a dona Alzira, quando eu fui visitar... Não é nesse tom, né?

**T.N.: Se não também ele acaba pegando o papel principal e não cabe a nós né?**

T.O.: Exatamente, também tem isso.

**T.N.: Quanto ao momento atípico, de o Grêmio ganhar um título na quarta e o Inter cair no domingo, você já tinha coberto algo assim?**

T.O.: Não, essa gangorra quebrou legal essa vez. Não é a mesma coisa de quando... porque assim, quando o Grêmio caiu, caiu duas vezes...

quando o Grêmio caiu em 91 o Inter não tava bem no cenário nacional ou internacional, pelo contrário, não tinha ganho nada ainda de internacional e o último nacional do Inter era de 1979. Aí em 92 o Inter ganhou a Copa do Brasil. Ali... mas é que como foi uma distância um pouquinho grande, não é a mesma coisa que em 2016, que teve o Grêmio ganhando e o Inter caindo na mesma semana e ainda tinha o histórico do 5 x 0, porque na nossa mitologia o barco começou a afundar no GreNal do 5 x 0, né? E aí depois quando o Grêmio caiu em 2004 a mesma coisa, o Inter foi crescer depois, o Inter foi ser campeão da Libertadores em 2006, depois de novo em 2010, mas assim, tão conciso no tempo não houve esse período.

**T.N.: Lendo as matérias dessa semana atípica, eu vi que no rebaixamento do Inter a Zero hora deu mais páginas pra outros eventos esportivos do que para o futebol gaúcho em si. E o contrário aconteceu no momento em que o Grêmio foi campeão. Isso me fez pensar que o jornal tende a priorizar aspectos positivos. Isso faz parte da linha editorial da Zero Hora?**

T.O.: Sim, sim.

**T.N.: Eu vi também que as pautas de enfoque negativo aparecem mais no espaço das colunas. Isso é algo comum?**

T.O.: Isso daí acho que só tu falando com o Diego [Araujo] ou com Serginho [Villar], não me atrevo a fazer essa análise porque eu não tenho todo esse histórico. Mas o normal é o seguinte: as pessoas em geral escrevem mais pra criticar e não pra elogiar. E isso vale tanto pro leitor quanto pro articulista.

**T.N.: Eu vejo também que a adjetivação está muito mais presente nas pautas com enfoque negativo.**

T.O.: Sim, é isso. É bem simples, pede pra alguém que está feliz descrever a sua felicidade: “estou feliz”. Pede pra alguém triste descrever a sua tristeza: “estou no fundo do poço, estou me sentindo como se eu fosse a última...” sabe? A raiva, a tristeza, a angústia, a decepção, ela te estimula a escrever mais. Fazendo um paralelo com a área cultural, muito se diz disso, que o artista nada mais é do que um cara frustrado. Um cara que precisa exorcizar seus demônios interiores. A criação artística depende muito de uma inquietação. E é

compreensível que alguém que esteja feliz, satisfeito, não esteja inquieto. É por isso que se diz: “ah a pessoa tá acomodada”, por isso que quando alguém tá por cima se diz: “ah deitou nos louros”.

Agora, voltando pro futebol, quando o Renato tava nesse lance: “ah será que o Renato vai acertar com o Flamengo...” Alguém disse pra mim: “ah ele não tem mais desafio aqui”. Como assim não tem mais desafio aqui? Como bateu no teto aqui? Quer desafio maior do que ganhar o bi da Libertadores, né? Qual foi o último técnico... último time acho que o Boca ganhou um bi, mas já faz mais de dez anos... qual foi o último técnico que ganhou a Libertadores dois anos seguidos? É um baita desafio. E ainda tem o Brasileiro que ele nunca ganhou, e que ele quer ganhar, sabe? É por isso que eu disse assim: ele ainda não está acomodado aqui. Pode tá feliz o Renato, mas acomodado não tá, até porque vida de treinador de futebol, por mais que eles ganhem muito dinheiro, tem os seus percalços, tem os seus estresses.

**T.N.: Essa questão da dramatização é um valor-notícia comum aqui ou isso se deu só porque o momento de fato era extremamente dramático?**

T.O.: Pois é, difícil... talvez tenha a ver conosco, gaúchos. É isso, tudo é meio exagerado. A gente tem uma pegada portenha, a pegada do tango, que traz esse dramatismo, essa coisa de sangue, né. O futebol que o Grêmio tá jogando não é o futebol gaúcho que as pessoas tendem a ter no imaginário. O imaginário do futebol gaúcho é força, carrinho... e esse é um imaginário muito forte: “não podemos entregar pros homens de jeito nenhum”, “tem que pelear até a última hora”... É muito forte no Rio Grande do Sul essa questão de que tudo é um ato de vida ou morte. E no futebol cada jogo é vida ou morte, né? E isso é uma coisa que sempre me irritou na imprensa esportiva, a questão da terra arrasada. Não só a questão da terra arrasada, mas a montanha-russa, isso me enlouquece no jornalismo esportivo em geral. O time ganha duas partidas: ele é o melhor time do mundo. Aí na seguinte ele empatou, na outra ele perdeu: tá em crise. Como assim? Isso sim é um *mea-culpa* que a imprensa esportiva, como um todo, tinha que fazer. Porque a imprensa colabora pra um clima de instabilidade que afeta os clubes.

**T.N.: E exalta os torcedores.**

T.O.: Exato, exalta os torcedores também.

**T.N.: A questão do imaginário, que às vezes dentro de campo a gente não vê, é o que a mídia passa...**

T.O.: É curioso, porque na torcida do Flamengo a gente vê isso bastante: “queremos raça”. E é curioso porque justamente a imagem que a gente tem do Flamengo é o time do Zico, de toque, embora o Zico fosse um jogador super de entrega, né? Os imaginários coletivos e individuais são muito imaginários, nem sempre estão apegados à realidade.

**T.N.: E a imprensa tem culpa nessa construção?**

T.O.: Ah... a imprensa tem culpa, mas aí é um jogo duplo, assim. Porque o torcedor precisa de herói, a imprensa precisa de herói. O torcedor precisa de vilão e a imprensa entrega o vilão. Então tem um jogo duplo aí. O dramatismo, que eu acho que não é tão forte no resto do país, é um pouco nosso. E muito por causa disso porque... como tu falaste, e eu concordo, Cruzeiro e Atlético é uma baita rivalidade, mas tem o América ali, que em algum momento da história o América existiu.

**T.N.: Foi decacampeão, né?**

T.O.: O América existiu com força. Aqui, nunca, entende?

**T.N.: Sempre foi ou Grêmio ou Inter?**

T.O.: Claro. Nos primeiros campeonatos gaúchos os times do interior ganhavam e tudo mais, mas o São José e o Cruzeiro... o Cruzeiro fez excursão pro exterior... mas nunca foi a rivalidade que teve entre Grêmio e Inter, porque ela já nasceu de um jeito de vingança assim, sabe? Olha só: o Grêmio é de 1903, daí os caras fizeram o Inter, aí primeiro jogo 10 x 0 pro Grêmio, segundo jogo, foi outra goleada, terceiro foi goleada, sabe? Isso criou, deve ter criado nas pessoas que formavam o Inter da época, um sentimento assim: “nós precisamos vingar disso, não podemos deixar assim, não vamos entregar pros homens”. E aí isso vai passando pro cara que entra no Inter, pros filhos do cara, pros netos... E essa rivalidade é muito forte entre Grêmio e Inter. E um não vive sem o outro, e um sempre se mede pelo outro. Uma coisa que eu brincava numa época, hoje eu não brinco mais, hoje eu acho que tô mais maduro, mas eu brincava assim que em GreNal eu não torcia pelo Grêmio, eu secava o Inter. Porque esse é o nível da nossa doença aqui no Rio Grande do Sul.

**T.N.: Não basta ser Grêmio, tem que ser anti-Inter, né?**

T.O.: Não basta ser Grêmio! Se brinca muito que, às vezes, quando tem os dois times jogando ao mesmo tempo, tem mais festa pela derrota de um do que pela vitória do outro. E aqui... não sei como é em Minas, até tenho curiosidade... aqui existe sim fogueatório quando o Inter é eliminado numa competição.

**T.N.: Isso acontece muito em Minas também, mas é muito restrito a Belo Horizonte porque, por exemplo, na Zona da Mata, pela proximidade com o Rio de Janeiro, as pessoas torcem pra Flamengo, Fluminense, Vasco... E no sul de Minas, pela proximidade com São Paulo e pelas transmissões de TV, as pessoas torcem pra Corinthians e Palmeiras. E aqui eu vejo que a rivalidade GreNal abrange o Rio Grande do Sul como um todo.**

T.O.: E a gente faz matérias, não todo dia, mas a gente faz matéria sobre rivalidade, sobre “flauta”, sobre “corneta”, faz matéria sobre colorado que paga promessa levando os gremistas de carreta, sabe, coisas assim, que tem. E acho isso outra coisa que é difícil de mudar, não tem como mudar, tu tenta, tu tenta conscientizar, mas não adianta, é muito natural assim, o escárnio né, o *schadenfreude*, que é outra característica que se aplica ao futebol: tu ficar feliz pela desgraça do outro, né? E esse é um momento em que os gremistas de um modo geral estão muito felizes porque o time tá bem e o Inter tá mal. E os colorados estão ficando meio deprimidos, porque o time tá mal e o Grêmio segue ganhando.

Por isso que eu digo que essa gangorra tá muito quebrada. Porque nos outros anos não era tanto assim. Por exemplo, 2004, o Grêmio caiu, 2005 o Grêmio ganhou com a Batalha dos Aflitos, que pode ser vergonhoso e tal, mas foi um jogo épico, transcendental, o Inter perdeu aquele campeonato pro Corinthians. Aí em 2006 o Inter foi campeão da Libertadores, mas o Grêmio vindo da série B, foi campeão gaúcho e foi terceiro no Brasileirão. Então, assim, mesmo o Inter tando bem, o Grêmio não tava mal, o Grêmio não tava de novo caindo. Em 92, o Grêmio tinha sido rebaixado em 91 e o Inter foi campeão da Copa do Brasil em 92, mas estavam distantes. E aí logo em 93 o Grêmio ganhou o Gauchão. Em 94 veio o Felipão e aí de novo foi um período muito complicado que os colorados comparam com o de agora, naquele período de 94 a 97 o Grêmio ganhou Copa do Brasil, Libertadores, Campeonato Brasileiro, mais uma Copa do Brasil e o Inter nada, só

ganhou o Gauchão de 94. E aí veio o GreNal do 5 x 2 em 97, que meio que dá um alívio, um respiro colorado que durante anos ficaram com esse GreNal do 5 x 2.

**T.N.: De fato o momento de 2016 foi a maior diferença dessa gangorra.**

T.O.: E é aí que tá, a gangorra segue né. O Grêmio ganhou a Copa do Brasil e o Inter caiu. Aí no outro ano o Grêmio ganha a Libertadores e o Inter não ganha a série B. Tava com tudo pra ganhar e ainda consegue perder a série B, né? Aí agora nos três GreNais, perdeu com classe dois e ganhou um. Agora o Inter é eliminado na Copa do Brasil. Tudo tá mais complicado.

**T.N.: E como é a semana GreNal?**

T.O.: Ah, pois é! Essa é uma obrigação nossa que às vezes é complicado, porque é isso, bom: “vai ter GreNal”. E sempre que tem um GreNal... teve agora e deve ter sido um sufoco pro Esporte. Porque é isso, tem que cobrir o dia a dia, mas tu tem que trazer algo diferente, então tu vai lá: “o que aconteceu com Odair Hellmann depois daqueles 5 x 0”, “os GreNais de Renato como jogador”, tem aquela famosa matéria também: “os estreantes em GreNais”; tem muito assim: “fulaninho que jogou dez vezes Corinthians x Palmeiras... como ele via a rivalidade GreNal lá em São Paulo”. Tem que ficar inventando matérias... “O GreNal agora nas mesmas circunstâncias de um GreNal de xis anos atrás”. Tem um trabalho de pesquisa, um trabalho de criatividade pra achar uma pauta.

**T.N.: E isso tem a ver também com estimular o jornal impresso?**

T.O.: Mas aqui também tem o digital. E no digital Grêmio e Inter são campeões de audiência. Qualquer coisa que tu publicar de Grêmio e Inter tende a ter audiência, seja opinião, seja informação. Então é uma usina de produção de conteúdo de Grêmio e Inter. A diferença é que no site tu pode dar coisinhas pequeninhas, mas no papel, em algum momento tu tem uma roupagem, uma matéria de duas páginas, um infográfico especial.

Eu me lembro que teve um GreNal em 2008, que foi em Erechim, uma cidade do interior, e casualmente foi no mesmo final de semana do

Planeta Atlântida, que é um festival de música que tem no litoral. Aí eu tava na edição e fiz uma brincadeira, eu fiz o GreNal com ares de Planeta Atlântida... brincar com os títulos, estilos de música... Agora eu me lembrei, desse que eu gostei bastante, foi o do Oscar, eu fiz uma cobertura de GreNal como se fosse o Oscar: então tinha o Oscar de melhor fotografia, era a foto que a gente achou mais legal. Efeitos visuais tinha sido uma encenação de um jogador. Melhor diretor era o técnico que tinha vencido o jogo ou vencido o duelo tático. O melhor ator era o melhor jogador. O melhor coadjuvante, aquele que teve um lance importante... Então, como no GreNal nós já estamos, bah, no quatrocentos e pouco... GreNal número...

**T.N.: 413?**

T.O.: É! E pra cada GreNal tu tem que criar uma narrativa... Aí é isso, tu tem que pensar pra inventar coisas, é bom quando tem fatos novos pro GreNal...

**T.N.: Mas eu vejo que aqui mesmo as pessoas que são indiferentes ao futebol elas acompanham o GreNal.**

T.O.: Sim. É a Copa do Mundo local.

**T.N.: E pra você é a maior rivalidade nacional?**

T.O.: Bah, nacional é! Porque, por exemplo, com todo respeito às histórias, não dá pra comparar, como em São Paulo e no Rio. Tu tem o Palmeiras *x* Corinthians, mas também tem o Corinthians *x* São Paulo, tem o Corinthians *x* Santos, existem rivalidades, tem o Flamengo *x* Vasco, tem o Flamengo *x* Fluminense, sabe, tu divide a atenção, né? O Bahia e o Vitória, tá, mas é que o Bahia *x* Vitória não tem a projeção internacional que Grêmio e Inter tem. Atlético e Cruzeiro é a rivalidade pra mim que mais se aproxima...

**T.N.: É, mas aí tem essa questão que depende da região...**

T.O.: E aqui não tem muito isso de interior, as pesquisas mostram que as pessoas torcem pro Grêmio e pro Inter, pode ser pro time do interior também, mas os times de Rio e São Paulo não têm a penetração que a gente sabe que têm no interior de Minas Gerais. Talvez se o Flamengo viesse fazer um jogo em Erechim, fosse levar gente, mas não é uma

coisa assim: “ah vamo fazer jogo em Juiz de Fora” e o estádio estar cheio, né?

**T.N.: E pra você quais são as qualidades do jornalista esportivo?**

T.O.: Bah, vamo centrar no futebol, eu acho que ele tem que... essa pergunta eu não tava preparado, qualidade no jornalista esportivo... como qualquer jornalista, mas eu acho que ele tem escrever bem, porque em jornalismo esportivo as coisas se repetem demais, os assuntos repetem, sabe: o Campeonato Brasileiro, tudo bem, tem quatro rebaixados, quatro pra subir, mas todo ano é a mesma história, pode ter um time que tá melhor, outro que tá pior, e tu tem que dar um jeito de ser criativo, de trazer uma roupagem nova pra matéria, pro texto, porque se não fica uma mesmice, se não tu vai ler um texto com sensação de *deja vu*, por mais que um jogo não seja igual ao outro, mas, “ah já vi essa história aqui no ano passado, no mês passado, ontem”. Acho que tem isso. É um jornalismo que tem muitos chavões, então tem que cuidar muito, muitas expressões repetidas... é outra coisa pra tentar evitar. Eu sempre digo pras pessoas assim: tu vai usar um lugar comum, inverte o sentido dele ou força ele pra mostrar que é um lugar comum no lugar certinho. Acho que os clichês do jornalismo esportivo são bem complicados. Aparecem mais ao meu ver em televisão. Rádio eu não acompanho tanto porque eu fico muito atordoado com rádio...

**T.N.: Ainda mais aqui.**

T.O.: Ainda mais aqui, sabe? Nos meus tempos de guri acompanhava jogo pelo rádio, mas agora não consigo acompanhar por dois motivos. Primeiro porque depois que tu vê ouvindo rádio tu vê como é exagerado... “quaaase gol”... e a bola tá láaa longe. E segundo por causa do *delay*, né, é um inferno assistir jogo quando tem gente...

**T.N.: Aí você já escuta os foguetes na rua e já sabe o que aconteceu...**

T.O.: É, mas o problema é o rádio, uma das piores coisas que tem é o *delay*. E quanto às qualidades do jornalista esportivo... acho que é isso assim, pode torcer pra um time mas tu tem que saber separar quando tu vai exercer a atividade jornalística. Acho fundamental não ficar bitolado, não ficar só no jornalismo esportivo. Pra mim alguns dos melhores jornalistas esportivos que a gente tem são pessoas que eu sei, e

que já mostraram em texto, que conseguem cruzar outras referências, ainda mais aqui que tem essa coisa do dramatismo, tu consegue ter uma ideia assim, tudo bem, é nosso, mas... o Jones Lopes fazia um pouco isso assim, sabe? Ele sabe que existe outro tipo de narrativa que não só do futebol, tem a narrativa do samba, tem a narrativa do jazz, tem as narrativas do cinema. Quando tu consegue trabalhar, ter uma bagagem cultural mais legal, melhor vai ser o jornalista esportivo. Eu acho muito melhor um jornalista esportivo que tem essa bagagem cultural do que o enciclopédico, entende? Porque o enciclopédico hoje o Google resolve. Eu sei que o Duílio jogou três anos... tá? Mas o que isso acrescenta?

A mesma coisa vale pras estatísticas, que eu acho importantíssimo. Eu acho que o futebol tá atrasado nesse aspecto da tecnologia. Acho que poderia ter mais. Não entendo essa bronca com o juiz. Me irrita, sabe? Juiz é isso, é humano, ele tá ali no lance, ele vai errar, sabe? Ele vai errar. E mesmo o árbitro de vídeo pode ser que erre, faz parte. A mesma coisa com a estatística. Eu gosto quando o jornalista esportivo de estatística não simplesmente joga os números...

**T.N.: Contextualiza, né?**

T.O.: Contextualiza. O time ter trocado 150 passes na partida, o que isso traz de resultado de fato?

**T.N.: Igual o Cruzeiro lá em Minas, agora, tem 70% de posse de bola em dois jogos, mas e daí, perdeu os dois. E os caras ficam nisso.**

T.O.: É, então vamo entender: como que o Cruzeiro tem 70% de posse de bola e não faz gol e perde as partidas? Onde tá o erro? Tentar explicar as coisas né?

**T.N.: É, por isso eu acho uma injustiça colocarem os “focas” pra fazer jornalismo esportivo, dizendo que é a editoria mais fácil, porque pra mim não é.**

T.O.: É, e em Copa do Mundo isso é muito claro, tem todo um lance de geopolítica e de contextos históricos envolvidos em várias partidas, que podem ser explorados. E não é frustração, sabe? Não se pode ignorar que um Estados Unidos x Irã é mais do que um jogo de futebol entre duas seleções que jogaram, né?

**APÊNDICE K: Entrevista com o jornalista C****Redação da *Zero Hora*, Porto Alegre, 26 abr. 2018****Thalita Neves (T.N.): Você está há quanto tempo como setorista?**

Jornalista C (J.C.): Como setorista, oficialmente, eu passei por um... aqui no grupo *RSB* a gente tem dois jornais, aqui em Porto Alegre, tem o *Diário Gaúcho* e a *Zero Hora*, eu fui setorista do *DG*. Eu trabalhava no site também, em 2013, quando eu me formei, mas eu ainda era estudante, eu fazia só Grêmio. Aí eu fui pro *DG* em julho e a partir de julho de 2013 eu me tornei oficialmente setorista.

**T.N.: E você só cobriu Grêmio, então?**

J.C.: Sempre o Grêmio. Só cobri o Grêmio.

**T.N.: Aqui vocês têm essa coisa de o setorista do Grêmio ser alguém que torce pro Grêmio e do Inter...**

J.C.: Não, não necessariamente. Eu, por exemplo, sou paulista. Eu não sou nem gaúcho.

**T.N.: Bom que você escapa de qualquer tipo de julgamento...**

J.C.: Não, não escapo. As redes sociais não nos perdoam. Por qualquer coisa, sério, por indício, eles apontam: “lá você falou isso, aqui você falou aquilo...”.

**T.N.: E quanto ao fato de vocês colocarem o e-mail logo abaixo da assinatura? Vocês recebem reclamação de torcedor?**

J.C.: Não muito. Eu não recebo muito porque eu faço matérias mais tranqüilas. Mas os guris recebem mais. O resto vai te dizer que com certeza recebe. Mais ofensas, mais reclamações em rede social... Posta uma matéria, ou coloca alguma avaliação tua durante um jogo, ou sobre algum jogador, ou sobre algum dirigente, costuma aí sim receber. Já entrei uma vez numa discussão, entrei e me dei mal.

**T.N.: E você acha que eles têm motivo pra questionar?**

J.C.: Na verdade assim, aqui funciona muito o seguinte: o torcedor de Grêmio e de Inter ele quer ouvir o jornalista dizendo que Grêmio ou Inter são o melhor time do mundo. Qualquer coisa longe disso gera reclamações. E gera comparações. Tu faz uma matéria dizendo que a camisa do Grêmio é bonita. Aí vai receber uma cobrança dizendo que tu falou que a do Inter era mais bonita em 2014. Os caras vão achar um *tweet* teu dizendo isso. Ou em algum momento que tu falou que a camisa do Grêmio era feia, aí o cara: “agora tá querendo dizer que é bonita pra tentar agradar o torcedor”, sabe? Coisas assim. Aqui existe até uma expressão: os gremistas criaram uma expressão chamada IVI. Chama-se “Imprensa vermelha isenta”. Então nós, setoristas de Grêmio, sofremos com: “ah ele é da IVI”. Então eles dizem que todos somos colorados e por isso falamos bem do Grêmio em alguns momentos pra que, quando tiver oportunidade, a gente possa falar mal do Grêmio.

**T.N.: E você acha que talvez essa torcida tão irracional se deva a questões culturais do estado?**

J.C.: Sim. A polarização aqui no Rio Grande do Sul é uma marca né. Chimangos *x* maragatos, esquerda *x* direita, aqui sempre foi muito acirrado esse debate ideológico, e agora no GreNal também não se afasta disso. É muito forte a coisa, a polarização... Como até o teu próprio estudo, tu vai verificar isso também. Naquele momento, o título do Grêmio não foi tão importante pros gremistas quanto o rebaixamento do Inter. O ápice da festa gremista foi o rebaixamento colorado.

**T.N.: Inclusive o Grêmio perdeu o último jogo, né, e a torcida tava comemorando.**

J.C.: Perdeu. Perdeu em casa pro Botafogo, 1 x 0, se não me engano. E a torcida em êxtase. Aquele domingo eu posso te garantir que foi mais festejado pros gremistas do que o título de quarta-feira.

**T.N.: É muito diferente da relação com São Paulo, por exemplo.**

J.C.: Totalmente. Até no próprio Rio de Janeiro, que existe uma soberania na mídia do Flamengo, por ser o clube mais popular do Brasil, enfim, mesmo lá existe essa rivalidade muito forte com o Vasco, o Fluminense, mas... eu não sei como é Minas, mas eu tenho a impressão que a imprensa, por se identificar, em alguns setores são identificados com Cruzeiro e Atlético, né, existe até programação diferenciada pra

cruzeirense e atleticano. Aqui não existe. Aqui a gente trata sempre dos dois.

**T.N.: Aqui o jornalista não pode falar pra que time torce?**

J.C.: Olha, tem alguns jornalistas que se declaram. Por exemplo, a gente tem um colunista e comentarista da *Rádio Gaúcha*, que é o Adroaldo Guerra Filho, ele é colorado. Ele sempre foi colorado, Nunca escondeu que é colorado. Inclusive é um fenômeno até raro aqui, que a torcida do Grêmio gosta dele. Ele tem uma aceitação muito boa assim. Ele não é um cara que sofre muito com essa história de IVI. Ele não sofre muito com isso. Outros exemplos: a *Rádio Gaúcha* começou a colocar pessoas identificadas pra ficar na torcida. Então no Grêmio nós temos um comunicador, que até é numa rádio jovem aqui, que é o Duda Garbi, que ele é gremista, e ele faz os jogos do Grêmio. O Inter não tem mais essa figura. Tinha, que era uma jornalista que fazia também política, e ela saiu, ela não faz mais, é a Kelly Matos, não tem mais um identificado colorado, apenas no programa que é o *Sala de Redação*, né, aí tem os gremistas e os colorados.

**T.N.: E qual a sua opinião quanto ao jornalista torcedor?**

J.C.: Acho que o jornalista torcedor... por ser torcedor não qualifica ou desqualifica o jornalista. Eu parto desse princípio. Todos nós aqui torcemos pra um time. Todo mundo tem o seu time do coração. A gente brinca aqui: Ninguém cresceu torcendo pro juiz. Todo mundo tem um time em algum momento. Acho que por ser torcedor não desqualifica o trabalho de ninguém. Quando a pessoa usa isso como caminho de carreira, justificar o seu conteúdo por ser torcedor, aí eu acho que desqualifica um pouco o trabalho. Acho que é caso a caso, entende? Fazer uma matéria de determinada forma por ser torcedor, desqualifica o teu trabalho, com certeza. Mas se for algo que não interfira no teu processo de apuração, não interfira no teu processo de construção das matérias, de valorizar o que é mais importante, de todos os processos jornalísticos, não vejo mal, não vejo mal mesmo.

**T.N.: E como você lida com as inconveniências da rotina produtiva... a questão do *deadline* do jornal diário, as linhas editoriais da imprensa?**

J.C.: A nossa linha editorial ela é muito tranquila. A gente tem a liberdade de fazer qualquer tipo de matéria desde que justificada naqueles parâmetros jornalísticos: se tiver relevância, tiver interesse público, enfim... volta e meia a gente também escorrega, ninguém é perfeito, te garanto isso: nós não vamos acertar sempre. Mas relativamente é tranquilo. Já foi pior e já foi melhor algumas coisas. Muda muito. Atualmente nós trocamos a nossa escala. Antigamente a gente trabalhava um fim de semana sim, e um não. Folgava um inteiro e trabalhava em um dia do final de semana. Se o jogo do Grêmio era sábado, eu trabalharia sábado, e domingo eu folgaria. Agora nós vamos trabalhar seis dias e folgamos um. E na semana seguinte trabalhamos cinco dias e folgamos dois, e não necessariamente finais de semana mais. Então a gente pode folgar segunda e trabalhar até domingo e na outra semana folgar quarta e quinta. Pode acontecer, ainda não é o caso, mas... É que a gente começou um processo de integração com a rádio [Gauúcha], enfim, é uma outra circunstância que não é uma realidade ainda no Brasil, aqui está se experimentando dessa forma, mas nossa rotina é assim, *deadline*, linha editorial, é bem tranquilo.

**T.N.: E essa questão da integração tem a ver com a questão de a gente estar tentando fazer o impresso sobreviver?**

J.C.: Aqui o impresso sobrevive ‘tranquilamente’ porque a nossa base de assinantes é muito grande. Então o lucro médio dele é sempre estável, né? A gente sabe quanto ganha e sabe quanto custa. Então por enquanto é uma fórmula equilibrada. A integração ela surgiu a partir de uma busca da empresa... essa é a explicação que nos deram, tá... que eles queriam ver o que teremos que qualificar e que era uma aposta de futuro da empresa pra que a gente tivesse uma vantagem digital. Então é o seguinte: a gente trabalha na rádio [Gauúcha] e a rádio trabalha pro site [GauúchaZH]. Quem faz papel continua fazendo papel. E quem faz só rádio, apresentadores, comentaristas, seguem na rotina da rádio. O site virou nosso ponto de convergência. Até o site mudou, não é mais *zerohora.com*, agora é *GauúchaZH*. Então o site é a grande aposta digital da empresa pra que a gente tenha assinantes digitais porque já que com publicidade não consegue se custear a operação, vamos tentar então com assinaturas que é um modelo que deu certo no papel.

**T.N.: E como é a relação tanto com os diagramadores quanto com os editores?**

J.C.: Nós temos excelentes editores aqui. E diagramadores também. A nossa equipe é muito boa. Muito boa mesmo, assim. Isso é um diferencial da *Zero*. A dinâmica funcionaria da seguinte forma: como tu vê aqui na nossa ilha, os setoristas sentam num canto e os editores de papel sentam aqui. Sentava o nosso editor-chefe, que trocou agora, que vai vir um cara da rádio [*Gaúcha*] que vai assumir tudo... era o Diego Araujo, ele coordenava toda a operação do papel e do site. À direita dele o Sérgio Villar, que é um editor também que edita dupla GreNal. Esses dois costumam se dividir, um pega o Grêmio, o outro pega o Inter. Ao lado dele senta o Vinicius Vaccaro, que é um cara que faz mais OE, OE é “outros esportes”, de tudo, vôlei, basquete, qualquer coisa de outros esportes é com ele. E também tem um plantonista que é o Francisco Luz, que senta lá na outra ilha, que naquela outra ilha é o *DG* também, o *Diário Gaúcho*, tem duas pessoas que trabalham que pegam o material que a gente produz pra *Zero* e embalam pro *Diário Gaúcho*, com outros títulos, outras fotos, tudo diferente. Aí eles costumam fazer o trabalho aqui. A gente costuma conversar qual é a pauta, o que a gente precisa contemplar na matéria, como é que a gente vai apresentar... Por exemplo, a nossa pauta de amanhã ela vai ser um pouco mais gráfica pelo que eu entendi da conversa inicial. A gente vai apresentar os números do Luan, tá em alta... então, além de uma matéria, de ouvir opinião, a gente vai buscar números e apresentar isso numa página de uma forma atrativa, entende? Com gráfico, com info, pro site que dê pra aproveitar no papel, a gente costuma fazer dessa forma.

**T.N.: Eu vejo que vocês trabalham muito com personagens, tem muitos perfis...**

J.C.: Sim. Aqui é algo bem comum. É que aqui, diferente também de outros lugares, a gente tem muito a figura do dirigente no dia a dia, que nos outros sites e nos outros jornais de outros países praticamente eles não falam, pelo menos em on eles não falam, né? E aqui tem muito isso. Então a gente tem cobertura com as vozes do clube e não só as nossas. Eu acho que isso é um ponto também que é um diferencial nosso aqui.

**T.N.: No momento da cobertura que eu analisei eram as eleições presidenciais do Inter, então tinham pautas nesse sentido.**

J.C.: Também. Aqui a cobertura é muito forte nesse aspecto, porque os clubes têm quadros sociais muito grandes. O Inter até pouco tempo atrás tinha 100 mil sócios, o Grêmio tem 70 mil e alguma coisa.

**T.N.: Então, mesmo que não fosse uma época de eleição, a política dos clubes seria abordada?**

J.C.: Sim, sim. São freqüentes matérias no site, matérias no papel, sobre cenários políticos, movimentos políticos que deixam gestão, ou que voltam... questões assim. É que agora o Inter também tá passando por um momento complicado né, ainda sobre aquela época também, teve muito problema de gestão, que sumiu recurso, que teve notas apresentadas que eram falsas, então é uma “lava jato” no Inter, praticamente. Então isso também tá ganhando espaço no nosso noticiário.

**T.N.: Pra você quais são as particularidades da editoria esportiva em relação às outras?**

J.C.: O nosso público ele tem uma demanda sem fim, ele exige uma produção sem fim, ele exige uma produção constante porque ele é extremamente apaixonado pelo seu interesse, diferente de outras questões. Por exemplo, a política, se o país tiver tranquilo, não tiver questões de... prisão do Lula, coisas assim que acabam exacerbando as emoções, vai tranquilamente. A gente se preocupa com política mais em época de eleição, com economia a mesma coisa, em épocas de crise, em épocas de investimento... No futebol, principalmente aqui no Rio Grande do Sul, é quase prioridade no dia a dia das pessoas. As pessoas querem saber o máximo de Grêmio e Inter. O máximo, o máximo, o máximo. É uma produção sem fim. A gente não consegue nem atender a demanda diária praticamente.

**T.N.: E pra você é a maior rivalidade clubística nacional?**

J.C.: Olha, eu acho que pelo cenário local sim. Porque aqui é uma questão histórica, existe essa polarização total. Não existe meio termo. É Grêmio ou Inter.

**T.N.: E quem é Grêmio tem que ser anti-Inter?**

J.C.: Praticamente. Eu vejo isso mais no Grêmio, tá? O torcedor do Grêmio é mais assim, o do colorado... até porque a fase não tá boa, então qualquer coisa boa que acontecer no clube ele comemora. Mas o gremista além de querer ver o bem do Grêmio ele quer sempre ver o

Inter se ralar. Quanto mais coisas ruins acontecerem com o Inter, melhor.

J.C.: Sempre é igual. A gente tem esse cuidado. No site não, por exemplo, como a fase do Grêmio é melhor, as portas do Grêmio estão mais abertas pra que a gente produza matérias especiais, pra que a gente faça pautas diferentes... O Inter já segura um pouco mais, porque o momento do clube não é bom. Mas aqui existe esse cuidado editorial. O espaço em capa, por exemplo, chamadas parecidas, com fotos do mesmo tamanho...

**T.N.: Quase contando caracteres, né?**

J.C.: Não chega nesse ponto. Mas se for algo que tiver relação entre um e outro, praticamente chega nesse ponto sim. Se for um GreNal, por exemplo... semana de GreNal é tudo muito cuidado.

**T.N.: Me parece que na semana GreNal mudam completamente os ânimos na Redação, né?**

J.C.: Totalmente. Há um cuidado extremo em tentar fazer uma pauta que a gente consiga contemplar os dois de uma forma igual. Por exemplo, a gente costuma muito apresentar o jogo por personagens, como tu reparou. Agora, principalmente, foi muito difícil, a gente teve três GreNais em sequência aqui. O último jogo da fase classificatória e o primeiro jogo do mata-mata foi GreNal. E aí como é que tu apresenta três semanas consecutivas o mesmo jogo com personagens? Sendo que o Grêmio venceu o primeiro jogo da fase classificatória e aí avançou, conseguiu passar pra próxima fase do Gauchão, porque tava mal. Aí o primeiro jogo foi 3 x 0 pro Grêmio... Fica difícil, entendeu? Colocar os dois em igualmente, porque o Grêmio atropelou no primeiro jogo.

**T.N.: E ao mesmo tempo fica essa gangorra, porque por pouco o Grêmio nem se classifica, né?**

J.C.: Exatamente. Aquela semana foi mais tranquila de fazer a matéria, por exemplo. Mas aí na sequência foi complicado porque como é que tu vai colocar dois clubes em momentos tão diferentes na mesma situação? A gente até achou, fez a pauta pelos goleiros, eu nem me lembro qual foi o enfoque que a gente deu. Mas a gente costuma fazer isso, sabe, fazer uma pauta dos dois, sempre tentar equilibrar, apresentar o mesmo lado

dos dois: os goleiros, os craques do time, os destaques jovens, os técnicos...

J.C.: No *hard news* no dia a dia não, é o mesmo espaço pros dois, às vezes um pouco mais quando acontece alguma coisa extraordinária: contratou um jogador, tá passando por uma confusão, deu uma crise, aí de fato se amplia um pouco a cobertura. Mas a idéia numa Semana GreNal é sempre tratar os dois de uma forma igual, mesmo que o momento dos dois seja oposto, sabe, um seja o primeiro, o outro o último. É igual pra todo mundo.

**T.N.: E você já tinha coberto alguma “semana GreNal” assim tão atípica quanto foi o período do título do Grêmio e o rebaixamento do Inter?**

J.C.: Acho que foi a primeira vez. É porque foi uma semana “GreNal” que na verdade não era GreNal né, ela tinha tudo de GreNal mas ela não era uma semana GreNal. É que foi uma semana bem difícil porque os jornalistas que faleceram no vôo [Tragédia Chape], que estavam em Santa Catarina, eram conhecidos nossos, o Laion Espíndola, por exemplo, era um rapaz que trabalhou aqui muito tempo, não aqui na *Zero*, mas trabalhou no Rio Grande do Sul, trabalhava no *Correio do Povo*, era um cara que a gente conhecia e tal. Tinham outras pessoas, tinham muitos jogadores de Grêmio e Inter que faleceram no vôo. Muitos, muitos, muitos. Uns oito personagens, pelo menos. E aí o jogo foi adiado. Eu me lembro que eu fiz uma matéria sobre um rapaz que tinha o sonho de ver o Grêmio e ele tinha uma doença terminal... então já era uma semana sensível, eu tava com essa pauta junto... E se tu lembrar, deu uma polêmica com o Inter naquela época, porque o Inter tentou, entre aspas, utilizar a tragédia como uma forma de evitar o rebaixamento, sabe?

**T.N.: Ah sim, porque eles queriam que encerrasse o Brasileirão uma rodada antes, né?**

J.C.: Até foi o jornalista F quem fez a pergunta pro presidente do Inter na coletiva, e aí deu uma repercussão nacional porque ficou muito ruim pro Inter, sabe, naquele momento que tentou utilizar da tragédia da Chapecoense como uma forma de tentar bagunçar o Brasileiro e tentar dar uma virada de mesa. Foi um troço assim meio chato. E o jornalista F foi quem fez toda a polêmica. Ele é quem tava com o Piffero... o

presidente do Inter foi dar uma entrevista... que era aquele momento do Victor Ramos. O Inter se envolveu assim numa série de polêmicas desnecessárias pro clube que acabaram manchando ainda mais aquela caminhada ruim do Inter pra segunda divisão. E eu me lembro bem disso, aquela semana foi muito tensa porque se criou quase uma unanimidade nacional em condenar o Inter pela atitude do presidente.

**T.N.: Foi algo totalmente insensível, né?**

J.C.: Foi, foi extremamente insensível, uma palavra bem leve, insensível, porque foi bem rasteiro o que o presidente tentou fazer naquela época, de usar a tragédia da Chapecoense como uma tentativa de melar o Brasileiro.

**T.N.: Houve alguma retratação dele? Não me lembro se isso apareceu em alguma matéria.**

J.C.: Acredito que não. Ele tentou se explicar, acho que teve espaço aberto pra que ele falasse sobre o assunto. Ele só não disse categoricamente que ele aceitaria o rebaixamento se o Brasileiro... Porque se tu lembrar se debateu muito a necessidade ou não de se fazer a última rodada. E aí ele disse: “acho que não tem que ter”. Tá, mas e aí: “como é que fica, presidente, então o senhor aceita o rebaixamento?”, aí ele: “ah não sei”... Aí o campeonato não acaba, sabe? Acho que aquilo ali revoltou até a sociedade porque se esperava uma postura digna, que caísse com dignidade. O Inter caiu sem.

**T.N.: Ou mesmo que os colorados tentassem resolver dentro de campo né, eu imagino que os torcedores esperavam isso.**

J.C.: É, tudo aquilo lá foi atrapalhado. O final de ano do Inter não tem como ter sido pior do que foi.

**T.N.: Eu vi que nas matérias do pós-título do Grêmio as matérias foram mais positivas, obviamente, mas há mais adjetivação e uso de advérbios no momento em que o Inter cai. Então, não sei se isso faz algum sentido, mas me parece que o enfoque negativo é mais dramatizado do que quando o enfoque é positivo?**

J.C.: Com certeza, porque a gente tenta talvez fugir daquela posição de bajular, sabe? Ao mesmo tempo que tu reconhece a grandeza... É até

uma situação delicada que a gente vive hoje, sabe, porque tu não tem mais como elogiar o Grêmio. O Grêmio tá jogando o melhor futebol do Brasil, todos os jogadores do Grêmio são destaques, como é que tu faz o teu trabalho sem parecer que tu tá só elogiando pelo elogio, sabe? É difícil em alguns momentos isso. Aí esse é um cuidado que a gente tem. E, naquela época, uma das frases... que o presidente do Inter da época, era o Vitório Piffero... e ele era uma pessoa extremamente arrogante nas suas manifestações públicas. Ele sempre dizia que clube grande não cai, ele era um cara que provocava muito o Grêmio com a questão do Grêmio ter caído duas vezes. Então, quando o Inter ficou nessa situação, ele acabou exposto, e aí realmente todas as porradas que poderiam ter sido dadas o Inter tomou naquela época. Principalmente pela postura, não foi nem a questão do rebaixamento. Não foi uma crítica torcedora, foi uma retaliação, retaliação não é a palavra, mas foi uma... ele se abriu pra tomar aquelas pauladas que ele acabou levando.

**T.N.: E elas vinham dos torcedores e da imprensa?**

J.C.: De todos os lados. Ninguém tentou achar um lado positivo só pra dizer que o Inter é um clube grande, naquela tentativa de minimizar o rebaixamento. Ninguém tentou minimizar. Todo mundo apresentou exatamente que o rebaixamento era um fracasso, uma mancha na história do clube que se orgulhava de nunca ter sido rebaixado.

**T.N.: Mas eu vi que isso aparece até mais drasticamente no espaço de colunas, mais do que o enfoque positivo do Grêmio. Isso me faz pensar que os aspectos muito negativos sejam tratados mais na ótica opinativa talvez pro jornalista não se comprometer tanto ali com a torcida. Faz sentido?**

J.C.: Também, pode ser. Mas por aqui acompanhando outras coberturas de momentos ruins, na minha opinião, foi o momento de maior crítica ao Inter mesmo quando o espaço não era opinativo, sabe, com matérias mais contundentes, com certeza.

**T.N.: Mas eu vi, por exemplo, que no pós-título do Grêmio tinham mais páginas sobre o Grêmio e Inter, e ao Grêmio principalmente, e menos espaço para outros campeonatos e modalidades. E no rebaixamento do Inter foi o contrário. Tinham sim matérias aprofundadas sobre a queda do Inter, mas tinha mais espaço para**

**outros campeonatos e modalidades. Isso me fez pensar que a *Zero Hora* tenda a priorizar os aspectos positivos?**

J.C.: Não, foi só pelo momento do ano, porque quando acaba a temporada tu não tem mais o que tu falar de futebol, é mais a projeção de futuro dos clubes, né.

**T.N.: Então na sua visão o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter tiveram editorialmente o mesmo espaço, um pelo enfoque positivo e outro pelo negativo?**

J.C.: Olha eu acho que talvez o rebaixamento do Inter... Não, o título do Grêmio teve mais espaço, com certeza, pelo fato de o Grêmio ter ficado tanto tempo sem ganhar um título de expressão. E no rebaixamento do Inter não foi uma orientação clara, específica: “vamos minimizar a dor do colorado”. Vamos tratar como foi e como é.

**T.N.: E como você acha que a imprensa nacional cobre Grêmio e Inter?**

J.C.: Agora melhor pelo momento do Grêmio, o Grêmio talvez ser o melhor time do Brasil acaba atraindo a atenção nacional um pouco mais. Mas, naquela época, era relativamente pequena, assim. Eu acho que é pouca a cobertura nacional, em programas de televisão, mídias impressas, é pouca coisa, até aquele momento era pouca coisa. Agora recentemente aumentou muito, porque o Grêmio virou foco.

**T.N.: Aconteceu isso lá em Minas também, na época em que o Cruzeiro foi bi campeão do Brasileiro, e aí o Atlético ganhou a Copa do Brasil em cima do Cruzeiro...**

J.C.: E a Libertadores também...

**T.N.: Sim. Lá é bastante polarizado também, mas não tanto quanto aqui, onde eu vejo que ou se torce pro Inter ou pro Grêmio...**

J.C.: E tem uma ilha no meio do estado, em Pelotas, que existe a torcida forte pro Brasil de Pelotas, mas não dá pra comparar com Grêmio e Inter.

**T.N.: E mesmo esses torcedores do Brasil de Pelotas eles têm uma simpatia ou por Grêmio ou Inter?**

J.C.: Menos. É o único clube que eu diria que tem torcedores mais fidelizados, que torcem pro clube e não pra Grêmio e Inter. De resto, totalmente: é Juventude, mas torce pro Grêmio... É Caxias, e torce pro Inter, sabe?

**T.N.: E você acha que existe um imaginário, que a imprensa constrói, do gaúcho, jogador valente, aguerrido...**

J.C.: Totalmente. Os estereótipos e preconceitos são totais nesse aspecto. Eles acham que futebol gaúcho é barro, carrinho... E o Grêmio do Renato Portaluppi... até chamam ele de Renato Gaúcho fora, normalmente, nós chamamos de Renato Portaluppi aqui... o time dele, pelo toque de bola, por ter um estilo mais ofensivo, acaba que às vezes as pessoas se espantam com isso, mas sempre foi assim, desde o Roger em 2015, 2016, o Grêmio teve esse estilo. Agora, com os títulos, tá consagrando o Renato nesse trabalho, e não se fala isso. Você pode ver: o jogador que é apresentado aqui fala: “eu conheço o estilo gaúcho, aguerrido...”. Já vem com esse discurso.

**T.N.: E pra você como é uma boa cobertura do jornalismo esportivo?**

J.C.: Olha, eu acho que a presença no local dos fatos é fundamental. Uma cobertura... não só o relato, mas interpretação do fato. Eu acho muito importante ter uma pessoa que consiga dizer, apresentar por que aquele fato que ele tá relatando é importante, que consiga contextualizar ele num cenário maior. Acho que a presença e essa contextualização são os dois pontos mais importantes.

**T.N.: E o que você acha da questão do entretenimento?**

J.C.: Esse é o grande tabu na verdade, né? Entre jornalismo e entretenimento, porque recentemente as linhas ficaram mais turvas e a gente não sabe bem o que é entretenimento. Porque a TV transformou, principalmente o *Globo Esporte*, que era um programa super sério e virou brincadeira. Eu particularmente não gosto, pessoalmente eu não gosto de consumir esse produto, eu gosto do jornalismo analítico, eu gosto de análise tática, eu gosto de opinião centrada em futebol, não

gosto de “achismo”. Meu jornalista esportivo ideal é o PVC, apesar de ele estar na *FOX*, que é uma empresa totalmente voltada pro entretenimento. Tem espaços pra tudo.

**T.N.: E talvez o jornalismo impresso não seja o espaço pra isso, porque eu acredito que no papel as pessoas estão buscando uma leitura mais aprofundada.**

J.C.: Eu acho que nas páginas do papel, talvez em uma coluna, algo assim se justifique. Mas “vamos fazer uma cobertura engraçadinha de Grêmio ou Inter”, acho que é um produto que não se sustenta.

**T.N.: Tudo bem que possa ser leve e descontraído...**

J.C.: Mas mesmo a descontração é perigosa. Porque quando o momento tá bom é tranquilo de tu fazer. Mas e quando o momento é ruim? Como é que tu brinca? Agora no momento do Inter, como é que tu vai brincar... ainda mais pra um torcedor que é tão apaixonado quanto o nosso aqui. O nosso público não nos permite isso também. Uma brincadeira, totalmente inocente, pode provocar a fúria de milhões de pessoas que consomem o teu produto e por causa desses milhões de pessoas que consomem a gente tá viabilizando ele, entende? Nós não vamos deixar de fazer uma matéria negativa, uma matéria de impactos, uma matéria que cause constrangimento ao torcedor colorado se ela for um fato jornalístico plenamente, mas brincadeira pela brincadeira não se sustenta. Com certeza não.

## **APÊNDICE L: Entrevista com o jornalista B**

**Redação da Zero Hora, Porto Alegre, 26 abr. 2018**

**Thalita Neves (T.N.): Qual é a sua função atual? Setorista?**

Jornalista B (J.B.): Eu não sou setorista. Eu sou repórter. As duas principais atribuições que eu tenho: repórter de matérias especiais... e aí eu tenho também uma especialização em esportes olímpicos... e opinião, opinião voltada pra análise tática, geralmente. Às vezes eu faço matérias que são baseadas em análise tática, o que faz com que eu assine matérias também de Grêmio e Inter, eventualmente. Como tem essa questão de especialização na parte de análise tática, eventualmente surgem pautas que envolvem isso e aí geralmente eu sou escalado pra fazer. E aí acabo fazendo matérias de Grêmio e Inter, entro na cobertura de dupla GreNal junto.

**T.N.: E como é a semana GreNal aqui? Porque todo mundo fala que os ânimos da redação ficam mais exaltados e tem aquela preocupação pra deixar tudo equilibrado...**

J.B.: É... O grande desafio assim é encontrar uma maneira... alguma coisa que faça com que a gente consiga apresentar o GreNal de uma maneira diferente... captar um pouco a singularidade daquele GreNal específico. Essa normalmente é a inquietação que surge na redação na semana do GreNal. A carga de trabalho geralmente aumenta no momento do final de semana do GreNal, a preparação... É um momento... é o grande momento da editoria de esportes da *Zero Hora*, o GreNal. E aí tem essa preocupação em termos de pauta: o que nós vamos fazer de diferente pra apresentar o GreNal e, na cobertura pós GreNal, o que nós vamos ter de diferente, né? E aí, pra chegar nisso, a ideia é captar um pouco qual é a singularidade daquele GreNal específico, o que significa este GreNal, especificamente.

**T.N.: Eu vejo que tem muitos personagens, números, infográficos...**

J.B.: É, tem algumas coisas que em todos os GreNais a gente faz, que não pode faltar. Então, por exemplo, no online, a gente tem quase um padrão de cobertura que a gente segue. A gente tem uma matéria dos melhores momentos do GreNal: *O GreNal em dez momentos*. Aí a gente vai lá e faz o GreNal em dez momentos. *O GreNal que você não viu*,

que é aproveitar o material fotográfico que foge um pouco do jogo em si e são imagens curiosas e tal...

**T.N.: Meio bastidores?**

J.B.: Isso. Aí a gente pega e faz. E aí a cobertura factual se torna muito maior, porque geralmente a gente tem um repórter na concentração antes do jogo... nas duas concentrações antes do jogo. A gente tem matérias mais amplas de pós-jogo. Não é qualquer jogo, é uma cobertura realmente especial.

**T.N.: Pra você é o maior clássico nacional, a maior rivalidade clubística?**

J.B.: A maior rivalidade, certamente. E aí, bom... tem que ver, assim, se isso significa ser o maior clássico, não sei. Acho que é a maior rivalidade porque tem uma peculiaridade de serem dois clubes em vez de quatro, como é São Paulo e Rio. E por algum motivo eu acho que isso é uma característica bem forte do Rio Grande do Sul, da bipolaridade... no campo político isso já se mostra bem forte aqui... E, antes de a gente ter essa polarização maluca no Brasil, aqui no Rio Grande do Sul nos anos 90 já se tinha a polarização gigantesca no estado, política, de esquerda e direita, muito evidente. A gente teve duas eleições em 94 e 98 extremamente acirradas, praticamente 50 a 50 por cento. Então, existe uma coisa histórica do Rio Grande do Sul da polarização. E eu acho que isso se transfere um pouco pro futebol e torna a rivalidade mais acirrada do que Cruzeiro e Atlético, por exemplo, que é uma rivalidade também muito forte, de dois clubes do mesmo tamanho de Grêmio e Inter, mas que talvez não tenha essa força.

**T.N.: Eles não estão na mesma gangorra.**

J.B.: Sim.

**T.N.: Porque eu vejo que Grêmio e Inter estão sempre nessa gangorra, quando um tá em baixa, o outro tá em alta. E outra questão que eu acho que é a principal que faz Minas não ter uma rivalidade tão forte quanto aqui é o fato de nós termos tecedores de outros times. Por exemplo: o sul de Minas torce muito pra Corinthians e Palmeiras. E na Zona da Mata mineira, pela**

**proximidade com o Rio de Janeiro, a maioria dos torcedores são flamenguistas. Aqui no Rio Grande do Sul eu não vejo isso.**

J.B.: Não tem.

**T.N.: Ou você é Grêmio ou Inter, né?**

J.B.: É. É isso.

**T.N.: E pra ser Grêmio tem que ser anti Inter. E isso eu vejo como algo muito forte aqui também.**

J.B.: É... Eu acho que eu diria que desde o início dos anos 2000 eu acho que se aprofundou ainda mais a rivalidade. Porque a gente teve um momento... nos anos 80 e 90 são momentos de domínio do Grêmio. O Inter ganha um Brasileirão em 79 e aí, até a virada do século, o Inter só tem o título da Copa do Brasil como título importante e o Grêmio ganha tudo. E aí acontece uma série de coisas ali nos anos 2000 que aprofundam a rivalidade: o Grêmio é rebaixado pela segunda vez, o Inter começa a ter muito sucesso e o Grêmio volta forte da segunda divisão. E aí a gente tem um momento em que os dois estão razoavelmente bem: a torcida do Grêmio tá muito empolgada com a volta da segunda divisão, mas ao mesmo tempo se ressentido do momento muito bom do Inter. E aí, claro, as duas torcidas estão muito engajadas com seus dois clubes e ao mesmo tempo existe esse sentimento de anti Grêmio e anti Inter: a torcida do Inter torcendo pra que o Grêmio siga sem ganhar títulos importantes, a torcida do Grêmio torcendo pra que o Inter encerre a sequência. E agora recentemente o momento da virada da gangorra com o Inter muito mal e o Grêmio muito bem.

**T.N.: E você acha que o os gremistas comemoraram mais a queda do Inter do que o próprio título da Copa do Brasil?**

J.B.: Não. Eu acho que não. É que o título da Copa do Brasil foi muito significativo. Eu acho que se a gente tivesse falando do rebaixamento do Inter no fim de 2017, era outro momento. Assim, depois que o Grêmio tivesse ganho já um título importante, aí era outra coisa. Mas é que a torcida do Inter batia muito nessa coisa de: “ah o Grêmio não ganha nada desde 2001” e... o jejum de títulos e a flauta de que: “ah a festa de debutante”, porque o Grêmio tá há 15 anos sem ganhar e tal, era uma fonte de provocações muito forte da torcida do Inter em relação ao

Grêmio, o jejum de títulos. Assim como foi do Grêmio em relação ao Inter nesse período, anos 80, anos 90. O Inter ficou... de 79 a 2006... o Inter tem só a Copa do Brasil de 92. Então era uma fonte também muito forte de provocação e tal. Foi um êxtase pro torcedor do Grêmio as duas coisas se combinarem, certamente. E é claro, a torcida do Inter falava muito da coisa da Série B: “nós nunca caímos, vocês caíram duas vezes”...

**T.N.: Não só a torcida, mas os próprios dirigentes às vezes né, pessoas do clube, né?**

J.B.: Sim, sim. Então duas fontes de provocação da torcida do Inter em relação à do Grêmio caíram praticamente na mesma semana.

**T.N.: Pra você o que tem de diferente na editoria esportiva em relação às outras?**

J.B.: É uma cobertura muito específica. E, aqui, ela é mais específica ainda. A gente tem uma estrutura de redação em que nós temos três setoristas de Grêmio, três setoristas de Inter. E a gente pensa o jornal do dia seguinte... o início do planejamento é: o que teremos de Grêmio e o que teremos de Inter?

**T.N.: Vocês dão as mesmas páginas?**

J.B.: Não necessariamente. Agora esta semana, por exemplo, o Grêmio tinha jogo contra o Goiás quarta-feira e o Inter seguia na sua preparação. A gente deu duas páginas de Grêmio e uma página de Inter, ontem. Mas o planejamento parte de: qual será a pauta de Grêmio e qual será a pauta de Inter? O resto é o resto. A não ser que o resto seja uma coisa muito importante. Agora na época da Copa, quando estourou o escândalo da FIFA, na época da Olimpíada... Aí bom...

**T.N.: No momento dessa cobertura até teve o acidente da Chape...**

J.B.: Isso, o acidente da Chape... Mas é só quando o resto se impõe dessa forma. Ou quando tem uma aposta do jornal em uma matéria especial e tal. Mas o básico é Grêmio e Inter. Então isso faz com que seja muito diferente do resto das editorias, em que o assunto varia bastante e tal. E diferente de outras editorias esportivas do país, em que

a coisa muda bastante o foco, dependendo da situação. Talvez em Minas seja um pouco mais semelhante com aqui, porque são dois clubes.

**T.N.: É. Eu vejo que ficam muito centrados nessa questão de encontrar o que falar de Cruzeiro e Atlético e ponderar sempre. E vocês sabem o que o torcedor-leitor da *Zero Hora* quer ler sobre Grêmio e Inter? Ele aceita uma matéria negativa?**

J.B.: Essa é uma pergunta bem difícil de responder. Porque o leitor de *Zero Hora* é um ser... é difícil a gente saber quem é. É difícil porque, assim, a gritaria de redes sociais, por exemplo... existe uma série de perfis muito atuantes em redes sociais, e que gritam alto, e vários deles não aceitam muito a matéria negativa. Em compensação tem outros leitores que exigem que a gente faça, né? Então, na verdade, a gente tem que se preocupar, na minha opinião, com o que é jornalisticamente correto, né? O Inter num momento de queda pra segunda divisão, não tem como a gente escapar de fazer matérias negativas porque a gente tem que explicar pro leitor, é uma obrigação jornalística, como que um clube desse tamanho cai, né? Um clube que há pouco tempo atrás tava conquistando títulos. Assim como lá em 2004 quando o Grêmio caiu a gente tinha que explicar também como que o Grêmio caiu. E agora é o momento de... a maior parte das matérias sobre o Grêmio vão ser positivas, porque o Grêmio vive um grande momento. E aí, bom, vai se exaltar esse grande momento do Grêmio. No fim das contas a gente tem que fazer um retrato do cenário que tá se apresentando.

**T.N.: Eu vejo, por exemplo, que nessa semana que eu analisei, no final de 2016, o pós-título do Grêmio tem algumas páginas a mais do que o rebaixamento do Inter. E, por outro lado, o rebaixamento do Inter é mais tratado no espaço opinativo. Há mais colunas pra falar de Inter. No pós-queda todas as colunas são sobre o Inter. Em nenhuma outra edição todas as colunas são sobre o Grêmio. Então isso me faz pensar que talvez o enfoque negativo seja mais dramatizado no espaço da opinião, talvez pra preservar um pouco o jornalista da crítica do público.**

J.B.: Não sei, não sei se foi proposital. Assim, às vezes a gente faz opções que são... na verdade, eu não participei do planejamento de cobertura pra que eu possa te dizer: “oh vamos fazer essa por este motivo”. E também tem uma questão que eu acho que pesa aí que é o seguinte: o rebaixamento do Inter ele não se dá naquela semana. A

gente, entre aspas, deu pau no Inter o ano inteiro. E, querendo ou não, pra tu fazer matéria... notícia... notícia é novidade. A gente não pode dar de novo todas... registrar mais uma vez tudo o que a gente já vinha registrando durante o ano. E aí, claro, no espaço de opinião, é o momento de tu analisar porque um clube desse caiu, enfim, e aí vai falar de acordo com a sua opinião.

**T.N.: Mas, por outro lado, eram matérias mais aprofundadas sobre o Inter. Por exemplo, o contexto político que levou a isso, que começou lá com a reforma do Beira-Rio, enfim... Os setoristas do Inter fizeram uma matéria bem aprofundadas sobre essa questão política. Talvez não foram tantas páginas mas, em nível de aprofundamento, se deu um tratamento maior ao Inter.**

J.B.: É que a conquista do Grêmio é uma conquista de campo, né? Então tem que se dar o mérito ao campo, nesse primeiro momento de cobertura desse tamanho. Agora, a gente já deu matérias do Grêmio que são... agora que se consolidou esse momento do Grêmio, de conquistas, não é uma conquista isolada da Copa do Brasil 2016... a gente já deu matérias assim: a entrevista com o presidente do Grêmio mostrando o global do clube, o motivo para o Grêmio... Porque, assim, um clube desorganizado pode ganhar uma conquista isolada, como uma Copa do Brasil. Não tem condições de ganhar em sequência. Por outro lado, não tem como um clube do tamanho de Grêmio e Inter cair sem haver um contexto gigantesco envolvido. E aí a gente tem obrigação de retratar esse contexto.

**T.N.: É quase um jornalismo investigativo dentro do esportivo, né?**

J.B.: É, eu acho que sim. Agora teve até uma série de matérias que a gente publicou há pouco a respeito das irregularidades da gestão do Inter naquela época. Irregularidades que estão sendo investigadas, irregularidades que, assim, o Ministério Público tá investigando, de possíveis fraudes, possível mau uso do dinheiro do clube. Aí é uma ampliação daquilo pra mostrar como essa gestão no fim das contas derrubou o clube pra Série B. Claro, não é só a gestão, mas o grupo de jogadores, tudo... Cumprindo a nossa missão de refazer o retrato do momento, de mostrar os porquês de algo tão grande, do ponto de vista jornalístico, que é o rebaixamento de um clube desse tamanho, por que isso aconteceu, assim como a gente tem que mostrar por que o Grêmio está vivendo um dos melhores momentos da sua história.

**T.N.: E o torcedor do Inter, quando vê esse tipo de matéria, ele entende que aquilo é algo que ele precisa saber e que não é pra ele falar: olha, estão batendo no meu time...?**

J.B.: No momento que a coisa não tá consolidada essa compreensão não é tão evidente. Então, assim, enquanto o Inter não estava rebaixado é evidente que isso gera em uma parte da torcida um descontentamento: “ah vocês tão fazendo crise, vocês tão querendo prejudicar o clube...”. À medida que o rebaixamento tava consolidado, aí a revolta do torcedor se volta pra gestão. Inclusive, a reação a essas matérias mais recentes, falando sobre a gestão do clube e tal... revolta em relação à antiga gestão do clube e não direcionada a nós. Aí é diferente.

**T.N.: Eles passaram a querer entender também o motivo de todo contexto.**

J.B.: Isso. É por aí. Enquanto a coisa tá se desenrolando existe uma revolta no momento que a gente faz matérias desse tipo: “ah vocês tão fazendo crise, vocês tão aprofundando o problema...” Depois que a coisa tava consolidada, eu acho que entra um pouco a compreensão de que o time caiu pelos seus próprios erros. Bom... e aí vem a revolta de quem cometeu esses erros, sobre quem cometeu esses erros.

**T.N.: E a questão do jornalista torcedor: você acha que o jornalista esportivo pode falar pra que time torce?**

J.B.: Eu acho. Eu acho que sim, mas aqui é mais complicado. O Paulo Vinícius Coelho fala a respeito disso e eu gosto muito da opinião dele a respeito disso: se alguém te pergunta no ar pra que time tu torce, não tem porque tu te esquivar dessa pergunta. Só que tu não pode ser definido pelo time que tu torce. Tu falaste de um jornalista torcedor: se a tua identidade como jornalista é ser torcedor do clube tal, temos um problema. A não ser que tu queira essa identidade pra ti. Aqui, as pessoas têm mais dificuldade por conta da intensidade da rivalidade de não te rotular com esta identidade.

**T.N.: Às vezes o público não faz a distinção nem entre coluna e informação, né?**

J.B.: Exatamente. Mesmo que o teu conteúdo não seja um conteúdo-torcedor. No momento em que tu abres a tua identidade de clube, as pessoas geralmente vão te identificar, mesmo que o teu conteúdo não seja esse, como um torcedor.

**T.N.: E vocês têm muito isso aqui, né, essa cobrança do público.**

J.B.: E aí acho que até por isso a gente tem menos jornalistas identificados do que tem no Rio, por exemplo... o Rio, que é um lugar que tem bastante, tem uma tradição disso, e aí tem uma cultura em que o público aceita isso de uma forma mais tranquila. Aqui a gente tem como principal jornalista identificado, que conseguiu desprender um pouco a imagem, o Guerrinha. O Adroaldo Guerra Filho, que é comentarista da *Gaúcha*, colunista do *Diário Gaúcho*, que é colorado, não esconde que é colorado, mas é um comentarista, comenta jogos de Inter e Grêmio, tem uma aceitação dentro da torcida do Grêmio...

**T.N.: Mas foi algo construído, né?**

J.B.: Foi algo construído. Exatamente. Ele é uma exceção, a maioria não identifica o clube pra qual torce porque sabe que isso é uma questão problemática aqui.

**T.N.: Vocês recebem críticas por e-mail ou isso é mais comum nas redes sociais?**

J.B.: Tá cada vez menos comum por e-mail e mais comum em redes sociais. Inclusive, com táticas, entre aspas, de descontextualizar coisas que tu escreve. Pegar um *tweet* antigo e descontextualizar ele e largar no ar, especialmente quando acontece alguma coisa que desagrada ali uma parte desses torcedores de Twitter. E aí eles vão lá e esquadrinham o teu perfil do Twitter pra buscar *tweets* antigos pra denunciar uma suposta parcialidade.

**T.N.: E pra que time você torce?**

J.B.: Eu sou colorado.

**T.N.: Aqui o setorista do Inter é um colorado e do Grêmio um gremista ou isso independe?**

J.B.: Independe. Isso independe. Eu tenho uma relação com o clube... Eu não tô dizendo que isso é regra, mas eu posso falar por mim... que a minha relação com o clube pro qual eu torço mudou completamente. Ela é quase inexistente hoje, eu diria. E ironicamente ela começou a mudar quando eu trabalhei no Inter. Eu trabalhei na assessoria de imprensa do Inter como estagiário uma época e foi ali que eu comecei a ter uma relação profissional com a coisa, que muda, totalmente, assim.

**T.N.: Já vi casos de setoristas que até simpatizam com o rival, porque estão ali no dia a dia do clube, enfim...**

J.B.: Hoje eu trabalho com essa coisa de análise tática. Eu gosto de uma corrente de trabalho, de uma maneira de alguns técnicos trabalharem. O Roger Machado, que foi técnico do Grêmio, é um profissional que segue essa linha de trabalho que eu simpatizo. Eu torcia muito pro Grêmio naquela época, pra que ele tivesse sucesso, pela linha de trabalho que ele segue. Isso não quer dizer que eu vá torcer contra em outro momento. Essa torcida não é na mesma intensidade da minha época de torcedor de arquibancada. Essa é a...

**T.N.: A relação que muda, né?**

J.B.: Essa é a relação que muda. É uma torcida, mas é olhando pro que tá acontecendo.

**T.N.: E você frequenta estádio fora do trabalho?**

J.B.: Não, não frequento.

**T.N.: E antes você frequentava?**

J.B.: Frequentava, frequentava. Eu acho que a relação de paixão com o esporte, que acabou guiando a escolha profissional, ela foi construída em arquibancada. E no meu caso tem uma coisa de esporte olímpico junto, acompanhando esporte olímpico e tal... Mas, essa relação de torcedor, é uma relação que terminou. Eu vi muito nesse momento, assim, um momento em que eu não tive uma relação emocional a nada que aconteceu ali no final de 2016. Eu achava, pelas coisas que eu vinha vendo do Inter ao longo do ano, que era uma tendência o Inter cair, por erros seguidos de gestão, de avaliação das situações, enfim, e via que o Grêmio estava se organizando já há algum tempo.

**T.N.: Tanto que o Grêmio ganhou a Libertadores no ano seguinte, né?**

J.B.: Isso. Essa foi a questão. Eu não tive uma reação muito forte. A gente fala brincando aqui, às vezes fala a respeito dos clubes de cada um e tal, mas a relação fica muito profissional.

**T.N.: E quanto à questão da monocultura do futebol? Porque você falou sobre os esportes olímpicos e tal, e, geralmente, a maioria dos jornalistas esportivos que eu vejo se interessam pelo futebol, apenas. Querem cobrir grandes clássicos. Isso já era uma opção sua ou você acabou caindo na cobertura olímpica, em outras modalidades...**

J.B.: Não, era uma opção minha desde o início. Eu fui atleta de esgrima por dez, quinze anos, por aí, competi e tal... Então eu tinha muito claro na minha cabeça que eu queria. Eu sempre considerei os jogos Olímpicos o principal evento esportivo do mundo, muito acima da Copa do Mundo. Um dos meus sonhos profissionais, que eu realizei há dois anos atrás, era cobrir uma Olimpíada. A minha satisfação produzindo conteúdo de esporte olímpico é tão grande ou maior do que produzindo conteúdo sobre futebol. Adoro futebol, gosto muito de futebol, me aprofundo no tema e tal... Mas, pra mim, não é um assunto menor o esporte olímpico. Só que existe isso: a gente vê na repercussão do material que a gente faz.

**T.N.: O número de leitores obviamente é menor, né?**

J.B.: Isso. E aí é a questão do ovo e da galinha, né: a gente dá muito destaque porque o público é maior, ou o público é maior porque a gente dá muito destaque? É um pouco das duas coisas, essa é a questão.

**T.N.: E a questão da dramatização, que eu vejo muito nas rádios gaúchas... porque é um estilo muito característico de se narrar um jogo, que eu não vejo nas rádios do Rio ou de São Paulo, que são um pouco mais tradicionais. E de certa forma eu acho que isso aparece no impresso também. Por exemplo: no momento mais crítico do Inter, as locuções adverbiais nas matérias, os adjetivos... eles foram proporcionalmente maiores em relação ao bom momento do Grêmio. No rebaixamento há matérias com cerca de 50 expressões adjetivadas. Isso é comum na ZH ou é apenas o estilo do repórter?**

J.B.: Eu acho que pode ter um pouco o estilo do repórter, estilo de texto, assim, né? Mas eu acho que a narrativa é um pouco... até por conta dessa rivalidade, pela paixão clubística muito forte que existe... a dramatização tem a ver com o público, sabe? Com o jeito que o clube sente o que tá acontecendo. Na rádio, por exemplo, as narrações de grandes títulos, de grandes conquistas, elas não se prendem só ao factual. E o torcedor espera que não se prenda só ao factual porque ele não tá sentindo aquele gol do Fernandinho lá contra o Lanús na final da Libertadores como mais um gol, aquilo é o gol do título da Libertadores. O gol do Gabiru contra o Barcelona é o gol do título Mundial do Inter. Essa é a questão, que é central. E aí eu acho que é uma coisa do público. O público já espera que a gente tenha um texto mais emotivo, que capte esse lado mais emocional da coisa, que tem a ver com a percepção que o torcedor e o público nosso tem do que tá acontecendo.

**T.N.: E a questão do entretenimento, com aquelas matérias mais engraçadinhas... a gente vê muito em TV e tal... Você acha que separa jornalismo de entretenimento ou que o jornalismo comporta o entretenimento de alguma forma?**

J.B.: Uma vez eu até falei a respeito disso. Não faz parte da minha alçada, porque não é o meu perfil.

**T.N: Mexendo com análises táticas eu imagino que foge do entretenimento e pega outros aspectos da cobertura.**

J.B.: Foge, total. Eu acho que o importante é a qualidade do conteúdo. Primeiro, a gente tem que saber separar as duas coisas e saber quando há uma oportunidade pras duas coisas se juntarem. A gente tem um programa aqui, de vídeos, do site, chamado *Saia de Redação*, com mulheres que entrevistam jogadores, personalidades e tal, do esporte. E eu acho ele um grande exemplo de mistura de entretenimento e jornalismo de qualidade. Claro, falam de bobagens, entre aspas, porque tem um tom de humor no programa, perguntam coisas engraçadas, descontraem um pouco o entrevistado, mas perguntam coisas relevantes do ponto de vista do jornalismo esportivo, né?

J.B.: Tem entretenimento que é de péssima qualidade. E tem jornalismo que é de péssima qualidade também. O pessoal fala assim: “ah o entretenimento vai matar o jornalismo”. O jornalismo de péssima qualidade também mata o jornalismo. Então a questão é a qualidade do

entretenimento. Aí é que tá a chave: muitas vezes é um entretenimento de péssima qualidade travestido de jornalismo. Isso acontece muito e é muito ruim porque o público começa a confundir as coisas, acha que aquilo é jornalismo e não é. Acho que a gente tem gerações de possíveis futuros jornalistas que estão acreditando que aquilo ali é jornalismo e entram no jornalismo pensando em fazer aquilo, não entendem o que é reportagem de verdade, o que é jornalismo responsável.

**T.N.: E não entendem outras nuances que o próprio jornalismo esportivo pode ter, que é acontextualização política, econômica, enfim, ou cultural, que não precisa se prender aos clichês do esporte, né?**

J.B.: Isso, isso.

**T.N.: E como você acha que a mídia nacional cobre o GreNal?**

J.B.: Eu acho que tá melhorando, mas é uma cobertura insatisfatória para o público daqui. É uma cobertura para o público que não é daqui. E é natural que seja assim porque, enfim, o público daqui é um público muito segmentado, muito pequeno em relação ao Brasil inteiro. O público daqui pede... pelo engajamento muito forte que ele tem... é só ver o número de sócios-torcedores de ambos... é uma massa de gente. O Rio Grande do Sul liderou o movimento de sócio-torcedor, foram os primeiros clubes a ter...

**T.N.: O Inter liderou muito tempo na América Latina, né?**

J.B.: Isso. E aí o Grêmio começou também. E aí começa a competição entre os dois... é quando a competição entre os dois funciona. Aí a torcida do Grêmio, vendo a quantidade de sócio que o Inter tinha, começou a se associar. E aí tu vê assim o nível de engajamento que existe dos torcedores daqui. E aí, nesse nível de engajamento, algumas matérias, registrando momentos de Grêmio e Inter, não são suficientes. É preciso ter um volume maior de informação.

**T.N.: Você acha que nem nesse momento do título do Grêmio e na queda do Inter, a mídia nacional...**

J.B.: Aí, claro, nos momentos mais marcantes a mídia nacional tem que olhar pra cá. O título de Libertadores do Grêmio, uma final de Mundial

do Grêmio como foi no ano passado, a queda do Inter... Melhorou muito em relação ao que era há dez, quinze, vinte anos atrás. O Rio Grande do Sul era muito mais ignorado pelo resto do país... o futebol daqui. E melhorou muito. Acho que até é um movimento muito claro, assim, de a mídia nacional mirar todo o país mesmo, de sair do São Paulo e Rio de Janeiro que sempre jogou as coberturas.

**T.N.: Mas você acha que rola às vezes um imaginário do futebol gaúcho que talvez não exista tanto dentro de campo como, por exemplo, o jogador valente... O jogador que é contratado pra jogar num time daqui ele já chega com esse discurso pronto de: “ah eu conheço o estilo gaúcho de jogar futebol” e às vezes não é isso o que a gente vê dentro de campo, enfim, mas a mídia ainda investe nisso.**

J.B.: É engraçado isso. É engraçado porque é um imaginário que tem algum fundamento. Alguma coisa de fundamento ele tem. Mas hoje ele é, vamos dizer assim, o que é o futebol gaúcho? Engloba uma coisa muito ampla. E, ao mesmo tempo, alguns torcedores daqui gostam desse imaginário, se identificam com ele. A gente vê muito nesse momento do Grêmio, que é um momento em que o estilo do Grêmio é muito diferente do estilo histórico do Grêmio. E a gente vê, assim, essa parcela da torcida, que se identifica com esse estilo histórico, tem menos paciência com jogadores que não se encaixam nesse estilo, mas que são decisivos pro Grêmio, como o Luan. O Luan é um jogador que uma parcela da torcida... se ele tá numa má fase, ele sofre, por mais ídolo que ele seja, por essa questão do imaginário.

J.B.: Mas tem muito uma coisa de botar todo mundo no mesmo saco. E o Tite tem falado muito bem a respeito disso, quando falam pra ele: “ah, a escola gaúcha de treinadores”... E existem na história do Rio Grande do Sul... tem pelo menos duas correntes muito separadas, muito diferentes, e opostas até, de se pensar futebol. O Tite faz parte de uma linhagem do Ênio Andrade... que se aproxima do que a gente pensa como futebol brasileiro, o futebol mais técnico e tal... O Felipão, por exemplo, é outra corrente. Não tem nem uma instituição formada: “a escola gaúcha de treinadores”, pra se referir assim. E nem existe essa unidade aqui dentro. Como eu disse, somos um estado muito polarizado, até nisso a gente é.

**T.N.: E, pra encerrar: pra você qual a maior qualidade do jornalista esportivo?**

J.B.: Difícil. Porque eu acho que isso depende muito da função.

**T.N.: Olhando pra figura do repórter.**

J.B.: Aí é a mesma qualidade que serve pra qualquer repórter: apuração, texto... São as qualidades que servem pra qualquer repórter. E aí essa sensibilidade de entender que tom eu devo adotar em cada situação.

**T.N.: E você acha que é mais fácil ser mais criativo no esporte do que nos outros assuntos ou independe?**

J.B.: Eu acho que o esporte te dá um pouquinho de jogo, de licença poética, de usar mais metáforas, de usar... enfim, de exagerar em algumas situações que, se tu tá tratando de política, se tu tá tratando de economia, de assuntos mais duros...

**T.N.: Mesmo mexendo com análises táticas?**

J.B.: Isso. Até com isso funciona!

**APÊNDICE M: Entrevista com o jornalista F****Redação da *Zero Hora*, Porto Alegre, 26 abr. 2018****Thalita Neves (T.N.): Você está há quanto tempo como setorista?**

Jornalista F(J.F.): Dois anos e meio. Entrei no final do Gauchão de 2016, meus primeiros jogos foram as finais do Gauchão de 2016.

**T.N.: E você já tinha coberto outra rivalidade clubística estadual?**

J.F.: Sim, na região Sul. Tem uma rivalidade grande entre Brasil de Pelotas e São Paulo de Rio Grande, e depois entre Brasil e Pelotas, principalmente, dentro da cidade, a rivalidade Bra-Pel. E dentro de Rio Grande a rivalidade entre Rio Grande e São Paulo, mas obviamente numa proporção muito menor do que aqui.

**T.N.: E você já tinha coberto algo tão característico quanto essa semana atípica de 2016, em o Grêmio ganha um título na quarta e o Inter cai no domingo?**

J.F.: Já, já tinha feito cobertura grande assim, por exemplo... porque eu trabalhei aqui na *Rádio Gaúcha* em 2006, que foi o contrário. Daí era o Inter no Mundial e o Grêmio saindo da segunda divisão e vindo pro... Claro que o extremo não tinha acontecido, nessa nossa geração eu não tinha visto, né? O extremo assim, de o Inter ser rebaixado num dia e o Grêmio campeão no outro. O que tinha acontecido era, por exemplo, o Inter ser Campeão do Mundo e o Grêmio não ter tido nenhum título. Mas não foi a primeira experiência assim. Aliás é uma coisa bem comum no Rio Grande do Sul.

**T.N.: Estar essa gangorra sempre, né? O que me chamou atenção é que foi num espaço tão curto de tempo.**

J.F.: Sim, exatamente.

**T.N.: E você acha que é a maior rivalidade clubística nacional, Grêmio e Inter?**

J.F.: Acho que é. Acho que é pelo... Bom, eu acho que é também porque eu conheço pouco as outras rivalidades. Não sei como é que funciona.

Mas pelo que a gente conversa com os colegas assim, por exemplo, eu acho que poderia Cruzeiro e Atlético se equiparar. Mas pelo que eu converso com os colegas a rivalidade do Cruzeiro e do Atlético não me parece depender tanto um do outro como depende a do Inter e do Grêmio. A impressão que eu tive conversando com os colegas de lá é o que a gente tira agora de lição, por exemplo, a gente acompanha na rede social, ou nos comentários que nos mandam, nos e-mails. A interação é assim: o Grêmio tá vivendo talvez o melhor momento da história dele, nos últimos 30 anos com certeza. Mas o negócio dele é ver o outro mal. Ele não tá satisfeito só com Grêmio tá bem.

**T.N.: Não basta ele ser gremista, ele tem que ser anti-Inter?**

J.F.: É! Trazendo pro nosso lado, por exemplo, o cara tá vivendo o melhor momento possível do Grêmio, mas ele fica bravo com a gente porque a gente fez uma matéria que na visão dele é boa pro Inter: “ah mas como é que vocês fazem uma matéria boa do Inter...”. Entendeu? O cara não tá vendo o momento bom. Então acho que por isso essa rivalidade é muito grande.

**T.N.: Você acha que o torcedor do Grêmio ficou mais feliz de ver o Inter caindo do que de ver o Grêmio campeão da Copa do Brasil?**

J.F.: Não tenho a menor dúvida. Não tenho a menor dúvida. Tenho certeza absoluta. Absoluta.

**T.N.: Eu acho que isso em Minas aconteceria também, se fosse assim. A diferença lá é que, como você falou, a gente tem outros times. Talvez, não dependa só do outro, tem o América, que vez ou outra aparece, ainda desclassifica a gente nos estaduais, tanto Atlético quanto Cruzeiro. E em Minas nós temos torcedores de várias regiões também, por exemplo, no sul de Minas são corinthianos ou palmeirenses. Na zona da Mata...**

J.F.: Flamenguistas... exatamente.

**T.N.: Enfim... E aqui eu não vejo muito isso. De fato, ou se é Grêmio ou se é Inter. Mesmo no interior, que tem times, Pelotas ou Caxias... as pessoas têm uma simpatia ou por Grêmio ou por Inter.**

J.F.: A maior parte. Os pelotenses gostam muito de mentir isso aí. Eles gostam muito de mentir que não torcem pra Grêmio e Inter. Mas a gente sabe que é mentira, claro. Voltaram a torcer pro Brasil agora que o Brasil voltou pra primeira divisão. Mas em 2013 e 2012 ninguém torcia pro Brasil. Eles vão me desculpar, mas eu tava lá, eu vi como é que funciona a coisa.

**T.N.: Pra você o que tem de diferente na editoria de jornalismo esportivo em relação às outras?**

J.F.: Primeiro porque, como eu já trabalhei em outras editorias também, eu acho que a gente é muito fiscalizado. Mais até do que, por exemplo, a questão petista *x* anti petista, que no Rio Grande do Sul é muito forte também, como tu vai perceber. Ao longo da vida tudo no Rio Grande do Sul é muito extremado.

**T.N.: Oito ou oitenta né?**

J.F.: É. Não tem o cinza, sabe? Ou é preto ou é branco. A gente é muito fiscalizado. Muito, muito. A gente passa por uma onda de raiva contra nós inacreditável, assim, eu nunca tinha vivido... E já tô militando no jornalismo há uns aninhos... como é agora eu nunca tinha visto, de que por qualquer coisa suspeitam de que a gente tá a serviço de alguma coisa, tá a serviço de alguém, tá a serviço de um clube, tá motivado por alguma coisa...

**T.N.: Vocês recebem e-mails com críticas...?**

J.F.: E-mail, eventualmente. Até os últimos e-mails que eu recebi tem sido mais de elogios. A crítica é mais pública, o cara vai na rede social e nos ofende vinte gerações. Faz parte. Acho que essa é uma diferença, a gente tenta lidar com uma questão de buscar um equilíbrio que nas outras editoria não tem muito por que. E acho que a gente é muito exposto. principalmente quem trabalha na linha de frente, assim, não só no jornal, como em Rádio também, como é o meu caso, a gente é muito exposto. Em rede social, principalmente, rua, gritos, torcida...

**T.N.: Lidar com paixão, com um público que sabe exatamente o que quer ouvir, imagino que deva ser como lá em Minas, o torcedor o Inter só quer ouvir falar bem do Inter...**

J.F.: Exatamente.

**T.N.: Ele não aceita que tenha a crítica ali, por mais que ela faça sentido, ele não quer ver, né?**

J.F.: Eles acham que é exagerado pra um lado e pro outro não é... Enfim.

**T.N.: Como vocês lidam aqui com as inconveniências da rotina produtiva?**

J.F.: Tu diz em que sentido?

**T.N.: No sentido, por exemplo, de às vezes precisar diminuir uma matéria, de a pauta não ser aprovada...**

J.F.: Tranquilo. Como a gente já faz há bastante tempo... No meu caso ainda, tô falando sempre por mim, tá? Como eu fui editor, também, sei mais ou menos o tamanho que... não adianta eu escrever 200 centímetros... a gente mede por centimetragem aqui, não sei se nos outros também fazem assim... não adianta a gente fazer 200 centímetros que não vai caber. Então nem perde tempo. Quando é no meu caso eu já sei. O editor avisa: “oh tem uma página”. Tem tal coisa que aconteceu no dia eu já sei mais ou menos o quanto eu tenho que escrever, a matéria principal ou a matéria secundária, assim. Isso não é problema.

**T.N.: Vocês têm o número de páginas certo pro Grêmio e pro Inter?**

J.F.: Se não tem jogo no dia, se não tem alguma coisa muito importante acontecendo, elas são as mesmas: uma página pro Grêmio e uma página pro Inter. Se tem alguma coisa acontecendo, se o jornal vai ser maior do que o dia normal... claro, é proporcional né... o jornal vive de 8 em 8 páginas. Então vamos dizer que tem alguma coisa muito grande nacionalmente, que a editoria de notícias de geral, de política, vai precisar de mais páginas... todo o jornal ganha mais páginas. Então, eventualmente, ganha duas páginas, por exemplo, pra dupla GreNal, duas pro Grêmio, duas pro Inter. Uma pro Grêmio, uma pro Inter. Depende muito. Não tem pré-determinação. O que tem é: dia de jogo são duas páginas, isso é certo. Final de semana são duas páginas, isso é certo. E aí eventualmente durante a semana varia de acordo com a necessidade do jornal.

**T.N.: E vocês têm uma linha editorial fixa ou vocês são livres pra fazer os enquadramentos?**

J.F.: Se o Inter foi rebaixado pra segunda divisão não adianta eu fazer uma matéria: “oh como tá bonito o estádio Beira-Rio pintado”. A gente tem que se ater à realidade. Se o Grêmio é campeão não vamos fazer uma matéria de: “o Grêmio tá devendo xis”. A gente tem que se ater à realidade. Se o Grêmio é campeão não vamos fazer uma matéria de: “O Grêmio tá devendo xis”. A gente tem que se ater às coisas que importam. Enfim, obviamente que a questão da audiência é muito importante né, tem que escrever coisas que interessem às pessoas, mas eu não me lembro de ter uma restrição de pautas assim.

**T.N.: O que eu reparei nas notícias que analisei, é que no pós-título do Grêmio houve mais páginas pra exaltar o feito do que no momento da queda do Inter, onde pelo contrário houve mais espaço pra outras modalidades ou outros campeonatos de futebol...**

J.F.: Tem uma questão que o título do Grêmio foi conquistado na quarta-feira. O jornal de quinta ele é, entre aspas, livre. Ele não tem uma pré-determinação do que tem que sair ou do que não tem que sair. No final de semana, a edição de segunda-feira, é um caderno de esportes. E o caderno de esportes tem um número fixo de páginas: ou ele é 12, ou 16 ou 20, num caso muito... Possivelmente no dia que o Inter foi rebaixado o jornal deve ter tido 16 páginas. Não me lembro. Deu quatro páginas pro Inter, é isso?

**T.N.: Foi.**

J.F.: É um recorde. Nunca tinha acontecido no caderno de esporte. É o mesmo espaço que se dá em título estadual. Por exemplo, o Grêmio ganhou o Gauchão agora e tem quatro páginas. Porque nós só temos aquele espaço pra ocupar. ...Tem que dar as outras notícias do dia, por exemplo, teria outros esportes, placar nacional... Foram quatro páginas de coberturas e, com certeza, as duas de colunistas também abordaram o assunto.

**T.N.: Isso, todas foram sobre o Inter nessa edição.**

J.F.: Então...

**T.N.: E no Grêmio, por exemplo, nem todas as colunas eram sobre o Grêmio.**

J.F.: Tem que ver qual edição tu pegou, a imediata depois do título... se é a primeira ou a segunda. Porque tem uma diferença: naquele dia a gente terminou a primeira edição assim que o jogo acabou e depois nós fizemos uma atualização daquela edição. Então na atualização daquela edição possivelmente o que a gente chama de coluna fria deve ter caído pra entrar alguma coisa mais quente do Grêmio. E além de tudo naquela semana que o Grêmio ganhou o título, os jornais daquela semana certamente trataram depois no dia seguinte, além da exaltação ao título do Grêmio, com certeza do rebaixamento do Inter, porque era uma iminência. Então por isso eu acho que os colonistas, como eles não são fixos pro Grêmio ou pro Inter, eles também trataram esse assunto.

**T.N.: Mas eu vi que quando o assunto era mais negativo ele tendiam a aparecer mais no espaço da coluna do que da informação. Isso me fez pensar que talvez seja uma estratégia pra se livrar da crítica do público.**

J.F.: Te confesso que eu não me lembro. Te confesso que eu não me lembro mesmo. Pode ser que sim, mas ainda assim eu acho que a gente fez bastante matéria. Eu me lembro que saiu uma matéria muito grande, que foi feita por mim, pelo jornalista D e pelo jornalista A, que era tipo um dossiê, como o Inter foi parar... era de Abu Dhabi à Mesquisa, o nome da matéria, desde o dia em que os dirigentes brigaram até o dia do rebaixamento. Foi uma matéria bem intensa. É que num determinado momento, acho que principalmente o público entendeu que não era a gente o inimigo. Tanto que, desde então, aquele presidente do Inter saiu e o Ministério Público começou a investigar o Vitorio Piffero, a gestão Piffero. E o jornal teve acesso à boa parte do processo e nós divulgamos e foi uma bomba no Rio Grande do Sul, uma bomba. E ninguém reclamou de nós.

**T.N.: Vocês fizeram imaginando que teria crítica né?**

J.F.: A gente inclusive escolheu um dia mais frio, entre aspas, pra publicar, pra evitar: “ah, olha ali, os caras estão minando num dia de jogo”. O que não seria o caso, porque foi durante o Gauchão, então... Enfim, escolhemos um dia mais frio também pra não perder o dia mais frio... é bom pra nós: a gente esquentava uma edição morta.

E ninguém ficou contra nós. Foi a coisa mais surpreendente, assim. Tirando os envolvidos, a gente teve um grande apoio de público. Eu achei muito surpreendente aquilo. O cara, o torcedor, chegou em casa, abriu o jornal, o clube tá uma vergonha, mas o cara entendeu: não foi o clube, foram essas pessoas que fizeram isso aí. E o jornal tá trazendo os caras, tá botando a foto deles na capa. Então eu acho que num determinado momento se entendeu que a gente não era inimigo dos caras. Os inimigos tavam dentro do próprio clube.

**T.N.: E isso eu acho que tem muito a ver com a qualidade do jornalismo esportivo, que sai do clichê de dentro do campo e vai pros aspectos econômicos, políticos...**

J.F.: Eu acho que a gente deveria fazer mais isso, inclusive.

**T.N.: Isso que eu ia te perguntar, como você vê essa questão de explorar outros ângulos do esporte no jornalismo esportivo?**

J.F.: Eu acho que nos falta, entre aspas, estrutura. Falta tirar o cara, por exemplo, da semana lá: “essa semana aí tu vai fazer tal coisa”. Como a gente consegue eventualmente fazer. Eu acho que a gente tinha que tentar fazer mais vezes. Os guris fizeram um tempo atrás “Os coronéis do futebol”, que foi uma reportagem sobre os presidentes de federações e confederações, e como funcionava a eleição quase automática deles que, entre aspas, compravam os clubes, não literalmente, mas com ações, entregando dinheiro, praticamente inibia o clube... e criando regulamentos e mecanismos que praticamente inviabilizam uma candidatura de oposição normal pra outras federações. Esse é um exemplo de jornalismo esportivo diferente, só quem tem um problema, tem dois problemas na verdade. Um: é muito difícil fazer uma matéria dessas tendo a rotina que a gente tem. Dois: quase ninguém lê. E aí, como é que tu fica, sabe? O meu colega ali fez uma matéria uma vez sobre as fraudes nas federações brasileiras, federação de handball, vários esportes, basquete, eu acho que foi também... Um baita trabalho, o guri ligou, buscou contraponto, catou informação exclusiva, fez dossiê, viajou e ninguém leu. Porque ninguém tá nem aí.

J.F.: E outra coisa que vai acontecer agora vai ser na Copa do Mundo: nós vamos fazer um baita trabalho como foi em 2014, e olha que em 2014 foi aqui... Um baita trabalho, uma baita estrutura, um baita

envolvimento, uma correria, uma baita edição e... a notícia mais lida do dia: a hora do Grêmio, a hora do Inter.

**T.N.: Os aspectos positivos do Grêmio e do Inter, né?**

J.F.: Tanto faz, podia ser qualquer coisa, a contratação de um merreca da base era mais lida do que a Copa do Mundo. Faz parte também. O público consome muito a dupla GreNal.

**T.N.: E o entretenimento no jornalismo esportivo, como você vê essa questão?**

J.F.: Eu participo de um programa da *Rádio Atlântida* chamado *Bola nas Costas* que é de esporte, a gente fala de esporte, mas é entretenimento. Eles me convidaram e no início eu achei meio estranho, encontrei uma certa resistência, assim. E o programa é muito ouvido. E no fim das contas eu vou lá pra, entre aspas, me divertir e, como os guris lá brincam: “alguém tem que ser sério nesse programa”. Mas o objetivo é se divertir. Entro na brincadeira. Não vejo problema, desde que o programa deixe bem claro que é um entretenimento.

**T.N.: Isso não cabe no jornal impresso?**

J.F.: Cabe, desde que deixe claro que é entretenimento. A gente mesmo fez, eu me lembro, nesse grande período do rebaixamento do Inter em determinado momento, e até depois da segunda divisão a gente fez também, era assim: “O Inter não vai cair porque...”. E aí a gente convidou vários colorados pra escrever. E aí alguns escreviam racionalmente, outro botou uma oração, o outro botou só: “não vamos cair, não vamos cair, não vamos cair...”. Depois, quando já tava na segunda divisão e o Inter emendou um monte de vitórias, a gente começou no Rio Grande do Sul um debate, entre aspas, dizendo: “ah agora é só uma questão de tempo, em que rodada o Inter vai subir” e daí a gente fez uma brincadeira perguntando pras pessoas: “que rodada o Inter vai subir... vamos fazer um bolão”. Eu não vejo problema, desde que deixe bem claro que é entretenimento. Eu acho até que a gente deveria fazer mais isso, sabe? Porque, ok, o esporte é uma coisa muito séria e tal, mas acho que se a gente tratar com um pouco mais de leveza, talvez o público também se comporte com um pouco mais de leveza.

**T.N.: É, e de certa forma a linguagem permite, pois já mexe com coisas sensíveis, a emoção do público, as preferências...**

J.F.: Sem dúvida. Só não pode, claro, transformar sempre em entretenimento...

**T.N.: E nem comprometer a informação.**

J.F.: Exatamente, principalmente não comprometer a informação. Isso é o principal, o jornal é pago, comprado e... a nossa profissão é dar informação. Mas eu não vejo problema em fazer entretenimento. No nosso caso, por exemplo, ali na *Atlântida*, a gente sempre deixa claro: “gente, isso aqui não é um programa de jornalismo esportivo com especialistas, a gente tá aqui brincando como se fosse uma roda de bar”. Um provoca o outro, aí tem os caras que são identificados, outros que não são. Brincam, provocam, terminou o programa e tudo continua numa boa.

**T.N.: É porque eu vejo que o torcedor às vezes não consegue discernir nem o espaço do que é opinião no jornal e do que é informação...**

J.F.: É, no caso da rádio, quem escuta já sabe que é isso aí que vai encontrar. No caso do jornal, a gente quando fez essas coisas, disse, inclusive usando essas palavras: “gente, isso aqui é uma brincadeira”. Enfim, naquele caso eu acho que ficou bem claro que era uma brincadeira.

**T.N.: E a questão do jornalista torcedor? Você acha isso possível?**

J.F.: Eu não vejo problema. Mas tu diz como assim?

**T.N.: O jornalista que declara o seu time, não que isso esteja declarado na matéria, mas por fora. Porque eu vejo que aqui os jornalistas não gostam de falar pra que time torcem.**

J.F.: Eu acho isso uma besteira, na real, tá? Eu não falo porque eu acho que não é relevante. Mas se me perguntassem eu não teria problema nenhum em dizer. Apesar de que se me perguntassem eu ia dizer que não importa. A resposta seria essa. Mas eu acho uma besteira. Todo mundo que nasceu no Rio Grande do Sul ou 90% das pessoas que

nasceram no Rio Grande do Sul ou torcem pro Inter ou torcem pro Grêmio. Alguns torcem pro Brasil, de verdade, outros torcem pra alguns times do interior... São Paulo de Rio Grande, enfim. A maior parte torce, de fato. Eu não conheço ninguém que torce pro juiz. Ninguém nasceu torcendo pro juiz. A não ser o filho do juiz que é um, dois, dez, vinte.

**T.N.: E eu não conheço ninguém que entrou no jornalismo esportivo e não tem um time, né?**

J.F.: Porque provavelmente o cara gosta, se não o cara ia se torturar, estando aqui todo dia falando disso. Então obviamente o cara torce pra alguém. Mas tem uma questão de segurança muito importante aí. Eu evito falar sobre o time que torço, enfim, mais do que uma questão de: “ah vai manchar a minha imagem”, não, mais é por questão de segurança. Eu realmente tenho medo de trabalhar no estádio e um torcedor me bater porque ele me considera um inimigo dele estando trabalhando no estádio dele. Isso é uma coisa que me preocupa. Então eu evito falar. Mas não acho que mancharia a minha credibilidade.

**T.N.: E você é colorado?**

J.F.: Eu não tenho problema nenhum, eu sou sócio. Porque durante trinta anos eu não cobri o Inter. E obviamente eu gosto de ir no estádio, eu gosto de trabalhar...

**T.N.: Isso que eu ia te perguntar, você frequenta estádio fora da sua profissão?**

J.F.: Ultimamente eu não tenho frequentado, porque ultimamente todos os jogos eu cubro. Mas antes de fazer o setor e mesmo até às vezes eventualmente depois de fazer o setor sim. Eu tenho um afilhado que é torcedor fanático. E a família dele... a mãe dele torce pro Grêmio, o pai dele torce pro Inter mas não consegue levar e eu levo no estádio. Acho que faz parte do crescimento do guri, do aprendizado do guri, de conviver com... Eu acho um ambiente muito bom. Eu adoro muito estádios. Eu sinto falta de ir como torcedor, sem ir pra trabalhar, ir sem me preocupar em analisar o jogo. Mas sim, não tenho problema de... Eu te perguntei só por uma questão disso, por exemplo, o cara vai ler e: “ali oh o guri disse que é...” e aí eu vou chegar no estádio lá, principalmente no lado do Grêmio que é muito raivoso, mais do que o nosso, e chegar

um dia e o time perder e aí os caras... porque já aconteceu algumas vezes, sabe, de partir pra cima de repórter...

**T.N.: Infelizmente o futebol carrega esse traço irracional. E de certa forma, como você mesmo disse, aqui é um estado muito polarizado, onde tudo é muito dicotômico, então às vezes as pessoas acabam usando o futebol como uma válvula de escape.**

J.F.: Mas eu te confesso que eu acho uma besteira assim, sabe. Se eu não tivesse essa questão da segurança eu não teria problema nenhum em dizer. Eu não acho que o meu trabalho seja comprometido por eu torcer pro Inter. Primeiro porque eu não vou mudar, não conheço ninguém que mudou de time, mesmo em bom ou mau momento. Porque eu não tenho problema nenhum em escrever sobre o rebaixamento do Inter, por exemplo, eu escrevi e a minha vida continua normal.

J.F.: Tu pegou a primeira edição pós Copa do Brasil do Grêmio. Aquele texto de abertura, “Que tamanho tem o Grêmio”, a gente assinou Luís Henrique Benfica porque o Benfica tava no estádio, mas boa parte daquele texto quem escreveu fui eu, tanto que foi pro site com meu nome. Então eu não tenho problema nenhum em escrever sobre o Grêmio.

**T.N.: E um gremista com certeza ficou feliz em ler né?**

J.F.: É, tanto que os caras começaram a me chamar “bah muito gremista”, meus amigos que me conhecem, sabe? É uma questão de trabalho, tu não pode ser desonesto no trabalho. Eu trato como profissão. Imagina se eu fosse um médico, aí eu sou colorado médico, e não vou atender o cara porque ele torce pro Grêmio?! O troço é tão absurdo que a gente nem pensa nisso. Então porque na minha profissão eu ia fazer uma coisa dessas?

**T.N.: Vocês têm esse discernimento perfeitamente, mas o torcedor...**

J.F.: Ele não tem. O público não tem. Mas aí também não dá pra ficar se... A gente tem que cuidar da nossa segurança e, bom, azar. O problema é dos caras, vão nos xingar... A vida dos caras é ruim e eu não vou ficar me policiando porque os caras têm uma vida ruim.

**T.N.: Eu vi que a adjetivação é mais comum nas pautas negativas do que nas positivas. Essa questão da dramatização, ela está de fato mais presente no enfoque negativo?**

J.F.: Eu acho que varia muito de repórter pra repórter. Quando o meu chefe me convidou pra trabalhar no setor, ele já sabia como é o meu jeito. Então, se tu for analisar os meus textos e os do jornalista D, por exemplo, que é o outro colega que faz o setor do Inter comigo, tu vai notar muita diferença no estilo. Eu tento sempre evitar adjetivação em texto que não seja de opinião. Até, por exemplo: o jogador fez um lançamento de 45 metros de um lado pra outro do campo, o cara matou no peito, driblou um zagueiro e fez o gol. Eu tenho não dizer que o lançamento foi bonito, que a matada foi perfeita, que o drible foi desconcertante e que... entendeu? Eu acho mais fácil, melhor, mais honesto dizer que o cara fez um lançamento de 45 metros, que o rapaz deixou a bola numa situação confortável, enfim, numa situação adequada pra fazer o gol, passou pela direita... entendeu... mais descritivo do que... pra evitar, porque o jornal já tem uns quatro ou cinco colunistas no papel, e treze colunistas no total, já tem bastante gente dando opinião, não precisa de mais uma opinião ainda. O único momento que eu dou opinião é na cotação do jogo. Bom, porque é minha profissão, sou pago pra isso. Mas eu tento evitar. A questão da adjetivação vai mais de repórter pra repórter do que de momento pra momento. Porque, se tu for pensar bem, o título e o rebaixamento, ainda que eles sejam opostos, carregam um grau muito grande de emoção e de adjetivação. Então eu acho que varia muito de repórter pra repórter. Se pegar uma crônica de jogo minha e uma crônica do jornalista D, vai ver a diferença no tratamento. O estilo dele é esse e ele tá há treze anos fazendo assim, então ok. E o meu, quando eu fui contratado: “tu vai fazer do jeito que tu achar que é mais conveniente pra ti...”. Se um dia eles quiserem que eu mude, eu mudo, mas não é o caso agora.

**T.N.: Você acha que a questão da rivalidade tem a ver com a configuração do estado em si?**

J.F.: Sem dúvida. A rivalidade GreNal tem a ver com o que é o Rio Grande do Sul. Algumas vezes as pessoas acham legal. Eu acho muito ruim. Porque eu sempre tentei ser, dentro dos assuntos, cinza. E não preto ou branco. Porque eu acho que não existe: “o cara é preto ou branco”. Sempre tem o meio do caminho aí. Ninguém é extremado sempre, ninguém é bom sempre, ninguém é ruim sempre. Então no fim

das contas o GreNal acaba sendo um pouco isso aí. Ele é legal. Ele é uma coisa bonita pra quem vê de fora, pra quem é torcedor... Mas tinha um colega nosso aqui, que trabalha no Globo Esporte, o Douglas Ceconello, ele diz: “o GreNal só é bom quando termina e a gente ganha”. Porque o resto é um horror.

**T.N.: A semana GreNal aqui falam dela como se fosse a pior semana da Redação né?**

J.F.: É o pior momento nosso do jornalismo. Porque, além de ser uma preparação, tem uma pressão interna nossa, de catar coisa diferente, de buscar informação, a concorrência tá dando tal coisa, o time é escondido... E tem uma pressão no ambiente muito ruim externamente também. A gente vai cobrir um treino e o torcedor passa por ali e nos xinga, nos ameaça. Pra quem trabalha todos os dias, tá tranquilo, estamos acostumados. O grito da internet não é um... o cara grita aqui, a gente lê, apaga. Se for um caso mais extremado como já aconteceu, tu vai ali, faz um boletim de ocorrência e deixa rolar, ok. Mas, por exemplo, a minha mãe, que viu uma vez como é que funcionava, ficou apavorada: “meu filho os caras vão te matar”. Eu disse: “não mãe, ninguém vai matar ninguém”. Mas, pra quem não tá acostumado, eu acho muito ruim. A gente vive sempre torcendo pra não ter.

**T.N.: Já aconteceu um caso que você precisou fazer BO?**

J.F.: Já, sim, mais de um, que eu fiz BO... mais de um. Se acontecer alguma coisa pelo menos a Polícia tava sabendo que ia acontecer. Agora esta semana teve um, faz três dias. Um cara na internet, um fake possivelmente, disse que ia me encontrar na rua e me bater. Aí eu fiz o print e: “polícia, o cidadão disse que vai me bater”. Eu não quero que o cara me pague nada, eu não quero ser indenizado. Eu só quero que, se possível, preste um serviço comunitário, então. Não podemos ficar ameaçando as pessoas na rua assim, as pessoas na internet ou em qualquer lugar, porque não é assim que o mundo funciona. Enfim, acontece. E eu acho que a questão do BO vai ser cada vez mais frequente. Eu não vou ficar me martirizando, preocupado: “ah será que eu faço, será que eu não faço, será que eu vou, será que eu não vou”... Faça e pronto, o problema é do cara.

**T.N.: Você acha que algum tipo de matéria, algum tipo de escrita possa inflamar o torcedor nesse sentido?**

J.F.: É aquilo que eu te disse. Não basta o time do cara tá bem, o outro tem que tá mal. Então se tu faz uma matéria que o cara pode considerar positiva pro adversário, o cara acha que tá errado e aí desconta em nós uma frustração. Mas acho que também não dá pra ficar dando muita moral, sabe. Não gostou? Manda um e-mail aí, reclama com a direção, faz qualquer negócio, mas... faz parte. Então, sobre o tu falou, acho que tem sim a ver porque nós estamos assim também em outros aspectos no Rio Grande do Sul, passando por dificuldade financeira de atraso de pagamento de salário de servidor público, por exemplo, e aí o cara reclama, e me parece uma coisa óbvia, eu não tô recebendo salário é óbvio que eu vou reclamar. E aí o cara diz: “ah mas no tempo do PT tu não recebia e não reclamava...”. Nós estamos vivendo uma situação assim e obviamente o futebol é só mais um aspecto da sociedade, igual aos outros. E eu acho que nós estamos vivendo uma época de conquistas legal, por exemplo, a questão de mulher trabalhar, a gente tá engatinhando ainda, mas...

**T.N.: Aqui na editoria de esportes vocês têm só a jornalista A como setorista?**

J.F.: Como setorista só a jornalista A. As outras meninas fazem edição de site, a Vanessa e a Natacha, uma é da manhã e outra é da tarde. Setor é só a jornalista A.

**T.N.: E aqui vocês têm essa coisa de quem torce pro Inter cobre Inter e quem torce pro Grêmio cobre Grêmio ou independe?**

J.F.: Não sei, te confesso que eu não sei. Eu entrei no setor do Inter porque o setorista do Inter tinha sido demitido. Mas se tivesse sido o setorista do Grêmio demitido eu acho que eu também teria entrado. Não teria problema.

**T.N.: Você já trabalhou como setorista do Grêmio?**

J.F.: Muitas vezes, porque na *Rádio Gaúcha* nós não temos setorista definido. Os repórteres todos estão prontos pra ser setor de qualquer lugar. Então várias vezes eu já fui setor do Grêmio, não tenho problema nenhum.

**T.N.: E como é a relação com as fontes?**

J.F.: Faz parte. Todo mundo já tá acostumado. Eles sabem que... a gente tem tacitamente uma estratégia aqui, entre aspas, porque não é bem uma estratégia, mas é mais uma questão, como eu te disse, de estilo. O jornalista D é um cara mais incisivo. E eu sou mais ponderado, vamos dizer assim. Então é aquela questão do bom policial e mau policial, sabe? Eu sempre brinco com os dirigentes do Inter, eu falo: “o bom policial e mau policial é a nossa estratégia, eu vou ali e tento procurar vocês numa boa, pra falar numa boa, se vocês não falam, aí a gente apela pra tática do terror, que é botar o jornalista D na história. Aí eles riem. Eventualmente eles ficam bravos, passam informação pros concorrentes e tal... Mas de repente eles voltam pra nós.

### **T.N.: Mas quando é pra eles se sobressaírem também...**

J.F.: Eles nos procuram, é. Esse problema nós estamos acostumados. Isso é outra coisa também: o futebol é um ambiente que é permitido mentir. Eu acho meio ruim isso. Eu sempre peço pros caras que não me mintam. Como eu fazia interior antes, continuo fazendo, mas eu fazia mais antes, eu era setorista do futebol do interior, a relação com o interior era mais fácil. Então eu sempre dizia pros guris do interior, não me mintam, pros dirigentes ou pros assessores, não me mintam porque se eu descobrir que é mentira vai ser pior, nós vamos estragar nosso problema, se vocês vierem me falar a verdade e me pedirem pra não publicar, dependendo do caso eu até seguro, entendeu? A gente faz uma troca aí.

J.F.: Por exemplo, o cara vai contratar uma celebridade do futebol. O cara me diz: “olha vou contratar uma celebridade do futebol, mas eu te peço que tu não divulgue ainda porque faltam alguns detalhes”. “Então é o seguinte: tu me promete que no momento que o cara aceitar tu vai me avisar?”. Isso é uma relação. Outra é: “tu tá contratando a celebridade do futebol?”. “Não...” Aí passa dez minutos e o concorrente dá. Mentiu, e isso não é uma coisa que se faça. Então abala nossa relação... como é que eu vou saber se tu tá me mentindo ou não tá me mentindo, como é que eu vou confiar em ti... Aqui é a mesma coisa: o Inter vai contratar um cara. Aí eu digo: “tu tá mentindo ou tá falando a verdade? Se tu quer, me diz, que eu não vou divulgar até a hora que tu assinar o contrato com o cara. Mas, também, se o meu concorrente souber, aí...

J.F.: Mas enfim, eles tão acostumados. Acho que os dirigentes sabem também que quando o time não tá bem, tá sujeito a mais crítica. Eu tento

evitar, aliás, eu tento evitar não, eu evito, na verdade, a pessoalização da coisa. Vou tratar o cara com respeito, porque o cara tem família também. Por exemplo, dizer que um cara é muito ruim, não gosto, sabe: “ah fulano não tem condição de vestir a camisa do Inter”. Pô, o filho do cara vai abrir o jornal. Daqui uns anos... nós que trabalhamos com pesquisa, sabe? Tu vai abrir um jornal daqui a vinte anos e vai tá escrito isso aí. Pô, não é uma coisa agradável e às vezes não é verdade. Eu posso dizer que o cara não teve condição de vestir a camisa do Inter e de repente o cara só tá mal e reage e daí o cara vira uma estrela e aí: “pô, olha aí, vinte anos atrás o que esse louco escreveu dele”. Então eu tento sempre tratar o dia com um dia, sabe? Porque também tem dias que a gente não consegue fazer uma matéria brilhante. Tem dias que a gente só preencheu o espaço.

**T.N.: No dia da queda do avião da Chape, por exemplo, que foi bem nesse período, acredito que tenha sido muito difícil de se trabalhar...**

J.F.: Foi. Eu lembro que eu tava falando com meu pai... eu disse pra ele: sempre os caras dizem... quando acontece um acidente na estrada, morre uma pessoa de 32 anos, na estrada entre Rio Grande e Porto Alegre, que eu pego: “pô, podia ter sido tu”. “Bah, não podia, porque nesse horário eu não tô...”. Então a gente sempre busca uma justificativa pra dizer que não podia ser a gente. E no dia do avião da Chapecoense de fato podia ter sido comigo, então foi muito difícil.

**T.N.: Teve alguma matéria mais enfática de Grêmio e Inter que caiu pra dar espaço à cobertura da tragédia?**

J.F.: Acho que não, porque o país como um todo parou, sabe. Eu me lembro que teve algumas coisas assim de justas e injustas na época. O ex-presidente do Inter, que na época era vice de futebol, o Fernando Carvalho, ele deu uma entrevista pra Pampa, concorrente nossa aqui e usou a expressão “tragédia própria” pra definir como estava o Inter, que ia ser rebaixado. E foi um massacre. E eu entendo o que o cara quis dizer, sabe? O cara tá tão nervoso, ele tá tão tenso, o cara tá sem dormir, ele só pensa naquele negócio, eu entendo. É óbvio que foi uma expressão muito infeliz, mas eu entendo o que o cara quis dizer.

J.F.: Por outro lado teve uma tentativa de sacanagem, que foi uma tentativa de “ah vamos cancelar o campeonato e depois a gente vê o que acontece”. Acho que aquilo ali tinha um fundo de sem-vergonhice. A

gente informou na época e depois a gente confirmou mais ainda que não tinha partido só dos jogadores mas, principalmente, da gestão Piffero. E como fica tudo no mesmo saco, parece que é tudo uma coisa só, e não era, acho que teve uma infelicidade numa expressão e uma tentativa de tramoia em outra.

**T.N.: Como você vê a mídia nacional cobrindo o GreNal?**

J.F.: Eu acho que eles são meio deslumbrados, tu não acha?

**T.N.: Acho. Fica muito na questão do imaginário, né? Porque eu, por exemplo, não conhecia aqui, e comecei a assistir mais jogos de Grêmio e Inter e não é essa coisa do futebol aguerrido, do sangue na camisa...**

J.F.: Não, não, não. Isso é conversa.

**T.N.: Mas a mídia tá até hoje investindo nesse discurso...**

J.F.: Os caras vêm pra cá meio deslumbrado. Eu acho que os caras se deslumbram porque o jogo em si, de fato é um jogo muito tenso. Ele deixa as pessoas muito nervosas e me parece até transcender da arquibancada e da transmissão pra dentro do campo assim. Tu pega a última sequência aí: o Grêmio faz 3 x 0 no primeiro jogo e são três dias de pura exaltação: “ah melhor time da história, faz o que quer, na hora que quer...”. E na volta tava 2 x 0 contra e faltam cinco minutos e os jogadores do Grêmio tão se atirando no chão pra acabar o jogo, e tu vai vendo que naqueles 90 minutos ali parece uma coisa meio especial assim. A impressão que a gente tem, a gente sempre brinca: às vezes em um jogo, se tirasse a camisa dos caras e botasse a de o outro time, o jogo não ia ser 1 x 0, ia ser 9. É que como é aquele ali o cara fica nervoso e não consegue jogar naturalmente. Se tu tirar a camisa e botar a de um clube do interior, bota a do Avenida, os caras fazem 9 x 0 de tanta diferença que era. Mas, por ser um GreNal, fica: “ah meu Deus, o quê que tá acontecendo, se a gente levar um gol nós vamos perder...”, sabe? Acho que tem um pouco disso.

J.F.: Acho que tem um pouco de glamour também por ser longe da capital, entre aspas, São Paulo e Rio, assim: “como que os caras conseguem ter um troço tão grande e tão forte...”. Porque, bem ou mal, os dois clubes ganharam muita coisa. E não é muito fácil tu não tá em

São Paulo, tu não estar no Rio e tu ganhar. Vocês mesmos, de Minas, sabem. Um título nacional pro Cruzeiro tem muito mais peso do que um título nacional pro Corinthians. Acho que tem esse glamour e tem o deslumbramento que é o mesmo que eu tenho quando eu fui pra Itália e fui ver Torino x Juventus, eu morei na Itália e descobri Torino x Juventus que é uma rivalidade local, pô, tu fica deslumbrado, é um troço diferente, é um mundo diferente, tu vê o comportamento diferente das pessoas e tal. E talvez a mídia brasileira, por ser de São Paulo e Rio, eles têm mais clássicos, eles têm Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos, por exemplo, então eles têm mais vezes e mais diluído. Não é uma coisa um contra o outro.

**T.N.: Mas eu acho que a imprensa local, gaúcha, também passa um pouco isso. Você, que trabalha em rádio, pode me dizer, porque as transmissões são muito mais dramatizadas do que em uma rádio de São Paulo ou do Rio, por exemplo.**

J.F.: Sem dúvida, é uma característica daqui, principalmente da *Rádio Gaúcha*, transformar o jogo num negócio épico.

**T.N.: E de fato às vezes tem um jogo épico mesmo, uma Batalha dos Aflitos, por exemplo, e aí é um prato cheio pros caras.**

J.F.: Exatamente. Acho que faz parte do nosso estilo também, de jornalismo, principalmente de rádio, fazer isso, transformar o jogo numa grande batalha, num grande bem contra o mal. Ajuda a fidelizar a audiência também...

**T.N.: E é uma maneira de tornar aquilo atrativo porque não tem a imagem...**

J.F.: E também porque lá pelas tantas o jogo é ruim. E o cara tem que tá se esforçando pra transformar aquele jogo ruim num troço que não vai fazer o cara atirar o rádio na parede, né? Então a gente não pode ficar mentindo pro leitor e pro ouvinte, mas tu também não pode: “ah que depressão”, porque senão ninguém vai ver, ninguém vai comprar, e a gente, no fim das contas, precisa sobreviver.

**T.N.: E pra você quais são as maiores qualidades do jornalista esportivo?**

J.F.: A primeira de todas, no caso do futebol, a gente não pode tratar o torcedor como um imbecil. Porque o torcedor não é. Não pode achar que entende muito mais do que os caras porque também às vezes não é verdade. Tem que pensar no público. Não pode subir num pedestal e parecer que ta acima de todo mundo, achar que arquibancada não conta porque pra mim, no fim das contas, sinceramente pra mim tudo o que conta é a arquibancada. Tecnicamente eu acho que a gente tem que ser o mais plural possível. Parar com o mito da imparcialidade que, ainda que seja, a gente estudou isso aí, da utopia e tal, que tem que ser sempre uma utopia a ser atingida, eu não acredito nisso, eu acho que a gente tem que acreditar mais na pluralidade, tem que ouvir todo mundo e, como dizia o professor, tentar se manter distante. Eu acho que isso vale pra tudo. Eu acho que a gente tem um papel muito importante de ponderação, de evitar deixar a situação muito extremada, muito raivosa, muito ponta de faca. E tecnicamente a gente tem que ter cuidado, tem que cuidar o texto, tem que cuidar estilo, tem que cuidar fonte, tem que cuidar informação, correção... isso é muito importante. O jornalista esportivo é um jornalista como qualquer outro que tá trabalhando no momento na editoria de esporte. A gente já sofre um preconceito, entre aspas, de outros colegas de outras editorias que acham que a gente faz um trabalho menor.

**T.N.: O que pra mim é uma super injustiça. Colocar o “foca” pra fazer jornalismo esportivo... pra mim é algo difícil e desafiador de se fazer.**

J.F.: E sem contar que, com todo respeito às demais editorias, o jornal é vendido...

**T.N.: Pelo esporte, né?**

J.F.: Se tu pegar a *Rádio Gaúcha* é 80% do faturamento. Então, acho que o bom jornalismo exige isso. E exige também mexer em coisas que vão desagradar algumas pessoas. Faz parte desagradar algumas pessoas. Eu não to falando só de dirigente de clube, ou de jogador, eu tô falando de mexer em vespeiro mesmo, como a gente eventualmente mexe, de torcida organizada, não especificamente contra torcida organizada, mas transformar torcida organizada, que é uma coisa que leva um monte de inocente a participar de uma organização criminosa, ou de federações, mexer com gente que tem poder, dinheiro e influência e fazer o trabalho corretamente. Não só mexer nessa turma por mexer, mas pra mostrar

que tem coisa errada sendo feita também e não ter medo de divulgar quando essas coisas erradas são feitas. Acho que talvez seja isso o jornalismo bem feito.

**APÊNDICE N: Entrevista com o jornalista A****Redação da *Zero Hora*, Porto Alegre, 26 abr. 2018****Thalita Neves (T.N.): Na sua opinião, o GreNal é o maior clássico do futebol no país?**

Jornalista A (J.A.): Eu acho que sim, por serem os dois principais clubes do Rio Grande do Sul. A gente vê clubes menores por aqui, mas como Grêmio e Inter são os maiores, não tem pra onde correr, como acontece no Rio e São Paulo, e aí acaba centralizando muito em Grêmio e Inter. Eu acho que sim, é o maior clássico do país.

**T.N.: E isso tem a ver com o fato de o Rio Grande do Sul ser um estado polarizado desde sua formação?**

J.A.: Eu acho que tem um pouco isso do bairrismo do gaúcho, de ser o maior, mas é que como centralizam essas duas forças só no Rio Grande do Sul, eu acho que ganha essa dimensão. Como eu te falei, lá no Rio e em São Paulo tem mais de dois clubes e aí os torcedores acabam se espalhando e acabam tendo outros clássicos que aqui não tem. Aqui é Grêmio e Inter sempre.

**T.N.: E pra ser Grêmio tem que ser anti-Inter?**

J.A.: Pro torcedor sim. Eu deixei de ser torcedora há bastante tempo. Quando eu resolvi ir pro jornalismo esportivo eu deixei o meu lado torcedor. Eu postava, acompanhava, curtia, mas deixei de lado.

**T.N.: Atualmente você não vai ao estádio, por exemplo, fora do seu trabalho?**

J.A.: Se não for a trabalho, não. Ou se eu não estiver viajando pra outro lugar, não. Por exemplo, se for em outro país em um estádio que eu não conheço, eu vou.

**T.N.: Mas pra torcer?**

J.A.: Não.

**T.N.: E o jornalista esportivo pode falar pra que time torce?**

J.A.: Eu acho que sim. Eu acho que são duas vertentes, tá? Eu não tenho absolutamente nada contra quem divulga, quem apoia, quem torce, acho que é válido, né? Mas é muito complicado tu... Não sei se tem a figura da imparcialidade, eu não sei se mexe um pouco com isso quando tu te diz gremista ou quando tu te diz colorado, entendeu? Eu te explico que às vezes a gente faz algumas matérias aqui e na rede social é: “sai daí sua gremista, tu tá querendo acabar com meu time...”. Então assim, quando eu faço uma matéria de crise, entre aspas, eu sou gremista. Quando eu faço uma matéria de agenda positiva, eu sou colorada e eu só quero o bem o do Inter, entendeu? Então é muito complicado tu te tornar distante disso fazendo a figura de torcedora.

J.A.: Eu e o jornalista B fizemos uma matéria juntos, em 2015 ou 2016, que era sobre álcool e drogas na Arena e no Beira-Rio. A gente foi fazer uma matéria investigativa mesmo. A gente tinha recebido uma denúncia de que estavam inventando álcool em pó pra misturar em refrigerantes pra conseguir beber [no estádio]. Então estavam driblando completamente a Lei. A gente acabou fazendo a matéria, não confirmou essa história do álcool em pó, mas a gente achou outros absurdos que acontecem dentro do estádio. A gente flagrou gente com luva cirúrgica botando vodka ou cachaça, enfim, dentro de uma luva cirúrgica, dando o nozinho e aí no meio do jogo abre a luva cirúrgica e mistura com a Coca-Cola. Gente vendendo vinho, cheirando cocaína... Então assim, depois que a gente fez essa matéria fortaleceu muito a minha ideia de que eu não divulgo pra que time eu torço.

J.A.: Porque depois dessa matéria eu recebi muita ameaça, com nossa foto em grupos de whatsapp, a galera vindo no meu Facebook dizendo que sabia onde eu morava, onde a minha família morava, que eu tava querendo acabar com a imagem do Grêmio, que eu tava querendo acabar com a imagem do Inter, e aí aquilo ali eu senti medo, sabe? As pessoas não têm cara, porque acaba sendo atrás de um fake, né? Mas eu senti medo no sentido de que: e se elas sabem mesmo onde eu moro? E aí será que se eu tivesse dito que eu sou gremista ou colorada não seria... Pro clube adversário, se eu digo que eu sou gremista, os colorados iam achar... entendeu?! Eu já tinha essa posição de que eu não revelava meu time. As pessoas que aparecerem com foto minha no estádio, não tem problema, eu vou assumir. Se a pessoa me disser: “ah tu torce pra esse time”, eu vou assumir, eu não escondo. Mas eu não sou uma pessoa que levanta essa bandeira de que a gente precisa dizer que torce pra algum

time pra ter uma credibilidade. Todas as coisas que eu passei até agora me mostraram que mostrar pra que time eu torço não traz nenhum benefício pra mim, por exemplo.

**T.N.: Então, se você for perguntado, você não vai negar?**

J.A.: Se a pessoa vier com uma foto: “olha aqui, tô te vendo aqui”, tudo bem. Eu não vou sair falando que eu torço pra A ou B. Não vou. Isso não me ajudou naquele momento e graças a Deus eu não tinha divulgado, né? Mas é engraçado, pois como eu faço Inter há bastante tempo, as pessoas já acham que eu sou colorado.

**T.N.: E você é colorado?**

J.A.: Sim.

**T.N.: Eu ia perguntar se tinha essa coisa de os setoristas cobrirem o time deles...**

J.A.: Eles te disseram?

**T.N.: Não. Eu supus.**

J.A.: Mas não, não tem. É coincidência. Porque quando eu comecei a fazer setor lá no *Diário Gaúcho*, tinha já o jornalista C que fazia o Grêmio lá. Então a única vaga que tinha pra eu ir pro esporte, que era o sonho da minha vida, era o Inter. Às vezes a gente faz treino do Grêmio... Não é o dia a dia que eu tô acostumada, mas eu faço tranquilamente. Na rádio [Gaúcha] já é um pouco diferente, não tem setorista, né? É um rodízio. E aí então a gente fica um pouco marcado por eu sempre falar de Inter, por eu sempre tá nessa, mas acham que eu sou colorada, então... Como eu te falei, eu não escondo, mas também não grito na janela que eu torço pra A ou B. Por segurança.

**T.N.: Você chegou a fazer BO?**

J.A.: Não. Não cheguei porque eu vi que eram muitos fakes. Até que hoje é um pouco mais fácil. Tem toda uma polícia preparada pra fakes, enfim... Mas na época eu não cheguei... Me assustei, falei pra minha família: tomem cuidado, mas não cheguei a fazer BO. Avisei o pessoal aqui do jornal, mas não cheguei a fazer BO.

**T.N.: E como você lida com a questão de se relacionar com as fontes? Eu vi que vocês fizeram uma matéria bem politizada sobre o que levou à queda do Inter, escrita pelos três setoristas... E como fica a relação ali? Porque vocês entrevistam uma fonte sobre algo que ela não quer falar, que vai ficar ruim pra ela e tal... Depois é fácil retomar esse contato?**

J.A.: Não, não é. É difícil. A gente não fica sempre com as fontes oficiais, né? A gente tem muita fonte ligada ao clube. A gente tem fonte de jogador, de comissão técnica, de dirigente, ex-dirigentes, ex-jogadores... Então, assim, aquilo ali foi uma força-tarefa que cada um correu pras suas fontes e: vamos levantar informação. As fontes oficiais não nos passavam nada naquele momento. Nada, nada, nada. E muito daquela direção me passava informação, ao longo do ano. Enfim, o Inter começou a cair mesmo em agosto, eu acho, setembro. A gente já via que o clube estava numa descendente, mas a minha relação era muito tranquila, tanto que eu me dou muito bem com ex-presidente do Inter, o Vitorio Piffero. Mas todas as vezes que eu precisei confrontar, que teve algum embate, eu fui jornalista e esqueci que um dia ele me passou informação. E também nunca fiz matéria pra ajudar ninguém, sabe, do tipo: “vamos eleger o fulano de tal”... Isso nunca. Então, assim, eu sou profissional e ele também é. Ele tá me passando informação porque ele quer, né?

J.A.: Teve um episódio bem marcante aqui, em que eu era uma das poucas, éramos eu e o jornalista E, os repórteres que o Vitorio Piffero falava. Então, quando ele precisava reclamar alguma, ele ligava ou pra mim ou pro Léo. E eu sempre fui profissional com ele. E aí teve um dia que ele veio aqui na rádio [Gaúcha], e ele não tinha dado entrevista depois que saiu. Mesmo eu tendo uma proximidade com ele, eu não consegui fazer com que ele desse entrevista, o advogado dele não queria e tudo mais. E aí ele veio aqui no *Sala de Redação* pra uma entrevista, e as pessoas não confrontavam ele. Enfim, porque ele é um ex-presidente, né? E aí me convidaram pro programa, eu subi correndo, era aqui no estúdio, e o confrontei. E ele até brigou comigo depois, mas eu disse “olha, eu sou jornalista, eu tô fazendo o meu trabalho”. Então, assim, naquele momento da queda, fonte oficial não existia mais. E aí a gente vai pras nossas fontes paralelas. E tu tem que cuidar porque dependendo da pessoa que tu fala, ela é contra aquela direção e pode pesar um pouco mais a informação que tá te passando. Então, tudo o que a gente teve

eram três frentes: o jornalista F de um lado, o jornalista D do outro e eu do outro. Juntamos todas essas informações pra ver se elas batem, se elas fecham, pra ver se ninguém estava querendo nos usar pra alguma coisa. Então, trabalhar com três pessoas é bom por causa disso, porque foi cada um pra um lado, cada um tem suas fontes e aí depois a gente confronta pra ver se é verdade, se não é, se estão querendo só acabar um pouquinho mais com aquela direção, ou se estão querendo subir um pouco o prestígio da direção. Então tem que ter um pouco de cuidado, mas foi essa a estratégia que a gente usou.

**T.N.: E como é a questão do planejamento? Vocês têm um número igual de páginas pro Grêmio e pro Inter?**

J.A.: Sim. Aqui as pessoas ligam pra reclamar que o espaço de um é maior que o espaço outro. Mas depende muito da competição. Por exemplo: o Inter é eliminado da Copa do Brasil e o Grêmio tá na final da Copa do Brasil. O Grêmio vai ter um peso maior, vai ser a capa do caderno, vai ter um pouco mais de páginas... E o Inter vai ter o Brasileirão, talvez no final de semana o Inter tenha duas páginas e o Grêmio quatro, mas aí é pela importância da competição e do momento. Normalmente, no dia a dia, são duas páginas pra cada um.

**T.N.: Por exemplo, no pós-título do Grêmio tem mais matérias falando sobre o Grêmio (e menos sobre outras modalidades e Inter) e no momento em que o Inter cai, é o contrário: tem menos coisas do Inter e mais coisas de outras modalidades. Isso faz pensar que o jornal tende a priorizar o enfoque positivo sempre, dando menos espaço para o que está negativo. Procede?**

J.A.: É que eu acho que o título tem muitos desdobramentos, né? A questão do pôster, a questão de: “agora o quê que vai ser?”. O Grêmio tinha toda aquela coisa daquele jejum de 15 anos sem títulos. Foi pesado sim pro Inter ter caído. Então eu acho que tem um pouco disso sim. Não sei se foi uma coisa pensada, mas talvez... O Diego [Araujo], que é o nosso editor, ele sempre nos dá o espaço de matéria que a gente tem. Por exemplo: ele nunca vai me dar cinco páginas se eu tenho informação pra duas. Então é muito do que a gente levantou no momento também. O dossiê eu não me lembro quantas páginas foram. Foram duas páginas?

**T.N.: Duas.**

J.A.: Então é muito pelo material que a gente tem. Não existe “ah vamos fazer três páginas porque vão achar isso...”. Não!

**T.N.: Mas, por exemplo, o Inter apareceu mais nas colunas nesse momento ruim. Todas as colunas do pós-queda eram do Inter. E não tem nenhuma outra edição em que todas as colunas são do Grêmio. Talvez o enfoque negativo seja mais trabalhado na opinião até para fugir um pouco da crítica do público. Procede?**

J.A.: Até que a gente critica, a gente não alivia nesse sentido. Mas assim, era o fim de um material que a gente colheu o ano inteiro, de absurdos que a gente viu o ano inteiro e que a gente colocava lá numa pastinha. E aí, naquele momento, a gente juntou tudo e formou o dossiê do rebaixamento do Inter. Então, realmente, os colunistas aparecem com uma opinião mais forte. Porque a gente não consegue dar uma opinião, a gente só mostra os fatos, né? Então, acho que tem um pouco disso sim, de os colunistas nesse momento se sobressaírem por isso, porque eles conseguem ser mais contundentes e até baseados em informações que a gente trouxe no dossiê.

**T.N.: E você acha que o torcedor do Grêmio ficou mais feliz com a queda do Inter do que com o título da Copa do Brasil?**

J.A.: Acho que sim. A gente vê pela audiência das matérias, porque quando é uma matéria que tira sarro do Inter, do rebaixamento do Inter, que é uma matéria que a torcida do Grêmio fique feliz, a audiência explode. Então acho que grande parte da torcida ficou mais feliz porque era o que o torcedor colorado ainda espezinava que nunca tinha acontecido. Era isso que se usava de argumento: “ah, mas a gente nunca caiu”, “time grande não cai”... Era uma coisa que estava incomodando os gremistas há muito tempo. E aí agora o discurso é: “time grande não cai duas vezes”. Só muda um pouco. Então é meio por aí. Acho que a audiência nos mostra um pouco isso, de que a torcida do Grêmio gosta de espezinhar um pouquinho o torcedor colorado.

**E a questão da dramatização? Eu vejo muito isso nas rádios gaúchas. A locução é mais dramática do que nas rádios de São Paulo e do Rio, por exemplo. E no impresso eu notei que a dramatização – o uso de adjetivos, de advérbios – ele é mais presente no momento ruim, no momento negativo. No título do Grêmio, eu vi menos adjetivos e expressões adverbiais do que no**

**momento em que o Inter cai, onde euecheguei a ver matéria que têm quase 50 expressões adjetivadas.**

J.A.: Não é uma coisa pensada, não é uma coisa que se faz de caso pensado. Acho que também vai muito do estilo do repórter. O jornalista D, que é “o cara” de nós três, ele conhece muito o bastidor do Inter, então ele tem muita informação. E ele é assim, sabe, ele é pesado, não sei como te explicar, mas ele é...

**T.N.: Mais ferrenho?**

J.A.: É. Ele é o que mais cobra. E aí no texto dele acho que também tu consegue ver um pouco disso. E talvez seja o estilo do repórter mesmo, não me parece ser uma coisa pensada e arquitetada pra isso.

**T.N.: O que você vê de particularidade da editoria de esporte em relação às outras?**

J.A.: Particularidade? Tipo o que?

**T.N.: A questão da emoção, por exemplo. O modo de se trabalhar a emoção, de se expor a emoção é algo muito típico da editoria esportiva...**

J.A.: Sim. E é bem difícil, tem toda essa questão que eu te falei da ameaça. Enfim, as pessoas te cobrando... A gente lida com umas emoções que é difícil às vezes, sabe? Eu e o jornalista F, esses dias a gente tava conversando que tem gente que diz que eu recebo pra falar bem do Inter. Então, assim, as pessoas falam muita coisa. E o futebol é isso, tem essa carga. Uma que todo mundo acha que entende, e outra que todo mundo acha que pode comentar, todo mundo acha que tá certo, e aí lida com paixão e é aí que a gente vê que dá o problema.

J.A.: Em clássico GreNal a gente até teve um avanço com a história da torcida mista, que é uma coisa muito legal, mas não tem um clássico que não saia gente ferida. Na chegada, na saída... Então essa coisa, bem como tu falou, da paixão, é muito complicada. Eu recebo pelo menos cinco e-mails por dia me mandando lavar louça, me xingando, que eu não entendo nada de futebol, que eu não sou ninguém pra falar do Inter... Então tu lida com a paixão e é muito complicado.

J.A.: E é justamente isso. Todo mundo sabe falar, é um esporte popular, todo mundo vê, todo mundo acompanha, todo mundo sabe como jogam dois volantes, como é o 4-2-3-1, todo mundo sabe. E todo mundo acha que tem o direito de comentar, opinar e não concordar com o que eu tô escrevendo. Só que eu não dou opinião. Eu não dou opinião. Eu vou descrever. Eu faço uma crônica de jogo e descrevo o jogo. Eu não dou opinião. Eu dou opinião quando eu faço a cotação do jogador. Ali a gente dá um pouco de opinião porque tem que se posicionar se o jogador foi bem ou foi mal.

J.A.: Mas eu acho que sim, acho que é muito complicado essa questão de tu lidar com a paixão e... Porque é o lazer das pessoas, né? Pra mim é o meu trabalho, mas pras pessoas é o lazer. Então, a linha entre a pessoa tá tomando uma cerveja, no lazer... Tanto que a gente vê muitas coisas... Não sei se tu tá acompanhando a campanha que as gurias fizeram aqui do “Deixa Ela Trabalhar”, isso também envolve um pouquinho dessa loucura e dessa paixão que traz o futebol e que tá constringendo as mulheres dentro do estádio.

**T.N.: Eu imagino que você receba mais críticas do que os meninos...**

J.A.: Acho que sim. Eu não fico medindo, mas sim.

**T.N.: E você é a única setorista aqui, né? Não tem nenhuma outra mulher na editoria?**

J.A.: Não, nem aqui, nem na rádio [*Gaúcha*]. Na rádio tem a Renata [Medeiros], que faz torcida, mas não é setor.

**T.N.: Imagino que você já tenha sofrido assédio algumas vezes. Mas você acha que estamos caminhando? Acha que existe algo a ser feito contra esse tipo de assédio?**

J.A.: Eu acho que sim. Esses dias eu falava com as gurias que a gente tá mudando uma postura. Antes, o que me falavam entrava por aqui e saía por aqui. E eu sei quem eu sou, eu sei o que eu tô fazendo, eu sei que eu tô fazendo bem, eu sei que eu tô fazendo mal, eu sei, consigo me auto-avaliar nesse sentido. Mas, toda essa campanha, toda essa movimentação, serviu pra eu enxergar também que eu não posso simplesmente ouvir e achar que: “ah deixa passar”. Não, tá errado. Então parte um pouco da gente também essa coisa de “não, tá errado”.

Eu não posso simplesmente ouvir e não fazer nada. A gente tem que tomar uma posição. A gente tem que tomar alguma medida. Então pra mim foi bem positivo todo esse movimento porque a minha cabeça era: “ok, isso acontece. Eu tô num meio muito machista que é o futebol. Vai acontecer sempre, vai entrar por aqui e sair por aqui.”. Não. Não. Já passei por situações aqui dentro.

**T.N.: Isso que eu ia te perguntar, se você já passou por essa situação aqui.**

J.A.: Não aqui no Esporte. Aqui no Esporte nunca. Nunca no Esporte. Uma pessoa de fora sim. Veio e me fez uma pergunta... Na verdade, eu tava tentando conversar com um técnico e o técnico era contato dessa pessoa. E aí eu pedi. Tipo: “ah, preciso falar com esse fulano”. Mandei um e-mail pra ele, eu disse: “oi fulano, eu sou a jornalista A, do Esporte, blábláblá”. Enfim, era uma pessoa mais velha e poderia não me conhecer, né? Redação tem muita gente. Me apresentei e ele ligou pro técnico. E disse: “oi fulano. Tu conhece a jornalista A?”. E o técnico disse: “ah, conheço. Ela consegue o que ela bem entende aqui no Beira-Rio”. Aí ele veio, me passou o telefone. Eu falei com ele [o técnico] pra informação que eu precisava, desliguei e agradei. E ele me disse assim: “fulano me perguntou como é que eu não te conhecia, que tu consegue o que tu quer no Beira-Rio com a tua beleza”. E aí eu ri e disse assim: “trabalho mudou de nome, né? Competência mudou de nome, né?” Só que, assim, passou, entendeu? E aconteceu aqui dentro. Enfim... dirigente... acontece, acontece. E hoje eu já me sinto um pouco mais madura pra rebater.

**T.N.: E mesmo porque é importante usar o seu lugar de fala como mulher jornalista esportiva.**

J.A.: Claro, claro. Mas até um ano atrás eu ouvia e: “ah, beleza, eu tô aqui, tô buscando meu espaço, vamos em frente”. Mas agora não. Não vem com piada. Às vezes, brincando saem algumas coisas... que eu e a Natacha a gente fica em cima dos guris: “não, tá errado, não é assim”. Mas aqui no Esporte nunca, nunca, nunca, nunca aconteceu nada. Pelo contrário, os guris super me incentivam. Quando eu cheguei aqui eram o jornalista D e mais uma outra pessoa que acabou saindo. E ele abriu todas as portas pra mim. Me apresentava no Beira-Rio...porque eu tinha começado como setorista no *Diário Gaúcho* mas eu disputava espaço com eles aqui na *Zero Hora*, então não tinha nem graça, né? Ele já tava

há muito mais tempo aqui. Eles super me incentivam. Eu faço rádio também e achei que poderia causar uma estranheza uma setorista mulher, num primeiro momento, e nós quebramos já essa barreira. Às vezes a gente participa do programa *Sala de Redação* aqui, que costuma ter comentários machistas e tudo mais... Já tá mudando isso também. A empresa tá vendo que a coisa não é por esse caminho. E a gente também combate isso.

**T.N.: Eu acho que isso é o principal, como você falou: “agora eu não deixo mais passar, entrar em um ouvido e sair no outro”, é por isso que as pessoas tomam consciência.**

J.A.: É isso. E foi muito bom isso porque eu não era assim. Eu não era, porque eu fui criada cuidando da minha roupa que eu ia pro estádio, porque meu pai tinha medo de eu ir pro estádio, eu e as minhas amigas, com uma roupa curta, porque alguém ia passar a mão... E não é machismo do meu pai. Eu sei que é cuidado dele, né? Mas eu fui criada assim. Criada indo pro estádio com medo. Eu ia. Abaixo de mau tempo, mas eu ia. Meu pai não gosta de futebol. Mas eu ia. E aí tu cresce e começa a ouvir coisas e... agora eu consigo responder tranquilamente. Eu consigo até processar [a pergunta] e pensar em uma resposta.

**T.N.: Sim, acho que antes a gente naturalizava algumas coisas e não é bem por aí.**

J.A.: É isso. Enfim, tu passa por isso também.

**T.N.: E vocês têm um programa aqui de mulheres, né?**

J.A.: *Saia de Redação*.

**T.N.: E como é?**

J.A.: Na verdade a gente criou o *Saia* não para levantar bandeiras, não é isso. Mas para mostrar que tinham mulheres aqui que gostavam de futebol. A gente foi um pouco criticada: “ah botaram três mulheres que só falam bobagem na entrevista”... Só que a gente faz uma entrevista que as pessoas não conhecem o jogador assim. Hoje a gente publicou o Marcelo Grohe narrando a defesa dele contra o Barcelona de Guayaquil. A gente tira o jogador daquela entrevista de: “ah o professor mandou...” , tira ele um pouco dessa zona de conforto e aí...

**T.N.: Fica um outro clima, fica uma descontração natural, né?**

J.A.: Exato. Mas tem informação... Então foi essa ideia. Eu não preciso mostrar pras pessoas que eu sei o que é uma linha de três, entendeu? [O programa] É uma coisa que a gente gosta muito de fazer. Terminou agora, foi o último episódio hoje. Foram duas temporadas de oito episódios cada uma. E foi muito legal. A gente viu pela audiência das pessoas, que gostaram demais. Nunca ninguém imaginou o Marcelo Grohe, que é todo penteadinho, todo direitinho, todo certinho...

**T.N.: Lá num ambiente todo descontraído, né?**

J.A.: Exato. E eles adoram! A gente terminou a entrevista com o Marcelo Grohe e ele disse: “gurias, eu achei que ia ser legal, mas não achei que ia ser tão legal!”, sabe? Então é legal, é divertido. A gente não sabe se vai ter terceira temporada, mas... tomara que sim.

**T.N.: Tomara, tomara!**

J.A.: É bem legal!

**T.N.: E como você acha que a mídia nacional pauta o GreNal?**

J.A.: A gente acha que existe um pólo, né, o centro do país, aquele eixo Rio-São Paulo... E aí a dupla GreNal aparece quando ou tá muito em baixa ou tá muito em cima. Então o Grêmio agora tá nesse meio, dominando os noticiários, porque tá numa fase espetacular. E o Inter tu não vê falarem mais. O Inter é só: “demitiu treinador...”, né? Então, assim, eu vejo e o torcedor também vê. E eu sinto um pouco isso, uma carência de olhar um pouco mais pra cá. Não sei se é uma coisa nossa, se é bairrismo nosso, ou se falta mesmo esse olhar um pouco mais detalhado, um pouco mais... Tu vê que são poucas as pessoas... Eu acompanho bastante os programas de esporte, *SporTV (Seleção SporTV)*... e quando tem que falar de Grêmio e Inter são sempre as mesmas pessoas, ou é o Sergio Xavier, ou é Diogo Olivier, que é daqui... Do Grêmio sim, as pessoas já tomaram pra si o Grêmio e aí já conseguem... agora, o Inter não. Informações do Inter precisa ter um cara daqui pra falar um pouco de como é que tá o ambiente aqui. Então eu acho que às vezes se peca um pouco, se olha pouco pra cá, que são dois dos principais times do Brasil. Então eu acho que o eixo Rio-São

Paulo é muito fechado sim e aí Grêmio e Inter acabam aparecendo nessa gangorra maluca que acontece sempre entre os dois clubes. Mas, o Grêmio tá em alta, e aí junto com o Grêmio tem a figura do Renato, que é muito querida pelo Rio, né, pela imprensa do Rio, que gosta muito dele... Então isso ajudou um pouco ao Grêmio a entrar nesse noticiário. Mas o Inter não, o Inter segue apagado e sendo uma legendinha ali dos programas.

**T.N.: E eu vejo que quando aparecem, ambos os times, focam muito numa questão que pra mim é um imaginário do gaúcho típico: valente, destemido... Então é sempre aquela coisa: “ah, o jogador gaúcho”, ou o jogador que era de algum time daqui e vai pra outro time, e aí falam: “ah o fulano conhece o estilo gaúcho de jogar futebol”...**

J.A.: Exatamente. É por aí. É muito raso, né?

**T.N.: E pra você qual a maior qualidade do jornalista esportivo?**

J.A.: Fontes. É difícil. Eu até falava com o Diego agora há pouco, nosso editor, que tu ser setorista tem muitas desvantagens, mas tem essa vantagem de... aos pouquinhos tu vai lá e conquista uma fonte... E é muito difícil isso. Aqui é muito difícil, como são só dois [times], e tem muito jornalista, é muito difícil tu sempre tá na frente de alguém, sempre tá dando uma informação que alguém não deu. É muito difícil. É muito concorrido aqui. Então eu consideraria que, aqui, ter fontes é o essencial pra um... principalmente setorista... que é mais a minha praia. Pra minha função, o que eu faço hoje, ter fontes é o pontapé, é a partida pra que a gente consiga fazer um bom jornalismo... imparcial, enfim, tudo o que...

**T.N.: O que dizem do bom jornalismo, né?**

J.A.: É por aí...

**T.N.: Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?**

J.A.: Não. Não sei se disse tudo, mas acho que sim. É isso. E é legal ver mulheres nesse ambiente, porque nós somos poucas, e é bom ver que a gente não tá sozinha.

## APÊNDICE O: Entrevista com o jornalista E

Redação da *Zero Hora*, Porto Alegre, 26 abr. 2018

**Thalita Neves (T.N.): Você está como setorista do Inter?**

Jornalista E (J.E.): Não, na verdade eu sou um híbrido aqui na editoria. Porque em 2014 o *Diário Gaúcho*, que ficava no andar de baixo aqui do prédio, subiu pra cá e as redações se unificaram. E o esporte foi a primeira editoria em que se fundiram as editorias. Hoje o *Diário Gaúcho* e a *Zero Hora* estão unificados totalmente, mas começou pelo esporte. Como eu entrei em 96 aqui no esporte da *Zero Hora*, fiquei até 2012 como repórter, primeiro setorista de Grêmio, até 2000, setorista do Inter até 2006, aí eu virei editor assistente...

J.E.: Porque aqui é muito curioso, agora tá um pouco diferente, mas antes o esporte era dividido em editoria de dupla GreNal e editoria de outros esportes, e tinha um responsável que era pelo futebol. Então, assim, a editoria se dividia em dupla GreNal, futebol e outros esportes, pra tu ter uma ideia do quão relevante é a editoria de dupla GreNal pra nós aqui. E nós tínhamos dois editores de dupla GreNal. Aí eu assumi em 2006, éramos eu e outro colega, o Jones Lopes, a gente era o responsável por pautar repórter, por acompanhar o trabalho do repórter e por baixar as páginas de dupla GreNal. Hoje isso mudou, porque além do *Diário Gaúcho*, unificou também o online. Então a editoria é três em um e agora vai virar quatro em um porque a gente tá unificando com a Rádio [*Gaúcha*] e nos próximos dias a rádio deve subir pra cá. Então em 2016 eu já tava aqui, mas meu cargo é de editor de esportes do *Diário Gaúcho*, mas eu já não respondo tanto pelo *Diário Gaúcho*, porque como foi absorvido, tem o editor que já responde por tudo, né, a gente cuida da edição e tal... mas eu sou híbrido porque eu faço coluna, eu sou colunista online, eu faço reportagem, como naqueles períodos... uma espécie de repórter especial... e cuido da edição do *Diário Gaúcho*.

J.E.: Naquela semana a que tu te referiste eu tava trabalhando com uma matéria especial do Inter tentando explicar porque o Inter caiu. Por que um clube de 2006 a 2016, em dez anos, ganhou duas Libertadores, um Mundial, do Barcelona, ganhou praticamente todos os gauchões, perdeu um ou dois, ganhou Copa Sul-Americana, ganhou Recopa... como é que um clube desses entra num buraco desse tamanho? Então eu produzi

essa reportagem especial numa das minhas tarefas que é de repórter especial.

**T.N.: E você acha que o leitor da *Zero Hora* entende que ele precisa saber dessa contextualização ou ele só quer ver coisa boa do time dele?**

J.E.: O leitor entende. Mas é que aqui no Rio Grande do Sul é muito fanatismo, as coisas são muito extremas. O gaúcho ele é extremo, né? O gaúcho é de direita ou de esquerda, ele não é de centro. O gaúcho é gremista ou colorado.

**T.N.: E, se ele for gremista, ele é anti-Inter?**

J.E.: Ele é anti-Inter. E se ele é colorado ele é anti-Grêmio. E na verdade é uma coisa meio burra porque se o Grêmio fecha, o Inter...

**T.N.: Um depende do outro, né?**

J.E.: Um depende do outro. Um sobe o outro. Historicamente, o Grêmio e o Inter vão subindo porque um quer alcançar o outro.

**T.N.: É, e começou ali na questão racial, depois a questão dos estádios, enfim, desde a fundação dos clubes né?**

J.E.: Desde a fundação, porque o Grêmio surgiu em 1903, como um clube de origem germânica, um clube da elite, estudantes... jogavam futebol aqui... os universitários... e veio uma família de descendentes italianos e quis entrar nesse clube e não conseguiu, que são os Poppe, e eles resolveram fazer um clube com uma outra característica mais popular. Então surgiu o Inter em 1909. O primeiro jogo dos dois, o Grêmio já era um time profissional havia seis anos e o Inter tinha meses. Foi o primeiro jogo e o Inter tomou 10 x 0. Pra tu ter uma ideia do fanatismo, até hoje esse 10 x 0 é lembrado. E é um jogo assim que tu não tem como comparar, um era um clube estruturado já havia seis anos, o outro tava começando, mal tinha uma bola de futebol... Mas é que o gaúcho ele é assim, ele é extremo. Então tudo é levado ao extremo. E o futebol aqui move a paixão. O GreNal é tido como patrimônio do gaúcho. É o chimarrão, o churrasco e o GreNal.

**T.N.: Aqui mesmo quem não é ligado em futebol tem um time?**

J.E.: A exceção é Pelotas, que o pessoal torce pro Brasil de Pelotas. Mas tem colegas que vieram da zona sul do estado e dizem que já não é tão assim, que eles torcem pra Grêmio ou pra Inter.

**T.N.: Eu vejo que eles simpatizam às vezes com um ou outro.**

J.E.: É, mas é muito forte a ascendência da dupla GreNal sobre o interior. Então ou tu é Inter ou tu é Grêmio. Eu ainda deixo essa exceção de Pelotas, viu? Caxias... o Juventude e o Caxias têm,mas não é tão forte.

**T.N.: A torcida do Brasil de Pelotas, se eu não me engano, é a maior torcida do interior, né?**

J.E.: É, é uma cidade de porte médio... E é uma torcida... torcida mesmo, ela vai no estádio, ela consome os produtos, ela é super fanática, ela tem blogs... tem uma vida em torno daquele clube por causa da sua torcida. O que tu já não vê tanto em Caxias, embora o Juventude tenha torcida, o Caxias tenha torcida... mas é exceção, no resto do Rio Grande do Sul, ou tu é Grêmio ou tu é Inter, e eu digo o resto do Rio Grande do Sul e tu pega o oeste catarinense, que é muito forte porque os gaúchos saíram daqui e foram colonizando todo o oeste do Brasil... então ali, Chapecó... hoje, Chapecó...

**T.N.: Agora é que tá começando o fenômeno Chape, mas...**

J.E.: Os filhos dos gaúchos estão começando a se insurgir: “não, pera aí, nós temos um time, nós não somos nem Grêmio nem Inter”, mas ainda tem uma geração que é muito colorada... Cascavel... pega o oeste do Paraná e vai subindo ali... Mato Grosso... tem muito gaúcho que foi desbravando, então, assim, tem consulados de Inter e Grêmio. É que Grêmio e Inter são marcas muito fortes.

**T.N.: E é muito ligado à tradição, a questão do culto às tradições, o futebol acaba sendo só mais uma das válvulas, né?**

J.E.: Sim, sim. É uma instituição gaúcha. O GreNal é uma instituição gaúcha, sabe? Hoje as maiores audiências no site são de material de Grêmio e Inter, é o que puxa a audiência, é o que as pessoas querem saber. Pra tu ter uma ideia, eu não teria dados pra te dar, mas na última

Copa, mesmo a Copa sendo aqui, o material de Grêmio e Inter não baixou a audiência. E a gente diminui a estrutura de Grêmio e Inter, a gente mantém um editor e dois repórteres pra manter o noticiário, e a audiência desse material produzido por eles segue alta, e ela bate... Agora na próxima Copa, vai acontecer isso também. A gente brinca: as pessoas não querem saber de Seleção Brasileira. Mesmo sendo o Tite, o Felipão, o Mano Menezes, o Dunga... olha só, só gaúcho né, eles não querem saber. Se tu faz um texto que não seja de Grêmio e Inter a audiência não é a mesma, a audiência é baixa.

J.E.: Eu faço na minha coluna... eu destrincho adversários da dupla GreNal, a audiência não é boa. E é um material rico. É o adversário. Mas se eu boto que tem um menino da base do Grêmio de dezessete anos que tá renovando contrato, a audiência vai lá em cima. É muito forte o apelo de Grêmio e Inter aqui no Rio Grande do Sul.

**T.N.: E você acha que o leitor separa o espaço da opinião do espaço da informação, ou quando ele lê o espaço opinativo ele já vem cheio de críticas?**

J.E.: Ele sempre vem cheio de críticas, seja opinião, seja informação. Informação é um pouco menos porque tu tá bem calçado, tem reputação. Mas opinião ele vem com muita força. Tu vai pegar no Twitter as repercussões... eu tenho uma tática, que eu não respondo, quando é muito agressivo. Quando é polido, educado, eu respondo, tem uma interatividade. Mas é muito mais comum tu ser achincalhado do que ser uma crítica construtiva, uma crítica respeitosa, entendeu?

J.E.: Comentário de texto... quando eu comecei a ter coluna eu me assustava com os comentários. E no meu mestrado eu tava estudando com um rapaz que ele tava fazendo um projeto que era em cima dos comentários, de como esses comentários repercutiam na prática jornalística. E ele disse assim: “bah eu leio os comentários que tu recebe e eu fico chocado”. Eu disse: “ah cara, no início eu lia e eu comecei a me entristecer, assim, me desanimar, desalentar, porque: “é pra essa gente que eu tô escrevendo, pra esse leitor que eu tô escrevendo?”. Então eu adotei como prática não ler comentário. Agora tem pouco comentário porque, como fechou o conteúdo, só o assinante, né? Mas assim, não leio, é uma prática que eu adotei lá no início, bastaram duas semanas e... eu não leio. O leitor entende a opinião, ele sabe que é uma

opinião. Mas a forma como ele se manifesta é muito contundente, pra não dizer outra coisa.

**T.N.: E você acha que ele usa o futebol como uma válvula de escape pra desabafar outras questões?**

J.E.: Muita gente sim, muita gente esconde suas frustrações, ou leva as suas frustrações pro futebol.

**T.N.: Por exemplo, a expressão “grenalizar” eu não conhecia. Conheci aqui. E vi que é isso, né: as pessoas dualizam tudo.**

J.E.: Tudo. E, assim, a questão do racismo, que tu citaste né, do Aranha, virou um debate GreNal. E não é um debate GreNal. É um tema sério. É um tema sério. O racismo hoje é um tema que precisa no Brasil ser levado muito a sério. Tem que ser muito debatido. E aqui virou uma disputa GreNal, porque tinha um debatedor, no *Sala de Redação*, que era ex-presidente do Grêmio, que começou a tentar induzir isso porque: “ah é o Inter que tá querendo prejudicar o Grêmio” e aí virou um assunto GreNal.

J.E.: E aí teve um episódio no ano seguinte, ou dois anos depois, de um jogador do Inter que teria sido xingado no Beira-Rio e aí causou uma repercussão, foi numa véspera do feriadão de Páscoa, foi numa quarta-feira, eu me lembro bem assim... o Fabrício, que jogou no Cruzeiro, ele tirou a camisa, jogou no chão, a torcida xingou ele, ele fez um gesto obsceno... E aí um comunicador aqui botou no *Twitter* que ouviu alguém chamar o Fabrício de macaco. E aí apareceu uma imagem no *Twitter*, alguém pegou, do cara falando alguma coisa pro Fabrício. Mas na verdade ele disse um palavrão em três sílabas, que não era ma-ca-co, né? E aí foi uma repercussão... E aí o cara deu uma entrevista na Rádio [*Gaúcha*] na quinta-feira, ou na sexta-feira de tarde e disse assim: “a minha vida virou de pernas pro ar. Como é que eu vou ser racista se eu sou mulato e a minha mulher é negra? Como é que eu vou chamar o Fabrício de macaco? Eu fui pro jogo e a minha vida virou um inferno. O feriadão que eu tô tendo é um horror porque eu tô no meio de um furacão”, ele dizia assim: “eu só xinguei um jogador: ele tava exaltado, ele chutou a camisa do time, ele fez um gesto obsceno...”. Pra tu ver até que ponto chega a grenalização. Tudo é grenalizado. Por quê? Porque o Grêmio...

**T.N.: Tinha a pecha de racista...**

J.E.: E aí queria criar um caso parecido no Inter também. E a torcida do Grêmio é muito forte nas redes sociais. Ela é muito fiscalizadora nas redes sociais.

**T.N.: Mais do que a do Inter?**

J.E.: Mais do que a do Inter. Mais do que a do Inter. O Grêmio tem algumas pessoas assim que são muito vigilantes. E se criam nos clubes esses *twitteros* e *social media*. Esses caras vão se criando no clube e eles vão tendo representatividade dentro do clube e eles são muito fiscalizadores. O nosso trabalho aqui... a gente tá sempre, sempre, sempre, sendo fiscalizado. Então, o cuidado é extremo, com tudo que vai escrever... um título que tu vai escrever, o caminho que tu vai levar... porque, assim, a gente se sente... e eu compartilho com os colegas e daí eles também... a gente se sente muito fiscalizado. A gente tá num Big Brother. É um assunto que tu tá numa linha muito tênue.

**T.N.: É... porque o torcedor entende de futebol, ou acha que entende, né?**

J.E.: É, porque assim: se tu fala bem do Grêmio os colorados te xingam, se tu fala mal os gremistas te elogiam e vice-versa. É muito engraçado. Aí se tu faz um texto legal do time, todos curtem. Aí começa a ter curtidão, curtidão, curtidão no Twitter... Mas é que a presença de Grêmio e Inter é muito forte na vida das pessoas aqui.

**T.N.: E vocês dividem aqui o mesmo número de páginas pra Inter e Grêmio?**

J.E.: Sim, tem um cuidado. E quando eu era editor do *Diário Gaúcho* também, tipo: ah hoje abriu com Inter, amanhã vamos abrir com o Grêmio... ontem abrimos com o Inter, hoje vamos abrir com o Grêmio... a não ser que seja muito forte o assunto do Inter... ah, a semana que a gente abriu três vezes com Inter... aqui também, aqui é bem dividido.

**T.N.: Eu vi que o pós-título do Grêmio teve um pouco mais de páginas do que o rebaixamento do Inter. Por outro lado, no espaço de opinião, as colunas eram todas voltadas ao Inter e nenhuma ao Grêmio. Isso me fez pensar que talvez o aspecto negativo do**

**rebaixamento tenha sido tratado no espaço da opinião pro jornalista se resguardar um pouco das críticas do público.**

J.E.: Não, não. Os colunistas são autônomos. É que, assim, foram dois eventos muito grandes, porque o Grêmio havia quinze anos não ganhava um título, e o Grêmio tava muito ávido por esse título. E o Inter tinha como grande patrimônio nunca ter caído. Então naquele período ali de uma semana, dez dias, o Rio Grande do Sul meio que virou de ponta-cabeça... porque o Grêmio sempre disse assim: “Libertadores e Mundial é coisa do Grêmio, o Inter joga Brasileirão, joga Gauchão...”. Aí o Inter ganhou o Mundial. Isso mudou a relação. Depois que o Inter ganhou o Mundial, a coisa meio que incendiou, porque o colorado disse: “agora eu também tenho Mundial, agora eu vou pro pau contigo. Agora eu vou pro combate.”. Então o colorado não era mais o coitadinho, não! Agora ele era um clube. E aí o que aconteceu? Com a equiparação de títulos, e o destino quis que os dois tivessem duas Libertadores e um Mundial, o que passou a pesar? “Ah eu nunca caí, tu já caíu”. Aí pô, o Inter cai! É como a história vai se movendo. O Inter alcançou o Grêmio, ficou na frente do Grêmio, agora o Inter caiu, e o Grêmio agora é tri. Então, assim, é uma disputa que um vai tentando...

**T.N.: É como você disse, um depende do outro.**

J.E.: Um depende do outro, um puxa o outro, né? Então foram dias bem intensos assim.

**T.N.: É porque geralmente todo mundo fala da semana GreNal, mesmo que não seja uma semana tão decisiva assim. Ela realmente muda os ânimos da Redação?**

J.E.: Muda, muda na Redação porque a gente prepara muitos conteúdos especiais... a preparação, o consumo de notícias é maior... Nesse GreNal que teve antes, pra tu ter uma ideia, foi dias antes, na penúltima rodada do Brasileirão, antepenúltima, a gente fez uma matéria que eu fui ao Rio, contar a história do Vitinho, no Complexo do Alemão, e um colega meu que foi a São José do Rio Preto contra a história do Luan. Tipo assim, o jornal mandou dois enviados especiais pra contar a história do cara. De onde vêm esses dois jogadores que são os nomes do Grêmio e do Inter? Um material super especial, tipo, saíram três páginas de cada um, foi uma matéria de seis páginas, e no site teve todo um trato especial, tem a cobertura diferenciada...

**T.N.: Eu vejo que vocês trabalham muitos personagens. É uma marca daqui?**

J.E.: É uma marca. A gente perfila muita gente e... porque as pessoas consomem, elas querem saber. As pessoas vivem muito Grêmio e Inter, então elas querem saber de onde é que vem o cara, a história do cara: “ah quem é o Kannemann, do Grêmio, o zagueiro argentino, que cara é esse, o que ele fazia, como é que é a família?”. E tem demanda, as pessoas consomem todo esse material. E a gente tem os aplicativos, por exemplo. E tu não tem o aplicativo “FutebolZH”... “GaúchaZH”... não! E tu não tem o aplicativo FutebolZH, GaúchaZH, não! Tu tem o *Colorado GaúchaZH* e o *Gremista GaúchaZH*. E lá dentro tem uma seção da secação: secando o rival. Entendeu? Porque a gente atende a um desejo do público. Ele quer saber do Grêmio, mas ele quer dar uma espiada no que o outro tá fazendo. Então o aplicativo atende esse anseio.

**T.N.: Pra você o que tem de mais característico no bom jornalista esportivo, qual a maior qualidade dele?**

J.E.: Pra mim é a seriedade, primeiro de tudo, acho que em tudo na vida, né? Em tudo. E aqui pra nós é muito importante a isenção. Tem gente que se assumiu aqui. Até teve uma onda nos últimos tempos, assim. Mas eu pelo menos não me assumo publicamente. Todo mundo tem um time. Mas ah, depois que tu entra no jornalismo...

**T.N.: Muda a relação, né?**

J.E.: Muda a relação e tu quer saber de pagar tuas contas no final do mês, fazer o teu material, ficar satisfeito como que tu produz, ascender na profissão, né? Então eu fui setorista de Grêmio num período nobre do Grêmio, de 1996, 97... até 2000. Depois fui num período nobre do Inter, quase fui pro Mundial em Yokohama, fiz jogo de Libertadores dos dois, então tipo assim, eu quero que o meu trabalho apareça, se é no Grêmio, se é no Inter, não interessa. Mas pra mim o importante é isso, sabe, a seriedade. É tu conquistar a seriedade.

J.E.: Porque o repórter é visto sob muita desconfiança. Em seguida tem insinuação... agora mesmo, semana passada, um comunicador aqui de uma rádio, uma narrador da antiga, um cara já veterano, foi um grande narrador, disse que tinha jornalista que tava na folha do Inter, então em

seguida aparecem essas insinuações. Então é muito complicado porque é um estado pequeno. É uma cidade pequena.

J.E.: Porto Alegre tem dois milhões e meio de habitantes. Com a região metropolitana dois e oitocentos. Então é um ambiente que todo mundo que circunda ali sabe quem é você, todo mundo te conhece, tu frequenta os lugares, tu encontra as pessoas. Então a gente tem que manter muito a nossa lisura, a nossa seriedade, o nosso distanciamento, eu acho isso básico. A seriedade é básica em qualquer setor da vida. Mas aqui, a seriedade, e aí tu junta no jornalismo a isenção, de não pender pra nenhum dos lados, né? Porque se tu fica marcado como gremista ou como colorado...

**T.N.: Vai estar sujeito a mais julgamentos e até ameaças.**

J.E.: É. E depois eu acho que o básico para o jornalista esportivo é estar bem informado, e saber contar a história, seja ela no rádio, na TV, no jornal... eu tenho que escrever bem, eu não concebo um jornalista não saber escrever, sabe? Eu tenho que fazer as pessoas entenderem aquilo que eu tô querendo dizer, e com a melhor qualidade e com o melhor padrão de texto possível. Eu acho que é mais ou menos por aí.

**T.N.: E informalmente você pode me dizer se você é Grêmio ou Inter?**

J.E.: Não, não posso.

**T.N.: Que pena, todo mundo me disse.**

J.E.: Todo mundo tem um time. Eu era colorado.

**T.N.: E depois você mudou sua relação com o time?**

J.E.: Mas eu tenho problemas. Por exemplo, a minha esposa ela gosta de futebol. Gosta muito de futebol... também, pra aguentar um jornalista esportivo... e eu sou fanático... Eu consumo futebol desde seis anos de idade. Eu consumo muito futebol. Muito. Eu tô sempre vendo. Então tem que ser uma pessoa assim, né? E meu filho, por influência dela e do meu irmão, que é extremamente colorado... meu irmão é o tipo de cara que tá transferindo os problemas pro futebol, tá escondendo os problemas dele no futebol... já tá passando do ponto... às vezes eu dou

umas duras nele, e ele é mais velho do que eu... E, por influência deles, o meu filho é muito colorado. O meu filho canta hino... esses dias ele foi no jogo, aí queria que o nome dele fosse D'Alessandro... ele é apaixonado pelo D'Alessandro, ele é bem coloradinho assim, né, canta as músicas da torcida... e camisa do Inter ele tem umas quatro, e final de semana ela bota a camisa do Inter e bah... e meia e vai jogar bola... e eu não posso levar ele no jogo. Isso é uma coisa que me dói, entendeu? Isso é por que? Porque a coisa é muito forte aqui.

**T.N.: Por que se te virem lá mesmo que você esteja fora do seu ambiente de trabalho...**

J.E.: O que vai acontecer: hoje com rede social botam uma foto minha no Facebook e no Twitter e em um minuto ela viraliza, entendeu? Foi o que aconteceu com o Mauro Cezar lá com o Flamengo em São Paulo. Então, tipo, final do ano passado eu tava de folga e daí um amigo meu, meu compadre, ele trabalha numa empresa e tem um camarote a empresa dele... “vamos lá, vamos no camarote, vamos levar as crianças...” Daí eu bah... Aí eu fui, mas assim, porque era um camarote, entendeu? Mais restrito e também... fui ver o jogo, fui convidado. E é tão legal. Eu teria muita vontade, tanto na Arena quanto no Beira-Rio. Eu tenho muita vontade de poder ir no jogo, tomar uma cerveja, ir com os amigos...

**T.N.: Que é uma coisa normal né?**

J.E.: Uma coisa normal, mas aqui não dá. Eu sei que no futuro eu vou ter problemas porque meu filho gosta muito de futebol, mas ele vai ter que entender que comigo ele não vai poder ir. Ele foi na estreia do Inter no Brasileirão com meu irmão e com o outro tio dele. Ele quer ir num treino, daí ele queria conhecer o D'Alessandro... tem que levar, entendeu? São embaraços que eu não precisava passar, né? Mas é fruto da paixão das pessoas. É muito forte.

**T.N.: E beira a irracionalidade, porque as pessoas chegam a ameaçar o outro, né?**

J.E.: Ameaçam, brigam. E eu não sou tão conhecido assim, mas aí tu tá no mercado, já aconteceu comigo, e eu não sou tão conhecido, e: “ah meu time vai ganhar?”... A impressão que eu tenho é que as pessoas programam seu final de semana pelo futebol.

**T.N.: Eu percebi que no momento da queda do Inter, nas matérias que eu li, a presença de adjetivos, advérbios, expressões adjetivadas, enfim, era proporcionalmente maior em relação ao pós-título do Grêmio. Talvez seja uma forma de dramatizar mais o momento negativo, como uma válvula de escape?**

J.E.: Eu fiz uma matéria que talvez tenha essa característica, que foi a matéria de “Abu Dhabi à...”

**T.N.: Baixada Fluminense?**

J.E.: À Baixada Fluminense. Acho que o adjetivo te ajuda a reforçar. Tu tá contando uma história e tu consegue dar o teor, o peso que ela tem. Talvez por isso. Matérias especiais geralmente elas têm um pouco mais né?

**T.N.: É. Quando você me falou que atua como repórter especial eu me lembrei do Ticiano [Osório], porque eu conversei com ele também. Ele fez algumas matérias para o Grêmio e ele chegava a usar a primeira pessoa, ele falava algo como “nossos heróis”...**

J.E.: É porque, como ele não é do esporte, se sente livre pra fazer isso e tal. Mas a gurizada da linha de frente ali não pode. Não pode.

Às vezes tu tem vontade de ir no estádio, de contar coisas assim, sabe? Eu acho que o jornalismo esportivo falha muito nisso, de o repórter não se colocar no lugar do público consumidor. Tipo... que matéria legal tu poder ir num jogo e sentar lá na arquibancada e ver: oh a pipoca é cara, o acesso é ruim, chove e alaga tudo. Eu acho que todos ganhariam. Todos ganhariam. Só que tu não pode dizer isso, senão... “ah tu foi no jogo do Inter, tu foi no jogo do Grêmio”. Eu acho que perde o jornalista esportivo nisso de prestar um serviço, de melhorar as coisas.

**T.N.: É, porque o jornalismo esportivo não é só esporte, né, tantos aspectos que a gente pode contextualizar.**

J.E.: Exato. Exato. Então perde, né? E eu não sei se eles comentaram contigo, a patrulha é tão grande nas redes sociais que eles criaram a IVI... sabe a história da IVI?

**T.N.: Sim, me falaram.**

J.E.: É, então até isso a gente tem. Tem um cara que tem um site e ele vive de ficar debochando das nossas matérias, fiscalizando as nossas matérias. Tem um blog lá... e aí ele tá até começando a querer capitalizar com o blog, tá pedindo contribuição anual dos caras que leem o blog. E ele vive disso: “ah a matéria do fulano...”, aí ele bota apelido em todo mundo... e aí ele fica fiscalizando, dizendo “tua matéria é isso, tua matéria é aquilo...”. Então é isso, sabe, é isso que a gente sofre. Esse cara é um engenheiro, eu fiquei sabendo que ele é engenheiro. E aí ele se diz o criador do IVI. E aí ele... esses dias eu botei alguma coisa no Twitter e aí o cara disse: “ah depois dizem que não existe a IVI... depois a gente é louco em pensar que existe a IVI”. Porque na cabeça dele existe, tudo ele vê... eles acham... então tem uma coisa muito forte, um conflito muito forte conosco aqui. Então é bem complicado.

**T.N.: Como você acha que a imprensa nacional cobre o GreNal?**

J.E.: Eles cobrem como a gente cobriria um clássico tipo Galatasaray x Fenerbaçe. Eu acho. Porque já fiz matérias sobre isso e tal... Difícil essa pergunta, porque eu acho que eles imaginam que é uma coisa de louco: é coisa daqueles caras lá que acham que são uma república, que acham que o que eles comem é melhor, o que eles bebem é melhor, e que o mundo deles é restrito àquilo dali. O gaúcho tem isso, né?

**T.N.: Era essa a impressão que eu tinha quando via a imprensa falando. Isso do “jogador aguerrido, do jogador com a raça gaúcha”, às vezes dentro de campo nem é assim...**

J.E.: Mas tu veio aqui num domingo de GreNal?

**T.N.: Ainda não.**

J.E.: Vem! É outro ambiente. As pessoas de manhã já estão fardadas, saem na rua...

**T.N.: Então de fato é um clima de guerra?**

J.E.: É que o primeiro GreNal deste ano... eu tava de férias, tava lá em Santa Catarina, então eu só li sobre... meu irmão foi e disse que foi muito pesado. Porque o ano passado teve só um GreNal, então fazia

muito tempo que Grêmio e Inter não se enfrentavam. E agora tá acontecendo uma coisa também, com os jogadores usando redes sociais, eles tão entrando mais na onda, os jogadores tão começando a se provocar. A se provocar não, a debochar. Não provocar, é debochar. O Sasha dançou a valsa dos quinze anos pro Grêmio, aí depois os jogadores ganharam o título e xingaram o Sasha... E aí na final da Libertadores teve o negócio do um minuto de silêncio pro Inter que tá morto... Então os jogadores estão entrando nessa coisa da...

**T.N.: Eles mesmos estão exaltando a torcida né?**

J.E.: Estão. E tão meio que se fardando de torcedor. Então o primeiro GreNal teve tudo isso nesse intervalo, o Inter sofrendo e o Grêmio debochando, debochando... que, quando se encontraram, deu briga, deu apedrejamento. Os caras do Grêmio desceram do ônibus, fizeram o ônibus sair do comboio, desceram com pedra na mão, foi uma confusão, foi uma coisa bem agressiva. Aí depois já deu uma acalmada. Os jogadores tavam tão tensos que brigaram no sorteio, se desentenderam no sorteio, o D'Alessandro e o Maicon. Então tudo isso se traduz pelo muito tempo sem se enfrentar. Foi alimentando aquela coisa e explodiu no GreNal. Foram três GreNais. O terceiro foi aguerrido, mas foi jogo mesmo de futebol, o anterior não. É que tá acontecendo isso. E é até uma coisa perigosa, de o jogador assumir um papel de torcedor. Isso é muito perigoso.

J.E.: Mas é um clima diferente. A cidade respira diferente. O domingo de GreNal em Porto Alegre, o dia que eu for embora daqui, eu vou sentir muita falta.

**T.N.: Você não é de Porto Alegre?**

J.E.: Eu sou de Porto Alegre, mas num futuro assim... Não é um lugar pra criar filho aqui, não tá sendo um lugar pra criar filho, então no futuro eu tô pensando em algumas coisas. Mas o dia que eu sair vou sentir muita falta. O cheiro de churrasco, tudo é diferente... As pessoas reúnem pra ver jogo, a cidade meio que fica voltada praquilo assim, só praquilo.

**T.N.: E, ao mesmo tempo em que existe a rivalidade, existem alternativas positivas também, como a torcida mista.**

J.E.: É, mas sabe que ela começou muito bem e agora já tá caindo. Já não é a mesma procura, tem ficado lugares vagos. E aí esse ano as direções meio que lançaram o verde: “ah vamos acabar com a torcida mista”. Só que é uma informação sem dono, entendeu? Surgiu a informação e aí o Ministério Público se arvorou e disse que não, que esse é um caminho sem volta, que eles querem aumentar. E os dirigentes: “ah não, a gente bota 2.000 lugares na torcida mista e não lota, vai 1.200 pessoas, quem sabe a gente transforma tudo isso em torcida adversária...”. Os dirigentes já querem botar mais do seu. Porque a torcida mista é uma torcida diferente, é o cara que vai lá pra se divertir com o futebol.

**T.N.: O futebol pra ele é um entretenimento e não é um estilo de vida, né?**

J.E.: Sim, é o cara que vai lá pra se divertir, vai com um irmão, ver o jogo junto, vai com o espírito desarmado. E os dirigentes tão vendo: “ah quem sabe a gente bota mais torcedor, tá ficando lugar vago”. Eles tentaram, mas não emplacou. Então eu acho que ela vai perdurar, mas não sei se vai passar dessa quantidade que tem hoje, acho que são 2.000 mil lugares. Mas não vai achar que daqui pra frente vai todo mundo ver jogo junto... não! E engraçado é que tá aumentando, sabe, a rivalidade, ela parece que tá ficando mais recrudescida assim.

**T.N.: Sempre foi essa gangorra de Grêmio Inter, né, desde a fundação... 10 x 0, depois teve o Rolo Compressor, um supertime, aí depois o Grêmio voltou a ganhar tudo... Sempre fica nisso. Mas acho que nunca teve algo tão atípico quanto a semana de 2016 porque foi num período de tempo muito curto.**

J.E.: Muito curto. A história é assim: o Grêmio começou, o Inter veio depois, a década de 40 e 50 foi do Inter, até 56, aí o Grêmio conseguiu doze títulos em treze. O Grêmio foi hexa, aí o Inter ganhou um título e o Grêmio foi hepta, foi quando o Grêmio conseguiu o Olímpico. E aqui tem muito essa coisa, quando tu constrói um estádio o clube... Aí veio 60 e o Grêmio ganhou até 68. Aí o Inter ganhou 69 e foi octa, 69 a 76... aí o Inter inaugurou o Beira-Rio e virou o grande time do Brasil. E aí o Grêmio veio, fez o segundo anel do Olímpico e conseguiu todos aqueles títulos dos anos 80. E aí os anos 90 foram do Grêmio também. E aí o Inter virou o jogo nos anos 2000. E agora nós estamos vendo uma nova virada de jogo. Esse momento que tu pegou, ele começou no GreNal do

5 x 0, em 2015, mas ali, nessa semana, foi meio que a passagem de bastão. O Grêmio finalizou uma era vitoriosa do Inter e começou uma era vitoriosa dele. Até quando eu não sei.

**T.N.: E foi ganhando, né, porque ainda ganhou a Libertadores depois.**

J.E.: E vai ganhar mais. Eu acredito que vai durar mais. No futebol os clubes grandes eles têm um ciclo, né. No futebol os clubes grandes têm um ciclo, né? O dirigente brasileiro não conseguiu ainda no meio de um ciclo vitorioso já começar um processo de renovação, de reformulação pra perdurar, pra ir preparando a transição. Então eles vão, esgotam e aí caem. O time começa a ganhar, o dirigente começa a ficar com soberba, já viram todos celebridades, e aí começa a briga política... pode perceber, todos são assim. E aí, enquanto isso, o outro tá se renovando, tá se reconstruindo. Aí quando esse que tá na frente cair, o outro já tá robusto. É um ciclo. Se for pensar bem o ciclo do Rio Grande do Sul foi esse, Uma década, meia... Perdureu um pouco mais no Grêmio que foi 80 e 90. O Inter ganhou Gauchão até 84, aí o Grêmio foi hexa, e nesse período o Grêmio ganhou mais títulos, ganhou Copa do Brasil... Aí depois em 92 o Inter ganhou a Copa do Brasil. Aí o Grêmio veio, do Felipão, ganhou tudo: Libertadores, foi pro Mundial, ganhou Brasileirão, Copa do Brasil... Aí se esgotou em 2002. Aí o Inter veio. E agora o Grêmio veio. É curioso!

**APÊNDICE P: Entrevista com o jornalista D****Redação da Zero Hora, Porto Alegre, 27 abr. 2018****Thalita Neves (T.N.): Você está há quanto tempo como setorista?**

Jornalista D (J.D.): Eu comecei a fazer o setor do Inter em 2005. Fiz da era de ouro à era de lata. Ascensão à queda do império vermelho. Libertadores, Mundial, enfim, aí enfileirou títulos internacionais até 2011 e depois começou esse vértice de queda.

**T.N.: Para você a rivalidade GreNal é a maior do Brasil?**

J.D.: Eu tenho só um pouquinho de medo de dizer que é a maior, assim, pra não parecer muito bairrista, né? Aquela coisa de a gente achar que é melhor em tudo, enfim... mas certamente eu acho que é uma das mais pesadas, junto com Atlético x Cruzeiro, talvez junto com Flamengo x Vasco, também... e Corinthians x Palmeiras também, que é pesadíssima, né? *Top five*, assim, vai, top cinco.

**T.N.: Mas não tem como colocar em primeiro, segundo ou terceiro?**

J.D.: É que se for pensar em termos do que gera rivalidade, por exemplo, violência, não tem como comparar com Corinthians x Palmeiras, eu acho, né? E acho que nos últimos anos também... teve aquele jogo absurdo que foi Cruzeiro x Atlético, que tava pra cair e aí 6 x 1... e não cai mais. Talvez tenha tido um ápice de rivalidade naquele momento, né, porque...

**T.N.: E depois a Copa do Brasil, a final Atlético-MG x Cruzeiro, também.**

J.D.: Exato! E uma torcida tá simplesmente querendo matar a outra: cai cai... e daqui a pouco levar seis num jogo, sabe, e ver o adversário não caindo mais... As três principais: GreNal, Atlético x Cruzeiro e Palmeiras x Corinthians, eu acho.

**T.N.: Eu vejo Atlético x Cruzeiro como a rivalidade mais parecida com aqui, sim, só que eu acho que tem uma grande diferença porque lá em Minas, por ser um estado maior e tal, a rivalidade é menos polarizada em algumas regiões de Minas.**

J.D.: A gente tem nichos aqui, temos Caxias do Sul e Pelotas, só, também. Mas, certamente, se não se declararam torcedores de Inter ou Grêmio, o segundo time deles é Inter ou Grêmio. É inevitável. Nesse ponto sim, acho que fica um pouco diferente de Minas porque, como tu bem observou, tem essas microrregiões que, digamos assim, tem outros clubes de preferência, talvez.

**T.N.: E você acha que pra ser Grêmio tem que ser anti-Inter?**

J.D.: Eu acho que acaba sendo uma consequência porque tu vai... em casa, na escola, os exemplos torcendo contra. Acho que é uma consequência natural da rivalidade. É impossível. Gente que fala que torce pros dois times, realmente... é aquele pessoal que não acompanha o futebol, que de vez em quando senta ali com os parentes pra ver o jogo. Não tem como torcer pros dois, impossível.

**T.N.: Sim. Aqui eu vejo isso como um diferencial também. Mesmo as pessoas que são indiferentes ao futebol, elas têm um time e, quando tem alguma zoação, elas entram no meio.**

J.D.: Aproveitam!

**T.N.: É muito atípico. E você acha que isso tem a ver com a formação do estado?**

J.D.: É que aqui a gente toma muito partido: ou é PT ou PMDB, ou é chimango ou maragato, ou é Grêmio ou é Inter. Enfim... É um estado que gosta muito da polarização, assim, de grenalizar tudo. A gente usa essa expressão grenalizar, né? Grenalizar pode ser nós dois discutindo por uma bala ou falando de política, vira tudo grenalizar aqui pra nós porque é muito polarizado. É difícil tu encontrar alguém aqui em cima do muro em qualquer assunto que seja, sempre alguém tem uma opinião definitiva sobre alguma coisa. Então, talvez, acho que culturalmente isso impacte na questão do futebol.

**T.N.: A questão racial também foi motivo de grenalização na época do caso Aranha e depois teve algo parecido no Inter.**

J.D.: Ah sim, sem dúvida. Mas tem muitos torcedores do Grêmio que são negros também e cantam músicas iguais também e entendem que não é racismo. Essa é uma questão bem delicada, esse ponto específico.

**T.N.:** Eu, por exemplo, não conhecia tanto a história de Grêmio e Inter e, quando eu comecei a estudar, a primeira coisa que veio foi a questão racial, da fundação dos clubes e tal... E depois esse mito é de certa forma desconstruído, porque ambos eram racistas, se formos ver na origem da formação dos clubes...

J.D.: E acaba sendo reflexo da sociedade mesmo.

**T.N.:** Sim, o Brasil foi um país escravocrata tanto tempo, né?

J.D.: Sim, certamente tem todos os elementos. E acaba sendo coisa de torcida também, né, grenalizando esse ponto também. Racismo, mulheres no estádio... aceitar mulheres no conselho, na direção, acaba entrando tudo na rivalidade mesmo.

**T.N.:** Pra você o que tem de particularidade na editoria esportiva em relação às outras?

J.D.: Bom, é difícil a gente... eu ia usar uma expressão, mas, é aquela coisa, a gente tem a cabeça do jornal papel ainda, né, que hoje praticamente equivale ao online. A gente virou praticamente rádio, assim. Tu lê coisas a todo momento. Mas acho que o esporte sempre foi a grande porta de entrada do início da leitura das pessoas. Quando tu é criança tu vai te interessar por futebol. Não vai te interessar por política mundial ou caderno de saúde. Então eu acho que a importância da editoria de esportes é isso: é por onde a leitura começa.

J.D.: Também é a editoria que tem as fotos mais bonitas, mais plásticas. Por exemplo, tu pega uma Olimpíada, uma Copa do Mundo, o que tem de foto maravilhosa, né? E particularidade, em si, talvez seja a editoria de produção local de maior ebulição, porque a gente tem todo dia essa loucura de GreNal, de Grêmio ou Inter, enfim... noticiário que não para nunca, em termos de produção local, se for pensar que a gente escreve pra um mundo específico, né, não somos uma *Folha*, um *Estadão*, um *Globo*, que são jornais nacionais. Acho que a grande diferença é essa: a gente tem uma produção muito mais intensa, não maior ou mais competente, mas mais intensa que as outras editorias até por ter mais material à disposição e por demanda mesmo. As pessoas querem consumir Grêmio e Inter aqui. Acho que uma diferença básica é essa.

**T.N.: E o leitor gremista da *Zero Hora* quer ler só coisa boa sobre o Grêmio e o colorado só coisa boa sobre o Inter?**

J.D.: Isso é engraçado. E acho que bate bem com teu trabalho. É engraçado, porque se o time tá bem obviamente querem ler coisas positivas, querem ler coisas boas. Mas se o time tá mal, eles querem crítica, querem que pegue mais pesado. Mas aí se tu passa um pouquinho do ponto... eles: “tá, mas não precisa falar assim também”...

**T.N.: A linha é muito tênue, né?**

J.D.: Claro. É que nem alguém falar mal da tua família. Tu fala mal da tua família, né, mas se for alguém de fora: “ô, para aí”! Acho que tem muito disso. Acho que o leitor vai muito conforme a maré. Um exemplo: o Grêmio tá em alta. Aí a gente publica uma matéria dizendo que o Arthur tá vendido pro Barcelona... como foi quando ele vestiu a camisa do Barcelona um tempo atrás, um rolo... os leitores também ficaram furiosos com a gente: “ah tá fazendo crise”, aquela, “bobajada” de sempre, aquela coisa de sempre, porque o time tá numa onda boa, então acham que tem que surfar junto a essa boa onda, enfim. Mas os fatos são fatos, não tem como brigar com isso, né? Então acho que vai muito do momento do clube mesmo, do time. Mas, também, se destoa um pouquinho, sem exagero ou plantar crise, não é isso que eu tô dizendo, mas se não é exatamente o que eles querem, eles também não gostam muito.

**T.N.: E vocês dividem aqui o mesmo número de páginas pra Grêmio e Inter?**

J.D.: Sim, sim. Isso tem que ser que nem tu servir refrigerante pra dois irmãos pequenos, a mesma medida. Se não for assim... Ih, não é raro as vezes que leitor liga pra reclamar: “ah deu mais espaço pro Grêmio”. É uma coisa que a gente se policia bastante.

**T.N.: E o leitor aqui sabe diferenciar o espaço informativo do espaço de coluna? Porque nas colunas as críticas são mais veementes.**

J.D.: Acho que sabe sim, diferencia bem. Voltando ao espaço. É claro: o Grêmio no Mundial e o Inter de férias não tem como dar o mesmo espaço, né?

**T.N.: Eu percebi, por exemplo, que no pós-título da Copa do Brasil havia mais matérias sobre o Grêmio, coisas mais positivas, obviamente, e menos sobre outras modalidades ou outros campeonatos de futebol, em quantidade de páginas. E no rebaixamento do Inter foi o contrário: teve duas páginas sobre a queda do Inter e mais espaço para outras modalidades, outros campeonatos de futebol. Eu queria saber se vocês priorizam o aspecto positivo em detrimento do negativo.**

J.D.: Não, não. Acho que nesse caso específico o que aconteceu foi que o campeonato tinha acabado também. Era aquela última rodada do campeonato no rebaixamento do Inter e de outros campeonatos também, que estavam ou terminando ou começando, na Europa, por exemplo. Então acho que nesse ponto específico foi por isso. Sem contar que o título do Grêmio foi meio de semana, né, porque era Copa do Brasil. Então também tem a questão de tu não ter tanto material naquele dia, porque possivelmente só a Copa do Brasil tava sendo jogada aquela semana, acho que nem Brasileiro teve. E a questão também do horário de fechamento do jornal, talvez possivelmente tu tenha lido uma segunda ou uma terceira edição, até. Porque o jogo foi depois da novela, então... meio de semana, pra nós... pro impresso, pra rodar o jornal, é um horário dos piores possíveis, né? A primeira edição certamente não foi pro interior, por exemplo, porque a gente fecha bem mais cedo. Mas é basicamente isso: aquele fim de semana do Inter tava todo o campeonato acabando né, e o do Grêmio era bem pontual ali, a Copa do Brasil, e no meio de semana.

**T.N.: Por outro lado, a matéria do Inter, apesar de em número de páginas ter sido menor, foi mais dramatizada. Eu vejo uma quantidade de adjetivos e locuções adverbiais proporcionalmente maior em relação ao título do Grêmio, por exemplo.**

J.D.: Não foi orientação nem nada. Mas era um momento histórico, épico, assim, pro Inter que nunca tinha caído. Tinha um orgulho... Era um patrimônio muito grande do Inter isso de nunca ter sido rebaixado, e o Grêmio tinha sido rebaixado duas vezes já. Então era algo muito caro pra torcida. E de repente aquilo, enfim, se esvaiu de uma maneira que foi como se o clube tivesse acabado naquele momento, né.

Bem pensado. Mas não que tenha sido orientado. Foi coisa minha mesmo. Pensei que tinha que ser por ali, algo até como um documento histórico naquele momento.

**T.N.: De certa forma a dramatização está muito presente na imprensa gaúcha, tanto no rádio quanto nos textos.**

J.D.: Eu acho que talvez venha muito da nossa localização também. Se tu pegar a imprensa argentina, tu pega o *Olé*, por exemplo. Nossa! Tu vai às lágrimas lendo. Acho que talvez aí seja mais uma questão cultural, até com o que a gente cresceu lendo, na verdade, um pouco se formando com os argentinos e os uruguaios que têm essa veia mais dramática, esse tango, assim, do que outra coisa. Talvez por aí uma explicação, mas não que seja orientação.

**T.N.: E tem a ver com o estilo do repórter também, né?**

J.D.: Claro, também. E todo mundo aqui que estudou jornalismo certamente cresceu ouvindo os jogos na rádio *Gaúcha*, as narrações... Talvez inconscientemente também tenha isso, uma coisa do rádio, porque o rádio tem que fazer muita imagem, né?

**T.N.: Eu vi que no espaço das colunas também houve muito essa questão da dramatização da queda do Inter. Por exemplo: na última edição, do rebaixamento do Inter, todas as colunas eram sobre o clube. E não teve nenhuma edição onde todas as colunas fossem sobre o Grêmio. Pensei que isso se deve ao fato de ser uma página opinativa, um lugar de fala onde os colunistas podem expor a negatividade. Talvez se colocassem isso no espaço informativo o torcedor não iria gostar. Faz algum sentido?**

J.D.: Eu acho que nesse ponto é mais pelo fato histórico mesmo, como eu te falei, essa coisa de nunca ter caído. A primeira matéria que a gente fez naquele ano perguntando pra direção sobre o rebaixamento era em julho. Em julho a gente já falava em rebaixamento do Inter, cinco meses antes de realmente cair. Então é uma coisa que foi uma bola de neve, foi crescendo, todo mundo sabia, todo mundo tava vendo o que poderia vir a acontecer e que realmente acabou acontecendo, então não tinha como evitar o tema. Até porque o Grêmio já tinha sido campeão da Copa do Brasil... em que posição acabou o Grêmio em 2016 no Brasileiro?... Mas

chegou sem chance já, só cumprindo tabela né, então por isso, era um tema que se impunha, até por ser histórico também, né.

**T.N.: E você já tinha coberto uma semana tão atípica assim?**

J.D.: Negativamente atípica eu acho que não. Mas é engraçado porque ela foi atípica, mas... eu acho que eu cheguei com o Inter no Rio, na véspera do jogo, ou na sexta, não me lembro agora. Mas o clima todo na concentração do Inter já era de time rebaixado. Acabava o jogo, independente do resultado, os jogadores tavam de férias. Então, na véspera do jogo mesmo, no domingo de manhã antes do jogo, tavam os amigos dos boleiros já chegando, encostando os “caminhonetão” do lado do hotel, botando as bagagens deles já, sabe? Estavam pensando mais nas férias do que no jogo. Tava rebaixado já. Era só saber como ia ser a coisa. E até começou o jogo com o Inter tendo alguma chance de escapar, pelos resultados paralelos. Mas aí acho que no final do primeiro tempo já era. E quem tava convivendo no ambiente da concentração naquele dia no hotel, tu via que... era só discurso pró-forma, porque eles não estavam mais nem aí.

**T.N.: Em julho, quando vocês começaram a tratar do tema do rebaixamento, o leitor em algum momento chegou a falar “ah isso é crise que a imprensa tá colocando aqui”...**

J.D.: Claro, claro. Mas os meses foram rolando e, digamos, setembro, outubro... era uma crise atrás da outra, enfim... aí essas críticas em redes sociais diminuíram muito.

**T.N.: Vocês fizeram umas matérias no pré-queda que eram bem políticas, sobre a gestão do Inter, com todo o contexto sobre onde começou a queda e tal. O leitor entendeu bem essa questão? Ele queria saber dessa contextualização, queria saber por que o Inter chegou aonde chegou pra cair?**

J.D.: Acho que acabou entendendo. E isso é algo que foi confirmado agora, quando a gente deu uma matéria dias atrás mostrando os desvios que aconteceram, tanto que a gestão do Inter de 2016 tá sob investigação do Ministério Público, uma coisa gravíssima. Mas nesse ponto a gente não teve dificuldade.

**T.N.: E foram questões em cima de questões, porque depois o Inter ainda tentou algumas válvulas pra tentar escapar do rebaixamento, né?**

J.D.: Ah sim, depois teve a questão do Victor Ramos ainda...

**T.N.: A questão da Chape também.**

J.D.: Isso, isso. Quando caiu o avião no dia seguinte eu fui a Chapecó pra... no dia seguinte não, minto, acho que uns três ou quatro dias depois... pra fazer o enterro coletivo. Então, quando os jogadores fizeram aquela movimentação pra parar o campeonato, abandonar, eu tava lá. Então nesse caso eu não acompanhei aqui aquela manifestação, mas a gente via que era uma coisa que... os caras sabiam que tavam rebaixados e... “vamo tentar uma última manobra, entre aspas, que seja”.

**T.N.: Talvez fizeram até inconscientemente sem ter noção de que estavam sendo tão infelizes, né?**

J.D.: Era um grupo tão perdido naquele momento que, como tu falou, às vezes inconscientemente até. Eles estavam tão sem rumo, que talvez tenham feito até sem querer, mas foi muito negativo pro clube, porque lá em Chapecó os caras tavam furiosos com essa atitude deles. Lá em Chapecó mesmo, falando com algumas pessoas lá, ficou realmente muito ruim.

**T.N.: E como fica a relação com as fontes nesse tipo de matéria investigativa?**

J.D.: Ah, tem gente que tu acaba perdendo como fonte né, enfim, inevitável.

**T.N.: Mas você recupera em algum momento, quando o cara precisa de vocês e tal?**

J.D.: Ah, depois, com algum distanciamento tu acaba recuperando. Mas sempre vai falar: “ah daquela vez tu me f\*\*\*\*\* e tal...”

**T.N.: E vocês têm alguma estratégia pra recuperar?**

J.D.: Seguir insistindo!

**T.N.: Tanto o jornalista F quanto o jornalista A me disseram: a gente vai e tenta de boa. Se não der, a gente põe o jornalista D.**

J.D.: É, fico insistindo! Enfim, como eu cubro Inter há mais tempo do que eles, então eu também já conheço as pessoas há bem mais tempo do que eles. Talvez fica um pouquinho mais fácil de negociar, sabe: “ah não tinha como não te dar um pau naquela matéria”, umas coisas assim: “era impossível não criticar”... Tu vai tentando ir pelas beiradinhas pra tentar recuperar.

**T.N.: Afinal, eles sabem que vocês estão fazendo o trabalho de vocês, né?**

J.D.: Claro, claro. Eu não me lembro de ninguém no futebol que hoje eu não fale por ter rompido pra vida. Acaba voltando a falar depois. Mas, assim, às vezes tem que dar um... É aquela coisa: tu tem um relacionamento, tu briga e um dia acaba voltando, enfim, acaba conversando depois. É a mesma coisa. Tu convive na mesma cidade, vai acabar cruzando em algum momento com essa pessoa também e tal.

**T.N.: E como é a semana GreNal? Porque todo mundo fala que a Redação fica exaltada... e às vezes é um jogo que nem vale “nada”.**

J.D.: O grande prejuízo que a gente tem é que a gente não consegue daí fazer matérias especiais, porque ninguém fala em entrevista exclusiva, falam todos em coletiva. Aí tem que se virar por outro lado, tem que pensar outro tipo de matéria ou... pega, por exemplo, o Marcelo Ghroe, goleiro do Grêmio, e vai falar com quarenta parentes, quarenta amigos. Porque geralmente tu não vai conseguiu falar com aquele cara naquela semana, por causa disso. Aí busca por fora, assim: “como é que começou a carreira”, enfim, essas coisas. Geralmente a gente busca por outros meios, faz aquele personagem, mas vai por outras pessoas em vez de falar especificamente com ele.

**T.N.: E como é a relação com os editores, com a diagramação, é tranquilo? Vocês já têm tudo definido, espaço e tal?**

J.D.: A gente já sabe mais ou menos. Dependendo do horário do jogo também, a gente já sabe se vai dar pra fazer algo além depois do jogo ou se é mais ou menos o básico. Acho que o último GreNal foi às seis da

tarde, não lembro, aí já complica, é meio que acaba o jogo, faz aquelas entrevistas de fim de jogo e... não tem muito o que fazer.

**T.N.: Eu vi que tem umas matérias que não são assinadas, pode ser por esse motivo?**

J.D.: Pode ser. Ou a assinatura tá lá numa página geral, no começo, ou não deu tempo mesmo, pegou por rádio mesmo, por aqui em vez do estádio. Porque às vezes realmente a gente só tem o tempo do online. Pro papel, dependendo do horário, não dá mais, daí.

**T.N.: Pra você qual é o maior desafio de trabalhar no impresso?**

J.D.: Pra mim é não poder escrever tudo o que dá pra escrever no online, em termos de espaço mesmo, questão física. Eu gosto de escrever bastante, meus textos são longos geralmente. Coisa que o papel te limita demais. E no online tu pode escrever, soltar bem mais a mão.

**T.N.: Mas no online, por exemplo, vocês têm mais críticas, numa rede social, assim...**

J.D.: Ah sim, certamente, certamente. Porque só cola ali e já: “ah olha o que esse filho da p\*\*\* escreveu...”

**T.N.: E vocês têm costume de responder, de interagir?**

J.D.: Eu tenho preguiça de responder, na verdade. Mas, dependendo, se não tem xingamento... até respondo, mas não sou muito de responder não.

**T.N.: E você acha que o jornalista esportivo pode falar pra que time torce?**

J.D.: Aqui é um negócio meio complicado, porque tu acaba ficando marcado. Assim, eu torço pra um time, mas nunca me declarei e nem vou porque... eu acho que não afetaria meu trabalho, mas daqui a pouco aparece a cobrança: “ah mas tu é colorado” ou “tu é gremista”, “devia ajudar”, sabe? Esse tipo de coisa. Então não é minha praia. Eu sou bem mais crítico do que... eu gosto muito mais de trabalhar na crise do que no oba-oba.

**T.N.: Acho que na crise é maior a oportunidade de escrever matérias que envolvam outros temas e tal...**

J.D.: É, porque na vitória é barbada, meio óbvio assim, sempre, né? Mas tem muita gente aqui que, enfim, é declarado sim e defende o clube em redes sociais...

**T.N.: Mas pelo o que eu vi dos setoristas aqui, o pessoal prefere ficar na defensiva pra não estar sujeito a julgamentos o tempo inteiro.**

J.D.: É... Entra nesse tipo de coisa que não contribui em nada pro nosso trabalho também.

**T.N.: Mas informalmente você pode falar se eu te perguntar pra que time você torce?**

J.D.: Pode. Eu torço pro Inter, mas eu sou muito mais crítico do que oba-oba.

**T.N.: Pra você então foi mais desafiador cobrir a queda do Inter do que o Mundial de 2006?**

J.D.: Eu não sei se foi. É que, como a gente tinha certeza que ia acontecer, sabe, eu tava lá pela história. Eu fui a Duque de Caxias pela história, em momento algum me comoveu, o cair, enfim. Realmente, sendo bem sincero, eu não tive emoção alguma, eu já viajei sabendo que ia ser rebaixado. Eu tava preocupado só realmente com que tipo de texto que eu ia fazer.

**T.N.: Por que é um texto difícil de se fazer, né?**

J.D.: Sim, tem que ter cuidado, pra não desviar também, sabe, perder o foco. Eu, como tinha certeza de que ia ser rebaixado, já fui com o espírito totalmente desarmado. Só realmente focado no que eu precisava fazer pro meu trabalho.

**T.N.: E fora do seu trabalho você ainda frequenta estádios?**

J.D.: Não, não. Por exemplo, eu trabalho no esporte há uns vinte anos. Logo que eu entrei na faculdade eu comecei a trabalhar na *Rádio*

*Guaíba*, no esporte também. Depois trabalhei na *Rádio Pampa*, também no esporte, aqui na *Gaúcha*, como estagiário, também no esporte, e depois no jornal *Correio do Povo*, que é lá no centro, também no esporte, eu cobria Grêmio. E aqui eu tô há 14 anos, então são mais ou menos uns vinte anos já só cobrindo esporte. É que chega um momento que tu vê tanta coisa, desculpa a expressão, tanta p\*\*\*\*\*... Então... O meu irmão, por exemplo, é sócio do Inter, eu vivo falando pra ele: “para de pagar isso”...

J.D.: Então, realmente, hoje, se eu paro de trabalhar com esporte aqui eu não sei se eu voltaria a frequentar estádio ou se eu ficaria só na TV. Eu não sinto nenhuma vontade assim fora do trabalho, de torcer. Ah, por estar viajando, enfim, falando de Minas, eu fui uns anos atrás fazer... o Ronaldinho quando tava no Atlético lá... Pô! O Ronaldinho tinha virado Deus no Atlético, né? Eu fui fazer um Atlético x Santos, eu acho, não me lembro qual era o jogo. Enfim, foi 2 x 2 o jogo, mas eu fui só pelo Ronaldinho, fiquei atrás da goleira, onde tem o vestiário do Atlético no Independência e bah! Foi demais, o estádio tava cheio, torcida enlouquecida, máscara do Ronaldinho por tudo, foi demais, adorei fazer aquela matéria. E é um caso de ter ido a um estádio diferente e ter um personagem específico... Tu sente a vibração dentro do estádio, o estádio pulsando, o chão tremendo... A torcida do Galo é demais, não sei se tu é Galo ou Cruzeiro, mas...

**T.N.: Eu sou muito cruzeirense, mas eu admito que eles são fiéis. Não precisava nem ser o Ronaldinho, podia ser um “meia-boca” ali qualquer e eles estariam com o mesmo fanatismo.**

J.D.: E eu não conhecia o Horto, eu nunca tinha ido lá no estádio. Eu subi a pé aquelas ladeiras, desci a pé depois de novo... Nossa! Achei muito legal o clima, o ambiente todo.

**T.N.: É! Aquilo ali, dia de domingo, é uma concentração que começa meio-dia!**

J.D.: E do Cruzeiro, uma vez que me marcou muito também, não sei se tu vai lembrar, 2009, talvez...

**T.N.: Nossa! 2009 eu lembro demais, porque eu fui em todos.**

J.D.: Quando o Cruzeiro eliminou o Grêmio, lembra? Que aí o ônibus ficou preso, foi todo mundo pra polícia por causa do Maxi López... Eu cheguei no hotel sete da manhã, no Ouro Minas, a gente passou a madrugada na Delegacia do Mineirão ali. Lembra daquilo?

J.D.: Acabou o jogo, não me lembro quanto é que foi o placar. Mas o Grêmio perdeu dois gols absurdos, assim, na cara do gol. No começo do jogo, o Alex Mineiro perdeu um gol e o Maxi López perdeu um gol. Mas era assim: o Fábio, a goleira aberta e eles perderam os dois gols. E acabaram eliminados. Aí eu tava entrevistando o... não sei se tu já entrou naqueles corredores do Mineirão, lá no vestiário, corredores gigantes, vai fazendo a volta assim... aí eu tô num desses corredores entrevistando o Souza, aquele meio-campo que jogou no São Paulo, também no Grêmio, sabe? Eu tô falando com o Souza ali e passa o segurança do Grêmio, o Fernandão, que é um cara do meu tamanho, parecia um elefante correndo no corredor... e eu: “ué?”...aí o Souza também ficou olhando, nós dois ficamos se olhando: “o que houve, cara”? E daí a pouco quando eu vejo tem cinco caras da Polícia Civil correndo atrás dele [do segurança], aí eu: “ah não!”... Saí correndo junto. Porque eu não sabia o que tinha acontecido. Ninguém sabia o que tinha acontecido. E aí até que a gente descobriu o que aconteceu... eles tentaram arrancar os jogadores de dentro do ônibus, e aí fizeram uma jaula ao redor do ônibus pro ônibus não sair. E tavam todos da delegação do Grêmio dentro do ônibus nesse momento. E aí a gente ficou sabendo que o Elicarlos tinha denunciado o Maxi que tinha chamado ele de macaco.

J.D.: Aí eu iria voltar no dia seguinte e não: “ah fica aí e tenta falar com o Elicarlos”. E eu: p\*\*\*\* como é que eu vou falar com o cara, tá louco? Os caras de Minas a mesma coisa: “como é que eu vou conseguir”... aí eu pô: “me f\*\*\* nessa”. Aí eu acho que eu falei com alguém da *Itatiaia* que me deu o telefone do Elicarlos: “a gente tem esse telefone aqui, não sei se vai atender, mas tenta...”.

J.D.: Aquela coisa, tu tá no meio da guerra, com uma bala só... Liguei, e ele me atendeu, daí. E eu: não acredito! E aquilo... a gente tava meio embrionário ainda com processo de internet, não era como é hoje, e em princípio tu segurava uma matéria dessas, tu seguraria né? Isso era dez da manhã, eu acho que o guri acordou e me atendeu e aí falou, falou, falou... E eu meio não acreditando: “não é possível, o cara tá falando comigo e tal...”

**T.N.: E nem era da imprensa mineira, né?**

J.D.: Mas eu me apresentei, disse que era de um jornal de Porto Alegre, que a gente tava preocupado com a situação dele, enfim, porque era uma situação grave. Pô, foi uma p\*\*\* de uma entrevista, foi legal pra caramba, eu do Ouro Minas, no telefone com ele... E aí nesse caso a gente não segurou a matéria pro jornal, né, porque a gente seguraria, mas largamos direto.

J.D.: E aí tinha treino do Cruzeiro de tarde, lá na Toca. Aí eu chego na Toca, o pessoal da imprensa mineira queria me matar, porque daí ele não falou mais. Ele ia dar uma coletiva e cancelou a coletiva por causa da entrevista que deu pra mim.

**T.N.: Provavelmente devem ter orientado ele a não falar, né?**

J.D.: Claro, claro. Queriam me matar. Aquele climão, aquela m\*\*\*\*. E eu: “já fiz meu trabalho”. Mas foi bem legal. E aquela coisa da emoção do estádio... estádio lotado também.

**T.N.: É, aquela Libertadores foi recorde de público direto.**

J.D.: E depois o Cruzeiro perde pro Estudantes a final, né, deu aquela entregada no Mineirão.

**T.N.: Aquilo ali foi doloroso.**

J.D.: Inexplicável também, né? Era o time do Kléber gladiador...

**T.N.: Sim, sim. Era o time do Kléber.**

J.D.: Desculpa esse parêntese. É que eu acho Belo Horizonte demais! Muito parecida com Porto Alegre!

**T.N.: Se for pra falar de Cruzeiro eu fico aqui até... E aqui o setorista do Inter é alguém que torce pro Inter e do Grêmio alguém que torce pro Grêmio?**

J.D.: Não, não. Coincidência só.

**T.N.: Porque aqui acabou coincidindo, né?**

J.D.: É, mas o jornalista H torce pro Inter, cobre Grêmio. Eu comecei trabalhando lá no *Correio do Povo*, nosso concorrente, fazendo Grêmio também. É aquela coisa: tu entra onde tem vaga, na verdade, né? O jornalista H tinha vindo pra cá depois de vinte anos de *Correio do Povo* e eu entrei na vaga dele pra cobrir Grêmio, e aí tu vai onde tem chance, né? Mas foi coincidência mesmo.

**T.N.: E tendo coberto os dois, qual foi mais difícil pra você em termos jornalísticos?**

J.D.: Acho que trabalhar com o Grêmio era mais fácil, assim. Aí eu não sei se na época era porque, enfim, eu era mais novo também, não tinha aquela coisa da paixão, era mais trabalho mesmo. Mas o Inter... cobrir Inter na crise eu acho que a gente pega mais pesado do que pegaria com o Grêmio numa crise, por exemplo. Talvez por torcer pro clube também. Se não abertamente, mas de alguma forma eu acho que a gente pega mais pesado nesse ponto. E vice-versa, acho que também é a mesma coisa com os guris que cobrem o Grêmio.

**T.N.: O que eu noto é que quando a pessoa torce pelo time ela acaba de certa forma dramatizando um pouco mais.**

J.D.: É, pode ser. O Fernando Carvalho foi presidente do Inter e ele me dizia, brincava assim: “pô, quando a gente perde meu problema não é com os gremistas, meu problema é com os repórteres colorados que vêm aqui encher de pau!”. Tu já vai com aquele fúria de rede social às vezes, né?

**T.N.: E como você acha que a mídia nacional cobre o GreNal?**

J.D.: Eu acho que há algum interesse, mais como uma curiosidade, como a gente também assiste um Atlético x Cruzeiro, um Corinthians x São Paulo, um Boca x River... a gente sabe: “pô, vai ter um jogão”... aquela expectativa de um jogão, um jogo pegado mesmo. Mas eu acho que é como qualquer outro lugar cobriria, daria uma atenção pra um grande jogo acontecendo numa outra cidade.

**T.N.: Mas você não acha que existe o imaginário do estilo gaúcho de jogar bola no discurso da imprensa?**

J.D.: Sim. A gente teve três GreNais seguidos agora: foi  $2 \times 1$  pro Grêmio;  $3 \times 0$  pro Grêmio;  $2 \times 0$  pro Inter. Acho que o mais emblemático foi esse de  $3 \times 0$  pro Grêmio, porque era o primeiro jogo de mata-mata do Gauchão, o outro era fase classificatória ainda, e esse foi um jogo bem diferente, bem emblemático: o Inter tentando fazer o que dava pra sair vivo da Arena e o Grêmio passando por cima, tocando  $3 \times 0$ ... foi uma coisa bem diferente do imaginário do jogo pegado, da pancadaria, por exemplo. Foi futebol mesmo, cara. Eles passaram por cima porque passaram, porque são muito melhores. Mas eu acho que, pelo menos nós aqui, quando pensamos em GreNal, a gente pensa mais em Boca  $\times$  River do que qualquer outro clássico nacional pra comparar, acho que meio inconscientemente.



## ANEXOS

## ANEXO A: ZH Esporte 05.12.2016 - Detalhes de uma mega operação

# ESPORTE

## Detalhes de uma megaoperação

DIREÇÃO, ARENA E AUTORIDADES trabalham para não ocorrer transtornos na final da Copa do Brasil, marcada para quarta-feira

Luís Henrique Seneca  
luis.seneca@zerohora.com.br

A maior operação da história da Arena será posta em prática para a decisão da Copa do Brasil, quarta-feira, entre Grêmio e Atlético-MG. O esquema envolve alterações no trânsito, tanto na chegada quanto saída, antecipação na liberação das rampas de acesso ao estádio, reforço na equipe médica, ao perpendicularmente e estrutura para abrigar pelo menos 200 ônibus de excursão. A renda deverá chegar a R\$ 5,5 milhões, recorde não apenas na Arena como no futebol gaúcho.

— A tragédia que envolveu a Chapecoense chocou a todos, provocou desilusão, mas, aos poucos, as atividades são retomadas. Preparamos a maior estrutura de serviço desde nossa inauguração — informa Marcelo Jorge, presidente da Arena Porto-Alegrense, a gestora do estádio.

Os portões começaram a ser abertos às 18h45min, três horas antes do início do jogo. Como já se espera uma intensa circulação de torcedores no entorno da Arena bem antes disso, estuda-se abrir as rampas às 17h45min, o que irá desafogar as vias de acesso e gerar maior fluidez no trânsito de carros.

— Haverá uma série de atrações na esplanada antes do jogo — diz o presidente Marcelo Jorge.

### TRÂNSITO TERÁ ATENÇÃO ESPECIAL

Antes da partida, a Voluntários da Pátria contará com sentido único em direção ao estádio, a partir da saída da Dona Teodora. A EPTC deverá determinar que, encerrado o jogo, o sentido também seja único em direção ao Centro. Desde 8h, o estacionamento E-2, que atende a parte externa, já estará aberto



Estádio gremista aguarde público superior a 50 mil pessoas e mais de R\$ 5,5 milhões de renda, um recorde no RS

para absorver profissionais envolvidos com o jogo, sejam eles da própria Arena ou de veículos de comunicação. As 17h, ele será liberado para o público.

A linha de ônibus Futebol, utilizada em dias de jogos, terá tráfego exclusivo pela A.J. Renner, liberando a Voluntários da Pátria somente para carros. Excursões são aguardadas das mais variadas regiões do Estado. Por isso, já está definido que os cerca de 200 ônibus ficarão estacionados na Rua José Pedro Boéssio, o que facilitará tanto a

chegada quanto o retorno.

Serão 2,5 mil pessoas envolvidas com o atendimento ao torcedor. Haverá 250 seguradoras, 450 orientadores, pelo menos mil encarregados com a área de alimentação, entre vendedores ambulantes, atendentes e nutricionistas distribuídos em 80 bares, 50 deles na parte interna e 30 na esplanada.

O atendimento de saúde será reforçado em comparação com outros jogos e contará com seis ambulâncias e salas com médicos, enfermeiros e téc-

nico de enfermagem distribuídas nos quatro andares do estádio.

A derrota no primeiro jogo não tirou o ânimo dos atletas. Dos 2 mil ingressos enviados ao clube, 1.850 haviam sido vendidos até sexta-feira. O público aguarde até de 55,3 mil torcedores. Desta vez, caso o Grêmio conquise o título, nenhum deles irá se incomodar com a habitual demora na saída da Arena, um problema cuja resolução passa por um entendimento com a futura administração municipal.

### Abatimento

Como tem feito desde a tragédia com a Chapecoense, a comissão técnica do Grêmio trata de melhorar o ânimo dos jogadores. Além do técnico Renato Portaluppi, o preparador físico Rogério Dias tem se ocupado de evitar que o abatimento atrapalhe o rendimento contra o Atlético-MG.

— Conversamos muito com eles aqui dentro. Perdemos amigos, colegas. É difícil, mas a rotina de trabalho tem que seguir — afirma o preparador.



### POR MAIS PRIVACIDADE

Com portões fechados, Renato Portaluppi começa a delimitar o espaço para a decisão. Everton é o jogador mais cotado para assumir a vaga de Pedro Rocha, ausente por suspensão. No treinamento de ontem, no CT Luiz Carvalho, o técnico analisou cobranças de pênalti, um dos critérios para apontar o campeão. A concentração terá início depois do treinamento. Amanhã, o time de Malcom e Bolaños (foto ao lado) fará nova atividade na Arena.

### Atlético-MG

Cresce a possibilidade de o Atlético-MG atuar com três volantes na Arena. Nesse caso, Rafael Carioca manteria ao lado de Júnior Urso e de Leandro Donizete. A volta do atacante Luan também é projetada pelo técnico interino Diogo Glacomini, que será auxiliar de Roger Machado a partir de 2017. O time provável: Victor, Marcos Rocha, Gabriel, Emerson, Filipe Santos, Leandro Donizete, Rafael Carioca, Júnior Urso e Luan. Robinho e Lucas Pratto. A delegação viajará amanhã, às 15h, em voo fretado.

ANEXO B: ZH Esporte 06.12.2016 - Amigos, amigos, decisão à parte



**ESPORTE**

Editor: Diego Araújo  
diego.araujo@zebrahora.com.br

Editor: Sérgio Villar  
sergio.villarg@zebrahora.com.br

ZERO HORA  
TÉCIA FIDEL  
6 DE DEZEMBRO DE 2016

# AMIGOS, AMIGOS,

**MARCELO GROHE**  
Idade: 29 anos  
Altura: 1m88cm  
Clubes: Grêmio  
Seleção: dois jogos (2015)

**OS GOLEIROS**  
Marcelo Grohe, do Grêmio, e Victor, do Atlético-MG farão um desafio particular na final de amanhã da Copa do Brasil, na Arena

**ADRIANO DE CARVALHO**  
adriano.carvalho@zebrahora.com.br

**A** grande final de amanhã na Arena reserva um duelo particular entre os goleiros de Grêmio e Atlético-MG. De um lado, estará Marcelo Grohe, que busca a conquista do maior título de sua carreira. De outro, está Victor, que pretende adicionar o titã da Copa do Brasil ao seu rol de títulos, que também inclui a Libertadores e a Recopa.

São dois goleiros de Seleção. E se conhecem bem. Trabalharam por quatro anos e meio nos tempos de Olímpico, lado a lado. Enquanto Grohe foi ferido na base do Grêmio, e desde a escolhida fazia o trajeto de van, todos os dias, entre Porto Alegre e Campo Bom, Victor só chegou ao clube em 2008, quando foi contratado do Paulista ainda na condição de aposta.

Naquela altura, Grohe já havia sido campeão gaúcho em 2006, quando jogou as finais substituindo Galatto, um dos heróis da Batalha dos Afifos, que era titular e estava lesionado na decisão contra o Inter. E Victor tinha conquistado sua primeira Copa do Brasil em 2005, mas como reserva de Rafael Bracalli no time de Jundiaí – o segundo título veio com o Atlético-MG em 2014.

O técnico da Victor no Paulista era Wagner Mancini, que o trouxe para o Grêmio em 2008. Antes de encerrar sua carreira como jogador em 2004 e virar técnico no ano seguinte, Mancini atuou ao lado do goleiro, que recém havia se subido ao profissional.

– Ele já veio da base como revelação. Desde muito cedo, já mostrava este lado de liderança e comando, dando exemplo aos colegas – conta o treinador, que dirigiu o Vitória, da Bahia, até setembro.

Foi naquela época também que Marcelo Grohe

despontou no Grêmio. Seu primeiro treinador de goleiros no profissional foi Francisco Cersósimo, o Chiquinho, que o puxou dos juniores com Cássio, hoje no Corinthians, e também Galatto. Curiosamente, Cersósimo hoje trabalha no Atlético-MG – foi contratado com Victor pelo time mineiro em 2012. Lembra muito bem do empolheirismo que os dois goleiros tiveram no Grêmio.

– Eles sempre foram muito amigos, muito aplicados nos treinamentos. Tanto é que evoluíram bastante. A prova é que os dois já foram convocados para a Seleção – conta Chiquinho, desde Belo Horizonte.

**CERSÓSIMO, TREINADOR DE GOLEIROS, DESTACA A QUALIDADE DOS DOIS ATLETAS**

Titular no Grêmio entre 2008 e 2012, Victor teve suas maiores conquistas com a camisa do Atlético-MG. Mas sua saída abriu espaço ao amigo, que hoje é referência na Arena. Embora a chance tenha demorado, já que Dida ocupou a meta durante todo o ano de 2013, Grohe se firmou. A exemplo de Victor, galgou sua trajetória até a Seleção. Falta agora o título tão desejado da Copa do Brasil, que Marcelo persegue desde que subiu ao profissional.

– O Victor é um ídolo aqui em Minas, conquistou isso com grandes jogos e campeonatos. Mas ninguém ganha nada sozinho. Ele fez parte de um grupo forte e unido. O Grohe também tem feito excelentes Brasileiros. Se ainda não foi campeão, é uma questão de grupo. Quando dá liga e todos pensam da mesma forma, as coisas acontecem – entende Cersósimo, adversário do pupilo Grohe amanhã de noite na Arena.

– São goleiros de ponta, pronto fazer a diferença na final – acrescenta Mancini.

**TREINO FECHADO E GARGALHADAS**

O técnico Renato Portugalpi (na foto, com Douglas e Marcelo Oliveira) comandará um time fechado com seu grupo na tarde de ontem, na Arena. Sem dúvidas para escalar o time para a decisão de amanhã contra o Atlético-MG, o treinador utilizará Everton na vaga de Rogério Rêgo, suspenso por conta de sua expulsão no jogo de ida, no Mineirão. Durante a atividade, Renato teve atenção especial no treino de pênaltis com seus atletas. Caso o time mineiro vença, por dois gols de diferença, amanhã, o título da Copa do Brasil será decidido no maracá da cal. O Grêmio pode perder até por um gol de diferença que será campeão. O Atlético-MG só terá a baixa no tempo normal se vencer por três gols de diferença na Arena.

Em estudo, demonstrado que o cérebro registra o vórtice, o grupo ao alegar, o antídoto, o neurologia

ZÉRO HORA  
SÉRGIO PEREIRA  
6 DE DEZEMBRO DE 2014

# DECISÃO À PARTE



**VICTOR LEANDRO BAGY**  
Idade: 33 anos  
Altura: 1m79cm  
Clubes: Paulista, Ruano, Grêmio e Atlético-MG  
Seleção: seis jogos (2010-2013)

## Galo sem Otero

O técnico interino Diogo Giacomini também trabalhou com pontas fechados ontem, na Cidade do Galo. Se o treinador não contar com o meia venezuelano Otero, vetado para o jogo com o Grêmio por conta de uma lesão no joelho direito, terá o retorno do meia-atacante Luan, recuperado de lesão muscular, que formará o trio ofensivo com Lucas Pratto e Robinho. A única novidade está no meio-campo, entre Matheus e Júnior Urros. A delegação treinará na manhã de hoje em Belo Horizonte e embarca à tarde, em voo fretado, para Porto Alegre, com previsão de chegada por volta das 17h.

## Telões na Goethe

O adiantamento em uma semana da final da Copa do Brasil não altera os planos do Grêmio para o evento na Avenida Goethe. A programação será mantida, com dois telões colocados no tradicional ponto de concentração da capital, resultando em mais de 10 mil pessoas. A estrutura na Goethe terá duas telas de LED, de 20m² cada, que serão posicionadas uma de costas para a outra sobre a passarela.



## Arena em alerta contra falsificação de ingressos

Embora todos os 30 mil ingressos para a decisão contra o Atlético-MG tenham sido vendidos exclusivamente para sócios do Grêmio, a Arena recebeu alertas de fraudes com bilhetes para o jogo de amanhã. Nas redes sociais, cambistas oferecem ingressos falsos a preços exorbitantes, valendo-se da boa fé de torcedores que não conseguiram garantir lugar na final da Copa do Brasil.

Por conta disso, a gestora do estádio do Grêmio organizou, na tarde de ontem, uma operação conjunta com a inteligência da Polícia Civil, que terá reforço em seu contingente e espalhará policiais à paisana na Arena para fiscalizar o comércio ilegal no dia do jogo.

— É um alerta para que os espetinhos saibam que teremos uma operação bem elaborada no entorno do estádio para identificar cambistas e falsificação de ingressos — observa o presidente da Arena, Marcelo Jorge.

Segundo Gabriel Meneghetti, diretor de operações da Arena, foi produzido um lote de ingressos exclusivo para o evento, com identidade visual própria, que muda a cor do verso a cada jogo, o que dificulta a falsificação. O dirigente da gestora do estádio também alerta para a compra de carteirinhas entre sócios, já que o documento pode não estar carregado para acessar a Arena na noite de amanhã. Em todos os casos, o torcedor com ingresso falsificado será barrado nas catracas. Até por isso, os gestores reforçam o alerta de que a compra seja realizada exclusivamente pelos canais oficiais da Arena e do Grêmio para evitar prejuízos.

— Alguns sócios se queixaram de última hora e ainda não receberam carteirinha, terão de imprimir o ingresso em casa. Mas em todos os bilhetes, há nome e identificação do comprador para evitar falsificações — explica Meneghetti.

Marcelo Grohe (E) e Victor foram colegas de Grêmio durante quatro anos e meio

As imagens da partida serão exibidas em quase toda a extensão da avenida ao redor do Parcão. A torcida poderá se servir com opções alimentícias nos 12 food trucks que serão instalados no local. A estrutura terá banheiros químicos.

## Ranking da CBF

O título da Copa do Brasil colocará o Grêmio na liderança do Ranking da CBF. Segundo levantamento do ESPN, o clube irá a 15.078 pontos em caso de título — chegará a 15.102 ou 15.118 pontos dependendo da posição final no Brasileirão. O Palmeiras, campeão brasileiro, ficará com 14.720 pontos. O Corinthians, atual líder, com 14.664 pontos, cairá pela defasagem das conquistas e termina o ano com no máximo 14.408 pontos. O ranking da CBF leva em consideração o posicionamento na Copa do Brasil e no Brasileirão nos últimos cinco anos. O método dá bônus aos times que jogaram a Libertadores e a Copa Sul-Americana.

# ANEXO C: ZH Esporte 06.12.2016 - "O Inter está dividido, precisa de união"

**ESPORTE**

abdo

HOME CENTER

TUNNELERO

MULTISOM

ZENZO HORA  
TERÇA-FEIRA,  
6 DE DEZEMBRO DE 2016

38

---

**ENTREVISTA | PEDRO AFFATATO**

Candidato da Chapa 1

**CASO VICTOR RAMOS**

**Vitória e CBF chamados para explicar inscrição**

## "O Inter está dividido, precisa de união"

**AMANDA MUNHOZ**  
amanda.munhoz@zerohora.com.br

**LEANDRO BEUS**  
leandro.beus@zerohora.com.br

**RAFAEL DIVERIO**  
rafael.diverio@zerohora.com.br

*O Inter ingressou na semana decisiva para o seu futuro imediato. No sábado, decidirá quem será o seu novo presidente: Pedro Affatato ou Marcelo Medeiros. No domingo, jogará a manutenção na Série A. Affatato, 55 anos, atual 1º vice-presidente eleito e vice de finanças, já anuncia o nome de seu técnico, caso seja eleito: Lisca. O candidato também anuncia que o ex-presidente do Conselho Deliberativo do Inter Luiz Antonio Lopes será o seu vice de futebol.*

*Nesta entrevista a ZH, o candidato diz que é chegada a hora de uma grande mudança no departamento de futebol, que, segundo ele, é administrado exclusivamente pelo Movimento Inter Grande (MIG), o de Fernando Carvalho, o de Vitorio Piffero e de Marcelo Medeiros, seu opositor. Amanhã, ZH publica entrevista com o candidato da chapa 2, Marcelo Medeiros.*

**Esta é sua segunda campanha à presidência (perdeu para Giovanni Luigi em 2010). O que mudou lá para cá?**

O clube cresceu nos últimos seis anos. Na parte que envolve as questões financeira e patrimonial, tivemos crescimento significativo, principalmente depois da reforma no Beira-Rio. Hoje, o Inter está muito bem estruturado.

**Os sócios votaram sem saber em qual direção estará o time no ano que vem.**

A data nos prejudica. O resultado de campo é significativo em uma eleição. Nós, que fazemos parte da gestão, sofremos junto ao pessoal que comanda o futebol. Acreditamos que podemos permanecer na Série A. Mas, de qualquer forma, estamos preocupados com o que vem acontecendo e sabemos qual mudança precisa ser feita no futebol. Estamos encerrando um ciclo. Os grandes mitos que comandaram o futebol até então estão tendo dificuldades. Queremos que a mudança venha.

**Que tipo de mudança?**

Mudanças na forma de gerir o futebol. Um clube que tem um orçamento que ultrapassa os 100 milhões de euros (R\$ 330 milhões) não pode ser gerido por só duas pessoas. Precisa ser compartilhado. O sistema nos inibe, nos proíbe de contribuir com aquilo que entendemos que é o carro-chefe do clube. Essa mudança de estatuto, que criará um Conselho de Gestão, vai nos beneficiar. Mudaremos a forma de comandar o futebol.



**Na eleição passada, o candidato Vitorio Piffero causou mal-estar ao descartar nomes de técnicos antes de assumir. Se eleito, o senhor já tem técnico?**

Sim, já tenho um técnico contratado. O nosso vice de futebol será o Luiz Antonio Lopes, nosso companheiro de chapa.

**O técnico é Lisca?**

Sim, é o Lisca. Temos um organograma bem estruturado no futebol. Tem o vice-presidente acima. Abaixo dele vem a parte remunerada, com diretor executivo, diretor-técnico e um diretor de relacionamento.

**Como pretende se descolar da atual direção, tão criticada?**

Temos convicção daquilo que fizemos ao longo desse ano e da história. Milho no clube desde 2003. Venho ajudando todas as gestões, exceto de 2010 até 2015. Quando falamos que não temos interferência no futebol, é verdade. Não quer dizer que eu não tenha responsabilidade pelo todo. Quando falamos da oposição à gestão do futebol, é oposição ao modelo, não às pessoas. Não me oponho ao Marcelo (Medeiros), ao Fernando (Carvalho), ao Vitorio (Piffero). O Inter precisa avançar.

**O senhor tem um discurso de união. Acertaria, se eleito, ter integrantes da outra chapa?**

O Inter precisa disso, de união. Está muito dividido. Se não unirmos o clube novamente, não conseguiremos sair desse processo negativo. Dia desses escrevi um texto

**TUDO EM ATÉ 20x SEM JUROS. AGORA O NATAL FICOU MAIS FELIZ.**

HOME CENTER

TUNNELERO

sobre o Inter ter se acostumado a achar que era o melhor. Tanto que tínhamos o slogan "Campeão de Tudo". Entendíamos que éramos assim. Hoje, estamos na contramão. Vimos que somos frágeis. Nesse período, que achávamos que éramos os melhores, surgiram mitos, como o Fernando, o Vitorio. Vimos que esses mitos são tão frágeis como nós. Estou concluindo todo mundo para pensarmos sobre isso. Seria muito fácil eu me retirar da eleição. Mas não. Estou dando a cara para bater no momento negativo, mas acho que nós, colorados, precisamos fazer isso: trazer a experiência para ajudar o clube.

**Por que a análise dos erros é feita só agora?**

Ela foi feita antes, mas internamente. Temos de proteger o clube, eu não venho à mídia divulgar isso.

**É fim de uma dinastia?**

Esse ciclo se extinguiu em 2016. Quero aqui entelecer a figura do Fernando (Carvalho), do Vitorio (Piffero). Eles tiveram a coragem de colocar o seu status em risco e fizeram isso em prol do Inter. Por que fizeram? Porque não temos lideranças que possam fazer isso.

**Para mudar o momento do Inter, será preciso medalhões?**

Vamos ter pessoas que conheçam futebol e que saberão montar o que precisamos. Uma coisa eu garanto: sabemos gerir o clube. Sabemos como fazer que os resultados financeiros cheguem ao futebol. Essa experiência fará a gente ter as melhores cabeças para montar o time. Queremos um time competitivo, precisamos de pessoas aguerridas, que venham para o clube com vontade de jogar. Esse é o perfil que queremos.

**Esse time terá D'Alessandro?**

D'Alessandro é do Inter. Voltará em dezembro e vai ajudar muito, principalmente neste momento de transformação. Já falei com ele. Vai contribuir e ajudar muito a gente.

**O que você diria aos eleitores?**

Quero que o nosso torcedor faça uma leitura de tudo isso que está acontecendo. Nossa instituição tem sofrido muito nos últimos anos, pelo desgaste que o poder vem sofrendo. O torcedor precisa fazer uma análise profunda na hora de votar. Será esse voto que dirá se ter a mudança ou não. Precisamos superar esse momento negativo. E isso só vai acontecer se estivermos unidos e se as melhores pessoas que podem ajudar o clube estiverem presentes e participando. Ou temos de começar do zero.

**CONFIRAR A NOTA**

"Dante disse, em juízo preliminar, REQUER A PROCURADORIA SEJA OFICIADO Departamento de Registros da CBF e o Esporte Clube Vitória da Bahia (BA) para se manifestarem sobre eventual procedimento instaurado pelo Departamento de Integridade da FIFA, a fase que se encontra e se houve alguma decisão, no prazo máximo de 02 (dois) dias".

**Lisca define time**

Em um treino na tarde de ontem, o treinador do Inter, Lisca, encaminhou o time para enfrentar o Fluminense, no domingo, em Edson Passos, no Rio. Alex será o lateral-esquerda, e Nico López terá a companhia de Vitinho no ataque.

Ao final do trabalho e após dar várias instruções, Lisca montou o equipe com os 10 atletas de linha, confirmando sem mistérios o Inter que vai a campo no jogo contra o Fluminense. A provável escalação terá Danilo Fernandes; William, Paulo, Ernando e Alex; Anselmo, Rodrigo Dourado e Anderson e Valdivia, Vitinho e Nico López.

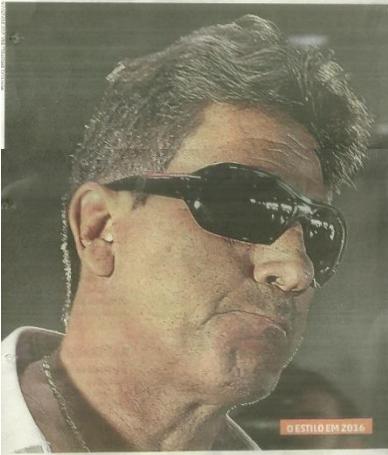
## ANEXO D: ZH Esporte 07.12.2016 - Renato e a justiça poética

**ESPORTE**

ZERO HORA  
QUARTA-FEIRA  
7 DE DEZEMBRO DE 2016 **38**

# RENATO E A JUSTIÇA POÉTICA

NA NOITE DE HOJE, no jogo de volta da Copa do Brasil contra o Atlético-MG, cabe ao maior ídolo do Grêmio encerrar a longa seca de títulos

**O REI DA AMÉRICA**



**O JOGADOR GALA**



**ESTILO 2016**

**TICIANO OSÓRIO**  
ticiano.osorio@zerohora.com.br

**N**ão foi o Grêmio que revelou Renato ao mundo, mas Renato que revelou o Grêmio ao mundo. De seus pés, de seus dribles, de seus chutes, até de suas calças, nasceram os gols que deram o argumento definitivo para os gremistas em qualquer discussão de mesa de bar ou recreio de colégio durante duas décadas – 23 anos, para ser exato. Não adiantava os colorados vivirem com aquele papinho xarope: fosse ou não fosse um título reconhecido pela Fifa, morava na Azenha o único time gaúcho campeão do mundo.

Em 1983, antes de fazer as duas pinturas na vitória sobre o Hamburgo, em Bogotá, Renato já havia desenhado uma rosa alviverde para o Grêmio conquistar a América. Sua embaixadinha na ponta-direita virou um balão para a área do Peñarol e se transformou em um cruzamento certeiro quan-

do a bola encontrou a cabeça de Cesar. “O nosso time tem garra, firmeza, e a Libertadores é nossa”, cantávamos naqueles tempos de glória. Com a camisa 7 tricolor, ele ainda ganharia os Gauchões de 1985 e 1986 antes de partir para o Fluminense.

Desde então, Renato passou a ser nosso salvador da pátria por excelência. Sempre que a coisa ficava feia, dava-se um jeito de buscá-lo. Mas ele nunca mais foi campeão pelo Grêmio.

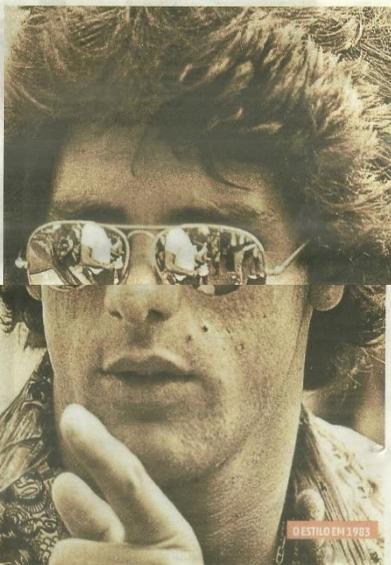
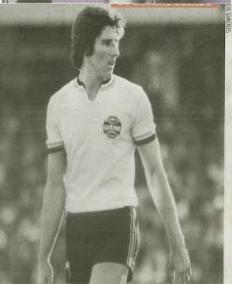
Após o rebaixamento no Brasileirão de 1991, o Grêmio o trouxe por empréstimo do Botafogo para o Gaúcho. O atacante nem terminou seu último jogo vestindo o manto tricolor: brigou com o colorado Alex Rossi e recebeu cartão vermelho nos 25 minutos do segundo tempo no terceiro e último Grêmio das finais, que valeu a taça para o Inter.

Quase 20 anos depois, ele retornou como treinador. Em agosto de 2010, substituiu Silas e fez o time de Victor, Gabriel, Paulo, Filho Rochemback, Lácio, Douglas, Jonas e André Lima pular do

Z-4 para o G-4. Só que, em 2011, seus planos foram sabotados: Ronaldinho não veio (no celebre caso das caixas de som), e o golador Jonas foi embora. A Libertadores acabou nas oitavas. No Gaúcho, Renato ganhou o primeiro Grêmio da década, 1 a 2 no Belen-Rio, mas o Inter de Tadeu devolveu o placar no Olímpico e levou o título nos pênaltis (grêmia a última volta olímpica no velho estádio da Azenha acabou sendo colorada), provocando as lágrimas de Renato.

— Prometi que não ia chorar... É lógico que o sentimento do torcedor é o meu sentimento. Não é só por eu ser gremista, é porque o grupo merece. Preparei o grupo para ser campeão.

O pedido de demissão não tardaria – ocorreu na sétima rodada do Nacional. Também não demorou para que o Grêmio voltasse a viver uma crise e voltasse a recorrer ao ídolo. Em julho de 2013, ele foi chamado para suceder o fracassado projeto de Vanderlei Luxemburgo.



Com Dida, Werley, Riveros, Souza, Elano, Zé Roberto e Barcos, Renato foi vice-campeão brasileiro. Na hora de renovar o contrato, a direção do clube não quis bancar a pedida salarial. O resto da história vocês lembram: começa com Enderson Moreira, inclui uma virada e uma goleada do Inter nas finais do Gauchão e termina com o ilustre do Grêmio de Alan Ruiz e uma grande desilusão: a vaga na Libertadores, que parecia sólida, esfaleceu-se nas quatro últimas rodadas do Brasileirão.

Agora em 2016, a coisa nem estava tão feia quando Renato foi convocado para o lugar de Roger. O que amedrontava, mesmo, era o passado, os 15 anos sem títulos importantes (a Batalha dos Afliitos não conta porque ela transcende o futebol). E sua estreia não foi, assim, promissora – o filme de terror daquela partida contra o Atlético-PR na Arena, com a dramática classificação nos pênaltis depois da derrota por 1 a 0 no tempo normal. Mas Renato encaixou o time, corrigiu falhas da defesa no jogo

aéreo, imprimiu objetividade ao excepcional toque de bola que Roger deixara de herança e contagiou o vestiário com seu ímpeto de vencedor.

#### "O PENTA VIRÁ, E TAMBÉM O QUINTO TÍTULO DE RENATO PELO GRÊMIO"

Por falar em vencer, a verdade é que também Renato persegue um título. Seu currículo como técnico tem apenas uma conquista (a Copa do Brasil de 2007, pelo Fluminense, erguida em Florianópolis, contra o Figueirense) e um punhado de vices: aos dois obtidos com o Grêmio, somam-se a Copa do Brasil de 2006, pelo Vasco (batido pelo Flamengo em clássico carioca), e a Libertadores de 2008, pelo Fluminense (em outra derrota nos pênaltis e em casa, no Maracanã, para a LDU). Olhem só: a verdade é que também Renato quer ser campeão diante de sua torcida.

Hoje à noite na Arena, há de se fazer a justiça

poética. A virtude será premiada, e o vício de perder, condenado ao esquecimento. Nesta decisão de Copa do Brasil contra o Atlético-MG, o amor de Renato pelo Grêmio e o nosso amor por Renato não de ser recompensados. O penta virá, e também o quinto título de Renato pelo clube.

Quis assim o espírito de Lara: cabe ao iluminado que nos deu o mundo a hora de nos devolver ao mundo da luz. Nunca estivemos apagados de fato, mas nosso facho azul, branco e preto tremeluzia demais – o longo período sem troféus traumatizou torcedores, míniis treinadores e pressionou jogadores. Na ponta-direita da história, tendo diante de si dois marcadores implacáveis – a urgência pelo sucesso e o peso de decidir em casa –, Renato, com uma embaixadinha e um balão para a área, espantará a maldição. Como um messias, vai nos libertar do jugo do ceticismo e nos presentear com a confiança. Estaremos livres para comemorar, livres para sonhar. A Terra é azul, e o universo é infinito.

## ANEXO E: ZH Esporte 07.12.2016 - A sintonia entre cascudos e casquinhas



# A SINTONIA ENTRE CASCUDOS E CASQUINHAS

**MESCLA ENTRE GURIS** e jogadores mais rodados foi a forma que o Grêmio encontrou para encorpar time no mata-mata da Copa do Brasil

**LUÍS HENRIQUE BENFICA**  
luis.benfica@zerohora.com.br

Como numa perfeita tacada de sinuca, o passe de Maicon, 31 anos, encontrou Pedro Rocha, 22, no espaço que Erazo, Fábio Santos e Gabriel haviam deixado aberto na defesa do Atlético-MG. A construção da jogada do primeiro gol do Grêmio no jogo de abertura da final da Copa do Brasil, no Mineirão, sintetiza o que Renato Portaluppi pensa do futebol. Para o técnico, é sobre uma base que mescla veteranos e meninos que se constrói uma equipe vencedora. Os tais cascudos e casquinhas, expressão utilizada por ele desde 2010, quando assumiu pela primeira vez como treinador do clube que, hoje, pode romper uma espera de 15 anos por um título de expressão nacional.

No time gremista, além de Maicon, a experiência é representada por Marcelo Grohe, Edilson, Geromel, Marcelo Oliveira e Douglas. Mesmo com 25 anos, o argentino Kannemann também pode se encaixar nesse grupo pela bagagem internacional. É a segurança oferecida pelos cascudos que dá au-





Jogadores experientes como Grohe, Geromel e Douglas foram a pressão dos mais jovens

tonomia a Wallace, Ramiro, Pedro Rocha e Luan.

Em 2010, na arrancada em que retirou o Grêmio da zona de rebaixamento e levou à pré-Libertadores, Renato valeu-se mais dos cascudos do que dos casquinhas. Do meio para a frente, a base do time estava montada em cima de nomes rodados como o volante Fábio Rochenback, o meia Douglas e os atacantes Jonas e André Lima. Lúcio, também experiente, havia sido convertido pelo treinador de lateral-esquerdo em meia. Eventualmente, Renato recorria a garotos como o lateral-direito Mário Fernandes, os zagueiros Neuton e Sainicon, este frequentemente usado como volante, o meia Maylon e os atacantes Leandro e Júnior Viçosa. O volante Fernando e Roberson, por vezes, eram alternativas. O técnico também não escondia sua admiração por Yuri Mamute, lançado por ele com apenas 16 anos, e o volante Matheus Bíteco, uma das vítimas da tragédia da Chapecoense.

De volta de ruptura em um ligamento do tornozelo direito, o meia Souza perdeu espaço naquele time de 2010. Mas nunca deixou de valorizar a aposta de Renato na mescla de jovens e veteranos,

uma prática comum nos maiores clubes europeus.

Quando o Barcelona lançou Iniesta e Xavi, tinha jogadores mais experientes como Luis Enrique e Guardiola para dar sustentação. A gavetinha que surge precisa ter um espelho por perto. Sem essa mescla, a coisa não flui – entende Souza, hoje com 37 anos e prestes a fechar com o Brasiense para a próxima temporada.

#### RENATO TAMBÉM MISTUROU GAROTOS E EXPERIENTES EM SUA PASSAGEM DE 2013

Ele recua mais no tempo e recorda sua passagem pelo São Paulo, entre 2003 e 2008, período em que o clube empilhou títulos brasileiros e internacionais. Souza chegou ao Morumbi aos 24 anos e, para se firmar, contou com o respaldo de cascudos como Ricardinho, Maldonado, Mineiro, Amoroso e Luisão.

O futebol brasileiro sempre misturou veteranos e jovens. De uma hora para outra, achou-se que quem tinha mais de 30 anos já estava velho e não tinha mais retorno financeiro para dar. Resultado: perde-

mos jogadores de qualidade e os garotos ficaram sem orientação dentro de campo – critica.

Experientes e guris também se misturavam no Grêmio que Renato montou em 2013. O time que terminaria como vice-campeão brasileiro contava com a rodagem de Dida, Rhodolfo, Zé Roberto, Elano, Kleber e Barcos, mas apoiava-se no pulmão de Wendell, hoje no Bayer Leverkusen-ALE, Bressan, Alex Telles e Ramiro.

A fórmula funcionou no Palmeiras, com Zé Roberto, Prass, Dacena e outros misturados com Dudu e Gabriel Jesus. No Grêmio, também, Renato fez muito bem essa mescla – clogia Wendell, direto da Alemanha.

Sem a garantia da transmissão do jogo pela televisão, o lateral-esquerdo diz que irá se valer do aplicativo da Rádio Gaúcha no celular para acompanhar cada instante do jogo.

– Acha que vou perder jogo do Grêmio? – sorri. O time está bem encaminhado para ser campeão e terminar com essa espera que nos incomoda. Mas o Atlético-MG é perigoso – alerta um dos casquinhas de 2013.



**Douglas**  
34 anos

**Wallace**  
21 anos

**Ramiro**  
25 anos

**Luan**  
23 anos

**P. Rocha (suspension)**  
22 anos

**Everton**  
20 anos

## ANEXO F: ZH Esporte 07.12.2016 - É muito mais do que futebol

ESPORTE

ZERO HORA  
QUARTA-FEIRA  
7 DE DEZEMBRO DE 2016 42

**RÁDIO GAÚCHA TERÁ PROGRAMAÇÃO ESPECIAL PARA A GRANDE DECISÃO**

A quarta-feira é um dia especial para os gremistas. Por isso, a Rádio Gaúcha terá uma programação especial desde a manhã para a cobertura da partida entre Grêmio e Atlético-MG no fimíssima da Copa do Brasil. Pela manhã, o Gaúcha Atualidade, às 8h30min, terá seus apresentadores, Leandro Staudt e Rosane Oliveira, na concentração do Grêmio, enquanto a reportagem confere o movimento dos torcedores ao redor da Arena. Às 11h, o Sala de Redação será feita direto do Gaúcha Sports Bar.

A partir das 14h30min, o Gaúcha Repórter, Durmício Gerai, 2ª Edição, Hoje nos Esportes, A Voz do Ite e Pré-Jornada serão especiais com foco na decisão. A jornada tem início 45 minutos antes da partida, às 21h. A final terá narração de Pedro Ernesto Dinardi, comandada de Wilney Cartel. Dilon Vasconcelos nos comentários de arbitragem e reportagens de Sérgio Boaz, João Alberto Andrade, André Silva e Dado Garb. No Gaúcha Sports Bar, a TV não terá delay em relação à narração da Gaúcha.

**É muito mais do que futebol**

**TORCEDOR VENCERÁ OBSTÁCULOS** de saúde para apresentar o filho à Arena do Grêmio

Ederson Dornelles recebeu diagnóstico de câncer em 2015, mesmo ano em que soube que seria pai do Pedrinho

**MARCO SOUZA**  
marco.souza@zerohora.com.br

Edinho será um dos 55 mil gremistas na Arena hoje. O que o difere dos outros torcedores que ansiosamente esperam pelo título da Copa do Brasil é a expectativa maior pelo apito inicial do que pelo final. Claro, será bom testemunhar no estádio o possível fim dos 15 anos sem títulos nacionais do Grêmio. Mas a missão de Ederson Alberto Teixeira Dornelles, o Edinho, 36 anos, é muito maior: ele quer transmitir seu gremismo ao filho, Pedrinho, de um ano e meio. Ele corre contra o tempo. Edinho luta contra um câncer, que já sofreu metástase para os pulmões e o fígado. Sem perder as esperanças, o dançarino encara a vida latando para alongar a previsão de vida que recebeu dos médicos.

— Não perdi a fé. Sempre que olho para o meu filho renovo minhas forças. É uma questão de determinação. Quando chegar ao final da minha vida, é porque já vai ter dado tudo certo. Posso não entender ou concordar, mas aceito meu destino.

O ano de 2015 trouxe duas impactantes notícias para Edinho. A primeira era de que sua mulher, Mariane Monteiro, estava grávida. Felicidade pura. A segunda, no entanto, era daquelas implacáveis: ele estava com câncer no intestino. A doença se espalhou rapidamente, e os médicos deram um prognóstico sombrio: dificilmente veria o filho completar o primeiro ano de vida. A quimioterapia e os tratamentos convencionais, segundo ele, não resolveram o problema. Tampouco ofereceram mais esperança. Mas Edinho é corajoso e segue em frente. Tanto que testemunha dia após dia o crescimento de Pedrinho, que já caminha pela casa e ensaia as primeiras palavras.

— É uma doença cruel — resumo o dançarino.

Nos últimos meses, os avanços da doença trouxe-

ram dificuldades em sua locomoção. Edinho passou a buscar esperança em tratamentos alternativos, mesmo sem previsão de resultados garantidos. Apesar das dificuldades, nada de desmoronar. Tanto que já assumiu como missão para as próximas semanas passar ao filho a mesma paixão que a sua mãe, Edília Teixeira, o apresentou. Gremismo de colocar a mão no peito pra cantar o hino? como ele descreve, a mãe levava o filho ao Olímpico nas finais de semana.

**DEPARTAMENTO DE MARKETING DO GRÊMIO OFERECEU OS INGRESSOS**

A atuação de gala do Grêmio no 3 a 1 sobre o Atlético-MG no Mineirão despertou o velho sentimento de amor ao clube. Mesmo debilitado e dependente de um tubo de oxigênio, Edinho quis apresentar ao filho o mesmo mundo para o qual sua mãe havia aberto as portas no final dos anos 1980. O problema é que os sócios esgotaram os ingressos para o jogo de hoje. Os amigos saíram em seu socorro e disseminaram nas redes sociais pedidos por uma entrada para ele.

— Agora é a minha vez. Quero passar ao meu filho o mesmo sentimento que minha mãe me deu — exulta Edinho.

Hoje, quando o Grêmio pisar no gramado da Arena, ele estará lá mostrando ao filho o que representam em seu coração o azul, o preto e o branco. Se o time vier a um décimo da bravura de Edinho, o pente será questão de esperar só mais 90 minutos.

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

**octsp**  
ORQUESTRA DE CÂMARA  
THEATRO SÃO PEDRO

**Concertos Oficiais 2016**

**Dezembro**  
10 (sábado) e 11 (domingo) - 20h

**Paulo Luis Vianna GUEDES**  
Solistas: João Batista Sartor - flauta  
Daniel Wolff - violão

**CAMARGO GUARNIERI**  
Solista: Ney Fialkow

**George Frideric HANDEL**  
Solistas: Cirila de Los Santos - soprano  
Daniel Bermano - baritone

Regente: Antônio BORGES-CUNHA

SELO DA CULTURA  
Savarauto

Realização:

MINISTÉRIO DA CULTURA

Clube de Regatas  
desconto de 50%

ANEXO G: ZH Esporte 07.12.2016 - “Conheço muito mais o Grêmio do que o Roger”

ESPORTE

ZERO HORA  
QUARTA-FEIRA,  
7 DE DEZEMBRO DE 2016 43

O DIA DO GRÊMIO

“Conheço muito mais o Grêmio do que o Roger”

ADRIANO DE CARVALHO  
a.dcarvalho@zerohora.com.br  
LUIS HERIBERTO BENICHA  
luis.benicha@zerohora.com.br

O técnico Renato Portulatti se diz pronto para levar o Grêmio ao pódio da Copa do Brasil. Em entrevista ontem, o treinador afirmou que preparou sua equipe ao máximo para a decisão de hoje à noite contra o Atlético-MG. Um dos fatores que Renato trata de gerir é o estado emocional da equipe, ainda abalado pela tragédia da Chapecoense. Por isso, o técnico aposta na conversa para mobilizar os jogadores e diz que seu time “irá se comportar de forma inteligente para conquistar o título”. Também falou sobre a contratação de Roger Machado pelo Atlético-MG. E garantiu que eventuais dicas passadas pelo ex-treinador do Grêmio aos mineiros não serão um problema. “Ele conhece bem o Grêmio, mas digo a vocês que conheço muito mais o Grêmio do que o Roger, mesmo chegando só há três meses. Praticamente nasci aqui dentro. Hoje também conheço bem tudo do presidente ao torcedor. Neste aspecto não devo nada ao Roger” — disse Renato.

Em relação ao time que entrará em campo amanhã, Renato tratou de desfiar sobre o substituído de Pedro Rocha. Apenas uma formalidade, já que Everton será seu escolhido para iniciar o jogo.

No treino de ontem, no palco da decisão, ocorreu somente um racha. Mais uma vez, Geromel e Edilson foram pontapados, mas estão garantidos na decisão. O zagueiro ficou na academia, enquanto o lateral deu voltas ao redor do gramado conduzindo a bola. Renato não mostrou preocupações táticas. Ficou sentido na causa técnica, apenas observando.



Confronto para a decisão, Renato despiu sobre substituto do suspenso Everton Rocha

23

de 25 cobranças de pênaltis foram convertidas por oito jogadores do time tricolor no último treino antes da decisão. O Atlético-MG terá de vencer por dois gols de diferença para levar a disputa aos tiros livres.

- Al magro do último treino antes da final [bit.ly/trainagem](http://bit.ly/trainagem)
- Em vídeo, reação do técnico ao ficar MG [bit.ly/golchape](http://bit.ly/golchape)
- A lista de substituições dos jogadores do Atlético-MG [bit.ly/golchape](http://bit.ly/golchape)

Carol no gramado

Carol Portulatti, filha de Renato, estará hoje à noite na Arena. E entrará em campo para festejar caso o Grêmio se saça campeão, garante o treinador, sem se preocupar com eventual punição. Em novembro, por conta da entrada da jovem no gramado, na semifinal, contra o Cruzeiro, o Grêmio foi julgado pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva e perdeu o mando de campo, decisão revertida em forma de efeito suspensivo. O recurso ainda não foi julgado.

ForçaChape

O Grêmio prestará homenagem à Chapecoense. Na Arena, foram espalhadas faixas verdes com o letrero “ForçaChape”. A torcida usará uma camisa gigante nas arquibancadas em referência ao clube carolinense. Pelo protocolo definido pela CBF, os uniformes dos dois times terão o escudo da Chape no peito, com o símbolo de lato. O minuto de silêncio terá toque militar e arbitragem apitará o jogo com uniformes na cor verde.

O DIA DO ATLÉTICO-MG

Victor: “Não tem nada perdido”

Único jogador do Atlético-MG a falar ontem, no desembarque da delegação na Capital, o goleiro Victor demonstrou confiança em reverter a vantagem do Grêmio e conquistar o título. “Não tem nada perdido. O Grêmio tem a vantagem, mas não vamos aqui passar. Temos de melhorar nossa organização e fazer um jogo diferente do primeiro” — disse o jogador, cercado no aeroporto por torcedores do clube.

Victor disse que os jogadores não receberam orientações de Roger Machado sobre os pontos que poderão explorar no adversário. “A apresentação dele ficou para janeiro. Se ele passou algo, foi diretamente para o Diogo (Giacomini, interino que irá comandar a equipe hoje) — completou. Na semana passada, Victor disse que o Grêmio havia desrespeitado o Atlético-MG ao festejar dentro de campo a vitória por 3 a 1.



O goleiro (E) foi o único jogador do Atlético-MG a falar no desembarque

Treino fechado

Antes de embarcar a Porto Alegre, o Atlético-MG realizou um treino fechado na Cidade do Galo. Na atividade, comandada pelo técnico Diogo Giacomini, não houve pisas da escadaria de hoje. A tendência é de que o time tenha Matheus e Luan no meio-campo. Mas também existe a possibilidade de a equipe ser escalada com três volantes no setor: Leandro Dionizeti, Rafael Carreira e Júnior Urso. O ataque está confirmado com Robinho e Lucas Pratto.

## ANEXO H: ZH Esporte 07.12.2016 - Douglas e Pratto, espécies em extinção

**ESPORTE**

ZERO HORA  
QUARTA-FEIRA  
7 DE DEZEMBRO DE 2016 44

# DOUGLAS E PRATTO, ESPÉCIES EM EXTINÇÃO

**ANDRÉ RAMALHO**  
andre.ramalho@zerohora.com.br

**D**ouglas e Lucas Pratto são diferentes, mas se aproximam por representarem espécies que parecem caminhar para a extinção. Um é o "9º" atacante que habita o imaginário do torcedor, o finalizador que não perdoa quando a oportunidade aparece. O outro, um "10" que para, pensa e solta passes cirúrgicos para deixar companheiros na cara do gol. Mas não são só isso. Não há espaço, no futebol de hoje, para serem só isso.

O pé esquerdo de Douglas é capaz de direcionar a bola para onde quer, assim como o direito de Pratto costuma mandá-la para as redes - ele também finaliza com o esquerdo e com a cabeça, é daqueles centroavantes completos. Os dois, porém, usam com maestria outra parte do corpo para jogar: o cérebro. Inteligentes, movimentam-se de modo a participar do jogo com frequência, algo sempre recomendável para jogadores com tanta qualidade técnica.

**O NÚMERO 10**  
do Grêmio é o meia clássico, aquele que pensa e dá passes perfeitos para os companheiros. O número 9 do Galo é o atacante que não perdoa quando surge a oportunidade na frente do gol. Os dois são atrações da final desta noite na Arena

Sem a bola, nada mudou. Douglas segue, com raras exceções, preservado das tarefas defensivas. Quando o adversário ataca, é comum vê-lo lá na frente, como o jogador mais avançado do time. Mas no momento em que o Grêmio recupera a bola, recua para juntar-se aos volantes e participar da construção das jogadas. Aos 24 anos, não tem condições de percorrer longas distâncias no campo, como faz um Wallace, por exemplo. Mas, se não corre muito, corre certo. Difícil lembrar de jogos em que desaparece. É opção constante de passe, com a limitada mobilidade turbinada pela inteligência na busca pelo espaço vazio. Se há um pedacinho de grama em que terá tempo e espaço para pensar com a bola no pé, é para lá que ele vai. E é lá que vai receber a bola.

Evidente que o comportamento de Pratto é diferente. Sua capacidade de sustentar o contato físico do marcador sem perder o domínio da bola o descobre na busca por espaços livres no campo. Se, em um momento de lapso da marca-

ção, ele se vê sozinho, melhor. Mas é capaz de fazer estrago mesmo vigiado de perto. Basta usar o corpo inteiro que o faz proteger a bola, tabalar com os companheiros ou girar em direção ao gol.

Não significa que o argentino seja aquele centroavante apim, fincado na área a esperar que a bola chegue. O "9º" do Galo não se move da mesma forma que Douglas, mas a lógica é a mesma: mexer-se o máximo possível e procurar o pedacinho do gramado em que tem mais chances de mostrar seus atributos. Pratto dedica a vigília dos zagueiros e vai para trás e para os lados. Quando nos flancos, levanta o ombro sobre os laterais que não têm força física para bater de frente com ele. Quando recua, mostra o toque refinado capaz de servir os companheiros, nos momentos em que abandona o papel preferencial para se vestir de um "10" à Douglas.

Assim como fez no Mineirão, o Grêmio terá de vigiar Pratto e impedir suas finalizações letais. O Atlético-MG terá de fazer um trabalho melhor na marcação a Douglas, de modo que não distribua seus passes precisos. Mas, de repente, pode ser que o argentino seja o articulador que o Grêmio tem de parar, ou que o "maestro pilafador" se transforme no goleador que atormenta os zagueiros do Galo. Douglas e Pratto são inteligentes demais. Não deixarão que os números em suas camisas definam qualquer coisa sobre como vão atuar em uma decisão.

**COM UM COMPORTAMENTO TÍPICAMENTE CLÁSSICO**  
A forma com que Douglas flutua pelo campo mudou com a chegada de Renato ao Grêmio. Roger o mantinha sempre próximo à área adversária, comportando-se quase como um segundo atacante. Passou a ter lampejos de finalizador, a fazer gol de rebote, entrando na área para concluir. De repente, simulava o oportunismo e posicionamento de Pratto. Voltou a ser um "10" clássico, sob nova direção.

# ANEXO I: ZH Esporte 07.12.2016 - "É preciso retomar a profissionalização"

**ESPORTE**

REVISIONAL DE JURIS

abdo

HOME CENTER

TUMELENO

MULTISOM

ZERO HORA  
QUARTA-FEIRA  
7 DE DEZEMBRO DE 2016

46

---

**ENTREVISTA | MARCELO MEDEIROS**

Candidato da Chapa 02

**Elogio para Lisca**

Rodrigo Dourado elogia os métodos de trabalho de Lisca, que comanda o Inter desde 18 de novembro. Em entrevista coletiva na manhã de ontem, o volante valorizou os treinos comandados pelo técnico...

## "É preciso retomar a profissionalização"

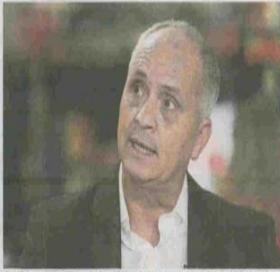
**AMANDA MURHOZ**  
amanda.murhoz@zerohora.com.br

**LEANDRO DEUS**  
leandro.deus@zerohora.com.br

**RAFAEL DIVENIO**  
rafael.divenio@zerohora.com.br

Aos 59 anos, Marcelo Medeiros apresenta-se como candidato de oposição à gestão de Vitorio Piffero na eleição de sábado à presidência do Inter. Vice-olheiro e de futebol na gestão Giovanni Luigi, foi derrotado por Piffero nas urnas em 2014. Na ocasião, sua garantia de manutenção de Abel Braga, técnico que fechou o ano em terceiro no Brasileirão, foi preterida pelos sócios pela promessa de Piffero em contar com Tite. Desta vez, Medeiros estará ao lado de João Patrício Herrmann, Alexandre Chaves Barcellos e Roberto Melo, esse no futebol, para presidir o clube no biênio 2017/2017.

Marcelo carrega consigo os sobrenomes Feijó - de seu tio, Marcelo, presidente do tri nacional de 1979 - e Medeiros, de seu pai, Gilberto, presidente no vice de 1987 e dono de uma frase que ficou famosa: "Não vim para ganhar títulos, vim para pagar títulos". O candidato conversa com Zero Hora para apresentar suas propostas.



Candidato promete um time mais maduro e aposta na volta de D'Alessandro

**Por que o sócio deve escolher Marcelo Medeiros?**

Pela continuidade de um trabalho interrompido em 2014. Temos a missão de reconstruir o Betta-Rio para a Copa e só temos a plenitude do estádio depois dela. Garantimos vaga direta para a Libertadores. Acreditávamos que, com acréscimo pontual, aquele grupo daria alegria à torcida. Mas o trabalho foi interrompido por um adversário com currículo importante e campanha na qual anunciava grandes treinadores. Bem, por que retomá-lo agora? Porque aquele projeto era baseado no planejamento do futebol, na profissionalização das áreas do clube, focadas para que o futebol desse resultado e para um ambiente político conciliador. ZH apresentou reportagem mostrando os problemas do clube. Agora o associado tem duas opções: a chapa 01, com dois vices da gestão Piffero, e a chapa de oposição construíta, com três nomes que já trabalharam no futebol e na base, mostrando o que o fôz certo no futebol.

**Pedro Afonso confirmou Lisca como treinador. E o senhor?**

Temos alguns compromissos quanto à seriedade que esse assunto merece. Em 2014, durante nossa disputa para ficar no topo da tabela, a campanha eleitoral veiculava nomes dos treinadores para comandar o Inter (na chapa de Piffero). Alguns desmentiram em rede nacional, fazendo o clube passar por constrangimento. Em 2015, o Inter apresentou um técnico estrangeiro mesmo depois de o can-

didato Vitorio Piffero ter negado essa opção. Não faremos isso, nem com atletas, nem com treinadores. E também não nos prejudicará negociações. Nomes só serão anunciados quando o torcedor nos brincar e nos respaldar com seu voto.

**O senhor não quis revelar o técnico, mas o mercado está andando. Abel assumiu no Fluminense, Roger no Atlético-MG.**

O mercado está andando, e estamos trabalhando.

**Quando pretende anunciar?**

Temos o plano, estamos trabalhando, contamos com a torcida. No domingo vamos estar torcendo e sofrendo nesse período em que o Inter vive muito aquém de sua história. Na segunda-feira, espero que o presidente compra com a transição. Assim, anunciaremos o nome na semana que vem.

**Como será estruturado o departamento de futebol?**

Anunciaremos a presença de Roberto Melo no futebol. Fizemos isso para legitimá-lo, em nome da chapa, a fazer negócios, para que, com o respaldo das urnas, tenhamos uma transição mais eficiente. Obviamente, teremos um executivo de futebol, profissionais na área de scout, de pesquisa, de avaliação. Mas não será só no futebol. Isso será diretriz da gestão. Teremos profissionais no marketing, nas finanças. O clube precisa dar um giro e retomar a profissionalização. No site oficial, está claro: temos 55 diretores políticos e um profissional. E a contramão.

**• DIREITO BANCÁRIO**  
**• DEFESA EM LEILÕES E**  
**• DIVÍDIAS DA CASA PRÓPRIA**  
**• INDENIZAÇÃO POR ERRO MÉDICO**  
**• REVISIONAL DE JURIS**

abdo.com.br • 51 3582.9000 ☎ 51 9321.4781

**Muda algo em caso de Série B?**

O planejamento do Inter é o mesmo se cair ou ficar. É um clube grande, tem de pensar e agir grande, compatível com sua grandezca.

**Como é o time que o senhor quer ver em campo?**

Competitivo, equilibrado, maduro, com capacidade de reação. Um time, principalmente, que se indigna no resultado negativo, tenha após da torcida, leve os colorados de volta ao estádio e dê emoção.

**O senhor falou em time maduro. Viro alguns medalhões?**

Não. Time maduro não significa time velho. Significa experiente, competitivo, que enfrenta adversidades, que toma um gol e não se abala. A maturidade, às vezes, é atingida ainda jovem. Nosso time precisa de equilíbrio e o buscamos, obviamente respeitando as hierarquias e opinando todos do departamento de futebol.

**Onde se encaixa D'Alessandro?**

Afastado garante ótima relação com o candidato, o vice de sua administração, tem informação que não temos. Sugeri que se fizesse uma transição compartilhada. Hoje, nós que somos candidatos da oposição, não temos todas as informações.

em 2015 e nem vai terminar em 2016. Sobre D'Alessandro, jogadores como ele, pela história que têm, precisam ser chamados por nome e sobrenome. Um lado tem de ser tratado assim. Eu e Roberto (Melo), em 2014, renovamos contrato dele por três anos, pela importância, pelo ídolo, pela referência técnica e pelo comprometimento. Hoje, o colorado quer o D'Alé volte, e o argentino quer que ele fuja de Buenos Aires. Mas é graças ao contrato que fizemos que ele devolveu.

**Mesmo na Série B?**

Não acredito que o D'Alessandro vá se furtar de estar ao lado do clube em uma cidade que o acolhe. Hoje é prematuro falar em qual cenário estamos inseridos, mas sei que ele vai nos ajudar na temporada 2017.

**O senhor vai encontrar o Inter em qual situação?**

Depois da eleição no Conselho, tive a iniciativa de procurar o presidente Vitorio Piffero e pedir que abrisse o processo de transição, já que seu candidato, o vice de sua administração, tem informação que não temos. Sugeri que se fizesse uma transição compartilhada. Hoje, nós que somos candidatos da oposição, não temos todas as informações.

**Heber apita**

A CBF definiu ontem a escala de arbitragem da última rodada do Brasileirão. O paranaense Heber Roberto Lopes, que apita por Santa Catarina, trabalhará na partida, Fluminense x Inter. O Jogo Sport x Figueirense terá Wagner Mappalães, do Rio de Janeiro. Em Salvador, Devon Freitas, do Pará, apitará Vitória x Palmeiras.

**Prisão no Flu**

A notícia surgiu apenas ontem, mas agitou o Fluminense. Na sexta, o meia Danilo Filho foi preso no CT por falta de pagamento de pensão alimentícia.

O episódio aconteceu no momento em que Abel Braga era apresentado nas Laranjeiras. Danilo Filho está entre os jogadores que saíram de férias na sexta-feira.



## ANEXO K: ZH Esporte 08.12.2016 - 5 vezes Grêmio

ESPORTE

ZERO HORA  
QUINTA-FEIRA,  
8 DE DEZEMBRO DE 2016 365 VEZES  
GRÊMIO

**GRÊMIO SEGURA ATLÉTICO-MG na Arena, levanta a Copa do Brasil, encerra um período de 15 anos sem grandes títulos e obtém vaga na Libertadores**

**LUÍS HENRIQUE BENFICA**  
luis.benfica@zerohora.com.br

Uma alegria repressa por 15 anos, ou quase 5.400 dias, irrompe na Arena na noite de ontem. Ao empatar em 1 a 1 com o Atlético-MG, gole dos equatorianos Bolaños e Cazares, o Grêmio sagrou-se pentacampeão da Copa do Brasil, marca que é exclusivamente sua e o converte no maior vencedor da história da competição. O primeiro título da Era Arena garante vaga na Libertadores da América e habilita o clube a detetar para três um período de desconfiança e frustração. Um final de ano perfeito.

A emoção começou antes do jogo, com as justas homenagens à Chapecoense. O minuto de silêncio, ouvido em silêncio absoluto e valorizado por um solo de corneta, fez chorar boa parte dos mais de 55 mil torcedores presentes.

No primeiro terço da partida, só a torcida do Grêmio jogou. Ao perceber o nervosismo do time, passou a cantar com força, transmitindo a energia que parecia faltar dentro do gramado. Apesar do seu gigantismo, a Arena converteu-se em caldeirão e virou a aliada que os jogadores precisavam.

A vantagem mineira era trazidinha em arremates. A dois minutos, Fábio Santos ergueu da esquerda e Júnior Urso assistiu o estádio com seu cabeceio. Aos sete e aos 11, Lucas Pratto e Luan arriscaram de longe, com chutes rasteiros e quase iguais. Três conclusões contra nenhuma do Grêmio. O que, a rigor, não surpreendia, já que era permitido ao time de Renato Portuapatti administrar a vantagem do primeiro jogo.

Aos 19, sim, uma chance real. Com Douglas, em cobrança de falta, que passou próxima da tra-

ve. Foi a senha que despertou a equipe. O Atlético-MG só voltaria a dar sinal de vida no cabeceio de Robinho, aos 29. Mas recebeu uma vigorosa resposta no chute de Everton, defendido por Victor, em jogada criada por Ramiro. Everton fez, após passe de calcahar de Douglas, desperdiçar a chance mais cristalina do primeiro tempo, aos 39 minutos, ao ficar sozinho na frente de Victor e permitir a defesa do goleiro.

Com o jogo sob controle, os 45 minutos finais se anunciavam bem menos tensos para o Grêmio. Os cantos da torcida, que antes serviam para animar o time diante de uma inesperada pressão, agora eram uma pura manifestação de alegria com o desfecho feliz da noite. Questão de tempo.

O Atlético-MG já tinha Maicosuel, colocado no lugar de Júnior Urso, mas também ele, como Pratto e Robinho, tinha na dupla formada por Geromel e Kanne-mann um obstáculo insuperável.

Ao mesmo tempo, os ataques se sucediam. O primeiro a concluir foi Edilson, por cima, em passe de Ramiro. Depois, Luan tentou por cobertura, Robinho, apático, errou chute de fora da área e foi vaiado. Sem forças, o Atlético-MG não fazia nem metade da tarefa que lhe cabia para tentar reverter a vantagem. Um dos melhores em campo, Ramiro ainda teria um gol anulado por impedimento antes de ser substituído, nos aplausos, por Jailson.

A vitória veio aos 43, com Miller Bolaños, aproveitando rebote de jogada feita por Everton. A Arena estremeceu. Com o título na mão, a torcida ainda presenciou o gol mais bonito da história da Arena. Cazares, da intermediária, chutou como se fosse Pelé. E fez o gol que nem Pelé fez. Empatou de 1 a 1. Grêmio campeão.

Luan teve um 2016 inesquecível: campeão da Copa do Brasil e medalhista de ouro na Olimpíada



COPA DO BRASIL - FINAL - 7/12/2016

GRÊMIO	1 X 1	ATLÉTICO-MG
Maniêl Goche		Victor
Edilson		M. Rocha
Geromel		Gabriel
Kanne-mann		F. Santos
M. Oliveira		R. Carlos
Wlaciace		L. Donizete
Maicon		Júnior Urso
Ramiro		(Márcio, etc.)
(Jailson, 33/29)		Luan (Lucas Cheddo,
Douglas		31/29)
(Douglas, 41/29)		Robinho
Everton		Pratto
Luan		
<b>Arbitro:</b>		<b>Arbitro:</b>
Renato Portuapatti		Diogo Gacemini

**GOLOS:** Bolaños, aos 43 minutos (P) e Cazares, aos 46min 02" (P)

**LOCAL:** Arena do Grêmio

**PÚBLICO:** 55.537 (52.233 pagantes)

**RENDA:** R\$ 5.305.964

**ARBITRAGEM:** Luiz Flavio de Oliveira (P), auxiliado por Marcelo Cavalho (árbitro) e Gerson (P) e Kleber (G) (SE)

**PRÓXIMO JOGO**

BRASILEIRÃO - 11/12/2016 - 17h  
GRÊMIO x BOTAFOGO  
ARENA



ESPORTE

RECUPERAÇÃO JUDICIAL DE EMPRESAS  
abdo.com.br  
011 9321.4781

Para garantir, renovar e decolar  
HOME ESPORTE  
TUNELERO  
Belo Horizonte

MULTISOM

ZERO HORA  
QUARTA-FEIRA  
8 DE DEZEMBRO DE 2016

48

# O palco do último ato do ano



**NA DERRADEIRA TENTATIVA** de escapar do rebaixamento, Inter enfrentará o Fluminense em um acanhado estádio da região metropolitana do Rio, com gramado sem manutenção e previsão de 37°C no domingo

LEANDRO BINS  
leandro.bins@zerohora.com.br

O último jogo do Inter em 2016 terá como palco o campo do America-RJ. Hoje na segunda divisão estadual, o clube de Mesquita, cidade de 171 mil habitantes na região metropolitana do Rio, cedeu o Estádio Giulite Coutinho para o Fluminense disputar sete partidas no Brasileirão, em troca de melhorias no complexo, no valor de R\$ 1,6 milhão. Será na Baixada Fluminense, às 17h de domingo, com temperatura de 40° C, que o time de Lica vai saber se disputará a Série A ou a Série B em 2017.

Giulite Coutinho, ex-presidente da CBF e americano (como são chamados os torcedores do clube), foi o responsável por iniciar as obras no estádio, que foi inaugurado em 2000. O dirigente morreu em 2004 e deu nome à casa do clube, que havia sido denominada originalmente de Edson Passos, bairro onde fica a estação de trem mais próxima.

O Inter que não espere vida fácil na Baixada Fluminense. Do centro do Rio a Mesquita são mais de 40 quilômetros de distância e cerca de 50 minutos de ônibus. Ao longo dos

anos, enquanto o estádio era erguido e sem que houvesse um cercamento, casas populares foram sendo erguidas, em uma região que ficou conhecida popularmente como "a Favela do America".

— Não é uma favela como as do Rio, mas, sim casas de pessoas bem simples, de gente humilde — explica Rafael Tamburini, historiador e ex-assessor de imprensa do America.

## INTER ENCONTRARÁ "INFERNO" EM MESQUITA, AFIRMA REPÓRTER

Com capacidade para 12,5 mil torcedores, a casa alugada do Fluminense até que teve um bom retrospecto para o clube. Em sete jogos, a equipe venceu cinco e perdeu dois. O estádio jamais lotou, até pela dificuldade de acesso dos torcedores do time carioca.

— O Fluminense reformou todo o gramado e construiu um campo novo para o America, anexo ao estádio, a fim de preservar o campo de jogo. Além disso, construíram dois vestiários novinhos e rezerfizeram todo o sistema de segurança do estádio. O Inter vai encontrar um estádio de Série A — promete Marco Antônio Teixeira, ex-secretário geral da CBF e atual diretor de futebol do America.

Apesar dos elogios, a realidade parece bem distante do quadro pintado por Teixeira, tio de Ricardo Teixeira, ex-presidente da CBF. Desde a reabertura do Maracanã, o Fla viu ru as costas a Mesquita. A última partida da equipe no Edson Passos foi disputada em 17 de outubro, quando o São Paulo bateu os cariocas por 2 a 1. Desde então, o campo não passou mais por manutenção, a grama está ressecada e há diversas "ilhas" de areia nas áreas, nas laterais e no meio-campo.

— O Inter encontrará um cenário totalmente desfavorável em Mesquita. Um verdadeiro inferno — afirma Rafael Marques, repórter e coordenador de esportes da Rádio Globo/CBN — Faz muito mais calor em Mesquita (a previsão é de 37° C, à tarde), pois é um lugar seco demais, longe do mar.

Marques ainda faz reparos à estrutura do Giulite Coutinho. A arquibancada atrás de uma das goleiras segue interdita, e os torcedores têm acesso fácil aos jogalouros.

— Em caso de revolta, a torcida pode sair da arquibancada e passar por um gradil frágil que conta com apenas um segurança, e chegar às portas dos vestiários.

Para salvar a temporada, o Inter terá de passar antes pelo purgatório.

## ENTREVISTA

REYNALDO BUZZONI  
Diretor de Registros da CBF

## “Não tem irregularidade”

Na que depender da CBF, a tentativa do Inter de buscar uma punição ao Vitória por suposta irregularidade na inscrição de Victor Ramos não deverá prosperar. Diretor de Registros da entidade, Reynaldo Buzzoni afirmou que o zagueiro está apto a jogar. Em entrevista, rebateu os argumentos colorados de que o zagueiro não poderia atuar, garantindo que o seu empréstimo no Brasil faz parte dos processos autorizados por CBF e Fifa. Vitória e CBF enviaram ontem ao STJD os documentos de defesa no caso. Confira trechos da entrevista de Buzzoni.

### O que a CBF alega no caso Victor Ramos?

Ele está regular. Não tem nenhuma irregularidade no registro.

### O Inter alega que o TMS (sistema de registro de transferência) do sistema TMS, o que deveria ter sido enviado pelo Monterrey, não foi enviado. A CBF tem esse registro?

O jogador é do Monterrey. Está emprestado até 31 de dezembro (de 2015) ao Palmeiras. O retorno de empréstimo de um jogador internacional não é automático. O clube tem de fazer o pedido do ITC (certificado internacional de transferência) no sistema TMS. O clube mexicano não fez o pedido, e o que aconteceu? O ITC continuou no Brasil, o retorno dele continuou aqui. Eles não terem pedido não faz com que ele esteja irregular.

### Mas ele foi inscrito pela janela nacional ou internacional?

Pela janela nacional, porque estava no Brasil. O ITC dele continuou no Brasil. Como a janela mexicana estava fechada, o jogador ficaria sem jogar, o Monterrey autorizou que ele se registrasse no Vitória. Foi autorizado por CBF, Federação Mexicana e Monterrey. Não teve movimento de ITC para o jogador estar irregular.

### Se não entender, o Inter está perdendo tempo, então?

Sim, totalmente. O caso já foi encaminhado pela Fifa, já foi fechado pelo STJD. Reabrir um caso, na 37ª rodada?

## ANEXO M: ZH Esporte 09.12.2016 - A Libertadores 2017 começa por Douglas



# A LIBERTADORES 2017 COMEÇA POR DOUGLAS

**ELEITO O MELHOR** jogador da Copa do Brasil, o meia ficará no Grêmio por mais um ano. A rigor, todo o time que deu a volta olímpica na Arena após a decisão deve continuar para a próxima temporada

Luís Henrique Benfício  
luis.benficio@zerohora.com.br

O maestro fica para a Libertadores. Eleito o melhor jogador da Copa do Brasil, o meia Douglas permanecerá no Grêmio pelo menos por mais um ano, assegura o presidente Romildo Bolzan Júnior. O atual contrato se encerra em 31 de dezembro, mas uma cláusula de renovação automática, ajustada em janeiro deste ano, assegura sua permanência não só para a Libertadores como para as demais competições de 2017. A renovação, que ocorrerá na volta das férias, será por mais 12 meses. As tratativas já serão encaminhadas a partir da

próxima semana com Bruno Paiva, seu procurador.

— Tem sido muito fácil negociar com ele. Junto com Marcelo Oliveira, Douglas foi o primeiro jogador que eu trouxe — diz Bolzan.

Depois de um início de ano instável, em que chegou a ter sua condição de titular ameaçada pelo emergente Lincoln, Douglas firmou-se como jogador decisivo, com gols e assistências. Quando o Brasileirão se iniciou, Ragner Machado, então no comando do time, chegou a utilizar Bolião em sua posição, mas a vaga na equipe logo foi recuperada.

A rigor, todo o time que deu a volta olímpica depois da decisão de quarta-feira tem continuidade

assegurada. A não ser que sejam atraídos por propostas de clubes do Exterior. Valorizados pelo ouro olímpico e pela conquista do pentacampeonato da Copa do Brasil, o volante Wallace e o atacante Luan seriam os nomes mais visados por empresários. Só que, até agora, nenhuma oferta foi apresentada.

— Não há proposta. Ninguém ligou. Nem da China, nem da Europa — ressalta Bolzan.

Com calendário recheado de competições para o próximo ano, é certo que o Grêmio buscará acréscimos. A preferência é por atacantes “fazedores de gols”, como pontua o vice de futebol Adalberto Preis. O objetivo é manter a base atual e qualificar o grupo.

— Vamos reforçar somente para titularidade — deixa claro Bolzan.

### ROMILDO BOLZAN ESTÁ OTIMISTA PARA RENOVAR COM RENATO

Jogadores que voltam de empréstimo, como Fernandinho, que está no Flamengo, Maxi Rodríguez, do Peñarol, e Mamute, do Niutico, não deverão ser aproveitados. Alguns nomes utilizados nas competições deste ano, como os atacantes Henrique Almeida, Tiliça e Guilherme, poderão ser emprestados. O meia Negueba, contratado do Coritiba, tem vínculo até dezembro. Mesmo que seu contrato tenha uma cláusula de renovação automática por três anos,

ESPORTE

(51) 3218-4227  
Editor: Diego Araújo  
diego.araujo@zerohora.com.br

(51) 3218-4396  
Editor: Sérgio Villar  
sergio.villar@zerohora.com.br

ZERO HORA  
SEXTA-FEIRA  
9 DE DEZEMBRO DE 2016

46



sta permanência será avaliada. A direção não irá antecipar qualquer negociação, tanto de chegada quanto de saída, antes do encerramento do Brasileirão, domingo, contra o Botafogo, na Avexia.

Também não deverá haver mudança de comando dentro do campo. Bolzan manifesta otimismo em um acerto com Renato Portualupi. Gostou de ouvir o técnico afirmar, durante a entrevista pós-título, que voltará em janeiro para definir o projeto de trabalho para 2017.

As duas partes já manifestaram interesse. Na próxima semana, sentaremos para organizar o departamento de futebol. Já há uma conversa tratada com seu empresário – informa o presidente.

Bolzan lutou para administrar a emoção na quarta-feira. Conta, sorrindo, que por volta de 18h, ingressou num estado de mutismo absoluto, por conta da apreensão. Depois, assistiu ao jogo junto com cerca de 25 pessoas, entre familiares e amigos. Durante quase toda a partida, tinha na mão a bandeira do Grêmio que cobria o calção de seu pai, Romildo Bolzan, morto em 2001. Depois da partida, o presidente comemorou em um restaurante. Depois, dirigiu o próprio carro e chegou a Osório às 4h.

Meia de 34 anos tem sido a referência técnica da equipe tricolor

Como está a situação de cada um

ATÉ DEZEMBRO	
Douglas	31/12/16
Negueba	(empréstimo Monte Azul)
Marcelo Hermes	31/12/16
Wesley	31/12/16 (empréstimo N. Hamburgo)

ATÉ 2017	
Bruno Grassi	31/4/17
Lucas Louat	30/4/17 (empréstimo Avaí)
Tiago	31/5/17
Wallace Oliveira	30/6/17 (empréstimo Chelsea)
Marcelo Oliveira	31/12/17
Pedro Rocha	31/12/17
Erik	31/12/17

ATÉ 2018	
Fred	15/1/18
Bolaños	09/2/18
Walace	30/6/18
Tonfoni	30/6/18
Kannemann	14/7/18
Luan	17/9/18
Batista	31/12/18
Guilherme	31/12/18
Moisés	31/12/18

ATÉ 2019	
Wallace Reis	31/5/19
Edilson	31/5/19
Maitcon	30/6/19
Geromel	31/12/19
Tiago	31/12/19
Kaio	31/12/19
Rafael Thyere	31/12/19
Breno	31/12/19
Ramiro	31/12/19
Lincoln	31/12/19
Jailson	31/12/19
Ylflca	31/12/19
Henrique Almeida	31/12/19

ATÉ 2020	
Marcelo Grohe	30/12/2020
Leo	31/12/2020
Everton	31/12/2020

EMPRESSTADOS	
Bressan	30/12/17 (fica no Peñarol até junho)
Fernandinho	31/12/2017 (volta do Flamengo)
Júnior	31/12/2017 (volta do São Paulo)
Kadu	31/12/2017 (volta do Ponte Preta)
Lucas Coelho	31/1/2018 (volta do Avaí)
Maxi Rodríguez	29/6/2017 (volta do Peñarol)
Marnute	31/12/2018 (volta do Náutico)

ZERO HORA  
SEXTA-FEIRA  
9 DE DEZEMBRO DE 2016 47

## “Quero voltar no ano que vem”

ENTREVISTA

GABRIEL  
Zagueiro do Grêmio



Na comemoração do penta, chamou a atenção a presença do zagueiro Gabriel, que não atua pelo Grêmio há três anos, erguendo a taça junto a Maitcon e Marcelo Grohe. Desde que sofreu uma lesão ligamentar no joelho esquerdo em setembro de 2013, o jogador não entrou mais em campo. A cirurgia, realizada pelo médico Fábio Krebs, que trabalhava na clínica à época, teve complicações e ele teve de realizar outras quatro cirurgias, sendo que as três últimas foram com o especialista René Abdalla. Neste ano, passou a maior parte do tempo em fisioterapia. E deseja voltar aos gramados em 2017.

Quem te convidou para erguer a taça?

O Maitcon me chamou, disse que eu levantaria a taça junta. Fiquei feliz demais. Mas isso é uma conquista do grupo todo. Não só dos atletas, mas também da direção e da comissão técnica.

Até pelo momento que eu vivo, também. Nosso grupo é muito unido, esta atitude é uma prova de da amizade que todo mundo tem.

Quando você retornará aos gramados?

Quero voltar a jogar no ano que vem. É claro que passei por momentos difíceis, mas, graças a Deus, estão sendo superados dia após dia.

O que este convite significou para você?

Isso mostra a união de todos. Ele (Maitcon) me chamou, fui es-



## KANNEMANN X ERAZO

O clima esquentou nos minutos finais de Grêmio x Atlético-MG. Muito quente, empolgada pela festa do penta, nem viu que o árbitro Luiz Flávio de Oliveira expulsou Erazo e Kannemann, que protagonizaram uma luta de UFC no gramado. No último lance do jogo, os dois se enroscaram na área. Enquanto a comissão técnica invadiu o gramado para comemorar, sobram socos e empurrões entre atletas. Mas logo seguranças tomaram conta da situação.

## ANEXO N: ZH Esporte 09.12.2016 - As histórias da noite sem fim na Goethe)

**ESPORTE**

ZERO HORA  
EXTRA-FEIRA,  
9 DE DEZEMBRO DE 2016 **48**

# AS HISTÓRIAS DA NOITE SEM FIM NA GOETHE

**COMEMORAÇÃO DO PENTA** da Copa do Brasil levou, segundo a BM, mais de 50 mil pessoas à Avenida Goethe e a resgatou como palco de festa

**BRUNA SCREIA**  
bruna.screia@zerohora.com.br

**P**or 50 anos, até metade do século passado, o Grêmio viveu grandes momentos no Estádio da Balsaada, sua primeira casa, localizada próxima de onde hoje está o Parque, em Porto Alegre. Na madrugada de ontem, depois de 15 anos sem conquistas nacionais do clube, o solo sagrado onde jogaram lendas como o goleiro Lara voltou a história premiosa.

Uma multidão azul, que a Brigada Militar estima em mais de 50 mil pessoas, tomou conta da Avenida Goethe ontem, durante e depois da conquista do penta da Copa do Brasil, na noite da quarta-feira. As 6h de ontem, entre latas e plásticos espalhados por boa parte da via, ainda havia quem celebrasse o título. E quem acordava de poucas horas de sono ao pé de uma árvore do Parque. Houve-se dizer que foi uma noite inesquecível – embora muitos tenham comemorado tanto que não se lembravam de nada.

Tricolores acordaram chamando a festa de “A maior Goethe da História” – embora colorados afirmem que nada se compara ao Mundial, em 2006. Cada um puxa para o seu lado, e a EPTC evita comparações. Só afirma que teve de aumentar o bloqueio na avenida. Os 500 metros reservados à festa, entre as ruas 24 de Outubro e a Mostardeiro, tiveram de ser ampliados à Rua Mariana e chegaram à Avenida Profissão Abes.

O relato dos gremistas é de que o grito estava entalado e a festa precisava ser à altura. Dela participaram famílias inteiras, mas principalmente quem em seus 20 e poucos anos comemorava o primeiro título, já que eram muito pequenos no último, em 2001. Alguns não sabiam o que fazer com tanta alegria. Um torcedor até tentou subir numa árvore. Mas o galho vergou e se partiu, fazendo com que caísse de costas, na horizontal. O vídeo da cena viralizou na internet, e gremistas não perderam a piada.

– Batos de que alguém gritou Inter antes de cair – divertiu-se um internauta.

A alegria descontrolada levou gente a dar e pegar carona sem estribos, fazer selfies com desconhecidos, abracar ambulantes, pedir a paquera em namoro e, claro, no pula-pula da comemoração, perder o que havia no bolso. Ao longo da quinta-feira, o evento “Maior Goethe da História” no Facebook virou mural de fotos e grande serviço de achados e perdidos. Procuravam-se celulares, cartões de transporte público, carteiras de identidade, molhos de chaves, os donos dos objetos perdidos e também os novos amigos feitos na madrugada.

Ainda pela manhã, a estudante de Psicologia e gremista por influência do pai Car-

mela Rubin, 18 anos, postou no evento:

– E aí, pessoal, assim como tive a infelicidade de estragar meu celular, trago a felicidade do dono de uma Samsung Galaxy Core 2, que achei no chão da Goethe.

Carmela foi assistir ao jogo com a irmã e dois amigos. A multidão era grande, e em alguns momentos não havia nem sequer como se equilibrar. Era o bolo de gente que decidia os rumos de quem estava lá. Nesse clima, saiu o gol do Grêmio, ao final do segundo tempo. E a emoção veio sem trêps. – Abroci minha irmã e derrubei o celular no chão. Ai estouraram um rojão no meio de todos, e os estilhaços vieram nas nossas pernas. Olhei para o chão e encontrei meu celular. Um pouco mais ao lado, tinha outro aparelho. Tentei levantar a mão na hora para ver se encontrava o clima, mas foi impossível. Estávamos todos em êxtase – recorda Carmela, que até a noite de ontem não havia encontrado o dono do celular.

A jovem conta que não ficou na Goethe até amanhecer. Como mora nas imediações, teve de acordar às 6h para receber uma amiga que batia à porta pedindo cama

para dormir. Entre as histórias, a da seca de cerveja. Os bares venderam tudo, e houve quem oferecesse R\$ 20 por uma das long-neck que ela havia levado na bolsa térmica.

Por sorte dos que estavam com sede, lá pelas tantas uma Fiorino branca carregada de cerveja estacionou numa esquina da Mostardeiro. Irrompeu sob aplausos. Era dia de semana, mas também noite de título. E aí houve quem chegou em casa às 4h, tendo de trabalhar às 6h, perguntando-se: “Por que é que não dormi na Goethe mesmo?”.

**DMLU ESTIMA TER RECOLHIDO MAIS DE 20 TONELADAS DE LIXO NA AVENIDA**

Matheus Nazari, 17 anos, cochilou só por meia hora antes de ir para a aula. Havia se esquecido da prova de matemática. Por sorte, os tricolores já eram todos irmãos, e ele acabou descolando uma caneta para não chegar ao exame de mãos abanando.

– Estava na Goethe quando me mandaram mensagem me lembrando da prova. Estava sem nada de material e iria direto para a escola. Fiquei meio alprado, e um guri tirou uma caneta da mochila e me deu para eu fazer a prova – conta o estudante.

Na manhã de ontem, a Goethe já não estava mais tão azul. Os cantoneiros e a rua seguem cobertos com o lixo que restou da festa – o DMLU estima 20 toneladas de resíduos recolhidas. A noite inesquecível, no entanto, seguiu nas fotos e nas memórias compartilhadas pela família tricolor nas redes sociais. Não se falava de outra coisa, só da “maior Goethe da história”.

**A COPA DE MÃO EM MÃO**

**WALLACE E O FILHO**

Os jogadores do Grêmio postaram fotos no Instagram posando com a taça da Copa do Brasil no vestiário da Arena depois da decisão. Uma prova do orgulho pela conquista

**Ampliação permitida na Goethe**  
<http://tksky.tordagoethes.com.br>

## Expresso até a festa e desfile de Saveiro

A imagem aérea feita pela Brigada Militar dá a dimensão da multidão gremista que tomou a avenida para festejar

Não foi assim tão fácil acessar a festa open-air que rolava nas proximidades do Parcão. Os que assistiram ao jogo na Arena pensaram para achar táxi e outros serviços de transporte no fim da partida. Matheus Pereira, 20 anos, estudante de Ciência da Computação, estava com três amigos e, após longa espera, resolveu ir até a Av. A.L. Renner para se afastar da multidão. Caminharam por 800 metros, quando parou um loteção com as portas abertas.

— O motorista gritou: “Entra, entra! Vamos para a Goethe!”. Sem hesitar, entramos no loteção. O motorista fez isso até lotar. Não sei se a ideia era levar de graça, mas o pessoal ficou tão feliz que começou a falar: “Vamos pagar”. Cada um deu um R\$ 6 e seguimos cantando e comemorando — lembra Matheus.

Quando Zero Hora entrou em contato com Luciano Taminski, 22 anos, para saber se que ele se referia em uma publicação no Facebook sobre uma tal “Saveiro branca imortal”, o jovem respondeu ao “Tudo bem?” assim: — Melhorado, mas feliz para caramba!

A picape Saveiro branca foi chamada de “imortal” porque aguentou mais uma dezena de pessoas na caçamba. Em velocidade baixa, o veículo deu voltas pela 24 de Outubro e a Padre Chagas durante a madrugada. Ao voltar, um povo seguiu o carro a pé.

— Não sei quem era o dono, não conheço ninguém que estava em cima dela. Sei que cantávamos e pulávamos sem parar, um segurando o outro para ninguém cair. A simfonia era total. Isso é o Grêmio, o Grêmio nos une. E tinha gente à beça em cima daquela Saveiro, não sei como aguentou. Acho que foi o espírito imortal que pairou sobre ela! — afirma Luciano, ainda achando graça da situação.

**NAS REDES SOCIAIS, CONVOCAÇÃO PARA CHURRASCO NA GOETHE NA NOITE DE ONTEM**

Ele bem sabe que um veículo não pode circular com gente na caçamba. Por isso, se apressa em fazer a ressalva: “Foi uma noite especial”. Pelo mesmo motivo, também não devem estar se queixando tanto aqueles que foram de chinelos e machucaram os pés com os sacos de vidro, os que acordaram com sono e os que passaram o dia sem voz. Ontem, nada abalava a alegria do carro-pê.

Como saída para prolongar a noite sem fim, um grupo de gremistas fez pelas redes sociais uma convocação no final da tarde ontem para que todos retornassem à Goethe. A ideia era de um churrasco coletivo, que já estava em andamento. Era só chegar, numa espécie de segundo tempo da festa.

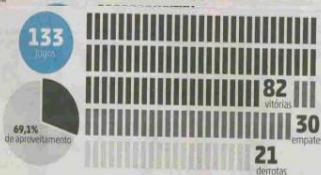


Primeiro título da nova casa gremista para celebrar uma data muito especial

## Pelo aniversário de quatro anos

Se André Lima marcou o primeiro da Arena, o gol mais emblemático do estádio foi de Miller Bolaños. Foi o do primeiro título na nova casa gremista, o da libertação. De quem estava havia 15 anos sofrendo de abstinência da conquista. E o penta da Copa do Brasil veio como um presente de aniversário, 14 minutos antes da meia-noite, quase no dia 8 de dezembro, quando a Arena do Grêmio estava completando quatro anos de inauguração. De repente, a noite de 8 de dezembro de 2012, quando o Grêmio fez 2 a 1 no Hamburgo, em um jogo emblemático, que remeteria à conquista do Mundial de 1983, com Renato de Heróis, se confundiu com os minutos finais do 7 de dezembro de 2016, e acabou da mesma maneira: com Renato erguendo mais uma taça.

### OS NÚMEROS DO GRÊMIO NA ARENA



\*Fonte: Marcelo Bertoni, jornalista da Rádio Gaúcha

### CINCO MAIORES PÚBLICOS DA ARENA DO GRÊMIO

1º	Grêmio x Atlético-MG - 01/12/2016 - Copa do Brasil	55.337
2º	Grêmio x Cruzeiro - 23/02/2016 - Brasileirão	55.207
3º	Grêmio x O Duqueles - 02/11/2016 - Copa do Brasil	52.563
4º	Grêmio x O Duqueles - 14/09/2016 - Brasileirão	50.104
5º	Grêmio x Atlético-MG - 04/09/2016 - Campeonato Gaúcho	48.264

ELIABDO GOLLARY RACHA  
Jornalista

## Vem mais pela frente

Toda conquista merece muita celebração. Mas, de boa, o penta da Copa do Brasil pede uma comemoração ainda maior, mais intensa, mais sentida. Nós, gremistas, temos de comemorar muito. Acima de tudo porque merecemos, mas também porque este time merece, esta comissão técnica merece, este treinador merece, e o outro anos dele também, e estes dirigentes merecem. Somente com a união, a competência e o empenho de um todo é que se chega ao sucesso, sobretudo em um esporte coletivo. O grupo de jogadores pode não ser perfeito, pode ter uma ou outra peça contestada, porém conseguiu se tornar uma família capaz de tirar de cada um a seu melhor. Primeiro sob a batuta do grande ídolo Roger, depois sob o comando de nosso ídolo maior Renato, que ajustou detalhes.

Merecemos comemorar muito porque estivemos ansiosos, sedentos, agonizados. Mas não, não ficamos contando os anos feito criança ansiosa pelo aniversário. Comemoramos, sim, o título da Série B. Afinal, como não comemorar uma conquista obtida no jogo mais emocionante da história do futebol, uma das vitórias mais épicas em todos os tempos em qualquer esporte? Adoramos títulos, qualquer título. É claro que os principais contam mais. Gostamos de Copa. Adoramos Copa. Já são dias da América e agora cinco do Brasil. E vem muito mais pela frente.

Merecemos comemorar muito porque, para nós, gremistas, o “rãojunto” não é só uma hashtag. Gremista está sempre junto do seu time, nas boas e nas ruins. E quanto mais juntos estamos nas ruins, mais merecemos comemorar nas boas. Ser gremista é estado de espírito, modo de vida, vai muito além do futebol. Só quem é tricolor de alma entende isso. Merecemos comemorar muito porque, apesar da tragédia da Chapecoense, a vida segue. O ser humano não conseguiria ir em frente e continuar vivendo sem esta tremenda capacidade de superar a dor e se alegrar com os bons momentos que nossa curta existência oferece. Para a Chape, para os almas dos que se foram naquele acidente, um grande beijo em azul, preto e branco, e, desta vez, em verde. De campo para campo.



## ANEXO O: ZH Esporte 09.12.2016 - Caso Victor Ramos é arquivado

**ESPORTE**

**DIREITO EMPRESARIAL, COMERCIAL E SOCIEDÁRIO**

**abdo**

**HOME CENTER**

**TUMELERO**

**MULTISOM**

ZERO HORA  
SÉRIA FÉRIA  
9 DE DEZEMBRO DE 2016

**50**

# CASO VICTOR RAMOS É ARQUIVADO

**PROCURADORIA DO STJD não levará adiante processo jurídico do Inter, que tiraria pontos da Vitória, e clube gaúcho recorrerá da decisão**

Zagueiro Victor Ramos (D) é o pivô de um impório judicial arquivado pelo STJD.

**AMANDA MURHOZ**  
amanda.murhoz@zerohora.com.br

**RAFAEL DIVERIO**  
rafael.diverio@zerohora.com.br

**A** procuradoria do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) arquivou a notícia de infração do Inter no caso Victor Ramos. Ainda que caiba recurso, a decisão esfria a possibilidade de o clube gaúcho ter êxito no processo que movia contra o Vitória por uma suposta escalção irregular do zagueiro.

A opção do auditor Glauber Navega Guadelupe, vice-procurador-geral do órgão, se deu justamente no dia em que veio à tona uma troca de e-mails entre o diretor de registros da Confederação, Reynaldo Buzzoni, e o chefe de Registros e Contratos da Vitória, Edson Vilas Boas.

Na conversa, havia indícios claros de que os balanços foram orientados a

fazer a inscrição do zagueiro, que pertence ao Monterrey-MEX, via transferência internacional, e não como nacional, como de fato ocorreu.

Apesar das novas evidências, Guadelupe, vice-procurador-geral, escreveu, em seu despacho que não há "elementos suficientes para comprovação de violação às regras disciplinares nacionais" (sic).

O departamento jurídico do Inter informou que recorrerá da decisão. Uma nota deverá ser publicada no site do clube ainda hoje explicando a situação. Na visão colorada, "a decisão reflete apenas um lamentável equívoco jurídico contra e excelente direito nosso calçado em provas".

Nos bastidores, o Inter trata a decisão como uma interferência política aos últimos acontecimentos.

Dirigentes entendem que o clube ficou com a imagem arranhada após declarações de Fernando Carvalho e

Vitório Piffero no calor da tragédia da Chapecoense, e que uma eventual decisão do STJD em favor dos gaúchos manchasse também o tribunal com a opinião pública.

**NOS BASTIDORES, INTER VÊ QUE ASPECTO POLÍTICO NORTEU DECISÃO**

Além disso, uma eventual reabertura do caso poderia gerar um mal-estar do órgão com a CBF, que estaria envolvida em uma irregularidade na inscrição do jogador. Ao menos foi o que os e-mails comprovaram. Na mensagem, Buzzoni alerta: "Primeiro, o Palmeiras e o clube mexicano deve (sic) dar uma conclusão ao TMS #106697, sobre o empréstimo do atleta ao Palmeiras. Após isso, será necessário o retorno do empréstimo para o México e um novo pedido de empréstimo para o Vitória. Mesmo para outro clube do país, é necessário o retorno do ITC, para o México para de-

pós gerar um novo empréstimo para o clube brasileiro".

A afirmação, porém, não foi sustentada pelo próprio diretor da CBF, que em entrevista recente à Rádio Gaúcha, disse que a transação nacional era o procedimento correto a se fazer.

Ele foi inscrito pela janela nacional, porque ele estava no Brasil. Ele não estava fora. A questão do regular da transferência é o ITC. Não é que ele não voltou para o México, e o Vitória o inscreveu ele sem ITC. O ITC de-mexicano estava fechada, e o jogador ia ficar sem jogar, o Monterrey autorizou que ele se inscrevesse. Foi autorizado por todos. Não teve movimento de ITC para o jogador estar irregular – havia dito Buzzoni, na terça-feira.

A CBF não se manifestou após o vazamento dos e-mails. Disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que falará apenas após o parecer do STJD.

# ANEXO P: ZH Esporte 09.12.2016 - Eleições ocorrem das 9h às 17h de amanhã

**DIVÓRCIO, SERRAÇÃO E INVENTÁRIO**  
 abdo  
 51 9324.4261

**HOME CENTER**  
**TUNELERO**  
 Para instalar, reformar e decorar

**MULTISOM**

ZERO HORA  
 SEXTA-FEIRA  
 9 DE DEZEMBRO DE 2016 **51**

## E-mails comprovam orientação

**Reynaldo Buzoni**  
 1007 Placar de Regeneração e Esportivos  
 Diretor de Regeneração e Esportivos  
 (11) 3073-1000  
 reynaldo@inter.com.br

**VITÓRIA**  
 RETORNO  
 JA SUSTA FREIADA  
 COMO O PTO ESTÁ AGORA NO BRASIL, NÃO SE PODEM AUTORIZAR O EMPRESTIMO PARA NAO JA IR QUE NÃO PRECISA GA CTR

Em 20/10/2016 às 14:34, Reynaldo Buzoni escreveu:  
 O Sr. Reynaldo, ao Sr. Victor Ramon apresenta o ciclo de trabalho que está em andamento, mas que não vai a prazo devido a greve.

**Reynaldo Buzoni**  
 1007 Placar de Regeneração e Esportivos  
 Diretor de Regeneração e Esportivos  
 (11) 3073-1000  
 reynaldo@inter.com.br

**VITÓRIA**  
 ACADIA  
 REINICIO CONTRATADO POR EMPRESTIMO GIGANTILHO VICTOR RAMON PERMUNA RECIBO 07/07/2016 ACERTADO 02/08/2016

Neste trecho, Vitória fala sobre necessidade de autorizar empréstimo depois do prazo do Campeonato Brasileiro

O Abdo responde suas e-mails em português (incluindo inglês e espanhol), da FIPA para ajudar internacionalmente.

Este e-mail não está sob supervisão jurídica e não deve ser usado para fins legais, mas sim para fins pessoais da FIPA.

**Reynaldo Buzoni**  
 1007 Placar de Regeneração e Esportivos  
 Diretor de Regeneração e Esportivos  
 (11) 3073-1000  
 reynaldo@inter.com.br

**Bras Tendo**  
 Presidente, o Palmeiras e o clube possuem o direito de ser considerado um (SMEF) SMEF, sobre o pagamento de indenização para o Palmeiras.  
 Após isso, será necessário o contrato de empréstimo para a Milícia e um novo pedido de inscrição para o Vitória. Melhor para evitar o risco de rescisão penal. É necessário o retorno do CFC para o Inter para depois gerar um novo empréstimo para o clube brasileiro.

Para obter informações sobre o seu trabalho em inglês, consulte o site: [www.abdo.com.br](http://www.abdo.com.br)  
 Avenida 20, 144-103

Não, não temos que fazer um pedido de inscrição de empréstimo e o Inter não pode publicar o Inter sobre indenização.

Reynaldo Buzoni informa que transferência de Victor Ramos precisa voltar ao México antes de ir ao Vitória

## Eleições ocorrem das 9h às 17h de amanhã

**LEANDRO BEUS**  
 leandro.beus@zerohora.com.br

Enquanto luta pela permanência na Série A, neste domingo, o Inter começará a definir o seu futuro para o biênio 2017/2018. Amanhã, das 9h às 17h, os sócios colorados votarão para presidente e para a renovação de 50% das 300 cadeiras do Conselho Deliberativo. No total, 67.237 associados estão aptos a votar.

Concorrem à sucessão de Vitório Piffero o situacionista Pedro Affatato (Chapa 1) e o oposicionista Marcelo Medeiros (Chapa 2).

Desses sócios, 12.191 se habilitaram a votar pela internet – as inscrições para o voto virtual já se encerraram no início do mês.

Os demais 55.046 associados têm direito a votar no Gigantilho, nas urnas eletrônicas cedidas pelo Tribunal Regional Eleitoral.

– Ainda não sabemos como o associado se comportará, se virar em peso ou se ficará mais retraído. Mas acredito que teremos uma votação parecida com a de 2014, com cerca de 20 mil torcedores no pátio – comenta o presidente da comissão eleitoral do

Inter, José Ricardo Superfi Brasil. – Creio que até as 18h já sabermos quem será o novo presidente – afirmou Brasil.

Na eleição de 2014, 21.292 sócios participaram do pleito, elegendo Piffero com 71,7% dos votos. – O Gigantilho estará aberto

### AS CHAPAS MAJORITÁRIAS



**Chapa 1**  
**Pedro Affatato**, presidente  
 Luiz Henrique Nufiez, 1º vice-presidente  
 Pedro Silber, 2º vice-presidente



**Chapa 2**  
**Marcelo Medeiros**, presidente  
 João Patrício Herrmann, 1º vice-presidente  
 Alexandre Chaves Barcellos, 2º vice-presidente

### AS CHAPAS AO CONSELHO DELIBERATIVO

- Chapa 01 – União Colorada
- Chapa 02 – Aliança Vermelha
- Chapa 03 – Sócios Deliberativos
- Chapa 04 – O Povo do Clube
- Chapa 05 – Chapa Independente Colorada

- Chapa 06 – Geminho Colorado
- Chapa 07 – Novo Inter
- Chapa 08 – Novo Inter
- Chapa 10 – Acadia Conselho

das 9h às 17h para a eleição presencial. No mesmo horário, os sócios que optaram pelo voto via internet já poderão acessar o e-mail que receberam com o link para a eleição – disse Superfi Brasil. – O Beira-Rio estará aberto para visitação, bem como



## LISCA ABRE POSSIBILIDADE PARA ESCALAR GUSTAVO FERRAREIS

O técnico Lica (árbitro) promoveu uma novidade na equipe do Inter ontem. O treinador escolheu meia-atacante Gustavo Ferrareis no lugar de Vitinho. O esquema treinado, o 4-2-3-1, com Nico López no ataque, passa a ter possibilidades de ser utilizado no jogo de domingo, contra o Fluminense.

O time que treinou: Danilo Fernandes; William, Paulão, Emanoel e Alex; Anselmo e Rodrigo Dourado; Gustavo Ferrareis, Anderson e Valdívia; Nico López. Lica tem mais dois times para decidir se utiliza esta escalação ou se coloca em campo a outra ideia treinada, com Vitinho, em um 4-4-2.

### O QUE DIZ O STJD

Despacho do vice-procurador-geral do STJD Glauber Navega Guadalupe  
**F** De ordem do Dr. Auditor Vice-Procurador Geral, Glauber Navega, deste Superior Tribunal de Justiça, referente à Notícia de Infração Disciplinar sob número 071/2016-STJD, informo que através de despacho, entendido não haver elementos suficientes para comprovação de violação às regras disciplinares nacionais opina pelo ARQUIVAMENTO da presente Notícia de infração.

### O QUE DIZ O INTER

Nota enviada aos veículos de comunicação:  
**F** Pelo Departamento Jurídico do Inter, informo que acabou de ser publicado pelo STJD o "arquivamento" de nossa reclamação sobre caso Vitor Ramos, amanhã o jurídico publicará nota no site do Inter sobre nossa impugnação e decisão de recorrer no prazo legal. A decisão reflete apenas um lamentadíssimovet direito jurídico contra e excelente direito deuso calculado em provas. Giovanni Bazen Vice-presidente jurídico Inter

## ANEXO Q: ZH Esporte 10.12.2016/11.12.2016 - “Renato nos abraçou e entendemos o recado”

**ESPORTE**

• DIREITO DO REPRESENTANTE COMERCIAL

abdo

adv. com.br  
11 3332-4781

HOME CENTER

Para eletrônicos, celulares e acessórios

**TUNELEAO**

www.tuneleao.com.br

**MULTISOM**

ZERO HORA  
SÁBADO E DOMINGO  
10 E 11 DE DEZEMBRO DE 2016

48

**ENTREVISTA | MARCELO GROHE**

Goleiro do Grêmio

# “Renato nos abraçou e entendemos



**MARCO SOUZA**  
marco.souza@zerohora.com.br

*Após 10 anos de batalhas, prêmios de melhor goleiro do Brasileirão em 2014 e 2015, e a convivência com críticas, Marcelo Grohe, enfim, conquistou um título de expressão no Grêmio. Representando os mais de 55 mil torcedores do estádio, gritou a plenos pulmões: “É campeão” com a taça da Copa do Brasil em mãos. Ainda processando todas as emoções da conquista, ele está com o riso fácil. Brincou até com o golaço de Cazares.*

*– Vi ele armando o chute e pensei: “Motô” (risos). Mas não fez mal – disse.*

*Na comemoração no gramado da Arena, aproveitou para brincar com a “valsa dos 15 anos”, corneta feita pelo atacante colorado Sasha após a conquista do Inter no Gaúcho neste ano. Na festa da comemoração do penta da Copa do Brasil, o goleiro ensaiou poucos passos da dança diante dos torcedores. Com o título, Grohe acredita que a torcida, e também seus companheiros, terão um futuro mais tranquilo no Grêmio sem a pressão de conviver com um longo período sem títulos.*

**Depois de tantas tentativas, como é, finalmente, ganhar um grande título como a Copa do Brasil?**

Estou na correria ainda. Quando paro um pouco, penso que consegui ser campeão. É uma alegria por tudo que passamos dentro de campo. Mas também pelo torcedor. Sabíamos que eles estavam feridos. Era muita gozação. Estavam carentes, sentíamos isso nos jogos. Tínhamos essa necessidade de ganhar. Agora conseguimos e acabamos com a fila dos 15 anos.

**E a sua comemoração da valsa. O gesto do Sasha foi falado várias vezes no pós-jogo...**

A gente entende, a provocação é do futebol. As vezes, é do nosso lado, outras do Inter. Tenho respeito pelo Sasha, mas aquela comemoração não feriu bastante. Sentimos muito.

**A comemoração do Sasha serviu de motivação? Foi algo que nos chatou. Entendemos a provoca-**

INDENIZAÇÃO POR ATRASO NA ENTREGA DE IMÓVEL  
 adbo.com.br  
 51 3322.4781  
 51 9321.4781

HOME

MULTISOM

# o recado”



RECLAMATÓRIA TRABALHISTA  
 DIREITO DO DEVEDOR (SPC/SERASA)  
 APOSENTADORIA (INSS/PENSÕES)  
 REVISIONAL DE JUROS  
 adbo.com.br • 51 3582.9000 • 51 9321.4781

seguiu parar. Lembro do pessoal dizendo no vestiário “deixa ele chorar, faz bem”. Ali levei a alma. dali em diante, me renovei.

**A frustração poderia ter resultado na sua saída do clube na próxima temporada?**  
 Não sei, é difícil pensar. Não sei o que o clube iria fazer. Seria uma situação que me deixaria chateado, ter uma eliminação passando pelas minhas mãos. Mas no fim deu tudo certo.

**Mesmo com o sucesso individual, parece que você sempre é um dos mais criticados. Isso incomoda?**

Não, eu respeito todas as opiniões. Absorvo o que eu acho ser correto, mas sei que faz parte do jogo. Não dá para ser goleiro do Grêmio e não ser criticado ou elogiado. Preciso encarar as situações negativas, ter equilíbrio. Como faço também nos bons momentos. Nossa posição é assim. Um dia é herói, no outro é vilão.

**O gol do Cazares foi o gol que você menos se importou de sofrer?**

Foi, sem dúvida (risos). Estava tudo decidido, graças a Deus. Estava bastante adiantado. Foi indiferente, o importante foi o título. Não importa como seria o jogo, só queremos ser campeões.

**Em qual momento veio a confiança no título?**

Teve uma defesa importante no Mineirão contra o Atlético-MG. Foi importante, estava 1 a 0. Imagina, podia ficar um a um e mudar o jogo. E logo na sequência conseguimos ampliar. Quando passamos pelo Atlético-PR, Palmeiras (mesmo com o 2 a 1 em casa), mas também avançamos, acho que ali nos fortalecemos para sermos campeões. Sentimos isso, as duas primeiras fases foram determinantes. Amadureceram a nossa equipe. Quando começou a semifianal, vi que estávamos prontos. E na final, fizemos um grande jogo no Mineirão.

**Como vocês encararam a troca do Roger pelo Renato no comando do time?**

Acreditávamos muito no trabalho do Roger. Mas cedo ou mais tarde, iríamos conquistar alguma coisa. Era um trabalho muito bom, de qualidade. Vimos o time rendendo. Mas, infelizmente, as coisas não aconteceram como era o esperado. E aí veio o Renato, que nos deu a confiança que estava faltando após uma sequência de muitos jogos sem vencer. O Renato nos abraçou e entendemos o recado. Deu no que deu (risos).

**Qual seu próximo objetivo?**

Agora descansar, curtir as férias. Vai dar para relaxar bastante. Ano que vem é buscar mais conquistas, temos que encarar 2016 como um divisor de águas. A Copa do Brasil nos abre as portas para novos títulos. Tirei o peso e a pressão dos jogadores. As coisas, a partir de agora, vão ficar mais leves. Se Deus quiser, vamos ganhar mais títulos. Foi um ano legal. Joguei bastante. E ter um título ainda, não tem preço.

ção. Estava no momento de comemorar o título dele. Não foi pra dar resposta ao Sasha, mas foi algo que nos motivou. Conversamos sobre a chance de encerrar as flautas. Agora é fácil falar, mas sempre dissemos isso no vestiário: era a oportunidade de colocar nossos nomes na história do Grêmio. Foi um ano complicado pela expectativa que se criou, e na reta final demos a volta por cima.

**Qual foi o momento mais importante da campanha da Copa do Brasil?**

No meu caso, foi o jogo contra o Atlético-PR na Arena. Foi o momento mais importante e dramático. Falhei no primeiro gol. Tive 60 minutos para recuperar o foco. E aí tudo aconteceu nos pênaltis. Não sou um cara de chorar. Mesmo após o título, só chorei ao abraçar minha mulher e meu filho no gramado. Mas após o jogo com o Atlético-PR, eu desabei. Foi correndo para o vestiário. Chorei feito criança, não con-

No salão de festas de seu condomínio, Grohe não é toa após a conquista da Copa do Brasil

## Reservas contra o Botafogo

Sem mais nenhuma aspiração no Brasileiro após o título da Copa do Brasil, o Grêmio fará o último jogo do ano contra o Botafogo, neste domingo, na Arena. A tendência é de time intimamente reserva, já que o técnico Renato Portabatti e o auxiliar Alexandre Mendes viajaram ao Rio e entrarão em férias. Assim, a equipe será comandada por James Freitas. Vários jogadores também já foram liberados pela direção. É o caso de Douglas, Edilson e Luan, por exemplo, que já marcarão suas viagens de férias. Contra o Botafogo, os garotos do Grêmio terão chance de mostrar serviço. Entre os titulares, devem estar o goleiro Léo, o zagueiro Thyere, o lateral Iago, os volantes Kaio e Jailson, além do meia-atacante Guilherme. O reforço deve ficar por conta do equatoriano Miller Bolaños, que só sairá de férias na segunda-feira. De qualquer forma, o time só será confirmado por James neste sábado, na reapresentação do grupo após dois dias de folga.

Fura o Botafogo, o jogo vale vaga na Libertadores. Com 56 pontos na tabela, os cariocas precisam vencer para se garantir no G-6 sem depender do Corinthians. Em sétima lugar, 55 pontos, o time paulista pode ultrapassar o Botafogo se superar o Cruzeiro. Assim, a equipe treinada por Jair Ventura virá à Arena com o que há de melhor: o meia Camilo e o atacante Sassi são os maiores destaques.

BRASILEIRO - 5ª RODADA - 11/12/2016

GRÊMIO	X	BOTAFOGO
Léo;		Sido;
Walter Oliveira		Alémio
Fred		Izei Gêri
Thyere		Emerson Sika
Iago;		Victor Luis;
Kaio		Artur
Jailson;		Bruno Sika
Heugem		Diogo Barbosa
Lincoln		Camilo
Guilherme		Rodrigo Pampú;
Bolaños		Sassi
Mezenc		Ycalan;
James Freitas		Jair Ventura

**INÍCIO:** 17h, neste domingo  
**ABSTRAÇÃO:** Nelson Macedo (foto), auxiliado por Alessandro Rocha de Melo e José Carlos Oliveira dos Santos (foto abaixo).  
**LOCAL:** Arena do Grêmio  
**O JOGO HOJE:** Rádiod Grêmio abre a jornada às 20h35min. Canal Pernambuco em áudio às 21h e música em áudio em zero horas do jogo.

Galeria de fotos em bilby/grohecampeão

ANEXO R: *Esporte* 10.12.2016/11.12.2016 - De Abu Dhabi à Baixada Fluminense

**ESPORTE**

EDITORES:  
DIEGO ARAÚJO  
diego.araujo@zerohora.com.br (51) 3218-4727  
SÉRGIO VILLAR  
sergio.villar@zerohora.com.br (51) 3218-4384

ZERO HORA  
SÁBADO E DOMINGO,  
10 E 11 DE DEZEMBRO DE 2016

INDENIZAÇÃO POR  
DEFEITO DE VEÍCULO  
0800 010 100  
11 9322.4781  
abdo  
ADVERTISING

HOME  
ESPORTE  
TUNELERO  
Para instalação, consulte o Manual  
Programa de fidelidade

MULTISOM



**REZA FORTE**

**TORCEDORES DO INTER**, como Ademar Jacuniak (foto), precisarão de muita fé neste domingo, dia da rodada decisiva do Brasileiro, que poderá levar o clube à inédita queda à Série B. A missão beira o milagre, pois além de vencer o Fluminense, no Rio, necessita de resultados paralelos de Sport ou Vitória para seguir vivo na elite. **PÁGINAS 44 a 46**

ESPORTE

INDENIZAÇÃO POR  
ERRO MÉDICOabdo  
advogados  
O 11 9923.4781

OAB/RS 137

HOME  
CENTROTUMELERO  
Miguel

MULTISOM

ZERO HORA  
SÁBADO E DOMINGO,  
10 E 11 DE DEZEMBRO DE 2014

44

LEONARDO OLIVEIRA

leonardo.oliveira@zerohora.com.br

**P**ode parecer contraditório, mas o novo Beira-Rio está entre as razões que fizeram o Inter cumprir a derrocada entre o sonho do bi-mundial em Abu Dhabi e a luta contra o rebaixamento em Edson Passos, na Baixada Fluminense.

O formato do negócio para a reforma do estádio provocou um racha irreversível na alta cúpula do clube. As fissuras seguem expostas e alimentam ressentimentos de quem, nos anos dourados do clube, festejou junto. Pode-se apontar, sem qualquer receio de erro, que a derrocada política correu os alicerces do Inter e abriu o caminho para esse domingo na calorosa e violenta Baixada Fluminense.

A eclosão política colorada tem dia e hora. No início da tarde de 10 de dezembro de 2010, uma sexta-feira, o presidente eleito cinco dias antes, Giovanni Luigi, e seu vice e fiel escudeiro Luiz Anápio Oliveira procuraram Vitorio Piffero em Abu Dhabi para tratar da reforma do estádio e tentar impedir o início da demolição das sociais, marcado para a segunda-feira, véspera da estreia no Mundial, contra o Mzembe.

O ambiente no suntuoso Beach Rotana era de empolgação. Torcedores transviavam orgulhosos e dividiam espaço com jogadores e dirigentes. Luigi e Anápio encontraram em um dos bares à beira da praia particular do Rotana o sossego para tratar da reforma. Esse era um assunto caro a Piffero. Além de construtor, ele havia elaborado o projeto de reforma do estádio. A ideia surgira no verão anterior. Veranistas em Atlântida, no Litoral Norte, dirigentes e conselheiros mais próximos se encontravam para bate-papo e algumas cervejas no Bar do Tatu, endereço tradicional da praia. Em um sábado, quando do a conversa emveredou para a remodelação do Beira-Rio, Piffero disse já ter o projeto na cabeça: a soma de 100 camarotes vendidos a R\$ 1 milhão com os R\$ 26 milhões da venda do Eucalipto.

A questão é que o plano estratégico traçado por Luigi e Anápio descartava a reforma com recursos próprios. Havia conversado com a Andrade Gutierrez e a Energis. Acreditavam que a parceria seria a melhor saída — o que o tempo confirmou.

O isolamento no bar do Rotana Beach parecia ideal para tratar do tema com Piffero. Só parecia. O tom da conversa subiu com o calor de Abu Dhabi. Até que, em determinado momento, Piffero intimou seu sucessor a decidir. Diplomático e evitando agravar a crise, Luigi consentiu com a demolição das sociais. Mas era tarde. Era irreversível o racha no Movimento Inter Grande (MIG), o principal grupo da base política arquitetada por Fernando Carvalho ainda em 2001.

**LUIGI RECLAMA DE OPosição FERRENHA QUE ENFRENTOU NO CONSELHO EM SUA GESTÃO**

Essa base, aliás, tinha se esfacelado já antes do embarque para Abu Dhabi. A linha sucessória no comando do clube previa Luigi em 2011 e Pedro Affaitato, do grupo União Colorada, em 2013. Só que Affaitato se lançou candidato contra Luigi na eleição. Tinha pelo futuro do seu grupo se concorresse com chapa apenas ao Conselho. O União Colorada precisava renovar 23 das suas 56 cadeiras.

— Havia o risco de não renovarmos nossas cadeiras, e mim eu entraria no Conselho. Fora dele, como seria presidente em 2012? — indaga Affaitato.

A campanha no fim de 2010 foi fratricida, com acusações em spots de rádio e troca de farpas públicas entre Affaitato e Carvalho, à época diretor de futebol e apoiador de Luigi. Diante desse cenário, Luigi assinou com a embaldade política jogada pelos ares em um momento no qual a reforma do estádio exigia a unidade do clube. O ex-presidente ainda hoje mostra ressentimento com os debates travados no Conselho no período em que as tratativas com a Andrade Gutierrez se arrastavam.



# DE ABU DHABI À BAIXADA FLUMINENSE

• INDENIZAÇÃO POR ACIDENTE DE TRÂNSITO  
 abdo.com.br  
 11 3042-9000  
 011 9322-2478

Para trabalhar, contratar e descontratar  
**HOME CARE TURFEIRO**  
 Recrutamento e Seleção

**MULTISOM**

ZERO HORA  
 SÁBADO E DOMÍNIO,  
 10 E 11 DE DEZEMBRO DE 2016

45



Nenhum presidente levou tanta batida com eu. Se tu assistisses a uma reunião do Conselho, ficaria impressionado com a forma como se agia. E mesmo assim conseguimos construir o estádio e manter o time, com todas as dificuldades de passar por Novo Hamburgo e Caxias – desabafa Luigi.

O ex-presidente contesta a hipótese de que o ambiente político interferiu no futebol. Acredita que os gabinetes e o vestiário são mundos sem conexão direta. Também reage com veemência ao ser indagado sobre a ponte entre Abu Dhabi e Edson Passos.

Com todo o respeito, sou frontalmente contra esse posicionamento. No fim de 2014, havia um estádio quitado e uma Libertadores para ser jogada. Não tem absolutamente nada a ver, é uma questão de gestão. Especificamente, deste ano – observa Luigi.

A eleição de 2014, no entanto, mostra o quanto o clube se divide. Piffero, que nunca deixou oficialmente o MITG, juntou-se ao União Colorado e ao Ação Independente, reforçados pelo Convergência, para encerrar Marcelo Medeiros. Neste sábado, a disputa será entre Medeiros e Affatato, que mesmo vice de Piffero se apresenta como oposição. Uma salada política. A prova do esfaqueamento está nesta eleição de renovação do Conselho, em que nove chapas concorrem.

Com ou sem continuação da política, o fato é que o futebol do Inter repetiu equívocos nestes últimos seis anos. Investiu pesado em medalhões, inflou a folha e, numa prova de apego ao passado, reconstruiu ídolos de 2006, muitos deles já sem o mesmo vigor.

#### DEPOIS DA APOSTA EM MEDALHÕES, TORCIDA VUO O LANÇAMENTO SEM MEDIDA DA GURCIZADA

Um olhar mais atento detecta que o Inter perdeu o costume de girar por mercado. Com os cofres reforcados e a renda de mais de 100 mil ações, o clube passou a gastar mais. E também a errar mais. Dois negócios são emblemáticos: Rafael Moura foi comprado com 29 anos ao Fluminense, com contrato de quatro anos e salário de R\$ 450 mil; Anderson foi uma aposta que ganhou salário de R\$ 500 mil e quatro anos de vínculo. Luciano D’Evi, articulador político de Luigi em 2011 e vice de futebol em 2012, reconhece alguns equívocos em contratações. Mas se aponta como inerentes ao risco de se fazer contratações. Responsável por trazer Forlan, eleito dois anos antes melhor jogador da Copa, Davi admite que esperava mais do uruguaio. Mesmo sem a resposta esperada, diz que um jogador como ele dá o estofado que faltou em 2016.

A gente tentou montar uma espinha dorsal de jogadores veteranos e subimos alguns jovens. Essa gestão não trouxe jogadores de mais estofado, acho que isso foi um grande diferencial – observa.

A vinda de nomes consagrados deu estabilidade, mas tirou o espaço para o surgimento de caras novas. Além numa fila de medalhões, Ricardo González e Lucas Lima foram emprestados para Goiás e Sport antes de estourarem no Cruzeiro e no Santos.

Havia um clamor no Beira-Rio pelo rejuvenescimento do grupo. A atual direção adotou-o como bandeira em seu segundo ano de gestão. Alegava também necessidade de baixar a folha salarial, que tinha batido em R\$ 9 milhões. Só que radicalizou na fórmula. Dispensou nomes rodados, liberou D’Alessandro e apostou em todos os guris ao mesmo tempo. Restou apenas Alex, de 34 anos, mas sem espaço no time até a saída de Angel, cujos resultados positivos dos primeiros meses nunca se traduziram em rendimento.

Em muitos jogos, Pauloão, 30 anos e novo líder do vestiário, era o mais velho. O que talvez explique a crise nervosa do time quando os resultados ruins se sucederam até chegar a 14 jogos sem vitória com três técnicos diferentes. É consenso entre torcida e conselheiros que, em 2016, o Inter acelerou fundo na reta final de uma estrada em que conseguiu a inestimável conexão entre Abu Dhabi e Edson Passos. O desfecho da virada às 19h – ou até antes – na Baixada Fluminense.

## Em campo pelo milagre

Em meio a um turbilhão de denúncias jurídicas e da eleição, haverá futebol. O mais importante evento do Inter será às 17h, na despedida de 2016. Contra o Fluminense, no Estádio Gialite Coutinho, precisa vencer e torcer por um resultado paralelo ao Nordeste: ou derrota de goleada do Vitória para o Palmeiras em Salvador ou, ao menos, um empate do Sport contra o Figueirense em Recife. Uma dúvida na escalação permanece: Vitinho ou Gustavo Ferraresi.

Se optar pelo atacante, Lisca montará um 4-4-2, com tase mais ofensivo, como o que terminou o jogo com o Cruzeiro. Se escolher o meia, usará o 4-2-3-1, deixando Nilo López mais posicionado à frente.

O time faz um último trabalho neste sábado, no Rio, fechado à imprensa. O trabalho de sexta-feira, segundo Lisca, foi só uma conversa.

– Não teve treino. Agradeço aos jogadores e aos funcionários pela paciência. É o último de prova final. O que eu fiz nessas duas semanas era o que queria ter trabalhado. Quis passar para eles esse prazer que foi para mim, mesmo neste momento difícil.

O técnico comentou sobre o anúncio público de Pedro Affatato, candidato de situação à presidência, de mantê-lo no cargo no ano que vem.

– Meu compromisso com o Inter acaba no domingo. Na segunda o Inter provavelmente terá um novo treinador – disse o técnico.



#### REFORMA DO BEIRA-RIO

está entre as razões que corroeram a unidade política que ajudou o Inter a viver sua fase de ouro. Resultado das disputas entre os grupos isolou dirigentes, criou oposição ferrenha no clube e trouxe reflexos nas decisões do futebol

Torcedores pagam o preço pelas disputas internas entre conselheiros e por uma gestão desastrosa de Vitorio Piffero

#### O INTER CAL SE

▶ Não vencer o Fluminense  
 ▶ Vencer o Fluminense, mas o Vitória não perder para o Palmeiras e o Sport ganhar do Figueirense.

#### O INTER NÃO CAL SE

▶ Vencer o Flu e o Sport não ganhar do Figueirense ou o Vitória perder para o Palmeiras e a vantagem de cinco gols de saldo.

#### BRASILEIRÃO - 3ª RODADA - 11/12/2016

FLUMINENSE	INTER
Julio César	Daniilo Fernandes
Wellington Silva	William
Moqueza	Paulão
Henrique	Ernando
William Mathias;	Alex
Edson	Arnelmo
Douglas	Rodrigo Dourado;
Gustavo Scarpa;	Anderson
Wellington	Isidinho
Richardson	Gustavo Ferraresi
Henrique Dourado	(Vitinho);
Henrique Marcelo	Nilo López
	Henrique Lica

LOCAL: Estádio Gialite Coutinho, Maracanã (RJ)

HÓRARIO: 17h (deixar o campo)

ARBITRAGEM: Weber Roberto Lopes, ajudado por

Kleber Luis e Carlos Bertolini (do Colorado)

QUANTO AO Jogo: a 1857 e o primeiro anúncio

transmissão. O primeiro jogo ocorreu em 1905 em

Assunção. A partida foi interrompida por uma



Lisca mantém uma dúvida para a decisão, entre Gustavo Ferraresi e Vitinho

## ANEXO S: ZH Esporte 12.12.2016 - Bolaños quer a América

ESPORTE

DIREITO DO DEVEDOR (SPC/SERASA) abdo

HOME TUNELERO MULTISOM

ZERO HORA SEGUNDA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2016 2

MARCO SOUZA  
marco.souza@zeihora.com.br

**B**olaños está finalmente se sentindo em casa no Grêmio. Após 10 meses em Porto Alegre, o equatoriano começou a demonstrar os mínimos que o fizeram ser comprado por mais de R\$ 20 milhões e ser buscado de jatinho no Equador na madrugada de 7 de fevereiro. Bolaños chegou como a cereja do bolo para Roger Machado, o goleador que havia finalizado em 2015. Uma cotovelada, três lesões, 28 jogos e 7 gols depois, o meia-atacante garante que fecha 2016 feliz no clube. Fez o gol na final da Copa do Brasil na Arena e ajudou a crescer os 15 anos sem título de expressão.

Agora, o equatoriano pretende mais. Seu orgulho está ferido: quer mostrar seu valor. Desembarcou em Porto Alegre como um dos três melhores da América do Sul na tradicional eleição do jornal turquia El País, mas teve uma temporada abaixo da média. Na reta final, engrenou a recuperação da confiança. Nos últimos cinco jogos da temporada, marcou três gols. Em dia, adota um objetivo ambicioso: conquistar a Libertadores em 2017.

— Quero fazer uma boa pré-temporada com o Grêmio, para estar 100%. Sei que em 2017 será diferente. Vamos traçar esta meta da Libertadores. Esse é meu objetivo e de todos os companheiros. Vou tentar dar tudo de mim para conseguir isso. O Grêmio é campeão do mundo, merece ganhar títulos importantes — disse ele em entrevista à ZH na última sexta-feira, por telefone.

Ontem, no jogo contra o Botafogo na última rodada do Brasileirão, na Arena, Bolaños esteve à vontade em campo: correu pelos dois lados da área, ajudou na marcação, tentou dribles e teve até um gol bem anulado, por impedimento, mas não conseguiu evitar a derrota por 1 a 0 da equipe reserva no fechamento da temporada.

Bolaños atribui seu desempenho abaixo do esperado, em uma média deste ano, aos problemas físicos. Apesar da estreia promissora, com gol e boa atuação contra a LDU, pela Libertadores, a frustração na mandíbula sofrida no clássico Gre-Nal e os 45 dias parado prejudicaram sua evolução. Agravou ainda mais a falta de pré-temporada.

— Foi muito difícil para me recuperar: até 100%, fiquei muito mal. Procurei ajuda da família. Eles me apoiaram em cada momento — lamentou, antes de revelar não ter falado com William sobre o lance.

— Nunca tive a oportunidade de falar com ele. São coisas do futebol, que acontecem. São momentos quentes, mas agora estou tranquilo. Estou 100% e posso trabalhar normalmente.

**QUATRO LESÕES E CEM DIAS NO DEPARTAMENTO MÉDICO**

Na soma das quatro lesões, foram 100 dias no departamento médico neste ano, numa rotina de turno duplo no CT. Morando no bairro Jardim Europa com a mulher, Mayumi, e os filhos, Michella e Miller Jr., Bolaños diz ter sido pego de surpresa com as notícias sobre seu descontentamento no clube. Por isso, segundo ele, houve a ausência na viagem ao Recife para enfrentar o Sport. Bolaños diz que pediu para ficar e conversar com o presidente Romildo, a fim de esclarecer sua situação.

— Havia muitos comentários de que não estava feliz no Grêmio. Pedi para não viajar com intuito de tratar desse assunto. Deixei claro que estava feliz no Grêmio, sim. Disse que queria muito a oportunidade de mostrar a razão de ter sido contratado — contou.

Na festa do gramado da Arena após o título da Copa do Brasil, Bolaños comemorou com os companheiros. Correu, abraçou e soltou o grito de campeão com os colegas ao lado da taça. Um final de ano bem mais feliz do que seus primeiros dias em Porto Alegre.

— Foi uma alegria muito grande. Lembrei de tudo pelo que passei em 2016. Foi especial. Sou tratado muito bem no Grêmio. Só quero ter a chance de trabalhar. Fazer uma boa pré-temporada e demonstrar o porquê de estar aqui. Mostrar o meu futebol de quando estou 100%.

# BOLAÑOS QUER A AMÉRICA



**Bolaños em quatro atos**

**GRÊMIO X LDU LIBERTADORES**  
Sua estreia não poderia ter sido melhor. Além da goleada por 4 a 0 sobre seu tradicional rival equatoriano, Bolaños ainda marcou um dos gols, com oportunismo. Ali, projetava-se um início promissor do atacante na Arena.

**GRÊMIO X INTER GAUCHÃO**  
Título no primeiro clássico do ano, disputado na Arena, Bolaños recebeu uma cotovelada do lateral-direito William, do Inter, e teve duas fraturas na mandíbula. Como resultado, o equatoriano teve de fazer uma cirurgia e ficar afastado do time.

**ATLÉTICO-PR X GRÊMIO COPA DO BRASIL**  
No primeiro jogo do Grêmio na Copa do Brasil, nos ataques, o equatoriano foi decisivo, marcando o gol da vitória por 1 a 0 sobre o Atlético-PR na Arena da Baixada. Não fosse por ele, o time seria eliminado ao perder no jogo de volta, na Arena.



ANEXO U: ZH Esporte 12.12.2016 - Frieza, resignação e pedido de desculpas

**ESPORTE**

12 DE DEZEMBRO DE 2016

ZERO HORA  
SÉTIMANA-FEIRA  
12 DE DEZEMBRO DE 2016

8

**DIREITO DO TRABALHO**

abdo

advogados

**HOME**

TUNELERO

**MULTISOM**

# FRIEZA, RESIGNAÇÃO E PED

**O SENTIMENTO APÓS o 1 a 1 com Fluminense e a queda para a Série B foi de conformismo entre jogadores, diretoria e comissão técnica do Inter**

**LEANDRO BEH, DIRETO DO RIO**  
leandro.beh@zerohora.com.br

**U**m ar de conformismo tomou conta do Inter que foi rebaixado no subúrbio Fluminense. Houve poucas lágrimas, houve poucas surpresas. O Inter parecia resignado com a queda para a Série B em 2017. E quem mais se mostrou pronto, frio e com um discurso decorado foi justamente Vitorio Piffero.

O presidente vestia uma camisa polo da cor azul. Uma camisa muito parecida com a que vestiu na noite de sábado, ao sair do Hotel Windsor, em Copacabana, para jantar com o amigo e assessor da presidência Cuca Lima em um restaurante italiano. Piffero respondeu pacientemente as perguntas dos repórteres, na acanhada e improvisada sala de entrevistas do Estádio Giulietto Coutinho em Mesquita.

— Quero pedir desculpas ao torcedor — começou ele. — Todos os erros são de minha responsabilidade. Sempre que tomei uma decisão, pensei em fazer o melhor pelo Internacional, mas, pelo visto, errei, e errei muito — disse Piffero, quase protocolar, sem demonstrar comção com o descenso ou empatia com o torcedor.

Questionado sobre a fama de arrogante e de sempre ter dito que “clube grande não cai”, Vitorio retrucou e ainda pediu uma justiça igualitária no Brasileirão.

— Quem me conhece sabe que não sou arrogante. E, sim, fomos rebaixados. Sim, vamos cumprir a Série B, mas espero que a Justiça seja igual para todos. Não sei se existem recursos à decisão (do STJD), faltou examinar a questão em si. Mas o Inter vai, sim, jogar a Série B.

Depois de Piffero, veio Fernando Carvalho. Com um semblante abatido, mas mantendo respostas firmes, o presidente campeão do mundo e vice de futebol rebaixado à Série B deu as suas explicações.

— Desde o início, sabia que a situação era difícil. Só por isso aceitei. Minha ligação com o clube me impunha essa obrigação. Infelizmente, não conseguimos

resolver, não melhoramos nossa produção. Mas a culpa não é dos jogadores, é dos dirigentes — afirmou ele.

Carvalho afirmou que seguia acreditando que o clube escaparia da descensão, apesar de jogar a jogo o time provar o contrário.

— Em vários momentos as coisas começaram a ficar claras, que a situação não seria revertida. Apesar de tudo, sempre acreditei.

**CARVALHO AFIRMA QUE “NÃO VOLTA MAIS”**

O jogo em Mesquita marcou também o fim da trajetória de Fernando Carvalho como dirigente do Inter.

— Tentei dar a minha contribuição, não volto mais. Mas espero que as pessoas se unam em torno do nosso novo líder, Marcelo Medeiros (presidente eleito no sábado) — justificou.

Entre os jogadores, Ferrareis, autor do gol de empate contra o Fluminense, parecia o mais sentido. Alex, campeão do mundo com Fernando Carvalho, fez coro ao dirigente.

— O Inter fez por merecer o rebaixamento. Não conseguimos reagir. Não tivemos qualidade para reagir. A torcida, a gente conseguiu mobilizar. Se não fosse por eles, teríamos caído antes — disparou.

O grande jogador do Inter no Brasileirão foi o goleiro Danilo Fernandes. Surgiu como um símbolo da reação colorada para a próxima temporada.

— Temos de ter vergonha na cara e pedir desculpas ao torcedor. A queda foi justíssima.

Já o técnico Lisca, que assumiu o Inter a três jogos do descenso, foi apenas formal.

— E hora de todos assumirem a culpa, de todos terem a mesma culpa. O momento é de lamber as feridas, é tempo de reconstrução — finalizou.

O Inter recomeçará a partir desta segunda, quando Marcelo Medeiros deverá definir a contratação do técnico Antônio Carlos Zago, que estava comandando o Juventude.

O Inter de Vitorio Piffero chegou ao fim.



### A campanha colorada

<p><b>Resultados em 38 jogos</b></p>  <p>11 vitórias 10 empates 17 derrotas</p>	<p><b>Resultados por local</b></p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="text-align: center;"> <p><b>Dentro de casa</b></p>  <p>9 vitórias 5 empates 5 derrotas</p> </td> <td style="text-align: center;"> <p><b>Fora de casa</b></p>  <p>2 vitórias 5 empates 12 derrotas</p> </td> </tr> </table>	<p><b>Dentro de casa</b></p>  <p>9 vitórias 5 empates 5 derrotas</p>	<p><b>Fora de casa</b></p>  <p>2 vitórias 5 empates 12 derrotas</p>	<p><b>Aproveitamento</b></p> <p>45 pontos 37,7%</p> <p>Gols 41 gols sofridos 35 gols feitos Saldo: -6</p>
<p><b>Dentro de casa</b></p>  <p>9 vitórias 5 empates 5 derrotas</p>	<p><b>Fora de casa</b></p>  <p>2 vitórias 5 empates 12 derrotas</p>			

66888 332  
 DEFESA EM EXECUÇÕES  
 FISCAIS  
 0800.208.07  
 11.3343.9008  
 11.9321.4783  
**abdo**  
 ADVOCADOS

Uma tecnologia revolucionária e inovadora  
**HOME**  
**LEITE**  
**TUMELERO**  
 Bebidas sem lactose

**MULTISOM**

ZERO HORA  
 SEGUNDA-FEIRA,  
 12 DE DEZEMBRO DE 2016

9

# DIDO DE DESCULPAS



Desanimados

Jogadores mostram desolação diante do resultado negativo e o consequente rebaixamento

“

Desde o início, sabia que a situação era difícil. Só por isso aceitei. Minha ligação com o clube me impunha essa obrigação. Infelizmente, não conseguimos resolver, não melhoramos nossa produção. A culpa não é dos jogadores, é dos dirigentes.

**FERNANDO CARVALHO**  
 Vice-presidente de futebol do Inter

“

Quem me conhece sabe que não sou arrogante. E, sim, fomos rebaixados. Sim, vamos cumprir a Série B, mas espero que a Justiça seja igual para todos. Não sei se existem recursos à decisão (do STJD). O rebaixamento do Inter chegou às 18h30min, na Baixada Fluminense. Porque com a derrota em Mesquita, nem mais interessava saber quanto acabaria o jogo entre Sport e Figueirense. Aos 42 minutos, Ferrarese ainda empatou. Um gol que de nada adiantou.

**VITORIO PIFFERO**  
 Treinador do Inter

## Em Mesquita, um Inter inoperante

O empate em 1 a 1 com o Fluminense, no Estádio Gullit Coutinho, no Rio, foi o último e desprimemente capítulo do pior ano da centenária história colorada. O milagre de Mesquita não aconteceu, o Inter precisava pelo menos vencer a sua partida.

Assim que o time entrou em campo para o aquecimento, foi recebido aos gritos de “ão, ão, ão, Segunda Divisão”. Com pouca gente no estádio (um total de 3.847 torcedores), qualquer grito de incentivo dos colorados era rebatido pelos cariocas.

Então foi hora de a bola rolar. O Fluminense leve, sem nada mais a fazer no Bessilário. O Inter, jogando o futuro e o seu orgulhoso patrimônio de Série A. Logo a dois minutos, Vitinho invadiu a área e passou para Valdivia, que bateu rente à trave.

Não demorou para que o Fluminense passasse a dominar o Inter. Danilo Fernandes salvou, aos 13 minutos. O Inter parecia aceitar

passivamente o seu destino. E já chovia quando Vitinho cobrou uma falta frontal na arquibancada, perto de um torcedor que segurava uma enorme letra “B”.

Aos 42 minutos, a defesa falhou pela direita, Henrique Dourado cruzou e Alex derrubou Richarlison. Penalti. Richarlison cobrou e Danilo Fernandes defendeu. O primeiro tempo chegou ao final com o Inter ainda vivo. Em Recife, o Figueirense empatava em 0 a 0 com o Sport. Mas o Inter também empatava em 0 a 0.

Obrigado a vencer, o Inter se atirou ao ataque. Quase levou um gol aos dois minutos, em contra-ataque de Wellington. Aos 10 minutos em Mesquita, gol do Sport em Recife. A torcida do Fluminense, então, se ergueu em uníssono: “ão, ão, ão, segunda divisão” e “arecêê, o Inter vai jogar a Série B”.

Aos 26 minutos, Douglas arisca de dentro da área, a bola desviou nas costas de William e engana Danilo Fernandes: 1 a 0 para o Fla. O rebaixamento do Inter chegou às 18h30min, na Baixada Fluminense. Porque com a derrota em Mesquita, nem mais interessava saber quanto acabaria o jogo entre Sport e Figueirense. Aos 42 minutos, Ferrarese ainda empatou. Um gol que de nada adiantou.

ESCRITÓRIO - ÚLTIMA RODADA - 11/12/2016

1 X 1	
FLUMINENSE	INTER
Allen (óscar) (Marcos Felipe, 14')	Daniilo Fernandes;
Wellington (8a)	William
Moquetta	Paulão
Henrique	Ennerio
William (Mathias);	Alex (14', 19', 27');
Edson	Rodrigo Dourado
Douglas	Andrino
Colton (30min);	Anderson
Wellington	Valdivia
Richarlison	(Ferrarese, 29', 31');
William (Marcos Lucas, 28', 27')	Vitinho (44', 24', 27')
Henrique Dourado	Nico López
Vitinho: Marçal	William: Ugo

**GOLE:** Douglas (15), Alex, Zozin e Ferrarese (1), aos 43min do segundo tempo

**ASSISTENTE:** 10, 10

**PÊNALTI:** 1 (Alex) - Inter

**ARBITRAGEM:** Inter: Roberto Lopes; auxiliar: por Roberto Loco (4) e Carlos Berberian (4) (Rio de Janeiro)

**PRESENCIA MÍDIA - GAUCHÃO**  
 DOMINGO, 29/11/2017  
 VEZES: 10.000 X 10.000

### COTAÇÃO ZH

POR LANSADO DEIXE

**DANILO FERNANDES**  
 Se o Inter tivesse 11 jogadores como Danilo, teria disputado o título. Mas um penalti defendido. Sem culpa, he? **NOTA 9**

**WILLIAM**  
 Falhou na defesa o tempo todo e jogou sozinho ao ataque. **3**

**PAULÃO**  
 Pode ter feito a sua despedida do Inter. **4**

**ERIBAND**  
 Sem posicionado, teve pouco cabido os espaços sobrando por William. **Notas: 4**

**ALEX**  
 Em 17 de dezembro de 2016, Alex bateu a barricada e se sagrou campeão mundial. Agora, foi rebaixado com esse Inter em São 2016. **4**

**RODRIGO DOURADO**  
 Estorço. E, uma vez mais, longe do velho Dourado. **5**

**AVELINO**  
 Ele, um jogador fã-jogado na Série B. **5**

**ANDRISON**  
 O cara se arrou do time ao menos correu. E muito pouco, mas jogou no meio, no ataque e apareceu até de dentro do zagueiro. **3**

**VALDIVIA**  
 Parece ter se demitido para uma divisão. Perdeu um gol do começo da partida. **4**

**VITINHO**  
 Uma grande jogada, desperdiçada por Valdivia. **5**

**NILO LÓPEZ**  
 Uma figura quase nula em campo. Nada fez. **4**

**FERRARESE**  
 Outro jovem queimado pela gestão de 2016. Fez o gol de honra em Mesquita. **6**

**ANDRÉGO**  
 A promessa desapareceu no Brasilão. **4**

**ABIEL**  
 Não tem culpa por ter sido contratado. **3**

## ANEXO V: ZH Esporte 12.12.2016 - Quatro visões da série B

ESPORTE

DIREITO DE FAMILIA

08 DE DEZEMBRO DE 2016

abdo

HOME

TUQUELEIRO

MULTISOM

ZERO HORA  
SEGUNDA-FEIRA  
12 DE DEZEMBRO DE 2016

11

# QUATRO VISÕES DA SÉRIE B

AMANDA MURHOZ LEANDRO BEIS  
amanda.murhoz@zerohora.com.br leandro.beis@zerohora.com.br

**1**

## A VERBA DA TV SEGU E IGUAL

Aprezar da queda para a Série B, o Inter poderá investir em 2017 tanto quanto colocou no time de 2016, se o novo presidente, Marcelo Medeiros, desejar. As receitas não deverão cair: Dos atuais patrocinadores do clube, apenas a Nike pagará cerca de 20% menos pela temporada, porque o clube não terá os bônus pelo Brasileiro nem pela participação no Libertadores - menos visibilidade, menos receita. Somente os novos contratos de TV renderão ao Inter pelo menos R\$ 110 milhões na próxima temporada.

Tantos estábulos de contrato com a TV e a Premier Liga pode melhorar um pouco os seus valores. O contrato com a Nike é que tem uma diferença entre estar na Série A e cair, mas não chega a ser um valor relevante - disse Sandro Farías, diretor da Controladoria e Transparência do Inter na gestão Viviano Piffero.

**2**

## A FOLHA SALARIAL DEVE CAIR

A previsão orçamentária do Inter foi de R\$ 311,9 milhões em 2016. Hoje, o faturamento bruto do clube na temporada está na casa dos R\$ 250 milhões. Esse número pode se aproximar da previsão inicial, caso o Inter faça alguma venda relevante após o Brasileiro. A folha do futebol profissional ficou na casa dos R\$ 6 milhões e é praticamente sustentada com o faturamento mensal do quadro social. Tecnicamente, pode ser mantida na Série B. Mas seria um luxo se ocorresse, já que os principais clubes que jogam em Série B em 2016 gastaram R\$ 5 milhões. Do elenco atual, rebaixado à Série B, o Inter deverá ter apenas uma baixa: Vilhinho. O atacante, cujo empréstimo ao CSKA chegou ao fim com o encerramento do Brasileiro, deverá se transferir para o Flamengo. Já o contrato de D'Alessandro se desdobra em três: da torcida do River Plate e deverá retornar ao Beira-Bão em 2017.

**3**

## A MARCA VAI SORRIR

Se o caos não será afetado imediatamente, a imagem do clube sofrerá efeitos que ainda não poderão ser mensurados.

A marca vai sorrir pela negativa. O Inter perderá um de seus grandes orgulhos e ainda verá o torcedor adversário Iraniano provelto disso. Ainda mais com o título conquistado pelo Grêmio. Como imagem, a perda colorado é muito grande - afirmou Fernando Fleury, professor de Gestão do Esporte, na Uninove, de São Paulo. Atualmente, a marca do clube vale R\$ 609,2 milhões. É a sexta mais valiosa do futebol brasileiro. Mas perderá pontos importantes com o rebaixamento.

Na Série B, a marca Inter sofrerá um impacto imediato. Perde o espaço, pois terá o seu potencial comercial reduzido - analisou Pedro Daniel, consultor esportivo da BDO Brazil, auditoria inglesa que estuda mercados de futebol. - Também será mais difícil para o Inter atrair atletas de ponta. Quem vai querer jogar a Série B? O atleta não quer se expor, o patrocinador também não emmentou Daniel.

**4**

## VISIBILIDADE MENOR, MAS APOIO DO SÓCIO

O Inter será pouco visto pelo mercado. Quem teminha do Vasco em 2016? Pessoas. É o preço de sair do foco do mercado e ingressar na Segundona. Apesar de se tornar um tanto invisível aos olhos dos patrocinadores, será a chance de fazer o quadro social voltar a crescer - hoje, o clube tem um total de 108.024 torcedores, com 19.398 não implantados.

Logo a Série B, em vez de Libertadores, Copa Sul-Americana e Série A, resultará em menor visibilidade para o mercado, afetando diretamente o interesse de novos patrocinadores no clube. A Segunda Divisão é ruim, mas recuperável. Pode fazer com que até o quadro social cresça, pois no primeiro ano da queda, a torcida tem um sentimento de família de escape. Mas sentirão subir logo no primeiro ano, o clube grande entra em colapso, e a torcida passa a não acreditar mais - comentou Fernando Fleury.

**3**

**4**



Após temporada emprestado ao River Plate, D'Alessandro voltará ao Inter

## ANEXO W: Capa Zero Hora 07.12.2016 - A decisão do ídolo

**ZH** ZERO HORA

PORTO ALEGRE  
ANO 53 N° 18.641 - 2ª EDIÇÃO  
SC: R\$ 3 | DEMAIS REGIÕES: R\$ 4,50 | URGENTE: R\$ 48  
RS 2,50 Produto R\$ 2,41 | Pim e Café R\$ 0,09

**QUARTA**  
7 DEZEMBRO 2016

PODERES EM **CRISE**

Senado mantém Renan Calheiros na chefia do Casa, desafiando decisão do ministro do Supremo. Hoje, afastamento do senador do cargo será discutido no plenário do STF.

ROSANE DE OLIVEIRA  
**AOS OLHOS DO CIDADÃO,  
PARECE A CASA DA MÃE JOANA**

Notícias | 10 a 13, 16, 28 e 29



## Brasileiros terão de contribuir 49 anos para obter aposentadoria integral

Governo Temer enviou ao Congresso proposta de emenda à Constituição alterando legislação previdenciária. Texto institui idade mínima de 65 anos para todos, com transição para homens com 50 anos e mulheres com 45.

Notícias | 6 a 8, 16, 18 e 20

MARTA SFREDO

**REGRAS DURAS SERÃO ALVO DE  
NEGOCIAÇÃO NO CONGRESSO**



## A DECISÃO DO ÍDOLO

À frente do Grêmio, na noite de hoje, cabe a Renato levar o time a encerrar um período de 15 anos sem título nacional. Equipe enfrenta o Atlético-MG no jogo de volta da Copa do Brasil, às 21h45min, na Arena.

Esporte | 35 a 45

ANEXO X: *Capa Zero Hora* 08.12.2016 - É penta

PORTO ALEGRE  
 ANO 53 N.º 18.642 - 2.ª EDIÇÃO  
 C.D. Nº. 10 3 | DEMONSTRATIVO DE C.D. | URBANIZ. 5 48  
 R\$ 2,50 Produto R\$ 2,41 | P.V. e Colheita R\$ 0,09

**QUINTA**  
 8 DEZEMBRO 2016

**ZH**  
 ZERO HORA



# É PENTA

O grito ecoou na Arena lotada por mais de 55 mil torcedores no empate em 1 a 1 contra o Atlético-MG que deu ao Grêmio o quinto título da Copa do Brasil, após 15 anos sem conquistas nacionais.

O capitão Maicon ergue a taça de campeão

Esporte | 35 a 47, 50, 51 e 55

## APÓS SER AFRONTADO, STF MANTÉM RENAN NO CARGO

Por seis votos a três, ministros decidiram que senador não poderá substituir presidente da República. Ele será investigado por não ter cumprido ordem judicial de afastamento.

ROSANE DE OLIVEIRA

**DECISÃO FACILITA APROVAÇÃO DA PEC DO TETO DOS GASTOS**

Notícias | 8 a 10, 28, 29 e 55

ANEXO Y: *Capa Zero Hora* 09.12.2016 - Coberto de azul

## AS CONTAS DO ESTADO

**Crise coloca benefícios fiscais do RS em debate**

Notícias | 10 e 11

## MAGISTÉRIO ESTADUAL

**Cpers decide fazer greve a partir de terça**

Notícias | 18

## PERIGO NO PRATO

**MP e polícia vão apurar abuso de agrotóxicos**

Notícias | 32 e 33

PORTO ALEGRE  
 ANO 53 N.º 18.643  
 50/PR - R\$ 3 | DEMAS REGIONES - R\$ 4,50 | URUGUAI - \$ 48  
 R\$ 2,50 Proibido R\$ 2,41 | Piv. e Cordeiro R\$ 0,09

**SEXTA**  
 9 DEZEMBRO 2016

COBERTO DE **AZUL**

O título de campeão da Copa do Brasil desfilou pelo Estado na forma de camisetas e faixas, um dia depois da conquista do penta pelo Grêmio.

**UMA CRÔNICA SOBRE A FESTA DA TORCIDA NA GOETHE**

| 2 e 46 a 49

**PÔSTER COM OS CAMPEÕES ENCARTADO NESTA EDIÇÃO**

## PROJETO DA PREVIDÊNCIA

**Centrão ameaça barrar reforma e impede tucano em ministério**

Temer pretendia dar mais espaço ao PSDB, com o nome de Antonio Imbassahy para a Secretaria de Governo, mas reavaliou indicação após reação negativa de aliados.

Notícias | 20 e 37

## ENCARE A CRISE

Férias com diversão e poucos gastos



ANEXO Z: Capa Zero Hora 12.12.2016 – Caiu

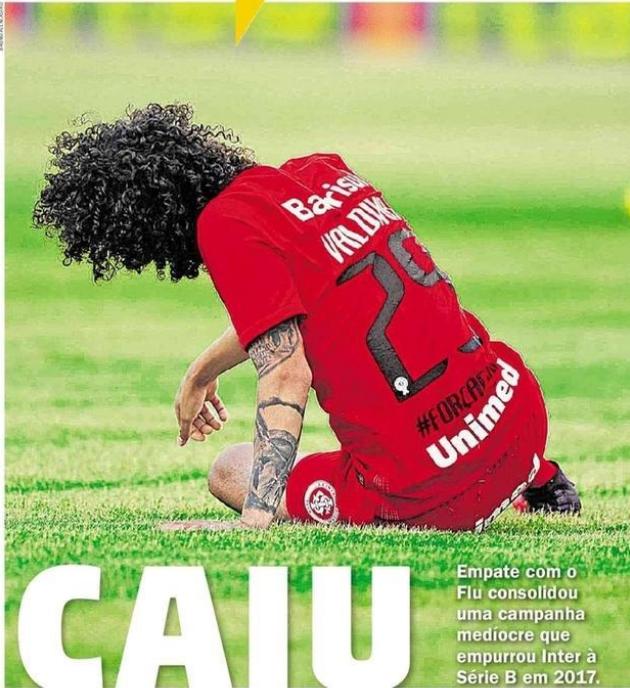
PORTO ALEGRE  
ANO 53 N° 18.645  
SC: PR - R3 | DEMAS REGIÕES: RS, ASO | (RONDONIA) - 9 48  
R\$ 2,50 PHOTOS: R\$ 2,41 | FINE-CLIQUE R\$ 0,00

**SEGUNDA**  
12 DEZEMBRO 2016



**EM TODO O PAÍS**  
**Quadrilha gaúcha**  
**clonou mil veículos**

Notícias | 22



Empate com o Flu consolidou uma campanha medíocre que empurrou Inter a Série B em 2017.

**ONDE COMEÇOU A QUEDA?**

**DAVID COIMBRA**  
Nas soluções que vieram do passado

**WIANEY CARLET**  
Quando Roth foi contratado

**LUIZ ZINI PIRES**  
Nestas palavras: má gestão

**MAURÍCIO SARAIVA**  
Na derrota para o Vitória de Argel

**DIOGO OLIVIER**  
Ao achar que clube grande não cai

PRESTÍGIO, DINHEIRO...

**O QUE O CLUBE PERDE POR TER SIDO REBAIXADO**

O QUE VEM POR AÍ

**ZAGO, D'ALE E MEDEIROS PARA TENTAR SUBIR**

Caderno ZH Esporte

**EMERGÊNCIA NO PLANALTO**

**Temer tenta reagir a delação da Odebrecht**

Citado como "líder de grupo" ligado a negociações suspeitas, com assessores atingidos, enfraquecido no Congresso e com popularidade em queda livre, presidente busca apoio do PSDB e estuda medidas para reaquecer a economia. Notícias | 6 a 12, 15, 24 e 25

ROSANE DE OLIVEIRA

**É SÓ O COMEÇO DA DELAÇÃO DO APOCALIPSE**

MARTA SFREDO

**SE RESISTIR, PODE VIRAR UM FANTASMA**

**ZH**

**ZH Noite**  
Confira a 2ª edição de ZH no tablet, smartphone ou no computador.  
Hoje, a partir das 19h.

## ANEXO AA: Proposta de tabela de valores-notícia

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados	
<b>IMPACTO</b> Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas envolvidas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	<b>PROEMINÊNCIA</b> Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
<b>CONFLITO</b> Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	<b>ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE</b> Aventura Divertimento Esporte Comemoração
<b>POLÊMICA</b> Controvérsia Escândalo	<b>CONHECIMENTO/CULTURA</b> Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
<b>RARIDADE</b> Incomum Original Inusitado	<b>PROXIMIDADE</b> Geográfica Cultural
<b>SURPRESA</b> Inesperado	<b>GOVERNO</b> Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
<b>TRAGÉDIA/DRAMA</b> Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse Humano	<b>JUSTIÇA</b> Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e mídia, v.2, n.1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 95-106.